

Prefácio / Préface
Serge Moscovici

Primeira Parte: Algumas contribuições internacionais

Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira
Denise Jodelet

Social representations and applied sciences: the case of HIV prevention
Brigido Vizeu Camargo, Andréa Barbará S. Bousfield e João Wachelke

Social representations of ageing shared by different age groups
Clélia Maria Nascimento-Schulze

Social representations and stakes across borders: studying ageing in times of change
Maria Macedo Nagel, Alberta Contarello e João Wachelke

Social representations of female-male beauty and aesthetic surgery: a cross-cultural analysis
Annamaria de Rosa e Andrei Holman

O que é preciso para ser chefe? Representações sociais sobre o poder no contexto escolar
Célia Cristina Casaca Soares e Jorge Correia Jesuino

Représentations sociales du changement climatique: effets de contexte et d'implication
Raquel B. Bertoldo e Andréa Barbará S. Bousfield

Effet du contexte dans l'évaluation d'un objet social: le cas d'une manifestation collective en France
Rafael Pecly Wolter

Segunda Parte: O Grupo de Trabalho "Representações Sociais" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia – ANPEPP

Sobre o GT "Representações Sociais" da ANPEPP
Edson de Souza Filho

Construindo uma história brasileira: o passado do Brasil para universitários brasileiros
Ana Carolina Dias Cruz, Cristal Oliveira Moniz de Aragão, Luana Pedrosa Vital Gonçalves e Angela Arruda

Representações antecipatórias em situações de pressão social, segundo grupo étnico-racial autodefinido
Edson de Souza Filho

Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina
Brigido Vizeu Camargo, Pedro Humberto Campos, Tatiana de Lucena Torres, Giovana Delvan Stuhler e Maria Eliane Liégio Matão

Representações sociais de familiares acerca da loucura e do hospital psiquiátrico
Silvana Carneiro Maciel, Daniela Ribeiro Barros, Leoncio F. Camino e Juliana Rízia Félix de Melo

Uma investigação da historicidade das representações sociais
Lúcia Villas Bôas e Clarilza Prado Sousa

Representações sociais de futuros professores sobre o brincar: elementos para se pensar os reguladores sociais associados à infância
Daniela B. S. Freire Andrade e Erica N. H. Teibel

A contribuição da teoria das representações sociais para análise de um fórum de discussão virtual
Alcina Maria Testa Braz da Silva, Gustavo Daniel Constantino e Vânia Ben Premaor

A representação social do risco em atividades potencialmente perigosas
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon e Pedro Milton de Moraes

Terceira Parte: 20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social – LACCOS – UFSC

20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social da UFSC
Clélia Maria Nascimento-Schulze

Representações sociais do corpo: estética e saúde
Brigido Vizeu Camargo, Everley R. Goetz, Andréa Barbará S. Bousfield e Ana Maria Justo

As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional
Brigido Vizeu Camargo, Ana Maria Justo e Catarina Durante Bergue Alves

Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres
Annie Mehes Maldonado Brito e Brigido Vizeu Camargo

Elementos caracterizadores das representações sociais da aids para adultos
Jean Natividade e Brigido Vizeu Camargo

Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos
Felipe Biasus, Aline G. Demantova e Brigido Vizeu Camargo

ISSN 1413-389X

Temas em Psicologia

50 anos da Teoria das Representações Sociais
2011 Volume 19 número 1

ISSN1413-389X

Sociedade Brasileira de Psicologia

ISSN 1413-389X

Temas em Psicologia

50 anos da Teoria das Representações Sociais

Sociedade Brasileira de Psicologia

Temas em Psicologia	São Paulo	Nº 1	pp. 001-340	2011
---------------------	-----------	------	-------------	------

Editor Responsável

Gerson Yukio Tomanari (USP)

Editor Convidado

Brigido Vizeu Camargo (UFSC)

Conselho Editorial

Áderson Luiz Costa Junior (UnB)
Ana Maria Almeida Carvalho (UCSAL – BA)
César Alexi Galera (USP-RP)
Emmanuel Zagury Tourinho (UFPA)
Isolda Araújo Günther (UnB)
Jeferson Machado Pinto (UFMG)
João Edenio Reis Valle (PUC-SP)
Luis Alberto Hanns (USP)
Magda Diniz Bezerra Dimenstein (UFRN)
Márcia Regina Pedromônico (UFSP)
Marcus Vinicius da Cunha (USP-RP)
Maria Auxiliadora da S. Campos Dessen (UnB)
Maria do Carmo Guedes (PUC-SP)
Maria Lúcia Castilho Romera (UFU)
Marisa Japur (USP-RP)
Ricardo Gorayeb (USP-RP)
Sílvia Helena Koller (UFRGS)

A revista *Temas em Psicologia* é uma publicação da Sociedade Brasileira de Psicologia. Divulga trabalhos originais na área de Psicologia, tais como relatos de pesquisa, estudos históricos / teóricos / conceituais, análises de experiência profissional, revisões críticas da literatura, notas técnicas.

A Sociedade Brasileira de Psicologia é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) e à Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia (ABECiP).

Indexadores:

- Index Psi Periódicos (BVS-Psi)
- Latindex
- Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic)

Sociedade Brasileira de Psicologia

Rua Florêncio de Abreu, 681 / 1105 – Centro
CEP: 14015-060 – Ribeirão Preto – SP – Brasil
Fone/Fax: (16) 3625-9366

Comissão Editorial

Gerson Yukio Tomanari (USP)
Maria Amalia Andery (PUC-SP)
Sérgio Vasconcelos de Luna (PUC-SP)
William Gomes (UFRGS)

Assistência à Comissão Editorial

Cínthia Freire Stecchini
Eliana Isabel de Moraes Hamasaki

Revisoras Técnicas de Redação

Amanda Afonso de Matos
Clara Hamasaki
Grace Alves da Paixão

Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicologia *Gestão 2010– 2011*

Presidente

Paula Inez Cunha Gomide (Fepar)

Vice-Presidente

Lucia C. de A. Williams (UFSCar)

Secretário Geral

Pedro Humberto F. Campos (PUC-Goiás)

Primeira Secretária

Maria Beatriz M. Linhares (USP-RP)

Segundo Secretário

Marcelo F. Benvenuti (UnB)

Primeira Tesoureira

Maria Cristina Antunes (UTP)

Segunda Tesoureira

Ruth Estevão (USP-RP)

Temas em Psicologia /Sociedade Brasileira de Psicologia
V.1 n.1 (1993 -) - Ribeirão Preto [SP, Brasil]: Sociedade
Brasileira de Psicologia, 1993 -

Semestral

ISSN 1413-389X

Trimestral: 1993-2002; Semestral: 2003-

1.Psicologia - periódicos. 1 Sociedade Brasileira de Psicologia
CDD 150.5

Temas em Psicologia, 2011, 19(1), pp. 001-340
Publicado em julho de 2011

Sumário

- 9 Editorial: Um número especial da Revista Temas em Psicologia para comemorar os 50 anos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici

- 15 Préface/Prefácio
Serge Moscovici

Primeira Parte: Algumas contribuições internacionais

- 19 Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira
Denise Jodelet
- 27 Social representations and applied sciences: the case of HIV prevention
Brigido Vizeu Camargo, Andréa Barbará S. Bousfield e João Wachelke
- 43 Social representations of ageing shared by different age groups
Clélia Maria Nascimento-Schulze
- 59 Social representations and stakes across borders: studying ageing in times of change
Maria Macedo Nagel, Alberta Contarello e João Wachelke
- 75 Social representations of female-male beauty and aesthetic surgery: a cross-cultural analysis
Annamaria de Rosa e Andrei Holman
- 99 O que é preciso para ser chefe? Representações sociais sobre o poder no contexto escolar
Célia Cristina Casaca Soares e Jorge Correia Jesuíno
- 121 Représentations sociales du changement climatique: effets de contexte et d'implication
Raquel B. Bertoldo e Andréa Barbará S. Bousfield
- 139 Effet du contexte dans l'évaluation d'un objet social: le cas d'une manifestation collective en France
Rafael Pecly Wolter

Segunda Parte: O Grupo de Trabalho “Representações Sociais” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia – ANPEPP

- 147 Sobre o GT “Representações Sociais” da ANPEPP
Edson de Souza Filho
- 149 Construindo uma história brasileira: o passado do Brasil para universitários brasileiros
Ana Carolina Dias Cruz, Cristal Oliveira Moniz de Aragão, Luana Pedrosa Vital Gonçalves e Ângela Arruda
- 163 Representações antecipatórias em situações de pressão social, segundo grupo étnico-racial autodefinido
Edson de Souza Filho
- 179 Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina
Brigido Vizeu Camargo, Pedro Humberto Campos, Tatiana de Lucena Torres, Giovana Delvan Stuhler e Maria Eliane Liégio Matão
- 193 Representações sociais de familiares acerca da loucura e do hospital psiquiátrico
Silvana Carneiro Maciel, Daniela Ribeiro Barros, Leoncio F. Camino e Juliana Rízia Félix de Melo
- 205 Uma investigação da historicidade das representações sociais
Lúcia Villas Bôas e Clarilza Prado Sousa
- 219 Representações sociais de futuros professores sobre o brincar: elementos para se pensar os reguladores sociais associados à infância
Daniela B. S. Freire Andrade e Erica N. H. Teibel
- 233 A contribuição da teoria das representações sociais para análise de um fórum de discussão virtual
Alcina Maria Testa Braz da Silva, Gustavo Daniel Constantino e Vânia Ben Premaor
- 243 A representação social do risco em atividades potencialmente perigosas
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon e Pedro Milton de Moraes

Terceira Parte: 20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social – LACCOS – UFSC

- 253 20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social da UFSC
Clélia Maria Nascimento-Schulze
- 257 Representações sociais do corpo: estética e saúde
Brigido Vizeu Camargo, Everley R. Goetz, Andréa Barbará S. Bousfield e Ana Maria Justo

- 269 As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional
Brigido Vizeu Camargo, Ana Maria Justo e Catarina Durante Bergue Alves
- 283 Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres
Annie Mehes Maldonado Brito e Brigido Vizeu Camargo
- 305 Elementos caracterizadores das representações sociais da aids para adultos
Jean Natividade e Brigido Vizeu Camargo
- 319 Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos
Felipe Biasus, Aline G. Demantova e Brigido Vizeu Camargo

Contents

- 9 Editorial: A special issue of the Journal Temas em Psicologia to celebrate the 50 years of Serge Moscovici's Social Representations Theory

- 15 Preface
Serge Moscovici

First Part: Some international contributions

- 19 Point of View: About the social representations movement in the Brazilian scientific society
Denise Jodelet
- 27 Social representations and applied sciences: the case of HIV prevention
Brigido Vizeu Camargo, Andréa Barbará S. Bousfield and João Wachelke
- 43 Social representations of ageing shared by different age groups
Clélia Maria Nascimento-Schulze
- 59 Social representations and stakes across borders: studying ageing in times of change
Maria Macedo Nagel, Alberta Contarello and João Wachelke
- 75 Social representations of female-male beauty and aesthetic surgery: a cross-cultural analysis
Annamaria de Rosa and Andrei Holman
- 99 What does it take to be the head of the group? Social representations of power in school context
Célia Cristina Casaca Soares and Jorge Correia Jesuino
- 121 Climate change social representations: context and implication effects
Raquel B. Bertoldo and Andréa Barbará S. Bousfield
- 139 Effect of context in evaluating a social object: the case of a collective mobilization in France
Rafael Pecly Wolter

Second Part: The work group “Social Representations” in the Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP)

- 147 About Work Group “Social Representations” ANPEPP
Edson de Souza Filho
- 149 Building a Brazilian history: the Brazilian past by undergraduate students from Brazil
Ana Carolina Dias Cruz, Cristal Oliveira Moniz de Aragão, Luana Pedrosa Vital Gonçalves and Ângela Arruda
- 163 Anticipatory representations in situations of social pressure, according to ethnic-racial self-defined group
Edson de Souza Filho
- 179 Social representation of health and care: a multicenter study of male vulnerability
Brigido Vizeu Camargo, Pedro Humberto Campos, Tatiana de Lucena Torres, Giovana Delvan Stuhler and Maria Eliane Liégio Matão
- 193 Social representations of familiar members concerning madness and the psychiatric hospital
Silvana Carneiro Maciel, Daniela Ribeiro Barros, Leoncio F. Camino and Juliana Rízia Félix de Melo
- 205 An investigation about historicity of social representations
Lúcia Villas Bôas and Clarilza Prado Sousa
- 219 Social representations according to future teachers about playing: elements to give thoughts about the social regulations related to infancy
Daniela B. S. Freire Andrade and Erica N. H. Teibel
- 233 The contribution of social representation’s theory to analysis of a virtual discussion forum
Alcina Maria Testa Braz da Silva, Gustavo Daniel Constantino and Vânia Ben Premaor
- 243 Social representation of risk in potentially dangerous activities
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon and Pedro Milton de Moraes

Third Part: The 20th anniversary of the Laboratory of Social Psychology of Communication and Cognition of UFSC

- 253 The 20th anniversary of the Laboratory of Social Psychology of Communication and Cognition of UFSC
Clélia Maria Nascimento-Schulze
- 257 Social representations of body: aesthetic and health
Brigido Vizeu Camargo, Everley R. Goetz, Andréa Barbará S. Bousfield and Ana Maria Justo

- 269 The social functions and representations of the body: a generational comparison
Brigido Vizeu Camargo, Ana Maria Justo and Catarina Durante Bergue Alves
- 283 Social representations, health beliefs and behaviors: a comparative study between men and women
Annie Mehes Maldonado Brito and Brigido Vizeu Camargo
- 305 Characterizing elements of the social representations of adults on aids
Jean Natividade and Brigido Vizeu Camargo
- 319 Social representations of aging and sexuality for people over 50 years
Felipe Biasus, Aline G. Demantova and Brigido Vizeu Camargo

Um número especial da Revista Temas em Psicologia para comemorar os 50 anos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici

É com muita satisfação que apresentamos esse número especial da *Revista Temas em Psicologia* sobre a Teoria das Representações Sociais. O número, em seu conjunto, comemora os 50 anos desta teoria paradigmática. O presente número especial também comemora algo mais modesto, os 20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS) da UFSC.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) surgiu com a publicação da tese de Serge Moscovici, sob o título de “*La psychanalyse: Son image et son public*”, no ano de 1961 em Paris. Embora, ainda hoje, a segunda versão desta obra, publicada em 1976, seja colocada pelos livreiros na estante da psicanálise, trata-se de uma obra de psicologia social. E ela resultou na TRS, na qual a psicanálise teve o papel de objeto de estudo, e não de perspectiva para abordar um objeto de interesse.

Cinquenta anos passados (1961-2011), a variedade observada nas vinte pesquisas empíricas apresentadas no presente número especial reflete a capacidade da TRS de inspirar o exame sistemático de questões relevantes para a vida social contemporânea. O número reúne artigos resultantes de pesquisas e de pesquisadores provenientes de diversas instituições públicas e particulares, do Brasil e da Europa.

O prefácio de Serge Moscovici nos surpreendeu com revelações importantes. Para nós, é um presente oferecido por uma pessoa muito especial que se encontra “no mesmo comprimento de onda e na mesma corrente de amizade”.

A seção *Ponto de Vista* traz o artigo de Denise Jodelet, também uma pessoa muito especial e a pesquisadora que se tornou uma referência na

difusão desta teoria no Brasil. Seu artigo traz reflexões atuais sobre o que ela denomina “o movimento brasileiro das representações sociais”.

Este número está dividido em três partes. A primeira é composta por sete artigos que focam pesquisas realizadas na Europa (Portugal, Itália, França, entre outros países) e apresentam relação com os pesquisadores brasileiros; bem como, na outra direção, pesquisas realizadas no Brasil que também se relacionam com pesquisadores europeus. Importante destacar que essas trocas internacionais assumem dois sentidos: da Europa para o Brasil e do Brasil para a Europa. Os temas estudados são diversos: prevenção da epidemia de AIDS, envelhecimento, cirurgia estética e beleza corporal, o poder na escola, mudanças climáticas e manifestação coletiva; e o fenômeno comum considerado é esta forma de pensamento leigo denominada de representações sociais (RS).

A segunda parte é formada por oito artigos que envolvem, necessariamente, ao menos um, se não vários autores pertencentes ao grupo de trabalho “Representações sociais” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). São pesquisas realizadas em diversos Estados do Brasil (Goiás, Mato Grosso, Paraíba, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo). Tratam de aspectos ligados ao conhecimento cotidiano compartilhado sobre a educação, saúde, memória e aspectos históricos, trabalho e novas tecnologias.

Finalmente, a terceira parte é dedicada ao LACCOS. Nesta, estão presentes cinco artigos oriundos das três linhas de pesquisa nele conduzidas: RS de saúde e doença, do envelhecimento e do corpo. Comemoramos os 20 anos oficiais – sem incluir os seis anos extra-oficiais – deste pequeno laboratório, que emprega o paradigma da TRS para desenvolver ensino e pesquisa da psicologia social. A TRS no Brasil, como argumenta Denise Jodelet, está ligada a um movimento coletivo vigoroso e criativo, do qual o LACCOS é uma pequena parcela, em torno da compreensão do conhecimento cotidiano a respeito de problemas de

relevância nacional, como aqueles ligados à saúde, à educação, ao meio ambiente, entre outros.

A realização deste número especial contou com a colaboração da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PGP/UFSC), da *Fondation Maison Sciences de l'Homme de Paris* por meio do *Laboratoire Européen de Psychologie Sociale* (FMSH/LEPS), do grupo de trabalho “Representações Sociais” da ANPEPP, e da Rede Internacional de Pesquisa sobre Representação Social da Saúde (RIPRES). A essas organizações, nossos sinceros agradecimentos.

Por fim, registramos nossa gratidão aos autores, aos pareceristas *ad hoc*, às assistentes de editoração, Dra. Eliana Isabel de Moraes Hamasaki e Cíntia Freire Stecchini, que contribuíram com muita eficiência e dedicação para a publicação desse número especial.

Brigido Vizeu Camargo
Editor Convidado

Gerson Yukio Tomanari
Editor de Temas em Psicologia

A special issue of the Journal *Temas em Psicologia* to celebrate the 50 years of Serge Moscovici's Social Representations Theory

It is with much satisfaction that we present this special issue of the Journal *Temas em Psicologia*, focusing on the Social Representations Theory. The issue, in its ensemble, celebrates the 50 years of this paradigmatic theory. The present special issue also celebrates something more modest, the 20 years of the Social Psychology of Communication and Cognition Laboratory (LACCOS) of UFSC.

The Social Representations Theory (SRT) came out with Serge Moscovici's thesis publication, entitled "*La psychanalyse: Son image et son public*", in the year of 1961 in Paris. Although still today the second version of this work, published in 1976, is placed by librarians in the shelves dedicated to psychoanalysis, it is actually a work of social psychology. And it has resulted in the SRT, in which psychoanalysis had the role of an object of study, rather than a perspective to approach an object of interest.

After fifty years (1961-2011), the variety observed in the twenty empirical studies presented in this issue reflects the capacity of the SRT to inspire the systematic examination of issues that are relevant to contemporary social life. The issue gathers papers resulting from research and researchers originated from various public and private institutions from Brazil and Europe.

Serge Moscovici's preface surprised us with important revelations. To us it is a gift offered by a very special person that is "in the same wave length and in the same chain of friendship".

The *Point of view* section carries Denise Jodelet's paper, also a very special person and the researcher who became a reference in the diffusion of that theory in Brazil. Her paper brings current reflections about what she calls "the Brazilian movement of social representations".

This issue is divided in three parts. In the first one, the seven papers refer to studies conducted in Europe (Portugal, Italy, France, among other countries) that present some relationship with Brazilian scholars, and studies carried out in Brazil that are also related to European researchers. This international exchange currently takes two directions: from Europe to Brazil and vice versa. The studied topics are diverse: prevention of the AIDS epidemic, aging, aesthetic surgery and body beauty, the power in school, climatic changes and collective manifestation; and the common phenomenon taken into account is the form of lay thinking named social representations (SRs).

The eight papers of the second part involve necessarily at least one, if not more, of the authors belonging to the work group “Social representations” of the *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia* (ANPEPP). They are studies conducted in various states from Brazil (Goiás, Mato Grosso, Paraíba, Rio de Janeiro, Santa Catarina and São Paulo). They deal with aspects linked to shared everyday knowledge about education, health, memory and historical aspects, work and new technologies.

Finally, the third part is dedicated to LACCOS. In this one, there are five papers related to the three research lines conducted in the laboratory: SRs of health and illness, of aging and of the body. We celebrate the 20 official years – not including the 6 extra-official ones – of this small laboratory that employs the SRT paradigm to develop social psychology research and teaching. The SRT in Brazil, as states Denise Jodelet, is linked to a vigorous and creative movement, of which LACCOS is a small part, around the understanding of everyday knowledge about national relevance problems, such as the ones linked to health, education, the environment, among others.

The realization of this special issue has counted on the collaboration of the Brazilian Association of Psychology (SBP), the Psychology Post-Graduation Program of the Federal University of Santa Catarina

(PPGP/UFSC), *Fondation Maison Sciences de l'Homme de Paris* through the *Laboratoire Européen de Psychologie Sociale* (FMSH/LEPS), the “Social Representations” work group from ANPEPP, and the International Network of Research about Social Representation of Health (RIPRES). We would like to express our sincere thanks to those organizations.

Finally, we register our gratitude to the authors, the *ad hoc* reviewers, and the editorial assistants, Dr. Eliana Isabel de Moraes Hamasaki and Cínthia Freire Stecchini, who have contributed with much efficiency and dedication to the publication of this special issue.

Brigido Vizeu Camargo

Invited Editor

Gerson Yukio Tomanari

Editor of Temas em Psicologia

Préface

La psychologie sociale était à la dérive, maintenant elle rayonne. Ses centres de recherche et ses recherches arrivent à ce que l'on appelle la maturité, et elle change de dimensions. Nos collègues qui ont participé à ce numéro spécial de *Temas em Psicologia* nous en donnent la seule preuve qui puisse exister: la diversité des choix scientifiques et des recherches conduites.

Les différents articles émanant du LACCOS ou des chercheurs qui ont dialogué avec lui, à travers le temps, portent un double témoignage: sur la vitalité du champ d'études sur des représentations sociales au Brésil et sur l'intérêt porté à leurs relations avec les problèmes qui affectent une société à des moments cruciaux de son histoire. Et cela m'a conduit à me remémorer les préoccupations que j'avais en abordant mes premières recherches.

Quand j'ai commencé mes recherches dans le domaine de la psychologie sociale, je vivais dans la crainte permanente de ne pas trouver de point d'application ni pour cette science, ni pour les phénomènes de représentation sociale qui m'intéressaient. Mais il me semblait que cette inquiétude était liée à une question venant de la société: comment pouvait-on attendre quelque chose de la recherche alors que l'on croyait que les seules réponses devaient être politiques ? Et pourtant, on avait l'impression qu'il fallait beaucoup de monde et des idées fort diverses pour déchiffrer le sens des catastrophes que nous avait laissées la guerre.

En fait, chaque recherche était une sorte de révélation, car on était ignorants de pénétration graduelle de la question sociale dans la vie collective. Et ce qui retenait notre attention était le fait que l'on voulait ignorer le social alors qu'il était la raison visible de ce que l'on avait créé en Europe après la guerre, et c'est ce qui donnait tout leur intérêt aux études de terrain que je poursuivais parallèlement à la recherche sur la psychanalyse. En effet, il s'agissait d'études sur le monde du travail qui exprimaient cette tentative de comprendre notre monde, non pas le monde économique ou politique mais le monde du travail.

Certes, l'étude sur la psychanalyse a été décisive. Mais en lisant cet excellent numéro de nos collègues brésiliens, inspirés par la théorie conçue il y a cinquante ans, j'ai eu l'impression que les questions que j'avais posées à propos du monde du travail étaient redevenues actuelles, bien qu'abordées dans des champs différents. Et les articles qui sont d'une grande qualité viennent nous donner envie d'engager plus de discussions sur des domaines d'application, comme l'était celui du travail, comme de revenir sur ce que j'ai réalisé à l'époque où je travaillais sur la théorie des représentations sociales.

Pour moi ce furent des années de découvertes de la France ouvrière, des mines de charbon, des ateliers où les lumières étaient toujours allumées, des régions où l'on exerçait les mêmes professions depuis un demi-siècle ; des "communautés" pour reprendre une expression de nos amis anglais, largement adoptée, avec des orientations franchement sociales, par la recherche brésilienne, qui figuraient dans l'histoire de ce qu'on appelait les artisans et les ouvriers et qui figurent encore dans les livres d'histoire. Plus tard, je me suis dit que, sur ces terrains, c'étaient bien les premières représentations sociales que j'étudiais sans le savoir.

Tout cela m'est revenu à l'esprit en lisant ce beau numéro, car il me dit que le monde, l'université et la science sont en train de changer. Presque tous nos cadres vont changer. Et nos amis brésiliens avancent toutes sortes d'idées d'avenir. Et voilà pourquoi, pour tous ces motifs, nous sommes sur la même longueur d'onde et le même courant d'amitié.

Serge Moscovici
Paris, avril 2011

Prefácio

A psicologia social estava à deriva, agora ela encontrou um rumo. Seus centros de pesquisa e, sobretudo suas próprias pesquisas chegaram ao que podemos chamar de maturidade, ela mudou de dimensão. Nossos colegas que participaram desta edição especial da revista *Temas em Psicologia* nos dão a única prova que pode existir: a diversidade de escolhas científicas e de pesquisas realizadas.

Os diversos artigos aqui apresentados, do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e da Cognição ou dos pesquisadores que com ele dialogam ao longo do tempo, fornecem um duplo testemunho: 1) sobre a vitalidade do campo de estudos sobre as representações sociais no Brasil, e 2) sobre o interesse conferido à relação do fenômeno das representações sociais com os problemas que afetam uma sociedade em momentos cruciais de sua história. E isso me fez lembrar as preocupações que eu tinha em minhas pesquisas iniciais.

Quando comecei minhas pesquisas no campo da psicologia social eu tinha uma preocupação constante de não encontrar aplicação nem para esta ciência, e nem para os estudos dos fenômenos da representação social que tanto me interessa. Essa preocupação parecia estar relacionada a uma questão proveniente da própria sociedade: como poderíamos esperar algo da pesquisa quando acreditávamos que as respostas deveriam necessariamente ser apenas políticas? No entanto, tínhamos a impressão de que precisávamos de um grande número de pessoas e idéias bastante diversas para decifrar o significado das catástrofes que nos tinha deixado a guerra.

De fato, cada pesquisa foi uma espécie de revelação, pois nós ignorávamos a penetração gradual da questão social na vida coletiva. E o que chamava nossa atenção foi o fato de que queríamos ignorar o social, enquanto ele era a razão visível do que tínhamos criado na Europa após a guerra, e foi isso conferiu todo interesse aos estudos de campo que eu realizei em paralelo com a pesquisa sobre a psicanálise. Na verdade, eram estudos sobre o mundo do trabalho que expressaram esta tentativa de compreender o nosso mundo, não o mundo econômico ou político, mas o mundo do trabalho.

Certamente o estudo da psicanálise foi decisivo. Mas com a leitura deste excelente número de nossos colegas brasileiros, inspirado pela teoria concebida há cinquenta anos atrás, tive a impressão de que as questões que propus sobre o mundo do trabalho voltaram a ser atuais, embora abordadas em diferentes campos. E os artigos, que são de grande qualidade, nos dão vontade de discutir mais sobre áreas de aplicação, como foi a área do trabalho, como de retornar sobre o que fiz na época em que trabalhei na teoria das representações sociais.

Para mim foram anos de descoberta do mundo do trabalho na França, das minas de carvão, das oficinas onde as luzes estavam sempre acesas, das regiões onde se exercia a mesma profissão durante meio século; as "comunidades" para citar uma expressão de nossos amigos ingleses, amplamente adotada com orientações claramente sociais pela pesquisa brasileira, que figuravam na história do que foi chamado de artesãos e trabalhadores e que ainda figuram nos livros de história. Mais tarde, eu percebi que, em relação a estes campos de interesse, que foram as primeiras representações sociais que eu estava estudando sem o saber.

Tudo isso me veio à mente ao ler este belo número, porque ele me diz que o mundo, a universidade e a ciência estão mudando. Quase todas as referências vão mudar. E nossos amigos brasileiros avançam todos os tipos de ideias para o futuro. E é por isso, por todas estas razões, que estamos no mesmo comprimento de onda e na mesma corrente de amizade.

Serge Moscovici
Paris, abril de 2011

Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira

Denise Jodelet

École des Hautes Études em Sciences Sociales – Paris – França

Em breve, completará 30 anos que acompanho o desenvolvimento das pesquisas sobre representações sociais no Brasil, presenciando o nascimento de talentos individuais, de correntes coletivas de pesquisa, de programas de pós-graduação em vários lugares, do norte ao sul, do leste ao oeste. Eu retomo este desenvolvimento no momento de uma dupla comemoração. A dos 50 anos de aniversário da primeira publicação da obra “*La Psychanalyse, son image et son public*”, pela qual Serge Moscovici inaugurou esta corrente teórica, abrindo, no plano internacional, um vasto campo de pesquisa; e aquela dos 20 anos do aniversário da criação do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS), dirigido por Brígido Camargo, que elaborou sua tese em Paris, no Laboratório de Psicologia Social da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (LPS- EHESS) que Serge Moscovici e eu sucessivamente dirigimos. A história deste acontecimento de certa maneira é um caso exemplar do processo de constituição de um campo científico. E eu me permitirei, a respeito disto, retomar algumas reflexões que já formulei em congressos anteriores que reuniram a comunidade brasileira.

Eu já evoquei esta história duas vezes. Na I Conferência Brasileira de Representações Sociais, ocorrida em 2003 no Rio de Janeiro; evento este simultâneo a III Jornada Internacional sobre Representações Sociais. Nessa ocasião considerei os 20 anos de experiência e de comunicação com meus numerosos amigos e colegas do Brasil, sob um modo narrativo e mais pessoal do que um balanço científico que considerasse as competências dos pesquisadores brasileiros (Jodelet, 2005). Esse balanço foi objeto de

várias contribuições dedicadas seja ao conjunto de pesquisas feitas no Brasil, seja aquelas próprias de certos campos de aplicação da teoria como o da educação ou o da saúde (Sá & Arruda, 2000; Arruda, 2005; Camargo, Wachelke & Aguiar, 2007; Arruda, 2009).

Seis anos mais tarde, em 2009, na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, que teve lugar também no Rio de Janeiro, fiz uma conferência que registrava os progressos evidentes do campo de estudo das representações sociais. Isto foi feito em termos de número de publicações individuais e coletivas (livros, capítulos de livros e artigos), de teses e dissertações de mestrado, de pesquisas; e de participantes (alunos integrantes do programa de iniciação científica, mestrandos, doutorandos, pesquisadores confirmados e professores) que pertencem a diversas universidades em quase todos os estados do Brasil.

Para dar uma visão da amplitude geográfica desse progresso, basta observar que em 2010 apenas cinco estados, de um total de 26 e mais o Distrito Federal, não tinham nenhum representante do nosso campo de estudo. Essa importância quantitativa testemunha a vitalidade do campo que aparece significativamente mais destacada no Brasil do que em outros países da América do Sul e do Norte e mesmo da Europa. Parece-me agora importante destacar a especificidade desse desenvolvimento que segue ativo pela organização e participação em diferentes congressos da área. Além dos congressos localizados no Brasil, a contribuição de brasileiros forma uma parte importante do público que participou dos eventos internacionais; como as Conferências

Internacionais sobre as Representações Sociais (CIRS) que ocorreram no Canadá, França, Espanha, Indonésia, Inglaterra, Itália, México e Tunísia; e a Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS) que ocorreu na Argentina. E mais do que a importância quantitativa é necessário estimar o que representa qualitativamente este crescimento da participação brasileira para a produção científica desta teoria.

Na conferência que fiz em 2003 (Jodelet, 2005), introduzi a ideia de que nos encontrávamos diante de uma “Escola brasileira”, e retomei esta expressão em 2009, e aqui eu quero trazer mais uma vez esta discussão buscando a melhor maneira de qualificar a fisionomia atual do campo de estudos das representações sociais no Brasil. Realmente, é necessário precisar o sentido empregado para a noção de “escola”, para que ela seja adaptada a situação característica das tendências de pesquisa. Isto deve ser feito antes de examinar se outras qualificações não seriam mais adequadas ao que se desenha nas atividades dos diferentes grupos de pesquisa e nas trocas que eles estabelecem entre si.

A noção de “escola” se define de diferentes maneiras. Num primeiro sentido, essa noção é concebida como o que constitui para um sujeito um modo de aprendizagem através de experiências que formam a personalidade, ensinam, esclarecem o sentido do vivido. Assim se diz que se vive na escola do mundo, da pobreza ou da riqueza, etc. Isto quer dizer que se aprende por experiência a maneira de se viver, as condutas que são difundidas nas instâncias da sociedade ou nos grupos aos quais pertencemos.

Num segundo sentido, “escola”, designa o ensinamento, oral ou escrito, que é recebido por um conjunto particular de pessoas ligado a um pensador que difunde sua doutrina, deste modo falamos de “escola platoniana” em Filosofia ou de “escola keynesiana” em Economia. Disto resulta a existência de diferentes escolas de pensamento que podem entrar em conflito umas contra as outras.

Num terceiro sentido, a noção de escola remete ao caráter comum apresentado por obras que pertencem aos domínios da arte, da literatura ou da ciência. Designam-se assim grupos de criadores que se afiliam a uma mesma corrente de estilo ou uma liderança de forma, por exemplo, em literatura a escola realista ou a escola do novo romance. Mais especificamente, em pintura, o termo “escola” qualifica uma série de pintores que trabalham dentro de um mesmo estilo que pertence a um país do qual os pintores são geralmente originários, e a uma época onde vivem, por exemplo: “escola holandesa” ou “escola italiana quatrocentista”.

Se aplicarmos estas definições ao campo científico, como o das representações sociais, elas podem servir para especificar algumas de suas características. De uma parte, podemos empregar a noção de escola, num primeiro sentido, para indicar um modo específico de existir no seio da psicologia social, para os pesquisadores que utilizam na sua prática científica o paradigma das representações sociais, eles se distinguem de outras correntes de pesquisa, dominantes ou alternativas. Dentro do espaço universitário nacional, a escola brasileira das representações sociais se distancia de outros modelos propostos na psicologia social, ainda que diversos pesquisadores busquem manter laços entre problemáticas das representações sociais e aquelas da psicologia social. Porém, esta designação é demasiadamente vasta e vaga para corresponder ao que poderia ser uma escola brasileira de representações sociais.

Para se aproximar mais da situação do campo das representações sociais temos que considerar o segundo sentido de “escola” que remete a uma adesão e aplicação de um quadro definido por um modelo ou uma perspectiva encarnada numa pessoa, num instituto ou num grupo ou pessoas líderes. Mesmo se o paradigma de Moscovici segue vigente e orientador, formando a base referencial de todos os trabalhos que se reclamam da teoria das representações sociais, hoje não se pode dizer que constitui o único modelo usado nas

pesquisas. Ao longo dos cinquenta anos de existência desse campo científico, vimos aparecer diversas “escolas” caracterizadas pela existência de um conjunto de pesquisadores que se reúnem ao redor de uma mesma prática marcada por uma associação estreita entre um modelo teórico e uma metodologia. Assim, são distinguidas na Europa diversas “escolas”. A “estruturalista”, dita “escola de *Aix en Provence*” porque os pesquisadores trabalham na Universidade de Aix en Provence, sob a liderança de C. Flament, J.C. Abric, J. Vergès e outros (Abric, 1994; Sá, 1996). A “escola de Genebra” (Almeida, 2009; Doise, 1982, 1986) que sob a liderança de W. Doise estuda a gênese sociocognitiva das representações sociais usando o modelo proposto por ele mesmo dos quatro níveis (individual, intergrupar, social e ideológico) para analisar os processos psicossociais. Este mesmo pesquisador sugere de se falar de “Escola *Lemana*”¹ porque ali se reúnem pesquisadores pertencendo a diferentes universidades suíças, devolvendo perspectivas complementares que unem as problemáticas da psicologia social (categorização, relações de gênero ou intergrupais, processos de influência etc.) ao enfoque das representações sociais. Nessa escola observamos, como no caso da de *Aix en Provence*, uma elaboração conjunta de aspetos teóricos e de metodologias adequadas aos pressupostos teóricos, o que constitui a especificidade de cada escola.

Nos últimos anos, com as contribuições de autores como R. Farr, G. Duveen, I. Markova, S. Jovchelovitch, M. Bauer, G. Gaskell e jovens pesquisadores, a gente começa a falar da “escola anglo-saxã” ou da *London School of Economics*, mais orientada, como o faz, na Áustria W. Wagner que é muito ligado a essa corrente de pensamento, para a análise do discurso, a dialogicidade, a narratividade num quadro contextual (Marková, 2003). Agora, cientistas franceses que fizeram seu doutorado

no Laboratório de Psicologia Social da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS), querem que se considere também uma “escola de Paris” que adota uma perspectiva mais simbólica e antropológica, aproximando-se das ciências sociais, com um uso de métodos qualitativos.

Não acho pessoalmente que essa denominação tem justificações. Mas ela expressa um desejo de diferenciação e de “ecumenismo científico” prevalente em pesquisadores que buscam uma aproximação mais abrangente dos fenômenos representacionais.

Voltaremos um momento às duas escolas historicamente reconhecidas: a de *Aix en Provence* e a de Genebra, que se diferenciam como “estruturalista” e “sociogenética” da perspectiva “processual” mais clássica correspondente as orientações delineadas por Moscovici. Essas duas escolas foram até pouco tempo consideradas, no geral, como divergentes, dando lugar a linhas de pesquisa diversas e às vezes incompatíveis. Mas nos últimos anos foram encontrados pontos de convergência favorecendo novas pesquisas que juntam as duas perspectivas no estudo de representações sociais. Podemos observar a luz de essa evolução o caso do campo de pesquisa no Brasil.

No campo brasileiro, a introdução dos estudos de representações sociais seguiu várias etapas que atestam a influência de uma ou de outra dessas escolas europeias. Após uma abordagem processual, foi a abordagem estruturalista que foi adotada, completada mais tarde pela abordagem sociogenética. Mas a influência que as escolas tiveram no desenvolvimento do campo de estudo do fenômeno das representações sociais no Brasil, servindo de inspiração teórica e provendo com metodologias, as referências europeias foram usadas no contexto de uma aproximação diversificada das representações sociais. Raras foram as pesquisas que aplicaram os modelos propostos de maneira rígida e estritamente reprodutiva. O fenômeno que me parece um traço importante da produção brasileira: sua

¹ Termo utilizado por Doise para qualificar a Suíça francesa situada no entorno do lago Lemman ou de Genebra.

capacidade de assimilar nas suas problemáticas os aportes exteriores sem submissão passiva a suas prescrições. Descobri essa tendência com Silvia T. Maurer Lane. Ela foi a primeira professora brasileira convidada por nosso laboratório como *Directeur d'Études Associée* da EHESS, para o intercâmbio de trabalhos e perspectivas. Em Paris ela recebeu informações sobre os diferentes recursos oferecidos para se analisar as representações sociais. A partir de um modelo estruturalista ela apresentou uma análise de entrevistas livres feita no Brasil, retomando a ideia de buscar uma estrutura nos discursos dos participantes. Mas fez para isso um uso totalmente original da ideia de núcleo central, ponte chave do modelo estruturalista, afastando-se de um tratamento quantitativo para a identificação desse núcleo. E seu esquema funcionava perfeitamente, embora focalizado em relações semânticas isoladas, analisadas de maneira totalmente qualitativa.

Essa tendência evoca para mim, algo similar ao que teve lugar na literatura brasileira nos anos 20 do século passado com o movimento do “modernismo” que recusava uma dependência aos modelos franceses que eram nessa época as referências literárias dominantes. Sob o nome de “antropologia” os escritores brasileiros pretendiam destacar a especificidade e a originalidade de sua inspiração nacional numa literatura que assimilava as perspectivas de fora sem obedecer a suas regras.

A partir de essa constatação podemos então falar de uma “escola brasileira” de representações sociais? Acho que esse termo não é adequado se referimos ao tipo de escola representado por *Aix en Provence* ou Genebra, mesmo se aqui ou lá os pesquisadores escolheram um ou outro dos dois modelos propostos nestes lugares. Minha inclinação é dizer que se existe tal escola, ela deve ser interpretada a partir do terceiro sentido já indicado aqui para esta noção, aquela empregada na pintura. A que se refere a um grupo de pesquisadores unido por um mesmo estilo e uma mesma preocupação ou orientação. Essa orientação comum, pela diversidade dos

produtos, parece focalizada sobre temas que diz respeito ao entendimento de problemas identificados na realidade social do país. A preocupação dos cientistas não é tanto de tipo puramente teórico, não responde tampouco a um desejo exclusivo de aperfeiçoamento e aprofundamento de metodologias. A perspectiva comum é de usar a teoria e os modelos das representações sociais para enfrentar questões vivas que atravessam a sociedade brasileira hoje em dia. Prova disto são as avaliações nacionais do emprego da teoria das representações sociais no Brasil desde 2000 (Arruda, 2005, 2009; Camargo, Wachelke, & Aguiar, 2007; Sá, & Arruda, 2000). Os trabalhos são desenvolvidos essencialmente em torno de temas ou domínios chamados de “aplicação”, mas que em efeito, são domínios onde surgem problemas sociais importantes: educação, saúde, ambiente, política e justiça social, movimentos sociais, memória e história.

Para mim, essa orientação social é característica de uma “escola” radicalmente diferente da perspectiva das escolas europeias. Estas se dedicam a processos e temas definidos de maneira teórica para enriquecer a teoria, afinar as metodologias, no laboratório ou no campo; ou para oferecer novas vias de análise dos fenômenos, conceitos e temas da disciplina “psicologia social”, opondo-se as correntes tradicionais. É verdadeiro que essa oposição ao tradicional tem que ver com o sucesso da teoria das representações sociais, particularmente, nos países latino-americanos, que buscam entender sua realidade social. Nessa medida, a escola brasileira é comparável as outras correntes de pesquisa que usam a teoria das representações sociais na América do Sul.

No entanto a “escola brasileira” tem diversas originalidades. Além da importância quantitativa, já mencionada, no âmbito das pessoas envolvidas em universidades de quase todos os estados, no volume da capacitação do pessoal pela quantidade de diplomas de pós-graduação, de pesquisas e publicações; duas características brasileiras chamam a atenção. De um lado, a diversificação dos domínios de

estudos. De outro lado, uma concepção comunitária das práticas de pesquisa, através de encontros internacionais e sobretudo nacionais, como as Jornadas Internacionais sobre Representações Sociais (JIRS), as Conferências Brasileiras e os grupos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Esses encontros constituem um progresso enorme em termos de comunicação, intercâmbios de ideias, realizações e experiências e em termos de aprimoramento das práticas de investigação.

Uma nova forma de articulação entre pesquisadores em campos específicos como o da educação, saúde, psicologia social, aparece também como um fator de unificação e de progresso. Penso aos centros e redes inaugurados pela iniciativa de Serge Moscovici: o “Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação” (CIERS-ed) de São Paulo que associa mais de 20 universidades²; o “Centro Internacional de Pesquisa em Representação e Psicologia Social ‘Serge Moscovici’” em Brasília que reúne psicólogos sociais do Rio de Janeiro, Vitória, Recife, Belo Horizonte³; a Rede Internacional de Pesquisa sobre Representações Sociais de Saúde (RIPRES) que associa, no campo da saúde, universidades brasileiras (Florianópolis, Rio de Janeiro, João Pessoa), sob uma perspectiva internacional de relações com universidades portuguesas (Évora, Lisboa), francesas (Amiens, Aix en Provence, Brest, Paris), italianas (Roma, Pádua), entre outras⁴.

Esses novos agrupamentos permitem a estudantes, cientistas e universitários de diversas instituições do país definir, de maneira coletiva, problemáticas inovadoras e relevantes para os diversos campos, cooperar em pesquisas, produzir um saber comum, elaborar novos caminhos teóricos e metodológicos. Assim se estabelece uma verdadeira comunidade das representações sociais da qual

tenho pessoalmente uma experiência marcante pelo meu trânsito nos diferentes grupos. Posso testemunhar os laços afetivos e intelectuais que permanecem, através do tempo, entre os membros dessa comunidade, apesar de certos conflitos que emergem, de vez em quando, como é inevitável em todas as comunidades, particularmente quando entram em jogo questões de poder.

Tal dinâmica resulta em uma estruturação nova do campo de estudo das representações sociais. No passado, a estruturação assumiu uma forma inovadora na medida em que a difusão do enfoque das representações sociais começou a margem do mundo acadêmico. A teoria entrou no Brasil pelos estados de Paraíba e de Santa Catarina, passando pela PUC de São Paulo, antes de se difundir no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras cidades do norte, do sul e do centro-oeste do Brasil (Arruda, 1987; Jodelet, 2005; Sá, & Arruda, 2000). Nesse progresso cada universidade adotava o modelo que parecia melhor adaptado as suas problemáticas. Assim, vimos a UFRJ divulgar a perspectiva processual, a UERJ aparecer como a sede da escola estruturalista, a UNB como a sede da escola de Genebra, o LACCOS – UFSC desenvolver a articulação entre atitudes e representações sociais, a UFRGS propor uma perspectiva centrada na comunicação nos espaços públicos e comunitários, etc. Podemos agora observar, com a cristalização de grupos ao redor de temáticas e campos definidos, algo como “arquipélagos” dentro da comunidade das representações sociais. Cada grupo que reúne diversas universidades focaliza sua atenção em problemáticas, preocupações práticas e teóricas particulares. Este novo quadro nos indica que o termo mais adequado para descrever o que se passa no campo de estudo brasileiro das representações sociais, parece ser a noção de “movimento”, e não a de “escola”.

Realmente, o conceito de movimento permite considerar a diversidade e a complexidade do campo das representações sociais, tal como aparece hoje no Brasil. Ela preserva a liberdade de cada grupo dentro de uma visão compartilhada. Ele permite

² <http://www.fcc.org.br/pesquisa/ciers.html>

³ <http://www.centromoscovici.com.br/>

⁴ <http://www.cicts.uevora.pt/RIPRES>

abandonar a ideia de uma liderança única associada ao conceito de escola. Mas seja qual for o nome escolhido, movimento ou escola, o desenvolvimento do campo das representações sociais merece modificar seu estado atual para oferecer uma autêntica contribuição científica. O que significa essa asserção? Os estudos brasileiros utilizam a Teoria das Representações Sociais (TRS) como um instrumento para um melhor conhecimento da realidade social e uma melhora na forma de intervenção sobre ela. Com isto mostram a adequação da teoria ao manejo dos problemas que surgem nos domínios de aplicação. Deste modo, devemos esperar que esses estudos tragam uma contribuição inegável ao progresso do campo científico desenvolvendo a teorização das representações sociais.

Uma teoria necessita ser comprovada na vida concreta. Nesse sentido a aplicação da teoria pode enriquecer a reflexão. Muitos pensadores que são favoráveis a uma perspectiva “societária” na psicologia social tomam a pesquisa aplicada como uma via privilegiada para contribuir com as teorias centradas nos problemas das sociedades contemporâneas. Este é o caso da teoria das representações sociais. O Brasil oferece muitos exemplos de contribuições para uma perspectiva centrada nos problemas e nas características da realidade social. É chegado o momento de elaborar sobre esses exemplos contribuições para um progresso teórico no campo do conhecimento.

Podemos registrar desde agora contribuições deste tipo. Por exemplo, no caso de estudos realizados em comunidades (Jovchelovitch, 2000) foi possível elaborar um modelo dos tipos de saberes construídos no espaço público. Sobre a memória, o trabalho sobre memórias brasileiras vivas de um passado relativamente recente (Sá, Oliveira, Castro, Vetere, & Carvalho, 2009) abriu novas vias para tratar do esquecimento e do reconhecimento do passado político. Outras contribuições criaram novos espaços de reflexão, como o ilustram os casos a seguir. No paradigma princeps de Moscovici, encontramos

propostas para aproximar as dimensões imagéticas e imaginárias das representações sociais. Esta problemática foi quase esquecida nas pesquisas europeias. Ao contrário, no contexto brasileiro, onde culturalmente e na tradição intelectual se dá uma grande atenção às dimensões relativas ao imaginário desenvolveram-se, no campo das representações sociais, iniciativas criativas dando lugar a emergência de uma linha inovadora onde se juntam reflexões teóricas e invenções metodológicas (Arruda, & Alba, 2007). Outro retorno as propostas pouco exploradas do paradigma de Moscovici tem que ver com o estudo do pensamento mítico (Paredes, & Jodelet, 2009).

Além dessas novas contribuições estreitamente ligadas ao contexto brasileiro, podemos esperar que em campos como educação, saúde, meio ambiente, política, justiça; os resultados obtidos por os numerosos trabalhos realizados em contextos concretos poderão fornecer uma base de discussão sobre as contribuições dos diferentes modelos empregados para se aproximar das representações sociais. Desse ponto de vista, acho que não é suficiente realizar “estados da arte” examinando as áreas estudadas, os referentes teóricos e metodológicos usados, como foi o caso até agora dos trabalhos apresentados em conferências e livros. Tais procedimentos são úteis em termos de avaliação dos progressos empíricos nos diferentes campos, mas necessitam ser complementados por análises das realidades sociais colocadas em evidencia através das pesquisas. Duas direções de aprofundamento poderiam ampliar a avaliação das contribuições teóricas das pesquisas feitas em Brasil.

A primeira seria sobre os conteúdos representacionais identificados nas pesquisas sobre os principais temas próprios de cada campo estudado (saúde, educação etc.). Essa análise permitiria identificar a evolução ou a estabilidade das representações sociais, no contexto nacional, e obter uma visão cumulativa das diferentes pesquisas. A segunda direção de análise remete a estruturação dos

diferentes campos de pesquisa. No contexto brasileiro, como em outros contextos nacionais, os campos estudados devem levar em conta os sistemas de valores, ideologias específicas e provenientes do funcionamento destes próprios campos. Isso vale particularmente no caso do campo da saúde ou no da educação. Esses campos aparecem em cada país como sistemas ligados as organizações institucionais, aos estados e aos problemas particulares da sociedade e de seus diversos grupos, como as escolhas políticas. Especificar as características desses sistemas, como contextos de formação das representações próprias aos grupos profissionais ou sociais envolvidos, permitiria uma melhor aproximação da formação e das funções das representações ao nível categorial o ao nível individual. Assim poderíamos esclarecer a dinâmica social e simbólica que sustenta as tomadas de posições dos sujeitos da pesquisa. Poderíamos também aprofundar, via comparações interculturais, os processos de gênese social das representações sociais que entram em combinação com a experiência vivida dos sujeitos. Nos campos que se supõe uma formação dos agentes, como é o caso do trabalho social, da saúde, da educação; seria importante seguir o modelo usado pelos especialistas da formação profissional, que a nosso ver estabelece uma diferença entre três tipos de representações das tarefas profissionais: 1) as representações compartilhadas na sociedade que constituem o recurso mental dos agentes no momento de sua entrada na formação; 2) as representações sócio-profissionais que são delineadas no curso da formação e 3) as representações profissionais que são cristalizadas no momento onde o agente exerce uma atividade profissional concreta. Assim, o contexto definido por o sistema que organiza um campo de atividade, as diferenças introduzidas pela formação e a prática profissional são quadros cuja delimitação permitiria uma análise e uma comparação dos processos de gênese e de funcionamento das representações sociais. Seria possível ultrapassar uma mera descrição de estados de representação, uma mera

explicação das repostas dos sujeitos a partir de sua posição nas interações grupal e social, para incluí-las numa perspectiva social e nacional mais abrangente; e assim enriquecer a aproximação do lado social do estudo dos fenômenos representacionais. Hoje, duas grandes orientações teóricas se destacam no estudo das representações sociais. Uma orientação interativa e comunicacional, centrada nos discursos e na linguagem, nos processos de comunicação intersubjetiva e massiva. A outra orientação é de tipo societal, focalizada nos quadros sociais das produções mentais. Nos campos de aplicação as duas orientações podem ser combinadas e complementares.

Os estudos feitos em Brasil, que levam em conta suas realidades sociais concretas, trazem uma grande potencialidade para o avanço teórico. Desta forma, movimento brasileiro de representações sociais, em vista da sua história e da diversidade dos seus desenvolvimentos, é chamado a desempenhar um importante papel no progresso do pensamento científico relativo as representações sociais.

Referências

- Abric, J. C. (Ed.) (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: P.U.F.
- Almeida, A. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24 (3), 713-737.
- Arruda, A.; & ALBA, M. (Eds.) (2007). *Espacios imaginarios y representaciones sociales: Aportes desde Latinoamérica*. Barcelona / México: Anthropos e UAM.
- Arruda, A. (1987). A psicologia social no nordeste nos anos 80: levantamento de dados, Ceará. *Revista de Psicologia*, 5(2), 73-85.
- Arruda, A. (2005). Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003. Em M. M. S.S. Menin, & A. M. Shimizu. (Orgs.), *Experiência e representação social* (pp. 59-92). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Arruda, A. (2009). O trânsito de saberes: olhar sobre a produção brasileira. Em M. Lopes, F. Mendes, & A. Moreira (Coords), *Saúde, educação e representações sociais. Exercícios diálogos e convergência* (pp. 19-35). Coimbra: FORMASAU.
- Camargo, B. V.; Wachelke, J. F. R.; & Aguiar, A. (2007). Desenvolvimento metodológico das pesquisas sobre representações sociais em jornadas internacionais de 1998 a 2005. Em A.S.P. Moreira, & B.V. Camargo (Orgs), *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais* (pp. 181-202). João Pessoa (PB): Editora Universitária da UFPB.
- Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris: P.U.F.
- Doise, W.; & Palmonari, A. (1986). *L'étude des représentations sociales*. Neuchâtel / Paris: Delachaux & Niestlé.
- Jodelet, D. (2005). Representações sociais: histórias e avanços teóricos. Vinte anos da teoria das representações sociais no Brasil. Em D.C. Oliveira & P.H.F. Campos (Orgs), *Representações sociais, uma teoria sem fronteiras* (pp. 11-21). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Jovchelovitch, S. (2000). Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Marková, I. (2003). *Dialogicity and social representations: The dynamics of mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F.
- Paredes, E.C.; & Jodelet, D. (Orgs) (2009). *Pensamento mítico e representações sociais*. Cuiabá (MT): EdUFMT.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Sá, C. P. & Arruda, A. (2000). O estudo das representações sociais no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, 1(1), 11-31.
- Sá, C. P., Oliveira, D. C., Castro, R. V., Vetere, R.; & Carvalho, R. V. C. (2009). A memória histórica do regime militar ao longo de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 26(2), 159-171.

Enviado em Junho de 2011

Aceite em Junho de 2011

Publicado em Julho de 2011

Social representations and applied sciences: the case of HIV prevention

Brigido Vizeu Camargo

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Andréa Barbará S. Bousfield

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

João Wachelke

Università degli studi di Padova, Itália

Abstract

The study of the diffusion of scientific knowledge on aids from the perspective of social representations takes an important role in the socialization of knowledge generated by science about the illness. The experimental and survey studies reported in this article focused on the influence of media, social interaction and different forms of diffusion of scientific knowledge about HIV/Aids on the informative dimension of social representations, summarizing research conducted by the Social Psychology of Communication and Cognition Laboratory (LACCOS). Results indicated that providing conditions for the individual to receive the message and giving him/her the possibility to have a position of towards it is fundamental for the acquisition of attitudes and knowledge that favor prevention practices. This implies promoting interaction between scientific and consensual representations in the frame of actions directed to the scientific popularization of aids.

Keywords: Social representation, Knowledge, Aids, Scientific diffusion.

Representações sociais e ciências aplicadas: o caso da prevenção do HIV

Resumo

O estudo da divulgação do conhecimento científico da aids, a partir da perspectiva das representações sociais, assume um papel importante na socialização dos conhecimentos gerados pela ciência sobre a doença. As pesquisas experimentais e de levantamento de dados que serão relatadas neste artigo focalizaram na influência da mídia, da interação social e das diferentes formas de divulgação do conhecimento científico sobre o HIV/Aids na dimensão informativa das representações sociais, sintetizando uma linha de pesquisa do Laboratório da Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS). Os resultados indicaram que proporcionar que o indivíduo receba a mensagem e possa se posicionar frente a ela é fundamental para a aquisição de conhecimento e atitudes favoráveis a práticas preventivas. Isto implica promover uma interação entre as representações científicas e as representações consensuais no quadro de ações de popularização científica da aids.

Palavras-chave: Representação social, Conhecimento, Aids, Divulgação científica.

Endereço para correspondência: Brigido Vizeu Camargo. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil, CEP 88040-900. Email: brigido.camargo@yahoo.com.br. Telefone: 48 37219067.

Research funded by the following Brazilian agencies: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). The Brazilian National Health Fund (Fundo Nacional de Saúde – FNS) supported the research Camargo and Barbará (2004) – project 113/2001. Andréa Barbará S. Bousfield held a Ph.D. fellowship conceded by CAPES. João Wachelke holds a Ph.D. fellowship awarded by Fondazione Cassa di Risparmio di Padova e Rovigo.

Aids is one of the most stigmatizing illnesses of humanity history. Since its emergence in Western societies, in 1981, it has represented much more than just a disease, fast becoming a phenomenon (Sontag, 1993). What in the beginning was just a convention to designate an illness soon acquired a life of its own in the imaginary of the population. The acronym "AIDS" (Acquired Immunodeficiency Syndrome) soon got transformed into a noun in Brazil: aids, and also became the symbol of a new social representation that develops itself in the course of communication by means of a composition of scientific and popular knowledge, according to Moscovici (2003).

According to the World Health Organization (2005) there was no epidemic in the last 50 years that was more severe than aids, which gave it the status of pandemic. The HIV/AIDS epidemic has hit all segments of society, regardless of socioeconomic conditions. In contrast with other illnesses, the media presents aids as an evidence of decay and degeneration. Due to the social meanings linked to the epidemic, the HIV produces social limitations mainly based upon the silence and invisibility of seropositive people. Discrimination and stigma go beyond the borders established by cultures, languages and sexualities. In countries all over the world there are well documented cases of people who live with HIV whose rights to health services, work, education and freedom of movement have been denied. An international review of the impact of the stigma of the pandemic evidences its combination with other stigmata like those associated with disease, poverty, gender, social class and nationality (Diaz & Toro-Alfonso, 2007).

According to the statistics, 26 million of the 42 million people infected with HIV in the world are between 15 and 49 years of age (WHO, 2009). In Brazil, 544.846 cases of people with aids were registered from 1980 to June 2009. A proportion of 65% of those cases were male. The southern region of the country concentrates 19,21% of the notified cases, and the state of Santa Catarina was the second in terms of the incidence of aids by 100 thousand inhabitants in the year of 2009, with 33 new cases (Ministério da Saúde Brasil, 2010).

The research team of the Social Psychology of Communication and Cognition Laboratory (LACCOS) has been characterized by the investigation of the impact of different

forms of scientific knowledge communication concerning HIV/Aids on the social representations about the illness, mainly on their information dimension. The studies were conducted in the state of Santa Catarina, in the south of Brazil. The results contribute to the planning of public policies directed towards the prevention of populations with diversified profiles concerning HIV/Aids contagion, sketching strategies with higher probability of efficacy. We will present a synthesis of the most recent studies carried out by LACCOS relative to advances in the understanding of the relationships between scientific knowledge diffusion about HIV/Aids, social representations and the knowledge about the illness.

Social representation on Aids

With over two decades of coexistence with the aids epidemic, society considers it a big health problem, loaded with doubts, many of which are deprived of responses, and tries to organize itself to attribute meanings and formulate concepts to learn how to live with the impact and psychosocial repercussion generated by the illness (Silva & Abrantes, 2004).

The threats and mysteries that came around with the emergence of the social phenomenon of aids can trigger a process of theory elaboration – in individual and collective spheres – that combines values, beliefs, attitudes and information. It is by means of the study and diffusion of those theories that an individual organizes a coherent view of the object and of itself in the world, at the same time that s/he aims at negotiating a space of acceptance and inclusion related to the groups with which s/he interacts (Tura, 1998).

Social representations operate by making it possible to understand reality: by means of the construction of representations on specific aspects of reality, groups and cultures establish and isolate their products (ideologies, practices, beliefs) from external influence. As an example, the representation on aids as divine punishment legitimates the discrimination against homosexual men (Bangertner, 2000).

Camargo (2003) has identified a scheme thoroughly shared by secondary school students in France when he studied the social representations on aids prevention: the idea that the complicating element for preservative use

was the boy and the cautious element was the girl, since the former refused to make use of protection while the latter demanded it. This way of thinking the use of preservatives did not have a correspondence in the context of social behavior, but had force and a consensual existence; it was important in the 90's and brought consequences for the prevention of aids epidemic.

For the structural approach of the social representations phenomenon, this modality of knowledge is constituted by a set of beliefs, opinions, attitudes and information about a given social object. That information is organized around a structure with hierarchical elements, in a central core (Abrieu, 1994, 1998). The peripheral elements are organized around this core; they are the most concrete, accessible and lively elements. Flament (1994) attributes a behavior prescription function to the peripheral elements, pointing out to the subject how to act spontaneously in a given context. The central core generates meaning to the other elements, and organizes them in a relatively stable structure.

In the 90's, studies about the structure of the social representation on aids demonstrated the centrality of the elements *sex*, *illness* and *death*. The idea of a mortal disease that is related to sexual life, while a paradox, was prevalent and organized the understanding of common sense about HIV/Aids. Morin and Vergès (1992) observed this double centrality of *death* and *illness* in the social representations of teenagers from France and Belgium on aids.

Tura (2004) has observed that the following elements: *death*, *sex*, *condom* and *illness* composed the central core of the representation of a population of young people ranging from 14 to 18 years old from Rio de Janeiro, while *risk group*, *contamination*, *recklessness*, *loneliness*, *care*, *desperation*, *solidarity*, *cure*, *weakening* and *hospital* were the ones that formed the peripheral system of the social representation on aids.

In a study with Brazilian university undergraduates almost ten years after Morin and Vergès' (1992) study, Camargo (2000) observed that the main central elements of the social representation on aids were *sex* and *prevention*, among others, characterizing the relationship of aids with the notion of sexual prevention. This change in the social representation seems to be related to the intense attention from the media about the prevention

of the disease as the only form of protection. Prevention actions in schools also seem to be related to this change in the social representation about the epidemic.

A more recent study (Camargo, Barbará, & Bertoldo, 2007) with students from the same age range of Tura's (2004) research, but from the city of Florianópolis, pointed out the elements *death*, *illness*, *sex*, *preservative* and *prevention* as central and *prejudice*, *fear*, *sadness* and *drugs* as peripheral ones. Although high connectivity was observed between *illness*, *death* and *sex*, the two elements that introduce the idea of protection – *preservative* and *prevention* also had an organizing role in the social representation on aids.

More recently, Barbará (2007) also carried out a study with secondary school students from Florianópolis and observed that other than the elements *sex* and *illness*, the element *prevention* shows up as central in the social representation on aids. The *death* element is still connected to aids, but in that study it had a peripheral status.

With the passing of time it has been observed that the functional elements that characterized aids as a lethal disease of sexual nature have gained an important element: the fact that it can be prevented. This also brought a normative quality to the elements: *sex* and *preservative*, the dissociation of the threat of the epidemic with a particular type of sex: the protected kind. It could be observed that the social representations on aids, in different groups, demonstrate normative elements as the main characterizing marks, and they point out to emotional components linked to death as central elements of that representation, although that element has been attenuated by the development of antiretroviral therapy.

Knowledge about HIV/Aids

Scientific knowledge is adapted as a new form of common sense, in which groups do not produce a scientific body of knowledge, but re-elaborate it according to their means and knowledge predispositions. Social representations have a fundamental role in the sense that they work to socialize scientific knowledge, introducing it in everyday communication and making of it a part of the realities and lives of people. Mass communication means, allied to the intervention from science, exert influence in the

construction of common sense theories that groups create about a certain object (Moscovici, 1981).

Internal and external processes are involved in the transformation of scientific content into common sense content, according to Moscovici and Hewstone (1986). For the authors, those processes may be called informative thinking and representative thinking, and each of those thinking forms has its own rationality.

Every representation about a scientific theory, physical, psychological, sociological, etc. is situated within common sense and implies deep change in content, as well as cognitive structure. Once made, this change corresponds to a change in the object perception process. In the case of aids, scientific contents about the illness become familiar and part of the everyday lives of individuals, because science is a part of the view of everyday life, being inseparable from social relations. However, its reorganization involves different criteria from the ones employed by the scientist, that is: the reduction of elements from the object serves practical purposes in everyday life. One of these purposes, as signals Wagner (2007), is the fact that these metaphoric and iconic representations of scientific facts work as acceptable and legitimate beliefs in conversation with other people.

Studies point out to a relationship between knowledge and preventive behavior (Almeida, Silva, & Cunha, 2007); however, there are also other significant variables in the adoption of preventive practices (Camargo & Bertoldo, 2006; Camargo & Botelho, 2007; Trajman et al., 2003), such as affective commitment with the partner and having school as the main information source rather than television, among others.

Martins, Nunes, Muñoz-Silva, and Sánchez-García (2008) have investigated the knowledge of Portuguese and Spanish undergraduates about HIV transmission and prevention ($N = 678$) and have observed that, although knowledge was high for the two participant groups with different nationalities—over 79% of correct responses—, the level of correct answers was higher among the Portuguese than among the Spanish. In a study conducted in the United States for the construction and validation of a knowledge test about the aids virus, Carey, Morrison-Beedy,

and Johnson (1997) have verified that the level of knowledge about this topic increased with the increase in school years.

In a study with 1.386 secondary school students in Santa Catarina, Camargo and Botelho (2007) observed that over 90% of the students knew the ways of transmission and prevention of HIV. Still, more than 30% of them made mistakes when incorrect transmission means were added, such as blood donation or the use of public restrooms. This lack of knowledge was linked to the fact that most students had friends as main information sources.

Most studies that evaluate knowledge about aids focus only correct and incorrect vectors in HIV transmission (Camargo, Botelho, & Souza, 2001; Marquet, Zantedeschi, & Huynen, 1998), i.e. the instruments for the measurement of knowledge on aids have focused basically the pragmatic dimension of knowledge about the disease, mainly its transmission forms and the use of preservatives. This observation has led Camargo, Barbará, and Bertoldo (2005) to elaborate a measurement instrument that evaluates more global knowledge of the contents about the topic, since knowledge on HIV/Aids involves also information about biology, infectology and treatment.

Departing from the official publication of the Pasteur Institute, coordinated by Montagnier (1996), 36 items evaluated by 15 HIV/Aids specialists were elaborated. The experts completed the test, suggested changes and estimated the percentage of people that would answer each question correctly in a population of secondary school young people that was scientifically well informed (referee technique). The result of this procedure was a set of 24 items that had to be evaluated as being true or false. The items constituted 3 sub-tests, according to the classification proposed by the publication: 1) the Aids virus and its transmission 2) HIV infection and its treatment and; 3) prevention (Camargo, Barbará, & Bertoldo, 2005). This Test of Scientific Knowledge on HIV/Aids (TSKHA¹) was administered in 262 public school students from the city of Florianópolis, with mean age of 17 years and 8 months; 56,9%

¹ To obtain the items of the TSKHA in Portuguese or English, contact the corresponding author.

were female and just 45% of the sample was considered well informed.

Another more recent study, conducted in Brazilian and French suburban schools, employed only the first sub-test of the TSKHA, the one about the Aids virus and its transmission (Giacomozzi, 2008). The Brazilian participants had a mean of 5,80 correct answers (standard deviation 2,04) within 10 possible ones, while the French had a mean of 4,96 (standard deviation 2,16). The difference was statistically significant [$t = 4,34$; $df = 476$; $p < 0,001$]. Those means are below the cut-off point of 7, indicating that both in Brazil and in France that type of participant did not present the minimally expected performance in terms of scientific knowledge about HIV and its transmission.

Also aiming at taking the global knowledge on HIV and aids into account, Natividade (2010) developed a test with 85 items to assess the level of scientific knowledge of people older than 18 years of age about HIV and aids. For that purpose, he has decomposed the knowledge on HIV and aids in six theoretical dimensions that described the theme: 1 – Aids and HIV description; 2 – History of the illness and HIV; 3 – HIV contagion and prevention forms; 4 – Aids symptoms and HIV functioning; 5 – Aids treatment and HIV control; 6 – Epidemiology. There were 480 participants with ages ranging from 18 to 63 years ($M = 25,44$ years; $SD = 8,25$ years), 67,7% were women. The mean of correct responses of the participants was 49,03 points ($SD = 10,86$ points; *Median* = 50 points).

There were no differences of scientific knowledge level about HIV/aids between the sexes [$t(478) = 0,63$; $p = 0,53$]. In that study the participants had a mean of 57,6% of correct answers (total number of items = 85), which indicates unsatisfactory scientific knowledge about HIV/Aids.

Table 1 shows that the lowest mean proportions were verified in the items about the history of the illness and epidemiological indications, while the items about contagion and prevention forms were those with proportionally more correct responses.

Knowledge, communication and aids prevention

The presence of social communication means is becoming more intense in lifestyle nowadays, especially concerning the circulation of objects of social debate, and particularly in terms of the diffusion of information about the aids epidemic (Camargo, 1997). The high rate of aids notification cases, mainly among the young, was one of the reasons that led the researchers from LACCOS to question the form with which the knowledge about the illness is being diffused. It seemed as if just transmitting preventive information, without interaction between receptors and a more active relationship on their part with the means of transmission of such information, was a form of reduced preventive effectiveness.

Table 1 - Scores and proportions of correct responses for each dimension of the test of scientific knowledge on HIV/aids.

Dimension	Score in the dimension (points)	Mean proportion of correct resp. (%)
1. HIV and aids Description (7 items)	$M = 4,37$; $SD = 1,40$; $Min = 0$; $Max = 7$	62,43
2. History of the illness (7 items)	$M = 1,67$; $SD = 1,33$; $Min = 0$; $Max = 6$	23,86
3. HIV contagion and prevention forms (32 items)	$M = 20,28$; $SD = 4,26$; $Min = 8$; $Max = 31$	63,38
4. HIV symptoms and functioning (26 items)	$M = 15,54$; $SD = 4,33$; $Min = 3$; $Max = 25$	59,78
5. HIV treatment and control (8 items)	$M = 5,43$; $SD = 1,40$; $Min = 1$; $Max = 8$	67,88
6. HIV epidemiology (5 items)	$M = 1,73$; $SD = 1,23$; $Min = 0$; $Max = 5$	34,60

Camargo and Barbará (2004) have conducted a study with 300 secondary school students from public and private schools of the cities of Florianópolis, Itajaí and Balneário Camboriú, in the state of Santa Catarina, about the effects of reading informative pamphlets about aids on the knowledge of that illness and on the attitudes towards preservative use. The mean age of the participants was 16 years and 3 months. Half of the participants (150) attended night-shift public courses and the other half had daytime classes in private schools; there were 75 male and 75 female students. Of the 75 students of each sex and school, each 25 read a type of pamphlet (A, B or C). The control group was composed by 50 students from a night-time public school of Florianópolis. Three experimental pamphlets were employed, pamphlet A (Adolescence and aids) did not emphasize any means of HIV transmission; B (Adolescence, drugs and aids) linked the transmission of aids to drugs; and C (Adolescence, sexuality and aids) related aids transmission to sexually transmitted diseases (STDs).

The instruments employed in that study were three questionnaires administered in a collective situation, with 7 items about the

knowledge on HIV transmission and a 12-item scale of attitudes towards preservative use (Likert type with 4 points – medium point = 2,5). The first questionnaire was administered before reading the pamphlet, the second one after reading it and the third one 10 days after the first administration. The control group did not read the pamphlets, just completed two questionnaires in times 1 and 3.

To verify the impact of pamphlet type on the knowledge relative to aids transmission (Aids Knowledge Index – AKI) an analysis of variance with a 2x2x3x3 design was employed, in which were taken into account: “gender of the participant” (male and female), the type of school (private or public) the type of pamphlet (A, B or C) and the score relative to knowledge about aids (before reading, after reading and 10 days later).

A difference among the three measures about the knowledge indicator was verified (“time” variable) [$F_{(1, 299)} = 110,20$; $p < 0,001$]. The interaction between “time” and “type of school” also affected significantly the AKI [$F_{(1, 299)} = 7,84$; $p < 0,001$]. And the interaction between “time”, “pamphlet type” and “sex” was significant [$F_{(2, 299)} = 3,30$; $p < 0,05$].

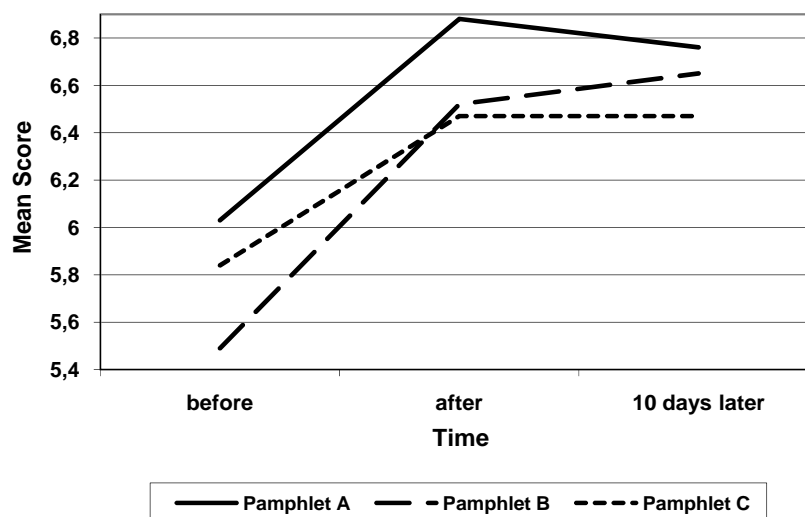


Figure 1 - Short and medium term changes in the mean score of knowledge about aids transmission, as a function of reading the pamphlets in private schools (N= 150).

According to Figure 1, there is a clear increase of the scores relative to knowledge between time 1 (before reading) and time 2 (after reading) for the three pamphlets, among the participants of private schools. The medium term effects (between times 2 and 3) are the ones that differ. The gain in knowledge is slightly higher among those who read pamphlet B, maintained among the ones who read pamphlet C and partially reduced among those who read pamphlet A. However, between the initial and final situation (times 1 and 3) there was always a gain in knowledge, independently of the type of pamphlet, which is very different from what happened with the control group, where there was a reduction of the mean knowledge score, what kept it below 6 points.

According to Figure 2, the comparison of times 1 and 2 among the participants from public schools indicated an evolution similar to the one verified in the private school participants, but with lower intensity. And there was a medium term loss of the positive effect among those who read pamphlet C. The positive impact upon those who read pamphlets A and B was maintained after 10 days.

The results pointed out that the knowledge about aids transmission, in private schools, improved more among the readers of pamphlet

B (Adolescence, drugs and aids) than with the readers of pamphlets A and C. In public schools, though, pamphlet A (Adolescence and aids) obtained more positive effects. The positive impact of pamphlet B was more evident among male participants. For female participants pamphlet A produced better results.

The examined data demonstrate the existence of positive impact of reading the pamphlets on aids knowledge, but there were no changes relative to the attitudes toward preservatives and, in some cases, favorability towards the object was reduced, mainly among the readers of pamphlet C (Adolescence, sexuality and aids).

The gain in knowledge about the topic indicated that the contact with new information adapted to the public that is their receptor becomes relevant as a prevention instrument to be made available to young people. As for the informative material having reduced favorability of the attitude towards the preservative, it is possible that the preventive message stimulated a more realistic assessment, bringing up concern for the young. Anyhow, it is possible to evaluate the use of pamphlets as preventive strategies regarding aids as positive.

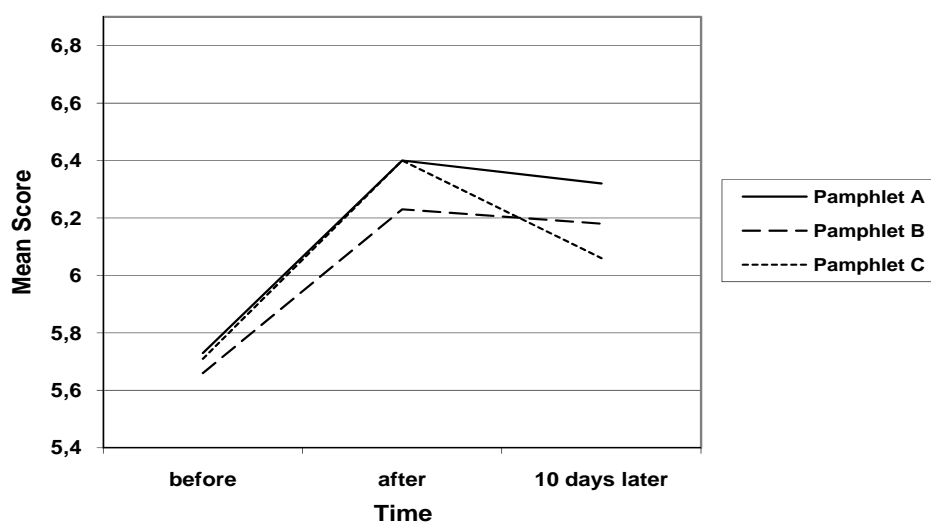


Figure 2 - Short and medium term changes in the mean score of knowledge about aids transmission, as a function of reading the pamphlets in public schools (N= 150).

Informative videos and scientific knowledge about aids

In their study about informative pamphlets Camargo and Barbará (2004) have concluded that video is among the preferred media of teenagers to obtain information, and particularly information about HIV/Aids. Hovland (1954) already stressed that video is an especially powerful means of information diffusion because it employs both visual and audio resources, making the grasping of contents easier.

Therefore, Camargo, Barbará, and Bertoldo (2008), with the aim of verifying if watching informative videos about aids would increase the previous knowledge of the receptors about the epidemic, have conducted a field experiment that assessed the impact of two types of video (scientific and popularized) on adolescents' knowledge about aids (dependent variable). There were 141 teenagers who took part on the experiment, all secondary school students from a public school from Florianópolis. The mean age of the sample was 16 years and 4 months (SD = 11 months), and 56,03% of them were female. The control group was formed by 56 students, while Group 1 (scientific video) was constituted by 46

students and Group 2 (popularized video) by 39 of them.

A self-administered questionnaire and the TSKHA (Camargo, Barbará, & Bertoldo, 2005) were employed in a collective setting right after the videos were exhibited (video 1 – scientific for group 1, video 2 – popularized for group 2, and no video for the control group). After one week, the questionnaires were re-administered in all groups.

Concerning the effects on knowledge associated with the exhibition of each video, the results were favorable to the scientific one (see Figure 3).

Group 1 – scientific video – had a statistically significant difference between the first measure of knowledge and the second one [$t = 3,54$; $df = 45$; $p < 0,001$], as well as an increase in the mean score. Group 2 – popularized video – had an increase on the second measure that was smaller than group 1's, and that increase was not significant [$t = 0,52$; $df = 38$; $p = N. S.$]. As for the control group, the impact of the time variable represented a small, albeit significant reduction in the mean score: 15,86 in time 1 and 15,08 in time 2 [$t = 2,11$; $df = 55$; $p < 0,05$].

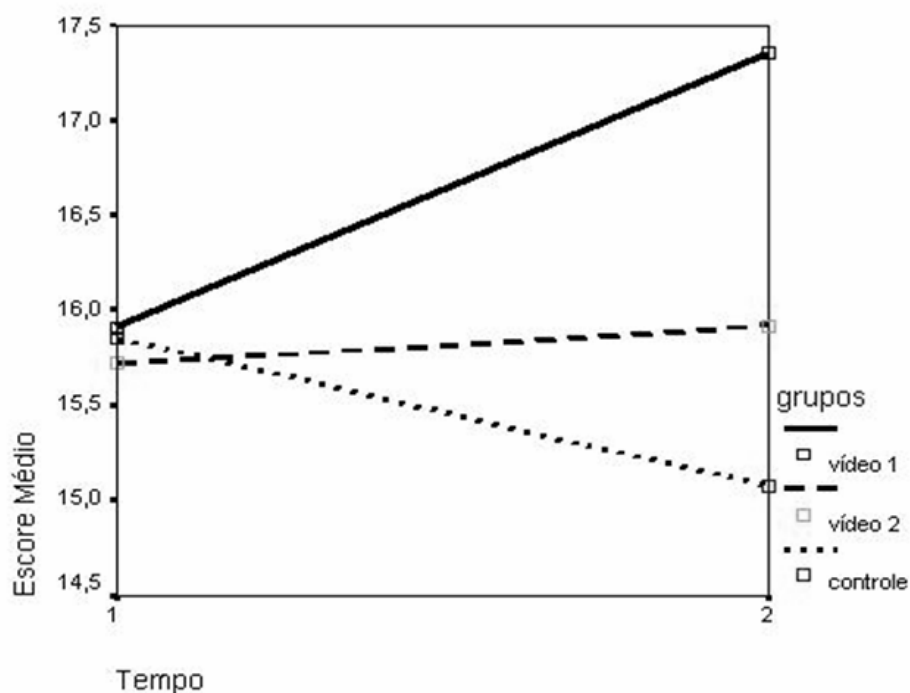


Figure 3 - Mean scores in the TSKHA by experimental condition, before and after the video exhibition.

The experiment could evidence that only the exhibition and understanding of the documentary video with a more scientific content implied a significant increase on the knowledge about HIV/Aids. The amount of information that was conveyed with entertainment purposes, to attract the attention of the young, employing the appeal to emotion

The role of interaction in the acquisition of scientific knowledge about aids

With the aim of enhancing the study of the impact of different forms of diffusion of scientific knowledge about HIV/Aids on the attitudes towards preservative use and the knowledge of the disease, Barbará and Camargo (in press) have carried out research with 478 students of the 2nd grade of secondary school from two public state schools from the city of Florianópolis. For that purpose, two studies were conducted: 1) one about two types of reception of an informative video (active and passive) and 2) another one about a simulated case involving a scientific controversy, in which participants took part of the construction of information itself.

In the first study the sample was composed by 378 students, with a mean age of 16 years and 8 months (SD = 2 years), formed by 51,05% of male participants. A total of 190 of those (50,3%) took part of the group with discussion (active reception); and 188 (49,7%) participated of the group without discussion (passive reception).

The instruments used in that study were two semi-structured and self-administered questionnaires (open-ended and objective questions); the test of scientific knowledge on HIV/aids (TSKHA) (Camargo et al., 2005), and a scale of attitudes towards the preservative (Camargo & Barbará, 2004). The "Risk of Aids in adolescence" video exhibited to the students was produced by LACCOS from a script elaborated by 2nd grade secondary school students from the state education network of Florianópolis, and it is divided in two moments: the first one tells the story of a teenager who is contaminated with the HIV virus through her boyfriend; in the second one, there are speeches of two specialists (an Infectologist and an Epidemiologist) tackling three dimensions of the topic: contamination forms, treatment and prevention.

and persuasion by means of identification – with the use of famous actors and singers – (in the case of video 2) did not imply a significant improvement. In contrast, the scientific quality of information seems to have favored the curiosity of students, generating significant impact associated with the scientific information (video 1).

The focus group technique (Bauer & Gaskell, 2000) was employed for the discussion of the content from the informative video, with the aim of obtaining data about its reception. Each group was formed by five to seven participants and the focus of discussion was the content of the informative video (HIV/Aids).

Two meetings were conducted (Time 1 and Time 2) with each school group, in a time interval of seven days between them. The first meeting (Time 1) had the following steps for the active reception group: introduction of the researcher and of the research to the students, administration of the questionnaire, exhibition of the video and group discussion (duration of 90 minutes). And for the passive reception group the procedure ended with the exhibition of the video (duration of 45 minutes). The second meeting (Time 2) consisted in the re-administration of the questionnaire in all groups.

Concerning the information sources of the participants about aids knowledge, school emerges as the main one for almost all of them (98%). Around two thirds of the participants also indicate that the information was provided by television, magazines and their families.

In terms of the knowledge about HIV/Aids measured by the TSKHA, the participants from the active reception group had a mean in Time 2 (20,88) clearly superior to the one from Time 1 (16,66), and the dispersion of their scores decreased (the initial standard deviation was 2,52 points and became 1,97 in Time 2). In the passive reception group there was also an increase in the mean of correct responses (Time 1: 16,73; Time 2: 18,07), but it was smaller in comparison with what happened in the previous group, and the dispersion remained the same (standard deviation of 2,35 points). The increase in scientific knowledge about HIV/Aids was higher among the participants from the active reception group and presented itself statistically significant [$F_{1,372} = 143,307$; $p < 0,0001$].

The ANCOVA revealed a significant effect of the “time of reception” variable on the second measure of the TSKHA [$F_{1,372} = 143.307$; $p < 0,0001$], with a large effect size (Cohen’s $d = 1,28$). The “sex” variable did not have a significant effect when considered separately [$F_{1,372} = 6,384$; $p = \text{NS}$] or in interaction with the “time of reception” variable [$F_{1,372} = 0,14$; $p = \text{NS}$] on the second TSKHA measure.

Concerning the second study – simulated case – involving a scientific controversy in the experiments about vaccines developed for HIV/aids combat (Martin Godillo, 2001; Bazzo & Pereira, 2005); 100 students took part, distributed in 5 groups with age means of 16 years and 9 months (Standard deviation of two years), 60% of whom were male.

The instruments employed in that study were two semi-structured self-administered questionnaires (the same ones from the video reception study) and a procedure named “simulated case”. This procedure consists in 3 meetings with each group, for three consecutive weeks with the duration of 2 hours each. Data collection took place in class time, and was carried out collectively. A questionnaire was administered on the first day (Time 1) and the other one on the third meeting (Time 2), that is, before and after the simulated case procedure (duration of 30 minutes).

Scientific knowledge in Time 2, after the participation in the simulated case, presented a mean of correct responses much higher (21,3) than the one verified initially (in time 1: 15,92); the dispersion of correct responses among the participants decreased (from an initial standard deviation of 2,73 to 1,69); and the difference of the initial mean of correct responses when compared with the final one presented a statistically significant difference [$t = 17,445$; $df = 99$; $p < 0,0001$].

In the two studies about pedagogic videos (Camargo, Barbará, & Bertoldo, 2008; Barbará & Camargo, in press), the TSKHA was employed in its complete version (24 items). The first one of them focused the content of that kind of material (scientific or popularized); and the second one concerned the type of reception (active or passive) and the participation in the construction of the preventive message (simulated case). However, the differences of the results found in those studies can be stressed when the scores of the first and second measures are taken into

account. In Camargo et al.’s (2008) study the students who watched the scientific video had an increase of 1,25 points in the level of scientific knowledge in comparison with the first measure of the TSKHA, but the popularized video was only associated with an increase of 0,2 points. In contrast, in Barbará and Camargo’s (in press) study the students who took part in the active reception video had an increase of 4,22 of their scores in the first measure, and an increase of 1,32 points in the passive reception video. Those indications point out to the importance of the type of content of pedagogic videos and of the interactivity in the reception of preventive messages with the increase of knowledge about the epidemic. It is important to make it clear that the video produced by the students, although different, is closer to the scientific video than to the popularized ones used in Camargo et al.’s (2008) research, as it also focuses scientific contents presented by specialists from the health field.

It can be concluded that video presents itself as an important means of diffusion of scientific knowledge about HIV/Aids, which might be used more often by actors in the field of aids prevention. However, Camargo et al. (2008) warn that one of the big challenges is to select a suitable and current informative video for that purpose. For the authors, pedagogic videos must spread preventive information in a clear language that is accessible to the students, without overwhelming appeal to the suffering of HIV bearers and people with aids.

The most significant contribution of those studies involves the efficacy of the interaction context in the sharing and grasping of new scientific knowledge on HIV/aids, which can serve as a point of departure for future studies about the diffusion of scientific knowledge about HIV/aids and the interaction in the phase of elaboration and reception of preventive messages involving the adolescent age range. In addition, those studies attest the efficacy of the two diffusion means of scientific knowledge (reception of pedagogic videos and simulated case) in the sophistication of knowledge of the students about the epidemic.

Once that the participants of an interaction establish a relationship of communication with a better cognitive construction, it is necessary that they occupy themselves with topics with a complexity that is adequate to their cognitive level, yet at the same time becomes

progressively more complex (Ghiglione, 1990). For Clermont (1994), the full development of individuals is based on the construction of knowledge, i.e., on the intrinsic motivation of a task, on the intensification of communication and on the interaction of participants. To favor and to stimulate the interactivity of the public in face of messages involving science and technology topics has been the desired way for science diffusion centers such as museums, fairs and exhibitions. This is also evidenced by computer networks, by articles in knowledge diffusion magazines and specialized columns.

Humanity has always created forms of diffusing the knowledge that it has produced by making use of educational practices. One of the components of knowledge is the scientific and technological one, in which schools and communication means are responsible for the role of diffusion (Shamos, 1998). Scientific diffusion consists in communicating, through the large public, the results of scientific and technical research and, more often, the set of productions of scientific thinking, producing messages that can be assimilated more easily (Askevis-Leherpeux, Leyens, & Drozda-Senkowska, 2000; Schiele & Jacobi, 1989).

The interest of the large public, i.e., population in general, by science and technology manifests itself particularly by means of an increase of the consumption of cultural products related to scientific and technical knowledge, which is usually grouped under the expression scientific popularization. The outbreak of magazines and journals dedicated to the presentation of results from scientific works and the examination of its repercussions attest the extension of popularization practices and the diversification of communication strategies (Schiele & Boucher, 1989). It is believed that working the relationship between scientific contents and their application, technological development and its social and environmental impact (society) might be an effective strategy of prevention both in terms of environmental risk and health risk, as in the case of the aids epidemic.

Social representations, scientific knowledge and communication about aids

Representations are transformed in communication, by means of reciprocal

influences among individuals, through implicit negotiation in the course of conversation, in which people guide themselves to shared symbolic models, images and values. In this process, people acquire a common repertoire of interpretations and explanations, rules and procedures that can be applied to everyday life. But far from being passive receptors, people and groups think on their own, produce and communicate unceasingly their own and specific representations and solutions (Moscovici, 2003).

Therefore, within social representations theory, the media possess an essential role since they act on the production and conveying of social representations when knowledge produced by science is popularized to the lay person. It is important to stress, according to Bauer (1994), that this passage from science to common sense does not take place in a single direction, but it is rather two-directional, transforming topics from common sense into scientific ones (ascending flow) as well as transforming scientific knowledge into common sense (descending flow). The diffusion of ideas in the descending direction constitutes a form of popularization; the diffusion in ascending direction is a form of scientificization.

Social representations constitute a category of common sense. They are hybrid products formed from the capture on the part of lay people of the specialized discourse diffused by media. This scientific discourse is transformed in its diffusion by the media and in conversation and social interaction. The transformation of meaning takes place when groups get in contact with new and unfamiliar ways of thinking. Due to the threat of those new ways for collective identity, members of a group or culture are motivated to communicate with one another about those ideas or concepts, and anchor them in a shared social reality (Bangerter, 1995; 2000). Those processes constitute an important aspect of current culture, where discourse produced by specialized sources has shifted from many of its authoritarian sources of knowledge, like religion, and performed an important role in the validation of beliefs, thoughts and the regulation of social practices (Bangerter, 2000).

Social representations theory (Moscovici, 1981) has contributed to the understanding of how the acquisition and sharing of knowledge

of different kinds are processed, above all focusing the relationship between specialized (scientific) content and common sense content (social representations). Camargo, Barbará, and Bertoldo (2007), when investigating the relationship between the representation field dimension, by means of the diagnosis of the structure of the social representation of teenagers about aids, and the informative dimension of that representation by means of the measurement of scientific knowledge (TKSHA), could observe that the knowledge that adolescent groups have about this illness is hybrid, as it mixes scientific and common sense aspects.

The students who presented more scientific knowledge about the disease have evoked the word *blood* more often, and the students with less scientific knowledge, the word *sadness*. The most frequent evocation of the *blood* element indicates higher scientific knowledge about aids, as the student broadens the own understanding to beyond the pragmatic demands favored by media, in which the illness is dealt with predominantly as a sexual disease that can be protected against through the use of preservatives. The predominant concern focus from preventive messages emphasizes the prescription of preservatives rather than the in-depth understanding of the disease (which involves the role of blood, also in the sexual transmission of the HIV). It is what we indicate as partial knowledge of HIV/Aids in opposition to more complete knowledge. On the other hand, the word *sadness* refers more to an attitude towards aids than to a proper social representation, as its attention is circumscribed to the experienced feelings associated with the disease object.

Natividade (2010) also studied the relationship between social representations and the level of scientific knowledge about HIV/Aids. According to the author, the individuals usually present the following elements from the social representation on aids as being central: *illness, prevention, transmission, preservative, sex, suffering, fear*. But the people with lower levels of knowledge about aids aggregated three elements to those: *recklessness, death* and *care*. Among the participants who presented higher scientific knowledge, the five most frequent central elements, ranked by order, were the following: *illness, sex, prevention* and *preservative,*

transmission. The order among those with lower scientific knowledge was: *illness, death, suffering* and *preservative, sex*.

The group with less knowledge brought to light elements related to personal responsibility for the contagion of aids and the concern with death, differently from the group with more knowledge. The idea of death may hide the absence of information involving contents from antiretroviral therapy until the current tries for the creation of a vaccine. And personal responsabilization might also be connected to the lack of knowledge of the collective nature of the epidemic, while a topic related to the need of public policies. The *suffering* element is more frequently cited by participants with less scientific knowledge, data similar to the ones found by Camargo et al. (2007) for the *sadness* element in teenagers with low level of scientific knowledge. The emphasis given by participants with less knowledge to an element with an affective characteristic indicates the designation of the attitudinal dimension of the social representation on the illness more than the informational dimension itself.

Conclusions

The current approach of the diffusion of knowledge about aids has not taken into account the information set about the epidemic of aids, since the contents are mentioned in an isolated and superficial way. The individual is considered only as a receptor or a passive element in the process of communication related to information referring to the illness. And it is fundamental to make it possible that the individual receives the message and is able to find a position towards it, for the acquisition of knowledge and attitudes favorable to preventive practices. This implies promoting an interaction between scientific representations and consensual representations in the framework of scientific popularization actions.

The emphasis established by stimulating scientific knowledge in the formation of social representations on aids is in the context of the use of knowledge generated by the interaction of individualities that will further collaborate in the formation of collective knowledge. More than a simplistic view of the acquisition of information about HIV/aids, dynamic construction of knowledge must be promoted.

There is a necessity to create prevention and diffusion strategies that are not concerned solely with transmitting scientific knowledge, but rather with providing a relationship (interaction) with knowledge that is able to serve the interests and needs of the individual to interact in society, so that s/he feels able of employing what s/he knows to participate in society as a citizen, emphasizing the importance of the practical applicability of that knowledge for the personal relationship with the world.

Moreover, it is recommended that those strategies are tackled jointly with themes related to risk society and science diffusion, since the individual is immersed in the scientific happenings that surround this amplification of the presence of risk, at least in the sphere of social information. In everyday life not only the aids epidemic is present, but also atomic bombs, global warming, genetically modified foods, etc. Those strategies employed here for the understanding of the aids phenomenon might also contribute to add depth to the studies about the biological and social insecurity (Jodelet & Scipion, 1992) in which society currently lives.

References

- Abrieu, J. C. (1994). Les représentations sociales: Aspects théoriques. In J. C. Abrieu (Org.), *Pratiques sociales et représentations* (pp. 11-36). Paris: Presses Universitaires de France.
- Abrieu, J. C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Almeida, A. D. L., Silva, C. F., & Cunha, G. S. (2007). Os conhecimentos, atitudes e comportamentos sobre sida dos adolescentes portugueses do meio urbano e não-urbano. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 41(2), 180-186.
- Askevis-Leherpeux, F., Leyens, J., & Drozda-Senkowska, E. (2000). Les enjeux éthiques de la diffusion des savoirs: L'exemple de la psychologie sociale. *Bulletin de Psychologie*, 53(1), 13-18.
- Bangerter, A. (1995). Rethinking the relation between science and common sense, a comment on the current state of social representations. *Theory and Papers in Social Representations*, 4(1), 61-78.
- Bangerter, A. (2000). Transformation between scientific and social representation of conception: The method of serial reproduction. *The British Journal of Social Psychology*, 39, 521-535.
- Barbará, A. (2007). Divulgação do conhecimento científico sobre aids e representações sociais. *Tese* (Doutorado em Psicologia). Programa Pós-Graduação em Psicologia – UFSC. Florianópolis, p. 305.
- Barbará, A., & Camargo, B. (in press). Divulgação do conhecimento científico sobre Aids e representações sociais. *Acta Colombiana*.
- Bauer, M. (1994). A popularização da ciência como imunização cultural: a função das representações sociais. In S. Jovtchelovitch & P. Guareschi. (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp 229-257). Petrópolis: Vozes.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2000). *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook*. London: Sage.
- Bazzo, W. A., & Pereira, L. T. V. (2005). *AIDS-2000: a vacina contra a AIDS (Simulação educativa de um caso CTS sobre a saúde)*, adaptado e traduzido do original de Martín Gordillo (2001). Curso à distância: Enfoque CTS. Universidad de Oviedo e Nepet – UFSC.
- Camargo, B. V. (1997). *Communication et prévention du sida: Etudes sur le rapport entre l'information télévisuelle, les représentations sociales et la pratique préventive chez les jeunes lycéens*. 438 f. *Tese* (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Doutorado em Psicologia Social, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- Camargo, B. V. (2000). Sexualidade e representações sociais da aids. *Revista de Ciências Humanas*. Especial temática, 3 (Representações Sociais e Interdisciplinaridade), 97-110.

- Camargo, B. V. (2003). Les représentations sociales des jeunes français à propos de l'achat et de l'utilisation du préservatif. *Bulletin de Psychologie*, 56(3), 331-344.
- Camargo, B. V., & Barbará, A. (2004). Efeitos de panfletos informativos sobre a aids em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 279-287.
- Camargo, B. V., Barbará, A., & Bertoldo, R. (2005). Um instrumento de medida da dimensão informativa da representação social da aids [Trabalho Completo]. In *IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais: Teoria e Abordagens Metodológicas*. João Pessoa: JIRS.
- Camargo, B. V., Barbará, A., & Bertoldo (2007). Concepção pragmática e concepção científica dos adolescentes sobre a aids. *Psicologia em Estudo*, 12, 277-284.
- Camargo, B. V., Barbará, A., & Bertoldo, R. B. (2008). A influência de vídeos documentários na divulgação científica sobre aids. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21(2), 179-185.
- Camargo, B. V., & Bertoldo, R. (2006). Comparação da vulnerabilidade de estudantes da escola pública e particular em relação ao HIV. *Estudos em Psicologia*, 23 (4), 369-379.
- Camargo, B. V., & Botelho, L. J. (2007). Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Rev. Saúde Pública*, 4(1), 61-68.
- Camargo, B. V., Botelho, L. J., & Souza, E. S. B. (2001). *AIDS, sexualidade e atitudes sobre a proteção contra o HIV: um estudo descritivo com adolescentes do nível médio da rede de ensino (Florianópolis, Itajaí e Balneário Camboriú)* (Relatório Técnico de Pesquisa, 42 p.). Florianópolis: UFSC/LACCOS.
- Carey, M. P., Morrison-Beedy, D., & Johnson, B. T. (1997). The hiv-knowledge questionnaire: Development and evaluation of a reliable, valid, and practical self-administered questionnaire. *AIDS and Behavior*, 1(1), 61-74.
- Díaz, N. V., & Toro-Alfonso, J. (2007). Similar epidemics with different meanings: Understanding AIDS stigma from an international perspectiva. *Interamerican Journal of Psychology*, 41, 1-6.
- Flament, C. (1994) Structure et dynamique des représentations sociales. In Abric, J. C. (Org.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris, PUF.
- Ghiglione, R. (1990). La communication et l'interaction sociale. In R. Ghiglione, C. Bonnet ; & J. Richard (Orgs.), *Traité de psychologie cognitive: Cognition, représentation, communication* (pp. 198-206). Paris: Dupod.
- Giacomozzi, A. I. (2008). *Variáveis culturais e psicossociais associadas à vulnerabilidade étnica ao HIV/Aids: estudo comparativo entre Brasil e França*. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa Pós-Graduação em Psicologia – UFSC. Florianópolis, p. 252.
- Hovland (1954). Los efectos de comunicación con el público. In C. S. Steinberg & A. W. Bluem (Org.), *Los medios de comunicación social*. México: Editora Roble.
- Jodelet, D., & Scipion, C. (1992). Quand la science met l'inconnu dans le monde. In J. Theys & B. Kalaora (Orgs.), *La terre outragée: Les experts formels* (pp. 210-222). Paris: Autrement.
- Marquet, J., Zantedeschi, E., & Huynen, P. (1998). Knowledge and representations of HIV/AIDS. In M. Hubert; N. Bajos & T. Sandfort. *Sexual behavior and HIV/AIDS in Europe*. London and New York.
- Martín Gordillo, M. (2001). *AIDS-2000: La vacuna contra el SIDA. Simulación educativa de un caso CTS sobre la salud*. Madrid: OEI.
- Martins, A. T., Nunes, C., Muñoz-Silva, A., & Sánchez-Garcia, M. (2008). Fontes de informação, conhecimentos e uso do preservativo em estudantes universitários do Algarve e de Huelva. *PSICO*, 39(1), 7-13.

- Ministério da Saúde (2010). *Boletim epidemiológico – AIDS – Janeiro a Junho de 2009: sistema nacional de notificação*. Brasília: Coordenação Nacional de DST e AIDS. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/udtv/>>. Acesso em: 30/mai/2010.
- Montagnier, L. (1996). *Sida: factos, esperanças*. 10^a ed. Paris: Instituto Pasteur.
- Morin, M., & Vergès, P. (1992). Enquête sur une représentation en voie d'émancipation: Le sida pour les jeunes. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 15, 46-75.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Org.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1986). De la ciencia al sentido común. In S. Moscovici (Org.), *Pensamiento y vida social* (pp. 679-710). Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, *Psicologia Social*, Vol. 2.
- Natividade, J. C. (2010). *Relações entre representações sociais e conhecimento científico sobre HIV/aids*. Florianópolis, 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Organização Mundial da Saúde (2005). *Boletim de saúde da organização mundial*. Disponível em: <<http://www.who.int/bulletin/en/>>.
- Schiele, B., & Boucher, L. (1989). L'exposition scientifique: Une manière de représenter la science. In D. Jodelet (Org.), *Les représentations sociales* (pp. 406-424). Paris: Presses Universitaires de France.
- Schiele, B., & Jacobi, D. (1989). La vulgarisation scientifique: Thème de recherche. In D. Jacobi & B. Schile (Orgs.), *Vulgariser la science* (pp. 12-46). Seyssel: Vallon.
- Shamos, M. (1998). The lesson every child niece not learn. *The Sciences*, 28(4), 14-20.
- Silva, G. A., & Abrantes, V. L. M. (2004). Por detrás das luvas e máscaras: representações das enfermeiras sobre a aids. In L. F. R. Tura & A. S. P. Moreira (Orgs.), *Saúde e representações sociais* (pp. 97-128). João Pessoa: Editora Universitária.
- Sontag, S. (1993). *La maladie comme métaphore: Le sida et ses métaphores*. Paris: Chistian Bourgois Editeur.
- Trajman, A., Belo, M. T., Teixeira, E. G., Dantas, V. C. S., Salomão, F. M., & Cunha, A. J. L. A. (2003). Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro*, 19(1), 127-133.
- Tura, L. F. R. (1998). AIDS e estudantes: a estrutura das representações sociais. In D. Jodelet & M. Madeira (Orgs.), *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos* (pp. 121-154). Natal: EDUFRN.
- Tura, L. F. R. (2004). A aids: repensado a prevenção. In L. F. R. Tura & A. S. P. Moreira (Orgs.), *Saúde e representações sociais* (pp. 167-190). João Pessoa: Editora Universitária.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 3-25). Goiânia: AB.
- Wagner, W. (2007). Conhecimento vernacular da ciência na vida cotidiana: por que razão as pessoas querem saber algo sobre a ciência? In Moreira, A. S. P. & Camargo, B. V. (Orgs). *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais* (pp.131-152). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- WHO. (2009). *Report on the global HIV/AIDS epidemic*. WHO Library Cataloguing-in-Publication Data.

Enviado em Novembro de 2010
Aceite em Março de 2011
Publicado em Julho de 2011

Social representations of ageing shared by different age groups

Clélia Maria Nascimento Schulze

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Abstract

The present study is focused on the social representations of ageing and positive ageing. 171 subjects composed 4 age groups cohorts (G1 18-25; G2 26-40; G3 41-55; G4 55+). A group of 69 elderly clients of a daily care institutional setting also responded to the stimulus material. All subjects were submitted to a free evocation task concerned with ageing and positive ageing. Data were analyzed by software EVOC and SPAD. Results of the structural analyses show a negative representation of ageing given by the 171 subjects. Terms such as: wisdom, body, death, tiredness, loneliness among other categories composed the hypothetical central core of the representation of ageing. Data on positive ageing suggests a markedly positive view characterized by items such as wisdom, experience, health and also autonomy and maturity among others. Factorial analysis show a more positive tone of representations produced mainly by youngsters and senior groups. Results were analyzed taking into account intergroup implicit processes and stereotypic answers were identified in the overall representation of ageing and in the responses of the younger group.

Keywords: Social representation, Ageing, Positive ageing, Social stereotypes, Intergroup relations.

Nowadays there is a concern with the topic of ageing of populations especially by members of the governments and health professionals from most western countries. This concern is due to the fact that an accentuated demographic transition has been occurring whereas an increase in the number of the elderly population takes place. Reports of the WHO (2002) recognize that in the first half of the XXI century there will be a significant increase of elder citizens' life expectation as much as of their life quality.

Research on social representations in the area of studies concerned with the phenomenon of ageing can contribute to unveil the shared knowledge of social groups.

Studying the phenomenon of ageing as perceived by different age groups allow us to see the elderly as members of a particular group but also as a social category which is implicit in the classification and judgment of social events. Such judgments have been studied as an important issue within the social psychology of prejudice and social stereotype.

The intergroup approach is necessary to discover the implicit discriminations and the social psychological dimension allows to detect empirical data on social representations, social stereotypes about the elderly and concomitant

prejudices. Furthermore, the intergroup approach in the study of ageing brings forth data which refer to the distinct social positions occupied in society by citizens belonging to different age groups which reflect important aspects of power relations, economical issues and social organization as related to real life groups.

A review of studies related to ageing realized previously or concomitantly to the release of the global public policies at the beginning of the first decade of this century was made with the aim of finding out shared social representations but also information about possible stereotypes and prejudices. As far as the studies on social representations are concerned we found similarities in the local studies, in the south of Brazil as much as in the international findings. Such review was made aiming mainly at the positive or negative tone assumed by each representational system given that the cultural and local specificities add a unique meaning to such representations. It also aims at making explicit the importance of the intergroup choices made at the methodological level as a determinant factor of such representations.

Studies made in the city of Mexico (Ampudia, 2000; Mendoza, 1999), with elderly

samples, showed that ageing was associated to “loss of activity” in the physical dimension and feelings of “loneliness”.

Gastaldi and Contarello (2006), in data obtained in the beginning of the decade, demonstrated in their results that ageing was associated to an effect of group filiation (young x elderly) which influenced their social representations of ageing. The youngsters associated age with illness while the elderly did not make such explicit association. Furthermore, the gender of the respondents was related to the attribution of potentialities and weaknesses associated to the stage of ageing. Italian male respondents concentrated their answers on “psychological and physical decay” while female respondents associated it to a “serene and tranquil life”.

In a study of representation of ageing made in Germany with health professionals, Flick, Fischer, Neuber, Schwartz and Walter (2003) concluded that the representations of such professionals turned out to be more complex than the ones observed in previous decades. In this study the representations obtained were concerned with the elderly's abilities in adjusting their limits; with their level of activity and with their capacity to maintain autonomy and determination. Those results obtained in a German context anticipate the changes which have been happening since the introduction of the global public policies respective to the elderly and their inclusion in democratic societies in the beginning of this decade. It shows that the German professionals were going through a process of changing of attitudes or representations whereas the topic of ageing included positive tones and stressed the importance of the dimension of activity and autonomy of the elderly.

Some studies run during the end of last century and beginning of this decade, in the south of Brazil, arrived to results compatible to the ones described above. In a first study done and published at the end of the 90's (Guimarães, 1997; Veloz, Nascimento-Schulze, & Camargo, 1999), concerned with the representations of ageing as a process, of the elderly and of *old age*, interviews were made with retired university lecturers, with participants active in elderly groups and with residents of an old people's home considered a model in the city. Those three groups were chosen because they represented different insertion in the social scenery with respective

associated social practices. In fact, 3 distinct social representations were found whereas women in particular referred to the “loss of family bonds” and “loss of bodily beauty”. A second representation emerged from responses given particularly by the male subjects, related mainly to questions respective to the “elderly” and “old age”. This representation referred to “loss in work capacity”. A third representation emerged from the contribution of both men and women and was concerned with a “natural decay” result from the ageing process.

In a study, also done in Florianopolis, with women aged sixty or more, interviews were run about their early and actual sexuality. Data was obtained in the beginning of this decade, (Flor & Nascimento-Schulze, 2002; Lemos, 2001). Results are like an echo of the ones previously found, so far as women reported loss of physical beauty and further they revealed their ignorance towards sexuality at their youth. They also reported on their lack of sexual pleasure and the repression of desire which followed them in their mature life.

Another research, realized at the beginning of this decade and run in the same context, was devoted to the social representations of a healthy elder (Teixeira, 1999; Teixeira, Nascimento-Schulze, & Camargo, 2002). The groups of subjects elected were: healthy elders; elders with health problems; caretakers and health workers. The group of subjects which had some sort of illness used an internal causal attribution strategy to define the healthy elder. They represented the healthy elderly as a person with a “good head” and a capacity of ageing in a positive way. Great emphasis was given, by members of all groups, to the autonomy of the elderly as a sign of health. The group of caretakers mentioned a healthy life style as the major issue in the maintenance of old people's health. Thus, this study shows very clearly how different groups contribute with distinct aspects of a representation, and how prototypical examples can be observed through the technique of words evocation, which covers two important aspects in the detection of social stereotypes, namely, categorization and classification of items. Furthermore, it is interesting to notice that the results obtained in this research at the end of the 90's of last century, pointed to some ideas which are now adopted by the global policies of the WHO for the XXI century, respective to the insertion of the elderly in present societies and

defending the policy of a positive and active ageing.

Finally, a pertinent set of data has to be mentioned here resulted from a study also run in the southern part of Brazil (Martins, 2002), which is concerned with the social representations of ageing by different age groups within an institutional context of leisure, culture and entertainment. Results obtained in the interviews with youngsters and adults with ages below 55; show a picture of the elder as someone who needs more attention especially so far as health is concerned. Those two age groups also represented two types of elder person: the ones who feel old and the ones who do not feel old. On the other hand, the group of senior subjects gives evidence to the "support of religion" and "faith" as important to cope with the challenges of ageing. Also, similarly to previous results, senior subjects attribute internal responsibility from the elder as a central factor for them to be able to reach a successful life in the old age.

The different pieces of research that we considered here, respecting a chronological dimension, seem to be referring to a representation of ageing which is very much associated to negative elements and it is only when subjects take in consideration an ideal situation (for example: how would be a healthy elder?) that results give a more positive view, as it is the case of the German study and the study about the elder's health where the interviewed subjects argue in favor of a different representation. Thus, at this time in which the above studies were realized, a prevalent negative view of the process of ageing, the elderly, or of old age was pictured through the results. This is an important issue to the studies of social representations in the area for two reasons: (1) researchers have to be aware of the negative associations recurrent with the word "old age" and "ageing"; (2) because concomitant to those negative representations, senior citizens were and probably still are facing problems of discrimination, prejudice and stereotypes.

Stereotypes and stereotype threat

The outstanding contribution of Levy, Slade, Kunkel and Kasl (2002) refers exactly to the same period of time in which the Brazilian studies were being produced, and it can bring some light to the issue of stereotype and social

identity. In a review of studies related to the effects of negative stereotypes upon the self perception and performance of senior subjects with North American citizens, Levy et al. (2002) demonstrated experimentally that social stereotypes are internalized and can operate without the awareness of the elder subjects. They flashed age stereotypes on a screen at a speed that was below subjects threshold of awareness and had the behaviour of the primed subjects judged by a panel of judges. Judges, who didn't know about the procedure and didn't identified the subjects who were primed, judged their behaviour in several tasks as more deteriorated than the behaviour of others who were in the baseline condition.

Nosek, Banaji and Greenwald (2002), also found indications that stereotypes related to age are internalized. In this study, elderly subjects displayed feelings towards the ingroup as negative as the feeling maintained by the outgroup, i.e., the younger subjects.

Levy et al. (2002) argued that unlike gender and race stereotypes which individuals encounter while developing group self-identities, individuals acquire age stereotypes several decades before becoming old. In their study, they observed whether positive self perceptions about one's ageing influenced survival, controlling for functional health and other relevant factors. They obtained from the measure of self-perceptions of ageing a partial inventory of the participants' definition of their old age. The authors assumed that these definitions tend to evolve, partially from the age stereotypes internalized in childhood and beyond and that they are unlikely to be consciously evaluated. It was found that the more positive the self-perceptions of ageing were, the greater was the will to live, and this partially mediated the relationship between self-perceptions of ageing and survival.

Thus, there seems to be evidences to suggest that the detrimental effect of stereotypes in old adults' lives can affect elders' cognitive performance because of the debilitating context that stereotypes can create.

The great contribution of Henri Tajfel to the study of social stereotypes has to be mentioned here. Tajfel (1981) accepts a definition of social stereotypes as a mental image simplified of a category, individual, institution or event which is shared, in essential aspects, by a large number of people. He contributes in particular to the discussion of the

individual and social functions attributed to social stereotypes. The individual functions being mainly related to cognitive purposes and the social ones particularly linked with group processes. The individual functions are discussed together with the process of categorization and bring evidence to the close relationship between stereotypes and prejudiced attitudes as much as on the need to maintain values. The social functions of stereotypes bring evidence to the need to preserve ideologies or to explain and justify a variety of social actions which bring advantage to the groups involved in the task of stereotyping.

The studies above mentioned assign to a period in which there were negative representations and stereotypes towards the elderly. After 2002 the WHO and Unesco launched a series of publications with the intention to change the attitudes of citizens and in specific of the young ones, by introducing a positive view of ageing. Activities which enhance positive intergenerational relationships were promoted and public policies were designed to influence citizens globally and locally.

Intergenerational studies concerned with the phenomenon of ageing assume an important role since they can reflect the real world and real intergroup age situations. The design of intergenerational studies has a dimension of intergroup relations so far as the groups created by the researcher can reveal to the subjects an ingroup versus outgroup dimension that is implicit in the real world and becomes explicit in the research setting. Such designs implicitly assume an intergroup paradigm in which perceptual discrimination, favoritism, maximization of differences and similarities are all perceptual and cognitive consequences of the phenomenology of being in a group.

A study run by Liu, Ng, Loong, Gee and Weatherall (2003) in New Zealand on cultural stereotypes and social representations of elders from Chinese and European origin, involved intergenerational groups approached from the *tajfelian* perspective of intergroup relations. Cultural stereotypes were confirmed but also universal representations such as the nurturant elder or the curmudgeon were found.

Another example of studies using the intergenerational model was done by Contarello, Romaioli and Bonetto (2009). Representations of the elderly were obtained from young and older respondents and results

showed that youngsters presented a more negative view of the out group than the elderly did of their in-group

After considering briefly the intergroup consequences of an intergenerational study, a review on the topic of positive ageing will set the basis for the proposed study. The idea of a more positive look to the phenomenon of age but also to the studies on health have been recently introduced by many authors and in fact this new look is happening at the same time as the propagation of the concepts of positive and active health.

Positive ageing

The concept of positive ageing is adopted in this study in contraposition to the negative representations of ageing found in the research examples above mentioned. Such concept offers an alternative to the omnipresent idea of ageing seeing as deficit or decline found in the medical literature and which frequently focuses in the ideas of loss, and of cognitive, biologic and social deficits.

Gergen and Gergen (2002), conceive different ways of ageing and admit that although the longevity of citizens is increasing in most countries, even so, the literature on ageing, up to 2003, was still concerned with the different losses that this process involves and not with the strategies that those citizens could adopt in order to have a positive view of the life they still had ahead of them. They conceived the mature life as a period of growth without parallel as much as of personal enrichment. They use the concept of positive ageing as an alternative to the negative connotation attributed to this stage of life. After the pioneering contribution offered by Gergen and Gergen, many contributions to the study of the elders in the area of social psychology or cognitive social psychology adopted research questions and orientations which are closer to a new paradigm of ageing focused in the potential of the senior citizens and not only in the loss which necessarily occurs during life course. Among the several authors who could be identified as adepts of a new paradigm of ageing could be mentioned Seligman (2008), Hertzog, Kramer, Wilson, and Lindenberger (2009) and Ryff (2010).

Seligman (2008), after contributing for the understanding of learned helplessness and stress, launches the rationale for the positive

health approach. The rationale for such theory is very much consistent with the ideas above described. He states that psychology and psychiatry have done reasonably well with mental illness but very poorly with mental health. A substantial body of research now suggests that intervention that builds the positive states alleviate depression. Further, the implementation of programs on positive health can operate on the economic scale since health costs will drop for the individual and the State. The notion of positive health is relevant to studies related to the old age since Seligman assumes that positive health is a predictor for longevity.

Other authors who contribute to a new look to the studies of ageing are Hertzog et al. (2009) who try to answer to the question whether the functional capacity of old adults can be preserved and enhanced and under which circumstances. Hertzog et al. bring scientific evidence to the argument that individuals' behaviors and environmental contexts can enhance their cognitive functioning and development in adulthood and old age. They work with the hypothesis of cognitive enrichment which states that the behaviors of an individual (including cognitive activity, social engagement, exercise, and other behaviors) have a meaningful positive impact on the level of effective cognitive functioning in old age. Among several topics he focuses on the question of whether behavior and lifestyle can move an individual's cognitive performance vertically upward.

Another example of research concerned with the positive aspects of health and ageing is the large national study of health and Well-Being supervised by Carol D. Ryff who is a Professor of Psychology at Wisconsin University and director of the Institute on Aging of Wisconsin University (Love, Seeman, Weinstein, & Ryff, 2010). The broad research line is contained in a national project on aging called MIDUS directed by Ryff, which is a forum for investigation, whereas health is taken as an integrative process and delineates the biopsychosocial pathway through which converging processes contribute to diverse health outcomes (Love et al., 2010). The project Midlife in United States basis its research line on the concept of positive ageing considered as a complex and integrated biopsychosocial process which demands several levels of analyses including

sociodemographic characteristics, psychosocial resources, life stress, health behavior and practices and neurobiological risks. In their research projects positive ageing is associated to well – being which can be related to six dimensions: autonomy, environmental mastering, personal growth, positive relationships, purpose attainment and self-acceptance.

The reviewed literature transmits the idea that changes in terms of attitudes and representations are occurring in the western societies respective to the set of cognitive and evaluative elements associated to concepts related to ageing and the elderly and that this change is occurring inside the research lines and laboratories of research where researchers choose to concentrate on relationships among variables which verify reasons and associate variables to the possibilities of a positive ageing to elderly citizens. Thus, we can speculate whether there are changes of attitudes and representations within the academic circle itself which often inspire new ways of looking and perceiving hidden variables or even help in the genesis of new paradigms and social representations.

Moscovici (1976) argues that representations constitute universes of opinions which have three dimensions: the information, the attitude and the field or image of the representation.

This research is focused on the structural approach of the representations since it allows a comparative study in which the different groups' contributions can be considered in relation to each other.

Abric (1998) considers that the elements of a representation (opinions, beliefs, information and attitudes) are hierarchically organized around a central nucleus. Such nucleus gives meaning to the representation and around it are organized the peripheral elements.

Social categorization

Before describing the actual study it is necessary to make explicit the overwhelming role of the social categorization process which, we claim, is always implicit in studies of social representations involving groups.

The process of categorization can be considered as the basis of cognitive processes closely associated to intergroup strategies and intergroup behavior.

Tajfel (1981), Turner and Giles (1981) see the categorization process as a systematic superimposition of a classification upon a stimulus dimension which leads to the perceptual accentuation of intra-class similarities and interclass differences. Such process operates in social perception producing prejudice and stereotyping.

Doise (1978) considers the categorization process as causing intergroup discrimination so that categorization *per se* induces individuals to perceive themselves and others in terms of their group memberships. Thus, they perceive themselves as similar to ingroup members and different from outgroup members. This cognitive distinction produces differential intergroup behaviours and attitudes.

Moscovici (1981), when discussing the processes of anchoring and objectification, also stresses the importance of the categorization process for the classification and naming procedures activated in the structuring of a social representation.

Those theoretical remarks highlight the permanent presence of social categorizations in real social interactions when group identifications are triggered off by verbal interactions or even by non verbal signs, as in the case of age clues recognition.

Furthermore, the cognitive process of categorization is the basis of the free evocation task normally used as the technique to detect the structure of social representations.

Based on the contributions above reviewed a study was elaborated with the aim of verifying the impact of a positive communication about ageing upon the structural representation already existent. Thus, it is to be observed a possible change in direction, structure and content of elements present in the representations of positive ageing when compared with elements previously obtained in the representations of ageing.

The following research questions are put forward: Which is the representational structure of ageing shared by different groups' cohorts? The presentation of a positive concept about ageing can modify the previous representational structure? Is there a difference in the shared representational structures of ageing and positive ageing of different group cohorts? The presuppositions were that the original representation of ageing would be close to the results obtained previously in other studies in the south of Brazil in which ageing is

categorized in a more negative way. Furthermore, it was expected that the introduction of the concept of positive ageing would bring a change in the structure previously shown. There was an expectation that age groups would contribute differently to such representations in terms of their structure, attitude direction and content.

Methodology

Subjects

171 volunteers' male and female subjects participated in the study. They were divided in 4 cohorts or groups with ages varying from: 18-25 (Group 1), 26-40 (Group 2), 41-55 (Group 3) and Group 4 with individuals older than 55 years. Another sample of (number) elderly subjects enrolled in a daily care system institution was also considered.

Questionnaire

The data collection involved a questionnaire with two basic questions. After reading the instructions and identifying themselves in terms of sex and age subjects were asked to produce and classify by order of importance 5 words associated to the stimulus words "Ageing" and "Positive Ageing". A specific definition of positive ageing was written on the questionnaire stressing the potential and real importance of the elderly for societies. All participants responded first to the task respective to ageing and second to the task concerned with positive ageing.

The following text was given to subjects concerned with the concept of positive ageing:

"This idea takes into account the fact that not enough importance has been given to the development and the potential of people who are older than 65 years. Medical doctors specialized in gerontology, focus their attention mainly in illnesses and little is said about the positive possibilities of ageing. Such as the fact that those people are wiser, that they have much to teach to the following generations, that they are the live memory of the present societies, that they know more about life because they lived more and furthermore, that they are often the support element of their families when both parents work outside their home. In sum, it is not considered that in this stage of life, when the process of ageing becomes more evident, that people can also live their lives with satisfaction and happiness".

Participants were invited to produce 5 words (categories) which they perceived as being associated with each of the concepts of ageing above described. The terms were then classified by each of them in terms of importance.

Procedure

Participants were individually contacted considering mainly the criteria of age cohort and educational level. All 171 participants had a completed secondary education course and most of them were in the university or already obtained their degrees. However, the educational criterion was not observed with the 'daily care' group of elderly. Instructions were read in loud voice with each respondent and the answers and classifications were written by the respondent unless this for some reason was not possible for him (her).

Data analyses

In a first instance data were analysed with the help of programme EVOC (Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations), by Vergès (1999). Such programme performs a lexicographic analysis which allows the researcher to reach the structure of the considered social representations as much as its central and

peripheral elements which are grouped and displayed in four cells. Such structure is obtained by a hierarchy of both: the frequency and order of the evoked items (Nascimento- Schulze & Camargo, 2000).

The programme EVOC was used with the aim of describing the structure and hypothetical centrality of the representational elements.

In order to find the different contributions given by each of the four age groups a factor analysis of multiple correspondences was done with the help of the software SPAD (Lebart & Salem, 1988; SPAD, 2008).

Results description

Representations of ageing

The total number of evocations produced by the 171 respondents respective to ageing was considered in the EVOC analyses and two criteria were used to constitute the diagram with 4 quadrants, namely, frequency of the evoked item and the mean of the order of evocation (MOE). As it is displayed in figure 1, in the top left quadrant the words experience, body and death in particular but also the words need and wisdom, are the elements which probably constitute the central core of the representation of ageing.

MOE < 2,9				MOE > 2,9		
1 >= 8	Element	f	MOE	Element	f	MOE
	Experience	34	2,74	Illness	48	2,98
	Body	26	2,50	Family	25	4,08
	Death	22	2,59	Loss	22	3,23
	Need	19	2,84	Health	12	2,92
	Elderly	17	1,77	Knowledge	11	3,36
	Wisdom	16	2,31	Time	10	4,20
	Skin	14	1,86			
	Fear	12	2,75			
	Pension	9	2,89			
	Maturity	8	2,75			
1 < 8	Maturation	7	2,43	Abandonment	6	3,67
	Life	7	2,86	Entertainment	6	3,33
	Tiredness	6	1,83	Respect	6	3,00
	Sadness	6	1,83	Difficulties	5	3,20
				Sufferance	5	3,40
Intermediary frequency:8						
Medium rank evocation: 2.9						

In the first quadrant it becomes evident the double bind associations towards the process of ageing since together with positive elements such as experience, wisdom and maturity, appear negative ones. It is also mentioned the word retirement, which could be associated to negative feelings and interpretations. In the second and third quadrants, peripheral answers suggest the same division manifested in the central cluster, whereas *maturity* and *life* are followed by *tiredness* and *sadness*. Illness appears in the periphery with a high frequency followed by health with a lower frequency. The emergence of family as a frequent category could be interpreted as a recognition of its importance during the old age. It is worth to mention the appearance of knowledge as reinforcing the more central category of wisdom.

The same data was used in a correspondence analyses where the age cohorts were considered searching for the groups' contributions to the representations above described.

The factorial analyses done with SPAD software obtained a Phi index of 0.4159.

Textual variables were analyzed together with the four cohorts and allowed to identify the contribution of each group to the extracted factors. Three factors were produced by the correspondence analyses and the first two factors explain 81.30% of the total variance

(Factor 1= 54.70 %, factor 2= 26.62%).

The significant words and groups which contributed most to factors 1 and 2 are graphically represented bellow.

Factor 1 shows an opposition between the group of younger subjects (18 to 25 years) and the group of seniors (55 years +). But, the group of senior subjects contributed more to factor 1 (70.4%) than the group of younger subjects (29.5%). Results show a predominance of positive categories in the representation of ageing in the responses of the elder subjects. They mentioned happiness, joy, health and love followed by sadness and lack. The group of older subjects contributed with a dimension where the positive side of their life stage predominates over the negative. In this dimension, the youngsters do not seem to share a representation of ageing.

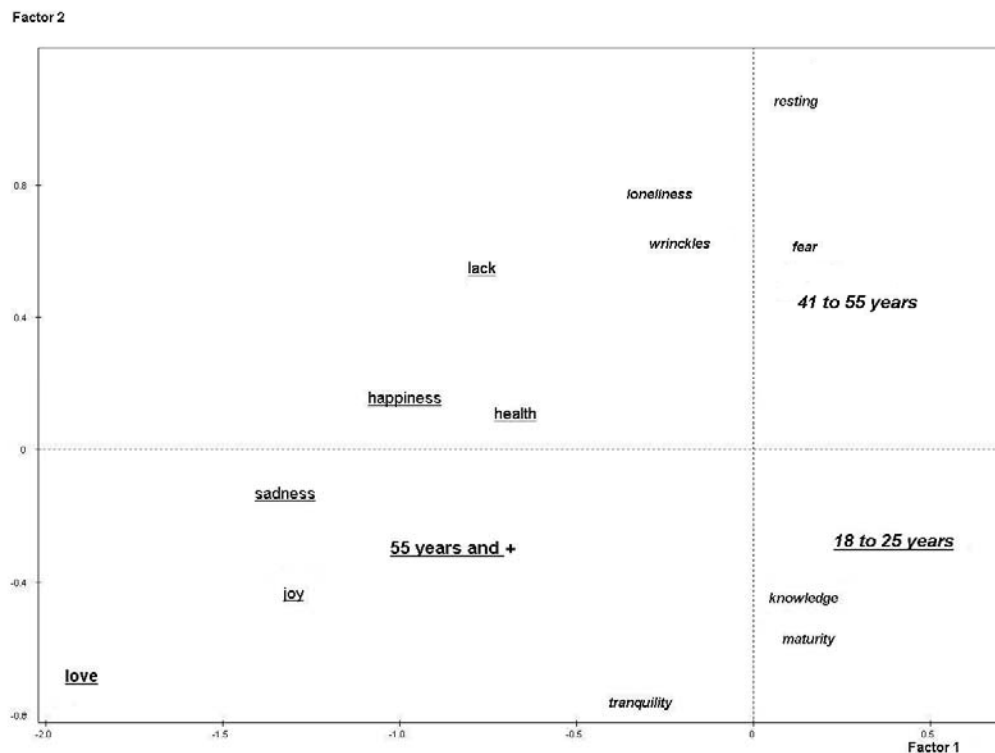


Figure 2 - Graphic representation of SPAD factorial analysis for AGEING (factors 1 and 2).

Factor 2 shows group 1 (18 to 25 years) in contraposition to group 3 (41 to 55 years). Results here suggest that the younger subjects described ageing as related to knowledge, maturity and tranquility while the cohort of Ss with ages between 41 and 55 associated ageing with fear, loneliness, wrinkles and resting. Younger subjects present a consistently positive view of the old age while the mature subjects seem to be somehow worried or concerned with this life stage, possibly because their generation group is nearer to the experience of being considered as a member of the elderly.

Results also suggest a different group positioning towards the issue, since youngsters are very positive, the group of elders give a divided view to ageing and the intermediary groups are more negative, proposing a blink

view of their future, when they are stimulated by the concept of ageing alone.

Representations of positive ageing

Results on social representations of positive ageing obtained through the EVOC analyses with the same 171 Ss show a completely different set of data as compared to the one obtained from the association with the term Ageing.

In the first quadrant, top left, related to the hypothetical central nucleus of the representation, the three first words: wisdom, experience and health present higher frequencies than the following ones: knowledge, work and stories. Differently from the previous structural results on ageing, wisdom emerges as the most frequent element in the central cell and knowledge migrates from the periphery to a more central position.

MOE < 2,9				MOE > 2,9		
1 >= 6	Element	f	MOE	Element	f	MOE
	Wisdom	32	2,31	Life	16	3,06
	Experience	28	1,75	Activity	15	3,07
	Health	23	2,83	Respect	11	3,36
	Knowledge	14	2,84	Maturity	11	3,91
	Work	10	2,80	Stability	8	3,00
	Stories	6	1,60	Happiness	7	3,43
1 < 6				Security	7	3,86
				Time	6	3,50
				Help	6	3,00
	Food	5	2,50	Joy	5	3,40
	Autonomy	5	2,75	Conviviality	5	3,40
				Patience	5	3,40
				Relationships	5	3,40
				Trips	5	3,40
				Friendship	5	4,25
				Love	5	3,50
Intermediary frequency:6						
Medium rank evocation: 2.9						

Intermediary frequency:6

Medium rank evocation: 2,9

Figure 3 - EVOC results on social representation of Positive for all subjects.

As it happened in the results related to Ageing, wisdom and maturity are present but this time inserted in a different position. Furthermore, the concept of health is included in the new structure and family is not mentioned as relevant and is somehow substituted by activity. Thus, the concept of positive ageing brings a different constellation of concepts whereas the older person is seen as more autonomous and dynamic. Thus reading a positive conception of ageing promoted a

change in the representational structure, including of the peripheral elements, which is more positive and opened to new possibilities to individuals in the late stage of life. In the second and third quadrants, food and autonomy emerged as relevant associations to positive health and a set of 9 concepts ranging from life, activity, respect and maturity to felicity, security, time and help, complete the set of related associations to the new representation of positive ageing. The last quadrant, mainly

associated to social practices, includes the items particularly related to social interactional issues such as: conviviality, relationships, trips, patience, happiness, love and friendship. Further analyses allowed us to see the contribution of each of the age groups to the above results.

The correspondence analyses results run with the positive ageing data discovered a Phi indexed 0.2781.

Three main factors were found in such analyses and the two first factors together contributed to 75.78 % of the variance (factor 1= 43.58% and factor 2= 32.20%). A third factor by itself accounted for 24.22% of the variance.

The contributions of frequencies in each of the axes show for factor 1 an opposition between group 1 and group 4 while for factor 3 there is an opposition between group 1 and group 3.

The identified significant words which most contributed to factors 1 and 3 associated to the significant groups are graphically arranged and displayed in Figure 4.

Factor 1 shows a contraposition between group 1 (18 to 25 years) and group 4 (55 years

and +) so that younger subjects attribute to positive ageing the words happiness and experience while the older subjects attribute to positive ageing the words friendship, work and learning. This dimension seems to be emphasizing the positive aspects of interpersonal relationships where work and learning are part of it. Factor 3 shows a contraposition between group 1 and group 3 (41 to 55 years). In this dimension, the younger Ss associate positive ageing to pleasure and social interaction while Ss with ages varying between 41 and 55 contributed with the terms love, independent and participation. Overall, the words that present the higher frequency involve terms which show a very subjective contribution. So, in the two complementary analyses, positive ageing is seen as centrally involving knowledge, wisdom as the main core elements, followed by the happy conviviality. Maybe an important result here is the emphasis given to good health as a key element for positive ageing. This result comes in agreement with the research line developed by the Wisconsin group. Ryff (2010) associates positive aging to positive health.

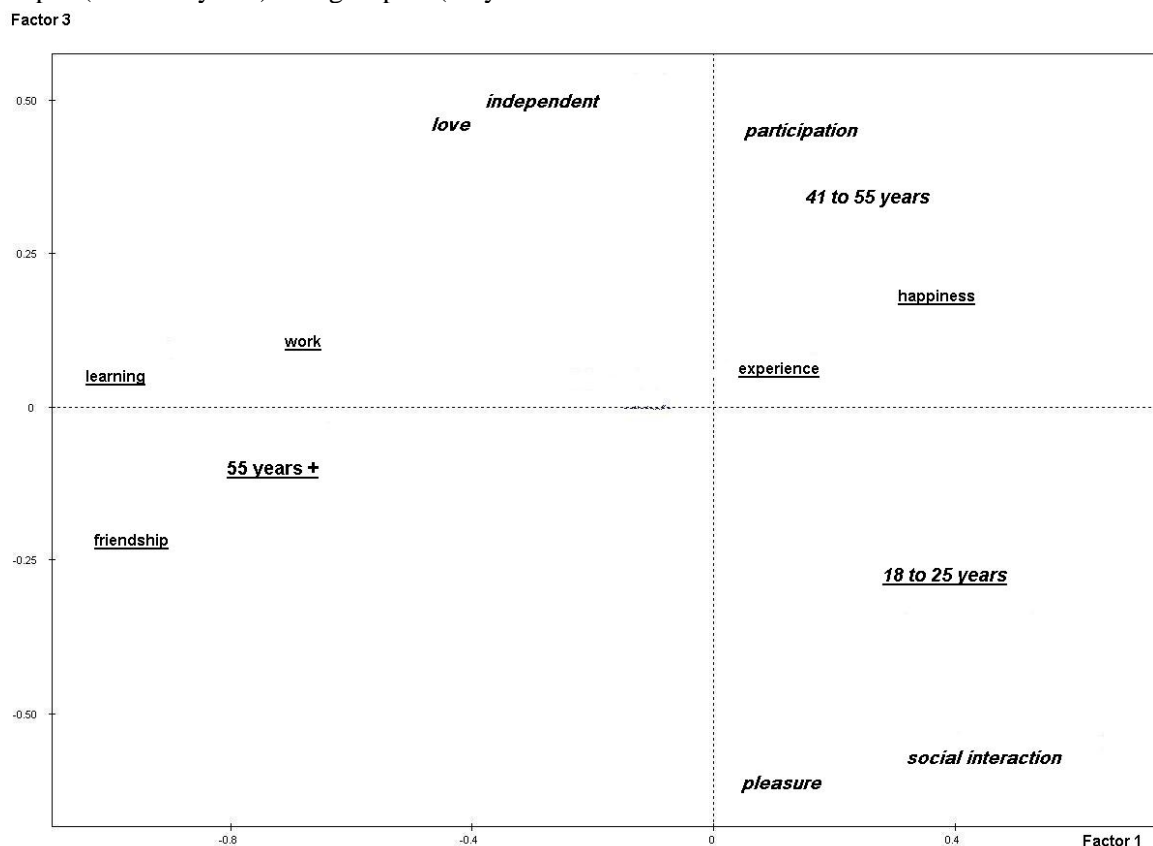


Figure 4 - Graphic representation of SPAD factorial analysis results for POSITIVE AGEING (factors 1 and 3).

Daily care subjects' results

The same set of questions was presented to a group of 69 elderly who frequented an institution which offered daily care. Responses were submitted only to EVOC analyses since subjects constituted a single homogeneous group in terms of age. Results for the representations of ageing are displayed in Figure 5.

The results of the daily care group suggest the same 'double bind' pattern found in the results of the larger group previously analysed. This group of subjects which is somehow secluded from the conviviality of others, frequenting the institution in a daily basis, conveys a set of responses which on the whole constitutes a representational structure characterized by both positive and negative concepts.

So, those subjects associated ageing primarily with illness and health as much as with happiness, loneliness and sadness.

Peripheral elements of the representation show the typical association of ageing with God, family and friends but also with death and fear. Longing, wisdom and fun were the outstanding answers present in the fourth quadrant which usually reflects the new concepts to be probably included in the core representation in a future instance.

The same subjects, when required to produce words associated to the concept of positive ageing, and after reading the definition given to the term, produced the following structure for the representation of ageing which can be seen in Figure 6.

The representational structure observed above in the four quadrants, displays a positive view of ageing. The first cell left and above, includes elements that were classified as first in a list and were mentioned with a higher frequency. It is to be remarked that the same elements which have, in the previous set of data, occupied a secondary place are now central in this representation.

MOE < 3				MOE > 3		
	Element	f	MOE	Element	f	MOE
1 >= 6	Illness	17	2,7	Family	24	3,9
	Health	13	2,7	Death	11	3,3
	Joy	9	2,3	God	7	4,4
	Loneliness	7	2,3	Love	6	4,1
	Sadness	6	2,6	Friends	6	3,8
1 < 6	Happiness	5	1,5	Enjoyment	5	3,4
	Experience	5	1,8	Wisdom	5	3,0
	Fear	5	2,3	Longing	5	3,2
Intermediary frequency: 6						
Medium rank evocation: 3						

Figure 5 - EVOC results on social representation of Ageing for all subjects.

MOE < 3				MOE > 3		
	Element	f	MOE	Element	f	MOE
1 >= 12	Family	28	2,6	Enjoyment	20	3,4
	Health	36	1,5	Friends	20	4,2
	God	12	2,0	Love	17	4,0
				Joy	14	3,2
1 < 12	Knowledge	5	2,0	Trips	6	3,1
	Good Food	5	2,6	Money	5	4,2
Intermediary frequency: 12				Acceptance	5	3,7
Medium rank evocation: 3						

Figure 6 – EVOC results on social representation of positive ageing daily care subjects.

Thus, family, health and God could be considered as the hypothetical central nucleus of positive ageing for this group of elderly.

The results here depicted show the magnitude of the change occurred in the structure of social representations after the introduction of the concept of positive health. When foreseeing a more positive development of life in their old age, subjects not only gave central importance to family and God in the first quadrant but also introduced the concept of health, showing their awareness of a healthy life as an intrinsic component of well being which accompanies a positive ageing process.

Discussion

Overall, results on ageing embrace a larger number of negative categories followed by elements with a more positive tone. Ageing was represented as a stage of life whereas individuals acquire some experience and wisdom which are followed by needs, body decay and death. The peripheral items which necessarily report to the central ones emphasize a life with tiredness and sadness where illnesses and eventual losses are present. The family occupies an important role in this representational structure. This representation of ageing is somehow compatible with the findings of different research initiatives done in the south of Brazil previously and illustrates the internalized negative attitude towards this stage of life.

However, factor analysis results revealed a dimension with the predominant contribution of the group of elderly subjects composed by responses which denote internal positive emotional states and perceptions such as happiness, health, joy and love, balanced by sadness and lack. Further, in factor 2 youngsters contributed with words which denote a somehow stereotyped view of the process of ageing such as maturity, knowledge and tranquility but also, surprisingly the tone of the contribution is again positive. This positive representation could be interpreted as an attempt to give a socially desirable answer and maybe does not correspond to the youngsters real experience. Still considering this dimension the group of older adults (46 to 55 years) contributed with a more negative tone bringing words such as loneliness, wrinkles and resting. Such results invite further research with the groups of younger (26 to 45 years) and

older adults which most probably had a greater contribution to the negative attributions towards ageing in the structural analyses. Important to notice that group 2 and group 3 include adults who are inserted in the work market and make attributions to the process of ageing taking into account the demands of their work activity and their projections to the future.

Results on representations of positive ageing obtained through structural analysis show a change in terms of content and attitudes direction when compared with the ones obtained for ageing alone. The new representational structure centered on the core elements wisdom, experience and health, together with the peripheral elements, show an emphasis on health, activity and food intake which can be interpreted as health care. The structural representation of positive ageing is also centered on conviviality, promotion of social life and relationships. Finally, it also considers internal stability of the elder person, contentment, security and autonomy.

It cannot be argued here that there was a change in social representations of ageing since the participants have been minimally exposed to the new concept of positive ageing. However, results can be considered as encouraging for any future state programme aiming at introducing the new concept.

Complementing this data, the factorial analysis on positive ageing contributions show a somehow positive but stereotyped set of answers from the younger subjects. This may be due to the fact that the large distance or gap in terms of age and the fact that there are few opportunities in real life for significant interpersonal relationships between those two age groups led the young subjects to produce socially desirable answers which maybe do not always correspond to their real experiences.

The older group of subjects is explicitly responsible for the inclusion of the categories work and learning as associated to the first factor. While the older adults give stress to love and participation to be interpreted as social inclusion as much as to independence, or autonomy.

This data on positive ageing can be considered as the beginning of a representational process, since subjects were not previously exposed to the conceptual information and were for the first time, invited to evoke associations respective to a new way of conceiving the process of ageing. However,

the category "learning", mentioned by elder respondents could be interpreted as considering positive ageing as an opportunity for growth and personal enrichment and self actualization. Such internal dispositions are similarly described by Gergen and Gergen (2002) in their discussion of positive ageing and on Ryff's conception of positive ageing. In a document dedicated to understanding positive ageing, Ryff mentions six dimensions of well-being which are very much in tune with the results found in this study, they are: autonomy, environmental mastery, personal growth, positive relations with others, purpose in life, and self-acceptance.

Results obtained with the elderly who visit a daily care institution on a permanent basis allow us to see the changes occurred in the structure of representations. Although it would be necessary to have more information about the conditions of life inside the institution to interpret such changes, the impact of the new concept on subjects' responses was very clear. Results suggest in the first set of representations a concern with health and possibilities of illnesses as a central element of the representation of ageing. This picture changes to what seems to be recognition of the importance of good health. Further, family and God became part of the central core of positive ageing representation followed by entertainment, happiness and leisure.

Important to mention that the recognition of health as a central element for the possibility of ageing well and in a positive way, is in compass with the conception of positive ageing espoused by Ryff's research program seen as a consequence of biological, physiological and neurological substrates as much as of psychosocial processes.

The results obtained on social representations of positive ageing also involved elements such as happiness, joy, relationships and friendships, all considered as hedonic formulations of well-being, that is a concept associated to positive ageing by Ryff's group which consider religion and spirituality as relevant issues concerned with well-being. In fact, elderly subjects from the daily care institution in the present research, associated God as a central element to positive ageing, probably referring to their spiritual beliefs or religious practices.

Finally, results showed some differentiated effects for the age groups variables. The

methodology and setting of the present study allows observing implicit intergroup sub processes such as in-group and out-group differentiations and stereotypic answers. The very nature of the association task elicits either self versus others or in-group versus out-group comparisons. It could be argued that cognitive social comparison possibly occurred when subjects were asked to categorize and classify their answers towards a stage of life that necessarily is the condition of the elderly. That is, the subjects were making a comparison between themselves as a member of a particular age group (in-group) with all others, members of the category of elders or the out-group.

Such hypothetical interpretation could be further checked in a future study which comprises in the instructions explicit assignments to either self or group categorizations.

Furthermore, typical studies on social stereotypes use techniques which have common aspects with the free evocation task used in this study. The common aspect refers to the cognitive activities of categorization and classification of items. Also, the centralities of the elements are arranged in function of the frequency and ranking order. In other words, studies focused on social stereotypes and on the structural approach of representations are based on the same cognitive processes.

Stereotypic signs appeared in two instances of the results. Firstly, on the strong negative tone attributed to 'ageing'. Considering that there are many ways of aging, dependant on variables such as: social class, income, education, health state, social insertion etc., the strong and frequent associations with experience, body and death, illnesses and loss, show a tendency to perceive ageing in a more typified way. Second, the young respondents answered in a positive typified manner which suggests a lack of contact with ageing people or a lack of knowledge about the issue. Important to stress here that in intergroup contexts where there is a marked categorization between "them" and "us", the out-group is generally perceived as having less favorable attributes compared to the in-group ones (Liu et al., 2003).

Group 3, characterized by subjects which are closer to the group of elderly in terms of their ages, had some contribution to the representations of ageing, which is mostly marked by a fearful tone followed by a

change to a more assertive contribution when making associations related to positive ageing. Subjects of their age cohort are contemplating issues such as retirement and changes in life style which are followed by such an event.

Finally, it is worth considering the social status and possible social power which in real social groups is attributed to individuals who are in their mid twenties to mid thirties (early adults), and individuals who are in their late thirties and mid forties. This status and power, when compared to the adolescents and senior citizens may be attributed in function of their insertion in the work world. Young and older adults are respectively starting a professional carrier or establishing one.

The present study cannot be characterized as a classical intergroup study so far as there were no clear manipulations of variables making the intergroup setting more salient. Nevertheless, it benefited from the intergroup approach by going beyond the mere description of social representations as produced by different groups bringing evidence to the strong influence of social categorization process and approximating the concepts of social representations to the intergroup processes. It also invites further initiatives to explicitly consider in their design variables such as: social comparison, social implication, discrimination, group distinction, stereotyping and prejudice. Those could contribute to unveil the real content of intergroup relations among intergenerational groups in the studies on ageing.

References

- Abric, J. C. (1998). Abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Ampudia, C. (2000). *Sentimiento de soledad en un grupo de adultos mayores*. Tesis de Grado. UNAM.
- Contarello, A., Romaioli, D., & Bonetto, R. (2009). Ageing and generations: A social representations approach. In M. Lopez, F. Mendez & A. Moreira (Eds.), *Saúde, educação e representações sociais* (pp. 89-104). Evora: Formasau.
- Doise, W. (1978). *Groups and individuals: Explanations in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Flick, U., Fischer, C., Neuber, A., Schwartz, F. W., & Walter, U. (2003). Health in the context of growing old: Health professional's social representations of health. *Journal of Health Psychology*, 8(5), 537-554.
- Flor, E., & Nascimento-Schulze, C. M. (2002). Representações Sociais da sexualidade: um estudo com mulheres da terceira idade. *Revista de Ciências Humanas, Série Especial Temática. Representações sociais: questões metodológicas*, 81-94. Florianópolis: EDUFSC.
- Gastaldi, A., & Contarello, A. (2006). Una questione di età: Rappresentazioni sociali dell'invecchiamento in giovani e Anziani. *Ricerche di Psicologia*, 20(4), 7-22.
- Gergen M. M., & Gergen K. J. (2002). Positive Aging: New Images for a New Age. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Ways of aging*. Blackwell, Oxford.
- Guimarães, M. C. T. Veloz (1997). *Velhice: perda ou ganho*. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Hertzog, C., Kramer, A. F., Wilson, R. S., & Lindenberger, U. (2009). Enrichment effects on adult cognitive development. *Psychological Science in the Public Interest*, 9(1), 1-65.
- Lebart, L., & Salem, A. (1988). *Analyse statistique des données textuelles*. Paris: Dunod.
- Lemos, E. F. (2001). *Atitudes de mulheres na terceira idade frente a sua sexualidade: narrativas de clientes no serviço de ginecologia do H.U.* Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Levy, B. R., Slade, M. D., Kunkel, S. R., & Kasl, S. V. (2002). Longevity increased by positive self-perceptions of aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(2), 251-270.

- Liu, J. H., Ng, S. H., Loong, C., Gee, S., & Weatherall, A. (2003). Cultural stereotypes and social representations of elders from Chinese and European perspectives. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 18, 149-168.
- Love, G. D., Seeman, T. E., Weinstein, M., & Ryff, C. D. (2010). Bioindicators in the MIDUS national study: Protocol, measures, sample and comparative Context. *Journal of Ageing and Health*, 22(8), 1059-80.
- Martins, C. R. M. (2002). *O envelhecer Segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais*. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Mendoza, L. (1999). *La representación Social de la Vejez*. Tesis de Grado. UNAM.
- Moscovici, S. (1976). *La psychoanalyse: Son image et son public – Etude sur la représentation sociale de la psychoanalyse*. Paris. Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Ed.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 287-299.
- Nosek, B. A., Banaji, M. R., & Greenwald, A. G. (2002). Harvesting implicit group attitudes and beliefs from a demonstration website. *Group Dynamics*, 6, 101-115.
- Ryff, C. (2010). *Understanding positive aging*. Institute on Aging. University of Wisconsin – Madison. Online Publication. <http://aging.wisc.edu/research/affil.php?Id=55>
- Seligman, M. E. P. (2008). Positive health. *Applied psychology: An international review*, 57, 3-18.
- SPAD (2008). *Guide de l'utilisateur*. Courvoise, France: Coheris SPAD.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories. Studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Teixeira, M. C. T. V. (1999). *Representações sociais sobre a saúde-doença na velhice: Um diagnóstico psicossocial na Rede Básica de Saúde*. Tese de Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Teixeira, M. C., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2002). Representações sociais sobre a saúde na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 351-359.
- Turner, J. C., & Giles, H. (1981). *Intergroup behaviour*. Blackwell. Oxford.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações Sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.
- Vergès, P. (1999). *Ensemble de programs permettant l'analyse des évocations: Manuel d'utilisateur*. Aix en Provence: Université Aix en Provence.
- WHO (2002). <http://www.who.int/ageing/publications/active/en/index.html>

Enviado em Novembro de 2010
 Aceite em Março de 2011
 Publicado em Julho de 2011

Social representations and stakes across borders: studying ageing in times of change

Maria Macedo Nagel

Università degli Studi di Padova, Itália

Alberta Contarello

Università degli Studi di Padova, Itália

João Wachelke

Università degli Studi di Padova, Itália

Abstract

After a brief overview of recent approaches to the study of ageing between stereotypes and representations, a study is presented in order to explore the social representations of the elderly in three contexts differing for age structure of the population and for main institutional stakes. Brazilian, German and Italian data were collected via a free association task to the stimulus-word “the elderly” and analysed through content and correspondence analysis. The results bring partial support to the expectations as the three national groups present some differences, both in the content of the representation and in positions taken along the detected underlying dimensions, which appear to reflect and re-launch differences in political and public agendas. Methodological issues concerning cross- and inter-cultural research are also raised and discussed.

Keywords: Social representations, Ageing, Stake value, Geopolitical contexts.

Representações sociais e desafios além de fronteiras: estudando o envelhecimento em tempos de mudança

Resumo

Depois de um breve panorama das abordagens recentes para o estudo do envelhecimento entre estereótipos e representações, um estudo é apresentado com o intuito de explorar as representações sociais do idoso em três contextos diferenciados quanto à estrutura etária da população e aos principais desafios institucionais. Dados brasileiros, alemães e italianos foram coletados por meio de uma tarefa de associação livre para a palavra-estímulo “o idoso” e foram analisados através de análise de conteúdo e correspondências. Os resultados trazem suporte parcial para as expectativas, já que os três grupos nacionais apresentam algumas diferenças tanto no conteúdo da representação, quanto nas posições assumidas ao longo das dimensões subjacentes detectadas, que aparentam refletir e relançar diferenças nas agendas políticas e públicas. Questões metodológicas envolvendo a pesquisa cultural comparativa e intercultural também são levantadas e discutidas.

Palavras-chave: Representações sociais, Envelhecimento, Valor de desafio, Contextos geopolíticos.

The world population is ageing with a speed which has seldom been encountered. This happens – and has happened – with great disparity between and within groups. These dramatic changes provide an intriguing scenario and call for research within social

psychology, especially within the social representations perspective, in search of new contents and structures of meaning.

Research on the shared knowledge about elderly people, old age and ageing has been conducted both from the social cognition and

social representations perspectives. From a social cognition perspective, the theme has been exploited in terms of stereotypes, prototypes, prejudice (ageism, e.g. Giles & Reid, 2005) or processes that can control and de-bias social thought (e.g. perspective taking vs. stereotype suppression, cf. Galinsky & Moskowitz, 2000). Studies aligned with this tradition show mostly a negative bias against the elderly, although other variables such as the quality of contact with elderly people, target gender, differences in target age and study design can moderate the results (Hale, 1998; Kite, Stockdale, Whitley, & Johnson, 2005). They also indicate that evaluations of the elderly are multidimensional and affectively mixed; that is, formed by both positive and negative traits. There are good and bad stereotypes related to the elderly (Brewer, Dull, & Lui, 1981; Hummert, 1990; Fiske, Cuddy, Glick, & Xu, 2002; Kite, Stockdale, Whitley, & Johnson, 2005), similar in content among younger and older people, but growing in complexity as people get older (Hale, 1998; Hummert, Garstka, Shane, & Strahm, 1994).

In a parallel way, research on social representations of ageing has been flourishing in the last decades both in Europe and in Latin America, but also globally, devising theoretical and methodological frames in order to study this *issue*, turning attention to the topic at various levels of abstraction. Along time, the social representations of the elderly, of old/third age and of ageing have been explored from a more “concrete” to a more abstract level (Magnabosco-Martins, Camargo, & Biasus, 2009). Similarly to what could be concluded from social cognition studies, the most common pattern of results from social representation studies, found across various European and Latin American countries, points out to the organization of the contents of ageing in two dimensions: a positive and a negative one, reflecting psychological and biological gains and losses derived from getting older (Gastaldi & Contarello, 2006; Gaymard, 2006; Magnabosco-Martins et al., 2009; Moliner & Vidal, 2003; Veloz, Nascimento-Schulze, & Camargo, 1999; Wachelke, 2009; Wachelke et al., 2008). However, while that pattern seems to be general, there are differences in representations linked to different age groups and cultural contexts. Healthy elderly people usually mention more concrete and positive elements than young people, who share a

representation with a majority of negative aspects (Gastaldi & Contarello, 2006; Gaymard, 2006; Hubbard, 2007; Magnabosco-Martins et al., 2009; Wachelke, 2009). Recent research with Italian and Brazilian participants confirmed the existence of differences in the social representations shared by age groups – Italian elders present a representation that is more concrete and richer, while Italian youngsters activate proportionally more normative schemes – and by people from different countries – Italian young people hold a representation with more activated relationships than Brazilian participants from the same age range, and both representations differ in content (Wachelke & Contarello, 2010). The gender variable, in contrast, does not play a clear role in segmenting social representation knowledge; some studies indicate that women emphasize aspects related to beauty and family (Veloz et al., 1999), others suggest that women evaluate ageing more positively than men (Gastaldi & Contarello, 2006) while others again indicate only minor peripheral differences (Wachelke & Contarello, 2010). No defined trend can be outlined from the literature.

Focusing on the elderly, beyond classical stereotypical images (the wizard and the fool) (cf. Jodelet, 2009), (re)new(ed) shared images appear: among them, the weak subject in need of care (both in terms of social exclusion and of health needs) and the liberated person, finally free from social constraints (although considered with interested suspicion by younger relatives). Research carried out along time in the United States, indicated stereotypes such as elder statesperson, grandmother, elderly citizen and inactive (Brewer et al., 1981; Schmidt & Boland, 1986) and “cultural archetypes” such as: golden ager, John Wayne conservative, perfect grandparent, shrew/curmudgeon, recluse, despondent, and severely impaired (Hummert et al., 1994). Recent research that inquired the cultural basis of such knowledge structures in New Zealand showed the existence of differences in the social representations of the elderly in New Zealanders of European vs. Chinese descent with greater complexity in the former and more reference to implicit role relations in the latter (Liu, Ng, Loong, Geel, & Weatherall, 2003). However, from cluster analyses performed after a card-sorting task, two strong shared patterns

emerge, which the authors interpret as traits that might represent the “hot core” of the representation, maybe universal: curmudgeon and nurturant, with the former particularly linked with the Chinese New Zealander subsample who also share other subtypes: elder statesperson, impaired, old-timer.

Closer to the cultural groups considered in the present paper, research conducted in Brazil by Magnabosco-Martins et al. (2009) with lexical analysis of interview data brings little support to the claim of a wide generality of the ill-tempered, curmudgeon, type: the four clusters that result from adolescents, adults and elderly participants point to changes in relational bonds with the family, self-perception as aged, issues linked with retirement and experience and prejudice.

Also in Italy, archive research on the representations of the elderly carried out with content and correspondence analyses of literary texts (Contarello, Marini, Nencini, & Ricci, 2011) shows only in part the persistence of the curmudgeon type, in a book located in a shelter home. Withdrawal, impassibility and decline appear in the text with stronger evidence, counterbalanced by the generative power of affective and love relations. In a collection of short stories depicting elderly women living on their own, this kernel disappears leaving room for perceived loss vs. maintenance of energies, bodily aspects vs. emotions, beauty of the past vs. vitality of the present and fragility vs. resistance. It is mainly this last resource that constitutes a powerful mark to define advanced elderly women depicted in the book. Other studies in Italy and elsewhere underline the

emergence of multiple images and shared conceptions of the elderly with growing multidimensionality and ambivalence (Deponte, 2008).

This variety in the results might clearly be due to methodological differences, as well as to characteristic demands or again to different aims purchased in the various frameworks in which the enquiries have been conducted. It however opens new questions as regards general and specific views on ageing, mainly in terms of social representations.

A social representations perspective allows to take jointly into account social and psychological processes, as well as macro, meso, and microlevels of analysis. Flick's (1998) schematization appears here helpful, suggesting studying the area defined by macro-structural changes, changes in practices and everyday life activities, and changes at the level of individual and relational experiences (Figure 1).

At a macro level, as we know, the whole world is ageing, but with a different pace in different regions and areas: longevity has not been unknown in the past but the number of people who are expected to reach a remarkable age is growing very quickly (Cesa Bianchi, 1987, 1998), although with great variety and disparity around the planet. Italy, in this regard, is one of the most “aged” countries (the first until some years ago, now surpassed by Japan), followed closely by Germany, but also “new Countries” such as the Brazilian subcontinent, are presenting and foreseeing dramatic changes, as illustrated in Figure 2.

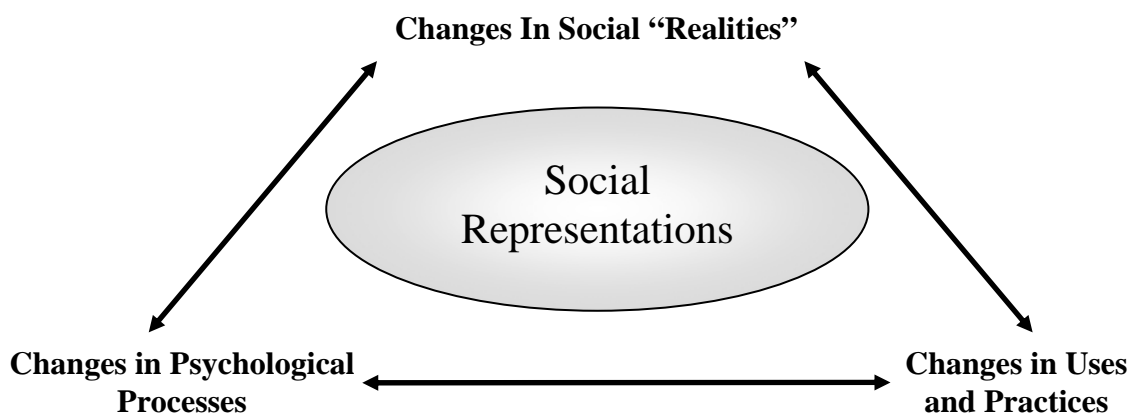


Figure 1 - The space in between (Flick, 1998; cf. Moscovici, 1961/76).

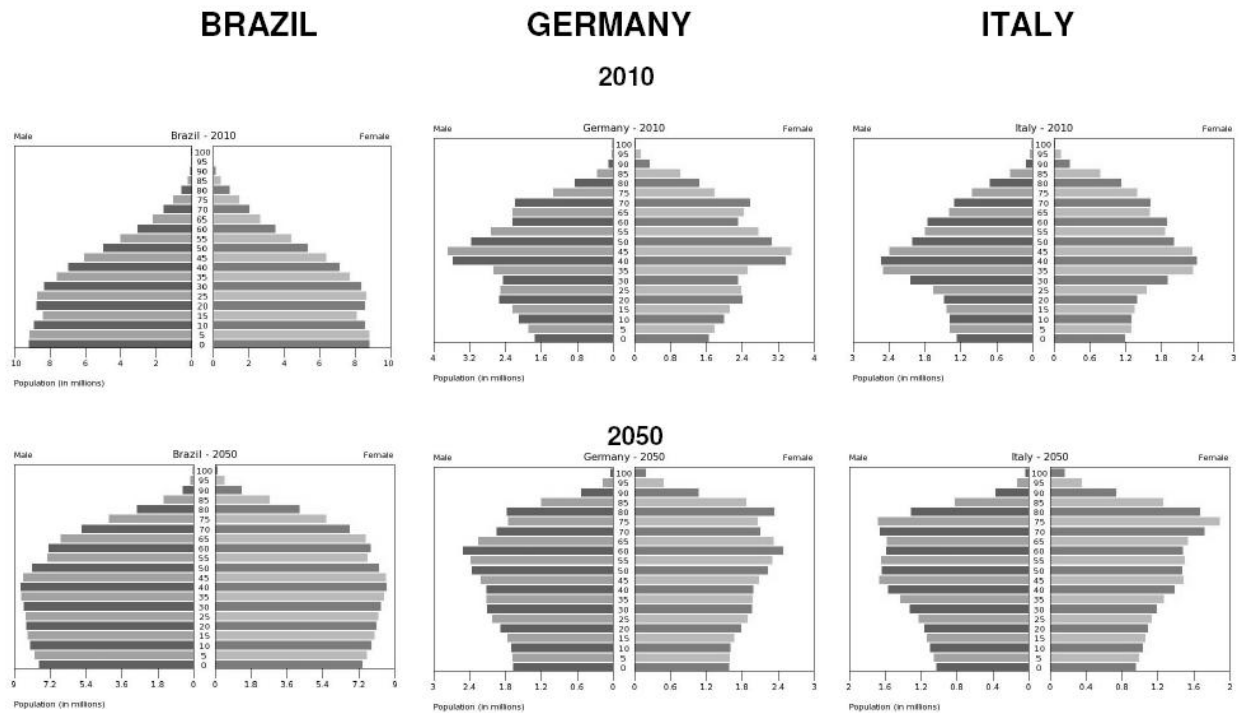


Figure 2 - Age structure of population 2010 x 2050 (US Census Bureau, 2010).

Specularly, ageing assumes new stake values, both at a general level and at more specific ones. If a wider proportion of the population has more chances to get older, it becomes a shared aim to look for improved ways of ageing, suitable to expand and enrich this new “time for life”. Both in terms of social policy and of theoretical advancements, we thus encounter new agendas and proposals.

In the Nineties the World Health Organization launched the idea of *Active Ageing* to enhance the process of optimization of opportunities regarding health, social participation and security (cf. WHO, 2002). The aim was to promote physical and psychological well-being towards an enhanced quality of life of the elderly and of the population in general, following the principles of human rights and equal opportunities. The term Active refers here not just to movement or exercise but to active participation on economical, social, cultural grounds, by elderly people, including those with handicaps or disabilities. Underlying Active Ageing, there are determinants of varied nature: *economic, behavioural, personal, physical, social, and linked with health and social services*. These recommendations have been later introduced more locally, with more specific guidelines and concerns.

In parallel, within the social psychological domain, new theoretical advancements have been proposed, mainly by Baltes and Baltes (1991) who studied what they named “successful ageing” in a main stream perspective and by Gergen and Gergen (2000, 2002) who deepened the inquiry on “positive ageing” along a social constructionist line (cf. Contarello, Romaioli, & Bonetto, 2009).

These advancements, both in terms of social policy and of theoretical developments, did later expand and penetrate at a national and regional level.

Main institutional stakes regarding ageing in three countries

First, let us consider a “country of young people”: the recent and fast demographic change in Brazil led to a National Policy of the Elderly only in 1994. Current national guidelines regulate fundamental rights of the elderly in terms of health, leisure, culture, work, housing, transportation and other civil areas (Ministério da Saúde, 2003). Having in mind the national standards, there is considerable autonomy also for health promotion and health care actions at the level of cities (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2006).

According to Carvalho and Rodríguez-Wong (2008), the demographic change in Brazil presents both opportunities and challenges. Structural reformations linked to social security will be necessary to handle high and stable elderly dependence rates, but the reduction of the young population might be associated with higher return from the resources invested in it. It is maintained that it will be essential to prepare well the future generations to become an effective workforce, as they will be the ones responsible for making up for a growing proportion of dependent elderly people. As a consequence, investing in health and education will not only be important for the quality of life in the future, but will also enable the balance of the whole society. In the same vein, Melo et al. (2009) defend that broad efforts of health education directed towards the needs of elderly people and specific aspects of the ageing process are a pathway for the social integration of older people through the identification of situations of disadvantage and inequality and their overcoming.

More focused on the psychological dimension of the phenomenon, Schneider and Irigaray (2008) state that the increase of the elderly population in Brazil will force a discussion of the views of Brazilian society in terms of old age and the elderly; but that it is still impossible to predict if there will be a revision of stereotypes and beliefs, and if that change will be positive or negative.

In Germany the urgency of new social policies and changed attitudes is increasingly perceived. The ageing of the population, the decrease in birth rate (at top levels with Japan and Italy) and the increase in heterogeneity due to immigration brought governmental institutions to start projects and to propose dedicated guidelines. Along this path, the President of the Republic, Horst Köhler, founded in 2005 a Demographic Change Forum. The ageing issue has been approached from different perspectives with the involvement of several Offices, including the Federal Ministry of Family Affairs, Senior Citizens, Women, and Youth and the Federal Ministry of Transportation Building and Urban Development. There is a wide spread concern with the consequences of an ageing society and reflections have been raised to counterbalance negative attitudes and stereotypes. For instance,

in “The role of the elderly in an ageing society”¹ Ursula Lehr, both an academic and a former Minister of Family, maintains that: the elderly and the youth have joint responsibilities (joint actions and opportunities are needed of mutual learning and help); the elderly constitute an important economical force (an ageing society has not only costs but also gains, the importance of the elderly for new features of the market should be recognized and exploited²); what is needed is not a new policy for the elderly but a policy with and for them. Another concern, shared with other European countries, is to extend the presence of the elderly in the workforce, as active producers in society (Federal Ministry for Family Affairs, Senior Citizens Women and Youth, 2007). The theme of inclusion is further enhanced when disabled people are considered. Due to specific historical reasons, in Germany the number of disabled individuals who are entering a later phase of their life constitute a new phenomenon. In a brochure of a demographic report issued by the German government it is stated that: “Until now, few of these people had any prospect of a long life in Germany. Due to the National Socialists’ extermination policies, people with congenital disabilities are almost entirely absent from the age groups of 60 years and older”³. This, added with the more generally encountered improved living conditions, let foresee a growing numbers of disabled seniors who, at present, have little chance apart from living in dedicated homes. The above mentioned study from the Berlin Institute, where we found the present picture, informs that “some civil society initiatives – such as “Mehrgenerationenhäuser” (houses shared by multiple generations) and neighbourhood management projects – are already illustrating the possibility of successful inclusion” and concludes that “a paradigm shift, from care to participation, has yet to be realised in the everyday lives of the disabled – despite being advanced by professionals and initiated in legislation”. Apart from disability,

¹ www.projectcare.de/infothek/gastbeitrag_ursula_lehr.php

² In particular with the development of information and communication technologies (ICTs), new services such as telecare and “smart homes” might find a greater diffusion (www.ict-ageing.eu).

³ www.berlin-institut.org/selected-studies/elderly-and-disabled.html

the theme of ageing people and ageing society is widely treated at institutional, cultural and communicative levels, mainly through mass media. For instance, a wide project entitled “Active in Ageing” has been initiated in 2008 by the Federal Ministry of Family Affairs, Senior Citizens, Women, and Youth and sponsored by public and private entities. It involved more than one hundred and fifty villages and towns in order to encounter requests and needs of the elderly and including them in participatory processes. Interdisciplinary research groups have also been activated in order to better understand the state of the art and facilitate social inclusion. But a very sensitive topic concerning ageing, in these days, regards retirement with the pension reformation which was signed in 2007, became law in 2008 and will become effective in 2012⁴, resulting in growing discrepancies between salaries and pensions. Similar to the general European trend but with its own specificities, the German way is accompanied by fear and uncertainties in various sections of the population⁵.

Finally, in Italy, a brief overview of key - words and communication campaigns regarding ageing promoted by the Ministry of Health in the last years, indicate: self-monitoring through correct eating, physical activity and ways of using leisure; need of intra-generational support accompanying the more usual inter-generational one, due to the inversion of the demographic pyramid and thus the growing number of families without children; primacy of prevention from illness and climatic strains⁶. But health, although conceived of primary importance, remains one between others domains of concern: following the WHO guidelines, different areas are considered in the general social agenda: culture, permanent education (mainly with ICTs to cope with the digital gap), leisure, self-help and, in general, prevention (De Beni, 2009).

Scholars and practitioners converge in considering, jointly, the role of micro (personal) and macro (socio-economic-cultural) interventions. On one side, adaptive strategies are studied and promoted - in terms of life-

styles, cognitive and physical abilities and social commitment focused on relationships— and particularly of self-efficacy, coping and resilience (Marigo, Borella, De Beni, Caprara, & Fernández-Ballesteros, 2009). Family relationships also play an essential role (Tamanza, 2001). On the other, the role of public services is enhanced, as well as the urgency of organizing such services in ways that take into account three aspects: a new idea of the elderly overcoming a simple biomedical view of health towards a multidimensional one (WHO, 2002); the need of a network of services encompassing different possible solutions for different requests (from daily centres to home-residential structures); multidimensionality of the approaches and multi-professional work dedicated to the care of the individual in his/her wholeness (Pavan, 2009). On the social pole, key words which are often raised are: rights and solidarity; culture of citizenship (with concerns in terms of social inclusion vs. exclusion); individual and political history aimed to promote and support ageing (Scortegagna, 1999). Aligned with the last point, with the institution of the Memory Day in 2000, following the international demand to institutionalise a commemoration of the victims of the Shoah, a special attention has been given to witnesses of the Second World War, i.e. elderly people, who have been invited to speak in schools and in the mass media.

All these recommendations and guidelines indicate virtuous routes that should be covered, although most of the efforts of public and private services are dedicated to impaired elderly over eighty and individuals affected by dementia (Pavan, 2009) and positive actions and dispositions are mostly supported by voluntary efforts. However, centres of research as well as cultural and social circles have and are growing at an exponential rate.

Two further aspects are often raised in everyday communication, mostly conveyed or expanded through mass media. The first regards, as we saw for Germany, the growing purchasing power of a wide slice of the elderly population that attracts the interest of the market towards these new potential buyers. It is however interesting to note how the elderly are little represented in advertisement and, when they are, in a little enticing way (Hubbard, 2007; Leone, Mastrovito, Polo, & Contarello, 2010).

⁴ www.planetsenior.de/renteneintrittsalter

⁵ Holger Viebrok, in www.bmfsfj.de.

⁶ www.salute.gov.it

The second pertains, again, the hot debate on the reorganization of retirement and pension rights, a theme which is a key issue, in Europe and in the world, with the generation of “Baby Boomers” entering its retiring age. In Italy as well, the reformation of the pension system is raising controversies and severe concerns, opposing private and public work sectors, on the one hand, and people from different generation, on the other, with an approach to the problem as if it were a “zero sum” game.

It is also worth noting that the economical trajectories of Europe and emerging countries (including Brazil) go to opposite directions. Although the current economical crisis has global reach, its effect is being felt differently: a step backwards with a feeling of loss in the former and more like a deceleration – or an opportunity? – in the latter. This very likely is reflected at collective emotional states (Frijda, 1997), which might also account for a good deal of shared thinking contents and of the constitution of institutional agendas.

From this brief overview it is already possible to identify both common and quite specific aspects of the three contexts in dealing with the topic of ageing. The aim of the present research is thus to explore social thinking on the elderly in “everyday people” in order to empirically illustrate the reciprocal association between macro-cultural and social-psychological levels present in social representations theory and more explicitly in

Flick (1998)’s model. By macro-cultural we mean geo-cultural contexts that differ both in demographic profiles and in particular institutional stakes; at a social-psychological level we took into account the affiliation to those macro cultures but also specific positions, within each context, in terms of generation and gender.

Method

Design

The research is of an exploratory kind, aimed to inquire the social representations of “the elderly” – our textual variable - with a balanced design, taking three variables into account: geo-political context (3: Brazilian, German, Italian), gender (2: women, men) and generation (2: young, elderly) of the respondents.

Participants

The average age of Italian and German participants has been chosen following the WHO’s definition: 65. Considering that Brazilians have a shorter life expectation and retire earlier than Europeans, we included participants over 60. Table 1 presents the distribution of participants regarding the study design, also presenting the mean age for each condition.

Table 1 - Participant distribution in study design conditions (mean age in parentheses).

Generation	Cultural context						
	Brazilian		German		Italian		
	Women	Men	Women	Men	Women	Men	
Young	25 (21,96)	31 (21,16)	36 (21,03)	30 (20,83)	36 (21,05)	34 (22,56)	192
Elderly	26 (64,92)	23 (67,61)	30 (70,77)	31 (71)	31 (73,61)	35 (71)	176
Total	51	54	66	61	67	69	368

Instrument

The instrument consisted of a free association task. Participants had to provide three responses (words or expressions) immediately brought to their minds by the stimulus expression “the elderly person is...”.

Procedure and data analysis

The convenience sample of 368 participants was formed with the help of personal contacts from one of the authors (MMN), who has lived in cities in the three

considered Countries. Most elderly Italian participants were contacted in a Third Age centre in the city of Vicenza (N = 36). The other ones were found with the help of friends and acquaintances from the cities of Piacenza, Vicenza, Monfalcone, Ravenna and Manfredonia. Most of the young Italian participants (N = 51) were undergraduate students in the University of Padua; the others were contacted through acquaintances in the cities mentioned above. The young and elderly German participants were invited to participate

through personal contacts in various German cities: Bassum, Lohra e Nordhorn (North), Krefeld, Moers, Wetzlar (Center), Schwäbisch Gmünd (South); Dresden, Chemnitz e Görlitz (East). The Brazilian participants were contacted with the aid of a personal network in the Rio de Janeiro region. Questionnaires were completed individually by the participants.

Data analysis was conducted with the help of Spad.T software. Responses were classified and grouped in terms of similarities of meaning by means of content analysis. Two main analyses were conducted to assess the associations of the variables of the study. Specificity analysis aimed at identifying vocabulary that was specifically linked to each group. Correspondence analysis was conducted so as to identify the main associations among words, also taking into account the three design variables (cultural context, generation and gender) as illustrative variables. The interaction between generation and cultural context was also considered as an illustrative variable to help the interpretation of results.

Results

The content of the representation

A total of 1101 lexical forms were provided, with 49.8 of distinct forms. After the usual treatment of the text reducing synonyms and antonyms and fixing a frequency threshold at 2, the associations produced by the 368 participants gave rise to 81 distinct (categories of) words. The most frequent ones are: experience (N=118), wise (N=78), in need of help (N=48), slow (N=41), weak (N=34), affable (N=kind, benevolent) (N=28), alone (N=27), calm (N=27), affect (N=24), elderly (aged, no more young, ahead in years) (N=23), active (N=19), giving help (N=19), happy-allegro (N=19), beautiful (N=18), intelligent (N=18), world-wise (N=18), forgetful (N=17), stubborn (N=16), fragile (N=15).

As regards the geo-political context, screening the lexical forms typically associated by participants of the three groups through the specificity test provided by the software, we find in Brazilian responses: competence and experience, positive and affective nuances (it is worth noting that good and joyful – *alegre* – are not only specific but also exclusive of this group), offered help (protection) and equality (equal to others, which also rise the theme of rights), but also need for help and elements of exclusion (cast aside). The association “brave”

lets us think of challenges faced by the elderly, while the association “stubborn” adds to this some element of rigidity and obstinacy.

As regards the associated lexical forms typical of the German sub-sample, wisdom and satisfaction go hand in hand with elements of restrain (slow, modest, weak, poor, with the last two terms exclusively provided by this group), counterbalanced with mental (open/interested) and spiritual (creature of God) features (Table 2).

Finally, in the specific Italian answers, memory comes first (and only here), followed by maturity, provided help and need for inclusion (someone to accept, only mentioned by this group of participants). The theme of retirement is raised particularly/almost exclusively by these respondents, as well as loneliness and a sort of playful attitude to life (adult child, idiosyncratic of this group). Physical feature appear in the form of wrinkles.

The comparison in terms of age shows that young participants associate specifically, both positive nuances (wisdom, beauty/*bello*, affection), and critical aspects (fragile, lonely). Reference to the family is also typical of young people as well as (and only of them) conservatism. Interestingly, the Oxford dictionary defines this word “the tendency to resist great or sudden change” and immediately illustrates it with “the innate conservatism of older people”. Yet, no elderly in our sample mentioned this element in connection with the stimulus word.

From the elderly, on the contrary, a general positive picture emerges in terms of maturity, satisfaction, usefulness altruism. Efforts and challenges appear as well (hope, bravery) although an external undermining view is critically advanced (poorly valued, worked for us) and diminished energy is admitted (less efficient). With a mirror-like pattern, while conservatism is only reported by young people, here an exclusive association is found with flexibility (Table 3).

Specific words by gender are less frequent. Women mention affective and relational elements – to be helped (10/13), lonely (18/27), affect (16/24) – while men associate features of experience, activity and understanding: person who has seen a great deal of life (experienced person) (14/18), worker (9/11), sympathetic (4/4). Statistics relative to the last term shows only a trend ($p < .06$), but only men report it within the participants.

Table 2 - Specific vocabulary by cultural context.

Group	Lexical form label	Percentage		Frequency		V. Test	p
		Internal	Global	Internal	Global		
Brazilians	competent	2,63	0,75	8	8	3,944	0,001
	someone to help	2,96	1,22	9	13	2,803	0,003
	cast aside	2,63	1,03	8	11	2,768	0,003
	experience	15,46	11,04	47	118	2,734	0,003
	stubborn	3,29	1,50	10	16	2,620	0,004
	good	2,96	1,31	9	14	2,533	0,005
	joyful	3,62	1,78	11	19	2,491	0,006
	brave	1,32	0,37	4	4	2,487	0,006
	needing help	6,91	4,49	21	48	2,178	0,015
	protective	2,30	1,03	7	11	2,157	0,016
	equal to others	1,97	0,84	6	9	2,077	0,019
	affect	3,95	2,25	12	24	2,063	0,020
	sensitive	1,64	0,75	5	8	1,685	0,046
Germans	slow	6,74	3,84	25	41	3,342	0,001
	satisfied	2,16	0,84	8	9	3,022	0,001
	reasonable	1,89	0,75	7	8	2,719	0,003
	wise	10,24	7,30	38	78	2,532	0,006
	open	2,16	1,03	8	11	2,283	0,011
	modest	1,08	0,37	4	4	2,187	0,014
	poor	0,81	0,28	3	3	1,733	0,042
	weak	4,58	3,18	17	34	1,696	0,045
	creature of god	1,89	1,03	7	11	1,674	0,047
Italians	memory	1,78	0,65	7	7	3,124	0,001
	mature	2,54	1,12	10	12	3,017	0,001
	retired	1,52	0,65	6	7	2,265	0,012
	lonely	4,06	2,53	16	27	2,203	0,014
	wrinkled	2,03	1,03	8	11	2,126	0,017
	helpful	2,79	1,78	11	19	1,656	0,049
	someone to accept	0,76	0,28	3	3	1,647	0,050
	adult child	0,76	0,28	3	3	1,647	0,050

Table 3 - Specific vocabulary by generation.

Group	Lexical form label	Percentage		Frequency		V. Test	p
		Internal	Global	Internal	Global		
Young	wise	10,50	7,30	59	78	4,217	0,001
	beautiful	2,85	1,68	16	18	3,027	0,001
	affect	3,38	2,25	19	24	2,495	0,006
	wrinkled	1,78	1,03	10	11	2,366	0,009
	family	1,96	1,22	11	13	2,112	0,017
	fragile	2,14	1,40	12	15	1,922	0,027
	conservative	0,89	0,47	5	5	1,753	0,040
	lonely	3,38	2,53	19	27	1,696	0,045
Elderly	mature	1,97	1,12	10	12	2,258	0,012
	satisfied	1,58	0,84	8	9	2,226	0,013
	useful	1,78	1,03	9	11	2,023	0,022
	full of hope	0,99	0,47	5	5	1,982	0,024
	flexible	0,99	0,47	5	5	1,982	0,024
	altruistic	1,38	0,75	7	8	1,963	0,025
	poorly valued	0,79	0,37	4	4	1,642	0,050
	less efficient	0,79	0,37	4	4	1,642	0,050
	worked for us	0,79	0,37	4	4	1,642	0,050
	brave	0,79	0,37	4	4	1,642	0,050

The structure of the representation

In order to detect underlying principles governing the representation, a correspondence factor analysis was carried out. On the basis of the Scree test four factors appear to be prominent (Figures 3 and 4).

The first factor (Inertia=2.25%) can be named Loss & Resources vs Assets/Qualities and opposes a traditional view of decline and possible exclusion (worry, insecurity, loneliness, need, devaluation), only slightly counterbalanced by some resources (being a reference point, having something to teach, showing courage and being a creature of God...) to a very positive view, mentioning social inclusion, positive emotions (joyful-*alegre*, satisfied) and nuances in the present and past (useful, experienced person) with elements of denial. Retirement and work, in this context, appear to be elements deserving further analysis. The first pole is expression of women and elderly participants; while the second is associated with men and younger participants. A closer analysis in terms of illustrative variables, considering the interaction between generation and national context, shows that

young German and young Brazilian respondents take position on the positive pole, elderly German and elderly Brazilian ones on the negative, while the Italian respondents do not take position along either pole of the factor.

The second dimension (cumulative inertia=4.48%) opposes the usual, well-known picture of deceleration and Decay, on the one hand, to a view of Fulfilment on the other. Loneliness, forgetfulness, weakness, aesthetic changes (wrinkles) give voice to the *leitmotif* expression "it's bad to become old". Knowledge, wisdom and hope however spin out or lighten this perspective that is mostly offered by the Italian (young) and German (young) respondents and, overall, by the younger ones. On the opposite pole, the view of a content and satisfied person, who had something to say and give and continues to be potentially a reference point is offered by the elderly and by the Brazilian (both young and elderly, also German elderly) respondents. The element of activity is included in this kernel as well as reference to spiritual aspect (creature of God).

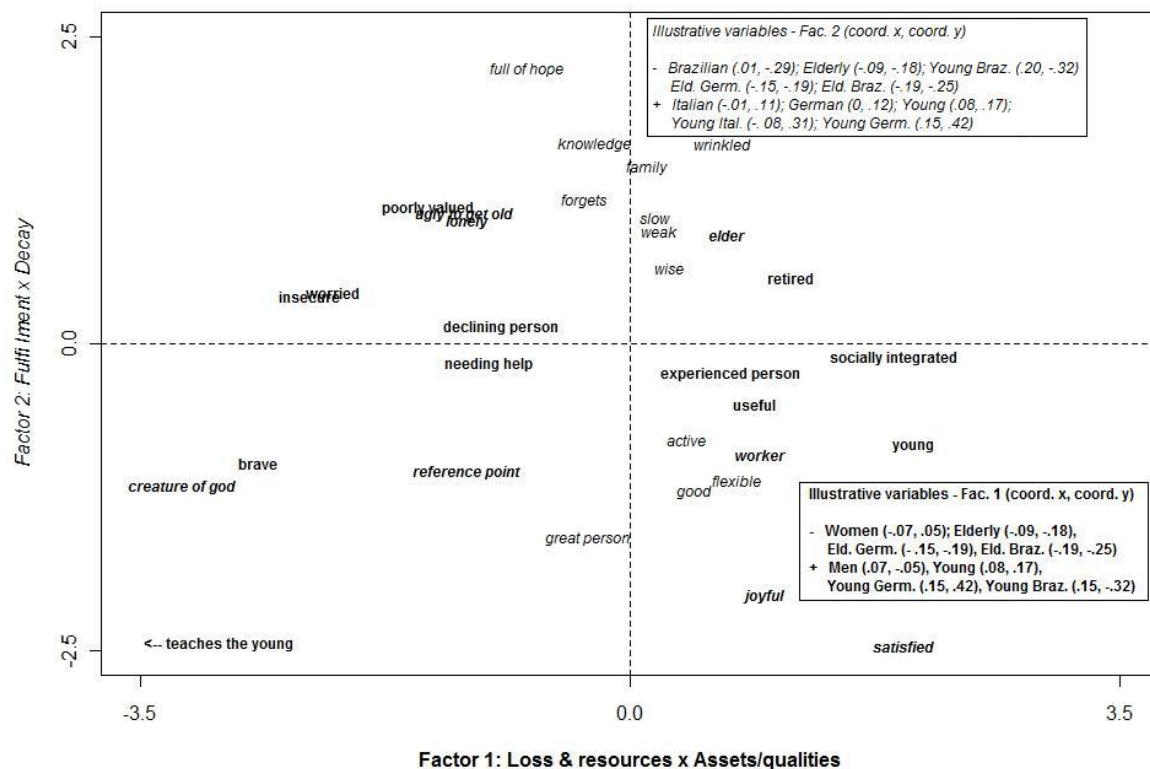


Figure 3 - Correspondence analysis: factors 1 (bold) and 2 (italics).

The third factor (CI=6.66%) contrasts Lights & shadows, enhancing elements of need, insecurity, vulnerability, tiredness and devaluation, but also qualities and shortcomings linked with old age (calm, prudence, will to struggle... stubbornness) with a somehow positive view of a still young living being, socially integrated and useful, retired, advisor and reference point) which however relegates the elderly in the past: a living witness of what does no more exist, History & memory. This second view is voice of Italians (both young and elderly) and of young respondents, while the first of Brazilians (both young and elderly), and elderly ones. Interestingly, young German participants take position on the second pole, while elderly ones on the first, enhancing need, insecurities and characteristics of getting old.

The fourth dimension (CI=8.77%) opposes again a more negative view, enhancing decline and roughness –the elderly is seen on a declining line, ill-tempered, crabby and devalued– to a more positive one, underlying the element of respect that has to be paid to those who worked and contributed in the past and still can work with competence nowadays (equal to others). We propose to name the

factor: Change into negative vs. Positive evaluation of what has been given. The young (German) and the elderly (Italian and Brazilian) take position on the two opposite poles, as well as the Germans overall (on the first) and the Brazilians (the second).

Discussion

Far from suggesting generalizations from these exploratory results, we can note kernels of meaning and depictions of the elderly which can help us to speculate on the rise and fall of new and old sketches or representations. As a word of caution, we admit an overall positive stance in these results, which may be due to social demands/desirability or to some specific cues of the convenience sample. Taken at face value however, these results show the evanescence of the representation of the elderly as foul, abandoned or “broken” (which is still found in archive data with literary texts). Neither have we found a clear image of wizard, although elements of competence, on the one hand, and the importance of the elderly as witness, on the other, are clearly present (Jodelet, 2009).

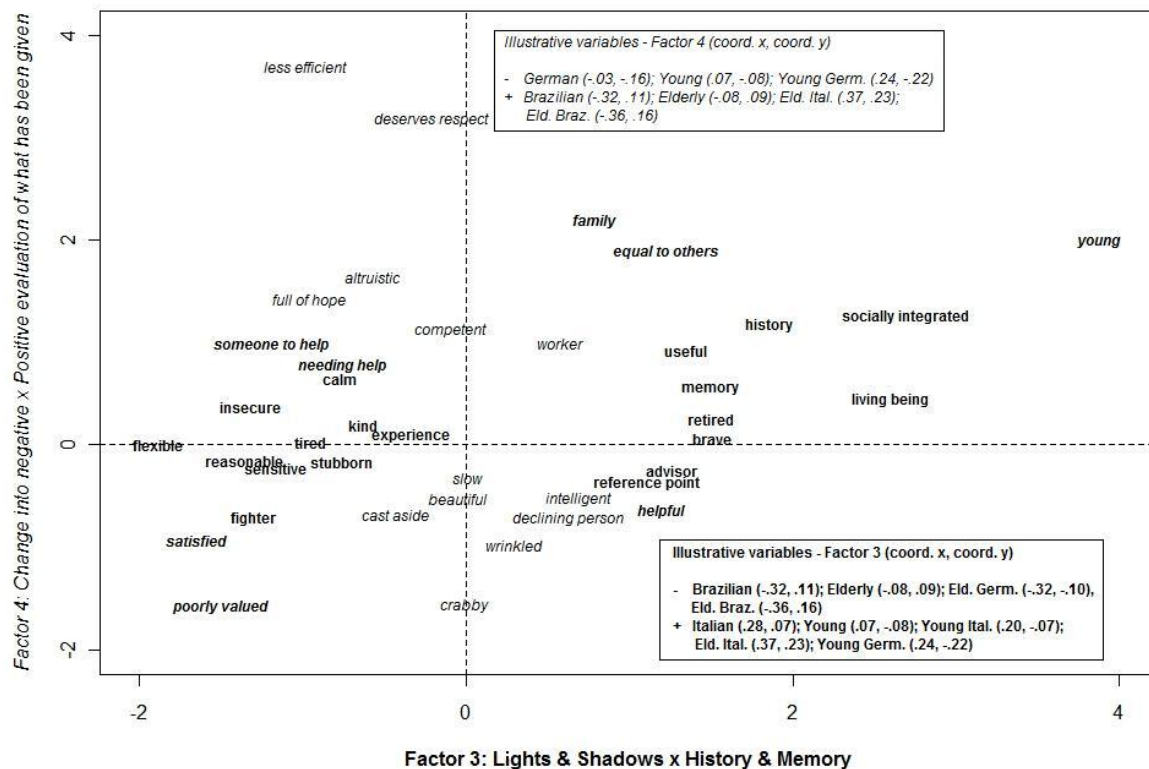


Figure 4 - Correspondence analysis: factors 3 (bold) and 4 (italics).

In terms of content of the representation, experience and wisdom come first, followed closely by need, help (needed and given), weakness and slowness, and a variety of personal features which span from easy temperament (apart from stubbornness) to intelligence and activity.

In terms of structure, we see that the organising principles of the representation enhance features of losses (counterbalanced by remaining resources) vs. assets, decay vs. fulfilment, emotional contrasts vs. competent witness of the past, decline vs. positive consideration of what has been previously accomplished.

The overall picture is not a negative one. However, if we search for the presence of what theorists consider important for a positive, successful ageing, we find cues of activity (active), positive mental states meant as counterbalancing resources and spirituality (creature of God, which includes closer to God, closer to eternity, grateful for any new day), but not so much of relational resources (apart family and a less present "friend") and almost not at all of bodily aspects (apart more superficial cues such as wrinkled). Although individual and social thinking is always embodied thinking (Jodelet, 2007), which should also be true for ageing, such pattern has not been supported by our results.

A separate analysis of the typical associations provided in the three different contexts show the prominence, in the Brazilian answers of both competence and affection (but also elements of exclusion), in the German ones of wisdom and reasonableness, but also of weakness and poverty, in the Italian ones of maturity and knowledge of the past (if we correctly interpret the reference to memory), but also of loneliness and difficulty to recognise the responsibility of time going through (adult-child).

In terms of the detected underlying principles, participants from different contexts hold different positions. Brazilian participants underline elements of fulfilment, positive nuances slightly overcast by shadows and a positive evaluation of past achievements of the elderly. Overall, the Germans stress features of decay and changes towards decline. Also the Italians refer to decay elements, but at the same time value the role of elderly people as guardians of historical and cultural knowledge.

Trying to interpret those results having in mind the main stake values associated with each context, we can outline a tendency for inclusion of the elderly on the part of Brazilian participants. The elderly are perceived as a group that has contributed positively to the country, and currently deserves the support of younger generations and society in general due to the recognition of specific limitations of old age. This is coherent with Carvalho and Rodriguez-Wong's (1998) call to invest more in the young as they will be responsible for dealing with the problem. In the Italians responses first emerges the view of ageing as a "curse" of life (it seems as if we could hear the refrain "it is bad to become old") only attenuated by the recognition of keeping knowledge and wisdom intact. But later a very strong kernel of positive aspects suggests that the elderly are represented as living libraries, highly valuing their memory and experience. This seems to resonate with the investment made mostly in the last decade to give them voice to recollect events from the past and particularly from WWII and the subsequent constitution of the Italian Republic, while economic and activity aspects from the country's agenda do not appear. In contrast, the representations of the Germans on the whole tend to be one-sided: they are more critical and pessimistic towards old age. This might reflect a perceived threat linked to foreseen and actual change in economic welfare policies, and a feeling of relative deprivation. Perhaps this worried perspective is acknowledged at an institutional level and stimulates the implementation of several projects to compensate a situation of perceived vulnerability, but has a hard time entering everyday knowledge.

It must be taken into account that each of those national contexts is also crossed by specific issues that complexify the social scenario and also the understanding of the ageing phenomenon. In Germany, for example, the reunification of East and West Germany introduced new demographic dynamics, which would merit a study of its own. Liu et al. (2003) have already shown that there may be considerable variation in representational content within a same national context due to the impacts of migration from places with different historical backgrounds.

Focusing more closely on the interaction between contexts and generations, we see how

the repeatedly encountered inside vs. outside perspective, with more critical views by the youth, as already reported in the literature review, first seems contradicted by German and Brazilian respondents but later explicitly reappears, although in a minor version for the Brazilian participants who show more communalities between young and elderly people than the other two groups. As regards the Germans, considering separately the two age groups allows positive views to emerge: by the young in terms of assets such as social inclusion, satisfaction and basically a denial of ageing; by the elderly in terms of what most gets close to active ageing, qualified by respect and reference to spiritual nuances. Finally, the importance of the elderly in terms of witnesses for collective memory is enhanced both by young and elderly Italians but only by the young German participants and not by the Brazilian ones. This result would deserve further analysis, as it might be linked with other phenomena such as collective memories of a dramatic past, but we think it can support the view of the importance of specific generations linked with topical times in the history of a country.

In various occasions (Contarello, Bonetto, Romaioli, & Wachelke, 2011), we mentioned the potentials of including ageing in intercultural research and stressed how we should take into account the porosity of the borderlines between the groups or cultures we consider as modalities of our design variables: elderly vs. young, national group vs. national group. According to the invitations of an intercultural approach we might re-launch the present results in interviews and/or group discussions or include in paper & pencil instruments questions aimed to obtain reciprocal expectations and thus a more multifaceted view of ageing in a changing world. According to such perspective, we have also to take into account our own role, as researchers, in the generation of shared meaning. In the present research, a particularly fortunate occasion was found as the first author (MMN) partially belongs to the three analysed contexts, mastering their three languages and participating in their cultural domains. The exchanges in terms of reading and interpretations of the results with an Italian (AC) and a Brazilian co-author (JW) were of help, forcing to make explicit several implicit presuppositions of each one. Also in terms of

generation, although not included in the two age spans considered in the research, the three of us are living different moments of adulthood, thus looking at ageing from a different angle and temporal distance.

If an intercultural stance might be auspicated for future research, the present study achieved, in our view, two purposes: to (partially) corroborate with empirical data the assumed relationship between cultural stakes and shared everyday-life views; and to raise attention to thorough analyses on the role of generations, more than age, in the study of the social representations of ageing.

References

- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful ageing: the model of selective optimization with compensation. In P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds.), *Successful ageing: Perspectives from the behavioral sciences* (pp. 1-34). Cambridge University Press, New York.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2003). *Estatuto do idoso*. Brasília (DF): MS.
- Brewer, M. B., Dull, V., & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: stereotypes as prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(4), 656-670.
- Carvalho, J. A. M., & Rodríguez-Wong, L. L. (2008). A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(3), 597-605.
- Cesa Bianchi, M. (1987). *Psicologia dell'invecchiamento, caratteristiche e problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Cesa Bianchi, M. (1998). *Giovani per sempre? L'arte di invecchiare*. Roma-Bari: Laterza.
- Contarello, A., Bonetto, R., Romaioli, D., & Wachelke, J. (2010). L'invecchiamento tra dinamiche intergenerazionali ed interculturali. In C. Arcidiacono & F. Tuccillo (Eds.), *Ricerca interculturale e processi di cambiamento* (pp. 117-129). Caserta: Edizioni Melagrana.

- Contarello, A., Bonetto, R., Romaioli, D., & Wachelke, J. (2011). Invecchiamento e intercultura. In G. Leone (Ed.), *Vivere l'interculturalità. Ricerche sulla vita quotidiana* (pp. 171-182). Milano: Unicopli.
- Contarello, A., Marini, I., Nencini, A., & Ricci, G. (2011). Rappresentazioni sociali dell'invecchiamento tra psicologia sociale e letteratura. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 171-180.
- De Beni, R. (Ed.) (2009). *Psicologia dell'invecchiamento*. Bologna: Il Mulino.
- Deponte, A. (2008). Gli anziani sono adulti strani? Il contributo della psicologia sociale allo studio dell'invecchiamento. *Quaderni Europei sul Nuovo Welfare*, 10. Retrieved from: <http://www.newwelfare.org/author/antonella-deponte/>.
- Federal Ministry for Family Affairs, Senior Citizens Women and Youth (2007). *European Congress "Demographic Change as Opportunity: the Economic Potential of the Elderly"*. Berlin: FMFASCY/European Commission.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: competence and warmth respectively follow from perceived status and competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878-902.
- Flick, U. (1998). The social construction of individual and public health: Contributions of social representations theory to a social science of health. *Social Science Information*, 37, 639-662.
- Frijda, N. H. (1997). Commemorating. In J.W. Pennebaker, & D. Paez, B. Rimé (Eds.), *Collective memory of political events. social psychological perspectives* (pp. 103-127). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Florianópolis. Prefeitura Municipal. (2006). *Protocolo de Atenção à Saúde do Idoso*. Florianópolis: Secretaria da Saúde.
- Galinsky, A. D., & Moskowitz, G. B. (2000). Perspective-taking: decreasing stereotype expression, stereotype accessibility, and in-group favoritism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 708-724.
- Gastaldi, A., & Contarello, A. (2006). Una questione di età: Rappresentazioni sociali dell'invecchiamento in giovani e anziani. *Ricerche di Psicologia*, 20(4), 7-22.
- Gaymard, S. (2006). The representation of old people: Comparison between the professionals and students. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 19(3-4), 69-91.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (2000). The new aging: Self construction and social values. In K.W. Schaie (Ed.), *Social structures and aging* (pp. 281-306). New York: Springer.
- Gergen, M. M. & Gergen, K. J. (2002). Positive aging: New images for a new age. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Ways of aging* (pp. 203-224). Oxford: Blackwell.
- Giles, H. & Reid, S. A. (2005). Ageism across the lifespan: Towards a self-categorization model of ageing. *Journal of Social Issues*, 61(2), 389-404.
- Hale, N. M. (1998). Effects of age and interpersonal contact on stereotyping of the elderly. *Current Psychology*, 17(1), 28-47.
- Hubbard, A. A. (2007). *La rappresentazione sociale dell'anziano: Uno studio sulla immagine pubblicitaria attraverso la prospettiva dell'invecchiamento positivo e di successo*. Research Master Dissertation, Facoltà di Psicologia, Università degli studi di Padova, Padova.
- Hummert, M. L. (1990). Multiple stereotypes of elderly and young adults: A comparison of structure and evaluations. *Psychology and Aging*, 5(2), 182-193.
- Hummert, M. L., Garstka, T. A., Shaner, J. L., & Strahm, S. (1994). Stereotypes of the elderly held by young, middle-aged, and elderly adults. *Journal of Gerontology*, 49(5), 240-249.
- Jodelet, D. (2007). Imbricações entre representações sociais e intervenção. In A. S. Paredes Moreira & B. V. Camargo (Eds.), *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais* (pp. 45-74). João Pessoa (PB): UFPB.

- Jodelet, D. (2009). Contributo das representações sociais para o domínio da saúde e da velhice. In M. Lopez, F. Mendez & A. Moreira (Eds). *Saúde, educação e representações sociais: exercícios de diálogo e convergência* (pp. 71-88). Evora: Formasau.
- Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whitley Jr., B. E., & Johnson, B. T. (2005). Attitudes toward younger and older adults: An updated meta-analytic review. *Journal of Social Issues*, 61(2), 241-266.
- Leone, G., Mastrovito, T., Polo, C., & Contarello, A. (2010). Una riflessione sull'uso del corpo femminile maturo nella pubblicità. In E. Camussi & N. Monacelli (Eds.), *Questioni sul corpo in psicologia sociale* (pp. 20-31). Parma: Uninova.
- Liu, J. H., Ng, S. H., Loong, C., Gee, S., & Weatherall, A. (2003). Cultural stereotypes and social representations of elders from Chinese and European perspectives. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 18, 149-168.
- Magnabosco-Martins, C. R., Camargo, B. V., & Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, 8(3), 831-847.
- Marigo, C., Borella, E., De Beni, R., Caprara, M., & Fernández-Ballesteros, R. (2009). Invecchiamento di successo: Vivere a lungo, vivere bene. In R. De Beni (Ed.), *Psicologia dell'invecchiamento* (pp. 233-258). Bologna: il Mulino.
- Melo, M. C., Souza, A. L., Leandro, E. L., Mauricio, H. A., Silva, I. D., & Oliveira, J. M. O. (2009). *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(Supl.1), 1579-86.
- Moliner, P., & Vidal, J. (2003). Stéréotype de la catégorie et noyau de la représentation sociale. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 16(1), 157-176.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Pavan, G. (2009). Il sistema dei servizi per gli anziani fragili. In R. De Beni (Ed.), *Psicologia dell'invecchiamento* (pp. 285-302). Bologna: il Mulino.
- Schmidt, D. F., & Boland, S. M. (1986). Structure of perceptions of older adults: Evidence for multiple stereotypes. *Psychology and Aging*, 1(3), 255-260.
- Schneider, R.H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), 585-593.
- Scortegagna, R. (1999). *Invecchiare*. Bologna: il Mulino.
- Tamanza, G. (2001). *Anziani: Rappresentazioni e transizioni dell'ultima età di vita*. Milano: Franco Angeli.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.
- Wachelke, J., & Contarello, A. (2010). Social representations on aging: Structural differences concerning age group and cultural context. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 42(3), 367-380.
- Wachelke, J. F. R. (2009). Índice de centralidade de representações sociais a partir de evocações (INCEV): estudo da representação social sobre envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22(1), 102-110.
- Wachelke, J. F. R., Camargo, B. V., Hazan, J. V., Soares, D. R., Oliveira, L. T. P., & Reynaud, P. D. (2008). Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13(2), 107-116.
- World Health Organization (2002). *Active ageing: A policy framework*. Geneva: WHO. Retrieved from: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf>.

Enviado em Dezembro de 2010
 Aceite em Fevereiro de 2011
 Publicado em Julho de 2011

Social representations of female-male beauty and aesthetic surgery: a cross-cultural analysis

Annamaria Silvana de Rosa
Sapienza University, Rome, Italy

Andrei Holman
Alexandru I. Cuza University, Iasi, Romania

Abstract

The aim of our research program is to investigate the socio-psychological interrelations between female/male beauty and aesthetic surgery in various social groups differentiated not only as a function of gender and education variables (female and male, young people with university training in Arts, Informatics and Sport) in three European countries (Italy, Spain and Romania), but also on the basis of psychological dimensions, like self-rated attractiveness, level of self involvement in the topic of aesthetic-plastic surgery, self-identification with salient cultural referents (like Beauty, Body, Culture, Nature, Soul). The Social Representation framework offers a wide range of heuristic and methodological tools especially called for by both the intimate and social nature of the topics under scrutiny. The study is part of a wider research design following an integrated multi-steps path from exploration to experimentation: 1) a study concerning content, structure, polarity, imagined and emotional dimensions of the Social Representations of female and male beauty and of aesthetic surgery; 2) a study focused on *internet discussion forums* on the topic of plastic/aesthetic surgery and aimed at investigating the construction of social discourse and negotiation among members of “virtual communities”; 3) a study employing the “*body map*” tool, an innovative tool with a graphical referent concerning the aesthetic surgery ranking of the various parts of the human body; 4) an experimental study focused on the generative activity of mental images and emotions in the S.R. of beauty and aesthetic surgery. The results here presented come from the multi-method research plan obtained in the first step through: a) the “Associative Network”, using “*female/male beauty*” and “*plastic/aesthetic surgery*” as inductive words; b) the “Involvement level scale”; c) the “Self-attractiveness Scale”; d) the “Self Identification Conceptual Network”. The data were explored by means of multi-step data analysis, including the lexical correspondence analysis. The results highlight cultural sharing and differences between groups, which give meaning to the interrelated objects of social representations in terms of contents, evaluations, emotional dimensions and referential system of values. They also show evidence of the influential variables in terms of gender, education, psychological dimensions (such as self-identification with cultural referents) and participants’ countries with a different familiarization with the aesthetic surgery massive phenomenon. The cultural differences are also discussed with regard to the diffusion of aesthetic surgery in the three countries illustrated in the introductory section, presenting some epidemiological data.

Keywords: Female-Male Beauty, Aesthetic Surgery, Plastic Surgery, Body, Social Representations.

The aesthetic surgery: an impressively increasing phenomenon

According to the International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS¹), a body which in 2010 represented 1925 practitioners in

87 countries², Europe accounted for more than 33% of cosmetic procedures conducted in 2004, second only to all of the Americas.

¹ <http://www.isaps.org/>

² Foad Nahai, ISAPS President *Celebrating our collective success*, in ISAPS NEWS, vol.4 , n. 2 , retrieved on November 9 2010 from: http://www.isaps.org/uploads/news_pdf/ISAPS_NL_Internativefred_Vol4_Num2.pdf, p.3.

According to 2002 statistics³ (one of the few available on the topic) of the diffusion of aesthetic surgery in the world, the three European countries of interest to the research to be presented here ranked as following: Spain in 3rd position, Italy in 24th, while Romania took the last place in the sample of countries listed – the 32nd. This objective description, in terms of aesthetic surgery procedures per capita, offers insight into the different degrees of diffusion and familiarization with the phenomenon. The Romanian situation is a special one, since before 1989 (during the communist regime), there were only around 30 plastic (reconstructive) surgeons, all working in state hospitals on victims of various illnesses or accidents. The first private aesthetic surgery clinic opened in 1994, and in the following year there were already 17 clinics, each with approximately 3 clients per week. The estimated market growth of the aesthetic surgery business is 18 – 20% / year, while the gender (imbalanced) distribution of its clients is similar to the one reported by the Western statistics: 80% women, and only 20% men.

However, if we look at the geographic trends emerging from the 2009 ISAPS Global Survey⁴ very recently released at the 20th Biennial Congress of ISAPS held on August 14-18 2010 in San Francisco (California, US), the new ranking of the top 25 countries and regions shows a new hierarchy. While the United States continues its dominance in the field, countries not always associated with plastic surgery are emerging as major centers: 1. United States 2. China 3. Brazil 4. India 5. Mexico 6. Japan 7. South Korea 8. Germany 9. Turkey 10. Spain 11. Argentina 12. Russia 13. Italy 14. France 15. Canada 16. Taiwan 17. United Kingdom 18. Colombia 19. Greece 20. Thailand 21. Australia 22. Venezuela 23. Saudi Arabia 24. Netherlands 25. Portugal.

The changing nature of the geographic trend supports the cultural importance of the phenomenon, influenced not only by socio-economic and mentality factors, but also by ideological and even religious belief systems, as shown for example in the article by Atiyeh, Kadry, Hayek and Musharafieh (2008) on aesthetic surgery and Islamic law perspective.

With its total number of 30,817 practicing board certified plastic surgeons estimated by ISAPS Global Survey in 2009 and the total number of surgical procedures (including among the top five: liposuction, breast augmentation, blepharoplasty, rhinoplasty, abdominoplasty) estimated to be 8,536,379 and the number of non surgical procedures (including among the top five: injections of toxins or neuromodulators – Botox, Dysport –, hyaluronic acid injections, laser hair removal, autologous fat injections, IP laser treatment) estimated at 8,759,187 (not including the surgical and non surgical procedures performed by non plastic surgeons), the phenomenon of aesthetic surgery involves by direct experience an impressive and progressively increasing number of specialists (surgeons) and ordinary people (patients) and activates contrasting opinions, attitudes and social representations among the world-wide population including opponents, indifferent people or potential future patients.

Research background

Our research program is the first cross-countries study, inspired by the Social Representations theory (de Rosa, 1994, 2012; Moscovici, 2000; Jodelet, 1984a), on the topic of beauty and aesthetic surgery, opening the route for other field studies of special cultural interest, for example comparing samples from Western and Asiatic countries. Currently an extension of our research program has been promoted in Brazil in cooperation with researchers from LACCOS/UFSC in Florianopolis.

In the absence of a specific literature on beauty and aesthetic surgery inspired by the same theoretical background, a fundamental reference in the Social Representation literature is the work of Denise Jodelet on the body in various cultures. Jodelet (1981, 1984b, 1994) states that Social Representations are a “privileged subject matter” regarding the body as a “product of techniques and representations”. This perspective relies on and puts forward the dual nature of the body, as simultaneously social and private. While the individual, private side has been a focus of research for psychology mostly in terms of “body schema” or “body image”, especially in relation to the associated psychopathological disorders (but also from an interdisciplinary

³http://www.nationmaster.com/graph/hea_pla_sur_pro-health-plastic-surgery-procedures

⁴http://www.isaps.org/uploads/news_pdf/BIENIAL_GLOBAL_SURVEY_press_release.pdf

and philosophical perspective (Tiemersma, 1989); the social dimension allows the departure of one's body experiences and practices from the strictly individual point of reference as a mediator of development (de Rosa & Carli, 1980) towards reliance upon various social representations, thus becoming a "social body". Jodelet's diachronic research, covering a 15-year period, highlights a certain progressive sense of liberation towards the body, in terms of the norms to be obeyed both in the intimate and the social realms. The reason for this increasing freedom from censorship in relation to one's body is its permanent inclusion in socio-cultural debates, especially by anti-establishment and innovatory movements.

While the individual-focused research mentioned above ignores the social insertion of the body and the cultural definitions of the norms through which one's body image (and, subsequently, beauty) is assessed, the opposite position is strongly advocated in socio-cultural studies, especially from the anthropological perspective. "Contemporary Western culture teaches us to think of the body as an object with a material reality that is physically observable, but anthropology shows that we perceive our bodies through a culturally constructed body image that shapes what we see and experience. As we negotiate social relationships, our sense of a body image develops, for the two are reciprocally related" (Sault, 1994, p. 1).

The general theme underlined in the literature developed under the impetus of the feminist movement is that the private or subjective body does not exist because it is entirely constructed and modified according to the criteria and rules of the oppressing group. Beauty is a key element in the gender unbalanced relationship, because women are trapped in the ideological gender-biased net that ensures the male domination, including expectations about feminine beauty standards. The "awakening" alarm that the feminist position rings targets women's "societal Stockholm syndrome" (Graham, 1994, p. 57), manifested through their tendency to identify the interests of their dominators as their own. The radical feminist approach describes one of the key components of what we might call the social representation of beauty as being a "feminine duty" at any cost. This cultural trap into which women are educated gives rise to a persistent culturally-induced body anxiety,

which, in turn could be alleviated – at least temporarily – by the false solution of aesthetic surgery.

In this context, aesthetic surgery becomes an act of surrender to unattainable ideals of beauty. Moreover, given its medical and long term correlates, it detaches itself from the other beauty enhancing techniques as "the ultimate symbol of invasion of the human body for the sake of physical beauty" (Gimlin, 2000, p. 80). The aesthetic dimension of this intervention is left aside, since the social meaning and purpose of aesthetic surgery is mainly to make the stigmata of the inferior obvious.

This drastic feminist view on the topic calls in its support two kinds of arguments. Firstly, the gender distribution of the actors involved in the medical equation of aesthetic surgery has always been clearly unbalanced: while most of the surgeons are men, 80% of the patients are women. Secondly, we witness the increasing scientific and cultural "pathologisation" of non-standard looks; even the vast array of research in the individual dimension of the body marks this tendency, mostly by its focus on body weight and its pervasive reference to the threat of obesity. Another instance of non-standard appearance reframed as pathological is the invention in the medical literature of the term –"hypo-mastia" (Berry, 2007, p. 74), in order to describe the "pathology" of having small breasts.

Also, after its initial formulation as a gender issue, the "personal is political" (Hanisch, 1970) perspective on beauty extends to any kinds of social inequality which might compel the aesthetic enhancement of the dominated towards the norms put forth by the dominators. As such, the anchoring of aesthetic surgery in power relationships goes beyond gender, an idea illustrated by the multiplication of breast augmentation procedures on young Japanese women after World War II as a way to appeal to the American soldiers, or by the "ethnic plastic surgery" made obvious in the same period of time by the Italian and Jewish nose alterations undergone in order to fit American beauty norms. On a more general level, beauty plays a part even in the inter-racial realm, since the ideal proportions in plastic surgery handbooks (e.g. "*Proportions of the Aesthetic Face*") are based on a white, Western aesthetic of feminine beauty (Balsamo, 1997; see also "*Opening*" faces. *The politics of*

cosmetic surgery and Asian American Women, by Kaw, 1994)⁵.

An alternative to the extremely critical perspective summarized so far is the *liberal* feminist perspective, which recognizes that aesthetic surgery has some rational use for women in order for them to cope with the vicissitudes of a male-dominated world. On the one hand, it offers them “a degree of control over their lives in circumstances where there are very few other opportunities for self-realization” (Negrin, 2002, p. 22). Thus, the social oppression discourse from which aesthetic surgery originates is taken for granted, no longer fought against; the new conflict is not between the two genders, but among the representatives of the weaker one, which could be labeled as “*The survival of the prettiest*”, in a cultural scenario where cosmetic surgery is a tool for the eclipse of identity (Negrin, 2002).

On the other hand, aesthetic surgery is endorsed as a solution which could bring social inclusion for the person who undergoes it, alleviating the limitations deriving from the deviance of being ugly. This liberal feminist perspective builds on the idea of culturally induced anxiety in women, but, to emphasize its irrationality, it recognizes that the psychological pressures may be too much for some women to handle, and thus aesthetic surgery may be an easy way to become “normal”. This drastic shift in attitude towards aesthetic surgery comes with a change in the criteria of beauty, from the extraneous norms imposed by the ruling men (in the former, radical view), to an in-group focus on normality as avoidance of ugliness.

The third feminist perspective we can identify brings a further increase in positivity towards aesthetic surgery, defining it as a way to express one's “true identity”. The external referents – men – are deleted from the equation; there are no longer power relations to put pressure on women's decisions to undergo such procedures. The comparison which – in the case of a negative result – drives them towards aesthetic surgery is no longer between one's appearance and some external norms of beauty, but between one's own definition of self and the body, as a vehicle to convey one's true

persona. This view marks the convergence of aesthetic surgery with all the body modification procedures (tattoos, piercings, etc.), leaving behind beauty as an interpersonal given and shifting it in the strictly individual sense. Thus, cosmetic surgery becomes simply another form of makeup; the effects on the body itself are overshadowed, in an obvious opposition to the radical feminist perspective, which goes so far as to define it as self-mutilation “by proxy” (Jeffreys, 2005, p. 149).

As such, the postmodern body is no longer a biological given whose organic integrity is inviolable; rather, it is “fragmented”, a “text” which should express the messages which synthesize one's inner reality, reflecting one's personality or convictions. Most of the time, these messages have a social side to them, depicting certain positions as endorsed, or belongings as assumed; yet the aesthetic is only implicit, beauty as a purpose comes second to the goal of identity display.

This connection to the psychological dimension – and, more specifically, to psychological improvement, as in the second liberal view summarized above – was formulated by one of the first plastic aesthetic surgeons – Jacques Joseph (1896, cited in Frank, 1998, p. 105) – according to whom this kind of medical intervention represents “a means of repairing not the body but the psyche” (Frank, 1998, p. 105): in other words a technological solution to a psychological problem. One century later, in the modern medical literature on ideal proportions (e.g. on “the golden number”), one can identify the same idea of reparation, yet addressed strictly to the body: all humans have the potential to develop their body according to such proportions. Yet, this potential seldom achieves perfect results, since various factors interfere with one's harmonious development. The solution for this misfortune is aesthetic surgery, which promises to “*deliver us from ugliness*”. This perspective, implicit in the evolutionist approaches on the topic, again detaches beauty from any social dynamics which could define its criteria or impose pressures to achieve it. Geometry is responsible for the aesthetic appeal, and aesthetic surgery is just an effective tool to restore the beauty promised in our genes.

A point shared by this view on beauty with the feminist discourse cited above is the uniformity and temporal stability of the criteria

⁵ Many other references can be found in the document “*Social Science Perspectives on the Body: A Bibliography*” including 701 items retrieved on April 28, 2011 from: <http://www.cewh-cesf.ca/PDF/nnewh/social-science.pdf>.

through which the body is evaluated, either by men – in the latter perspective – or by humans, in general – in the former. Even though history shows us that beauty criteria change drastically through time, this evolution is ignored, and the reason is the same: the strong reliance on the sexual dimension – indeed more or less stable throughout the ages. On the evolutionist view, this reliance takes the form of sexual selection which enforces a very strict set of physical evaluation checkpoints, which can ensure one's "mating quality". For the feminist side, male domination is achieved, among others, through sexual power, in terms of the man's right to choose the most gratifying sexual experience, and beauty is just a socially acceptable term to describe this feminine sexual quality.

Of course, fashion trends are temporally and culturally contextualized, as analysis of the advertisements based on top models or actresses in the last fifty years would make evident. However, if beauty standards and fashionable criteria can change over time and culture, "beauty" has undoubtedly a positive bias compared to "ugliness" everywhere and at any time.

"To say that beauty and ugliness are relative to the times and cultures (or even planets) does not mean that there has always tried to see them as defined in relation to a stable model" (Eco, 2007, p. 15).

The April 2011 issue (vol. 4, n° 4) of the journal *Observer*, published by the Association for Psychological Science APS, that dedicated its cover page to the topic *In the mind of the beholder. The Science Behind Beauty* starts the main article affirming "In this world, you're better off being good-looking. At all ages and in all walks of life, attractive people are judged more favorably, treated better, and cut more slack. Mothers give more affection to attractive babies. Teachers favor more attractive students and judge them as smarter. Attractive adults get paid more for their work and have better success in dating and mating. And juries are less likely to find attractive people guilty and recommend lighter punishments when they do" (p. 20)

A research field called "*social aesthetics*", which systematically investigates the social reactions to physical appearance, is the core of the 2008 Berry's book "*The Power of Looks: Social Stratification of Physical Appearance*". In its review, William Keenan (2009) affirms: "The normative order of beauty and ugliness is

socially constructed, reinforced, sometimes challenged and, occasionally, changed. Positive and negative social reactions to 'looks', Berry tells us, come in many forms and are 'stratified' in multiple ways. Looks, especially 'good looks' that appeal to the public eye, are 'power', power to persuade, seduce, attract wealth and status associations, command recognition, and 'earn' vicarious 'rewards' from sexual to career to political favors. By contrast, 'uglies', the 'Others' incarnate, get a raw deal. The 'also rans', in the cruel, cold, cosmetized game of beautification, attract stigma and discrimination, society's revenge on Nature's 'aesthetically challenged'. What might be called a global 'beauty caste' system is in the making, as the internationalization of the 'appearances are everything' industry with its glamour and style stereotypes invades and pervades cyberspace, roadside hoardings, 'looks product' commerce, and the 'world system' of 'human and non-human constructed beauty' (p. 103)."

"So here's the timeless message of psychological science: Be beautiful — or, as beautiful as you can. Smile and sleep and do whatever else you can do to make your face a reward. Among its other social benefits, attractiveness actually invites people to learn what you are made of, in other respects than just genetic fitness. According to a new study at the University of British Columbia (Lorenzo, Biesanz, & Human, 2010), attractive people are actually judged more accurately — at least, closer to a subject's own self-assessments — than are the less attractive, because it draws others to go beyond the initial impression. "People do judge a book by its cover," the researchers write, "but a beautiful cover prompts a closer reading." (*APS Observer*, April 2011, vol. 24, n°. 4: 22)

One of the aims of our research is empirically to test the stability/dynamics of beauty criteria, and the salience of the gender/education/national belonging dimensions in the social representations of the various groups interviewed.

The general assumption of our research program is that aesthetic surgery is at the same time a "*social practice guided by*" and "*object of*" Social Representation. The social practice of cosmetic surgery has always been strongly related to the social representations of *beauty*, and our research attempts to highlight the correlated dynamics of the social representations of masculine and feminine

beauty and aesthetic surgery as social practice among various subject groups from different European countries.

Given the rapid growth of the aesthetic surgery industry (by 10% year on year), the increasing “popularization” or “democratization” of aesthetic surgery could be defined as “irreversible” (Flament, 1989), and thus should generate significant changes in the social representations of beauty. Given space limitations, the literature on aesthetic surgery presented above has been selected from a wider corpus of research characterized by different paradigmatic and methodological approaches, and in some cases also ideologically connoted field of studies, articulated with interrelated interdisciplinary fields focused on body and beauty.

This literature shows, on the one hand, that the various social dynamics in which beauty and aesthetic surgery are inserted have an ongoing evolution in contemporary society; on the other hand, a general shift in perspective on the body, from its traditional definition as an integer, whose defects should be assumed, to a “fragmented body” which allows modifications not only for the sake of the aesthetic norms, but also for the purpose of personal expression.

The ambiguous character of the body as “subjective construction” in the contemporary culture, where the body is object of an enormous symbolic investment, revealed by the obsession for the remade body, remodeled by the aesthetic surgery and body-building techniques, by the tattoos and by the piercing practices, has been discussed by Francisco Ortega (2008) in reference to multiple versions of the constructivism and disciplinary fields: the medical visualization of the “internal body” in the history of medicine (from the initial experiences of anatomical dissection, the advent of X-rays, up to today's bio-imaging techniques), the virtualization of the “transparent” body in the aesthetics and advertising, the ethical and psychological issues connected to the body's perception and experience. Extreme manifestations can be found in some performances of the *body-art* and in the *carnal aesthetics* (Papenburg & Zarzycka, 2011).

An emblematic case is the one of the French artist Orlan (the artistic name of Mireille Suzanne Francette Porte), who reinvented a career as an artist after having filmed an emergency surgery taken in 1978 for

an ectopic pregnancy. “From 1990 to 1995, she underwent nine plastic surgery operations, intending to rewrite western art on her own body. One operation altered her mouth to imitate that of François Boucher's Europa, another changed her forehead to mimic the protruding brow of Leonardo's Mona Lisa, while yet another altered her chin to look like that of Botticelli's Venus. Was she trying make herself more beautiful? “No, my goal was to be different, strong; to sculpt my own body to reinvent the self. It's all about being different and creating a clash with society because of that. I tried to use surgery not to better myself or become a younger version of myself, but to work on the concept of image and surgery the other way around. I was the first artist to do it,” she says, proudly” (Jeffries, 2009).⁶

Multi-dimensional and multi-method research design

The study reported here is part of a wider research program, which aims to investigate the socio-psychological interrelations between female-male beauty and aesthetic surgery in various social groups (young people with university training in Arts, Information Technology and Sports, members of internet forum discussions) in three European countries (Italy, Spain and Romania), in view of enlarging the study to other cultural contexts such as Brazil and Asia, where body culture assumes various meanings.

The general research program employs an integrated *Multi-dimensional and Multi-method Research Design* (de Rosa, 1990; Moscovici & Buschini, 2003), comprising three types of investigation, briefly described below:

1. Field study

- a) Projective verbal techniques:
 - Associative network
 - Self conceptual Identification
- b) Projective graphic techniques:
 - Body-map
 - Photolanguage
- c) Structured verbal techniques:

⁶ Orlan's operating table became her baroque theatre. Designers, such as Paco Rabanne and Issey Miyake, created costumes for Orlan to wear during the surgeries. Poetry was read and music played while she lay fully conscious. Each surgery was captured on video, broadcast in galleries and sometimes fed to audiences around the globe via live satellite link-ups. (Jeffries, 2009).

- Involvement Level Scale
- Self – Attractiveness Scale

2. Media analysis:

- Adverts content analysis from print and digital media
- Internet forum textual analysis
- Web – communities (social networks) conversational analysis

3. Experimental investigation - focused on the generative activity of mental images and emotions in the social representations of beauty and aesthetic surgery.

The section of the multi-method study, presented in this paper, has the following **research goals**:

- To witness the potential change in the social representations of masculine and feminine beauty in a synchronic manner in three cultural contexts, with different degrees of diffusion of aesthetic and plastic surgery, ranking Spain on the 3rd position, Italy on the 24th, while Romania takes the last place in the sample of countries listed – the 32nd (according to the 2002 statistics mentioned in the introduction).

- To investigate the relationships between social representations of masculine and feminine beauty and S.R. of aesthetic and plastic surgery in the samples differentiated in all the three countries by education with close/distant relations with aesthetics and body culture;

- To evaluate the social / subjective distinction – focusing on the emotional and imagistic content of the social representations of beauty and aesthetic/plastic surgery, comparing different social groups with different Self rated attractiveness, level of involvement, and Self Identification with various meaningful cultural referents.

Participants and population variable's definition

A total of 283 university students participated in our study, which employed a between subjects factorial design. The first set of *independent variables* comprised the *socio-demographic variables*: country, University Education and Gender. Participants' distribution in the various groups defined by them is shown in the Table 1:

Table 1. Subject's distribution according to the variables: gender, university education and country.

Gender			Country			Total
			Italy	Romania	Spain	
Feminine	Faculty	Arts	15	15	22	52
		Informatics	6	15	9	30
		Sports	11	15	20	46
	Sub-Total		32	45	51	128
Masculine	Faculty	Arts	15	15	8	38
		Informatics	21	15	21	57
		Sports	35	15	10	60
	Sub-Total		71	45	39	155
Total			103	90	90	283

Besides the socio-demographic variables, the participants in the study have been distributed according to the *psychological variables* respectively detected by our research tools, presented in the following section, as follows:

- **Level of self – rated attractiveness**

– low (141 participants) / high (142 participants)

- **Level of self-involvement in the topic of aesthetic-plastic surgery:**

– low (153 participants) / high (130 participants)

- **Self-Identification Conceptual Network:** the distribution of the participants according to the specific self-identification with cultural referents for each of our participant made possible the selection of five new groups of subjects, differentiated on the basis of their maximum self-identification with:

- beauty (56 participants)
- body (62 participants)

- culture (59 participants)
- nature (56 participants)
- soul (50 participants).

The statistic procedure employed in this respect and the role of independent and dependent variables assigned in the multi-step analyses is described below, in the Results section.

Our hypotheses were:

- There are significant differences between the three national samples in the identification strengths with the cultural referents of the Self-Identification Conceptual Network.
- There are significant differences in the indexes generated by the Associative Network between the three national samples.
- There are significant differences in the content and structure of the social representations of beauty and aesthetic surgery between the groups generated by our independent variables: nationality, gender, study domain, self-attractiveness, involvement in the topic of aesthetic surgery, specific cultural identification referent.
- The content and structure of the social representations of aesthetic surgery is related to the social representations of feminine and masculine beauty in each of the three national samples.

The **instruments** employed in our investigation are:

- **Associative Network** (de Rosa, 2002, 2003, 2005), a projective measure useful for detecting the content, structure, polarity and stereotyping dimension of the semantic field evoked by “stimulus words”. The participant is requested to write down all the words that come to mind in relation to the inductor phrase, and then rank their order and subjective importance, mark their valence and connect them in any way that he/she considers they should be linked. The Associative Network was used with the following inductor phrases: - Masculine beauty; - Feminine beauty; - Surgery; - Aesthetic surgery.

In the multi-step data analysis we used four types of information extracted from the responses to this instrument, described from the technical point of view in the Results section:

a) Stereotyping index, b) Polarity index, c) Inductive power and d) the dimensions that structure the textual corpus. At the first step of the analysis we used the a, b, c, elements as dependent variables and at second step in the cross-analyses of the results derived from different stimulus words or from various instruments, we have treated the same a, b, c, elements as independent variables in order to differentiate the population according to their psychological dimensions and representational systems.

- **Self – attractiveness scale** – requiring the participant to assess his / her level of attractiveness on a 6 points Likert scale. In the subsequent analyses, we used the level of involvement as independent variable, obtained by calculating the median of the scores and splitting the sample accordingly.

- **Self-Involvement in the topic of aesthetic surgery scale** – a 2 item scale, inspired by Rouquette’s considerations about the role of proximity with the chosen object of representation (1994), detected by asking the participant to assess his / her involvement and, respectively, personal relevance of the topic of aesthetic surgery on a 6 points Likert scale. The correlation between the two measures was 0,82. In the subsequent analyses, we used the level of involvement as independent variable, obtained by calculating the median of the mean scores on the two items and splitting the sample accordingly.

- **Self Identification Conceptual Network**, a projective verbal technique – developed by de Rosa – aimed at extracting the intensity of one’s identification with various cultural referents. Participants have to use the figural construction presented in Figure 1, with the following instruction set:

1. Draw a line connecting the word in the middle which means yourself with each of the words you think it should be connected. Don’t draw more than 16 lines, and also indicate with number from 1 to 5 the degree of identification (1 = minimum, 5 = maximum identification). The words you will leave unconnected express a lack of relationship between yourself and that dimension.
2. Indicate with a + or – whether the connection between yourself and the respective dimension is positive or negative.

Procedure

The combined questionnaire (with all instruments) was filled in by each participant in collective sessions of about 20 people; the order of the instruments was: Associative Network with the four inductor expressions, self - attractiveness scale, Self-Involvement in the topic of aesthetic surgery scale, Self Identification Conceptual Network.

Analysis of the Results

Results from the Self Identification Conceptual Network

In order to test the first hypothesis, our first approach to the data detected via Self-Conceptual Network technique was to identify the mean of associations between one's self and each of the 18 conceptual categories (cultural referents). The table 2 shows the results distinctively for the three national groups of participants.

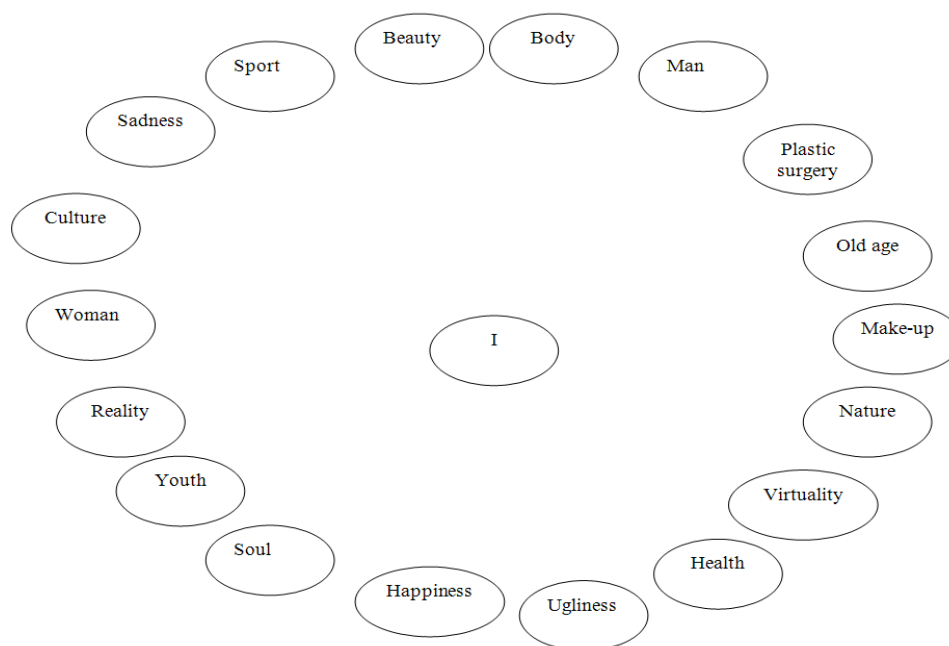


Figure 1 – Self Identification Conceptual Network.

Table 2 – Means of associations between the one's Self and each of the 18 conceptual categories detected via the Self Identification Conceptual Network.

Concept	Spain	Italy	Romania
Body	1.76	1.54	0.46
Man	1.43	1.21	1.01
Plastic surgery	0.55	0.11	-0.43
Old age	0.05	0.03	-1.55
Make-up	0.84	0.06	0.76
Nature	1.96	1.54	0.83
Virtuality	0.64	0.1	0.1
Health	2.69	2.33	2.64
Ugliness	-0.03	-0.79	-0.88
Happiness	2.37	2.16	0.72
Soul	1.75	0.75	1.55
Youth	2.66	1.75	2.61
Reality	1.71	0.85	1.72
Woman	1.13	0.81	1.16
Culture	2.06	2.01	2.02
Sadness	0.13	-0.58	0.21
Sport	1.80	1.95	0.85
Beauty	1.74	1.66	0.75

The first phase of data analysis was the identification of significant identifications, defined as the identity referents towards which the national mean is significantly different from 0. The One Sample t Test applied on each of the 54 national means (3 countries x 18 referents) revealed the significant associations depicted in Figure 2. The positive associations are in the upward side, the negative – in the downward. It is interesting to observe that the one's identification with plastic surgery is positive both for Italian and especially for Spanish participants, whereas there is a negative link with Romanians, who also show a weaker link with Body and Beauty compared Italian and Spanish participants.

The second phase of data analysis, using the One Way ANOVA test and the Games - Howell post - hoc correction, was the comparison between the means of the three national samples, on each of the 18 cultural referents. The results of the comparisons are shown in Figure 3, by means of the different thickness of the lines that connect "I" with the respective referent. We used three intervals (degrees) of significant association: less than 1,5; 1,5 – 2 and higher than 2. The means in different interval are drawn with different thicknesses, and the difference between them is significant (at $p < 0,05$). Only the significant associations (as shown by the previous test) are represented: the positive ones by a continuous line and the negative by a discontinuous line.

Taking into account the most relevant results from the two sets of data analysis concerning the Self Identification Conceptual Network, we can make the following comments regarding each of the three countries under scrutiny:

a) in the Spanish sample, the connection to *plastic surgery* is positive, albeit weak, while those to *happiness* and *youth* are significantly stronger, compared to the other two national samples, but also strong connection between I and *culture*, *health* and a moderate positive connection between I and *beauty*, *body*, *sport*, *nature*, *reality*, *soul*. Also, we notice the absence of any negative associations, as well as the lack of connection to *old age*, *ugliness* and *sadness* – a result shared with the Italian participants.

b) in the Italian sample, we notice the absence of a significant association to *plastic surgery* and also between I and *make-up* and *old age*, and a weak negative connection to *sadness* and *ugliness*. Also, in comparison to the other two national samples, there is a weaker connection to *soul*, *woman*, *man*, *reality* as an identification referent. Italian participants identify more strongly with *culture*, *youth* and *health* than with *beauty*, *body*, *sport* and *nature*.

c) in the Romanian sample, we notice a moderate negative association to *plastic surgery*, which is an interesting result, considering the position of the country in the list presented above and the familiarization process this recent expanding phenomenon of aesthetic surgery represents. As the Italian participants, they show a weak negative connection to *ugliness*. Also, compared to the other two national samples, there is a strong negative association to *old age*, but also weaker positive connections (compared to the other 2 samples) to *beauty*, and to its other traditional cultural associates: *body*, *nature*, *happiness* and *sport*. As the other two samples, Romanian participants identify more strongly with *culture*, *youth* and *health*.

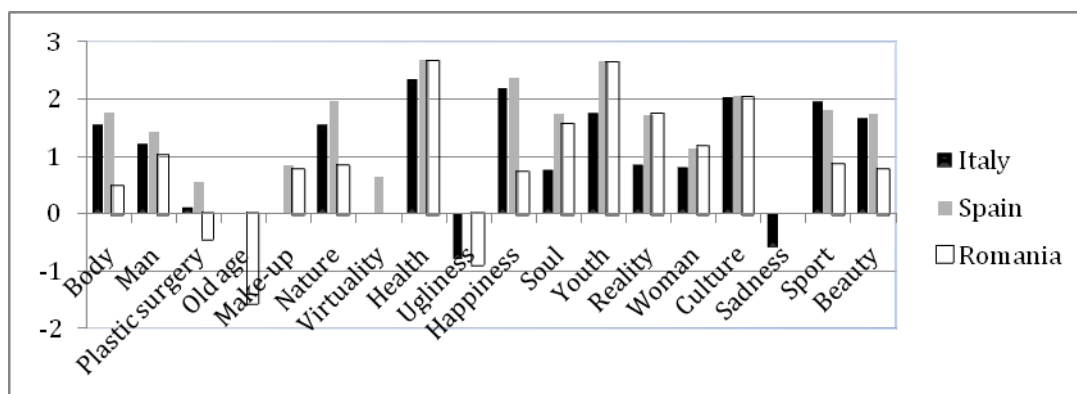


Figure 2 – Means of associations to the 18 cultural referents in the 3 national samples. All means are significantly different from 0 at a $p < 0,05$.

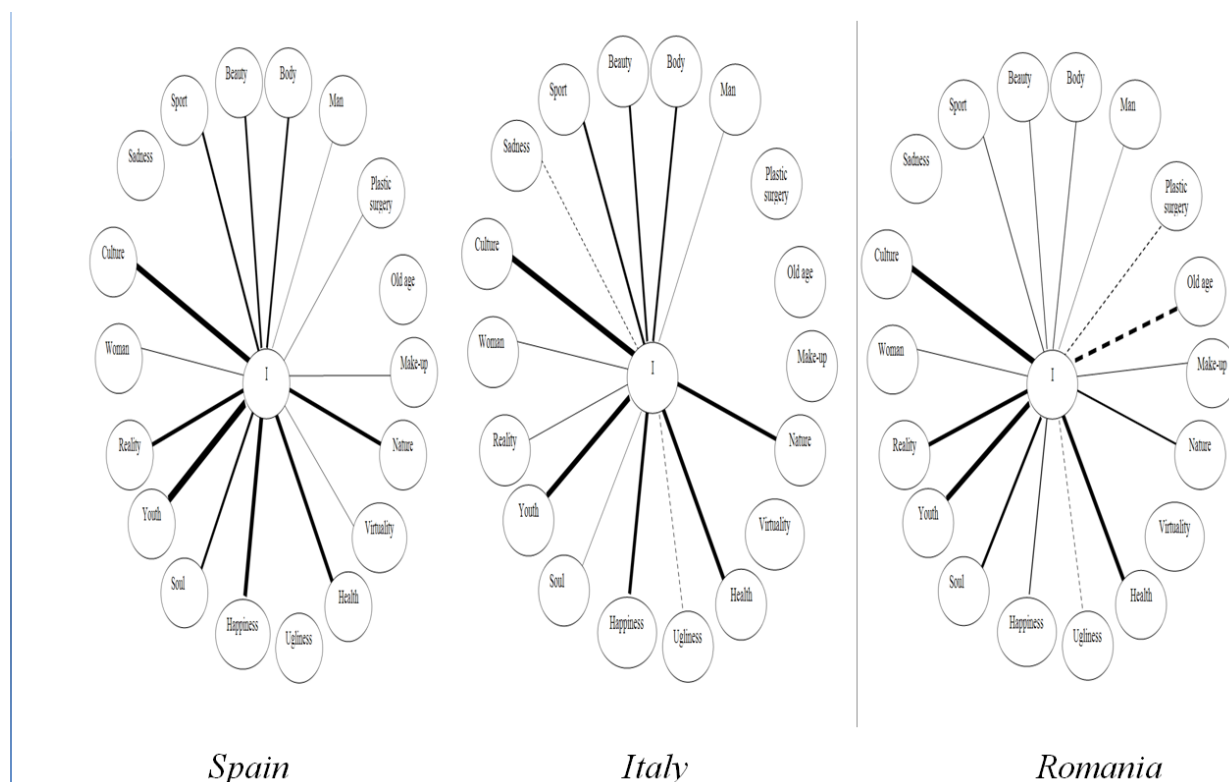


Figure 3 – Means of associations to the cultural referents in the 3 samples. Lines of different thickness depict significantly different means (— = positive; - - - = negative).

Regarding the specific focus of our research, the results showing a stronger link between one's self and body, beauty, and plastic surgery for Spanish and Italian than for Romanians, seem to be coherent with the degree of diffusion of aesthetic-plastic surgery in the three countries, as ranked in the 2002 survey of the statistic above quoted. They represent supplementary reference points to be used in the interpretation of the results of the following data analysis stages; as such, we will return to them in the Discussion section of this article.

The second approach on the data collected through the Self Identification Conceptual Network was aimed at the distribution of participants according to their specific identification category of each participant – an independent variable in our research design. In order to extract a specific identity reference for each participant, we assigned each subject to the category towards which he/she had the maximum standardized *z* score, computed inside his/her national sample. This maximum *z* score reflected the strongest identification of the participant, in the context of his/her national sample. We selected only the reference categories which contain at least 10% of

participants, in order to ensure a greater validity of the differences to be noticed among them. Thus, we were left with 5 reference categories: *body*, *nature*, *soul*, *culture* and *beauty*.

In the final stage of this data analysis procedure, we distributed the participants in all the other (less frequent than our cutoff point of 10%) categories to the selected ones, by recalculating the *z*-scores only for the selected set, and reassigning each participant on the same criterion of the maximum *z*-score (see results reported in the section 3).

Results from the Associative Network

In this section, we present the results from data analysis based on the Associative Network instrument, using as inductors *masculine beauty*, *feminine beauty* and *aesthetic surgery*. For each of the three inductor expressions that we present, the first three groups of results (A, B and C) concern the second hypothesis – about the indexes generated by the Associative Network, while the fourth (D) concerns the third hypothesis – about the content and structure of each of the social representations, explored through the statistical method of lexical correspondence analysis.

Social Representations of Masculine Beauty

A. Stereotyping index. Computed as the number of “different” words associated by each group of subjects / total number of words associated by each group of subjects * 100, it represents a measure of the degree of dictionary’s uniformity/differentiation of the corpus evoked by each group of subjects. According to the technique’s creator (de Rosa, 2002, 186) “This calculation is not a measurement applied to each subject, but comes about by dividing the number of “different” words associated by the whole group by the total number of the words associated by the entire group.(...) In order to bring this new measurement (Y) to a value between -1 and +1 (rather than in a scale of 100) and to insure that the value of +1 corresponds to the maximum value of the stereotyping (and not vice versa), the values obtained are transformed via the following formula:

$$x = \frac{|(2Y) - 1|}{100} \times (-1)$$

The *stereotyping index values* for the three national samples are: Italy: -0,69; Spain: -0,77; Romania: -0,88.

They reveal a low level of stereotyping in all three samples (especially among the Romanians), indicating richness in diversifying the dictionary about the masculine beauty.

B. Polarity index, computed as:

$$\frac{(\text{the number of positive words} - \text{number of negative words})}{\text{number of total words associated by each country sample}}$$

The *polarity index values* were very similar for all the three samples, showing a positive connotation of the semantic space related to the social representations of masculine beauty for the Italian, Spanish and Romanian subjects: Italy: 0,34; Spain: 0,38; Romania: 0,37.

C. “Inductive power”. Computed as the number of elicited expressions / number of participants, it’s a measure of the breadth of the semantic corpus associated to the inductor expression: the higher the index, the more numerous are these associations. The values of the index for the three national samples are:

- Italy: 103 participants who elicited 823 elicited expressions overall - **7,99** / participant

- Spain: 90 participants who elicited 525 elicited expressions overall - **5,83** / participant
- Romania: 90 participants who elicited 448 elicited expressions overall - **4,97** / participant

At a first glance at the results of this set of three measures, we can notice a relative homogeneity of the valence of the inductor in the three national groups – as shown by the similar values of the polarity indexes. Focusing on the differences, we can conclude that the Romanian sample uses the **less** stereotyped discourse, but also the **less** “vocal” – the inductor “*masculine beauty*” has the smaller inductive power. In the Italian sample, we find the opposite: the **most** stereotyped discourse, but also the **higher** inductive power – a very rich, yet homogenous, shared discourse.

D. Lexical correspondence analysis

The results of this method of data analysis (carried out using the software T-Lab 6.0) are presented in Figure 4. Participants’ country was employed as active variable (depicted in Capital Letters: ITALY, SPAIN, ROMANIA) in the correspondence analysis, while the other independent variables of our research were used as illustrative variables (depicted in Capital Letters and Square Symbol: Participant’s Gender and Faculty, Self-rated attractiveness, Level of Involvement and Self-Identification with cultural referents from Self Identification Network).

The correspondence analysis extracted two factors. **Factor 1** (horizontal) explains 59,02% of the data inertia (variance). Defining words (active variables), in terms of their contribution to the factor, are presented in the Table 3.

We can interpret factor 1 as reflecting the opposition between:

- a *person-centered and gender dependent view* of masculine beauty, focused on physical and psychological traits, as a “masculinized” (*virility, physical*), self-sufficient definition (*confidence, charm*), expressed on the positive semi-axis mainly by University Students of Sports, Male and those who identify themselves especially with Body and Beauty;
- *social denominations* of masculine beauty, characterized both by negative connotation (*idiot, passing*) and positive, in terms of rewards (*success, TV, women*), expressed on the negative semi-axis mainly by participants who identify themselves with Nature and Soul.

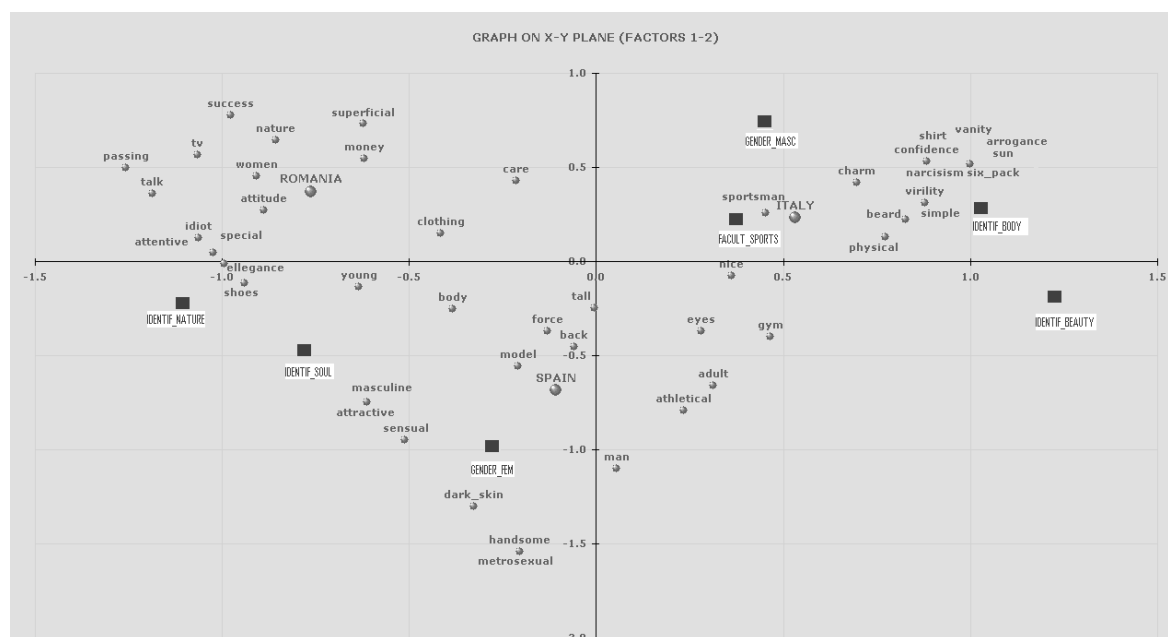


Figure 4 – Results of the lexical correspondence analysis on the corpus elicited by the Associative Network using as inductor “Masculine beauty”.

Table 3 – Defining words and significant illustrative variables of Factor 1.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
success	4,1%	physical	5,28%
nature	3,8%	confidence	4,52%
elegance	3,79%	charm	4,28%
women	3,17%	virility	4,26%
tv	3,12%		
idiot	3,1%		
passing	3%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Identif_nature	-11,6	Faculty_Sports	3,29
Identif_soul	-5,8	Gender_masc	3,04
		Identif_beauty	8,68
		Identif_body	6,09

Factor 1 also denotes the clear opposition between two of the levels of our active variable (country), respectively Italians on the positive semi-axis and Romanian participants on the negative semi-axis, as described in more detail below.

Factor 2 (vertical) explains 40,98% of the data inertia (variance). Defining words, in terms of their contribution to the factor, are presented in the Table 4.

The negative semi-axis evokes a more “up-to-date” gender focused perspective on masculine beauty; it’s an individualistic view, which, besides descriptive traits (*man*,

handsome, *dark skin*) also includes references to less classical, stereotyped connotations, such as “*metrosexual*” or “*sensual*”, - with the contribution of Female and participants who identify themselves with Soul, as illustrative variables - as opposed to the positive semi-axis, which is mostly defined by social connotations of status symbol (*success and money*) – mainly expressed by Male participants.

The comments on the “backbone” of the factorial structure presented above can be nuanced by taking into account the contribution of each national sample and the semantic elements strongest associated to it.

Table 4 – Masculine beauty: defining words and significant illustrative variables of Factor 2.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
handsome	17,8%	success	3,82%
dark_skin	6,72%	nature	3,12%
man	6,71%	money	2,82%
metrosexual	4,7%		
force	3,24%		
sensual	2,95%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Gender_fem	-5,04	Gender_masc	3,54
Identif_with Soul	-2,3		

Overall, the **Italian** space of associations seems to depict a “classical” view on masculine beauty, with a strict reference to exterior landmark elements – *shirt, beard, six pack*, and also to the necessary psychological traits that accompany and complete it: *arrogance, confidence, vanity, charm*, putting it “to work” in the interpersonal realm.

Taking into account the levels of the illustrative variables with a significant contribution to the factors, we notice that this perspective is close to other three consonant categories of participants: *males*, students of *Sports* faculty, participants who tend to identify more with the *body* as a reference, but also with *beauty*.

In the **Romanian** sample we can observe represented a multiple discourse; on one side, there is a conscious view on the *social rewards of masculine beauty* – *money, success, women, TV*, but also on its supplementary musts-haves (*attitude, clothing, talk, elegance*). On the other, there is also a critique of the same social conditioning of masculine beauty: *idiot, superficial, passing*. The illustrative variables associated with this discourse are the identification with *nature* and *soul*, as opposites of the social fabric, which contaminates beauty. Finally, the connection to *nature* as an identity reference also underlines another definition of masculine beauty, as a “return to basics”, in terms of *body, young* and *special*.

The specific trait of the **Spanish** discourse is its high saturation in exterior bodily characteristics: *dark skin, tall, body, back*, with a clear aesthetic perspective – *attractive, sensual*, and *handsome*. We could interpret it as being a definition of a stereotyped and

romanticized modern male (the term *man* is also present), with appealing qualities especially to the *females* (as an identification referent), and to those with a stronger identification with *soul*.

Social Representations of Feminine Beauty

A. Stereotyping index. The values of the index for the three national samples are:

- Italy: -0,64; - Spain: -0,78; - Romania: -0,76, showing higher degree of stereotyping in the Italian’s representations of feminine beauty.

B. Polarity index - The *polarity index values* were very similar and positively connotated for all the three samples, also for the social representations of feminine beauty, as we have already showed for the masculine beauty: Italy: 0,31; Spain: 0,33; Romania: 0,30.

C. “Inductive power”: number of elicited expressions / number of participants

- Italy: 103 participants who elicited 922 elicited expressions overall – **8,95** / participant

- Spain: 90 participants - 525 elicited expressions overall - **6,1** / participant

- Romania: 90 participants - 493 elicited expressions overall – **5,47** / participant

As in the case of the previous inductor, the three polarity indexes of “feminine beauty” are practically equivalent. The other two sets of results show that the Italian sample used the **most** stereotyped discourse, but also the **most** “vocal”, in the sense of evoking the most numerous associations per participant, as revealed by the high inductive power of the stimulus, while the Romanian sample had the **smallest** inductive power, and a stereotyping index similar to the Spanish sample.

D. Lexical correspondence analysis

The results of this method of data analysis are presented in Figure 5. As before, participants' country was employed as active variable (depicted in Capital Letters) in the correspondence analysis, while the other independent variables of our research were used as illustrative variables (depicted in Square Symbols).

The correspondence analysis extracted two factors. **Factor 1** (horizontal) explains 55,6% of the data inertia. Defining words, in terms of their contribution to the factor, are presented in the Table 5.

The opposition which characterizes factor 1 could be synthesized again as between:

- a *person oriented and gender dependent discourse*, in terms of particular feminized personality nuances (*sensuality, sweet*) and visual focus points (body limbs - *feet, hands*), especially expressed on positive semi-axis by Male participants and those who self-identify themselves with Beauty; this result is similar to the reversed representations already evoked by the inductor Masculine Beauty;

- a *gender independent and naturalistic view*, which is not specifically focused on feminine beauty values and projects it on other more general appealing naturalistic qualities: *youth, health, natural*.

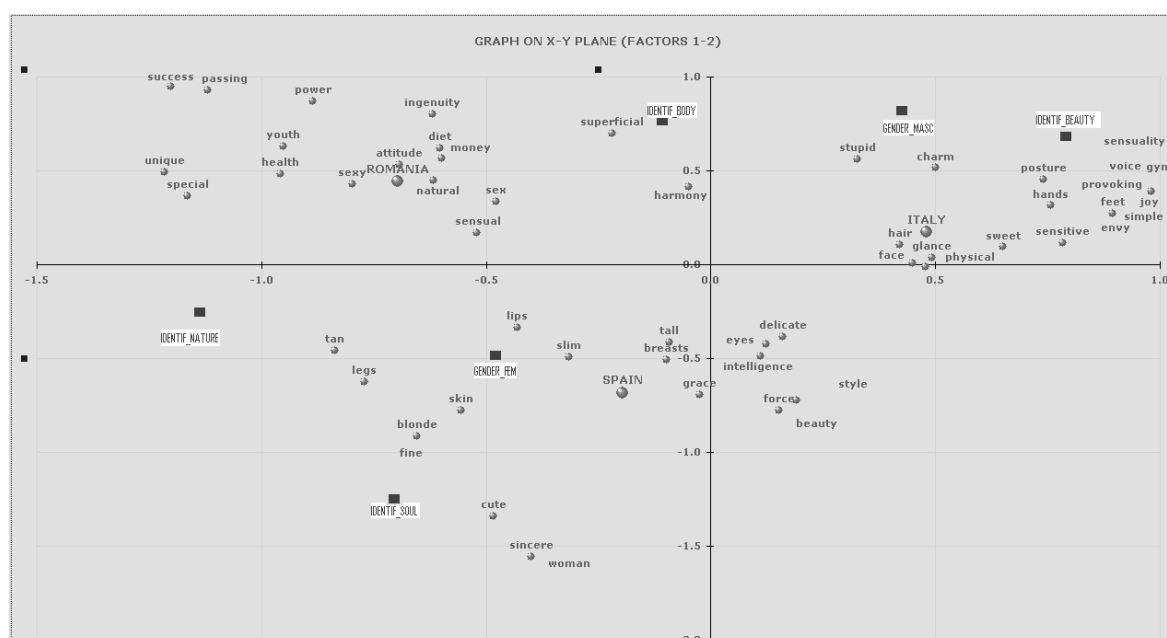


Figure 5 – Results of the lexical correspondence analysis on the corpus elicited by the Associative Network using as inductor “Feminine beauty”.

Table 5 – Feminine beauty: defining words and significant illustrative variables of Factor 1.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
youth	7,26%	sensuality	4,88%
success	4,73%	feet	3,82%
health	4,64%	sweet	3,04%
passing	2,9%	hands	2,92%
natural	2,9%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Identif_nature	-8,04	Gender_masc	4,4
Identif_soul	-4,56	Identif_beauty	7,86
Gender_fem	-4,3		

Also in this case, similar to Masculine Beauty, factor 1 denotes the opposition between two of the levels of our active variable (country), namely between participants in the study from Italy and Romania, as described below.

Factor 2 (vertical) explains 44,4% of the data inertia.

The negative semi-axis (also associated to the Spanish sample) of this factor seems to be centered on a combination of another set of feminine (*woman*) bodily focus points (*skin, breasts, eyes*), and personality traits (*sincere, intelligence*), significantly expressed by Females and those who identify themselves with Soul, as opposed to the two gender independent characteristics which define the positive semi-axis (*youth, success*), expressed on the positive semi-axis mainly by Males and those who identify themselves with Body.

The following step of interpretation is, as before, the in-depth analysis of the semantic and illustrative variables spaces of the discourses produced by participants distinctively for each national sample.

Overall, the **Italian** perspective is characterized by a double discourse on the same topic: beauty traits. On one side, we can extract a clear descriptive physical discourse (*physical, feet, face, posture, hair, hands, gym*), without any evaluative dimension. On the other, there is a conscious view of the interpersonal nature of beauty, centered on the elements which serve as a vehicle towards the perceiver – *glance, charm, provoking, voice, sensuality, sweet, sensitive* (and, maybe, also *stupid* to complete the feminine attractiveness

norm) - and his emotional reactions to feminine beauty – *joy, envy*.

Taking into account the significant illustrative variables, one can notice that this complex view is shared mostly by those with the highest identification with *beauty* as a cultural referent, and is a product, mostly, of *male* participants.

Again, the **Romanian** discourse is not at all semantically homogeneous, presenting a mixed view, with references to:

- general characteristics (comprising what we might call “the gender independent and naturalistic perspective”), as *health, youth, natural* – hence its association to *nature* as participants’ identification category;
- *personality qualities* which refuse any physical anchoring of beauty – *unique, special, attitude*;
- a *socialized and sexualized view* – *sex, sexy, success, money*, which, compared to the similar social perspective on masculine beauty shared by the Romanian sample, is freed from any negative evaluation.

The discourse on masculine beauty produced by **Spanish** participants contains, on one side, an extensive set of *gender dependent physical characteristics* – stereotypically *positively marked* - *tall, breasts, tan, lips, slim, blonde, skin* – assumed also by the *female* participants as significant illustrative variable. On the other, we notice a *personality based definition*, based on enduring traits – *sincere, delicate*, some of them with a feminist root: *force, grace, even woman*. This split view is shared also by those with a stronger identity association to *soul*.

Table 6 – Feminine beauty: defining words and significant illustrative variables of Factor 2.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
woman	9,04%	youth	4%
cute	8,08%	success	3,7%
skin	6,3%		
breasts	4,34%		
intelligence	4,07%		
sincere	3,62%		
eyes	3,47%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Gender_fem	-5,04	Identif_body	2,50
Identif_soul	-4,2	Gender_masc	2,32

Social Representations of Aesthetic Surgery

A. Stereotyping index. The values of the index for the three national samples are:

Italy: -0,64; Spain: -0,72; Romania: -0,61; differentiating the three national groups more than in the case of the masculine and feminine beauty representations.

B. Polarity index values were: Italy: -0,23; Spain: -0,05; Romania: -0,24; showing for all the three countries a slightly negative polarity, almost close to the neutral zone for the Spanish participants.

C. “Inductive power”: The values of the index for the three national samples are:

- Italy: 103 participants who elicited 701 elicited expressions overall – **6,80** / participant
- Spain: 90 participants who elicited 463 elicited expressions overall – **5,14** / participant
- Romania: 90 participants who elicited 337 elicited expressions overall – **3,74** / participant

Synthesizing the three results presented above, we notice that the Italian discourse has the same level of stereotyping and negativity as the Romanian discourse, but once again is the most “vocal” of all three. The Spanish discourse is the least stereotyped and emotionally polarized, while for the Romanian sample, *aesthetic surgery* as inductor had the

weakest inductive power, but the strongest negative valence.

D. Lexical correspondence analysis

The results of this method of data analysis are presented in Figure 6. As before, the participants’ country was employed as active variable (depicted in Capital Letters) in the correspondence analysis, while the other independent variables of our research were used as illustrative variables (depicted in Capital Letters and Square Symbols).

Factor 1 (horizontal) explains 67,35% of the data inertia. Defining words, in terms of their contribution to the factor, are presented in the Table 7.

The negative semi-axis of Factor 1 contains both a *negative judgment* – *repugnant, unnatural* – and a reference to the aesthetic surgery in terms of *social influence* – *mass-media, star, fame*. This representation is significantly expressed by Females, University students of Arts, participants who identify themselves especially with Nature and Soul. The positive semi-axis seems to be mostly rooted in a *psychological explanation of these decisions* – *insecurity, un-satisfaction* – and it is expressed mainly by Males, Students of Faculty of Sports and those who identify themselves with Culture.

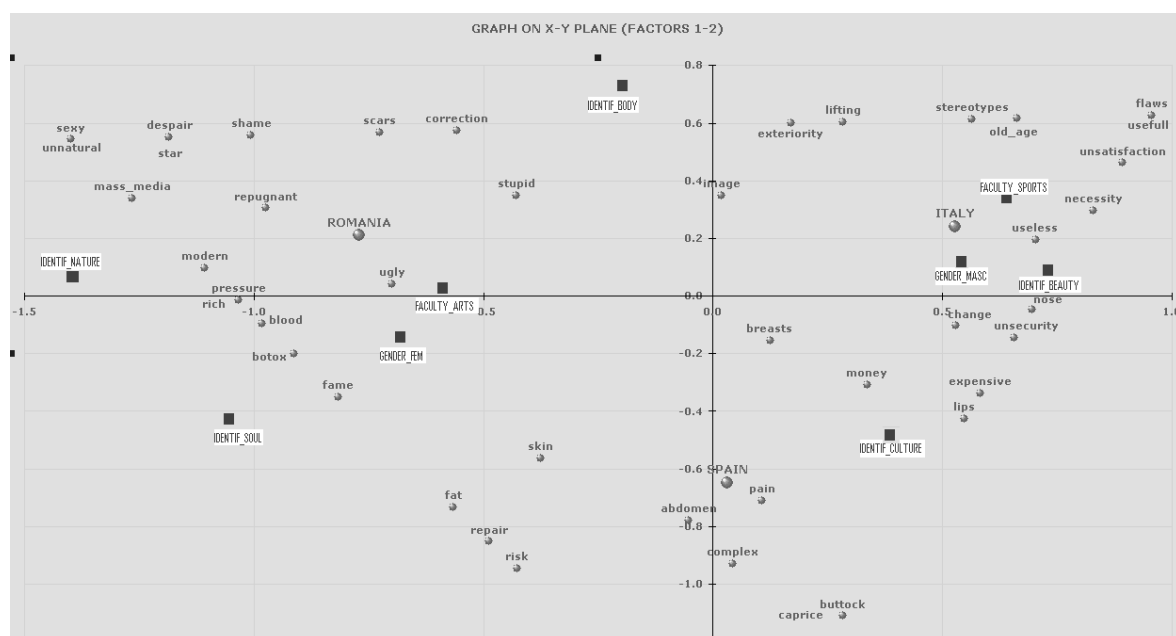


Figure 6 – Results of the lexical correspondence analysis on the corpus elicited from the Associative Network using as inductor “Aesthetic Surgery”.

Table 7 – Defining words and significant illustrative variables of Factor 1.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
unnatural	6,23%	nose	4,01%
mass-media	4,68%	useless	3,56%
repugnant	4,54%	insecurity	3,46%
star	4,10%	unsatisfaction	2,97%
despair	4,10%		
fame	3,53%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Identif_nature	-8,67	Gender_masc	3,68
Identif_soul	-6,02	Faculty_Sports	5,73
Gender_fem	-3,99	Identif_Culture	3,52
Faculty_Arts	-3,60		

Also, factor 1 denotes the opposition between two of the levels of our active variable (participants' country): Romania and Italy, as described later in greater detail.

Factor 2 (vertical) explains 32,65% of the data inertia.

As illustrated in the Table 8, the positive semi-axis of this factor – with the significant positioning of the participants who identify themselves with Body – is defined in a single term – *correction* – which suggests a more *neutral and legitimated view* on such a debated topic, if compared with the opposing negative semi-axis, which depicts a perspective more conscious of its causes or the nature of this phenomenon (*complex*) and *possible negative consequences* (*pain, risk*), expressed mainly by participants who identify themselves with Culture.

The semantic space produced by the **Italian** sample reveals a certain preoccupation with the psychological correlates and, generally, with the individual motivation for such decision: *unsatisfaction, insecurity, necessity, exteriority, change, stereotypes, old age, flaws*. Also, it raises critically the controversial question of the ultimate real

benefits offered by aesthetic surgery (*useless, useful*), mentioning the most common parts of the female body object of aesthetic surgery (*breast, nose, lifting*). This perspective is shared by *male* participants and those with *beauty* as an identity reference, and students in the faculty of *Sports*.

The reference points around which the semantic space is built by the **Romanian** sample are, at first, the motivational explanations for decisions or experiential consequences related to aesthetic surgery, perceived as motivated by *despair* or induced by the *mass-media* and the *star/fame modern* cultural system (and its association with *sexy*). This view and preoccupations with the explanatory level is endorsed by those Female participants and students in the *Arts* faculty, used to and eager to challenge societal aesthetic stereotypes. As the decisions to undergo aesthetic surgery receive mainly external attributions, *rich* people who undergo these procedures are seen as incapable of resisting the outside pressures, thus their personal evaluation becomes more drastic (*stupid*).

Table 8 – Aesthetic Surgery: defining words and significant illustrative variables of Factor 2.

Semi-axis negative	Absolute contribution	Semi-axis positive	Absolute contribution
complex	7,13%	correction	2,51%
buttock	5,43%		
pain	3,88%		
repair	3,20%		
risk	2,95%		
<i>Illustrative Variables</i>			
Variable & level	Test value	Variable & level	Test value
Identif_Culture	-2,35	Identif_body	3,84

Second, from a descriptive point of view, aesthetic surgery can be a *correction* of some *ugly* features that provoke *shame*, yet leaving *scars* instead. As such, the marks of ugliness remain, as an ironic punishment for those who try to trick nature. This opposition is revealed by the evaluative categorization of aesthetic surgery as *unnatural* (thus revealing the significant positioning of the participants who refer to *nature* as identity category), evoking manipulation of the body (*Botox*, *blood*), perceived as *repugnant*.

The discourse evoked by the **Spanish** participants minimizes the motivations (*repair*, *caprice*, *complex*) and the focus is body centered (*breast*, *abdomen*, *skin*, *fat*). At the same time, it maximizes the negative consequences (*risk*, *pain*), suggesting what we might call a more detached, prudent view on the topic of aesthetic surgery. The similarity with the Italian semantic space extends also to the financial considerations – *money*, *expensive*; this vision is characteristic to the participants with *culture* as the specific category of identification. Also, the two national samples share the focus on specific body parts to be “improved” – *nose*, *breasts*, *buttocks*.

Overall, this common discourse evokes a more personal and direct relationship with the topic compared to the Romanian sample, probably an effect of the increased familiarization with the object of representation due to the larger diffusion of the practice of aesthetic surgery.

Discussion and Conclusions

The results presented above suggest various connections between the social representations of beauty (masculine and feminine) and of aesthetic surgery. They result in interrelated representational systems clearly differentiated by the various social groups, not only depending on their gender (and the representations that male and female participants express compared their own or other gender dependent criteria of beauty and aesthetic surgery) or university education (more focused on Body, like Sports students, or aesthetics, like Arts, or less centered on both, like students in Informatics), but also deeply related to psychological dimensions, like the participant differentiated by the highest self-

identification with various cultural referents (Beauty, Body, Culture, Nature, Soul).

In particular, the transversal analysis of the results shows the coherent pattern systematically diversifying male and female participants:

- the males are usually positioned together with students of Sports and subjects highly identified with Body or Culture on representational semantic spaces, expressing gender dependent views of beauty and psychological justifications and explanations for aesthetic surgery, guided by its body centered view as tool for repair or correction, anchored in aesthetic normative criteria (especially for feminine sexualized body);
- the female participants are usually positioned together with students of Arts and those highly identified with Nature and Soul, expressing a more social denomination of beauty criteria, associated to status symbols and critically evaluating the aesthetic surgery as an unnatural and risking intervention, as a mass-media social influence phenomenon (especially among the participants from the country with the least diffused and more recent practice of aesthetic surgery, like Romania).

Regarding the influence of the variable University Education, it is also interesting to observe that students in Informatics never appear in the significant positioning defined by the factorial organization of the semantic space, therefore expressing a more neutral representation less anchored to specific differentiated poles.

Contrary to our expectations and to previous results of the literature that investigates both the factors that may increase the likelihood of undergoing cosmetic surgery in a non-patient population⁷ and the postoperative satisfaction following cosmetic

⁷ According to the results of a study, conducted on a sample of 119 woman and 89 men, age 18 to 59, recruited from public spaces and asked to complete a questionnaire measuring how likely they were to consider undergoing the most common cosmetic surgery procedure, “lower self-ratings of physical attractiveness predicted higher likelihood of undergoing cosmetic surgery.” This result encouraged the authors to conclude that future studies may explore satisfaction levels of those who have undergone surgery. (Brown, A. Furnham, A. Glanville, L. Swami, A., 2007: 501)

surgery⁸, the subjective psychological dimensions taken into account (self-rated attractiveness and self - involvement in the topic of aesthetic surgery) did not prove to be significantly related to any factor in the three correspondence analyses performed – on feminine and masculine beauty, respectively aesthetic surgery. In a certain degree, this could be due to the actual measures of these variables. Keeping in mind the number and complexity of the tasks required by the other tools of our multi-method research approach, the two dimensions mentioned above were measured through single, respectively double item six-point response scales, that could not offer a high degree of differentiation among participants. On the other side, such results might reveal the lack of relevance of these subjective evaluations to the social representations of the issues tackled in our research, at least when compared to other, more important dimensions – such as one's self – identification with cultural referents or gender.

⁸ David B. Sarwer, Lauren M. Gibbons, Leanne Magee, James L. Baker, Laurie A. Casas, Paul M. Glat, Alan H. Gold, Mark L. Jewell, Don LaRossa, Foad Nahai, and V. Leroy Young, (2005) have conducted a prospective, multi-site study investigated postoperative satisfaction and changes in psychosocial status following cosmetic surgery, on a sample of one hundred patients recruited from 8 geographically diverse surgical practices completed psychometric measures of body image, depressive symptoms, and self-esteem prior to surgery. Seventy-two patients completed the 3-month postoperative assessment, 67 completed the 6-month assessment, and 63 completed the 12-month assessment. All statistical tests on changes after surgery were conducted using the sample of 72 patients who completed the 3-month assessment. A Last Observation Carried Forward analysis was used to account for patients who did not complete the subsequent follow-up assessments. In addition, they reported their postoperative satisfaction as well as self-rated **attractiveness** at the 3 postoperative assessment points. The results show that "Eighty-seven percent of patients reported satisfaction with their postoperative outcomes. Patients also reported significant improvements in their overall appearance, as well as the appearance of the feature altered by surgery, at each of the postoperative assessment points. Patients experienced significant improvements in their overall body image, their degree of dissatisfaction with the feature altered by surgery, and the frequency of negative body image emotions in specific social situations. All of these improvements were maintained 12 months after surgery." (p. 261)

Another possible explanation for the lack of significance of self-rated attractiveness could be the dual and oppositely nature of the relationships between aesthetic appearances and aesthetic surgery, both in the social thinking and practices. On one side, the traditional view of cosmetic surgery as a weapon in the "fight against ugliness" would suggest a stronger appeal of these procedures for those lacking self-confidence in their looks. On the other, on psychological grounds related to mental focus and salience of the physical traits, the opposite hypothesis could be defended, namely that the "already beautiful" should be more drawn into cosmetic surgery, redefined as "another form of make-up" rather than "revolution of looks", as a correction of imperfections rather than a massive invasion of the body. This explanation is supported by many aesthetic surgeons who have often declared (in TV and magazine interviews) that most of their patients are very beautiful woman, who do not need any body correction, but who are over worried by their fears of losing their beauty.

This double discourse – having as rationale the targeting of both categories of self-rated attractiveness – could be responsible for the relative homogeneity of the textual corpus elicited in our research by the two groups.

Furthermore, taking into account the cross-countries cultural variable supposed to be influenced by the diverse degree of the familiarization and diffusion of the aesthetic surgery in the country, the various critical positions summarized in the introductory part seem to find different degrees of relevance to the contents expressed by our three national samples. As a synthesis of our results, among the Italian participants, beauty is mainly defined by its physical, but also by interpersonal dimensions. The latter represent additional resources in the attractiveness equation, and they are expected to compensate, to some degree, the accidental drawbacks of the physical endowment. This could justify the intense negative charge of aesthetic surgery, which becomes an understandable option only for those in psychological need for an "update" of their beauty status. As the interpersonal capabilities still play a major part in the attractiveness play, aesthetic surgery reflects the weakness of the individual and solves an insignificant part of his/her real identity, as an

expensive and failed technological solution to a psychological problem. This dialogue between the inner sources of decisions to undergo aesthetic surgery and its questionable outputs share with the feminist liberal perspectives the focus on the individual and his/her struggles to meet some more or less personal criteria in terms of appearance.

The representations expressed by the Spanish participants evoke a vision of beauty of both genders gravitating around the physical traits, yet with strong references to personality stereotyped dimensions. In this context, aesthetic surgery is integrated as a personal choice of modifying specific beauty – relevant body parts, but keeping in mind, at the same time, its potential negative consequences. This detached, conscious perspective builds upon the rational utility criteria, in terms of the gains and losses balance. Overall, it renders the view of aesthetic surgery close to the first liberal feminist perspective presented, as an acceptable – in some limits – way to address the cultural pressures and exterior definitions of beauty, with an intense awareness of the alternative criteria that should define it – one's personality.

The view of aesthetic surgery expressed by the Romanian participants in the study is a negative one, as an unjustified alteration, falsification of the natural prerequisites of beauty. Thus, it is a phenomenon attributed to social pressure, and then it carries the social stigmata of the “mystifying”. The decisions to undergo aesthetic surgery are, thus, motivated by external and general pressure agents, as mass-media or the celebrity system, an explanation similar to the radical feminist view. The increased frequency of these interventions is seen by our Romanian participants as a sign of the progressive and unstoppable contamination with a “virus of superficiality”, which threatens what should be every one's private possession: the body. As such, the relationships between the social representations of beauty and of aesthetic surgery evoke a more general psychological conflict between individual and societal value's referential systems in the Romanian sample.

Our results derived from multiple techniques and indexes can also be justified invoking a kind of split between “*normative*” representations and diffused practices, between generally negative connotated representations of aesthetic surgery in all the three national groups of participants (although with some

differences already discussed above) and an impressive diffusion of the phenomenon of the increasing number of the aesthetic surgery interventions (even among adolescents and very beautiful women). Briefly stated, people tend from one side to criticize and negatively evaluate (probably due to a residual social desirability criteria against the body artificial manipulation seen as falsification of the natural beauty), whilst the practice becomes more and more socially shared. This can also explain the increasing phenomenon of the *cosmetic tourism* or *medical tourism* linked to the aesthetic surgery as international market that push patients out of their country and their social networks to do intervention protected by anonymous context (see Medical Tourism Survey Results of the ISAPS by Staffieri, 2010, or Nassab, Hammett, Kaur, Greensill, Dhital, & Juma, 2010⁹).

The various positions on the topic of cosmetic surgery, which served us as a reference point in the interpretation of our results, illustrate the multi-focal views, which mark the social dimension of the body, as product of social representations. Each position – identifiable in the social representations expressed by our participants – represents a different definition of the relationships between one's body and the societal insertions of the individual regarding the pressures to enhancing his/her aesthetic appeal. As such, these views can contribute to a reading of the cosmetic surgery issue through the lens of the social representations theory in several ways:

First, the significant links that they show between various cultural objects – beauty, gender, power, self-realization, inner/outer self, etc. – suggest that, in order to comprehensively investigate the topic of cosmetic surgery, one has to take into account an entire set of nested

⁹ The authors found that “Of the 197 respondents, 47% had considered having some form of cosmetic surgery. Most (97%) would consider going abroad for their procedure. The Internet was a source of information for 70%. The review of the first 100 sites under “plastic surgery abroad” revealed that most centers were located in Eastern Europe (26%), South America (14%), and the Far East (11%). Exploring the information provided on the Web sites, we found 37% contained no information regarding procedures. Only 10% of sites contained any information about potential complications. Even less frequently mentioned (4%) were details of aftercare or follow-up procedures.” (retrieved on November 14 2010 from <http://aes.sagepub.com/content/30/3/465.abstract>)

social representations. These multiple social representations form a complex semantic and evaluative grid through which the choice of undergoing cosmetic surgery is socially determined; in other words, such decisions involve more than the criterion of one's physical aesthetic improvement.

Second, the various positions on the topic also define the boundaries of legitimate interventions on the body; as a result of all these socio-cultural premises, people either reject or accept cosmetic surgery as a tool for the purpose of beauty. This straightforward verdict constitutes a supplementary argument for considering cosmetic surgery as both an object of social representations, and also a social practice, in both senses strongly related to the social representations of beauty.

Finally, these views are informative for a social representations analysis of the issue because they also suggest hypothesis concerning more general changes of the subjective paradigm towards the body, in other words a certain dynamics of its social representations. After the "liberation" stage, as remarked by Jodelet, the view of the postmodern body as "fragmented" text for expressing one's identity represents a shift in the social representations of the body, specifically on two dimensions: on one side, it represents a cancelation of the usual condition of unity which has defined one's body, which, in the new paradigm, is conceived as a collection of parts; the sense of one's self is no longer conditioned by biological integrity, a cultural change partly driven and illustrated by various medical advancements (artificial robotic-like limbs, organ transplant technology, new cosmetic surgery procedures, etc.). On the other side, this fragmentation allows the body to play a more complex and visible role in the expression of one's inner self. As such, the general category of body-modification techniques includes various ways in which the body can be used as a textual material in the outside writing of one's true identity. This also represents a drastic change in the cultural apprehension of the body, inserting it – besides the power or competition social relationships – in the communicative chain between the individual and society: the body becomes another form of language. In the light of these new social representations, cosmetic surgery is one of the technological means available in

order to adapt one's body to the inner self – and thus to express itself on the social stage.

References

- Abrie, J. C. (Ed.) (1994) *Pratiques sociales et représentations*, Paris: Presse Universitaires de France.
- APS (Association for Psychological Science) (2011). Beauty is in the Mind of the Beholder, *Observer*, 4(4), 18-22. (Retrieved on April, 27 2011 from: <http://www.psychologicalscience.org/index.php/publications/observer/2011/april-11/beauty-is-in-the-mind-of-the-beholder.html>).
- Atiyeh, B. S., Kadry, M., Hayek, S. N., & Musharafieh, R. S. (2008). Aesthetic surgery and religion: Islamic law perspective. *Aesthetic Plastic Surgery*, 32, 1-10.
- Balsamo, A. (1997). *Technologies of the gendered body: Reading cyborg women*. Durham (NC): Duke University Press.
- Berry, B. (2007). *Beauty bias: Discrimination and social power*, Westport (CT): Praeger/Greenwood.
- Berry, B. (2008). *The power of the looks: Social stratification and physical appearance*. Aldershot: Ashgate.
- Brickman, B. (2004). 'Delicate' Cutters: Gendered Self-mutilation and attractive flesh in Medical Discourse. *Body & Society*, 10(4), 87-111.
- Brown, A., Furnham, A., Glanville, L., & Swami, A. (2007). Factors that affect the Likelihood of Undergoing Cosmetic Surgery, *Aesthetic Surgery Journal*, 27(5), 501-508.
- de Rosa, A. S. (1990). Per un approccio multi-metodo allo studio delle rappresentazioni sociali. *Rassegna di Psicologia*, 3, 101-152.
- de Rosa, A. S. (1994). From theory to meta-theory in S.R.: the lines of argument of a theoretical-methodological debate. *Social Science Information*, 33(2), 273-304.

- de Rosa, A. S. (2002). The "Associative Network": a technique for detecting structure, contents, polarity and stereotyping indexes of the semantic fields. *European Review of Applied Psychology*, 52(3 – 4), 181-200.
- de Rosa, A. S. (2003). Le "réseau d'associations": une technique pour détecter la structure, les contenus, les indices de polarité, de neutralité et de stéréotypie du champ sémantique liés aux Représentations Sociales. In J. C. Abric (Ed.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 81-117). Paris: Editions Erès.
- de Rosa, A. S. (2005). A "Rede Associativa": uma técnica para captar a estrutura, os conteúdos, e os índices de polaridade, neutralidade e estereotipia dos campos semânticos relacionados com a Representações Sociais. In A. S. Paredes Moreira (Ed.), *Perspectivas Teorico-metodológicas em Representações Sociais*, (pp. 61-127). Editora Universitária – UFPB.
- de Rosa, A. S. (Ed.) (2012). *Social Representations in the "Social Arena"*. New York – London: Routledge.
- de Rosa, A. S., & Carli, L. (1980). Il corpo come mediatore di sviluppo, *Rivista di neuropsichiatria infantile*, 226, 499-512.
- Eco, U. (2004). *Storia della bellezza*, Milano: Bompiani.
- Eco, U. (2007). *Storia della bruttezza*, Milano: Bompiani.
- Flament, C. (1989). Structure et dynamique des représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 224-239), Paris: Presses Universitaires de France.
- Frank, A. (1998). How Images Shape Bodies. *Body & Society*, 4, 101-112.
- Gimlin, D. (2000). Cosmetic Surgery: Beauty as Commodity. *Qualitative Sociology*, 23(1), 77-98.
- Gimlin, D. (2002). *Body work: Beauty and self-image in American culture*. Berkeley (CA): University of California Press.
- Graham, L. R., Rawlings, E., & Rigsby, R. (1994). *Loving to survive: Sexual terror, men's violence and women's live*. New York: New York University Press.
- Hanisch, C. (1970). The personal is political. In S. Firestone & A. Koedt (Eds.), *Notes from the second year: women's liberation: major writings of the radical feminists*. New York: Radical Feminists (Reprinted in: D. Keetley; & J. Pettegrew (Eds) (2005), *Public women, public words: A documentary history of American feminism*. Rowman & Littlefield.)
- Jeffreys, S. (2005). *Beauty and misogyny: harmful cultural practices in the West*. New York: Routledge.
- Jeffreys, S. (2009). *Orlan's art of sex and surgery*. (Retrieved on May 11, 2011 from: <http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2009/jul/01/orlan-performance-artist-carnal-art>).
- Jodelet, D. (1981). Représentations, expériences, pratiques corporelles et modèles culturels. Les colloques de l'INSERM « *Conceptions, mesures et actions en santé publique* », INSERM, vol. 104 : 377-396.
- Jodelet, D. (1984a). Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale*. (pp. 357-78). Paris: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1984b). The representation of the body and its transformations. In R. M. Farr & S. Moscovici (Eds), *Social Representations* (pp. 211-237). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jodelet, D. (1994). Le Corps, la personne et autrui. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale Des Relations À Autrui*. (pp. 41-68). Paris: Nathan.
- Kaw, E. (1994). "Opening" faces: The politics of cosmetic surgery and Asian American Women. In N. Sault (Ed.) (1994), *Many mirrors: Body Image and Social Relations* (pp. 241-265). New Brunswick: Rutgers University Press.
- Keenan, K. (2009). Review to B. Berry (2008). *The power of the looks: Social Stratification and Physical Appearance*. Aldershot: Ashgate. (Retrieved on November 14 2010 from <http://www.socresonline.org.uk/14/1/reviews/keen.html>)

- Lorenzo, G. L., Biesanz, J. C., & Human, L. J. (2010). What is beautiful is good and more accurately understood: Physical attractiveness and accuracy in first impressions of personality. *Psychological Science*, 21, 1777–1782.
- Moscovici, S. (Ed.) (1984). *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2000). *Social Representations: Explorations in Social Psychology*. Cambridge: University of Cambridge.
- Moscovici, S., & Buschini, F. (Eds.) (2003). *Les methodes des sciences humaines*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Nassab, R., Hammett, N., Nelson, K., Kaur, S., Greensill, B., Dhital, S., & Juma, A. (2010). Cosmetic tourism: Public opinion and analysis of information and content available on the Internet. *Aesthetic Surgery*, 10(3), 465-469.
- Nahai, F. (2010). ISAPS President. *Celebrating our collective success*. In ISAPS NEWS, 4(2) http://www.isaps.org/uploads/news_pdf/ISAPS_NL_Interactivefred_Vol4_Num2.pdf p.3
- Negrin, L. (2002). Cosmetic surgery and the eclipse of Identity. *Body and Society*, 8, 21-42.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond. (tr.it 2009 *Il corpo incerto. Bio-imaging, body art e costruzione della soggettività*, Torino: Antigone Edizioni).
- Papenburg, P., & Zarzycka, M. (Eds.) (2011). *Carnal aesthetics: transgressive body imagery and feminist Politics*. New York/Basingstoke: Palgrave Macmillan (under review).
- Rouquette, M.-L. (1994). Une classe de modèles pour l'analyse des relations entre cognèmes. In C. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 152-170). Neuchâtel, Switzerland: Delachaux & Niestlé.
- Sarwer, D. B., Gibbons, L. M., Magee, L., Baker, J. L., Casas, L. A., Glat, P. M., Gold, A. H., Jewell, M. L., LaRossa, D., Nahai, F., & Leroy Young, V. (2005). A prospective, multi-site investigation of patient satisfaction and psychosocial status Following Cosmetic Surgery, *Aesthetic Surgery Journal*, 25(3), 263-269.
- Sault, N. (Ed.) (1994). *Many mirrors: Body Image and Social Relations*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Staffieri, T. (2010). Medical Tourism Survey Results, *ISAPS News*. (Retrieved on November 14 2010 from http://www.isaps.org/uploads/news_pdf/Med_Tourism_Survey_Results.pdf)
- Tiemersma, D. (1989). *Body schema and body image: An interdisciplinary and philosophical study*. Amsterdam: Swets & Zeitlinger.

Enviado em Dezembro de 2010
 Aceite em Maio de 2011
 Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Annamaria Silvana de Rosa – Full Professor of Attitudes and Social Representations and of Psychology of Communication and new media at the Faculty of Medicine and Psychology Sapienza University, Rome - European Ph.D. on Social Representations and Communication Research Centre and Multimedia Lab <http://www.europhd.eu> e-mail: Annamaria.derosa@uniroma1.it.

Andrei Holman – Research trainee enrolled in the 3rd year of the European Ph.D. on Social Representations and Communication, Sapienza University, Rome. Research Assistant at University Al.I.Cuza, Iasi, Romania.

O que é preciso para ser chefe? Representações sociais sobre o poder no contexto escolar

Célia Soares

Instituto Politécnico de Setúbal e CIS-IUL/ISCTE, Portugal

Jorge Correia Jesuino

Instituto Universitário de Lisboa-ISCTE, Portugal

Resumo

Este artigo foca o desenvolvimento de representações sobre os fenômenos da vida social em contexto escolar, em particular, as relações de poder. Do ponto de vista teórico e epistemológico, este objeto de estudo está enquadrado na abordagem da Psicologia Social Genética e foi operacionalizado a partir da Teoria das Representações Sociais. Foi realizado um estudo qualitativo, através de entrevistas, com 153 crianças do 1º e 4º anos de escolaridade, onde se examinaram as suas construções sociais sobre aquele objeto temático, bem como os processos que suportam o seu desenvolvimento. Os resultados mostram a importância da participação na vida escolar e das dinâmicas de gênero no desenvolvimento do conhecimento social das crianças. O pensamento sobre o poder e as representações das crianças reflectem um impacto das relações e representações sociais de gênero, a partir da sua dimensão ideológica, bem como a importância dos regimes simbólicos da instituição escolar. O quadro de análise deste trabalho permite salientar a relação que se estabelece entre os processos colectivos e individuais ao nível da gênese e desenvolvimento das representações sociais das crianças.

Palavras-chave: Representações sociais, Relações de poder, Desenvolvimento, Gênero, Contexto escolar.

What does it take to be the head of the group? Social representations of power in school context

Abstract

The present paper focuses on the development of children's representations about social life at school context, specifically on relationships of power. The epistemic and theoretical framework of this research is anchored in the approach of Genetic Social Psychology through the Theory of Social Representations. It presents one study, conducted with 153 primary school children (1st and 4th grades), with interviews, which aimed not only at analyzing the social constructions elaborated around that topic, but also the processes of development which underlie it. Results clearly show the role of school social participation and gender processes in the development of social knowledge. The ideas about power show the influence of gender relationships and gender representations, namely through its ideological dimensions, and also from the symbolic regimes of schools. This research has highlighted the relationship between collective and individual processes and its impact on the genesis and development of children's social representations.

Keywords: Social representations, Power relations, Gender, Development, School context.

Introdução

Neste artigo examinamos o desenvolvimento na cognição sobre os fenômenos da vida social. A nossa questão central prende-se com a articulação entre os

níveis individual e social, quando a problemática de base é o desenvolvimento do pensamento social das crianças. Do ponto de vista epistemológico e teórico, este trabalho está ancorado no quadro da *Psicologia social*

genética (Moscovici, 1976; Doise, 1978; Duveen & Lloyd, 1990) e é operacionalizado a partir da Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1976, 1984, 1988). Esta abordagem permite-nos analisar o desenvolvimento no pensamento das crianças, partindo de uma perspectiva que dá conta dos processos sociais e cognitivos envolvidos na gênese e na transformação do conhecimento social (de Rosa, 1987; Lloyd & Duveen, 1990; Corsaro, 1990; Duveen & de Rosa, 1992; Duveen & Lloyd, 1993; Duveen, 1983, 1993, 1997, 1999, 2001).

Simultaneamente, esta abordagem cria condições para uma articulação entre as dimensões social e temporal (Moscovici, 1990) que estão subjacentes ao desenvolvimento da atividade construtiva das crianças. De acordo com o autor, a transformação de conhecimento implica a consideração dos factores espaço e tempo, na medida em que significa reter processos sociais, estruturas cognitivas individuais e histórias de desenvolvimento.

Porque o princípio de igualdade não é uma constante na vida social dos grupos de crianças e os processos de assimetria e diferenciação social constituem dinâmicas habituais entre os grupos de pares, em termos temáticos focamos a nossa atenção nas construções que as crianças elaboram sobre o poder infantil em contexto escolar, bem como nos processos que estão subjacentes a essas construções.

A definição de assimetrias entre pares pode estar associada a aspectos como a idade, o sexo, os atributos físicos ou intelectuais. Quando alguma(s) dessas características assume(m) uma faceta de estatuto no espaço do grupo, as relações sociais das crianças passam a estar condicionadas por um desequilíbrio de autoridade entre o ator que exerce o poder e os seus pares. Mas como são estabelecidas essas assimetrias entre os grupos escolares? Que características ou atributos são necessários para se ser reconhecido(a) como *chefe*? Será essa legitimidade transversal ao espaço da sala de aula e do recreio? Como se desenvolvem as ideias sobre o poder ao longo do 1º ciclo escolar? Será que meninas e meninos pensam nas questões de poder nos mesmos termos?

A literatura tem sido um pouco omissa e tem produzido poucas respostas para estas perguntas. As relações de poder entre grupos de crianças e as questões ligadas ao desenvolvimento do pensamento acerca deste objeto da sua vida social constituem temáticas

um pouco negligenciadas, quer no plano da Psicologia do Desenvolvimento, quer no domínio da Psicologia Social. Para colmatar esta lacuna, este estudo pretende analisar o modo como as crianças pensam sobre as formas de poder no espaço escolar, nas suas vertentes formais e informais, tendo em conta as condições simbólicas que as sustentam. Neste contexto, iremos examinar o desenvolvimento das representações sociais de poder e autoridade em grupos de pares, a partir dos discursos de crianças do 1º e 4º anos de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico.

Para o enquadramento conceitual do objeto temático deste trabalho, recorreremos às abordagens psicossociológicas e sociológicas do poder, pois consideramos que estas são instrumentos teóricos relevantes para examinar as fontes de poder, a partir dos domínios pessoal e posicional (French & Raven, 1959; Yukl, 1998), no âmbito das relações entre pares no contexto escolar. Por outro lado, permitem analisar o papel que os códigos simbólicos de poder (Parsons, 1963; Luhmann, 1993) assumem na vida e no pensamento social das crianças. Finalmente, situam a importância do poder disciplinar e das relações de *saber-poder* (Foucault, 1975, 1980) no campo das relações sociais que estão inscritas em contextos institucionais, como é o caso da escola. Recorreremos ainda às abordagens psicossociológica e sociológica do gênero, de modo a articular os efeitos das representações e das relações sociais de gênero (Amâncio, 1994, 1997, 2001, 2002; Duveen & Lloyd, 1993; Lloyd & Duveen, 1992) na ação e no pensamento social das crianças, bem como o impacto de fatores estruturais no desenvolvimento dessas dinâmicas psicossociológicas (Connell, 1987, 1995, 2002).

Poder, autoridade e comunicação simbólica generalizada

A definição do conceito de poder revela-se uma tarefa difícil, em virtude da polissemia que o caracteriza. Quando usamos o termo *poder* em contextos diferenciados, os seus significados mudam consideravelmente e, por essa razão, não existe uma definição que possa estender-se a todas as situações. Contudo, existirão sempre condições específicas

associadas às situações onde o termo se pode aplicar (Jesuino & Duarte, 2006).

A existência do poder liga-se às representações dos atores sociais envolvidos e os seus recursos são potenciais, pois só estarão acessíveis se assim forem percebidos, tanto por quem se encontra em posição de poder, como pelos seus destinatários (Jesuino & Duarte, 2006). As chamadas fontes e/ou atributos de poder permitem examinar alguns dos conteúdos gerais que podem estar na origem das relações sociais de poder. No âmbito da nossa investigação, este aspecto é relevante, na medida em que permite enquadrar as dimensões que podem estar na base das representações de poder das crianças.

French e Raven (1959) distinguiram cinco fontes de poder interpessoal: poder legítimo, poder coercivo, poder recompensa, poder do conhecimento (ou especialista) e poder de referência. *Poder legítimo* é sinónimo de *autoridade*, estando associado ao posicionamento dos indivíduos nas estruturas hierárquicas formais. O *poder coercivo* traduz o poder para punir e resulta da capacidade de provocar medo ou de hostilizar aqueles que se encontram em posição de dependência. O *poder de recompensa* resulta da possibilidade de distribuir recompensas e ocorre quando se dispõe de recursos desejados por outros. Estas três fontes de poder derivam, sobretudo, da posição formal dos atores. Na nossa investigação, estas formas de poder poderão ser associadas ao contexto da sala de aula, onde os papéis e as normas são definidos de um modo relativamente formal.

As características, atributos ou capacidades pessoais estão associadas às restantes formas de poder interpessoal (conhecimento e referente). O *poder do conhecimento* (especialista) traduz competências ou conhecimentos essenciais para os outros indivíduos e reflete o reconhecimento que os outros têm dessa *especialidade*, não se esgotando na posição formal do ator. O *poder referente*, resulta essencialmente do respeito e da admiração dos outros. Esta forma não depende do posicionamento formal nas hierarquias. No âmbito das relações escolares, as fontes de poder referente e de conhecimento podem ser importantes nas relações sociais dos dois principais contextos, no entanto a primeira poderá assumir maior relevância no plano das relações informais das crianças.

Posteriormente, Yukl (1998) introduziu uma classificação baseada em duas categorias: *poder de posição* – inclui a autoridade formal, o controlo sobre os recursos e recompensas, o controlo sobre as punições, o controlo sobre a informação e o controlo ecológico (ambiente físico, tecnologia e organização do trabalho); e *poder pessoal* – integra as competências especializadas, a amizade/lealdade e o carisma. No plano das relações entre crianças, a amizade é, sem dúvida, uma fonte de poder pessoal importante, podendo constituir um vetor de influência relevante ao nível dos grupos de pares.

De acordo com a proposta de Parsons (1963), o poder reflete uma construção da sociedade e deve ser concebido no quadro dos *meios de comunicação simbólicos generalizados*, dos quais também fazem parte o dinheiro, a influência, a verdade e o amor. Para que possa funcionar como um meio generalizado num sistema complexo, o poder terá de ser legitimado (Parsons, 1963) e será esse vetor da legitimidade que está na origem do plano simbólico do poder. Ou seja, a legitimidade que é conferida ao decisor, permite que não seja necessária uma justificação sistemática nos seus atos de decisão (Jesuino, 1996).

No âmbito do nosso trabalho, nas relações formais das crianças, o acesso aos recursos do poder dependerá sobretudo de processos legitimadores ancorados no sistema normativo da organização escolar. Paralelamente, no plano das relações de lazer predominarão dimensões ligadas à estrutura dos grupos de pares. De acordo com a formulação de Parsons, os aspectos do poder infantil são exercidos através dos papéis que as formas de autoridade legitimadas permitem desempenhar. E o vetor da legitimidade implica o acesso e a partilha dos códigos simbólicos que conferem poder. Por outras palavras, implica a participação no sistema de representações sociais sobre o poder.

A conceptualização do poder como um meio de comunicação simbolicamente generalizado foi consideravelmente enriquecida com a perspectiva de Luhmann (1993). Para este autor, a formação dos sistemas sociais depende de processos de comunicação e será a partir destes que a dimensão social daqueles sistemas é desenvolvida. Paralelamente, as sociedades elaboraram mecanismos adicionais que viabilizam a expansão e a diversidade das

comunicações sociais, como é o caso do poder. Neste sentido, esses meios de comunicação são especiais, pois refletem a emergência de códigos simbólicos generalizados que permitem uma orientação partilhada entre os atores sociais. Em relação ao poder, a sua função básica é regular a ordem das situações sociais onde os parceiros têm opções ao seu alcance.

Luhman (1993) propõe ainda que as hierarquias e o estatuto constituem símbolos de substituição para situações onde estão patentes comparações de poder, existindo assim uma referência simbólica que compromete as partes envolvidas de forma normativa. Esses símbolos resultam da formação cultural, estão sujeitos a mudanças e são compatíveis com um elevado número de condições inerentes ao sistema onde circulam. Desse modo, a generalização simbólica do código do poder, através do qual se podem formar expectativas sobre situações sociais concretas, é um pré-requisito para a sua diferenciação enquanto meio de comunicação especializado.

O poder constitui-se assim como uma dimensão eminentemente relacional, simplificadora dos processos comunicacionais em sociedade e as suas características e atribuições são reguladas pelo próprio código simbólico do poder. Em linha com as propostas de Moscovici (1976) e Jodelet (1989, 1993), o poder enquanto meio de comunicação simbolicamente generalizado permite orientar comportamentos e comunicações, possibilita a interpretação da realidade e estabelece um código para as trocas sociais nos grupos de pares em contexto escolar. No entanto, o código simbólico de poder que regula a vida institucional escolar, não pode ser dissociado do plano societal, na medida em que se constitui como meio de comunicação de alcance generalizado. Ou seja, as representações sociais de poder e os códigos simbólicos que as materializam estão intimamente ligadas a processos de natureza microgenética, pois são elaboradas e transformadas no campo das interações e comunicações das crianças, mas não podem ser dissociadas dos processos sociogenéticos que as sustentam (Duveen & Lloyd, 1990).

Instituição escolar, disciplina e relações de poder-saber

Os processos de socialização escolar estão diretamente implicados no desenvolvimento

das representações sociais sobre o poder institucional, embora as relações que as crianças aí estabelecem não estejam sempre sujeitas às condições formais desses contextos. De qualquer modo, para compreender a dinâmica e o funcionamento das instituições, é necessário enquadrar as questões do poder disciplinar e as relações entre poder e saber e os trabalhos de Foucault (1975, 1980) permitem-nos enquadrar estas dimensões.

De acordo com o autor, o poder disciplinar é um produto da época moderna, o poder como conhecimento, aplicado ao sujeito humano. É difuso, infiltrado, circulante e apresenta uma forte dependência dos saberes e das suas técnicas, representando aquilo que ele designou por *poder-saber* (Jesuino & Duarte, 2006). Os seus métodos permitem o controle minucioso das operações do corpo, manipulam e produzem comportamentos e criam identidades específicas necessárias ao funcionamento das sociedades modernas (Foucault, 1975).

As relações entre poder e conhecimento são mutuamente constitutivas. Poder e saber implicam-se diretamente e as suas relações determinam as formas e os domínios possíveis de conhecimento. O poder produz e transforma a realidade, o conhecimento e os próprios indivíduos. O indivíduo é em si mesmo uma consequência do conhecimento e um efeito dos diferentes regimes de *poder-saber* (Foucault, 1980). As relações de poder são exercidas nos variados níveis da rede social e os seus efeitos circulam em toda a parte, estendendo-se a todos os indivíduos. As técnicas do poder são infinitesimais e o seu objetivo é controlar as ações dos indivíduos, de modo a maximar as suas potencialidades e a torná-los em corpos dóceis e úteis (Foucault, 1975). As análises da microfísica do poder mostram como a docilidade e utilidade do corpo humano emergiram com a sua submissão a técnicas de controle e conhecimentos que foram sendo desenvolvidos com a passagem à época moderna, e cuja aplicação está na origem das instituições (o asilo psiquiátrico, as prisões, a escola, a fábrica) (Foucault, 1975).

A disciplina é a uma técnica que organiza o espaço e o tempo. Essa organização é feita através do esquadramento do espaço (a quadrícula), onde se pretende a individualização e classificação dos corpos, permitindo a sua diferenciação funcional. Por outro lado, há uma submissão do corpo ao tempo e com ela pretende-se produzir a

eficiência máxima. Neste contexto, a vigilância é um dos mecanismos de controle mais importantes e deverá ser exercida de forma contínua e permanente.

É o olhar invisível do poder disciplinar que deve ser incorporado e interiorizado, de modo a que o controle seja simultaneamente externo e interno e, por isso, normalizado. Nos regimes disciplinares, o poder é anônimo e funcional e o seu principal objetivo é a individualização. Para Foucault (1975), a disciplina fabrica o indivíduo e, desta forma, o homem emerge como uma produção do poder, mas simultaneamente, como um objeto de saber.

Ao nível escolar é possível compreender como o poder disciplinar se configura e atua, nomeadamente através dos seus arranjos espaciais, das regras minuciosas que regulam a vida interna da instituição, das atividades que são organizadas, das diferentes personagens que vivem conjuntamente, mas com funções e localizações específicas. A aprendizagem e a aquisição de determinadas atitudes e comportamentos desenvolvem-se em função de comunicações regradas ou regimes discursivos específicos (lições, ordens, símbolos de obediência, marcas diferenciais do valor individual e dos níveis de saber) e através de diversos procedimentos de poder (vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (Foucault, 1982-1994).

Podemos situar o *poder-saber* ao nível das relações entre crianças, quer pela internalização dos regimes disciplinares nas suas identidades, quer pela sua externalização, através da via comportamental e atitudinal. Ou seja, pela via microgenética, onde representações e identidades se articulam e se transformam mutuamente (Duveen & Lloyd, 1990). Neste contexto, a separação entre a sala de aula e o recreio deverá conduzir à emergência de diferentes relações de poder e saber, onde as crianças se podem assumir como agentes de poder e saber, através da mobilização de identidades valorizadas, tanto no contexto das relações formais, como no plano das relações informais entre os grupos de pares. Por outras palavras, a internalização e a manipulação dos símbolos disciplinares e do conhecimento permitem reforçar as condições de poder no âmbito das interações entre pares, mas também com os adultos da instituição.

Em suma, se as crianças constroem o seu conhecimento sobre poder nas dinâmicas da

vida social, nas comunicações e nas práticas sociais (Marková, 2010) da instituição, esse conhecimento está intimamente ligado à textura desse contexto. Assim, os processos de valorização que aí estão inerentes, nas suas formas materiais e simbólicas, constituem um fator relevante para o pensamento das crianças (Duveen, 1997, 2000; Jovchelovitch, 2007).

Gênero, Poder e Representações Sociais

As questões de gênero assumem um papel fundamental na organização da vida social das crianças e o contexto escolar revela particular importância no desenvolvimento das suas relações e representações sociais (Duveen & Lloyd, 1993). Apesar do desenvolvimento dos significados e das práticas de gênero se iniciar nos primeiros anos de vida, é durante a idade escolar que estas dimensões adquirem maior expressão simbólica (Duveen & Lloyd, 1993; Maccoby 1999; McGuffey & Rich, 1999; Thorne, 1993; Voss, 1997).

O conceito de gênero deve ser entendido à luz de processos de natureza psicossociológica, onde se cruzam dimensões de ordem psicológica e cultural. Neste contexto, os significados sobre o masculino e o feminino resultam das construções sociais que (re)produzem *modos de ser* para os grupos de sexo (Amâncio, 1994). A construção social dos significados sobre os sexos não só diferencia, como classifica duas concepções de pessoa (Amâncio, 1994). Os conteúdos representativos dessas concepções, as dimensões que esclarecem os comportamentos apropriados a cada sexo, e o próprio posicionamento social dos dois grupos estão interligados numa relação de produção de sentido que se revela consensual ao nível do pensamento social e, por esse motivo, adquiriu um estatuto de ideologia coletiva (Amâncio, 1994). Deste modo, os significados que circulam em torno do sexo e das identidades de gênero estão interligados com as condições sociais envolventes que os moldam e lhes dão sentido (Amâncio, 2004), na medida em que as representações sociais subjacentes refletem processos de hierarquização que estão presentes ao nível da estrutura social.

As relações de assimetria entre os sexos estão inscritas na forma com os indivíduos percebem e representam os outros e encontram-se presentes logo desde a infância.

A assimetria simbólica é uma instância da articulação entre a identidade social e as representações sociais, já que o sistema simbólico de gênero é uma modalidade sobre indivíduos socialmente representados e define dimensões particulares de posicionamento social, onde o masculino é dominante (Amâncio, 1997). De acordo com este enquadramento, a construção social das assimetrias de gênero, bem como as construções identitárias dos homens e mulheres, ou meninas e meninos, são desenvolvidas em estreita relação com a identificação destes modos de ser socialmente definidos (Amâncio, 1994).

Na vida quotidiana o gênero é encarado como um questão *natural*. É um fator presente em diversos níveis, nomeadamente na vida pessoal dos indivíduos, nas relações sociais, nas instituições e na cultura (Connell, 1987, 2002). As ideias que circulam em torno das distinções de gênero veiculam padrões de conduta ancorados nessa *naturalização*. Estes padrões representam aquilo que Connell (1987, 1995, 2002) designou como a *ordem de gênero* da sociedade contemporânea, ou seja, práticas, significados e padrões de relação marcados pelo gênero. Os seus elementos surgem interligados em todos os domínios da vida social e apresentam uma influência reguladora nas dimensões culturais do masculino e do feminino e nos processos de construção identitária.

Apesar desta condição reguladora, os significados sobre as identidades masculinas e femininas não podem ser encarados como estados cimentados pela natureza, ou tampouco, como um resultado de processos de normalização social. As relações sociais de gênero devem ser entendidas com base em dimensões estruturais, nomeadamente em termos das regularidades e constrangimentos associados à *ordem de gênero*, mas simultaneamente tem de existir um espaço explicativo para a agência dos atores. Isto é, as relações de gênero encontram-se em permanente (re)construção na vida quotidiana.

Quando iniciam o seu percurso escolar, as crianças já reconhecem a sua pertença às categorias de gênero, mas ainda estão longe de compreender a amplitude das dimensões sociais que lhes são atribuídas. Pela natureza das suas características, o espaço escolar constitui um lugar privilegiado para o desenvolvimento das identidades de gênero (Lloyd & Duveen, 1992;

Duveen & Lloyd, 1993; Gilbert & Gilbert, 1998). As aprendizagens que decorrem neste contexto ultrapassam os aspectos curriculares e estendem-se aos comportamentos que a sociedade considera apropriados para meninos e meninas.

A escola, para além de oferecer um contexto de interação social diverso, é também uma instituição. É um contexto burocratizado, onde alguns adultos organizam e avaliam as atividades de um grande número de crianças. Na manutenção da ordem escolar, os professores e funcionários organizam as crianças em grupos (classes, grupos de trabalho, filas no corredor, *turnos* no refeitório etc.) e estruturam o dia em torno de rotinas específicas (Thorne, 1993). Como qualquer outra instituição social, a escola apresenta normas e padrões de funcionamento (os currículos, a distribuição de papéis, a distribuição de tarefas, a ocupação dos espaços escolares etc.), que não estão isentos das dimensões e das relações sociais de gênero.

O conceito de *regime de gênero* de Connell (1987, 1995, 2002) permite situar essas dimensões a um nível institucional, na medida em que representa os aspectos regulares dos arranjos de gênero no seio desses contextos (por exemplo: escolas, fábricas, forças policiais etc.), formando uma característica habitual da sua vida organizacional. Embora as instituições possam parecer *neutras* do ponto de vista do gênero, tendem a refletir, a recriar e a naturalizar uma ordem de gênero hierárquica (Acker, 1990).

A consideração dos padrões ou *regimes* de gênero no seio das instituições escolares (Connell, 1987, 2000; Duveen & Lloyd, 1993; Gilbert & Gilbert, 1998; Lloyd & Duveen, 1992; Messner, 2000) é particularmente relevante no quadro do nosso trabalho. Estas instituições, como as outras, não são isentas do ponto de vista das ideologias e das representações de gênero, fornecendo pistas importantes acerca do enquadramento que dá forma à vida social das meninas e meninos, em particular em termos das relações de poder. Os arranjos de gênero destas instituições não só classificam, como posicionam as crianças no sistema escolar, não podendo, por isso, ser descurados da análise dos processos de desenvolvimento psicossocial e das relações sociais das crianças.

Mas as crianças também introduzem concepções sobre a masculinidade e a

feminilidade no espaço escolar. O contexto familiar, em especial as figuras parentais e os irmãos mais velhos, representam uma importante influência nas suas construções sobre o gênero. As crenças familiares sobre as diferenças entre sexos e as suas relações reforçam (ou não) a *naturalização* de representações que distinguem os *modos de ser* de meninas e meninos. Por outro lado, os filmes, vídeos, as histórias, as histórias em quadrinhos, os jogos de computador e a publicidade são outros exemplos fundamentais para traçar as origens das construções sociais de gênero que as crianças introduzem no espaço escolar. Estes elementos mobilizam significados culturais amplificadores das dimensões do masculino e do feminino e traduzem uma importante influência na regulação das fronteiras de gênero das crianças. Ou seja, os meninos e as meninas mobilizam e exploram certas práticas de masculinidade ou feminilidade, com as quais já estão familiarizados, quando são inseridos nesse contexto.

Jordan e Cowan (1995) observaram uma forma de masculinidade dominante entre os meninos mais jovens quando estes ingressam na escola, designando-a como *narrativa do guerreiro*. Esta modalidade legítima e justifica as práticas de violência quando estas acontecem numa batalha entre o *bem* e o *mal*. Entre as meninas, por outro lado, verificaram pouco interesse pelas práticas associadas a estas narrativas, contrariamente à maioria dos meninos. Elas partilhavam as suas próprias brincadeiras e as práticas de maior preferência estavam ligadas às relações do cuidar, à beleza e à imagem (mães, enfermeiras, noivas e princesas). As mais assertivas procuravam o poder através de papéis como a mãe, a professora ou a dona da loja, sem se aproximarem das atividades preferidas pelos meninos (Jordan & Cowan, 1995).

A forma de masculinidade *guerreira* de Jordan e Cowan (1995) corresponde à noção de *masculinidade hegemônica* proposta por Connell (1987), designando uma representação social sobre o masculino que reforça o *status quo* da *ordem de gênero* contemporânea. Sobre põe um estatuto geral do masculino às qualidades femininas e, simultaneamente, privilegia determinadas qualidades masculinas relativamente a outras. Neste contexto, as

construções de masculinidade ou feminilidade não são uniformes, tal como Connell (1987) e outros já sublinharam (Amâncio, 2004; Duveen, 1993, 1999).

A *masculinidade hegemônica* é um estilo de dominação de gênero que se destaca no campo das brincadeiras, traduzindo uma recriação da ordem de gênero ao nível dos grupos de crianças (McGuffey & Rich, 1999). A maioria dos meninos defende a modalidade hegemônica do masculino relativamente a masculinidades e feminilidades subordinadas, na medida em que esse posicionamento traduz maior poder sobre as meninas, mas também sobre alguns membros do seu próprio grupo de sexo (Barbosa, 2004; Connell, 1987). O campo dos esportes é, sem dúvida, um dos melhores contextos para se perceber a reprodução dos códigos dominantes e a construção desta modalidade do masculino. A violência é permitida simbolicamente e os valores da força física, agressividade e competitividade são centrais neste domínio das práticas de masculinidade (Jordan & Cowan, 1995). De acordo com Connell (1987, 1995, 2002), o esporte representa uma arena que reforça o simbolismo da *masculinidade hegemônica*.

Entre as meninas, não parece existir uma noção de feminilidade hegemônica que subordine outras formas do feminino. Embora a versão tradicional corresponda àquilo que Connell (1987) designou por *feminilidade enfatizada*, cuja definição gira em torno da orientação e subordinação aos interesses masculinos, nenhuma forma de feminilidade assume uma posição hegemônica equivalente à masculina (Amâncio, 2004). As fronteiras das identidades das meninas são mais tênues, comparativamente aos meninos, não parecendo existir a necessidade de negar formas de feminilidade mais marginais (Maccoby, 1999).

Em suma, se as representações e as relações de gênero se interligam com outras formas de relação social e se, por outro lado, estão na gênese dos processos identitários das crianças, essas dimensões assumem uma marca relevante nas comunicações, nas atividades e nas práticas de meninos e meninas, em diferentes contextos e situações. Por essa razão, a forma como as crianças pensam as relações de poder, e as significações que lhes atribuem, devem enquadrar o impacto desses processos psicossociológicos.

A nossa investigação

O estudo que passamos a apresentar centrou-se no tema das relações sociais assimétricas entre pares, no contexto do primeiro ciclo do ensino básico. O seu principal objetivo consistiu em examinar o desenvolvimento do conhecimento sobre as relações de poder e autoridade. Para concretizar este objetivo, consideramos dois grupos de crianças posicionadas em anos escolares diferenciados (1º e 4º), de modo a examinar as transformações que ocorrem nas representações sociais, tendo em conta os contextos comunicativos e o tempo que estão inerentes a esse percurso. De acordo com o racional que temos vindo a desenvolver, as questões orientadoras deste estudo foram as seguintes:

1. Quais as dimensões temáticas que melhor representam as assimetrias de poder e autoridade entre os grupos escolares?
2. Em que medida é que essas dimensões temáticas são contingentes dos contextos de interação das crianças?
3. Em que medida existem diferenças entre as modalidades de conhecimento social mobilizadas pelos dois níveis de escolaridade face às relações de poder e autoridade infantil?
4. Como é que dimensões sociais do género interferem nas representações das crianças?

Método

Participantes

Participaram no estudo 153 crianças (71 meninas e 82 meninos, Média_{idades} = 7.7; DP = 1.7) e foram selecionadas em duas escolas da área de Lisboa. As crianças foram distribuídas pelo 1º ano (Média_{idades} = 6.2; DP = 0.4) e pelo 4º ano (Média_{idades} = 9.5; DP = 0.6). Para facilitar os objetivos da análise, a amostra total foi considerada em termos de nível escolar por sexo (N_{meninas 1º ano} = 37, N_{meninos 1º ano} = 46, N_{meninas 4º ano} = 34, N_{meninos 4º ano} = 36). Esta opção permitiu controlar possíveis efeitos de interação entre o nível de escolaridade e o sexo das crianças.

Procedimentos

As crianças foram submetidas a uma entrevista semiestruturada que incidiu nas relações de poder entre os grupos de pares do contexto escolar. As suas ideias e discursos permitiram analisar as representações sociais que sustentam esta esfera das relações sociais das crianças.

Foram colocadas questões sobre as dinâmicas sociais associadas aos espaços da sala de aula e do recreio, partindo de diferenciações centradas em condições de posição (estímulos chefe de turma, chefe na sala e chefe no recreio) e formas de estatuto social (popular). Integrou-se ainda uma questão que permitisse examinar as ideias das crianças sobre um modelo geral de poder formal (estímulo chefe), por forma a contrastar estes conteúdos com aqueles que emergiram no âmbito das relações escolares.

As sessões foram individuais, conduzidas por uma única investigadora, tendo sido realizadas numa sala das instalações de cada uma das escolas, no período normal de aulas. As entrevistas tiveram uma duração média de 15 minutos e foram gravadas em suporte digital para análise posterior.

Instrumentos, dimensões de análise e variáveis sociodemográficas

A entrevista utilizada neste estudo foi de natureza semiestruturada e foi organizada a partir de 5 questões estímulo: *chefe de turma*, *chefe na sala*, *chefe no recreio*, *chefe modelo e popular*. O estímulo *chefe de turma* esteve associado a uma definição posicional relativamente comum nas turmas do ensino básico. As crianças começavam por nomear um(a) colega de turma que gostassem de ver ocupar esta posição e em seguida justificavam a sua escolha. Deste modo, foi possível analisar as dimensões que legitimam as escolhas dos pares, com base numa forma de estatuto que salienta aspectos de vantagem na escala social da turma de pertença.

O estímulo *chefe na sala* foi introduzido para examinar o papel de fatores contextuais na construção de assimetrias entre pares. Trata-se de uma categoria posicional criada para este efeito, com o objetivo de identificar dimensões legitimadoras da autoridade no espaço da sala de aula. As crianças começavam por indicar um(a) colega de turma que gostassem de ver ocupar essa posição e em seguida justificavam a sua escolha. Esta dimensão permitiu estabelecer uma abordagem comparativa face ao estímulo anterior.

O estímulo *chefe no recreio* também se refere a uma categoria posicional criada para a situação de entrevista, com o objetivo de analisar as dimensões justificadoras de assimetrias no campo do lazer. Permitiu

examinar aspectos de estatuto naquele contexto, bem como as suas especificidades contextuais. Tal como nos estímulos anteriores, as crianças começavam por indicar um(a) colega de turma que gostassem de ver ocupar essa posição e em seguida justificavam a sua escolha.

O estímulo *chefe modelo* pretendeu averiguar a influência das construções sociais sobre o poder formal nas representações das crianças. Assentou numa condição hierárquica totalmente descontextualizada, refletindo a categoria geral *chefe*. Para além de conduzir à análise das suas dimensões representacionais particulares, possibilitou também o contraste com os restantes estímulos contextualizados (*chefe de turma*, *chefe na sala* e *chefe no recreio*). Nesta condição, as crianças tinham de explicar o que significava para elas a palavra chefe, como pensavam que o chefe era e o que fazia.

Finalmente, o estímulo *popular* foi integrado com o propósito de examinar um plano das relações entre pares, onde não existem aspectos formais de poder ou autoridade. Permitiu analisar fatores que sustentam a aceitação e a identificação social dos pares, mas também possibilitou uma abordagem comparativa face às representações que emergiram dos restantes estímulos.

Estas questões estímulo constituíram também as dimensões de análise deste estudo. Para além destas, foram ainda incluídas variáveis sociodemográficas, de modo a analisar associações particulares com os conteúdos representacionais emergentes, nomeadamente: *Grupo₁* (Crianças 1º Ano), *Grupo₂* (Crianças do 4º Ano) *Meninas₁* (Meninas do 1º Ano), *Meninos₁* (Meninos do 1º Ano), *Meninas₂* (Meninas do 4º Ano) e *Meninos₂* (Meninos do 4º ano).

Os dados obtidos a partir das entrevistas das crianças foram analisados com o programa informático *Alceste* (versão 4.7).

Resultados

A análise realizada permitiu identificar uma estrutura temática sustentada por seis classes lexicais. Estas classes agregaram um total de 461 *uce's* classificadas, representando 85.1 % do *corpus* de dados inicial. Este valor percentual é um bom indicador para a análise efetuada, uma vez que foram eliminadas apenas 14.9% das *uce's* que constituíam o conjunto do material de entrevista.

A classe 1, *Atributos de chefe*, concentra 34% das *uce's* analisadas e foi o contexto temático mais representativo no conjunto das classes identificadas. Emergiu do estímulo *chefe modelo* e incluiu a contribuição das respostas dos meninos do 4º ano (*Meninos₂*).

Os conteúdos desta classe representam o perfil da figura *chefe* e são construídos em torno das características pessoais e dos papéis sociais que as crianças esperam desta figura. A temática central deste contexto lexical focaliza o poder legítimo, através da autoridade formal que pode ser exercida sobre os subordinados. Os mecanismos de autoridade revestem-se de aspectos pró-sociais, uma vez que os conteúdos da classe apresentam uma tónica de ajustamento social e moral, evidenciando a ausência de dominância pela força.

A autoridade do chefe é representada através de dimensões que mostram o seu campo de ação, principalmente em termos da regulação da ordem comportamental e social (*toma conta*, *não lutar*, *castigo*, *atento*, *mandar calar*, *separar lutas*, *ordem*, *organizar*). O seu estatuto hierárquico permite estabelecer diretivas, requerendo a obediência dos pares (*manda*, *chefe*, *obedecer*, *mandar fazer*, *mandar mais*, *dar ordens*). Paralelamente, surgem as características pessoais valorizadas que viabilizam o acesso a esta posição: a capacidade física (*forte*), a distintividade moral (*bom*, *coisas certas*, *defender*), comportamental (*bem-comportado*, *bem-educado*) e intelectual (*inteligente*, *ensinar*).

Tabela 1 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº1 das RS de poder e autoridade.

<i>Atributos de chefe</i>	manda (58.96), chefe (57.86), deve (55.51), tomar conta (24.96), bom (18.44), obedecer (14.57), mandar fazer (14.24), bem comportado (13.73), não lutar (10.42), forte (10.42), castigo (7.81), atento (7.81), mandar calar (7.37), coisas certas (5.88), defender (5.85), inteligente (5.67), separar lutas (4.39), mandar mais (4.35), bem educado (3.43), ensinar (3.23), ordem (3.01), organizar (3.01), dar ordens (2.88).
34.06% das <i>uce's</i>	*Chefe modelo (265.49), *Meninos ₂ (3.32)

A única variável sociodemográfica que se associa a este contexto diz respeito aos *Meninos*₂, o que mostra alguma proximidade deste grupo face às modalidades de autoridade que são legitimadas pelo estatuto posicional. Salientam as dimensões normativas e instrumentais do poder, através da diferenciação hierárquica e dos papéis associados que permitem organizar a ação do grupo.

Para uma melhor compreensão destes conteúdos apresentam-se algumas das *uce's* mais características desta classe:

É uma pessoa que manda e nós temos que obedecer a ele. Tem que dizer coisas certas, mandar calar os outros, tem que tomar conta e também manda não bater nos meninos.

É alguém que nos manda fazer coisas, deve respeitar os outros, não bater nos colegas, ser bom e bem-educado. Se não obedecemos ao chefe ele põe de castigo.

Tem que ensinar as coisas certas aos meninos e não deixar haver lutas. É preciso ter prática de ensinar os meninos, tem que ajudar, tem que ser inteligente e forte porque o chefe não chora e tem que ser forte.

A classe 2, **Aluno(a) Modelo**, concentra 11.93% das *uce's* analisadas e remete diretamente para as questões associadas ao *chefe de turma* e ao *chefe na sala*. Também integra a contribuição das respostas das meninas mais velhas (*Meninas*₂) e dos participantes do 4º ano (*Grupo*₂), em termos globais, embora a sua expressividade seja mais moderada.

Esta classe apresenta uma caracterização da figura *chefe de turma*, assim como das atividades que são desenvolvidas nesse plano, estabelecendo uma relação de proximidade com os significados associados à figura *chefe na sala*. A representação destes estatutos assenta em dois pontos de partida: por um lado, a influência das escolhas do(a) professor(a) num

processo de nomeação (*professora escolhe(u), há chefe*), por outro lado, as preferências das próprias crianças (*escolhia*).

As suas dimensões estão ancoradas num modelo de *aluno exemplar* e o domínio mais saliente refere-se à possibilidade que o chefe tem de substituir o(a) professor(a) quando este(a) se ausenta da sala de aula (*sai da sala, professor(a)*). Os outros campos que conferem significado a esta classe são a distintividade intelectual e académica (*bom(a) aluno(a), corrigir erros, estuda muito, sabe muito, faz os trabalhos, ensinar*), disciplinar e moral (*atenção, não faz barulho, bem-comportada(o), bom chefe, bem-educado, bom menino*), bem como a regulação disciplinar que essa figura exerce junto dos pares no contexto da aprendizagem (*dizer à professora, lista negra*).

A representação do *aluno modelo* traduz uma aproximação entre os papéis desempenhados pelas crianças nomeadas/escolhidas para *chefe de turma* e/ou *chefe na sala* e os papéis dos professores, refletindo também alguma sobreposição em termos dos significados que são associados àquelas duas figuras. Este parentesco indica que a autoridade destes dois *chefes* está relativamente condicionada às interações sociais do contexto da sala de aula.

As variáveis sociodemográficas presentes foram *Grupo*₂ e *Meninas*₂, mostrando assim um efeito de interação entre as duas. Esta interação traduz uma acentuação destes conteúdos nas representações das meninas do grupo do 4º ano, indicando um maior impacto neste grupo das formas de estatuto relacionadas com padrões académicos e disciplinares, no contexto das aprendizagens.

Para uma melhor compreensão destes conteúdos apresentam-se algumas das *uce's* mais características desta classe:

Tabela 2 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº2 das RS de poder e autoridade.

<p><i>Aluno(a) Modelo</i></p> <p>11.93% das <i>uce's</i></p>	<p>sai da sala (90.95), professor(a) (81.27), professora escolhe(u) (59.78), atenção (37.31), aula(s) (29.50), há chefe (22.86), bom(a) aluno(a) (20.19), dizer à professora (19.92), escolhia (18.51), lista negra (13.83), corrigir erros (12.05), não faz barulho (8.61), chefe na sala (7.32), bem-comportada(o) (6.40), bom chefe (5.57), estuda muito (5.57), sabe muito (4.52), bem educado (3.81), bom menino (2.65), faz trabalhos (2.22), ensinar (2.00).</p> <p>*Chefe de turma (50.79), *Chefe na sala (24.36), *Meninas₂ (4.30), *Grupo₂ (4.19),</p>
--	---

Há chefe quando a professora escolhe, quando a professora sai da sala ela diz que temos todos que obedecer e nós temos todos que obedecer.

No outro dia estivemos a fazer os trabalhos, enquanto a professora saiu da sala, ele ficou chefe e fez bem. Quando está alguma coisa mal ele diz logo e corrige os erros.

Eu escolhia porque ela está sempre com atenção às coisas, é bem-comportada, é boa aluna e tem boas notas.

Escolhia porque ele tem mais atenção e assim quando alguém se porta mal ele põe na lista negra e depois diz à professora.

É chefe na sala porque ele é bem-educado, está sempre com atenção e também é bom aluno.

A classe 3, **Facilitador(a) das aprendizagens**, concentra 8.89% das *uce's* analisadas e emergiu principalmente da questão *chefe na sala*. As respostas das meninas do 4º ano (*Meninas₂*) também estão aqui associadas, embora a sua contribuição tenha menos expressividade.

Esta classe focaliza o *chefe na sala* e o seu tema dominante é a facilitação que essa figura pode prestar no contexto da aprendizagem. As relações de ajuda salientam-se quer em relação aos pares, quer em relação à professora (*sala, ajuda, ajudar os outros, fazer os trabalhos, ajuda a professora, corrigir erros*). Tal como na classe anterior, salientam-se dimensões associadas aos domínios intelectual e académico (*mais inteligente, explica bem, faz bem trabalhos, sabe, mais ideias, ensina, faz trabalhos rápido*), moral e disciplinar (*bom menino, faz o que professora manda, regras*) e à regulação comportamental dos pares (*manda calar, tomar conta*).

A associação particular das meninas do 4º ano a este contexto mostra alguma diferenciação nas suas representações sobre o estímulo *chefe na sala*. Comparativamente à

classe anterior, surge uma combinação mais acentuada entre as dimensões relacionais e afetivas e os conteúdos instrumentais do poder, embora continuem a condicionar a autoridade daquela figura ao contexto da sala de aula. Para uma melhor compreensão destes conteúdos, apresentam-se algumas das *uce's* mais características desta classe temática:

É chefe na sala porque é inteligente e ajuda os outros a fazer os trabalhos.

É chefe na sala porque faz bem os trabalhos e faz rápido. Manda calar os meninos que tiverem a falar.

A chefe na sala era ela porque é a mais inteligente da sala, é cuidadosa com as coisas, é boa aluna e sabe respeitar bem as regras.

É chefe na sala porque faz as regras que a professora manda, não brinca e toma conta dos alunos da turma.

Escolhia porque ela é inteligente e sabe explicar bem.

A classe 4, **O chefe é meu amigo**, concentra 11.50% das *uce's* analisadas e está particularmente associada à questão *chefe de turma*. As respostas dos meninos mais novos (*Meninos₁*) e do grupo do 1º ano (*Grupo₁*) também contribuíram para a emergência deste contexto, apesar da sua expressividade ser mais moderada.

Este contexto temático fez emergir uma representação sobre o(a) *chefe de turma* que salienta a importância do papel da amizade e das interações lúdicas. Fazendo um paralelo com a classe 2, associada ao mesmo tema, a influência dos professores no processo de escolha do(a) *chefe* está ausente, bem como as nomeações feitas entre a turma. Aqui, a forma que predomina é *escolhia* (referente às preferências dos pares), comparativamente a *há chefe* (que denota uma prática resultante de uma eleição ou da indicação da professora).

Tabela 3 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº3 das RS de poder e autoridade.

<p><i>Facilitador(a) das aprendizagens</i></p> <p>8.89% das <i>uce's</i></p>	<p>chefe na sala (118.83), sala (91.42), ajuda (49.98), ajudar os outros (46.79), faz(er) trabalhos (45.28), ajuda professora (41.33), mais inteligente (24.67), faz o que a professora manda (20.42), explica bem (12.44), manda calar (7.90), faz bem trabalhos (6.90), sabe (5.77), corrigir erros (4.70), bom menino (4.48), regras (4.48), mais ideias (3.40), turma (3.40), ensina (3.32), tomar conta (2.98), faz trabalhos rápido (2.23).</p> <p>*Chefe na sala (112.24), *Meninas₂ (4.34)</p>
--	---

Tabela 4 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº4 das RS de poder e autoridade.

<p><i>O chefe é meu amigo</i></p> <p>11.50% das uce's</p>	<p>escolhia (78.37), meu (78.16), minha(s) (54.72), melhor amigo (38.48), amigo(s) (33.35), mais forte (25.09), brinca comigo (24.19), ser professor(a) (23.25), faz bem trabalhos (13.96), amiga(s) (11.01), gosta de mim (8.86), muitos verdes (5.41), mais velho (4.88), há chefe (2.97), porta-se bem (2.85).</p> <p>*Chefe de turma (129.76), *Meninos₁ (17.20), *Grupo₁ (16.65)</p>
---	---

A proximidade entre os pares que escolhem e aqueles que são alvo das suas preferências é determinante, dependendo da sua amizade e interação lúdica (*escolhia, melhor amigo, amigo(s), amiga(s), brinca comigo*). No entanto, é possível observar alguma centração daqueles que indicam as suas preferências (*meu, minha(s), gosta de mim*). A superioridade física é o elemento mais saliente, logo a seguir às relações de amizade (*mais forte*), contribuindo ainda as competências académicas e disciplinares (*ser professor(a), faz bem trabalhos, muitos verdes¹, porta-se bem*) e a idade (*mais velho*).

Os grupos associados a esta classe são as crianças do 1º ano, globalmente, e os meninos mais jovens, o que indica um efeito de interação entre estas duas variáveis. Este efeito mostra que são os meninos que mais sublinham as suas preferências de amizade na representação de um estatuto de posição.

Para uma melhor compreensão destes conteúdos apresentam-se algumas das *uce's* mais características desta classe:

Escolhia porque ele é o meu melhor amigo e brinca comigo todos os dias.

Escolhia porque é o meu melhor amigo e eu queria que ele fosse chefe.

Eu escolhia os mais fortes para jogar à bola na minha equipe e deixava os mais fracos de lado.

Escolhia porque eu sou amigo dela, eu gosto dela, porque ela devia ser professora, é bem comportada na sala, tem muitos verdes e faz bem os trabalhos.

¹ Muitos verdes refere-se a um sistema de classificação das atividades diárias que decorrem em sala de aula. Esta cor simboliza o bom desempenho dos alunos, quer em termos de trabalho, quer em termos de comportamento. As outras duas cores são amarelo e vermelho.

Escolhia porque ela brinca comigo, é minha amiga e sabe brincar e escolher brincadeiras.

A classe 5, **Carismáticos I**, integra 12.36% das *uce's* analisadas e emergiu das respostas à questão *Popular*. Inclui o grupo das meninas do 1º ano (*Meninas₁*), embora esta contribuição seja mais moderada do que a variável anterior.

Este contexto temático centra-se nos significados da popularidade em contexto escolar. As suas principais dimensões são a amizade e a expressividade lúdica, salientando uma forte associação com o espaço do recreio. A importância da amizade é objetivada através do número de amigos (*tem muito(a)s amigo(a)s, mais amigas*) e a componente lúdica é expressa através da preferência e recorrente partilha de atividades dessa natureza (*brincar(m) sempre, gosta de brincar, brinca muito, querem brincar, coisas giras²*). A popularidade encontra-se ainda associada a atributos de natureza social e relacional (*boa, amiga, amigo, divertida, não bate*), a elevados níveis de aceitação entre o grupo de pares (*toda a gente, gostam(r) dele(a), escola, minha sala*) e à atratividade física (*bonito*).

O único grupo presente nesta classe é o das meninas mais jovens (*Meninas₁*), o que indica alguma centralidade das competências relacionais e expressivas nas suas representações.

Para uma melhor compreensão das dimensões discutidas apresentam-se algumas das *uce's* mais características desta classe:

É ela porque tem amigas desta escola, tem amigas da outra escola e, por isso, ela tem muitas amigas. Como brinca com mais amigas, as pessoas gostam dela.

É ela porque tem muitos amigos, porque ela é boa e porque não bate aos outros.

² Coisas legais, bacanas, divertidas.

Tabela 5 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº5 das RS de poder e autoridade.

<p><i>Carismáticos I</i></p> <p>12.36% das uce's</p>	<p>tem muito(a)s amigo(a)s (155.95), brincar(m) sempre (58.41), toda a gente (46.55), gostam(r) dele(a) (38.32), boazinha (35.83), amiga(s) (29.46), gosta de brincar (10.59), brincam (10.59), brinca muito (9.76), amigo(s) (7.98), mais amigas (7.95), escola (7.20), divertida (5.27), bonito (5.27), não bate (3.73), querem brincar (3.50), minha sala (3.56), coisas giras (2.47).</p> <p><i>*Popular (206.74), *Meninas₁ (5.67).</i></p>
--	---

É ela porque, se calhar, gostam dela e brincam muito, ela às vezes é divertida e, por isso, podem gostar dela.

É ela porque vejo-a a brincar sempre e ela tem muitos amigos. Porque ela é bonita e tem um namorado bonito.

Sou eu porque brinco com quase toda a gente da minha sala no recreio e eles brincam comigo e emprestam-me coisas também.

A classe 6, **Carismáticos II**, integra 21.26% das uce's analisadas e está principalmente associada à questão *chefe no recreio*. Os discursos relacionados com a variável *popular* e o grupo de meninas do 4º ano (*Meninas₂*) também apresentam alguma contribuição, mas a sua representatividade é mais moderada.

Este contexto temático está centrado na representação de *chefe no recreio* e destaca a distintividade e a criatividade lúdica daqueles que são associados a essa posição (*ideias para brincadeiras, brincadeiras mais giras, brincar, jogar à bola, brinca muito, mais ideias, inventa(r) jogos, brincalhão, coisas giras*). A amizade também se revelou uma dimensão importante para este estatuto (*meu amigo, brinca com todos, conosco, quer(em) brincar*) e o exercício de autoridade manifesta-se, através da regulação das atividades de grupo (*manda na brincadeira*).

A representação de *chefe no recreio* articula-se ainda com o plano da popularidade (*à volta dele, muita gente, toda a gente, mais amigas*), salientando dimensões de carisma e aceitação social.

As meninas do 4º ano apresentaram alguma associação com este contexto temático, salientando uma orientação para a ação instrumental do(a) *chefe no recreio*, mas tal como as meninas mais jovens, também acentuaram processos de influência baseados na cooperação e na expressividade sócio-afetiva.

Para uma melhor contextualização destas dimensões apresentam-se algumas das uce's que melhor caracterizam esta classe:

É chefe no recreio porque sabe muito das brincadeiras, tem mais ideias para fazer brincadeiras mais giras e ele é que manda na brincadeira.

Era chefe no recreio porque ele anda sempre no recreio a jogar à bola e acho que ele gosta muito do recreio e devia ser chefe.

Chefe no recreio era ele porque é muito brincalhão e tem mais ideias para brincar.

Elas porque estão todas juntas e depois são mais amigas. Há muita gente à volta delas porque se calhar querem brincar ao que elas estão a brincar e porque gostam das ideias delas para as brincadeiras.

Tabela 6 – Tema, conteúdos característicos e valores de χ^2 associados à classe lexical nº6 das RS de poder e autoridade.

<p><i>Carismáticos II</i></p> <p>21.26% das uce's</p>	<p>Chefe no recreio (149.61), ideias para brincadeiras (63.92), recreio (51.54), brincadeiras mais giras (49.55), brincar (42.40), manda na brincadeira (22.52), quer(em) brincar (21.71), brinca com todos (18.72), meu amigo (17.64), à volta dele(a) (17.64), jogar à bola (14.51), jogos (13.99), brinca muito (10.12), conosco (9.17), muita gente (7.49), mais ideias (5.47), inventa jogos (5.47), toda a gente (5.33), brincalhão (4.53), coisas giras (3.00), mais amigas (3.00).</p> <p><i>*Chefe no Recreio (185.81), *Popular (6.51), *Meninas₂ (2.64)</i></p>
---	---

Discussão dos resultados

Este estudo focou o tema das relações sociais assimétricas entre pares, no contexto do primeiro ciclo do ensino básico. O seu principal objetivo consistiu em examinar o desenvolvimento das representações sociais sobre as relações de poder e autoridade, a partir dos discursos de meninas e meninos inseridos no 1º e 4º anos de escolaridade. A discussão dos resultados foi organizada de acordo com as questões de investigação orientadoras do estudo. A primeira remetia para a caracterização das representações sobre as assimetrias de poder e autoridade entre os grupos de pares no contexto escolar. Globalmente, os resultados mostraram duas grandes dimensões temáticas: poder posicional e instrumentalidade *versus* poder pessoal e socioafetividade. Esta dicotomia reflete os dois campos de ancoragem que organizam os significados mais característicos dos vários estímulos em análise. Nesse sentido, o conhecimento das crianças assenta na distinção conceitual das fontes de poder, proposta pela literatura (French & Raven, 1959; Yukl, 1998).

Apesar dessas categorias terem sido construídas para o mundo adulto, os resultados do nosso estudo salientam a sua presença nas representações das crianças, sobretudo entre as mais velhas. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de representações sociais sobre o poder deverá ser compreendido à luz dos processos de socialização que ocorrem dentro e fora do contexto escolar, tanto ao nível das suas formas de expressão simbólica (através das relações e comunicações com figuras significativas – pais, professores e amigos), como ao nível da própria ecologia dos espaços de interação social.

A análise dos vários estímulos mostrou dois elementos principais que objetivam o poder posicional: a legitimidade formal (poder legítimo) e a coerção. O primeiro assumiu um papel preponderante no estímulo *chefe modelo*, mas também emergiu associado ao *chefe de turma* e *chefe na sala*. As crianças salientaram a importância das hierarquias para legitimar as assimetrias de poder, especificando o exercício formal da autoridade e a obediência dos pares. Por outro lado, as estratégias de coerção estiveram presentes nos vários estímulos, com a exceção daquele que designa a *popularidade*, embora sempre condicionadas à regulação de

comportamentos e problemas disciplinares dos pares.

No mundo infantil, as técnicas coercivas representam um mecanismo relativamente generalizado, através das sanções e dos castigos, servindo essencialmente para a regulação disciplinar das crianças. As experiências de coerção que surgem no seio das relações familiares e escolares (sobretudo com os professores) mobilizam símbolos que legitimam o uso desta técnica de poder em situações de desvio ou incumprimento. Contudo, a aceitação destas estratégias depende da sua relação com os valores e normas da cultura escolar (institucional e dos grupos de pares). Desta forma, os dispositivos coercivos desempenham um papel simbólico e funcional importante, sendo salientados a partir de processos de normalização social característicos dos *regimes disciplinares* das escolas (Foucault, 1975).

No contexto das dimensões de poder pessoal, o poder do conhecimento (ou especialista) foi o elemento mais frequente entre as representações dos vários estímulos (*chefe de turma*, *chefe na sala*, *chefe no recreio*), embora tenha surgido sempre em articulação com outras dimensões de autoridade. Este resultado é congruente com a natureza da cultura da instituição escolar, uma vez que os *saberes-poderes* (Foucault, 1975) assumem aqui uma importância determinante. De acordo com este racional, o conhecimento académico e/ou lúdico estende e reforça os efeitos do poder especialista, de acordo com os espaços de interação. Enquanto os estímulos associados ao contexto da sala de aula revelaram a centralidade dos saberes académicos, aqueles do contexto de recreio manifestaram a importância dos *saberes lúdicos e relacionais*.

O poder de referência também manifestou um papel importante na expressão das assimetrias de estatuto, embora em articulação com outras dimensões. Os seus conteúdos representacionais objetivam ajustamento social, sociabilidade, amizade e carisma. O ajustamento social é mais preponderante nas representações de *chefe de turma* e *chefe na sala*, o que vem sublinhar a importância de expressões identitárias de *docilidade* e processos de *normalização* social (Foucault, 1975), segundo um código disciplinar que opera mais fortemente no contexto da sala de aula. Paralelamente, o poder de referência

emergiu nas representações de *chefe no recreio*, através de dimensões de amizade e carisma. A marcada orientação lúdica promove a admiração dos pares e as estratégias pró-sociais que são desenvolvidas neste contexto permitem influenciar as atividades de grupo, assegurando a manutenção de relações positivas com os outros.

Na *popularidade*, os atributos de referência foram algo similares ao estímulo anterior, mas acentuaram aspectos ligados às competências relacionais e ao sucesso social. Estes elementos representacionais revelam prestígio social e índices de aceitação social elevados, sugerindo uma influência ativa dos *populares* em termos da estrutura informal dos grupos.

A segunda questão deste estudo examinou a contingência das representações de poder e autoridade face à natureza dos contextos de interação das crianças. A sala de aula foi o pano de fundo para as representações sobre a autoridade de conhecimento (acadêmico), disciplinar e relacional, enquanto que o recreio emergiu como o principal cenário para as modalidades socioafetivas e de conhecimento (lúdico). Os conteúdos representacionais do *chefe modelo* não estabeleceram nenhuma associação contextual particular, todavia aproximaram-se mais do campo do recreio.

Com base nestes resultados, o contexto da aprendizagem formal convocou representações baseadas em dimensões de poder legítimo, coercivo, especialista e referente. No plano do lazer, as representações assentaram no espaço das relações informais, acentuando-se aqui os significados sobre o poder pessoal (especialista e referente). Estes padrões representacionais mostram como a própria ecologia dos contextos de interação introduz especificidades nas formas de relação social das crianças.

São os processos de socialização escolar que acentuam as diferenças entre o plano da sala de aula e o do recreio, quer ao nível da *quadrícula* do próprio espaço (Foucault, 1975), quer em termos das atividades que são desenvolvidas em cada um destes cenários. Na sala de aula, os processos de vigilância (externa e interna) são mais finos e fechados e, por isso, as construções identitárias mais *adestradas* (Foucault, 1975) à cultura da instituição escolar simbolizam a norma dominante (traduzindo modalidades de autoridade relacionadas). O contexto da aprendizagem amplia os processos de classificação e comparação social entre as

crianças da turma e os seus efeitos assumem um papel fundamental na legitimação pública (do grupo) das assimetrias de autoridade (comportamental/acadêmica/moral) dos pares.

No contexto do recreio, essa *quadrícula* do espaço social é bastante mais alargada e, por essa razão, o universo normativo dos grupos torna-se mais flexível. Aqui é permitido acentuar dimensões socioafetivas e criativas nas relações sociais entre pares. Essa será uma possível explicação para o destaque que os conteúdos da amizade, do prestígio social e do carisma assumiram nas representações sociais de *chefe no recreio* e *popularidade*. Com base neste conjunto de resultados, sublinhamos o papel regulador que as dimensões ecológicas e simbólicas dos contextos de interação desempenham nos processos de representação social sobre as formas de poder e autoridade infantil.

A terceira questão de investigação focalizou a comparação das representações sociais dos grupos do 1º e 4º ano. As variáveis *Grupo₁* e *Grupo₂* produziram efeitos diferenciadores nas modalidades e conteúdos temáticos que emergiram entre alguns estímulos. De acordo com a análise de resultados, as principais distinções relacionam-se, sobretudo, com os estatutos *chefe de turma* e *chefe modelo*.

Para os participantes do 1º ano, a forma de estatuto associada ao *chefe de turma* emergiu principalmente das normas da amizade e da organização social do espaço lúdico. Para além da distintividade académica, a autoridade desta figura é legitimada através das referências da amizade, da superioridade física e da tradição dos mais velhos sobre os mais novos. Estas dimensões temáticas mostram um certo distanciamento face à aplicação dos significados do poder formal nas suas relações sociais, o que indica que esses conteúdos ainda não foram articulados no conhecimento social deste grupo de crianças. A própria centralidade da amizade sugere a possibilidade de partilhar o poder do chefe, através da proximidade relacional.

Em contrapartida, os resultados que emergiram associados ao *Grupo₂* sublinharam como a construção de significados sobre as expressões do poder posicional assenta na participação e nas experiências que as crianças vão desenvolvendo no contexto da instituição escolar. As modalidades representacionais que lhes estiveram mais associadas mostram uma

compreensão mais diversificada sobre as relações formais de poder, objetivando um conhecimento mais complexo sobre a cultura normativa que está presente nas estruturas organizacionais e sociais.

Para além da maior complexidade que se salienta no pensamento deste grupo, natural do seu desenvolvimento cognitivo, as representações sobre a autoridade do *chefe de turma* e do *chefe modelo* manifestam ainda a compreensão de dimensões relacionadas com as formas de autoridade que derivam da definição hierárquica de posições. Os processos que conduzem à sua legitimação dependem da nomeação por responsáveis ou da eleição entre pares, dinâmicas essas que são inerentes à própria estrutura da instituição escolar. A ação do chefe reveste-se assim de contornos de instrumentalidade, particularmente no espaço do dever (embora as representações do gênero introduzam aqui algumas particularidades), sendo-lhe conferindo poder para desempenhar diferentes papéis que são conformes a definição normativa e simbólica desse campo de interação.

Estes padrões de diferenciação entre as crianças do 1º e 4º ano permitem confirmar os efeitos que o desenvolvimento cognitivo introduz nas formas de representação social da autoridade infantil, embora este aspecto não possa ser dissociado do alargamento da participação social e institucional das crianças, ao longo deste ciclo escolar. Através das suas vivências e comunicações quotidianas, as crianças começam a participar ativamente num universo simbólico que normaliza as expressões e conteúdos do poder, enquanto meio de comunicação simbolicamente generalizado (Parsons, 1963; Luhmann, 1993). E o processo de desenvolvimento de representações sociais está sujeito à linguagem e aos códigos simbólicos generalizados do poder, os quais permitem uma orientação partilhada entre os atores sociais (Luhmann, 1993). Contudo, o modo como as crianças se apropriam e mobilizam esses conteúdos simbólicos do poder no seu pensamento e nos seus discursos está sujeito aos efeitos dos significados e das relações sociais de gênero.

A última questão de investigação deste estudo remetia para o papel que as representações e as relações sociais de gênero assumem no modo de pensar as relações de poder e autoridade. Os resultados mostraram um padrão global de diferenciação entre as

modalidades representacionais de meninos e meninas dos dois níveis escolares. As ideias e discursos que foram elaborados em torno dos vários estímulos salientam dinâmicas que distinguem os quatro grupos (*Meninas₁*, *Meninos₁*, *Meninas₂*, *Meninos₂*), em termos da mobilização de conteúdos simbólicos associados à esfera das relações sociais de poder e autoridade.

No 1º ano, as meninas mostraram uma maior aproximação aos recursos e valores ligados às construções sociais do poder socioafetivo. Sublinharam aspectos de estatuto, a partir de dimensões de popularidade e sucesso social, mas não legitimaram outras modalidades de autoridade para além do carisma, no contexto das relações sociais de lazer. Por outro lado, os meninos mais jovens, apesar de terem destacado dimensões socioafetivas nas suas representações (sobretudo a partir das relações de amizade), complementaram-nas com processos de hierarquização entre o grupo de pares, particularmente pela valorização das capacidades físicas, das competências académicas e da tradição dos mais velhos (por esta ordem de importância). A preponderância da superioridade física entre este grupo evidencia a importância simbólica do estatuto físico para o sexo masculino, o que significa que as figuras de autoridade mais prováveis para este contexto grupal serão essencialmente meninos. Este resultado destaca a importância das representações sociais do masculino, associadas a um modelo de *masculinidade hegemônica* (Connell, 1987, 1995, 2002), no âmbito do pensamento e das relações sociais dos meninos.

Ao nível do 4º ano, o grupo de meninas também integrou a perspectiva do poder relacional nas suas representações, mas sublinhou a importância dos *saberes-poderes* nos dois principais contextos de interação escolar. De acordo com este resultado, a definição de assimetrias, bem como o acesso a posições de chefia, parece estar bastante dependente do conhecimento demonstrado nos contextos de interação social, em articulação com outros valores sociais dominantes (campo disciplinar e moral). Já os meninos deste nível escolar manifestaram uma maior proximidade aos modelos sociais de poder e às facetas de autoridade derivadas de definições hierárquicas, a partir das representações de *chefe modelo*. Evidenciaram uma maior internalização dos significados de poder

posicional (sobretudo do poder legítimo) nas suas representações e identidades, embora tenham complementado o *direito de comando* com deveres comportamentais e de moralidade.

Estes resultados globais sugerem que os processos de construção social que são elaborados em torno das dimensões de poder posicional, veiculam um domínio de atribuição predominantemente masculino, uma vez que foram os meninos a manifestar uma maior orientação para a representação de estruturas sociais hierárquicas. Dados recolhidos entre populações adultas, no contexto do trabalho, mostram que a autoridade masculina é reconhecida, até quando as qualificações não correspondem ao estatuto hierárquico, como se a autoridade fosse vista como uma competência natural desse grupo de sexo (Amâncio, 1997). O paralelismo que pode ser estabelecido entre os significados sociais que marcam o pensamento no mundo do trabalho e aqueles que obtivemos no contexto escolar vem salientar a relevância dos processos *genéticos* (Doise, 1978; Duveen & Lloyd, 1990; Moscovici, 1990) que regulam uma relação desenvolvimentista entre conhecimento social, pensamento e identidades.

Aquilo que sugerimos é que esses processos *genéticos* são interdependentes da *ordem de gênero* das sociedades modernas e dos *regimes* que estas assumem nas instituições (Connell, 1987, 2002), continuando a reproduzir a *assimetria simbólica* que está patente nas representações sociais do masculino e feminino (Amâncio, 1994, 1997). Segundo os nossos resultados, os meninos parecem integrar desde muito cedo nas suas identidades de gênero esta orientação que acentua a importância dos processos de hierarquização social, permitindo assim reforçar a dominância objetiva e simbólica daqueles em posição de poder, mas também do masculino sobre o feminino.

No caso das meninas, as representações sobre esta esfera da vida social revestem-se de contornos diferenciados, pois é necessário mobilizar outras dimensões legitimadoras para além da posição simbólica do seu grupo de sexo. A instrumentalização do poder assenta em fatores de conhecimento e normas comportamentais, sendo balanceada com afetos e preocupações relacionais.

O contraste entre estas modalidades representacionais não pretende afirmar que as meninas apresentam maiores dificuldades no

desenvolvimento de conhecimento sobre as facetas hierarquizadas do poder social e organizacional. Pelo contrário, pretende sublinhar a importância da diferenciação dos papéis e das posições sociais que são *prescritos* pelas representações sociais das categorias de gênero (Amâncio, 1994) e como estes processos simbólicos interferem na forma como as crianças constroem e pensam as suas relações sociais.

Conclusões

Este artigo focou o desenvolvimento da cognição sobre os fenômenos da vida social, em particular, a articulação entre os níveis individual e social no desenvolvimento do pensamento social das crianças. De acordo com esse objetivo, conduzimos um estudo onde analisamos o desenvolvimento do conhecimento sobre as questões de poder e autoridade em contexto escolar, com crianças do 1º e 4º anos do primeiro ciclo do ensino básico.

Os resultados mostraram que as representações das crianças foram organizadas a partir do binômio poder posicional e instrumentalidade, poder pessoal e socioafetividade. Na primeira dimensão destacaram-se essencialmente condições de poder legítimo e coerção, enquanto na segunda emergiram conteúdos ligados ao poder de conhecimento e de referência (French & Raven, 1959; Yukl, 1998). O percurso escolar acentuou as diferenças entre as representações associadas à sala de aula e ao recreio, através da natureza do próprio do espaço e das atividades que lhes estão associadas. No campo das aprendizagens, o contraste entre os dois níveis escolares sublinhou a importância crescente dos processos de classificação e comparação social entre pares, tendo em conta que emergiram construções identitárias mais *adestradas* (Foucault, 1975) à cultura institucional entre as representações das crianças mais velhas. Esses processos parecem estabelecer um aspecto fundamental para a legitimação pública das assimetrias de autoridade dos pares, adquirindo maior consistência ao longo da escolarização.

Estes resultados revelaram transformações ontogenéticas importantes ao nível das representações sociais de poder, na medida em que, do 1º para o 4º ano, as referências da amizade foram substituídas por dimensões ligadas às estruturas sociais e organizacionais.

Nesse sentido, aquilo que emergiu foi, essencialmente, um caminho em direcção à compreensão das facetas do poder posicional.

Os resultados também permitiram confirmar a influência das dimensões de gênero no pensamento sobre as relações de poder e autoridade em contexto escolar. As meninas mais jovens revelaram-se mais orientadas para os valores socioafetivos, destacando a autoridade carismática no contexto das relações sociais de lazer, enquanto que os meninos combinaram conteúdos dessa natureza com aspectos de hierarquização social, salientando, sobretudo, condições de estatuto físico. Entre o 4º ano, as meninas articularam dimensões de poder relacional, ajustamento social e distintividade académica nas suas representações, sublinhando a importância dos *saberes* nos dois contextos de interação escolar. De acordo com estes resultados, para elas, o conhecimento, enquanto fator legitimador de assimetrias, parece assumir particular relevância. Por outro lado, os meninos estiveram mais próximos da aceção de poder posicional, sobretudo, do poder legítimo, destacando a importância das relações hierárquicas nas suas representações, aproximando-se mais do contexto de lazer, onde a autonomia está sujeita a menos restrições.

O balanço final que podemos realizar a partir destes resultados permite-nos afirmar a importância da articulação entre níveis de análise e em particular as questões da influência social no pensamento e nas representações das crianças. Os processos de desenvolvimento cognitivo que se destacaram a partir das comparações estabelecidas entre os níveis escolares, não podem ser dissociados da participação das crianças no contexto institucional escolar. Essa razão poderá explicar a progressiva pregnância dos elementos simbólicos do *poder disciplinar* nas suas representações sociais, refletindo a presença de processos de normalização social característicos dos *regimes disciplinares* das escolas (Foucault, 1975). Apesar da dimensão disciplinar também estar presente nos contextos sociais onde as crianças participam antes da entrada na escola, sobretudo, o familiar, esta parece ser transformada num elemento simbólico relevante no quadro da vida social dos grupos à medida que o percurso escolar se faz.

A marcada influência do binómio *saberes-poderes* (Foucault, 1975) que está inerente à cultura da instituição escolar também permite sustentar essa ideia de partida, já que o conhecimento foi um aspecto relevante na representação das relações de poder. Apesar das condições afetivas e de estatuto estarem mais salientes do que a autoridade epistêmica no primeiro ano de escolaridade, esta vem sobrepor-se a essas dimensões ao longo deste ciclo de ensino. Esse novo campo de significados, embora dependente dos progressos cognitivos das crianças, não pode ser dissociado de uma maior participação e manipulação dos símbolos dominantes no contexto da instituição escolar.

Na mesma linha, os resultados empíricos sublinham ainda como a participação social neste contexto normaliza as expressões do poder institucional, enquanto meio de comunicação simbólico que se generaliza (Parsons, 1963; Luhmann, 1993) aos grupos de crianças. Os códigos e símbolos de poder entre pares são progressivamente articulados com a cultura institucional, dando origem a condições de diferenciação adaptadas aos contextos de interação.

Finalmente, os resultados permitem-nos confirmar a influência das relações e das construções sociais de gênero na forma como as crianças constroem e representam as relações sociais de poder. Este vetor de influência é estabelecido a partir da articulação entre os papéis e posicionamentos sociais que são associados às categorias de gênero e as construções identitárias (Amâncio, 1994) das crianças.

Entre as meninas, as relações de *saber-poder* (Foucault, 1975) constituem uma dimensão relevante para as suas identidades e relações sociais, na medida em que permitem, não só, instrumentalizar o poder, como garantem a legitimação da sua autoridade e o acesso ao poder no espaço das relações mais formalizadas. No entanto, essa instrumentalização continua a salientar uma orientação relacional face aos pares. Entre os meninos, o percurso escolar acentua os significados sobre as condições de estatuto físico e o poder instrumental, enquanto que o campo sócio-afectivo passa para um plano secundário. As suas representações indicam a influência das dimensões de *masculinidade hegemônica* (Connell, 1987, 1995, 2002), o que sugere que as condições simbólicas que

regulam o poder e a autoridade não são igualmente valorizadas entre meninos e meninas.

Estes processos de desenvolvimento que temos vindo a analisar são, simultaneamente, psicológicos e sociais, não permitindo uma explicação centrada em mecanismos cognitivos, na medida em que esse nível de análise não contempla a influência que a *ideologia de gênero* (Amâncio, 1994), ou *ordem de gênero* (Connell, 1987, 2002), assume no pensamento e nas construções das crianças.

Com base nos resultados deste estudo consideramos que as representações sociais de gênero constituem um exemplo incontornável sobre a forma como as dinâmicas sociais regulam o funcionamento cognitivo e psicológico das crianças. Nessa perspectiva, a articulação entre diferentes níveis de análise (Doise, 1986) é central para a explicação do desenvolvimento da cognição sobre a realidade social e o nível ideológico deve ser integrado no seu enquadramento.

Paralelamente, não podemos deixar de sublinhar a influência precoce destes processos simbólicos ao nível do pensamento e das representações sociais infantis. De acordo com os nossos dados empíricos, as crianças com 6 anos de idade já internalizaram a ordem social do feminino e do masculino e participam activamente na (re)construção desses modelos do senso comum, apesar da sua expressão ao nível discursivo estar ainda pouco saliente.

Por outro lado, este trabalho não pretende sugerir padrões representacionais hegemónicos entre os grupos de meninos e meninas. Consideramos que, pela própria natureza do método de análise de dados, os efeitos que emergiram traduzem-nos perspectivas sociais dominantes face aos estímulos apresentados, o que não significa uma ausência de outras modalidades representacionais e identitárias. Tal como já referimos, o sistema de representações sociais de gênero comporta diferentes formas de expressão de feminilidade e masculinidade para as crianças (Lloyd & Duveen, 1992; Duveen & Lloyd, 1993; Duveen, 1993).

À guisa de balanço final, não podemos deixar de remeter para os objetivos teóricos que orientaram este trabalho. Nessa perspectiva, consideramos que os resultados deste estudo permitiram salientar como as dimensões de espaço e tempo estão subjacentes à atividade

construtiva das crianças. E como as transformações ontogenéticas das representações sociais de poder refletem a interdependência entre os processos sociais, as estruturas cognitivas e as histórias de desenvolvimento. Deste modo, consideramos que os nossos resultados permitem sustentar a relevância dos processos sociais para o domínio do desenvolvimento psicológico, posicionando, assim, a cognição num domínio psicossociológico.

Referências

- Acker, J. (1990). Hierarchies, jobs, bodies: Theory of gendered organizations. *Gender & Society*, 4, 139-158.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino – a construção social da diferença*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Amâncio, L. (1997). The importance of being male: Ideology and context in gender identities. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 2, 79-94.
- Amâncio, L. (2001). O gênero na psicologia. Uma história de desencontros e rupturas. *Psicologia*, XV (1), 9-25.
- Amâncio, L. (2002). O gênero nos discursos das ciências sociais. *Análise Social*, XXXVIII(168), 687-714.
- Amâncio, L. (2004). A(s) masculinidade(s) em que-estão. In L. Amâncio (Org.), *Aprender a ser homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Barbosa, C. (2004). Violência escolar e a construção social de masculinidades. In L. Amâncio (Org.), *Aprender a ser homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Connell, R. W. (1987). *Gender and power. society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2000). *The men and the boys*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.

- Corsaro, W. A. (1990). The underlife of the nursery school: Young children's social representations of adult rules. In G. Duveen & B. Lloyd (Eds.), *Social representations and the development of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- de Rosa, A. M. (1987). The social representations of mental illness in children and adults. In W. Doise & S. Moscovici (Eds.), *Current Issues in social psychology*. Cambridge University Press.
- Doise, W. (1978). *Groups and individuals: Explanations in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W. (1986). *Levels of explanation in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Duveen, G. (1983). *From social cognition to the cognition of social life: An essay in decentration*. Thesis presented for the degree of Doctor in Philosophy, University of Sussex.
- Duveen, G. (1993). The development of social representations of gender. *Papers on Social Representations*, 2(3), 171-177.
- Duveen, G. (1997). Psychological development as a social process. In L. J. Smith-Dockrell & P. Tomlinson. (Eds.), *Piaget, Vygotsky and beyond. Future issues for developmental psychology and education*. Routledge: Taylor & Francis Group.
- Duveen, G. (1999). Le développement des représentations sociales chez les jeunes enfants: Un exemple, le genre. In M.-L. Rouquette & C. Garnier (Eds.), *La genèse des représentations sociales*. Montréal: Éditions Nouvelles.
- Duveen, G. (2000). Introduction: The power of ideas. In S. Moscovici & G. Duveen (Ed.), *Social Representations. Explorations in Social Psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Duveen, G. (2001). Genesis and structure: Piaget and Moscovici. In F. Buschini & N. Kalampalikis (Dir.), *Penser la vie, le social, la nature. Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Duveen, G., & Lloyd, B. (1990). Introduction. In G. Duveen & B. Lloyd (Eds.), *Social representations and the development of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Duveen, G., & de Rosa, A. (1992). Social representations and the genesis of knowledge. *Papers on Social Representations*, 1(2-3), 94-108.
- Duveen, G., & Lloyd, B. (1993). An ethnographic approach to social representations. In C. Fraser & G. Gaskell (Eds.), *The social psychological study of widespread beliefs*. Oxford: Clarendon Press.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1980). *Power/knowledge. Selected interviews and other writings* (Edição de C. Gordon). Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Foucault, M. (1982/1994). Le sujet et le pouvoir. In D. Defert & F. Ewald (Eds.), *Dits et écrits (1980-1988)*. Paris: Gallimard.
- French, J. R. P., & Raven, B. H. (1959). The bases of social power. In D. Cartwright (Ed.), *Studies in social power*. Ann Arbor: University of Michigan.
- Gilbert, R., & Gilbert, P. (1998). *Masculinity goes to school*. London and NY: Routledge.
- Jesuino, J. C. (1996). *Processos de liderança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Jesuino, J. C., & Duarte, H. (2006). As múltiplas faces do poder. In J. Gomes, M. Pina e Cunha, & A. Rego (Eds.), *21 temas e debates para o século XXI*. Lisboa: RH Editora.
- Jodelet, D. (1989). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1993). Indigenous psychologies and social representations of the body and self. In U. Kim & J. W. Berry (Eds.), *Indigenous psychologies. Research and experience in cultural context*, Cross-Cultural Research and Methodology Series, Vol. 17. Newbury Park, London, New Delhi: Sage Publications.

- Jordan, E., & Cowan, A. (1995). Warrior narratives in the Kindergarten classroom: Renegotiating the social contract? *Gender & Society*, 6, 727-743.
- Jovchelovitch, S. (2007). *Knowledge in context. Representations, community and culture*. London, New York: Routledge.
- Lloyd, B., & Duveen, G (1990). A semiotic analysis of the development of social representations of gender. In G. Duveen & B. Lloyd (Eds.), *Social representations and the development of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lloyd, B., & Duveen, G (1992). *Gender identities and education: The impact of starting school*. London: Harvester-Wheatsheaf.
- Luhmann, N. (1993). *Trust and power*. NY: Wiley.
- Maccoby, E. E. (1999). *The two sexes. Growing up apart, coming together*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Marková, I. (2010). Gerard Duveen on the epistemology of social representations. *Papers on Social Representations*, 19(1), 4.1-4.9.
- McGuffey, C. S., & Rich, B. L. (1999). Playing in the gender transgression zone. Race, class and hegemonic masculinity in middle childhood. *Gender & Society*, 13(5), 608-627.
- Messner, M. A. (2000). Barbie girls versus sea monsters. Children constructing gender. *Gender & Society*, 14(6), 765-784.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public* (2ª Edição). Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social Representations*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18(3), 211-250.
- Moscovici, S. (1990). Social psychology and developmental psychology: Extending the conversation. In G. Duveen & B. Lloyd (Eds.), *Social representations and the development of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Parsons, T. (1963). On the concept of political power. *Proceedings of the American Political Society*, 107, 232-258.
- Thorne, B. (1993). *Gender play: Girls and boys at school*. Buckingham: Open University Press.
- Voss, L. S. (1997). Teasing, disputing and playing. Cross-gender interactions and space utilization among first and third graders. *Gender & Society*, 11(2), 238-256.
- Yukl, G. A. (1998). *Leadership in organizations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Enviado em Novembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Représentations sociales du changement climatique: effets de contexte et d'implication

Raquel Bohn Bertoldo

Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS), Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL) – Lisboa, Portugal

Andréa Barbará S. Bousfield

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Résumé

Selon les spécialistes, les activités humaines donneraient lieu aux émissions de carbone à l'origine du changement climatique, de sorte que l'atténuation du phénomène passe par un changement comportemental de notre société vis-à-vis de l'environnement. L'augmentation de l'implication individuelle avec le changement climatique est ainsi centrale, vu l'importance secondaire attribuée au phénomène par rapport à d'autres enjeux d'actualité. L'objectif de cette étude était d'observer l'impact des contextes d'énonciation du changement climatique (étudiant ou officiel) et de l'implication 'induite' chez le sujet (faible ou forte) sur l'implication 'ressentie' et sur la structure de la représentation de cet objet. Résultats: la représentation est structurée autour des éléments 'réchauffement', 'fonte des glaciers' et 'augmentation du niveau de la mer'. Le contexte affecte l'organisation des rapports entre les éléments: dans le contexte officiel, les éléments 'pollution' et 'résultat de l'action humaine' gagnent de l'importance. Cette réorganisation de la structure est potentialisée par l'augmentation de l'implication 'induite'. Aucun effet n'a été trouvé sur l'implication 'ressentie'. Conclusion: le changement d'encadrement de la représentation, pouvant être accentué par l'implication, affecterait probablement l'engagement collectif et, par conséquent, les actions aux niveaux individuel et social pour la diminution du changement climatique.

Mots clés: Représentations sociales, Analyse structurale, Changement climatique.

Climate change social representations: context and implication effects

Abstract

Being carbon emitting human activities at the origin of climate change, in order to attenuate this phenomenon our society would have change its behavior in what regards the environment. Another central issue is the individual implication with climate change, which is currently secondary in relation to other current issues. The aim of this study is to observe the impact of climate change enunciation context (an academic or an official one), and of the implication 'induced' upon the participant (strong or weak) on the 'felt' implication as well as on the structure the representation of this object. Results: the representation is structured around the elements 'heating', 'ice sheet melting' and 'sea level rise'. The object enunciation context affects the organization of the connections between elements: in the official context, the elements 'pollution' and 'human action result' are more important. This structure reorganization is heightened by the 'induced' implication. Effects on the 'felt' implication were not found. Conclusion: a modification on the frame of the representation, what is possibly made stronger by a higher implication, would probably affect the collective engagement and, consequently, the actions at both the individual and social levels to diminish, among other environmentally important issues, climate change.

Keywords: Social representations, Structural analysis, Climate change.

Endereço para correspondência: Raquel Bertoldo. CIS, ISCTE-IUL. Av. das Forças Armadas, 1649-026. Lisboa, Portugal. Email: raquel_bertoldo@iscte.pt.

Este estudo corresponde ao mémoire de M2 da primeira autora, realizado no Laboratoire de Psychologie Environnementale (Université Paris Descartes). Agradecemos o apoio financeiro do departamento de Île-de-France com a concessão à primeira autora da bolsa 'Master Île-de-France'.

Depuis l'annonce par l'IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) que les actions humaines sont à la source des altérations climatiques ainsi que des risques majeurs associés, les populations se sont mieux renseignées sur les possibles actions quotidiennes pour atténuer les conséquences. Les études de perception sociale du changement climatique présentent pourtant des inconsistances entre le savoir naïf et scientifique sur le phénomène – ce qui caractérise la pensée collective, les représentations sociales. L'importance de mieux les connaître repose sur l'impact de l'opinion publique sur les actions des gouvernements, encore plus importante que l'avis des spécialistes (McDaniels, Axelrod, & Slovic, 1996).

L'approche de la psychologie sociale en général, et celui des représentations sociales en particulier, nous fournissent un cadre d'analyse pertinent pour l'analyse de l'enjeu climatique dans la mesure où elle implique les hommes (sujet), le changement climatique (objet) et la société (autrui) dans une relation ternaire où les uns définissent et sont définis par les autres (Moscovici, 1984). Ces représentations se localisent dans une architecture de pensée sociale (Flament & Rouquette, 2003; Rouquette, 1996) où les attitudes et comportements découlent des représentations sociales, tout en étant modérées par l'implication personnelle des individus vis-à-vis de l'objet (Gurrieri, 2007; Gurrieri, Wolter, & Sorribas, 2007) et du contexte (Abrieu & Guimelli, 1998).

Le phénomène du changement climatique sera exploré dans ses niveaux (1) sociétal (Doise, 1982) avec une étude des représentations partagées par les étudiants; (2) positionnel, à partir d'une étude sur l'effet du contexte interpersonnel de l'enquête; et (3) intra-individuel, à partir de l'analyse de l'implication personnelle avec le changement climatique.

Changement climatique: De l'enjeu aux représentations sociales

Compte tenu de ses impacts sur l'environnement tel qu'on le connaît, le changement climatique est, selon les spécialistes, un enjeu actuel majeur (Laffite & Saunier, 2006). Ils affirment que les activités humaines productrices de gaz à effet de serre

sont à l'origine du problème (IPCC Report, 2007). En effet, le réchauffement climatique est une évidence: chaque fois avec plus de certitude, on observe l'augmentation globale des températures moyennes de l'air et des océans, la fonte de neige et des glaciers et la conséquente augmentation du niveau de la mer.

Les connaissances autour de ce phénomène se vulgarisent par un processus de diffusion (Bauer, 1994). Lors qu'elles deviennent des références synthétiques, facilement échangeables lors des communications interpersonnelles et inscrites dans le système de normes sociales, elles sont des représentations sociales (RS).

Le phénomène psychosocial du changement climatique (CC) à notre connaissance n'a pas, jusqu'à présent, été souvent exploré sous l'angle des RS. Cela a pour origine (1) l'origine anglophone de la plupart des études sur le sujet et (2) la tendance à l'explorer à partir des approches de la perception du risque (Slovic, 2000) ou de l'amplification sociale du risque (J. X. Kasperson, R. E. Kasperson, Pidgeon & Slovic, 2003), plutôt que des RS (Gruev-Vintila & Rouquette, 2007). C'est pourquoi les études sur la compréhension publique du CC présentées par la suite traitent des perceptions sociales du CC.

Dans le contexte anglo-saxon, la perception du CC est relativement homogène autour des concepts 'l'augmentation du niveau de la mer' et 'inondations' (Lorenzoni, Leiserowitz, Doria, Poortinga, & Pidgeon, 2006). Les anglais et les américains se distinguent par rapport à d'autres éléments: ceux-ci mentionnent davantage la 'fonte des couches polaires', la 'chaleur' et les 'impacts sur la nature'; ceux-là, la 'couche d'ozone', la 'pollution' et le 'climat'.

Même si les groupes sociaux se font des idées relativement structurées du phénomène, ils y sont peu impliqués: les américains, ainsi que les anglais, éloignent spatialement et temporellement les causes et conséquences du phénomène, ce qui assure leur détachement de l'enjeu, ainsi qu'une faible implication (Lorenzoni et al., 2006).

Ce manque d'implication résulte de barrières cognitives opérant aux niveaux individuel et social. Ces mécanismes de déni aident l'individu à résoudre le conflit causé par la conscience de sa responsabilité face au CC et sa difficulté pour changer les modes de vie déjà

installés (Lorenzoni, Nicholson-Cole, & Whitmarsh, 2007). Le faible engagement avec l'enjeu peut aussi être dû à son importance secondaire en relation à d'autres enjeux quotidiens comme la santé, l'emploi ou la sécurité (Lorenzoni, Pidgeon, & O'Connor, 2005), même si la population comprend sa dynamique et est motivée pour mettre en place des mesures de prévention.

Les connaissances et représentations sociales sur le CC ont des inconsistances par rapport au savoir officiel, car elles se basent sur un raisonnement collectif, fondé sur une logique diverse de la pesée scientifique (Rouquette, 1994). Dans une approche différente de celle des RS, ce manque de correspondance entre le sens commun et la science est dû aux concepts antérieurement acquis par le sujet, souvent vagues et improprement intégrés (Kempton, 1997). Ces concepts, ou 'modèles culturels', permettent au sujet d'encadrer leurs connaissances sur le CC. Par exemple, d'après le modèle culturel de 'photosynthèse et respiration', la préoccupation derrière le CC est qu'une augmentation des concentrations de CO₂ augmenterait la respiration des forêts, ce qui, associé à la déforestation, diminuerait la disponibilité de O₂ – ce qui n'est pas vrai du point de vue scientifique, car le volume de CO₂ correspond à seulement 0,03% de l'atmosphère terrestre, contre 21% de O₂; ainsi, même de larges multiplications de la concentration de CO₂ n'influenceraient les niveaux atmosphériques de O₂ (Kempton, 1997). D'autres modèles culturels repérés par l'auteur aux USA comprennent: l'indifférenciation entre les causes du CC et les autres types de pollutions environnementales (ex.: pesticides, aérosols); confusion entre l'effet de serre et la diminution de la couche d'ozone; croyance que les activités humaines (pollution, incendies, pesticides et ordures ménagères) sont les sources du CC, en dehors de toute relation avec l'augmentation des concentrations de CO₂. Finalement, Kempton (1997) a trouvé une forte tendance aux USA et en Angleterre à restreindre les conséquences du CC à un simple réchauffement climatique, ce que l'auteur attribue à l'usage des deux termes comme synonymes par les médias. Ces méconnaissances autour du CC en Angleterre et aux USA ont été également trouvées chez des populations culturellement différentes, partout dans le monde (Lorenzoni et al., 2005).

À partir de ces considérations sur la perception publique du CC, sa compréhension à partir de la théorie des RS permettrait de saisir la logique sociale qui attribue un sens au paradoxe suivant:

- Le gouvernement et les associations de protection de l'environnement assument leur partie de responsabilité et agissent en ce moment dans le but de diminuer les émissions de carbone, tout en incitant les citoyens à faire le même (Ministère de l'Ecologie, de l'Energie, du Développement Durable et de l'Aménagement du Territoire, 2008).

- Les actions collectives nécessaires pour l'atténuation du CC dépendent des efforts individuels comme l'abandon de quelques confort de notre style de vie actuel. Les bienfaits de ces actions ne sont pourtant pas visibles ni au niveau personnel, ni immédiatement – ils sont plutôt incertains, de nature collective et réparables dans une large échelle de temps qui comprend les générations à venir (Etkin & Ho, 2007). En outre, par rapport à d'autres enjeux quotidiens (chômage, santé ou sûreté), les enjeux environnementaux sont relativement peu importants et incitent peu à l'action.

L'enjeu du CC est ainsi majeur au niveau collectif mais peu impliquant au niveau personnel, où doivent se fonder les changements en vue d'un avenir plus durable. Les éléments théoriques des représentations explorés par la suite nous fourniront les bases pour problématiser l'enjeu du changement climatique en tant que phénomène social dans ses divers niveaux d'analyse (Doise, 1982): sociétal (représentations sociales), dispositionnel (contexte) et individuel (implication).

Quelques éléments sur la théorie des représentations sociales

La théorie du noyau central

En tant que rassemblement d'informations, d'opinions, d'attitudes et de croyances, les RS sont organisées par le système socio-idéologique derrière l'histoire et les valeurs des groupes sociaux. Dans ce système, le contenu des RS est rangé de façon à ce que leurs éléments aient des valeurs différentes dans la définition d'un objet: certains sont essentiels, d'autres importants et enfin d'autres sont secondaires (Abric, 2002).

Les représentations sociales fonctionneraient ainsi comme une seule entité composée par deux composantes complémentaires: les systèmes centraux et périphériques (Guimelli, 1994). Le système central (noyau central), correspond à la partie stable et consensuelle de la représentation; elle détermine la signification des éléments composant le système périphérique. Le caractère à la fois concret et souple de ce dernier permet la traduction des concepts abstraits du noyau central dans la réalité de l'objet. De plus, il intègre au noyau central (consensuel) la diversité des expériences individuelles (idiosyncrasiques).

Les relations de similitude

Étant donné qu'une RS est un système d'éléments liés entre eux, il est utile de connaître la structure de l'ensemble des liaisons avant de détailler les qualités de ces relations par les schèmes cognitifs de base (Flament & Rouquette, 2003). On résume ainsi toutes modalités relationnelles (praxiques, attribution, lexique, voisinage et composition) à une relation binaire de présence ou absence d'une relation – soit les éléments « vont ensemble » ou non.

Ces relations de similitude peuvent être synthétisées par l'arbre maximum, qui est un arbre (un graphe où un seul chemin est possible entre les éléments) qui garde les liaisons le plus fortes entre les éléments.

Le contexte d'actualisation des représentations sociales

Comme les RS sont toujours invoquées en situation du vécu concret, il est important de considérer l'influence du contexte d'évocation sur l'expression des RS. Afin de systématiser la notion de contexte, Flament et Rouquette (2003) proposent leur organisation à partir des notions de spécimen, l'enjeu et les modalités de communication. Premièrement, les spécimens sont des cas particuliers et réels d'une classe abstraite ayant des spécificités, encore qu'ils gardent les propriétés génériques de celle-ci. Ensuite, les représentations sont évoquées toujours par rapport à des enjeux spécifiques, qui peuvent être plus ou moins importants par rapport à d'autres. Enfin, elles impliquent différemment les modalités de communication,

le développement de la pensée, l'argumentation etc.

Encore plus loin, toute la structure d'une RS peut être affectée par le contexte. La contradiction temporaire ou définitive de l'environnement avec les RS et les comportements qu'elles soutiennent entraîne l'apparition soit de 'schèmes étranges' ou des 'schèmes de négation' dans la périphérie de la RS (Abric & Guimelli, 1998; Flament & Rouquette, 2003).

Enfin, l'énonciation des RS peut être directe ou indirectement modulée par le contexte. D'un côté, on a les effets du *contexte global*, c'est-à-dire, de la localisation sociale et idéologique de l'individu et de son entourage; et de l'autre, l'effet du *contexte immédiat* de production de la RS (Abric & Guimelli, 1998). Sur cette étude nous nous concentrerons sur les influences de ces derniers –le contexte de l'enquête (une recherche de M2R ou une étude d'un institut officiel). Nous considérons les contextes globaux constants car nous supposons que les positions idéologiques de nos groupes sont les mêmes puisqu'ils sont issus d'une même population d'étudiants universitaires.

Implication

Elle constitue les liens d'engagement (d'opinion, attitude) de l'individu avec la RS. Ce concept s'adapte bien à la perspective ternaire de la psychologie sociale adopté par Moscovici (1984) car dans la triade Ego-Objet-Autruï le facteur d'implication serait central (Flament & Rouquette, 2003; Gurrierie et al., 2007; Wolter, Gurrierie, & Sorribas, 2009).

Comme elle a été définie par Rouquette (1998a, 1998b; Flament & Rouquette, 2003), l'implication est composée par trois dimensions indépendantes: l'identification personnelle, la valorisation de l'objet et la possibilité perçue d'action. L'indépendance de ces trois dimensions a bien été vérifiée, de façon à ce qu'une personne peut valoriser un enjeu – par exemple, un raz-de-marée est une catastrophe importante – sans se sentir personnellement concernée – événement géographiquement très éloigné, qui attache peu l'individu (Wolter & Rouquette, 2005).

La première dimension, l'identification personnelle, se réfère à comment l'individu se sent concerné par l'objet, au niveau

d'adéquation estimé par rapport à l'objet. Un individu se placerait sur cette dimension en se localisant entre « cela me concerne spécifiquement et personnellement » et « cela concerne tendancielllement tout le monde, mais moi pas plus que les autres » (Flament & Rouquette, 2003).

La deuxième dimension, la valorisation de l'objet est liée à l'importance attachée par une personne et son groupe à l'enjeu représenté par celui-ci. Elle peut être repérée à partir de l'importance exprimée envers l'objet dans les échanges informels et les communications de masse (Flament & Rouquette, 2003). Cette dimension correspond à une échelle pouvant varier entre « c'est une question de vie ou mort » et « c'est une question sans aucune importance ».

La dernière dimension, la capacité perçue d'action, correspond à la position perçue par le sujet en relation à l'objet: soit il se voit en tant qu'agent et croit que ses actions seront déterminantes sur les événements; soit en tant que patient, incapable de faire quoi que ce soit. Cette dimension peut être mesurée sur une échelle qui varie entre l'impuissance jusqu'au contrôle total.

Une série d'études menée au Laboratoire de Psychologie Environnementale a montré une relation positive entre l'implication la structuration des RS (Baggio & Rouquette, 2006; Gruev-Vintila & Rouquette, 2007). Lorsque les individus ont une forte implication envers un objet de RS, sa structure est enrichie, c'est-à-dire, elle est plus organisée car le nombre de relations entre les éléments augmente.

À partir de l'effet de l'implication sur la structure de la RS, on a proposé qu'elle serait une variable médiatrice entre les niveaux idéologique et représentationnel de l'architecture de pensée sociale, ainsi qu'entre les RS et les attitudes et les opinions (Wolter, Gurrieri, & Sorribas, 2009). Ainsi, l'effet de l'affiliation religieuse au niveau idéologique sur les représentations et les attitudes envers les actions de charité serait moyenné par l'implication des sujets avec la thématique 'd'aide aux démunis'— le degré dans lequel ils se sentent personnellement concernés avec le problème de la faim, qu'ils la considèrent comme un enjeu important ou qu'ils puissent faire quelque chose pour changer la situation.

Problématique

Sur un plan 2 X 2, nous avons pour variables indépendantes les contextes d'énonciation et l'implication. Les variables dépendantes seront la structure (arbres maximums) des RS du CC et l'implication avec l'objet dans ses trois dimensions (identification personnelle, valorisation de l'objet et capacité perçue d'action).

Variables indépendantes

VI 1 – Contextes d'énonciation: dans un premier contexte, l'individu est enquêté sur le CC dans le cadre d'une recherche de M2 Recherche (contexte étudiant). Dans le deuxième, le sujet est informé que l'étude est une recherche de l'Agence Nationale pour la Protection du Climat (ANPC)¹ (contexte officiel).

VI 2 – Effets d'implication: l'implication sera manipulée à partir d'un paragraphe présenté au début du questionnaire. Tirées du rapport IPCC 2007, ces paragraphes visent l'induction d'une implication faible (effets du CC sur la faune et fore) ou forte (effets du CC sur l'humanité).

Variables dépendantes

Les effets des variables indépendantes décrites en haut seront observés sur les variables dépendantes suivantes:

VD 1 – contenu et structure de la RS du changement climatique.

VD 2 – implication dans ses trois dimensions (identification personnelle, valorisation de l'objet et capacité perçue d'action).

Hypothèses

a) RS moins structurée dans le contexte étudiant: compte tenu de l'importance secondaire attribuée au CC et de la faible désirabilité sociale associée au groupe même d'appartenance, nous avons fait l'hypothèse que les sujets exprimeraient plus librement leur faible implication avec l'enjeu. La structuration

¹ La dénomination **fictive** 'Agence Nationale pour la Protection du Climat' (ANPC) a eu le but d'éviter les connotations écologistes des organisations liées à la protection de l'environnement et se rapprocher du sens donné aux organisations scientifiques pour la recherche du climat (IPCC) qui jouissent d'une bonne crédibilité médiatique.

plus faible résulterait d'une variété plus grande des réponses lorsqu'elles sont plus générales et complexes et moins stéréotypées, dans un effet similaire à celui trouvé par Gurrieri (2007) lorsque l'objet 'voyage' était pris dans son acception générale, hors spécification thématique ('idéal' ou 'le pire').

b) RS plus structurée dans le contexte officiel: dans le contexte officiel, on s'attend à un effet homogénéisateur de la désirabilité sociale sur les réponses, résultant une RS plus structurée et stéréotypée.

c) RS plus structurée dans l'implication forte: même si le contexte étudiant est supposé moins impliquant que l'officiel, nous prévoyons que le groupe dans la condition d'implication forte (conséquences du CC sur l'humanité) sera plus engagé que le groupe d'implication faible (conséquences sur la faune et flore) et aura des RS plus structurées et complexes (Gruev-Vintila & Rouquette, 2007).

d) Implication forte dans le contexte officiel - la plus haute implication: nous supposons aussi que l'implication sera plus marquée dans le contexte où joue la désirabilité sociale face à un organisme officiel que dans un contexte trivial de recherche. Cela est attendu pour les deux conditions d'implication (faible ou forte); mais spécialement pour le groupe d'implication forte (conséquences du CC pour l'humanité). Nous nous attendons à ce que le groupe sous forte implication dans le contexte officiel ait la plus haute implication de l'échantillon.

Méthode

Cette étude sur les RS du CC s'est appuyée sur une méthode plus qualitative et une autre plus quantitative. La première consistait dans des entretiens semi-structurés et la deuxième, dans l'application de questionnaires. Nous les traiterons en détail par la suite.

Entretiens exploratoires

Initialement, 8 entretiens ont été conduits auprès des étudiants de l'Institut de Psychologie de l'Université Paris Descartes, du même groupe hétérogène d'étudiants interrogé dans l'étape des questionnaires. Ces interviews avaient pour but de composer une liste avec les éléments prototypiques de la RS du CC. La consigne a été 'Pour vous, qu'est-ce que signifie le changement climatique?', suite à

laquelle le sujet devrait parler en toute liberté. Quelques précisions sur la source du phénomène ou des moyens connus pour le résoudre étaient éventuellement encouragées.

Ces entretiens nous ont permis de construire la liste d'items suivante:

1. Basculement des saisons: il fait moins froid en hiver, moins beau en été.
2. Extrémisations des climats: hiver plus froid, été plus chaud, canicule.
3. Tempêtes
4. Fonte des glaciers
5. Réchauffement
6. Augmentation du niveau de la mer
7. Accélération des transformations: ces changements, peut-être naturels (en dehors de toute action anthropique) s'accéléreront; les changements seront encore moins contrôlables.
8. Dérégulation du climat global
9. Transformation climatique naturelle: théorie selon laquelle ce réchauffement actuel est normal et attendu selon les études paléontologiques.
10. Résultat de l'action humaine: théorie selon laquelle le réchauffement actuel est le résultat des actions anthropiques.
11. Pollution
12. Déforestation

Enquête

La deuxième phase consiste dans l'enquête de terrain. Dans cette étape, on a mis en place la manipulation de contexte (étudiant et officiel) et d'implication (faible et forte). Ainsi, la moitié des questionnaires (N=50) était précédée d'un article qui exprimait un péril pour l'espèce humaine (implication *forte*) et l'autre, les autres espèces (implication *faible*). Pour la moitié des sujets abordés (N=50), l'enquêtrice s'est présentée en tant qu'étudiante du M2 Recherche (contexte *étudiant*) et pour l'autre, en tant que chercheuse de l'« Agence Nationale pour la Protection du Climat » (ANPC) (contexte *officiel*).

Participants

Les 100 étudiants enquêtés ont été distribués de façon randomisée sur un plan 2 (contexte étudiant ou officiel) X 2 (implication faible ou forte); chaque condition étant composée de 25 étudiants.

Les participants étaient âgés en moyenne de 22 ans et 8 mois ($M = 22,7$; $ET = 4,9$), dont 84 étaient des femmes. Le groupe comptait 95

étudiants de l'Institut de Psychologie de l'Université Paris Descartes (filiales: Psychologie (85), Sciences Sociales (5), Linguistique (5) et 5 étudiants issus d'autres établissements. De ces étudiants, 25 étaient inscrits en L1, 25 en L2, 14 en L3, 20 en M1, 14 en M2 et finalement, 2 en doctorat.

Globalement, la source d'information la plus consultée par les sujets est la télévision – la plus importante pour 37% des étudiants – suivie par l'internet (35%), les journaux (16%), la radio (10%) et les magazines (2%). Ces sources sont consultées assez fréquemment, avec 76% y accédant 'chaque jour' (48%) ou 'la plupart des jours de la semaine' (28%).

Instruments

Le questionnaire utilisé était composé:

(1) d'un instrument l'identification de la structure de la RS du CC – questionnaire de caractérisation (Junique, Barbry, Scano, Zeliger & Vergès, 2002);

(2) d'un instrument pour l'estimation de l'implication avec le CC;

(3) de questions sur des variables démographiques.

Instrument l'identification de la structure de la RS du CC

Nous avons utilisé un questionnaire de caractérisation avec 12 éléments issus d'entretiens libres sur la RS du CC. Les sujets distribueront les éléments en 4 groupes de 3 éléments, proches de la notion de CC en différents degrés. Cette démarche a permis la composition de blocs de similitude plus ou moins proches en sens du CC.

Instrument d'implication

L'implication a été estimée à partir d'une échelle qui mesure chacune de ses dimensions:

- Identification personnelle: Quelle est pour vous votre vulnérabilité au changement climatique par rapport aux habitants des autres villes du monde? De « vulnérabilité élevée » jusqu'à « il n'y a pas de danger ».

- Valorisation de l'objet: Quelle est l'importance du changement climatique par rapport à d'autres enjeux? De « très important » jusqu'à « sans importance ».

- Capacité perçue d'action: Dans quelle mesure pensez-vous pouvoir contribuer à la mitigation des effets du changement climatique ? De « ça ne dépend que de moi »

jusqu'à « je n'y peux rien ».

Variables démographiques

Les questions sur les variables démographiques ont été posées à la fin du questionnaire et comprendront l'âge des participants, leur cursus universitaire, leur année d'étude et, enfin, leur fréquence de consultation de la presse sur l'actualité (internet, journal, magazines, télévision ou radio).

Les mesures quantitatives utilisées dans ces instruments seront détaillées par la suite.

Mesures

Calcul des indices de similitude

La structure de la représentation est formée par des éléments liés par des relations. Dans la terminologie structurale, les éléments sont appelés sommets et les liaisons entre eux, arêtes. La valeur affectée à chacune de ces arêtes correspond à l'indice de similitude, qui n'est qu'une expression de la fréquence de la relation établie.

La procédure utilisée dans cette étude permet une différenciation entre les groupes de similitude. Ainsi, nous dépassons la relation binaire de similitude (présence/absence dans un même groupe) en incluant une troisième possibilité: les relations de similitude entre éléments de valeur contraire (Flament & Rouquette, 2003). Ces catégories ont des valeurs différentes en fonction de leur 'proximité' ou 'distance' par rapport à la notion de CC.

Dans cette étude, à partir de l'arbre maximum (Degenne & Vergès, 1973) et des scores moyens de distance en sens du CC, deux blocs ont été identifiés: un positif (éléments plus proches du CC – distance moyenne inférieure à 2.5) et un autre négatif (éléments plus éloignés du CC – distance moyenne supérieure à 2.5) dans une procédure similaire à celle adoptée par Guimelli (1989). Sur les tableaux les blocs négatifs ont été marqués en gris.

Degré du sommet

Le degré du sommet correspond au nombre de liens que chaque sommet (élément) entretient avec les autres. Ainsi, les éléments le plus centraux sont ceux ayant plus de connections, de plus haut degré. Les degrés des

sommets ont été calculés pour chaque arbre maximum.

Analyse des données

L'analyse des données sera divisée en deux blocs: l'analyse statistique (description initiale analyse des variances) et l'analyse représentationnelle.

On a initialement réalisé une analyse statistique descriptive et les analyses de variance (Anova). Dans cette phase initiale, le logiciel statistique SPSS14.0 a été employé.

L'analyse des RS a été faite en deux parties: une première phase d'entretiens pour la composition de la liste d'éléments; et une deuxième pour l'analyse des données issues du questionnaire de caractérisation.

Sur les entretiens, on a effectué une analyse de contenu (Bardin, 1996). On a créé des catégories à partir des propres réponses, jusqu'à épuiser leur contenu. C'est sur ces catégories que se base la liste des 12 items du questionnaire de caractérisation.

L'analyse de similitude a été faite avec le logiciel Similitude 2000 (Junique et al., 2002). Cet outil informatique effectue le calcul de la matrice de similitude, des graphes et des arbres maximums.

Résultats

Les distributions de sexe (masculin - $\chi^2 = 0.9$; $dl = 1$; $p = N.S.$ / féminin - $\chi^2 = 0.03$; $dl = 1$; $p = N.S.$), âge ($F_{3,95} = 1.2$; $p = N.S.$) et

cursus universitaire ($\chi^2 = 0.6$; $dl = 1$; $p = N.S.$) étaient semblables pour tous les groupes.

Les groupes se rassemblaient aussi par rapport à leur patron de consultation des sources d'information sur l'actualité (journal - $F_{3,95} = 0.07$; $p = N.S.$; magazine - $F_{3,95} = 1.2$; $p = N.S.$; télévision - $F_{3,95} = 0.2$; $p = N.S.$; radio - $F_{3,95} = 0.2$; $p = N.S.$; internet - $F_{3,95} = 0.6$; $p = N.S.$) et leur fréquence d'accès ($F_{3,95} = 0.7$; $p = N.S.$).

On voit ainsi qu'aucune variable spécifique ne distingue les groupes expérimentaux du point de vue qualitatif.

Echelles d'implication

La variation des scores des échelles d'implication peuvent être observées sur la Figure 1.

Les tests *T* de Student pour les deux modalités de chaque facteur (contexte et implication), n'ont identifié qu'une condition où la différence de scores d'implication était significative (Tableau 1). Il s'agit de la 'capacité perçue d'action' entre les contextes 'étudiant' (2.6) et 'officiel' (2.1) sous forte implication (*cde* Cohen = 0.5) (Tableau 1).

Une one-way Anova a été faite sur les scores d'implication des quatre conditions expérimentales (25 sujet par condition). On n'a pas trouvé des différences significatives entre les groupes (identification personnelle - $F_{3,96} = 0.6$; $p = N.S.$; valorisation de l'objet - $F_{3,96} = 0.6$; $p = N.S.$; capacité perçue d'action - $F_{3,96} = 1.5$; $p = N.S.$).

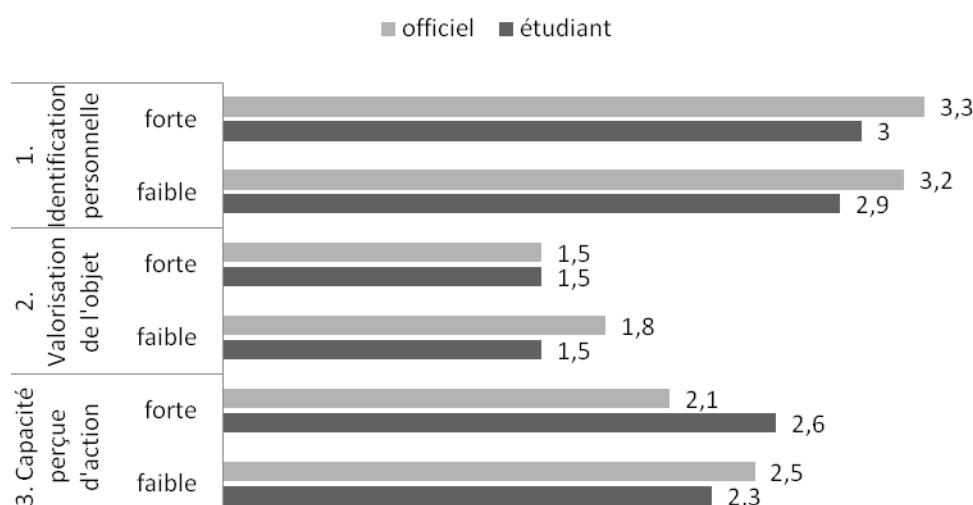


Figure 1 – Scores des dimensions d'implication par facteur (N=100).

Tableau 1 – Effets simples des contextes dans chaque condition d'implication (N=100).

Dimension	Contexte	Implication	
		Forte (N=50)	Faible (N=50)
Identification personnelle	étudiant/officiel (N=25)	$T_{98} = 0.9$; $p = N.S.$	$T_{98} = 0.8$; $p = N.S.$
Valorisation de l'objet	étudiant/officiel (N=25)	$T_{98} = 0.4$; $p = N.S.$	$T_{98} = 1.0$; $p = N.S.$
Capacité perçue d'action	étudiant/officiel (N=25)	$T_{98} = 1.9$; $p = 0.5$	$T_{98} = 0.7$; $p = N.S.$

Enfin, une Anova factorielle a été conduite dans le but d'identifier séparément les sources de variation dans et entre les conditions expérimentales. Aucune des conditions n'a pourtant présenté des différences significatives – **implication**: identification personnelle ($F_{1,98} = 0.4$; $p = N.S.$) valorisation de l'objet ($F_{1,98} = 0.6$; $p = N.S.$) et capacité perçue d'action ($F_{1,98} = 0.05$; $p = N.S.$); **contexte**: identification personnelle ($F_{1,98} = 1.5$; $p = N.S.$) valorisation de l'objet ($F_{1,98} = 0.3$; $p = N.S.$) et capacité perçue d'action ($F_{1,98} = 0.9$; $p = N.S.$).

Analyse des arbres

Nous explorerons par la suite les résultats concernant l'analyse structurale. D'abord, nous ferons une analyse générale pour connaître l'organisation globale des données. Puis, nous analyserons les arbres de chaque variable (par exemple, le contexte officiel comme ensemble), et ensuite, de chaque condition expérimentale séparément (par exemple, contexte officiel implication forte ou faible).

L'arbre maximum est une synthèse de la matrice de similitudes. Cette dernière se base à son tour sur le groupement cognitif des éléments – dans notre cas, des groupes plus ou moins proches en sens du CC (Flament & Rouquette, 2003). Pour cela, nous présenterons à côté de chaque arbre maximum la fréquence de distribution des éléments dans les groupes.

Arbre maximum globale

En général, on peut observer une organisation symbolique plus grande autour des notions plus proches en sens du CC: la 'dérégulation globale du climat', 'résultat de

l'action humaine', entraîne le 'réchauffement' qui, à son tour, détermine la 'fonte des glaciers' et 'l'augmentation du niveau de la mer' (Figure 2).

Les notions plus éloignées font référence à d'autres effets du CC moins explorés par les médias, comme le 'bascullement des saisons' et l'augmentation d'intensité des 'tempêtes'; ou d'autres effets nuisibles de l'action humaine sur l'environnement comme la 'déforestation' et la 'pollution'.

Analyse IntraGroupe – par condition

Nous explorerons par la suite les groupes expérimentaux en soi. Dans cette partie c'est l'effet additif des conditions en tant qu'effet intragroupe que nous intéressera. Les deux sous-groupes (implication faible et forte) seront ainsi traités séparément, dans les contextes étudiant et officiel à la fois, chacun étant composé par 25 sujets.

Contexte étudiant, implication faible

Dans ce groupe, les concepts plus proches en sens du CC organisent des notions autour de (1) réchauffement ('réchauffement', 'fonte des glaciers' et 'augmentation du niveau de la mer'), et de (2) dérégulations extrêmes du climat causées par l'homme ('résultat de l'action humaine', 'dérégulation globale du climat' et 'extrémisassions des climats') (Figure 3).

Les notions plus éloignées en sens du CC, moins structurées, lient des notions plus descriptives du phénomène ('tempêtes', 'bascullement des saisons', et ainsi de suite).

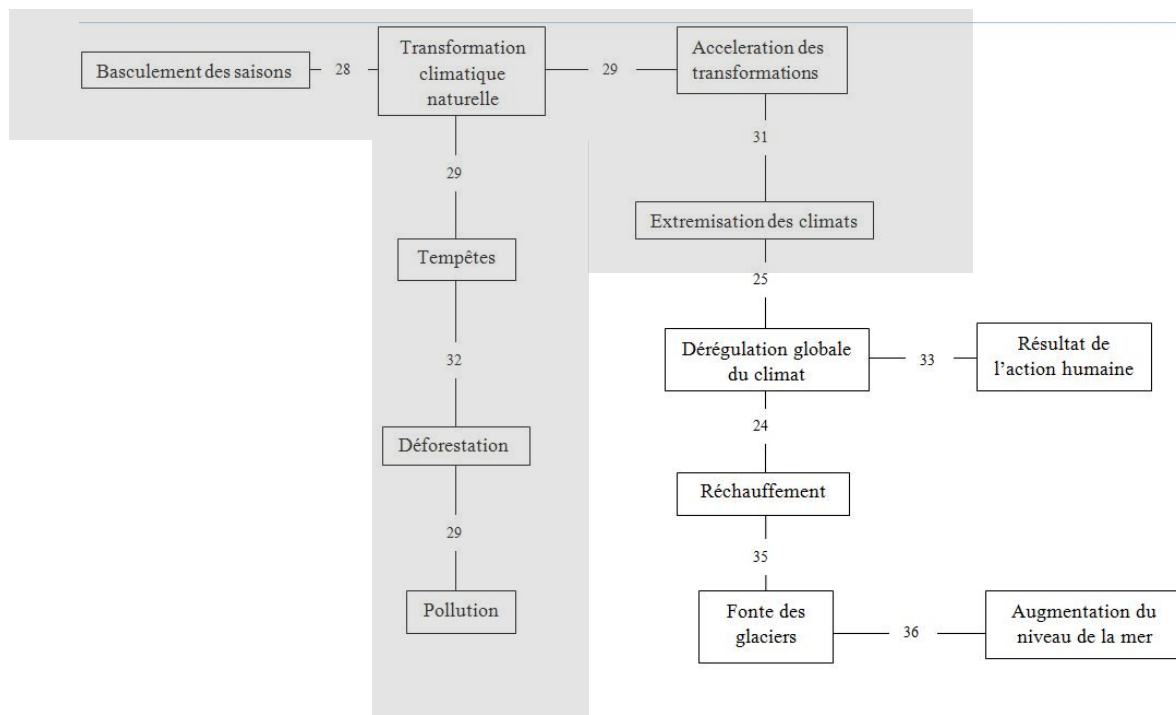


Figure 2 – Arbre maximum général des éléments de la RS du CC (N=100).

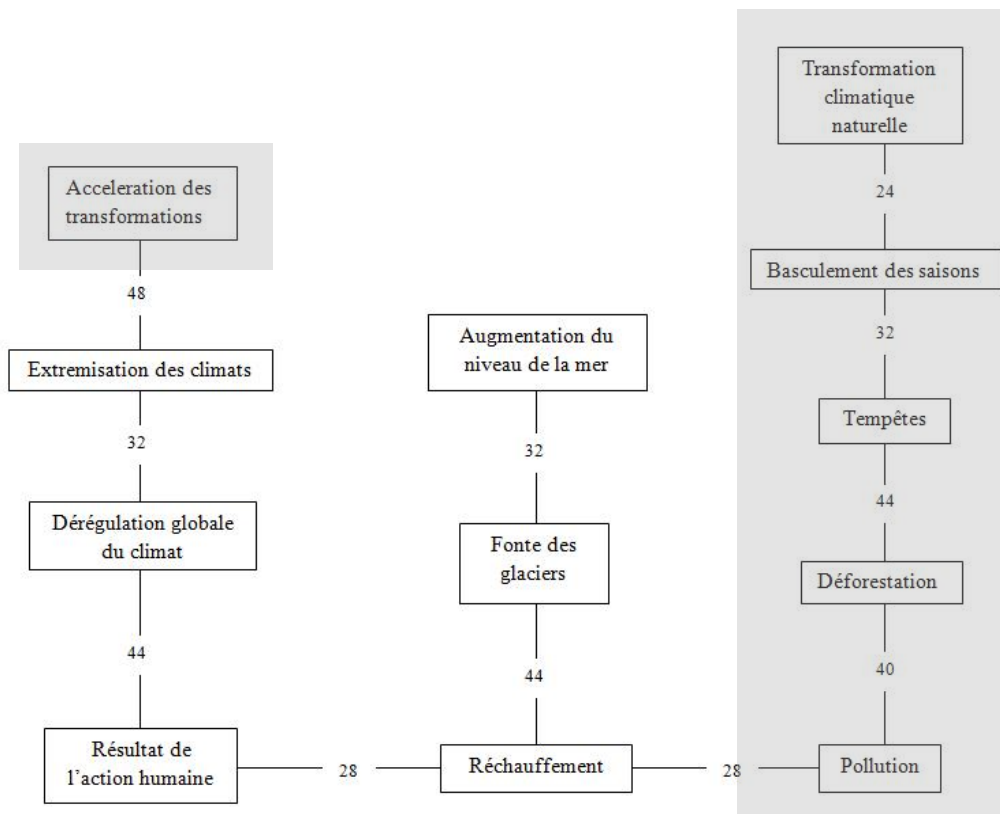


Figure 3 – Arbre maximum du contexte étudiant, implication faible (N=25).

Contexte étudiant, implication forte

Dans le contexte étudiant sous forte implication, nous trouvons le même groupement d'éléments que sous faible implication autour du 'réchauffement'. Ce qui distingue le bloc positif sous forte implication est la présence de l'élément 'résultat de l'action humaine', tel quel l'arbre de la condition intergroupale de forte implication, où on remarque un accent sur la responsabilité humaine par les CC (Figure 4).

Les éléments considérés par ce groupe comme plus éloignés en sens du CC sont en grande partie des éléments plus descriptifs ('tempêtes', 'basculement des saisons', 'accélération des transformations'), rangés autour de l'élément 'transformation climatique naturelle', le plus central des éléments du bloc négatif.

Degrés des sommets – contexte étudiant implication faible X forte

L'arbre de la condition étudiant organise, selon l'analyse inter groupale, les notions plus standards de la connaissance sur le 'réchauffement' (implication faible: 3 – 'réchauffement'; implication forte: 3 – 'fonte des glaciers'). Bien que cette organisation

puisse être retrouvée dans les deux conditions d'implication, sous forte implication la responsabilisation de l'homme dans ces changements est plus évidente, comme on a pu observer dans l'analyse intergroupale de forte implication (Tableau 2).

Également en accord avec les analyses faites auparavant sur l'implication, l'arbre maximum sous forte implication est plus structuré, et plus hétérogène du point de vue des degrés des sommets – centralisation des cooccurrences.

Contexte officiel, implication faible

Le groupe enquêté dans le contexte officiel, sous faible implication présente dans le bloc d'éléments plus proche du CC, le noyau 'réchauffement' avec des notions de responsabilisation de la pollution humaine par la dérégulation du climat ('pollution', 'résultat de l'action humaine' et 'dérégulation globale du climat') (Figure 5).

Les notions plus éloignées en sens du CC font référence aux aspects plus physiques du CC ('tempêtes', 'déforestation', 'basculement des saisons', entre autres), comme dans le groupe sous faible implication du contexte étudiant.

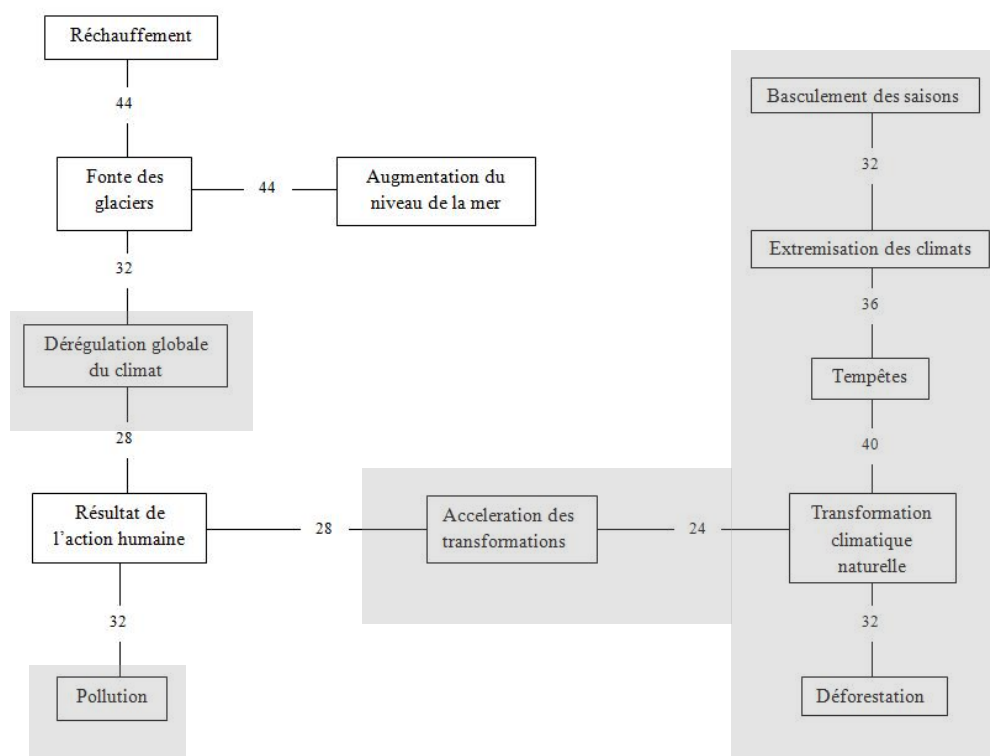


Figure 4 – Arbre maximum du contexte étudiant, implication forte (N=25).

Tableau 2 – Comparaison entre les degrés des sommets des arbres du contexte étudiant, implication faible (N=25) et forte (N=25).

Contexte : étudiant Implication : faible	Contexte : étudiant Implication : forte
3 – Réchauffement	3 – Fonte des glaciers
2 – Basculement des saisons	3 – Transformation climatique naturelle
2 – Tempêtes	3 – Résultat de l'action humaine
2 – Déforestation	2 – Dérégulation globale du climat
2 – Pollution	2 – Accélération des transformations
2 – Fonte des glaciers	2 – Extremisation des climats
2 – Résultat de l'action humaine	2 – Tempêtes
2 – Dérégulation globale du climat	1 – Basculement des saisons
2 – Extremisation des climats	1 – Déforestation
1 – Augmentation du niveau de la mer	1 – Pollution
1 – Accélération des transformations	1 – Augmentation du niveau de la mer
1 – Transformation climatique naturelle	1 – Réchauffement

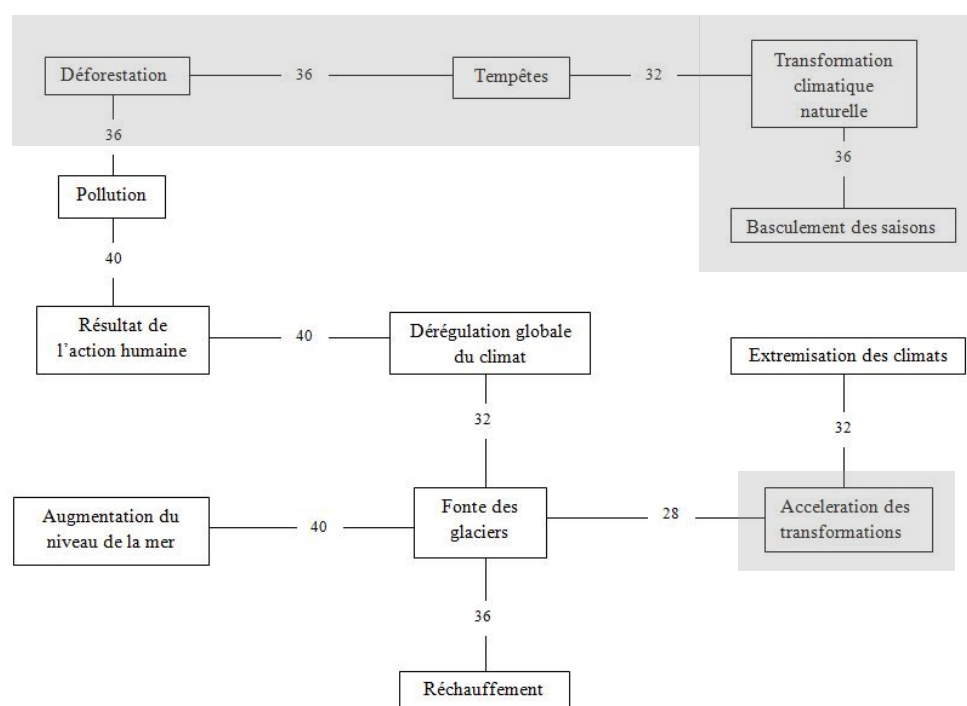


Figure 5 – Arbre maximum du contexte officiel, implication faible (N=25).

Contexte officiel, implication forte

La RS des sujets interrogés dans un contexte officiel, sous forte implication, présente, du côté positif, des notions intégrant la fonte des calottes polaires à la pollution de l'homme ('pollution', 'résultat de l'action humaine', 'basculement des saisons', 'fonte des glaciers', 'réchauffement') (Figure 6).

Du côté plus éloigné, on y trouve deux sous-ensembles, dont le premier range des notions sur le processus du CC ('accélération des transformations' et 'changement climatique naturels') et le deuxième, les aspects physiques ('déforestation' et 'tempêtes').

Si dans le contexte officiel l'élément 'pollution' est plus central que dans le contexte

étudiant, ce n'est dans la condition haute implication qu'il est encore plus structurant.

Degrés des sommets – contexte officiel implication faible X forte

L'arbre du contexte officiel a parmi ses éléments de plus haut degré, ainsi que celle du contexte étudiant, des notions autour des connaissances sur le 'réchauffement' (implication faible: 4 – 'fonte des glaciers'; forte: 3 – 'fonte des glaciers').

Le rôle central des notions sur le 'réchauffement' sont évidentes sous faible implication, mais sous forte implication, on a calculé l'algorithme de Floyd pour en être sûr ('fonte des glaciers' = 24; 'pollution' = 26 et 'basculement des saisons' = 26). Ainsi, même si dans le groupe de forte implication l'importance structurale de l'élément 'pollution' est plus importante, elle ne dépasse pas celle du noyau 'réchauffement' (Tableau 3).

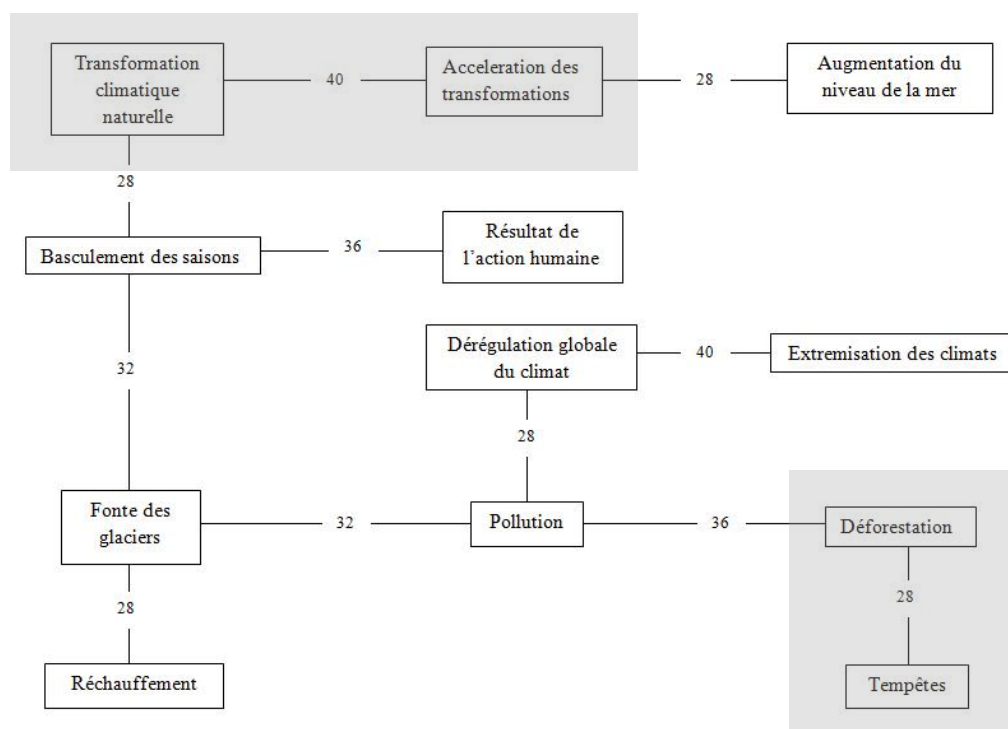


Figure 6 – Arbre maximum du contexte officiel, implication forte (N=25).

Tableau 3 – Comparaison entre les degrés des sommets des arbres du contexte officiel, implication faible (N=25) et forte (N=25).

Contexte : officiel Implication : faible	Contexte : officiel Implication : forte
4 – Fonte des glaciers	3 – Fonte des glaciers
2 – Accélération des transformations	3 – Pollution
2 – Dérégulation globale du climat	3 – Basculement des saisons
2 – Résultat de l'action humaine	2 – Déforestation
2 – Pollution	2 – Dérégulation globale du climat
2 – Déforestation	2 – Transformation climatique naturelle
2 – Tempêtes	2 – Accélération des transformations
2 – Transformation climatique naturelle	1 – Augmentation du niveau de la mer
1 – Basculement des saisons	1 – Résultat de l'action humaine
1 – Augmentation du niveau de la mer	1 – Réchauffement
1 – Réchauffement	1 – Extremisation des climats
1 – Extremisation des climats	1 – Tempêtes

Discussion

Nos résultats indiquent que les RS des groupes étudiés – étudiants parisiens en sciences humaines et du langage – intègrent de façon dynamique des éléments autour du processus de réchauffement ('réchauffement', 'fonte des glaciers' et 'augmentation du niveau de la mer') et ses causes ('résultat de l'action humaine'). Les éléments plus physiques comme de la RS comme 'tempêtes' ou 'déforestation' s'organisent dans un bloc plus éloigné du CC en signification.

Ces résultats confirment en France les résultats trouvés chez les Américains et les Anglais, pourquoi le CC est compris presque comme un synonyme de 'réchauffement climatique' à partir d'éléments comme 'réchauffement', 'augmentation du niveau de la mer' et 'inondation' (Lorenzoni et al., 2006). Cette confusion entre CC et réchauffement reflète en partie l'usage par les médias des deux termes comme étant échangeables (Kempton, 1997).

Échelles d'implication

En accord avec nos hypothèses, dans le contexte officiel les mesures d'implication ont une tendance, non significative d'ailleurs, à l'augmentation. Pourtant, la seule différence significative entre les conditions a été dans le sens inverse: c'est dans le contexte étudiant, pas dans l'officiel, qu'on observe une plus forte capacité perçue d'action. Il se peut que le contexte d'interaction avec un institut officiel active chez le sujet une relation d'infériorité en relation à la capacité perçue d'action face à un enjeu global. De l'autre côté, étant dans le contexte étudiant la demande faite par quelqu'un de semblable par rapport à la capacité d'action, les étudiants ont pu la juger comme plus élevée que dans l'autre condition.

Contexte et implication

Des effets additifs du contexte d'énonciation et d'implication ont été observés sur la structure de la RS du CC: la situation où ces RS sont invoquées détermine leur encadrement, de façon à adapter leur contenu à la situation présente. L'implication, à son tour, interfère dans la structuration des cognèmes à partir d'une attention augmentée sur la tâche, qui entraîne une plus grande organisation des contenus.

Dans les deux contextes (étudiant et officiel) l'organisation des arbres est très semblable – on y trouve un bloc plus près en sens du CC qui intègre les notions autour du 'réchauffement' à une 'dérégulation globale du climat' et à la responsabilité humaine. Ces deux conditions se distinguent néanmoins par rapport à la connectivité de l'élément 'pollution': si dans la condition étudiant cet élément est classé avec les autres termes plus concrets de description physique du CC dans le bloc plus éloigné en sens; dans la condition officielle il est fait partie des termes composant le processus global du CC, plus proche en sens. Cette tendance structurante du terme est renforcée si on ne considère que le groupe d'implication forte, où il est encore plus central. Ces résultats réitérent ceux de Rouquette (1994) qui a constaté des ajouts ou remplacements d'éléments à la partie la plus valorisée d'une RS en fonction du contexte à partir duquel les sujets pensent l'objet. Enfin, l'hypothèse selon laquelle le contexte officiel sous forte entraînerait une plus forte structuration de la RS a été vérifiée.

La dénonciation de la pollution et de la responsabilité humaine dans le contexte officiel peut être due à l'éloignement que la demande d'une instance sociétale supérieure à l'individuelle permet. Comme le contexte étudiant ne rend pas possible la même reculade l'individualité permettant la perception de la responsabilité humaine sur le CC, dans ce contexte la RS demeure appuyée sur les notions centrales autour de son processus dynamique.

En conformité avec les hypothèses établies au départ et avec des études sur l'implication (Gruev-Vintila & Rouquette, 2007), l'arbre des groupes sous forte implication (dans les deux contextes) a été plus organisé, avec une distribution plus hétérogène des cooccurrences entre les éléments. Par conséquent, l'effacement des liens les plus faibles des groupes sous forte implication favorise davantage la structuration; tandis que dans les groupes d'implication faible, l'arbre se désintègre dans sa presque totalité à partir d'un certain seuil car la cooccurrence se concentrant autour d'une même valeur.

Certains problèmes d'ordre méthodologique ont sûrement diminué la puissance des résultats des échelles ainsi que des arbres (cooccurrences). D'abord, le choix pour une échelle en quatre points a peut-être masqué quelques différences probablement

observables dans des échelles à 8 ou 10 points (Berthier, 2006).

Ensuite, sur la tâche de groupement d'éléments, le choix de demander la composition de 4 groupes de 3 éléments au lieu de 3 groupes de 4 a diminué de 11% le nombre de cooccurrences possibles. Dans notre cas, nous avons eu 800 cooccurrences possibles dans l'échantillon (2cooccurrencespossibles par groupe X 4 groupes par sujet); la composition de 3 groupes de 4 éléments nous permettrait un total de 900 possibles (3 cooccurrences par groupe X 3 groupes par sujet). En outre, le fait d'avoir un total pair de groupes formés par sujet nous a empêché de baser le calcul des arbres sur l'indice de distance (Abric & Guimelli, 1998), car on ne disposait pas d'un groupe neutre au milieu.

La relation additive observée entre l'implication et le contexte peut être comprise comme une action conjointe des niveaux intra personnel et positionnel par rapport aux niveaux sociétaux (Doise, 1982): l'implication module de son côté la relation individuelle par rapport à un objet; et le contexte à son tour, encadre socialement (des appartenances groupales, sa position au sein d'un groupe et de ce groupe au sein des autres) le processus représentationnel déclenché.

Il serait ainsi possible que la fonction du contexte d'encadrer la RS affecte, comme l'implication, les niveaux de la pensée sociale entre idéologie et RS aussi bien qu'entre ces dernières et les attitudes (Wolter, Gurrieri, & Sorribas, 2009).

Les résultats exploratoires de cette étude nous donnent des pistes pour poursuivre la recherche de l'effet du contexte sur l'implication et sur la structure des RS. La possibilité d'agir sur l'implication à partir du contexte augmenterait l'efficacité des campagnes pour des changements comportementaux souhaités.

Enfin, on a vu qu'un cadrage qui permette l'éloignement du quotidien insouciant (contexte officiel) associé à une augmentation de l'implication (à partir de l'activation des connaissances sur les conséquences du CC pour l'homme) agissent dans le sens d'une meilleure structuration la RS du CC. L'utilisation de *framings* déterminés en vue d'un plus haut engagement subjectif peut être une direction pour l'action publique d'abord parce que le manquement d'action envers l'environnement est plus une question d'augmentation d'implication

(Lorenzoni et al., 2007) que de changement attitudinal; ensuite, parce que le changement d'implication d'ordre collectif, par l'opinion publique, affecte encore plus les actions environnementales des gouvernements que l'avis des spécialistes (McDaniels et al., 1996).

Références

- Abric, J. C., & Guimelli, C. (1998). Représentations sociales et effets de contexte. *Connexions*, 72 (2), 23-37.
- Abric, J. C. (2002). L'approche structurale des représentations sociales: Développements récents. *Psychologie & Société*, 4, 81-103.
- Baggio, S., & Rouquette, M. L. (2006). La représentation sociale de l'inondation: Influence croisée de la proximité au risque et de l'importance de l'enjeu. *Bulletin de Psychologie*, 59 (1), 103-117.
- Bardin, L. (1996). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Bauer, M. (1994). A popularização da ciência como imunização cultural: a função das representações sociais. In S. Jovtchelovitch & P. Guareschi (Eds.), *Textos em representações sociais* (pp. 229-257). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Berthier, N. (2006). *Les techniques d'enquête en sciences sociales: Méthodes et exercices corrigés*. Paris: Armand Colin.
- Degenne, A., & Vergès, P. (1973). Introduction à l'analyse de similitude. *Revue Française de Sociologie*, 14, 471-512.
- Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Etkin, D., & Ho, E. (2007). Climate change: Perceptions and discourses of Risk. *Journal of Risk Research*, 10 (5), 623-641.
- Flament, C., & Rouquette, M. L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires: Comment étudier les représentations sociales*. Paris: A. Colin.
- Gruev-Vintila, A., & Rouquette, M. L. (2007). Social thinking about collective risk: How do risk-related practice and personal involvement impact its social representations? *Journal of Risk Research*, 10(4), 555-581.

- Guimelli, C. (1994). *Structures et transformation des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Guimelli, C. (1989). Pratiques nouvelles et transformation sans rupture d'une représentation sociale: La représentation de la chasse et de la nature. In J. L. Beauvois, R. V. Joulé & J. M. Monteil (Eds.), *Perspectives cognitives et conduites sociales: Des attitudes aux attributions sur la construction de la réalité sociale* (pp. 117-138; Tome 2). Delval: Cousset.
- Gurrieri, C. (2007). *Approche structurale des représentations sociales du voyage. Rôle des thèmes et de l'implication personnelle*. Thèse de doctorat, École doctorale 261, Cognitions, Comportements et conduites Humaines, Université Paris Descartes, Paris.
- Gurrieri, C., Wolter, R. P., & Sorribas, E. (2007). A implicação pessoal: um instrumento psicossocial para compreender a relação população-objeto. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 423-432.
- IPCC (2007). *Climate change 2007: A synthesis report*. Report of the 17th IPCC Plenary. Valencia, Spain, 12-17 Novembre.
- Junique, C., Barbry, W., Scano, S., Zeliger, R., & Vergès, P. (2002). *L'analyse de similitude de questionnaires et de données numériques, SIMI2000: Manuel d'utilisateur*. Aix-en-Provence.
- Kasperson, J. X., Kasperson, R. E., Pidgeon, N., & Slovic, P. (2003). The social amplification of risk: Assessing fifteen years of research and theory. In N. Pidgeon, R. E. Kasperson & P. Slovic (Eds.), *The social amplification of risk* (pp. 13-79). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kempton, W. (1997). How the public views climate change. *Environment*, 39(9), 12-21, 41.
- Laffite, P., & Saunier, C. (2006). Les apports de la science et de la technologie au développement durable. Tome I: *Changement climatique et transition énergétique: Dépasser la crise*. Actes du colloque du 29 juin 2006. Paris: Sénat.
- Lorenzoni, I., Nicholson-Cole, S., & Whitmarsh, L. (2007). Barriers perceived to engaging with climate change among the UK public and their policy implications. *Global Environmental Change*, 17(1), 445-459.
- Lorenzoni, I., Pidgeon, N. F., & O'Connor, R. E. (2005). Dangerous climate change: The role for risk research. *Risk Analysis*, 25(6), 1.387-1.398.
- Lorenzoni, I., Leiserowitz, A., Doria, M. F., Poortinga, W., & Pidgeon, N. F. (2006). Cross-national comparisons of image associations with "global warming" and "climate change" among laypeople in the United States of America and Great Britain. *Journal of Risk Research*, 9(3), 265-281.
- McDaniels, T., Axelrod, L. J., & Slovic, P. (1996). Perceived ecological risks of climate change: A psychometric comparison of causes and consequences. *Global Environmental Change*, 6(2) 159-171.
- Ministère de l'Ecologie, de l'Energie, du Développement Durable et de l'Aménagement du Territoire (2008). *Grenelle Environnement: Réussir la transition énergétique* [dossier de presse]. Access à <http://www.developpement-durable.gouv.fr/> le 21 janvier 2009.
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rouquette, M. L. (1994). *Sur la connaissance des masses: Essai de psychologie politique*. Grenoble: PUG.
- Rouquette, M. L. (1996). Représentations et idéologie. In J-C., Deschamps & J-L. Beauvois (Eds.), *Des attitudes aux attributions* (pp. 163-173). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Rouquette, M. L. (1998a). *La communication sociale*. Paris: Dunod.
- Rouquette, M. L. (1998b). Les communications de masse. In S. Moscovici (Ed.), *La psychologie sociale* (pp. 501-518). Paris: Presses Universitaires de France.
- Slovic, P. (2000). *The perception of risk*. London and Sterling: Earthscan.

Wolter, P. R., Gurrieri, C., & Sorribas, E. (2009). Empirical illustration of the hierarchical Organisation of social thought: A domino effect? *Interamerican Journal of Psychology*, 43(1), 1-11.

Wolter, R., & Rouquette, M-L. (2005). A influência de certos termos socialmente salientes (nexus) e da imagem sobre a percepção de um objeto social. *Revista Educação Pública*, 15(29), 79-89.

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Fevereiro de 2011

Publicado em Julho de 2011

Effet du contexte dans l'évaluation d'un objet social: le cas d'une manifestation collective en France

Rafael Pecly Wolter

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ, Brasil

Résumé

Nous pensons que lorsqu'un objet est lié à des mobilisations de masse, sa dimension affective sera suractivée, ce qui se traduira par des attitudes polarisées. Cette polarisation affective liée aux mobilisations et aux foules serait instable. Dans cette observation comportant 2 facteurs explicatifs, nous nous sommes intéressés d'une part à l'affectivité de l'étiquette (étiquette affective vs étiquette non affective) et d'autre part au contexte des passations (pendant des manifestations et 6 mois après). Les 187 participants devaient évaluer sur des échelles de Likert des caractéristiques juridiques associées à une des deux étiquettes. Les résultats montrent que la polarisation du rejet ne se produit que face à l'étiquette affective et pendant les manifestations (significatif à $p < .001$). Ces résultats nous mènent à penser que ces objets à forte polarisation affective ne seraient pas des représentations sociales notamment à cause de leur instabilité.

Mots clefs: Pensée sociale, Nexus, Représentations sociales, Foules.

Effect of context in evaluating a social object: the case of a collective mobilization in France

Abstract

We think that while an object is related to mass arousals, its affective dimension will be over activated, which shall be translated as polarized attitudes. That affective polarization linked to arousals and to the crowds would be unstable. In this experimental study there were 2 independent variables. We have manipulated label affectivity with two modalities (affective label vs non-affective label) and questionnaire administration occasion (during manifestations and 6 months later). The 187 participants should evaluate with Likert scales juridical characteristics associated to one of the two labels. Results show that rejection polarization is produced only by the affective label and during manifestations (significant at $p < .001$). Those results lead us to think that these strongly polarized objects would not be social representations notably due to their instability.

Keywords: Social thinking, Nexus, Social representations, Crowds.

Introduction

Avant de présenter cette recherche, il convient de rappeler les événements en France du printemps 2006. Un nouveau type de contrat de travail, appelé contrat première embauche (CPE), devait être mis en place par le gouvernement. Ce nouveau contrat était destiné aux personnes âgées de moins de vingt-six ans. L'amendement relatif au CPE fut ajouté au projet de loi pour l'égalité des chances, et adopté par l'Assemblée Nationale dans la nuit du 8 au 9 février 2006. Dès février, la quasi-totalité des syndicats s'opposait à cet amendement. Très vite, le milieu étudiant, se

sentant concerné, les a rejoints dans cette opposition. Le 13 février une assemblée générale étudiante à l'Université de Rennes II a lancé un appel à la mobilisation générale en France. Trois jours plus tard des étudiants manifestaient dans une trentaine de villes. Un mois après l'adoption de l'amendement à l'Assemblée Nationale, le 7 mars 2006, entre 400 000 (pour les forces de l'ordre) et 1 million (pour les organisateurs) de personnes étaient dans les rues pour exprimer leur mécontentement face au CPE. Plusieurs manifestations de grande ampleur ont suivi. Le 18 mars, par exemple, plus d'un million de

personnes (selon les organisateurs) étaient dans les rues. Au plus fort de la crise, environ 80% des universités françaises étaient perturbées, selon le Ministère de l'Éducation. On était donc en présence d'une mobilisation sociale de grande ampleur.

Une forme particulière de la pensée sociale, les *nexus*, introduite par Rouquette (1988, 1994a) se manifeste typiquement lors des grandes mobilisations. Ce sont « des noyaux de sens irraisonnés qui ont valeur de référentiels pour une communauté donnée à une époque donnée » (Rouquette, 1994a, pp. 67-68). Dans des situations de crise, ces formes de la pensée sociale se mettent en place, les attitudes se polarisent, les *nexus* entrent en jeu. Rouquette (1994a) distingue les *nexus* des représentations sociales en affirmant que, contrairement aux représentations, le *nexus* « ne coordonne pas à lui tout seul des savoirs et des pratiques, il ne rassemble pas une expérience, il ne permet pas d'interpréter même s'il permet de juger » (p. 71). Face à un *nexus* nous ne voyons pas de demi-mesure, c'est du « tout ou rien ». L'expérimentation de Rouquette avec le *nexus* « nazi » illustre bien ce propos. La seule présence du terme « nazi » induisait les participants à rejeter en bloc les propositions de programme électoral présentées, alors que ces mêmes propositions n'étaient pas rejetées lorsqu'elles étaient attribuées à « un parti politique » sans autre précision. Il y a ainsi un effet d'étiquette.

Par ailleurs, les *nexus* sont étroitement liés au contexte socio-historique, ainsi « patrie » ralliait les français en 1914 et ne provoque que peu d'effets aujourd'hui (Delouée, 2005). Les *nexus* étant essentiellement activés en période de danger et de crise, on peut parler d'un fort effet du contexte dans l'activation de ces « noyaux de sens irraisonnés », plus encore sans doute que dans le cas des représentations sociales (Abric & Guimelli, 1998). Plus précisément en période de crise, les attitudes d'adhésion ou de rejet se polarisent, une fois la crise passée le rejet sera moins extrême et l'on n'aura plus de polarisation. Les attitudes sont comprises ici en accord avec la définition de Eagly et Chaiken (1993) qui affirment que c'est « une tendance psychologique exprimée par l'évaluation d'une entité particulière selon un certain degré de faveur ou défaveur » (p.1).

Dans la présente recherche, nous étudions les effets des étiquettes mobilisatrices et du contexte sur l'évaluation d'un objet social. Pour

étudier l'effet d'une étiquette mobilisatrice, nous avons choisi les termes « CPE » et « contrat première embauche » que nous opposons à l'étiquette supposée non mobilisatrice « contrat de travail ». Nous faisons aussi varier le contexte de passation. Pour la moitié des participants, les passations se déroulaient lors des manifestations de mars 2006, pour l'autre moitié elles se déroulaient 6 mois après lorsque le mouvement s'était estompé. Les participants devaient évaluer le contenu présenté en indiquant leur degré d'accord avec ce dernier. Nous nous attendons à ce que les étiquettes « CPE » et « contrat première embauche » n'agissent qu'en contexte de crise, cela voulant dire qu'en situation de manifestation, il y aura une extrémisation relative des évaluations correspondantes. Quelques mois après lorsque le mouvement s'est arrêté, on peut s'attendre à ce que l'évaluation attribuée aux étiquettes « CPE » et « contrat première embauche » soit moins polarisée, et plus proche de l'évaluation de l'étiquette « contrat de travail ».

Méthodologie

Facteur

Du fait des contraintes de terrain le travail qui suit a un caractère quasi-expérimental, le premier facteur étudié est l'étiquette, avec trois modalités, soient: les étiquettes dites affectives « CPE » et « Contrat première embauche » et l'étiquette neutre « Contrat de travail ». Le choix des étiquettes dites affectives « CPE » et « contrat première embauche » a été fait par suite de leur grande fréquence d'emploi dans les médias. En utilisant les termes « étiquettes affectives » nous reprenons l'appellation donnée par Campos et Rouquette (2000) pour la désignation d'un objet générant des mobilisations.

Le deuxième facteur étudié est le contexte de passation, avec deux modalités: passation pendant les manifestations, c'est-à-dire dans un contexte mobilisateur (que nous appellerons contexte « chaud ») et passation six mois après le mouvement anti-CPE (que nous appellerons contexte « froid »), c'est à dire dans un contexte sans mobilisation. Nous pensons que l'effet des étiquettes affectives (« CPE » et « contrat première embauche ») sur l'évaluation n'aura lieu que dans les contextes « chauds ». En contexte « froid », nous supposons que les

étiquettes affectives ne se distingueront pas de l'étiquette neutre quant aux effets observés.

Variables mesurées

Pour mettre en évidence l'influence de l'étiquette et du contexte, on a retenu certaines caractéristiques juridiques du CPE que les participants devaient évaluer. Dans un premier temps, on a présenté une vingtaine de caractéristiques juridiques à une trentaine d'étudiants. On a conservé les caractéristiques jugées les plus compréhensibles et perçues comme les plus neutres, cela voulant dire que les étudiants ne les estimaient ni comme positives, ni comme négatives.

Voici les caractéristiques conservées pour l'étude:

- Réembauche du salarié licencié: Possible 3 mois après le licenciement. La durée travaillée auparavant est déduite de la période d'essai.
- Embauche d'un autre salarié après un licenciement: Possible immédiatement et indéfiniment.
- Indemnité de licenciement: 8% du salaire brut total versé depuis l'embauche.

– Allocations chômage: Après 4 mois de travail: 16,40€ par jour pendant 2 mois. Après 6 mois de travail: les conditions sont les mêmes qu'après un CDI.

– Exonération des cotisations sociales patronales: Totale pendant 3 ans pour l'embauche d'un jeune qui était au chômage depuis plus de 6 mois.

Après le pré-test, ces cinq caractéristiques ont été présentées aux participants des six conditions expérimentales. Ces derniers devaient exprimer leur degré d'accord/désaccord avec les dites caractéristiques. Pour cela, ils devaient se positionner sur une échelle de Likert en 5 points allant de +2 (accord maximal) à -2 (désaccord maximal). Pour chaque participant, on a calculé un score global (correspondant à la moyenne de ses cinq réponses).

Population

187 étudiants en Sciences Humaines et Sociales ont participé à cette étude. Les participants « à chaud » ont été interrogés lors des manifestations du 7 et du 19 mars 2006, à Paris, alors que les passations « à froid » ce sont déroulées en octobre de la même année à l'Université Paris-Descartes (Tableau 1).

Tableau 1 - Répartition des participants par condition.

	CPE	Contrat première embauche	Contrat de travail	Total
A « chaud »	29	28	29	86
A « froid »	29	36	36	101
Total	58	64	65	187

Hypothèses

Dans cette étude, nous avons deux séries d'hypothèses, liées à des caractéristiques différentes des *nexus*. La première série d'hypothèses concerne la force du rejet/adhésion, qui traduirait l'aspect polarisé des étiquettes affectives (nous sommes tout-à-fait pour ou tout-à-fait contre, il n'y a pas de milieu). La deuxième série d'hypothèses concerne le fait que les étiquettes affectives effaceraient momentanément les différences intergroupes, on devrait donc constater un rejet/adhésion partagé par tous.

Concernant la force du rejet/adhésion

- Effet de contexte

On s'attend à ce que les étudiants en manifestation rejettent plus fortement les affirmations présentées, inversement, six mois plus tard une dépoliarisation des réponses devrait avoir lieu, ce qui correspondrait à des réponses plus proches de 0 quelle que soit l'étiquette.

- Effet de *nexus*

Les participants dans les conditions où une étiquette affective est présente (« CPE » et « contrat première embauche ») rejetteraient plus fortement les affirmations alors que face à l'étiquette neutre (« contrat de travail ») les participants auraient des attitudes moins polarisées. Nous attendons aussi que le terme « CPE » engendre un rejet plus grand que

«contrat première embauche », cette hypothèse est exploratoire et concernerait un hypothétique « effet de sigle ».

- Interaction

On s'attend à ce que l'effet des étiquettes affectives (« CPE » et « contrat première embauche ») se produise plus fortement en contexte mobilisateur.

Concernant la proportion de rejet/adhésion

Les étiquettes affectives effaceraient les différences inter et intragroupales en contexte mobilisateur : on aurait donc une majorité de participants rejetant le contenu présenté dans les conditions où une étiquette affective est présentée en contexte « chaud ». Dans les autres conditions la proportion de personnes rejetant le contenu serait moins importante.

Résultats

Concernant la force du rejet/adhésion

- Effet de contexte

Si l'on s'intéresse à l'effet du contexte, on peut observer qu'« à chaud » le score moyen est de -0.93 alors qu'« à froid » ce score est de -0.33. Les participants « à chaud » rejettent donc davantage les caractéristiques présentées que les participants de la condition « à froid ». Cette différence est significative au seuil .001 ($t [185] = 5.6$), ce qui confirme l'hypothèse sur la dépoliarisation des attitudes en contexte non mobilisateur.

- Effet de *nexus*

En regardant les différences entre les modalités du facteur étiquette, il est possible d'observer que lorsque les caractéristiques sont attribuées à une étiquette affective (conditions « CPE » et « contrat première embauche ») les scores sont plus polarisés: soit -0.74 pour « CPE » et -0.82 pour contrat première embauche contre -0.34 pour « contrat de travail ». Ce résultat est significatif ($F [2,184] = 6,2$ à $p. = .002$). On peut donc affirmer que les participants des conditions « CPE » et « contrat première embauche » rejettent davantage les caractéristiques présentées, ce qui va dans le sens de l'hypothèse sur l'existence d'un effet de *nexus*.

Si l'on compare les résultats des conditions « CPE » et « contrat première embauche » on voit que les résultats sont

semblables ($t [120] = -0.54$ ns.) nous devons donc rejeter l'hypothèse d'un « effet de sigle ».

N'observant pas de différences entre « CPE » et « contrat première embauche », on a regroupé deux conditions en une seule. Le score moyen de cette condition que nous appellerons « étiquette affective » est de -0.78 (avec $n=122$). Si nous la comparons à la condition contrat de travail nous obtenons un résultat significatif ($t [185] = 3,5$ au seuil $p. < .001$). On peut donc affirmer que lorsqu'une caractéristique est attribuée à une « étiquette affective », celle-ci est davantage rejetée par les participants que lorsqu'elle est attribuée à une « étiquette neutre ».

- Interaction contexte x étiquette

En s'intéressant à l'interaction entre les deux facteurs (voir la Figure 1) nous avons un ($F[3,183] = 17,22$ à $p. < .001$). On peut observer qu'à « chaud » il y a une différence des scores entre les conditions « étiquette affective » (« CPE » et « contrat première embauche ») et la condition « étiquette neutre », (« contrat de travail »), cette différence étant significative ($F [2,83] = 6,61$ à $p. < .002$). Par contre, en contexte « à froid », cette différence n'est plus significative ($F [2, 98] = 1,49$ ns.). Il convient de souligner que le score aux conditions « contrat de travail » ne changent pas significativement (au test t) selon le contexte. Par contre, dans les conditions « étiquette affective » on rejette davantage les caractéristiques en contexte « à chaud » qu'en contexte « à froid » ($t [120] = -6,2$ à $p. < .001$).

Concernant la proportion de rejet/adhésion

La figure précédente montre qu'« à chaud » les étiquettes affectives ont une évaluation moyenne fortement négative, ce qui traduit un rejet important. Mais ce rejet ne traduit qu'une des caractéristiques de cette forme de la pensée sociale, que constituent les *nexus*. Ceux-ci ont une autre caractéristique distinctive, qu'est d'effacer les différences inter et intragroupes. Pour étudier cet aspect nous avons séparé les participants entre ceux qui rejettent les caractéristiques présentées et ceux qui ne les rejettent pas. En cas de mobilisation d'un *nexus* la proportion de sujets rejetant ou approuvant l'objet devrait être proche de 100%.

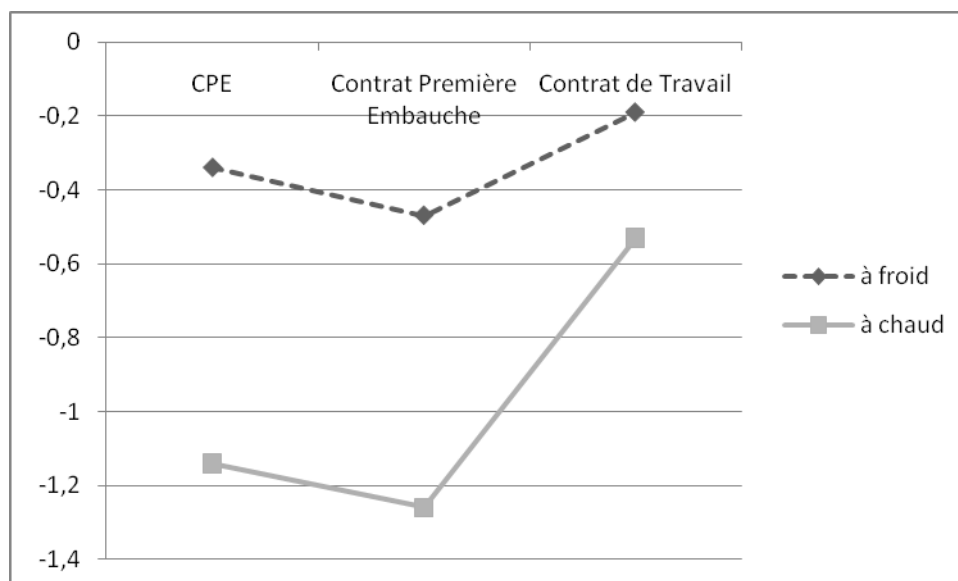


Figure 1 - Scores (allant de +2 à -2) des six conditions.

On observe en fait que l'évaluation de l'étiquette non affective ne subit pas l'effet du contexte. Que l'on soit en contexte « chaud » ou « froid » la même proportion de participants rejette les caractéristiques associées à l'étiquette « contrat de travail », la différence des deux proportions n'étant pas statistiquement significative au test du χ^2 ($\chi^2_o = 0,093 < \chi^2_c = 3,84$). Le Tableau 2 montre qu'indépendamment du contexte on retrouve la même proportion de participants défavorables au contenu présenté lorsque l'étiquette n'est pas affective indépendamment du contexte. La proportion de défavorables est d'environ 60% alors que les participants favorables au contenu sont environ 40%. Nous serions donc en présence de deux groupes avec des attitudes différentes, en aucun cas nous ne pouvons alors parler d'effet de *nexus*.

Le Tableau 3 nous montre que contrairement aux étiquettes non affectives les

étiquettes émotionnellement chargées subissent significativement l'effet du contexte. En situation « à chaud » seuls 4 participants sur 57 ne rejettent pas les caractéristiques des étiquettes affectives, alors qu'ils sont 24 sur 65 à le faire en condition « à froid ». Ces résultats montrent bien qu'« à chaud » les étiquettes affectives « CPE » et « contrat première embauche » agissent comme des *nexus*, avec 93% des participants rejetant les caractéristiques présentées. Les participants ne sont plus que 63% à rejeter les étiquettes affectives quelques mois après, les différences inter individuelles sont réapparues, nous ne sommes plus face à un *nexus*. Cette différence de proportion de personnes rejetant l'étiquette affective selon le contexte est statistiquement significative ($\chi^2_o = 15,36 > (\chi^2_c = 3,85)$ à $p < .001$).

Tableau 2 - Répartition des participants des conditions « non affectives » favorables ou défavorables au contenu présenté selon le contexte.

	Etiquette non affective « à chaud »	Etiquette non affective « à froid »
Favorables ou neutres	11 (38%)	15 (42%)
Défavorables	18 (62%)	21 (58%)
total	29	36

Note: Sont considérés comme favorables ou neutres les participants ayant un score supérieur ou égal à 0 dans l'évaluation des 5 caractéristiques, les participants ayant un score inférieur à 0 sont considérés comme défavorables aux caractéristiques présentées.

Tableau 3 - Répartition des participants des conditions « affectives » favorables ou défavorables au contenu présenté selon le contexte.

	Etiquette affective « à chaud »	Etiquette affective « à froid »
Pour ou neutre	4 (7%)	24 (37%)
contre	53 (93%)	41 (63%)
total	57	65

Note: Sont considérés comme favorables ou neutres les participants ayant un score supérieur ou égal à 0 dans l'évaluation des 5 caractéristiques, les participants ayant un score inférieur à 0 sont considérés comme défavorables aux caractéristiques présentées.

Les Tableaux 2 et 3 montrent bien que la disparition des différences inter et intragroupales ne se fait qu'avec les étiquettes affectives en contexte de manifestation, 6 mois après ces mêmes étiquettes ne génèrent plus un rejet massif partagé. En d'autres termes l'étiquette affective subit l'influence du contexte alors que l'étiquette non affective ne le subit pas. En contexte « froid » la proportion des participants rejetant les caractéristiques associées à une étiquette affective ne se distingue pas significativement ($\chi^2_o = 0,22 < \chi^2_c = 5,99$) de la proportion de rejet des participants de la condition non affective. Alors qu'en contexte « chaud » les proportions se distinguent, face à l'étiquette affective on observe un consensus.

Les étiquettes affectives de mars 2006 sont devenues des étiquettes non affectives 6 mois après.

Discussion

Depuis la fin du XIX^{ème} siècle on s'intéresse à la malléabilité et à l'inconstance des foules, Le Bon (1895) notamment a souligné l'instabilité des foules, qu'il affirme être versatiles passant d'une opinion extrême à une autre acceptant des « opinions unilatérales extrêmes » (p. 25). En plus de décrire l'instabilité des foules, cet auteur souligne aussi leur polarisation puisqu'il dit que « la simplicité et l'exagération des sentiments des foules les préservent du doute et des incertitudes, elles vont tout de suite aux extrêmes » (p. 25). Tarde (1901) aussi avait souligné cet aspect de l'homme en foule, car comme il dit « chez les hommes rassemblés ou même unis de loin, tout, pensée ou désir, est vite poussé au dernier excès » (p. 23).

On peut rapprocher cette exacerbation des sentiments dans les foules aux résultats

observés dans cette étude, dans les conditions « à chaud » les participants étaient totalement opposés au contenu présenté lorsqu'il était rattaché à l'objet honni. Cette opposition était extrême et donc polarisée. En plus d'être extrême, ce rejet était partagé par tous. Nous avons donc un rejet extrême et partagé par tous. Ces résultats souligneraient aussi le fait que lorsque la charge affective devient prépondérante, on ne discute plus, les opinions et attitudes deviennent prélogiques puisqu'elles précèdent la réflexion.

On remarque que la polarisation observée « à chaud » est instable car six mois après elle n'existe plus, les scores se dépolarisent et se rapprochent de 0. Ceci nous rappelle que les *nexus* sont mobilisateurs, ou tout du moins, apparaissent essentiellement en période de mobilisation et seraient bien plus instables que d'autres formes de la pensée sociale. Avec ces résultats nous ne pouvons pas affirmer que la charge affective associée à un objet est instable, ou si seules les charges affectives extrêmes sont instables.

Cette étude a montré un effet de *nexus* (ou effet de l'affectivité de l'étiquette), ce qui vient renforcer les études précédentes (Rouquette, 1994a; Campos & Rouquette, 2000, 2003; Delouée, 2004, 2005, 2006; Wolter & Rouquette, 2006; Lo Monaco, Guimelli, & Rateau, 2008). Mais une question essentielle concernant cette forme de la pensée sociale reste en suspens (Wolter, 2009), quelle est son lien avec les représentations sociales? Une première réponse a été de dire que les *nexus* formeraient la composante affective de la représentation sociale (Rouquette, 1994a; Campos & Rouquette, 2000, 2003). En étudiant des objets polémiques générant des polarisations attitudeles, Delouée (2005b) remarque que la valence partielle attribution des schèmes cognitifs de base (notamment

Guimelli & Rouquette, 1992; Rateau, 1995a, 1995b, 1995c; Rouquette, 1994b) augmente avec la polarisation. Ce résultat pourrait nous indiquer qu'en présence d'un *nexus*, où la polarisation est forcément importante, le schème attribution aura une valence très forte, c'est-à-dire une valence attribution maximisée, ce qui traduirait peut-être un état particulier d'une représentation sociale, où l'affect et le jugement primeraient. Ce point de vue n'a pas été pris par Delouée (2005b) qui compare les *nexus* à des molécules d'eau à l'état de vapeur « désordonnées, espacées, non liées et très agitées » (p. 185), ce qui ne peut pas être une représentation sociale car cette dernière est forcément structurée et stable. Il suggère alors que le *nexus* n'est pas un état particulier de représentation sociale, mais une autre espèce de représentation. Les résultats de cette étude montreraient que les *nexus* sont instables, contrairement à une représentation sociale qui possède un noyau stabilisateur (Abric, 1994).

Références

- Abric, J.-C. (1994). Les représentations sociales: Aspects théoriques. In J-C Abric (Ed.), *Pratiques sociales et représentations* (pp.11-35). Paris: PUF.
- Abric J.-C., & Guimelli, C. (1998). Représentations sociales et effet de contexte. *Connexions*, 72(2), 31-42.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M.-L. (2000). La dimension affective des représentations sociales: Deux recherches exploratoires. *Bulletin de Psychologie*, 53, 435-441.
- Delouée, S. (2004). D'une guerre à l'autre: Deux illustrations historiques des *nexus*. *Psihologia sociala*, 14, 93-102.
- Delouée, S. (2005). *Conduites collectives et cognitions polarisées. Etude expérimentale de la composante affective des représentations sociales*. Thèse de Doctorat, Université Paris Descartes, Paris.
- Delouée, S. (2006). Haine populaire, monnaie satirique et oubli: Le *nexus* « Sedan » d'hier à aujourd'hui. *Bulletin de psychologie*, 59(4), 407-420.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes*. Forth Worth: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers
- Guimelli, C., & Rouquette, M.-L. (1992). Contributions du modèle associatif des schèmes cognitifs de base à l'analyse structurale des représentations sociales. *Bulletin de psychologie*, XLV, 405, 196-202.
- Le Bon, G. (1895). *Psychologie des foules*. Paris: Alcan.
- Lo Monaco, G., Rateau, P., & Guimelli, C. (2008). *Nexus, représentations sociales et masquage des divergences intra et intergroupes*. *Bulletin de Psychologie*, 60(6), 581-592.
- Rateau, P. (1995a). Le noyau central des représentations sociales comme système hiérarchisé: Une étude sur la représentation du groupe. *Les cahiers internationaux de psychologie sociale*, 26, 29-52.
- Rateau, P. (1995b). Dimensions descriptive, fonctionnelle et évaluative des représentations sociales: Une étude exploratoire. *Papers on Social Representations*, 4(2), 133-146.
- Rateau, P. (1995c). Hiérarchie du système central des représentations sociales et processus de rationalisation de la mise en cause de ses éléments. *Bulletin de psychologie*, XLIX (422), 73-87.
- Rouquette, M.-L. (1988). *La psychologie politique*. Paris: PUF.
- Rouquette, M.-L. (1994a). *Sur la connaissance des masses*. Grenoble: PUG.
- Rouquette, M.-L. (1994b). Une classe de modèles pour l'analyse des relations entre cognèmes. In C. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 152-170). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- Tarde, G. (1901). *L'opinion et la foule*. Paris: PUF.
- Wolter, R. P. (2009). Les objets à forte valence affective: la notion de *nexus*. In M.-L. Rouquette (Ed.), *La pensée sociale: Perspectives fondamentales et recherches appliquées*. Ramonville St. Agne: Eres.

Wolter, R. P., & Rouquette, M-L. (2006). A influência de certos termos socialmente salientes (nexus) e da imagem sobre a percepção de um objeto social. *Revista de Educação Pública*, 29, 79-89.

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Abril de 2011

Publicado em Julho de 2011

Sobre o GT “Representações Sociais” ANPEPP

Edson de Souza Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ

O grupo de trabalho “Representações Sociais” junto à Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) foi um dos principais pontos de partida para a implantação dessa área de pesquisa e intercâmbio universitário no Brasil. Inicialmente, éramos um pequeno grupo de professores ligados a programas de pós-graduação em Psicologia Social. Em um clima de muita animação e engajamento, organizamos projetos e eventos, que marcaram nosso ponto de partida. Nosso primeiro encontro ocorreu em 1990. Nessa época faziam parte do grupo Celso Pereira de Sá, Clélia Nascimento-Schulze, Mary Jane Spink, Ricardo Vieira Alves de Castro, Silvia Friedman e eu. Desde o início três focos de atenção e preocupação político-científica se destacaram entre nós e tenderam a manter-se ao longo dessas duas décadas da existência do grupo: Saúde, Educação e Psicologia Social - este último sendo muitas vezes articulado aos dois primeiros e presente em praticamente todos os trabalhos desenvolvidos então pelos seus membros.

Já nas reuniões seguintes do grupo a discussão tendeu a se adensar em termos de teóricos e metodológicos. Isto derivou da rápida implantação dessa abordagem entre nós, assim como de avanços em outros centros de produção na área. Nesse sentido, houve uma colaboração constante por parte de vários membros do grupo com Serge Moscovici, Denise Jodelet e Jean-Claude Abric, entre outros. Tal esforço empreendido redundou em publicações, em que o fenômeno, teorias e métodos de estudo de representações sociais

passaram a ser, efetivamente, o eixo principal de trabalho do grupo.

Portanto, de um momento em diante - poderíamos dizer passados uns dez anos -, ficou claro que se tratava de um grupo de trabalho consolidado, dinâmico, capaz de enfrentar a prova dos desafios de um mundo em transformação em várias esferas da vida social; tornando-se um lugar aglutinador para pesquisas e intervenções psicossociais. Para tanto, foi muito importante a incorporação de novos membros, trazendo contribuições teóricas e metodológicas realizadas, assim como colocando questões e demandas referentes a disciplinas vizinhas à Psicologia Social. Assim, o grupo de representações sociais da ANPEPP tornou-se um vetor importante e acabou gerando uma diversidade considerável de interesses de pesquisa e reflexão teórica, o que redundou, mais recentemente, no desmembramento do grupo em dois.

Houve reuniões do grupo regularmente entre 1990 e 2010. Nesse itinerário, fortaleceu-se a vocação do grupo de voltar-se para aplicações fecundas que foram publicadas em revistas e livros de Educação, Saúde, Comunicação, Cultura, Meio Ambiente, Psicologia do Trabalho e Organizacional, entre outras. Esta publicação, comemorativa dos 50 anos da existência do campo de estudos em representações sociais, atesta a história de um grupo de trabalho no Brasil, vigoroso e maduro, ainda com muitas metas a alcançar.

About Work Group “Social Representations” ANPEPP

Edson de Souza Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ

The work group “Social Representations” in the *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia* (ANPPEP) was one of the main outlets for the establishment of that field of academic research and exchange in Brazil. Initially, we were a small group of professors linked to programs of post-graduation in Social Psychology. Within an atmosphere of great excitement and involvement, we organized projects and events, marking our starting point. We first met in 1990. At the time, Celso Pereira de Sá, Clélia Nascimento-Schulze, Mary Jane Spink, Ricardo Vieirals de Castro, Silvia Friedman and I were members of the group. Three focal points of political-scientific attention and concern stood out from the beginning among us and tended to remain over these two decades of the group’s existence: Health, Education, and Social Psychology – the latter often articulated to the former two, is present in almost all the works its members developed.

In subsequent meetings the group discussions became thicker in terms of theoretical and methodological concerns. It derived from the rapid introduction of such an approach among us, but also from the advances in other centres of production in the same field. In that sense, there was constant collaboration by several members of the group with Serge Moscovici, Denise Jodelet and Jean-Claude Abric, among others. Such undertaken effort had a bearing on publications, in which the phenomenon, theories and methods of study of social representations came to be, indeed, the group’s main work axis.

In this sense, there was a moment – maybe when about ten years were gone by – since thereafter we understood that ours was a consolidated work group, dynamic, able to be tested facing the challenges of a world in transformation in social life’s various realms; and became an agglutinating place for psychosocial researches and interventions in diverse societal milieus. Therefore, the incorporation of new members was very important, bringing their own theoretical and methodological contributions, and also posing questions and claims referred to disciplines which are close to Social Psychology. Hence, the Anpepp’s social representations group became an important vector and ended up generating a substantial diversity of research interests and theoretical reflexion; and more recently this triggered a dismemberment of the group in two.

There were regular meetings of the group between 1990 and 2010. Within this itinerary, the groups’ vocation to focus on fruitful applications was reinforced and materialized in publications in journals and books of Education, Health, Communication, Culture, Environment, Psychology of Work and Organizations, among others. This issue, which commemorates 50 years of existence of the field of studies on social representations, bears witness to the history of one work group in Brazil, which is vigorous and mature, and has yet many goals to attain.

Construindo uma história brasileira: o passado do Brasil para universitários brasileiros

Ana Carolina Dias Cruz
Cristal Oliveira Moniz de Aragão
Luana Pedrosa Vital Gonçalves
Angela Arruda

Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ, Brasil

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais da história do Brasil para estudantes universitários brasileiros, utilizando a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici. Aplicou-se questionário em que se perguntou a 1.029 estudantes dos sete estados das cinco regiões geográficas brasileiras onde se localizavam e quais eventos históricos mais importantes do Brasil. Percebeu-se que as respostas se estruturavam como narrativas de momentos do país, em que se destacavam a chegada dos descobridores, a colonização, a criação de Brasília e permanências em que a história se confunde com a cultura e a natureza. Ainda se notaram os esquecimentos, espécie de feridas afetivas na memória, que podem ser entendidas como seleções e resistências mergulhadas em afetos, compõem estas representações sociais da história.

Palavras-chave: Representações sociais, Universitários, Brasil, Narrativas, Afeto.

Building a Brazilian history: the Brazilian past by undergraduate students from Brazil

Abstract

This work intends to analyze the social representations of the history of Brazil by Brazilian undergraduate students, using the theory of social representations by Serge Moscovici. A questionnaire was answered by 1029 students from seven states in the five geographic Brazilian regions. The students were asked to localize and describe the most important historical facts of Brazil. The answers were structured as narratives about moments of the Brazilian history, emphasizing the arrival of the Portuguese, the settling, the creation of Brasília and permanences in which history fuses with culture and nature. The forgotten facts, a kind of affective wound in the memory, can be understood as selections plunged in affectivity, compose these social representations of history.

Keywords: Social representations, College students, Brazil, Narratives, Affect.

Introdução

Para Anderson (1983/1992), as nações se definem intrinsecamente como comunidades políticas imaginadas. Renan, (1947/1961, citado por Anderson 1983/1992) sublinha que a essência de toda nação é que seus indivíduos têm muito em comum, inclusive o que

esqueceram. A criação de uma nação implica, portanto, as elaborações criativas, atualizadas, de memórias de fatos passados (Sá & Oliveira, 2002). O passado é elaborado segundo os interesses e valores do presente e as expectativas para o futuro, numa (re)significação instável porque mutante – que se constrói e se reconstrói sempre que há

Endereço para correspondência: Angela Arruda, Rua Francisco Sá, nº 38, apt. 806 – Copacabana. CEP: 22080-010 – Rio de Janeiro/RJ. E-mail: arrudaa@centroin.com.br. Telefone/Fax: (21) 2523-8164.

Projeto financiado pela Fundação Carlos Chagas (FCC), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e apoiado pela Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB/UFRJ). Contou ainda com bolsas de iniciação científica do CNPq e bolsas de mestrado do CNPq e da CAPES. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

demandas cognitivas e afetivas frente à realidade –, mas que é capaz de promover a estabilidade do grupo nacional, que pela memória encontra suas origens e afirma uma coesão (De Rosa & Mormino, 2002).

Este trabalho adota duas lentes para analisar a (re)construção da história brasileira pelos universitários, potenciais formadores de opinião. A Teoria das Representações Sociais, inaugurada por Moscovici (1961/1978), é a primeira delas, porque permite “entender os entendimentos” (Jovchelovitch, 2007/2008, p.88) que esses jovens constroem, oferecendo substrato para investigar o processo de construção/criação da memória. A segunda se situa no âmbito das proposições agrupadas por Sá (2005) sob a denominação geral de memória social (Bartlett, 1932/1995; Halbwachs, 1968/2006; Jedlowski, 2005), entendida pelo autor como construção social que liga sujeito e sociedade e permanece no tempo através do registro, da comunicação e interação social.

Os entendimentos comuns sobre a história, bem como sobre outros objetos sociais, não são fixos, nem unitários; podem conter apenas fragmentos e mesmo conteúdos conflitantes. O que é ressaltado ou omitido; os diferentes significados adotados; as apropriações de memórias em disputa; as mudanças que suscitam alterações de ênfase nas lembranças; enfim, os processos e as circunstâncias em que os conhecimentos sobre o passado são forjados ou atualizados por um grupo social são complexos e precisam ser considerados para contemplar a vivacidade do fenômeno.

Uma abordagem psicossociológica dessa ordem necessita levar em conta que são as pessoas e os grupos que se lembram, incluindo na análise os fenômenos afetivos e inconscientes, sem perder de vista os fatores culturais e históricos que os coengendram (Jodelet, 1992; Sá, 2007).

Laurens (2002) esclarece que

A memória não seria, portanto, um ato individual, mas uma função social que responde ao propósito de mostrar ao outro o que nós vimos, ou seja, de transferir-lhe nossa experiência construída pela narrativa que nós fazemos dela para nós e para ele. (p.12)

A memória, como a representação social, que é o seu estofo, envolve criação e seleção feitas por indivíduos, grupos e sociedades, que não assimilam o que lhes chega de forma

passiva, mas reorganizam as informações disponíveis para constituir um todo relativamente coerente, corroboram Roussiau e Bonardi (2002). Informações sobre eventos históricos nacionais circulam tanto nos espaços da aprendizagem formal – como a escola – quanto nos meios de comunicação de massa, no cotidiano familiar, no convívio com os mais velhos, nas conversas corriqueiras. Na confluência desses domínios vão se forjar crenças e imagens – representações sociais – compartilhadas sobre a história da nação.

Tendo em vista tais perspectivas, este trabalho objetiva analisar os indícios das representações sociais do passado brasileiro para os universitários do país, numa busca de (re)engendrar, junto com os pesquisados e suas respostas às perguntas da pesquisa, a narrativa das linhas curvas da nossa história.

Metodologia

A metodologia se inspirou nos trabalhos de Milgram e Jodelet (1976) sobre os mapas mentais de Paris e de Nova Iorque. Para os autores, os mapas mentais expressam a dinâmica da representação social do espaço, estruturam-no e possibilitam a localização espacial. Construíram-se questionários que pediam que os sujeitos desenhasssem, localizassem e discorressem sobre diversos aspectos do Brasil. Este artigo aborda a questão que solicitava que se indicasse num mapa do Brasil, sem estados nem regiões demarcados, os lugares que se consideravam mais importantes para a história do país, indicando a ordem de importância, os nomes desses locais e o porquê das respostas.

Os questionários foram aplicados entre 2003 e 2004 a 1.029 estudantes do 1º ano de Medicina, Engenharia, Serviço Social, Enfermagem e Pedagogia de universidades públicas e privadas dos estados do Pará, Goiás, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Os participantes, de ambos os sexos (maioria feminina: 74%), tinham em maior parte até 24 anos (77%).

Os mapas produzidos foram analisados a partir de duas metodologias. Seguiu-se a análise de conteúdo temática (Bardin, 1977), e as categorias mais frequentes tenderam a apontar para as representações hegemônicas, aquelas que atravessam grupos bem estruturados, como as nações, prevalecendo nas práticas simbólicas e afetivas destes,

(Moscovici, 1988). No entanto, buscaram-se também outros tipos de representações, bem como a diversidade presente em qualquer representação, que fazem parte do jogo de negociação e mudança representacional. A procura do que está além do consenso e da hegemonia foi traçada através do paradigma indiciário (Ginzburg, 1986/1989). Neste sentido, foi feita uma volta ao material para uma análise mais fina do conteúdo das respostas por categoria e uma focalização nas respostas que escapavam às tendências hegemônicas expressas nas maiores frequências (Gonçalves, 2008; Lorenzutti, 2008).

Os indícios a que nos conduz Ginzburg (1986/1989) permitiram ainda desenhar as teias semânticas e seguir o alerta de Moscovici sobre a importância de entender como as categorias se organizam, a formação do campo da representação. Como explica Arruda (2002) por meio da metáfora da encenação, é preciso entender como “o conjunto de personagens com sua posição, suas relações e suas ações depende da organização interna do campo, que compreende seus componentes, seu princípio organizador e seus valores, todos articulados de modo a criar uma dinâmica” (p. 153, tradução nossa).

Assim, buscou-se compreender como as relações entre os elementos encontrados pela análise de conteúdo configuram a teia/teoria leiga, a representação social, possibilitando uma visão de conjunto da história do Brasil criada pelos jovens analisados. Foram identificados indícios do que Bardin (2003) chama de esqueleto do material simbólico, ou seja, os sentidos que organizam as unidades significantes, que garantem ao discurso sua totalidade. As categorias foram contabilizadas por presença e ausência. Executou-se um trabalho de descrição reconstrutiva, que, como um quebra-cabeça, permitiu fazer inferências sobre as relações espaço-tempo que encadeiam as representações sociais da história para o grupo estudado.

Construindo uma história

Os desenhos situaram retalhos do passado na colcha do julgamento presente que o mapa oferecia aos participantes da pesquisa. Tempo e espaço são duas importantes dimensões das representações do passado, são instâncias socialmente urdidas e representadas na complexa rede de significados tecida durante o

processo de criação das nações (Valencia, 2005). Por isso, a análise categorial foi desenvolvida com a historiadora Lucia Pintor Santiso Villas Bôas (pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, São Paulo), visando retratar como tais instâncias marcavam as falas em cada categoria específica, coadunando assim os fatos históricos oficialmente datados e a história imaginada, com sua temporalidade imaginária.

Autores como Rocha e Eckert (2001) questionam a proverbial afirmação de que o Brasil é um país sem memória, que não conhece a sua história. Elas apontam a existência de um tempo lacunar que nos acompanha, uma forma “brasileira” de temporalidade. Dentro do modelo ocidental do tempo linear, da perspectiva evolutiva contínua (*longue durée*) constitutiva da experiência, nada caracterizava melhor o Brasil do que o fato de ter uma história muito curta, rapidamente confundido com não ter história, já que a cultura brasileira não teria se baseado em tradições muito antigas, como a peruana e mexicana, nem em um passado pré-histórico (Leibing & Benninghoff-Lühl, 2001). No Brasil, a visão de estudos acadêmicos que resgatem nossas origens mais longínquas ainda não penetrou os discursos do senso comum. Assim, no lugar de um modelo temporal rígido, linear, de uma perenidade estabilizadora, aqui vamos encontrar mais facilmente a imprevisibilidade temporal, uma lógica de abertura. Os resultados da nossa pesquisa apontam para essa outra forma, impresumível, de organizar o tempo.

Considerando que a sociedade brasileira constrói e organiza de maneira própria sua experiência histórica, supõe-se que esta contribua para a formação de modelos cognitivos narrativos, como propõe Werstch (2002, citado por Liu & László, 2007). O pensamento histórico se constitui no e pelo movimento de narrar, que dá sentido a experiências do passado e as situa no tempo e no espaço. Dessa forma, as narrativas servem de orientação para a vida prática e expressariam consciência histórica (Rüsen, 2001), assegurando a continuidade do grupo (László, Vincze, & Somogyvári, 2003).

As representações sociais aparecem com frequência sob formas narrativas. Como explica Jovchelovitch (2007/2008), as narrativas “são instrumentos poderosos para gerar e analisar dados sobre sistemas representacionais” (p.

273), em parte porque encadeiam sentidos em meandros explicativos e articuladores. A organização narrativa é, ainda, especialmente característica para a preservação e transformação das representações sobre o passado e sobre a história do grupo. As teorias encontradas nos mapas e explicações dos estudantes, corroborando o que dizem os

autores sobre a construção do passado, evidenciam que as categorias encontradas nas respostas dos estudantes – mesmo que aparentemente desconectadas da relação espaço-tempo na classificação categorial – montam narrativas, construindo uma história para o Brasil. As Figuras 1 e 2, apresentadas a seguir, mostram estas grandes categorias:

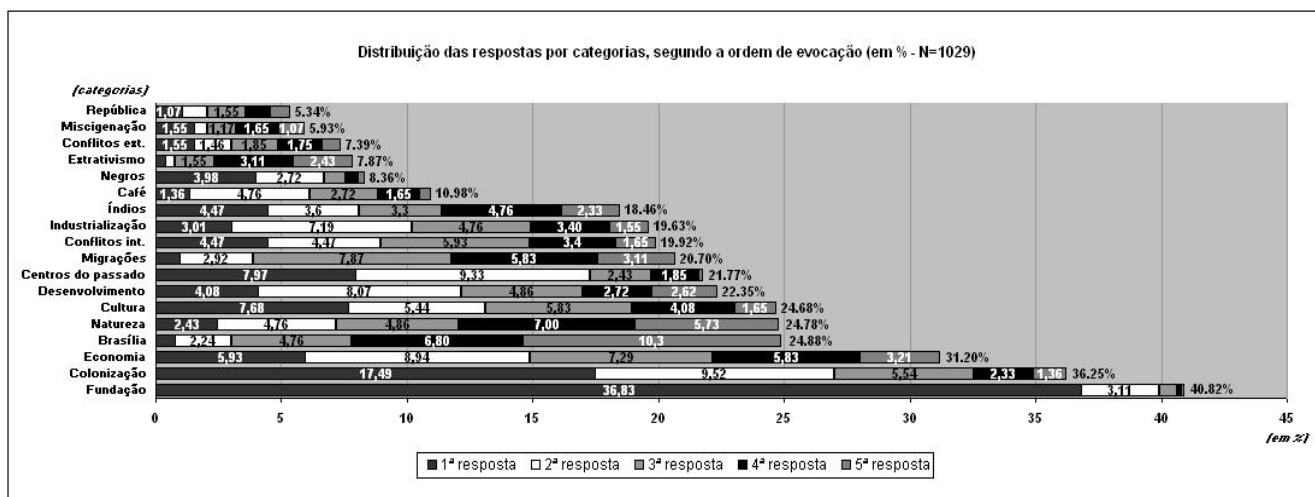


Figura 1 – Respostas por categorias, segundo ordem de evocação.

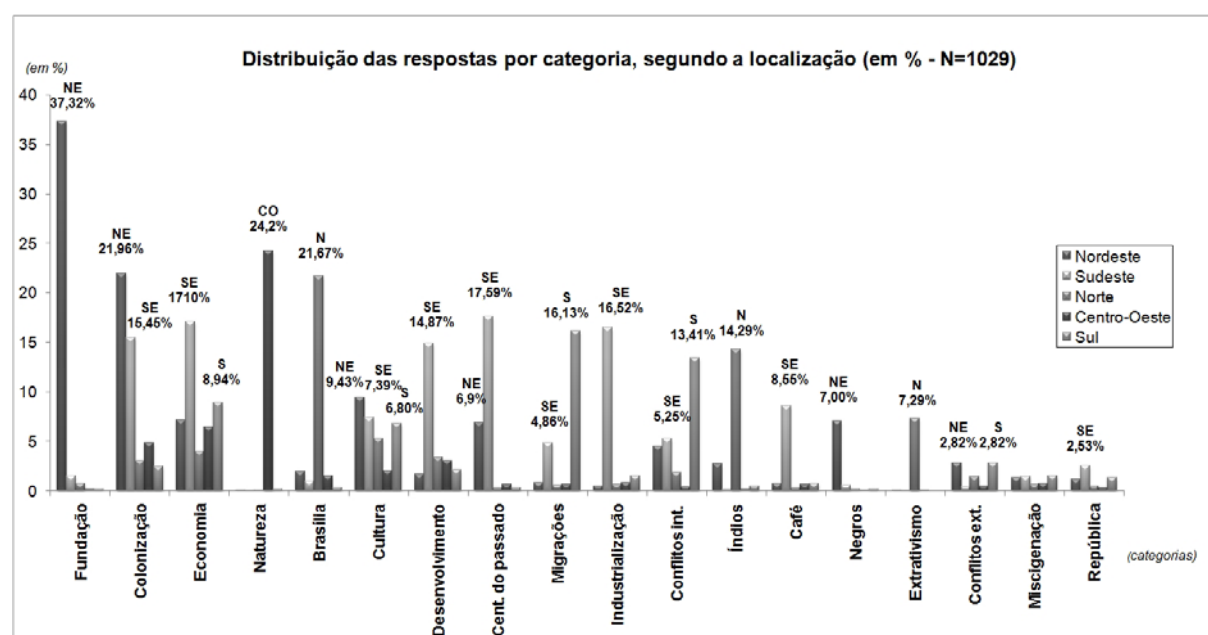


Figura 2 – Respostas por categoria, segundo a localização ¹.

¹ As figuras são apresentadas apenas com a porcentagem com relação à amostra dos 1029 sujeitos. Os valores absolutos de evocação não estão presentes por dificuldades de diagramação e espaço. A Figura 2 não tem o número total de respostas como somatório, pois os participantes podem atribuir duas localizações para um mesmo evento, como na seguinte resposta: “polos industriais, maiores do país”, com localizações nas regiões Centro Oeste e Sul. É importante explicitar que 14,87% dos estudantes deixaram o questionário analisado em branco, o que soma cerca de um sétimo do material.

Nas respostas válidas dos participantes, encontramos três narrativas principais que permitiram inferir como este grupo cria sua realidade social, sua nação, seu pertencimento. Para compreendê-las melhor, buscou-se nos textos dos estudantes indícios como personagens, relações, temporalidades e contextos que funcionassem como organizadores/construtores das grandes temáticas encontradas na análise de conteúdo. Essas narrativas correspondem a três momentos da história citados pelos participantes, cujos indícios serão apresentados a seguir.

Do descobrimento à independência: o período de exploração

A fundação do Brasil aparece como nossa linha de partida incontornável: não só predomina no conjunto das respostas (40,92% - Figura 1), mas também foi considerada mais importante pela maioria (36,83% - Figura 1). O local originário foi o Nordeste (37,22% - Figura 2). “*Berço da civilização brasileira*” (estudante de Pedagogia, BA), ele é o marco espacial e temporal que inaugura a história do Brasil, a “*porta de entrada*” (estudante de Pedagogia, RS), “*onde tudo começou*” (estudante de Medicina, RS). A versão oficial, cuja cena fundante foi a chegada dos portugueses por via marítima e o encontro com os índios, recebe a adesão de um quarto dos sujeitos (25,56%)². Contudo, os significados atribuídos às origens da História do Brasil não se restringiram a essas interpretações hegemônicas, ancoradas no modelo mítico. Uma outra, ainda que de poucos (5,44%), é a visão que identifica o aportar das caravelas à “*invasão [que] começou*” (estudante de Medicina, BA). Ela aponta um início anterior ao descobrimento ao reivindicar o lugar dos “*nativos habitantes, donos deste território, antes da chegada dos portugueses*” (estudante de Serviço Social, PE). Nas duas concepções, a hegemônica e esta, é a vinda dos “descobridores” lusitanos que principia o movimento de colonização.

Ao descobrimento segue-se a colonização, mencionada por mais de um terço dos

estudantes (36,25% - Figura 1), relacionada por quase um quinto destes ao que há de mais importante para a história do Brasil (17,49% - Figura 1) e concentrada na região Nordeste (21,96% - Figura 2). Esse período é comumente explicado através dos ciclos econômicos encontrados nos manuais escolares: a mineração (14,19%), o pau-brasil (11,27%) e a cana-de-açúcar (8,65%). A voz dos estudantes ressalta uma “*longa temporada de exploração*” (estudante de Pedagogia, PA) de terras e de pessoas, um “*período marcado pela dor e pela injustiça*” (estudante de Enfermagem, PE), que culmina no esgotamento das riquezas de algumas das regiões. Assim, em consonância com o que foi identificado por Sá (2005), as chamadas críticas consolidadas estiveram presentes nas respostas minoritárias que questionaram a ação da descoberta e destacaram a invasão, a conquista, a exploração e o genocídio como marcas na memória.

Alçadas as bases organizacionais, a época de grande exploração teria findado e uma segunda etapa da narrativa imaginada coloca a região Sudeste como o novo centro político (17,59% - Figura 2): “*logo depois de toda sua exploração, causando sua escassez [da região Nordeste], a região Sudeste se transformou em pólo de desenvolvimento, vindo com a família real*” (estudante de Enfermagem, PE). Foi a partir daí que se “*iniciou a modernização*” (estudante de Medicina, BA), com a construção de “*museus, universidades, escolas, estradas etc.*” (estudante de Enfermagem, PA), “*bancos, teatros e utilidades públicas que fizeram parte do desenvolvimento do país*” (estudante de Serviço Social, RJ).

Mas a insatisfação com a política de Portugal com relação ao Brasil trouxe revoltas internas (19,92% - Figura 1), cujo emblema foi a Revolução Farroupilha na região Sul (13,41% - Figura 2). A revolução como marca histórica do país parece contrariar a visão, há tempos difundida na mídia, do caráter pacífico do brasileiro, mas resgata novos atores da construção da nação. Alguns poucos estudantes explicitam o caráter peculiar dos personagens do período colonial e imperial (1,46%): “*líderes*” (estudante de Engenharia, RS), “*revolucionários*” (estudante de Engenharia, GO), que “*sabiam lutar pelos seus direitos*” (estudante de Enfermagem, PE), saíram “*em defesa dos ideais do país e do povo*” (estudante de Engenharia, RS).

Constroem-se, na memória desses jovens,

² Algumas porcentagens encontram-se sem indicação de figura correspondente, porque são oriundas de análise fina dos dados, como “categorias” dentro de “categorias”, visando uma melhor compreensão do dissenso existente no consenso.

heróis anônimos, homens imaginados que não têm seus nomes citados, o que lhes empresta a dimensão de coletividade de uma era. Lautier (2005) explica que o aprendizado da história ocorre num processo de reafirmação dos tempos antigos, em que o aluno se coloca no lugar do outro. É possível que seja com esse outro rebelde que alguns dos pesquisados que citam as diversas revoltas emancipatórias e nativistas brasileiras busquem se identificar, que seja esse outro o antepassado de que se orgulham. Os homens da república estão ausentes. Seguindo a proposição de Emelyanova (2002) sobre o papel do afeto na formação da memória social, “só se guardam as representações sociais que não estão em contradição com uma imagem positiva do grupo nacional, isto é, aquelas que mantêm o sentimento de orgulho nacional” (p. 149, tradução nossa). Contudo, o orgulho demonstrado por uma parcela dos estudantes não remete à antiga representação do pacifismo e passividade do brasileiro. Pode-se supor, então, que estamos diante de indícios do dissenso nas representações hegemônicas. Diferentes perspectivas, com pesos diferentes, atravessam as formas imaginadas dos acontecimentos históricos relacionados com a nossa origem. Se elas indicam ou não uma nova representação, não se pode precisar aqui. Elas podem sugerir tanto o convívio com outra possibilidade, minoritária, quanto uma demanda em germe de modificação de algumas estruturas fortemente enraizadas no entendimento da história nacional, sinalizando o caráter dinâmico e processual das representações sociais. Analisar o minoritário em representações sociais pode apontar para as diversas significações dadas a um mesmo objeto, assim como sugerir a mobilização, o porvir, a possibilidade da mudança (Cruz & Arruda, 2008; Arruda, Gonçalves, & Mululo, 2008).

Despontando política e economicamente: o futuro brasileiro em formação

Descobrimento, Colônia e Império formam uma tríade de fatos históricos fundantes, numa relação temporal que explica o surgimento do país, e tem no Nordeste e no Sudeste seus espaços. A república tem um espaço privilegiado no Centro-Oeste e uma temporalidade presentificada: a presença de Brasília seria o seu principal, senão o único,

acontecimento histórico importante (24,88% - Figura 1). Observa-se, assim, um salto temporal no âmbito político. O projeto da construção de Brasília foi situado dentro de um plano de “*continuação do desenvolvimento urbano*” (estudante de Medicina, RS), “*expansão para o centro*” (estudante de Engenharia, RJ), “*geração de empregos*” (estudante de Pedagogia, PA) e desenvolvimento econômico.

Percebe-se que boa parte dos participantes constrói uma história delineada pelos aspectos políticos e econômicos brasileiros, traçada por uma ideia de ascensão devido à existência de períodos de desenvolvimento. Mais de um quinto dos estudantes (22,35% - Figura 1) fala sobre o desenvolvimento como eixo histórico do país, localizado principalmente no Sudeste (14,87% - Figura 2). Como já foi dito, o Nordeste, espaço inicial em que descobrimento e desenvolvimento se encontram no imaginário, “*representa a costa do desenvolvimento*” (estudante de Medicina, BA), é o lugar onde “*os colonizadores começaram a desenvolver o Brasil*” (estudante de Enfermagem, GO). Num segundo momento, o Sudeste marca um novo ciclo desenvolvimentista, de “*fundação do Brasil moderno*” (estudante de Medicina, BA), iniciado com o ciclo econômico do café (8,55% - Figura 2) e tendo seu estopim com a industrialização (16,52% - Figura 2).

Assim, da chegada da Família Real até os dias atuais, o Sudeste é apresentado como o “*pólo*”, o “*centro*”, a “*potência*”, a “*sede*”, tanto da economia quanto do desenvolvimento brasileiros – dos que citam a economia como base histórica (31,20% - Figura 1), mais da metade a localiza na região Sudeste (17,10% - Figura 2). A região é “*importante foco administrativo, segunda capital do país, pertencente ao eixo de controle do país há décadas*” (estudante de Medicina, BA), a “*primeira vila e segunda capital, que ainda exerce grande influência no país*” (estudante de Medicina, BA). O Sudeste foi o centro de poder do passado que perdeu seu posto de sede oficial do governo federal.

Deste modo, enquanto a história econômica do país é apresentada como um fluxo constante e ascendente, em cuja temporalidade se sucedem os ciclos econômicos aprendidos na escola, culminando na industrialização e no advento da tecnologia, a história política, do Império até a construção da nova capital, é lacunar, pontuada apenas por revoltas e conflitos. Isolada no tempo, a criação

de Brasília foi também o fato que definiu os limites temporais das lembranças dos nossos sujeitos. Raras foram as evocações de acontecimentos posteriores. O pensamento sobre nossa história parece ter congelado aí, como ressalta um estudante ao justificar sua resposta no Distrito Federal: *“representa o momento mais recente de nossa história”* (estudante de Engenharia, RS). Talvez, para eles, nada de importante tenha acontecido na história do país desde então.

Da floresta, fez-se a terra; da cultura, o povo: as permanências históricas

Enquanto a economia parece ligar presente e futuro, mostrando uma narrativa em que o país tende ao progresso, outras temáticas costuram presente e passado ao remeterem a continuidades, “preservações”, “tradições”. Natureza e cultura (24,78% e 24,68% respectivamente - Figura 1) são expressões dessa representação temporal segundo a qual, em alguns aspectos, o tempo brasileiro teria ficado paralisado.

A região Norte é o espaço da natureza “exuberante”, “rica”, “importantíssima” (21,67% - Figura 2). Seu tempo é o presente, mas incorpora o passado e aponta para o futuro. A Amazônia objetiva a natureza edênica do mito fundador, simboliza os *“resquícios do Brasil antigo, primeiro”* (estudante de Medicina, BA), a *“preservação do que resta da natureza”* (estudante de Pedagogia, SP). *“Pulmão do mundo”*, é tida como *“o maior bem que o Brasil possui”* (estudante de Pedagogia, GO).

A preocupação explícita com a destruição ambiental é diminuta (2,33%). A interrogação colocada pelos estudantes é sobre o destino da floresta, que explicam depender das ações humanas. Para esse grupo minoritário, a natureza propiciará nova etapa de desenvolvimento ao país se preservada, como explica um universitário: *“[a região Norte] possui grandes riquezas necessárias para um desenvolvimento futuro, que precisam ser preservadas”* (estudante de Enfermagem, PA). Assim, apesar dos resquícios edênicos, para alguns a Amazônia transitaria entre cartão postal e recurso natural.

Os índios aparecem como importantes personagens da história relacionados aos recursos naturais, já que são os habitantes da floresta e *“têm um grande respeito pela*

natureza” (estudante de Pedagogia, BA). Eles são mencionados por pouco menos de um quinto dos pesquisados (18,46% - Figura 1) e localizados na região Norte pela maioria dos que os citam (14,29% - Figura 2). Os primeiros habitantes das terras brasileiras para cerca de um terço daqueles (5,44%) foram tomados explicitamente por alguns outros como elemento-símbolo da tradição (3,11%), das *“raízes mais profundas do povo brasileiro”* (estudante de Medicina, PE), *“base da nossa sociedade”* (estudante de Pedagogia, PE), *“berço da cultura brasileira”* (estudante de Medicina, BA), *“ancestrais”* (estudante de Pedagogia, SP). São vistos por eles, enfim, como fundadores do país.

Para uns poucos, a importância histórica dos índios no Brasil é explicada pela influência cultural que exerceram (3,3%): *“foram eles que deram origem as nossas tradições”* (estudante de Pedagogia, SP), *“muito da nossa cultura veio do povo indígena”* (estudante de Serviço Social, PE). Nas respostas relativas aos aspectos culturais (24,68% - Figura 1), história, cultura, raça e etnia se entrecruzam para narrar como se formou o povo brasileiro. Diferentemente das outras temáticas, a relevância da cultura como fato histórico (Figura 2) está por toda parte: no Nordeste (9,43%), no Sul (6,80%), no Sudeste (7,39%), no Norte (5,25%) e, em menor escala, no Centro-Oeste (2,04%).

Por ser hegemonicamente compreendido como o local de surgimento do Brasil (37,22% - Figura 2), o Nordeste condensa esta atribuição: é descrito como *“centro cultural, artístico, étnico, religioso, fundação do Brasil desde o seu descobrimento”* (estudante de Medicina, BA), a *“representação do Brasil”* (estudante de Medicina, BA), que *“ainda guarda grandes raízes”* (estudante de Serviço Social, RJ) e *“mostra nosso povo”* (estudante de Pedagogia, RJ), resultado que já havia sido encontrado em outra análise de material do nosso projeto, dos mesmos estudantes (Arruda & Ulup, 2007). É ainda lá, e em especial na Bahia, que se localizam as menções aos negros (7,00% - Figura 2), como ilustra o exemplo: *“Porque é um estado onde se concentram os nossos negros que cultuam com muito orgulho as crenças, danças e muito mais, de seus antecessores”* (estudante de Serviço Social, PE).

Os brancos europeus, por sua vez, não são personificados apenas pela figura dos

descobridores, na nossa história. Eles são também os imigrantes de épocas mais recentes (20,70% - Figura 1), cujo espaço é principalmente as Regiões Sul (16,13% - Figura 2) e Sudeste (4,86% - Figura 2). Como os alemães e italianos, eles são vistos como importantes alavancas ao desenvolvimento do país no passado. Seu trabalho e conhecimento “*fizeram do café um excelentíssimo produto para a exportação*” (estudante de Enfermagem, GO), favoreceram “*novas técnicas de plantio e novas concepções ideológicas e políticas*” (estudante de Pedagogia, BA). A relevância cultural da vinda do imigrante é menos citada (3,50%), ressaltando que os “*benefícios culturais*” (estudante de Medicina, SP) trazidos por essas “*culturas de primeiro mundo se enraizaram no nosso país*” (estudante de Pedagogia, GO).

Os aspectos culturais receberam significados diferentes segundo a região. O Sudeste, embora pouco mencionado neste aspecto (7,39% - Figura 2), mais uma vez, é tido como “*pólo*”, “*centro econômico e cultural*” (estudante de Engenharia, RS). A cultura que abriga, no entanto, não é a popular. Trata-se da região de “*concentração industrial, artística e intelectual*” (estudante de Medicina, PA): o “*carnaval*” e o “*Rock in Rio*”, foram destacados, bem como a cultura dita erudita, dos “*movimentos artísticos*” (estudante de Medicina, SP), da “*primeira biblioteca*” (estudante de Serviço Social, RJ). O Sudeste, apesar da menor presença, representa o que há de mais moderno na cultura brasileira, enquanto o Norte e Nordeste são depositários de resquícios de antigas representações. Natureza, etnia e cultura funcionam como semióforos dos mitos fundacionais do Brasil (Chauí, 2001) que tornam as duas regiões importantes para a história do Brasil pela capacidade de revitalização de tradições e invenções sobre nossa origem, simbolizando a presença do passado no presente.

Assim, apesar de, do ponto de vista político, existir um vazio temporal que vai do império até a construção de Brasília, do ponto de vista econômico e cultural não há lacuna. Os ciclos econômicos e as migrações são exemplos desse preenchimento do período. Isso parece indicar que a temporalidade se bifurca: o político é um eixo interrompido, enquanto a economia, a cultura e a natureza são eixos permanentes, condutores, ainda que de proporções diferentes.

Feridas na memória: as lacunas históricas

Predominam, nas representações dos estudantes sobre a história, duas grandes temporalidades. A primeira, majoritária nas respostas, seria a de um tempo mais recuado. Refere-se ao passado colonial e imperial, a um modelo de Brasil que remonta a seus primórdios, cujo habitante originário era o índio e aonde chegaram os brancos colonizadores; uma terra explorada em sucessivos empreendimentos econômicos; o ponto culminante dessa chegada é a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. A segunda temporalidade ressaltada pelos estudantes, embora presente desde então, está mais ligada a um momento posterior, que parece mover-se em outro ritmo: o do desenvolvimento, da indústria, da mão-de-obra assalariada dos imigrantes que se aglutinam em um complexo de imagens que caracterizaram um Brasil urbano e moderno, mesmo se as primeiras migrações se destinavam, de fato, a espaços rurais. Aqui, o sistema político desse outro Brasil, a República (5,34% - Figura 1), é negligenciado no esquema representacional, aparecendo apenas como desbotado pano de fundo, vestígio, ou promessa de futuro.

Esses resultados aqui não se assemelham aos encontrados em estudos sobre memória realizados na Europa, nos quais os sujeitos evocaram predominantemente memórias circulantes em comunicações ativas (Assmann, 2006; László, Vincze, & Somogyvári, 2003), isto é, memórias de informações transmitidas por até duas gerações anteriores, nas trocas realizadas em casa e na escola. Nos nossos resultados, a memória cultural, que é ativada predominantemente por representações simbólicas do passado, prevaleceu. Tal organização das representações provoca a refletir sobre o que apontou Augé (2001): é preciso esquecer o passado recente para encontrar o passado antigo; é preciso saber esquecer para apreciar o gosto do presente.

Os dados sugerem representações da história que quase abandonam o terreno da história para entrar no dos mitos de origem, reforçando uma imagem positiva da nação. Acomodadas em recantos míticos, as memórias encontram facilidade de se livrarem de fatos históricos incômodos. Encontramos lacunas em alguns momentos marcantes da narrativa histórica do Brasil que foram lembrados por

poucos e nem sequer formaram categorias, como a era Vargas (0,58%), a ditadura militar (0,78%), o *impeachment* do governo Collor (0,10%) e tantos outros cenários e enredos apagados. A importância dos negros (8,36% - Figura 1) na constituição da nação, por exemplo, fica encoberta, sendo bem menos mencionada do que a dos índios (18,46% - Figura 1) e a dos imigrantes europeus (20,70% - Figura 1). Talvez porque esses elementos representem traços desestabilizantes do projeto sobre o qual esse Brasil do tempo moderno tenta se firmar no pensamento desses estudantes.

Rolnik (2007), baseando-se em Freud, afirma que algumas vezes o esquecimento aparece como uma manobra de sobrevivência a fim de evitar um mal maior. Trata-se de “perder a memória, não aquela feita de imagens ou fatos, memória do visível, mas sim a memória dos afetos” (Rolnik, 2007, p.164). Lerner (2007), no campo da produção literária nacional, também compreende o esquecimento a partir das lentes desse mecanismo, o da defesa contra as feridas da memória. No campo político, tem se discutido nos últimos anos as sequelas da ditadura militar e o direito à memória, pleiteando a abertura de arquivos, a investigação sobre desaparecidos políticos e questionando a anistia aos torturadores como parte do quadro de feridas da memória em que muitas questões ainda não foram resolvidas (Abrão, 2010). Por isso, pareceria que mexer em feridas ainda abertas não está na ordem do dia para nossos participantes. As manchas que sujam a imagem de um povo que, nas narrativas anteriores, avança resolutivo para o crescimento, não caberiam aqui. Contudo, tais feridas, mesmo isoladas para não contaminar tudo ao seu redor, não deixam de existir, nem cessam de insistir.

Expressas nas lacunas, nas histórias que os estudantes pouco contaram ou esqueceram, elas são igualmente importantes como constituintes das representações sociais do passado brasileiro. No âmbito da Teoria das Representações Sociais, convém observar os recortes e seleções operados pelos participantes, que são expressão do movimento de objetivação proposto por Moscovici e que auxiliam na compreensão da relação existente entre os elementos que formam uma representação e o modo como convergem e se articulam. Por isso, os elementos excluídos da dinâmica representacional precisam ser

analisados como estruturalmente relacionados aos aí incluídos. Eles são igualmente parte da seleção de elementos envolvida na empreitada de formação do saber compartilhado, em que entram em vigor processos subjetivos, intersubjetivos e transubjetivos (Jodelet, 2008). Um bom exemplo pode ser encontrado na inserção hegemônica do índio como figura fundacional na narrativa oficial. Buscando uma origem nacional, demandada pela emancipação brasileira de Portugal, o indianismo criou um herói genuinamente brasileiro, de físico belo, espírito livre e bravo, em total comunhão com a exuberante natureza. O contexto de criação do indianismo, no entanto, é ambíguo. Por um lado, revela uma reação dos intelectuais que estudavam o passado brasileiro contra as violências praticadas pelo colonizador; por outro, vangloria o indígena do passado, já dizimado, introduzindo assim um personagem mítico que não apresentava ameaça à ordem estabelecida (Bosi, 1992). Os índios temidos dos sertões, os miseráveis, os semiescravos, não são os atores do mito originário romântico. Feridas cicatrizadas, afastadas pelo tempo, que não denegriam a norma, favoreceram a visão da formação do povo brasileiro pela união das raças branca e índia. Como bem explica Bosi (1992): “O mito é uma instância mediadora, uma cabeça bifronte. Na face que olha para a História, o mito reflete contradições reais, mas de modo a convertê-las e a resolvê-las em figuras que perfaçam, em si, a *coincidentia oppositorum*” (p. 180). Já o negro, ferida aberta na sociedade brasileira, presente e pulsante ainda na atualidade, constante alvo de debates e políticas, parece insistir em submergir nas memórias dos estudantes pesquisados (mesmo dos 11,7% que se declararam negros). Cabe lembrar que as imagens do imperador e da corte nunca retratam pagens negros, apenas indígenas, para não ferir a imagem do D. Pedro II liberal e culto que ele desejava transmitir (Schwarcz, 1999).

A República, em geral, instaura uma lacuna na memória, possivelmente por constituir um ponto de tensão, uma exigência de mudança ou acomodação estrutural que representacionalmente não se consolidou no pensamento do povo. Carvalho (1990) demonstrou como a tentativa do primeiro governo republicano de objetivá-la na imagem da mulher e mãe corajosa não vingou. No presente, ela se apresenta, na figura de Brasília, ainda como um processo ou vir a ser, marcando

uma representação de incompletude do que até então parece não ter jogado âncora na identidade desses estudantes. Se, por desconfiança, por descrença ou por carência de uma imagem de participação popular no momento imaginado da origem, não podemos precisar.

Considerações finais

Nossos objetivos incluíam uma abordagem psicossociológica da memória em que se pudesse, baseando-se na Teoria das Representações Sociais, compreender como se constrói o passado brasileiro para os pesquisados. Encontrou-se nas narrativas um caminho para organizar as articulações realizadas por nossos estudantes, obedecendo à lógica interna de um tempo lacunar. Assim, compilaram-se narrativas que se iniciam com a chegada dos portugueses e sua consequência, a colonização. Depois, um sopro empurra o tempo para a criação de Brasília, e segue-se o silêncio. Onde o político se rompe, só a economia prossegue, como único fio a atravessar ininterrupto a lacuna entre os tempos históricos, até fincar o mastro do progresso no presente. Conseguimos identificar ainda as permanências, em que a história se mistura com a cultura, encontrando no mito um passado seguro em que se apoiar.

Os silêncios, as ausências, foram tornados figuras, pois as seleções fazem parte do processo da constituição das representações do passado, como determina o processo de objetivação. Trata-se da flexibilidade cognitiva discutida por Moscovici (1961/1978): a fim de enxugar o excesso de significações recebidas e reduzir a defasagem entre elas e o objeto em construção, essas seleções são realizadas com objetivo de acoplar um sentido a um objeto real. Contudo, é necessário refletirmos sobre o que foi relegado, que processos foram operados, em que pontos encontram ancoragens. Assim, num possível atravessamento por afetos coletivos, cristalizados na memória social, viram-se nos dados seleções que podem ser entendidas como resistências, lembranças que não são explicitadas por nossos estudantes. Como na pesquisa de Joffe (1995) sobre a representação social da AIDS, os mecanismos de defesa parecem ser centrais, estabelecendo a alteridade como núcleo da representação que permite escapar à ansiedade provocada pelo objeto.

Kaës (2001) já apontara caminhos relacionais entre a psicanálise e as representações sociais, legitimando a hipótese da presença no processo da representação de mecanismos semelhantes aos propostos por Freud para explicar o domínio inconsciente. Tais articulações precisam de mais desenvolvimentos, mas compreendemos que entender os esquecimentos como seleções orientadas por contextos mais amplos, imersos em afetos – e não como inexistências estruturais ou de acesso às informações circulantes – nos remete também ao sujeito criativo mencionado por Moscovici (1961/1978), que refaz as lembranças, cria nexos e, baseado no acúmulo de ideias em circulação, inventa novas histórias. Sem querer minimizar o papel que a escola desempenha na construção dessas representações, ressaltamos que Wagner e Hayes (2005) sublinham este caráter ao afirmar que a história é uma invenção não arbitrária para a qual a realidade provê material, de maneira que os ecos do passado se fazem presentes ou ausentes de acordo com os interesses de quem conta. As lacunas da memória, tecidas pela ordem dos afetos e pelas exigências do presente, ampliam o espaço de demanda por invenções que expliquem o passado brasileiro. A ênfase na construção das origens, associada ao menor desenvolvimento narrativo dos eventos históricos temporalmente mais próximos dos pesquisados, poderia sugerir que o peso recai mais facilmente sobre o pensamento mítico. O mito, assim, agiria como um bálsamo que tenta cicatrizar as feridas da memória, acalmando as dores e calando as dificuldades – enquanto pode. Pudemos perceber indícios de reação à inércia das representações hegemônicas. Eles estão em marcha, para talvez desestabilizar ou remodelar o que explica Jovchelovitch (2007/2008):

o mito distorce, ou até mesmo despreza a realidade do mundo exterior, o que, longe de diminuir sua força, constitui uma das fontes principais do seu poder. O poder do mito como conhecimento reside precisamente em sua capacidade de oferecer lentes para compreender e manter dimensões da vida humana não facilmente apreendidas por outros sistemas de conhecimento, de uma maneira que conforta, tranquiliza e liberta imaginativamente. (p. 186)

Referências

- Abrão, P. (2010). *Decisão do STF equivale torturadores e torturados, regrido no tempo e legítima ditadura militar*. Recuperado em 14 de Outubro de 2010, de <http://www.torturanuncamais-sp.org>
- Anderson, B. (1983/1992). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. New York: Verso.
- Arruda, A. (2002). La presse écologiste et la préservation ambientale: Le champ de la représentation sociale. *Psicologia da Educação*, 14/15, 143-163.
- Arruda, A., Gonçalves, L. V. P., & Mululo, S. C. C. (2008). Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: representações sociais e estereótipos. *Psicologia em Estudo*, 13, 503-511.
- Arruda, A., & Ulup, L. (2007). Brasil imaginado: Representaciones sociales de jóvenes universitarios. In A. Arruda & M. Alba (Orgs.), *Espacios imaginarios y representaciones sociales: Aportes desde Latinoamérica* (pp. 163-195). Barcelona: Anthropos Editorial.
- Assmann, J. (2006). *Religion and cultural memory*. Stanford: Stanford University Press.
- Augé, M. (2001). *As formas de esquecimento*. Almada: Íman Edições.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2003). L'analyse de contenu et de la forme des communications. In S. Moscovici & F. Buschini (Orgs.), *Les méthodes des sciences humaines* (pp. 243-270). Paris: PUF.
- Bartlett, F. C. (1932/1995). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, J. M. (1990). *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chauí, M. (2001). *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Cruz, A. C. D., & Arruda, A. (2008). Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)*, 8, 789-806.
- De Rosa, A. S., & Mormino, C. (2002). Au confluent de la mémoire sociale: Etude sur l'identité nationale et européenne. In S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.), *La mémoire sociale: Identités et Représentations Sociales* (pp. 119-137). Rennes: Les Presses Universitaires de Rennes.
- Emelyanova, T. (2002). Les représentations sociales des événements historiques: Le cas de la deuxième guerre mondiale. In S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.), *La mémoire sociale: Identités et représentations sociales* (pp. 139-150). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Ginzburg, C. (1986/1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (F. Carotti, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gonçalves, L. P. V. (2008). *Um país escorre pelas terras dos rios gigantes: representações sociais de universitários do Pará sobre o Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Halbwachs, M. (1968/2006). *A memória coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo: Centauro.
- Jedlowski, P. (2005). Memória e a mídia: uma perspectiva sociológica (V. Rosito, Trad.). In C. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 87-98). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse: Le côté moral et affectif de l'histoire. *Bulletin de Psychologie*, XLV (405), 239-256.
- Jodelet, D. (2008). Le mouvement de retour vers le sujet et l'approche des représentations sociales. *Connexions*, 89, 25-46.

- Joffe, H. (1995). "Eu não", "o meu grupo não": representações sociais transculturais da AIDS. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 297-320). Petrópolis: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2007/2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura* (P. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Kaës, R. (2001). Psicanálise e representação social (L. Ulup, Trad.). In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 67-90). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Lautier, N. (2005). A memória social na apropriação dos saberes históricos. (A.T. Ribeiro, Trad.). In C. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 183-197). Rio de Janeiro: Editora Museu da República (Trabalho original publicado em 1984).
- László, J., Vincze, O., & Somogyvári, I. K. (2003). Representation of national identity in successful historical novels. *Empirical Studies of the Arts*, 21, 1-9.
- Laurens, S. (2002). Avant-propos. In S. Laurens, & N. Roussiau. *La mémoire sociale, identités et représentations sociales* (pp. 11-13). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Leibing, A., & Benninghoff-Lühl, S. (2001). O país sem memória – um guia. In A. Leibing & S. Benninghoff-Lühl (Orgs.), *Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória* (pp. 12-22). São Paulo: Mandarim.
- Lerner, L. (2007). O retorno do reprimido. Memória ditadura e capital em Prova Contrária, de Fernando Bonassi. *Cadernos de Letras da UFF*, 33, 87-103.
- Liu, J. H., & László, J. (2007). A narrative theory of history and identity: Social identity, social representations, society and the individual. In G. Moloney, & I. Walker (Orgs.), *Social representations and identity: Content, process and power* (pp. 85-107). London: Palgrave-Macmillan.
- Lorenzutti, P. S. (2008). *A Escola Revisitada: representações sociais de futuros pedagogos do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Milgram, S., & Jodelet, D. (1976). Psychological maps of Paris. In H. M. Proshansky, W. H. Ittelson & L. G. Rivlin (Orgs.), *Environmental psychology: People and their physical setting* (pp. 104-124). New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Moscovici, S. (1961/1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Rocha, A. L. C., & Eckert, C. (2001). A retórica do mito do progresso: Brasil, um país sem memória!. In A. Leibing & S. Benninghoff-Lühl (Orgs.), *Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória* (pp. 34-47). São Paulo: Mandarim.
- Rolnik, S. (2007). *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina.
- Roussiau, N., & Bonardi, C. (2002). Quelle place occupe la mémoire sociale dans le champ des représentations sociales? In S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.), *La mémoire sociale: Identités et représentations sociales* (pp. 33-49). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Rüsen, J. (2001). *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB.
- Sá, C. P. (2005). As memórias da memória social. In S. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295.
- Sá, C. P., & Oliveira, D. C. (2002). Sur la mémoire sociale de la découverte du Brésil. In S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.), *La mémoire sociale: Identités et représentations sociales* (pp. 97-118). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Schwarcz, L. M. (1999). *As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Valencia, J. F. (2005). Representações sociais e memória social: vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria (V. J. S. Clos, Trad.). In C. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (p. 99-119). Rio de Janeiro: Editora Museu da República.

Wagner, W., & Hayes, N. (2005). *Everyday discourse and common sense: The theory of social representations*. New York: Palgrave Macmillan.

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Sobre as autoras:

Ana Carolina Dias Cruz – Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de doutorado do CNPq - Brasil.

Cristal Oliveira Moniz de Aragão – Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de doutorado do CNPq - Brasil.

Luana Pedrosa Vital Gonçalves – Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Angela Arruda – Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Representações antecipatórias em situações de pressão social, segundo grupo étnico-racial autodefinido

Edson Alves de Souza Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Observamos representações antecipatórias como “guia-para-ação” e “transformação social” para enfrentar situações simuladas de pressão social. Participaram 185 estudantes de escolas públicas, autodefinidos como brancos, negros e morenos. Utilizamos um questionário simulando interações de pressão social recebida do pai, irmão, vizinho, amigo, professora, colega de escola, patrão e colega de trabalho; os participantes responderam o que esperariam que os outros fizessem para não pressioná-los e como eles agiriam. Os negros ressaltaram mais *negociação entre iguais* (do pai, colega de escola, professora, irmão, patrão e vizinho); os brancos, *vantagem para o participante* (colega de escola, professora, vizinho) e, brancos e morenos (colega de trabalho, irmão, patrão). Houve correspondências entre representações antecipatórias de *negociação entre iguais* e aceitação, bem como *vantagem para o participante* e recusa da pressão. Constatamos que as representações antecipatórias formam representações sobre objetos/assuntos quando interações estão ocorrendo. Isto implica em retomar o modelo sujeito-alter-objeto para estudar representações sociais.

Palavras-chave: Representações antecipatórias, Negociação, Grupos socioculturais.

Anticipatory representations in situations of social pressure, according to ethnic-racial self-defined group

Abstract

We observed anticipatory representations as guides for action and social transformation to face situations of social pressure. 185 students from public high schools, ethnically self-defined whether as Whites, Blacks or Mixed people took part in this research. We drew upon a questionnaire simulating social pressure perpetrated by father, brother, neighbour, friend, teacher, schoolmate, workmate. They were also required to convey their expectancies regarding what others could do in order to spare them from pressure; and what would then their reaction be like. Blacks stressed *negotiation among equals* (with father, schoolmate, teacher, brother, boss and neighbour); whereas Whites *advantage for the participant* (schoolmate, teacher, neighbour); and Whites and Mixed-People (workmate, brother, boss). There was correspondence between anticipatory representations of *negotiation among equals* and acceptance, as well as between *advantage for the participant* and refusal of pressure. We noticed that anticipatory representations shape representations of objects/issues when interactions are taking place. This implies to take up the subject-alter-object model to study social representations.

Keywords: Anticipatory representations, Negotiation, Sociocultural groups.

Introdução

O estudo do fenômeno das representações sociais inicialmente focalizou a dinâmica de apropriação de um saber acadêmico (Moscovici, 1961/1976), o que foi ampliado posteriormente para outros âmbitos da

experiência psicossocial. Tratar-se-iam de sistemas sociocognitivos produzidos para diferentes finalidades sociais, entre as quais destacaríamos antecipações e expectativas em relação às interações sociais.

Num mundo social marcado por clivagens e conflitos de interesse e luta por poder entre

Endereço para correspondência: edsouzaafilho@gmail.com.

O autor agradece a participação estimulante e inteligente de Michelle Levitan, Anderson Scardua e Vinicius Vasconcellos, durante estágio de iniciação científica. Agradece também ao CNPq, que apoiou esta pesquisa.

uns e outros, a forma como representamos a nós mesmos e aos demais personagens sociais certamente tem implicações no modo como negociamos as trocas e vice-versa. Podemos supor que a ação tenha um componente representacional antecipatório derivado tanto do histórico de interações mantidas previamente, quanto relacionada a aspirações de interação a ocorrerem no futuro (Moscovici, 1961/1976). Nesse sentido, o estudo de representações antecipatórias procurou considerar, numa primeira vertente, a sua função como “guias para ação”, o que foi estudado experimentalmente. Nesses estudos, um dos objetivos foi verificar o papel da representação do outro para adoção de conduta do participante. Numa das pesquisas (Abric, Faucheux, Moscovici, & Plon, 1967), os participantes interagiram com um parceiro previamente denominado seja como “similar” a eles (estudantes de medicina) seja como “máquina”, para verificar o aparecimento de condutas de cooperação ou não a respeito da distribuição de pontos entre si. Os autores constataram mais cooperação na situação de interação com parceiro “similar” do que na situação com “máquina”. Eles atribuíram às diferenças observadas às representações sociais de uma “máquina”, menos relacionadas às ideias de reciprocidade e cooperação. Por outro lado, em outro estudo (Faucheux & Moscovici, 1968), os participantes foram informados de que participariam de interações para decidir sobre a distribuição simultânea de pontos entre si, sendo o parceiro denominado de “jogo” ou “natureza”; o que era feito com cartas de baralho ou fichas, respectivamente. No primeiro caso, os autores constataram entre os participantes uma conduta de prestar mais atenção às cartas que saíam e menos atenção a respeito das alternativas de pontos a distribuir e estratégias de ação a seguir, se comparadas à última. Enfim, tendo em vista que o fenômeno de representações sociais ocorre em geral em situações envolvendo, real ou simbolicamente, três pólos, no caso sujeito-alter-objeto, caberia realizar mais pesquisas sobre antecipações de representações de interlocutores relevantes para a construção social de objetos e condutas.

Outra linha de estudos sobre representações antecipatórias foi a respeito de construções de realidades previamente inexistentes, constituindo a própria ação do sujeito (Philogène, 1999). Poderíamos considerar esse tipo de fenômeno como forma

de realizar “transformação social”, criatividade social diante de algo dado da “realidade”. A questão que se coloca é saber até que ponto o repertório já existente historicamente num grupo e/ou sociedade pode fomentar/limitar as condições psicossociais da emergência de representações conservadoras (voltadas para manutenção de normas/ideologias) ou transformadoras (buscando realizar mudanças sociais). Para tanto, independentemente do mérito do conteúdo de cada posição, tratar-se-ia de conhecer as condições para o aparecimento e influência dessas representações na sociedade. Para Philogène (1999), “Embora todas as representações sociais sejam dinâmicas por natureza, as representações antecipatórias são especialmente assim. Tendo em vista que elas enfrentam o conflito, são, portanto, por definição, vetores de inovações, elas possuem poderes especiais de transformação da realidade” (p.28).

Em seu estudo sobre representações sociais de negros nos EUA, Philogène (1999) verificou que a criação e proposição da autodenominação *African-American*, em substituição à imposta por brancos de *Black*, estava associada à atitude mais favorável aos negros na sociedade americana. Segundo a autora, esse fenômeno estaria ligado à mudança efetuada pela ação do grupo negro para enfrentar dificuldades étnicas no âmbito do espaço público, com efeitos diversos.

Nesse sentido, na vida social as interações se dão em várias esferas, na vida familiar, de vizinhança, escolar, de trabalho, entre outras, onde modelos interativos são elaborados e postos em circulação por parte dos diferentes indivíduos e grupos com diferentes finalidades. Assim, supomos que essas esferas estejam interligadas no sentido de os indivíduos serem os conectores de propostas de ação. Parte do que ocorre na sociedade é organizado em termos do “drama humano”, segundo papéis sociais, que desempenham funções sociais, exercidas segundo regras e costumes praticados, assim como idealizados, como personagens ideais, realizados ou não (Maisonneuve, 1977). A existência de normas para regular o desempenho de papel de pai/filho, professor/aluno, patrão/empregado, colega de turma/colega de turma, entre outros, tem sido alterada profundamente nas últimas décadas, obrigando a reformulação teórica para o conhecimento psicossocial adequado. O modo de interagir em situações em que existe

conflito de metas/representações entre personagens se dá por meio de linguagens, que refletem posturas de aceitação da pressão como imposição, negociação/ruptura, explicitação/ocultação de interesse, não decisão, entre outras. Enquanto em termos de expectativas em relação aos outros personagens sociais, podemos encontrar várias modalidades de enfrentamento da situação que confirmam e complementam as diversas posturas/metaspesadas para si mesmo mencionadas anteriormente, podendo variar de busca de múltiplas lateralidades ao mesmo tempo, considerando interesses/perspectivas das partes em conflito; de subordinação aos interesses/perspectivas de uma das partes de cada vez, considerando a relação mais como possibilidade de instauração de uma hierarquia do que um contrato entre iguais, entre outras.

Partimos da hipótese de que na sociedade brasileira existem três grupos étnicos importantes – ou pelo menos dois – que consolidaram padrões mais explícitos de interação social, ou seja, brancos, negros e, até certo ponto, morenos. Nossa suposição é de que os grupos étnicos minoritários ativos, como os negros, são os que têm uma autoconsciência mais clara das suas diferenças psicossociais, além de terem conseguido manter autonomia e fronteiras intergrupais mais nítidas por um longo período de suas histórias de interação com grupos mais poderosos. Os brancos, por sua vez, fazem parte de um grupo considerado mais legítimo e influente historicamente, e tendem a buscar assumir posições de liderança na sociedade nas várias esferas de interação, independente da situação material e política real desfrutada pelos mesmos. Tais fenômenos sociais têm componentes interpessoais e intergrupais que merecem ser analisados.

Nesse sentido, a situação mundial desde o advento da modernidade tem ocorrido aumento do papel formador de famílias e/ou de autoconstrução individual e grupal. Desse momento em diante, as relações familiares entre os brancos-cristãos passaram a ser objeto de culto, prejudicando a consolidação de posturas de autonomia e diferenciação interindividuais e intergrupais nesse âmbito (Souza Filho, 2000). Ao lado disso, haveria tendência geral de centralização de decisões e renúncia à autonomia individual, apesar de certa diferença de ênfase no controle social no âmbito das relações familiares; no sentido de nos meios populares persistirem relações de

poder unilateral de autoridades sobre os demais e, nas classes médias, controles mútuos (Souza Filho, 2000). Tal situação tem levado ao bloqueio das formas de negociação mais livres, aumentando a frustração dos jovens nesse âmbito, levando-os seja a rupturas sociais por meio de “desvios”, seja de reprodução de relações hierárquicas tradicionais vividas nas famílias em outros ambientes e interações, procurando compensações emocionais e outras. Parte dos chamados desvios são jogos de perda/renúncia de consciência através de consumo de drogas (Martins & Souza Filho, 2007).

Contudo, numa sociedade onde há uma desigualdade étnica muito pronunciada, no sentido de não reconhecimento de culturas não brancas, haveria uma tendência de fixação dos brancos naqueles padrões psicossociais e socioculturais herdados, inclusive por garantirem algumas vantagens em termos econômicos e de poder. Assim, supomos que muitos migrantes europeus podem ter passado por momentos de incerteza sobre a sua situação em termos de trabalho a partir do final do século XIX no Brasil, uma vez que vastas áreas agrícolas no estado do Rio de Janeiro, até então mais prósperas, entraram em franca decadência. Sabemos que a maioria dos brancos no país, em 1889, era composta por analfabetos (cerca de 80%) (Fausto, 1994), obrigando-os a buscar trabalho nas cidades e a competir interindividualmente (Lévi-Strauss, 1970), inclusive com grupos não brancos aí existentes. Nesse quadro, cresceu entre muitos deles um sentimento quase mítico (Barthes, 1957) de ser “branco” numa terra de não brancos, como se eles se distinguissem simbolicamente dos demais em termos físicos e comportamentais. Tal construção pode ter-lhes trazido alguma autovalorização diante da dúvida a respeito da sua capacidade de sobreviver naqueles ambientes urbanos. Mas é preciso ressaltar que tais fenômenos ocorrem numa sociedade onde foi possível promover desigualmente os grupos étnicos ao longo das últimas décadas. Assim, houve uma ascensão escolar importante dos brancos. O Censo de 2000 mostrou, entre outros fatos, que os brancos analfabetos eram 10,9%, de uma população de 82,4 milhões; enquanto os negros eram 23,2%, de uma população de 9,8 milhões; e os pardos de 21,1%, de uma população de 58,7 milhões. Ao lado disso, 9,9% dos brancos tinham obtido escolaridade de nível superior, em contraste

com a proporção de 2,1% e 2,4%, de negros e pardos, respectivamente (IBGE, 2000).

No caso dos negros, a quase ausência de estudos traz uma dificuldade nessa pesquisa. É preciso dizer que boa parte da literatura brasileira e internacional tem dado mais ênfase a situações em que os negros aparecem no espaço público como vítimas (Moscovici & Pérez, 2007) de racismo, de desigualdades e de outras formas de opressão social. Antes de tudo, é preciso dizer que os negros foram beneficiados pela imensidão do território, que eventualmente ofereceu-lhes abrigo para reconstruir suas vidas antes e depois do fim da escravidão. Na situação urbana, a recriação de certa unidade entre afro-brasileiros deu-se em torno do Candomblé (Bastide, 1971).

Todavia, os morenos seriam grupos oriundos de miscigenação de brancos e indígenas e/ou negros (Schwartzman, 2004). Sabemos existir o fenômeno de branqueamento, que consiste em aquisição de traços físicos de brancos, mais valorizados positivamente, e ocultação dos não brancos. Contudo, é preciso enfatizar que tal processo de assimilação é mais importante em termos psicossociais e socioculturais.

Alguns estudos psicossociais procuraram levar em conta a dimensão étnica no Brasil e mostraram aspectos específicos dos mesmos (Oliveira, 1999). Em um estudo sobre representações sociais de autoridades familiares entre grupos étnicos autodefinidos, os brancos tenderam a ressaltar relações interpessoais e de poder na família, ao passo que os negros procuravam traçar perfis psicológicos individuais dos mesmos personagens, além de conteúdos socioculturais; tais resultados foram observados no mesmo estudo, entre alunos e professores, autodefinidos como brancos e negros, respectivamente (Souza Filho, 2004). Nesse sentido, em outro estudo feito sobre representações do corpo entre negros e brancos, de ambos os sexos e equilibrados quanto à escolaridade e faixa etária, mostrou que os negros tenderam a afirmar o eu, enquanto os brancos a normalidade (Souza Filho & Beldarrain-Durandegui, 2009). Em ambientes onde há menos liberdade individual, no sentido de se ter menos oportunidade de autonomia psicológica, diferenciação e espaço próprio, os jovens ficariam mais voltados para os interesses individuais, tanto de si, quanto do outro. Possivelmente, eles tenderiam a reproduzir modelos socioculturais de relações de poder,

sem oportunidade de exercer a liberdade e reciprocidade (Souza Filho, Saltzstein & Scardua, 2010).

Supomos a existência de condições contextuais para a expressão de representações e formas de negociação. A literatura pertinente a respeito dos processos de socialização e interação dos grupos distingue os que têm primazia na vida social dos indivíduos, como a família, assim como os grupos de pares do mesmo ambiente social e cultural de origem. Em contraste, experiências de grupo posteriores poderiam ser consideradas mais forçadas e facilmente abandonadas no transcorrer da vida dos indivíduos, tais como a escola e o trabalho (Maisonneuve & Lamy, 1993). Assim, o objetivo principal deste trabalho foi verificar correspondências entre representações antecipatórias e decisões de ação em relação a diferentes personagens sociais.

Método

Os participantes foram alunos de ensino médio de escolas públicas, entre os quais 39 eram autodefinidos como negros (N), 74 brancos (B) e 74 morenos (M). No meio popular, a denominação racial-étnica de “moreno” foi estudada pelo IBGE (Schwartzman, 2004), constatando sua relação simbólica com etnias não brancas. Aplicamos um questionário (em anexo) com situações de interação interpessoal simuladas, diante das quais os participantes foram solicitados a responder como agiriam e como os outros com os quais estavam interagindo deveriam ter agido para evitar as situações de pressão sobre os participantes. Foram usadas situações em que o personagem fosse considerado de *status* superior ao dos participantes e outras quatro com personagens de *status* similar aos deles. Assim, os personagens foram os seguintes: pai, vizinho, professora, patrão, amigo, colega de trabalho, irmão e colega de escola. É preciso esclarecer que os itens do questionário foram criados para simular as situações de interação e não para comparar um item com o outro; mas oferecer certo realismo vivencial e permitir uma avaliação psicossocial particular e específica de cada situação. Trata-se de um estudo eminentemente qualitativo com algum tratamento estatístico. A participação foi livre e voluntária. Os questionários foram respondidos em sala de aula, conforme acordo com as

direções dos estabelecimentos em diferentes pontos da cidade.

As respostas foram *categorizadas* (Bardin, 1994), tanto para a pergunta sobre como o personagem deveria agir para evitar a pressão sobre o participante, quanto sobre como agiria diante da pressão, segundo as definições abaixo, seguidas de frases ilustrativas usadas por participantes em função do personagem/situação, sexo, idade e autodefinição étnica-racial. Analisamos frequências de categorias por meio do qui-quadrado (Bio-statist versão 4,0: por meio de tabelas de contingência (conjunto geral de frequências dispostas em linhas e colunas) e partição (linha por linha) para comparar os grupos.

Representações antecipatórias sobre como outro deveria agir para evitar a pressão para o participante

Outro considera bilateralmente: visa construir critérios de negociação levando em conta ambos os lados, objetivamente, em detrimento de uso de apelo emocional: *Patrão*: “ter contatado mais funcionários para o serviço e assim não precisar explorar os outros” (f, 30, N); *Colega de trabalho*: “Pensar em melhorar sem me afetar” (f, 15, N); *Patrão*: “deveria ser menos exigente já que não pode contratar outra pessoa” (f, 16, M); *Colega de trabalho*: “Fazer o melhor que ele puder, sem prejudicar os outros” (m, 16, B). Outro age/partilha com participante: visa encontrar forma de ação comum que minimize a dificuldade do outro e o inconveniente da pressão: *Vizinho*: “tentar achar conosco uma solução para fazê-lo parar de incomodar” (f, 17, N); *Patrão*: “dividir o trabalho igual para todos” (m, 16, B); *Pai*: “Deveria ir comigo, para eu não comprar a peça errada” (f, 16, M). Outro considera o interesse/perspectiva do participante: visa levar em conta apenas os interesses/perspectivas do participante: *Patrão*: “olhando pra mim com mais respeito e quebrando meus galhos quando eu precisar” (m, 22, N). Outro justifica para o participante: visa expectativa de que o outro apresente justificativa para o participante decidir: *Vizinho*: “Conversando e me explicando a situação” (m, 30, M). *Amigo*: “como agiu porque mais vale namorada que amigo” (m, 15, B). Outro age normalmente: visa manter as convenções sociais, supondo que as do outro são as mesmas que as do

participante: *Colega de trabalho*: “agir igual aos outros, normal.” (f, 18, M); *Colega de escola*: “agir como se nada tivesse acontecido” (m, 15, B). Outro considera situação em geral: visa não levar em conta as perspectivas, apenas generalidades conhecidas/praticadas: *Irmão*: “se colocar no lugar dos outros” (f, 18 B); *Patrão*: “Talvez com um pouco de organização para poder contratar outro empregado” (f, 18, N). Outro sofre recusa do participante: visa comunicar a decisão de recusa: *Amigo*: “Não reclamar porque eu não vou” (f, 27, M). Outro mostra subordinação/sofrimento: visa apresentar expectativa de que o outro esteja numa posição subordinada e/ou situação de desvantagem/dor: *Colega de trabalho*: “ser mais humilde” (f, 17, M); *Amigo*: “Deveria me pedir desculpas” (f, 16, M); *Irmão*: “Chorar” (m, 16, B); “Deveria insistir no pedido para eu conhecer sua religião” (f, 16, B); *Professora*: “Ela tinha que me ensinar até 20 vezes” (m, 16, M). Outro recebe queixa, hostilidade/sem incomodar participante: visa manifestar agressão ao outro, sem incomodar o participante: *Patrão*: “se garantir mais” (m, 22, N); *Irmão*: “não se intrometer na minha vida” (f, 17, M); *Vizinho*: “incomodados que se mudem” (f, 15, M). Não sabe/não responde.

Em seguida, reagrupamos representações/retóricas esperadas da seguinte maneira: 1) *negociação entre iguais* (Outro considera bilateralmente, Outro age/partilha com o participante); 2) *lado do participante* (Outro justifica para o participante, Outro considera interesse do participante); 3) *vantagem relativa do participante* (Outro mostra subordinação/sofrimento, Outro recebe queixa, hostilidade/sem incomodar participante); 4) *evita conflito de interesses entre as partes* (Outro considera situação em geral, Outro age normalmente); 5) *Outro sofre recusa do participante*.

Representações ou estilos retóricos do participante para enfrentar situações de pressão social simulada

Aceita com cordialidade: procura aceitar a pressão, manifestando que quer agradar ou cumprir ordem: *Patrão*: “como empregado obedeço” (m, 22, N); “faria esse favor de vez em quando de fazer hora extra”(f, 16, M); *Pai*: “Eu iria; primeiro meu pai” (m, 16, B); *Amigo*: “Iria ao tal encontro e tentaria ser simpática com a garota” (f, 16, B); *Professora*: “fingiria

que entendi e pediria explicação para colega” (m, 16, B); *Amigo*: “faria de tudo para não arranjar confusão” (m, 16, B). Aceita simplesmente: aceita sem apresentar justificativa ou intenção, conduta: *Patrão*: “faria a hora extra” (f, 19, M); *Pai*: “Ajudaria meu pai” (f, 19, N). Aceita por interesse do outro: aceita argumentando que estão (o outro e participante) num campo de interesses e trocas, ou mesmo, que o outro está impossibilitado/comprometido: *Irmão*: “Conheceria a religião dele, caso ele pedisse” (f, 16, B). Aceita por interesse próprio: aceita para atender interesse do participante: *Patrão*: “faria se essas horas extras fossem remuneradas” (f, 17, N); “faria a hora extra se não atrapalhasse os meus outros afazeres” (m, 16, M). Recusa simplesmente: recusa sem explicitar as razões ou manifestar conduta: *Vizinho*: “Não ligaria para o vizinho” (m, 18, N). Recusa com hostilidade: recusa e manifesta hostilidade/agressão, física ou moral. *Colega de escola*: “falaria para o fofoqueiro se recolher em sua insignificância” (f, 15, M); *Vizinho*: “Digo que os incomodados que se mudem” (f, 15, N); *Professora*: “O dever dela é explicar quantas vezes forem necessárias; ela é paga para isso” (m, 16, B); *Amigo*: “Eu a menosprezaria” (m, 16, B); “Não sairia e diria que eu não gosto da insuportável namorada dele” (f, 17, N); “Diria a verdade que não gosto dela e não iria” (f, 18, M). Recusa por interesse próprio: recusa para atender interesse do participante: *Pai*: “compraria a peça outro dia, pois o meu passeio é mais importante” (m, 16, B); “mentiria para ele dizendo que estava doente” (m, 17, B). Recusa com cordialidade: recusa e manifesta que quer agradar o outro, usando de “boas maneiras”: *Amigo*: “eu explicaria a situação para ele e não aceitaria o convite” (f, 17, N); *Irmão*: “pediria para respeitar minha religião” (f, 16, M); *Colega de escola*: “Eu explicaria que viva a vida dele e eu a minha” (m, 16, B). Não decide/Perplexidade/emoção: não decide e, no lugar disso, manifesta emoção pouco elaborada ou paralisação: *Pai*: “Ficaria chateada” (16, F, B); “Ficaria puto” (m, 34, M); *Amigo*: “Ficaria sem graça” (m, 17, B); *Colega de trabalho*: “Acharia ele um tremendo puxa-saco” (m, 16, B). Não decide/evita: não decide para evitar, por razão de foro íntimo: *Patrão*: “ficava quieto, sei que sou bom no que faço” (m, 22, N); *Colega de escola*: “depende de quem fez o comentário e de quem é o alvo dele, eu faria

alguma coisa” (m, 16, B); *Professora*: “sairia da sala para desestressar” (m, 22, N). Não decide/busca de acordo: não decide para buscar acordo entre as partes envolvidas: *Pai*: “diria que eu conserto depois, compro a peça, mas agora preciso sair” (m, 22, N). Não sabe/não responde: *Colega de trabalho*: “Sei lá. Só estando presente para saber” (f, 16, B).

Resultados

Vamos relatar os resultados referentes à pergunta de como o personagem que provoca a pressão deveria agir para evitar a pressão para o participante e, em seguida, sobre como agiria em cada uma das oito situações simuladas propostas.

Quanto ao que esperavam do Pai para evitar a pressão, houve grande convergência intergrupar sobre *negociação entre iguais*, porém os negros apresentaram frequências mais altas ($\chi^2 = 5,4423$; gl=1; $p < 0,0197$). Enquanto em relação ao que esperavam do Irmão para evitar a pressão, houve diferenciação intergrupar ($\chi^2 = 41,8786$; gl=10; $p < 0,0001$). As maiores diferenciações foram sobre *negociação entre iguais* entre os negros (B=1,3%; M=5,4%; N=33,3%) ($\chi^2 = 16,5211$; gl=1; $p < 0,0001$); *vantagem relativa do participante* (B=65,3%; M=66,2%; N=30,7%) ($\chi^2 = 20,82201$; gl=1; $p < 0,0001$) entre brancos e morenos.

Sobre o que esperavam da Professora para evitar a pressão sobre o participante, os grupos apresentaram diferenças de ênfase ($\chi^2 = 20,6811$; gl= 8; $p < 0,0080$). Os negros e morenos enfatizaram mais *negociação entre iguais* (B=4,4%; M=29,4%; N=28,2%) ($\chi^2 = 7,8188$; gl=1; $p < 0,0052$ e $\chi^2 = 6,5474$; gl=1; $p < 0,0105$); os negros apresentaram mais o *lado do participante* (B=23,5%; M=19,1%; N=28,2%) ($\chi^2 = 4,2681$; gl=1; $p < 0,0388$); os brancos, *vantagem relativa do participante* (B=67,6%; M=45,5%; N=38,4%) ($\chi^2 = 4,2681$; gl=1; $p < 0,03588$). Igualmente, os participantes ao responderem sobre o que antecipavam do Colega de escola para evitar a pressão também mostraram diferenciação ($\chi^2 = 34,2595$; gl= 10; $p < 0,0002$). Os negros tenderam a responder mais *negociação entre iguais* (B=5,4%; M=4,0%; N=28,2%) ($\chi^2 = 15,2919$; gl=1; $p < 0,001$); os brancos ressaltaram *vantagem relativa do participante* (B=40,5%; M=21,6%; N=23,0%) ($\chi^2 = 5,9230$; gl=1; $p < 0,0149$); brancos e morenos enfatizaram o *lado do*

participante (B=13,5%; M=16,2%; N=7,6%) ($\chi^2 = 3,7101$; gl=1; $p<0,0541$); morenos *evita conflito* (B=28,3%; M=44,5%; N=25,6%) ($\chi^2 = 5,9230$; gl=1; $p<0,0149$).

A respeito da expectativa de que o Vizinho deveria fazer para evitar a pressão, os grupos apresentaram diferenciação ($\chi^2 = 41,8786$; gl=10; $p<0,0001$). Os negros tenderam a antecipar *negociação entre iguais* (B=5,2%; M=19,2%; N=41,0%) ($\chi^2 = 15,5103$; gl=1; $p<0,0001$); brancos enfatizaram *vantagem relativa do participante* (B=63,1%; M=46,1%; N=28,2%) ($\chi^2 = 20,8220$; gl=1; $p<0,0001$). Já sobre o Amigo, houve aproximação entre os grupos ($\chi^2 = 9,3088$; gl=10; $p<0,5031$). Mas, morenos se destacaram sobre negros em *evita conflito* (M=48%; N=30,7%) ($\chi^2 = 4,59$; gl=1; $p<0,03$).

Em relação às representações antecipatórias sobre como o Patrão deveria agir para evitar a pressão sobre o participante, observamos grande diferenciação entre os grupos comparados ($\chi^2 = 22,0697$; gl=10; $p<0,0148$). Os negros tenderam a apresentar *negociação entre iguais* (B=13,3%; M=28,7%; N=51,2%) ($\chi^2 = 7,7245$; gl=1; $p<0,0054$); os brancos apresentaram mais *lado do participante* (B=42,6%; M=31,2%; N=30,7%) ($\chi^2 = 4,6877$; gl=1; $p<0,0304$); os brancos e morenos, por sua vez, manifestaram mais *vantagem para o participante* (B=16,0%; M=16,2%; N=5,1%) ($\chi^2 = 4,7734$; gl=1; $p<0,0289$). A respeito do Colega de trabalho, a diferenciação intergrupar foi alta ($\chi^2 = 33,6037$; gl=10; $p<0,0002$). Os brancos e morenos indicaram *vantagem para o participante* (B=65,3%; M=64,8%; N=28,2%) ($\chi^2 = 3,6222$; gl=1; $p<0,0570$) e negros tenderam a *evitar conflito* (B=12%; M=12,9%; N=46,1%) ($\chi^2 = 22,0394$; gl=1; $p<0,0001$).

Sobre a pergunta de como agiria à pressão, primeiramente, apresentaremos dados da decisão geral de aceitação, rejeição ou não decisão, e, em seguida, a respeito da presença de ingrediente retórico/estilístico encontrado nas mesmas respostas.

Diante do Pai, todos os grupos étnicos tenderam a se aproximar ($\chi^2 = 2,9956$; gl=4; $p<0,5586$). Mas, no conjunto, eles tenderam a rejeitar (B=48,6%; M=55,8%; N=46,1%) e, em menor medida, a aceitar (B=28,3%; M=31,1%; N=33,3%). Nesse sentido, a pressão do Irmão ($\chi^2 = 4,4460$; gl=4; $p<0,3490$) foi ainda mais rejeitada (B=65,7%; M=63,2%; N=48,7%), se comparada à situação com o Pai, sobretudo por parte de brancos e morenos, mas os negros se

destacaram em aceitação (B=9,2%; M=11,3%; N=20,5%) ($\chi^2 = 3,7695$; gl=1; $p<0,0522$).

Em relação à pressão da Professora ($\chi^2 = 3,7371$; gl=4; $p<0,4875$) e Colega de escola ($\chi^2 = 5,2116$; gl=4; $p<0,0457$), houve rejeição por parte dos grupos (professora, B=73,9%; M=61,2%; N=71,4%; colega de escola, B=58,6%; M=48,1%; N=66,6%), mas os morenos se destacaram em não decisão na situação com colega de escola (professora, B=6,8%; M=12,5%; N=7,1%; colega de escola, B=25,3%; M=37,9%; N=23,0% - $\chi^2 = 3,9939$; gl=1; $p<0,0457$).

Face à situação com Vizinho ($\chi^2 = 9,8230$; gl=4; $p<0,0435$) e Amigo ($\chi^2 = 10,6441$; gl=4; $p<0,0309$), os grupos tenderam a rejeitar a pressão (vizinho, B=66,6%; M=62,5%; N=46,9%; amigo, B=52,4%; M=56,6%; N=28,2% - $\chi^2 = 3,9095$; gl=1; $p<0,0480$), assim como os negros mais presença de aceitação de ambos os personagens (vizinho, B=10,6%; M=11,2%; N=28,5% - $\chi^2 = 8,1523$; gl=1; $p<0,0043$; amigo, B=32,9%; M=26,5%; N=53,8% - $\chi^2 = 6,4711$; gl=1; $p<0,0110$).

Enfim, a situação com Patrão ($\chi^2 = 2,9346$; gl=4; $p<0,5688$) foi aceita por parte dos grupos (B=77,3%; M=66,6%; N=73,1%). Ao passo que a situação com Colega de trabalho ($\chi^2 = 14,7419$; gl=4; $p<0,0053$) gerou mais rejeição dos grupos (B=55,4%; M=45,9%; N=20,0%), mas os negros tenderam a aceitar significativamente mais (B=20,2%; M=24,3%; N=45,0%) ($\chi^2 = 12,8106$; gl=1; $p<0,0003$).

A seguir, apresentamos a tabela 1, que traz resultados sintetizados de relação entre representações antecipatórias e decisão de ação nas várias situações. Note-se que as abreviações das denominações dos grupos aparecem na tabela quando houve diferenciação estatística para um ou mais grupos étnicos (separados por barras se mais de um), tal como relatado acima; primeiro em termos de representação antecipatória e, separada por um traço, quando também houve destaque para grupos (entre parênteses), em termos de ação decidida de aceitação, recusa e não decide. Ocorreram mais correspondências entre representações antecipatórias de *negociação* e decisões de ação aceitação; e, em menor medida, entre *vantagem do participante* e recusa, assim como *evita conflito* e não decide, conforme a tabela informa.

Tabela 1: Representações antecipatórias e decisões de ação diante de pressão social.

		Negociação	lado do part.	vantagem do part.	Evita conflito
Pai	Aceitação	N-(B/M/N)		B/M/N-(B/M/N)	
	Recusa	N-(B/M/N)		B/M/N-(B/M/N)	
	Não decide	N-		B/M/N-	
Prof.	Aceitação	M-	N-	B-	
	Recusa	M-(B/M/N)	N-(B/M/N)	B-(B/M/N)	
	Não decide	M-	N-	B-	
Patr.	Aceitação	N-(B/M/N)	B-(B/M/N)	B/M-(B/M/N)	B/M-(B/M/N)
	Recusa	N-	B-	B/M-	B/M-
	Não decide	N-	B-	B/M-	B/M-
Viz.	Aceitação	N-(N)		B-	
	Recusa	N-		B-	
	Não decide	N-		B-	
Irmão	Aceitação	N-(N)			
	Recusa	N-			
	Não decide	N-			
Amigo	Aceitação	N-(N)			
	Recusa	N-			
	Não decide	N-			
Col. es.	Aceitação	N-		B-	M-
	Recusa	N-		B-	M-
	Não decide	N-		B-	M-(M)
Col. tr.	Aceitação	N-(N)		B/M-	N-
	Recusa	N-		B/M-(B/M)	N-
	Não decide	N-		B/M-	N-

Sobre as decisões de ação em termos de representações *retóricas*, encontramos os seguintes resultados, que complementam os relatados anteriormente:

Em relação à pressão do Pai, os grupos étnicos comparados tenderam a se aproximar ($\chi^2 = 22,3071$; gl=22; $p < 0,4417$). Contudo, os

morenos mostraram mais recusa por interesse próprio (B=24%; M=37,6%; N=12,8%) ($\chi^2 = 5,0639$; gl=1; $p < 0,0244$). Por outro lado, a pressão do Irmão também houve aproximação entre os grupos ($\chi^2 = 19,2573$; gl=20; $p < 0,5052$), mas observamos entre brancos e morenos certa tendência de recusa por interesse

próprio (B=10,5%; M=8,8%; N=0%) ($\chi^2=4,6965$; gl=1; $p<0,0302$). Sobre a pressão do Irmão, cabe ressaltar que os grupos comparados apresentaram forte aproximação quanto a recusar com hostilidade (B=26,3%; M=15,1%; N=23,0%), recusar com cordialidade (B=19,7%; M=30,3%; N=17,9%) e não decide/evita (B=21,0%; M=22,7%; N=25,6%).

Sobre a pressão da Professora, houve diferenciação intergrupar ($\chi^2=30,182$; gl=18; $p<0,0357$), os negros tenderam a recusar com cordialidade (B=12,0%; M=2,5%; N=16,5%) ($\chi^2=3,944$; gl=1; $p<0,0471$), enquanto morenos e brancos tenderam a recusar por interesse próprio (B=52%; M=56,2%; N=33,3%). Por outro lado, diante da pressão do Colega da escola, houve diferenciação intergrupar ($\chi^2=47,615$; gl=18; $p<0,0002$). Mas houve destaque para recusar simplesmente para os negros (B=2,6%; M=5,0%; N=12,8%) ($\chi^2=4,5506$; gl=1; $p<0,0329$).

No caso da pressão do Vizinho, observamos diferenciação intergrupar ($\chi^2=37,898$; gl=20; $p<0,0091$), os brancos tenderam a recusar simplesmente (B=24,0%; M=18,1%; N=7,6%) ($\chi^2=13,5446$; gl=1; $p<0,0002$), enquanto os negros tenderam a aceitar por interesse próprio (B=5,3%; M=7,7%; N=25,6%) ($\chi^2=5,7744$; gl=1; $p<0,0163$). Além disso, os grupos comparados tenderam a se aproximar sobre recusar com hostilidade a pressão do Vizinho (B=31%; M=29%; N=20%). A respeito da pressão do Amigo, os grupos tenderam a diferenciar-se ($\chi^2=44,067$; gl=22; $p<0,0035$). Os morenos tenderam a aceitar por interesse próprio (B=10,9; M=24,0%; N=7,6%) ($\chi^2=4,8269$; gl=1; $p<0,0028$), brancos e morenos, a recusar simplesmente (B=25,6%; M=24,0%; N=5,1%) ($\chi^2=11,0692$; gl=1; $p<0,0009$). Os negros, por sua vez, tenderam a responder não decide/evita (B=3,6%; M=7,2%; N=15,3%) ($\chi^2=4,7703$; gl=1; $p<0,0411$).

Sobre a pressão do Patrão, os grupos étnicos comparados tenderam se aproximar ($\chi^2=23,2350$; gl=22; $p<0,3886$). Contudo, os morenos apresentaram tendência de recusa por interesse próprio (B=2,6%; M=10,2%; N=0%) ($\chi^2=4,7939$; gl=1; $p<0,0286$). Enquanto a pressão do Colega de trabalho, houve diferenciação entre os grupos étnicos ($\chi^2=36,785$; gl=20; $p<0,0124$). Os brancos mostraram mais recusa por interesse próprio (B=35,1%; M=21,6%; N=7,5%) ($\chi^2=7,9036$; gl=1; $p<0,0049$); os morenos tenderam a

recusar simplesmente (B=5,4%; M=9,4%; N=2,5%) ($\chi^2=4,2137$; gl=1; $p<0,0401$) e os negros a não decide/busca acordo ($\chi^2=7,5120$; gl=1; $p<0,0061$).

É bom notar que as retóricas ofereceram outro modo de verificar a hipótese principal da pesquisa. Assim, foram significativas estatisticamente as respostas de *recusa por interesse próprio* de brancos e/ou morenos em situações de interação com pai, irmão, professora, patrão, colega de trabalho.

Discussão

O principal achado da pesquisa relatada foi constatar, em situações mais próximas da vida cotidiana, o papel da representação antecipatória como “guia para ação”, confirmando resultados obtidos por Abric et al. (1967) e Faucheux e Moscovici (1968). Em seguida, foi possível verificar, entre os grupos autodefinidos como negros, a presença de representação antecipatória como “transformação social”, no sentido de busca de novas normas/ideologias em trocas em vários ambientes sociais simulados que investigamos. Diante de dificuldades para consolidar a democracia e as relações sociais em várias esferas, a proposta de negociação entre iguais apresentada pelos negros de modo destacado em muitos ambientes revelou-se quase uma surpresa desta pesquisa. Tratam-se, portanto, de representações antecipatórias que visam mudança, ainda que não possamos, no âmbito desta pesquisa, averiguar suas repercussões em termos de influência, tal como Philogène (1999) foi capaz de fazer. Infelizmente, ainda contamos com poucos trabalhos acessíveis sobre os fenômenos aqui estudados. Mesmo assim, procuraremos discutir os resultados a partir da literatura psicossocial produzida, inclusive de outros construtos e disciplinas próximas.

De modo resumido, podemos afirmar que a representação antecipatória de negociação entre iguais mostrou-se mais associada à ação de aceitação da pressão; assim como a de vantagem de interesse do participante esteve mais associada a recusas de pressão; e, enfim, a evitação de conflito esteve mais associada a não decisão. Como esses resultados foram sistemáticos no sentido de terem reaparecido em múltiplos contextos, conforme o grupo, podemos dizer que são modelos mais ou menos duráveis de interação existentes entre os jovens

com nuances diferenciadas, segundo o personagem envolvido. Contudo, os estilos ou retóricas usadas tanto para aceitar, quanto para recusar, bem como para não decidir ofereceram pistas interpretativas importantes. Assim, as diferentes formas de reagir diante da pressão supõem interesses, legitimidade de expressão de recusa e manifestação de hostilidade nos vários ambientes. Uma primeira constatação é a de que os grupos tenderam a recusar a pressão de modo geral. Ou seja, o fato de o personagem ser alguém com poder sobre o participante não impediu a recusa, como se aspirassem a manter a autonomia; salvo para a situação com o Patrão, em que a maioria aceitou pronunciadamente mais, ainda que tenha sido mais rejeitada por negros e morenos. Além do poder, a solidariedade ou reciprocidade com Vizinho e Amigo entre negros foi outro conteúdo analisado.

Em relação aos estilos/retóricas usados pelos grupos de modo diferenciado, vamos avançar alguns comentários. Tivemos, como se sabe, respostas simples, outras de cordialidade, hostilidade, interesse, além de não decisões, todas cumprindo funções distintas ou próximas, conforme o caso. Poderíamos dizer que a aceitação/recusa simples pode ser uma resposta automática, podendo ser fruto de uma impregnação ou internalização de conteúdo normativo/ideológico. Todavia a cordialidade pode ser entendida como sinalização de obediência à convenção social. Mas a cordialidade parece ter dupla interpretação. Por um lado, expressão autêntica de pretender uma ordem real baseada em contrato social e não em caprichos/arbitrariedades de personagens, independente de poder do mesmo. Por outro lado, a premência de inserção, sobretudo na área escolar e do trabalho, os levaria à busca de imagem de aparente submissão, esperada por brancos, a ser mais compreendido no próximo conjunto de dados a serem discutidos.

Na esfera familiar com o Pai – e até certo ponto no trabalho com o Patrão – existiria legitimidade para usar o argumento do interesse. Contudo, nesse mesmo ambiente social encontramos sintomas de experiência de bloqueio e dificuldade de uma racionalidade interativa (não decidir/evitar), sobretudo no caso do Irmão. Mas surgiram outras condutas de interação, como a bilateralidade com Pai por parte de todos os grupos comparados, ainda que os negros tenham se sobressaído e, simultaneamente, mostrado a mesma

antecipação em outras interações. No caso dos brancos, observamos expectativa de subordinação/sofrimento do outro – o que foi acompanhado por expectativa de atendimento dos próprios interesses e adoção de suas perspectivas.

As ações diante da pressão em geral foram pouco voltadas para busca de negociação ou de elaboração de algo que ultrapassasse o imediato, as quais foram variações de aceitações e recusas, simples ou seguidas de manifestação de interesse unilateral; outras vezes acompanhadas por hostilidade ou cordialidade. Acreditamos que existem normas e ideologias sobre o modo de responder à pressão, em termos de corpo a corpo, por exemplo, lembrando o interesse em jogo que pode ser uma forma de recuperação psicológica de autonomia, após alguém ter aceitado a pressão. Assim, eles estariam tentando justificar socialmente que existe um motivo, assim como recusar com hostilidade pode ser visto como autoafirmação, punição ou descarga catártica compensatória. Por outro lado, a recusa com cordialidade parece ser uma polidez para convergir em relação às normas sociais de tipo “boas maneiras” preconizadas por adultos, conforme mencionado anteriormente. Mas é preciso lembrar que a cordialidade pode ser um gesto de amabilidade mais “desinteressado” com Amigo (negros) e Irmão (todos os grupos étnicos). Nesse sentido, é bom notar que as relações familiares, sobretudo no caso de brancos e morenos, foi o ambiente onde mais encontramos busca de acordo ou evita enfrentar, possivelmente por ser algo melindroso. Com exceção dos negros, que tentaram evitar enfrentar a pressão com Amigo e buscar acordo com Colega de trabalho. Ou seja, podemos interpretar que existe entre alguns grupos, liderados por autodefinidos etnicamente como brancos, uma prática de negociação apenas no âmbito da família, as demais esferas sendo mais consideradas de modo simplificado e defensivo. Tratar-se-ia de procurar mais salvaguardar interesses pessoais.

A hipótese que podemos levantar para avançar no aprofundamento dos principais resultados é que a manutenção de uma hierarquia social interétnica poderia estar por detrás do projeto de interação adotado por grupos autodefinidos como brancos. A proposta desses últimos, de fato, tenderia a explicitar sua perspectiva/interesse em função da situação de maior legitimidade social, ao passo que a dos

negros seria mais baseada na busca de relação de troca entre iguais, tendendo a se contrapor aos privilégios de outros indivíduos/grupos a esse respeito. Parte deste trabalho de buscar influência majoritária (Moscovici, 1979), no sentido de manter uma sociedade em que a expressão de interesses pode ser manifestada por alguns, mas não por todos, pode ocorrer diante da ameaça de proximidade e nivelamento social com relação a outros grupos considerados como devendo estar nos degraus inferiores da sociedade. Em parte, tal comportamento é similar ao de fazendeiros decadentes do sul dos EUA, antes dos movimentos por direitos civis, que, ao se descobrirem nivelados aos negros em termos socioeconômicos, começaram campanhas de desmoralização, acusando-os de estupro de mulheres brancas, entre outras, para justificar agressões e massacres (Cantrill, 1949). No Brasil, os jovens brancos ameaçados de perda de *status* social ou impedidos literalmente de realizar suas aspirações de ascendência social, ao invés de partirem para a agressão – tarefa que outros fariam na sociedade – procuraram criar encenações dramáticas em que representam o papel de um sujeito que ocupa posição de comando. Em parte, a busca de influência majoritária daria mais legitimidade para a explicitação de interesse nos argumentos usados para sustentar suas respostas.

Para atingir tal objetivo, os brancos tenderiam a difundir crenças a respeito da impossibilidade de autonomia e independência de indivíduos não brancos, assim como a respeito da ilusão de ser alguém que pode desenvolver uma distinção social positiva; senão aquelas diferenciações negativas, típicas de minorias vitimadas pelo infortúnio ou ação de terceiros poderosos (Moscovici & Pérez, 2007). O que seria acompanhado pela oferta de liderança ou comando de brancos, baseada em alguma ascendência social “histórica”, traduzida em comportamentos como autoconfiança de assertividade verbal, etc., para a qual seria indispensável o outro “aparecer” socialmente como vivendo sofrimento, desvantagem ou dificuldade, para justificar a oferta (Moscovici & Paicheler, 1978). Assim, os novos “chefes” poderiam prescindir de negociar racionalmente os conflitos sociais.

O conjunto de dados que expusemos mostrou que não se trata de boas maneiras esperar que o outro lhe peça o favor, mas, sobretudo, de fazê-lo submeter-se ao líder.

Trata-se também de expectativa de um “culto à personalidade”, que é uma construção de uma imagem pública a partir de conteúdos considerados positivos gerais que justifiquem o comando e/ou obediência de subordinados. Trata-se de uma expectativa que tende a ser aplicada em interações de quase todo tipo. Contudo, no caso do Pai observamos dificuldade para negociar outras formas entre os jovens brancos que participaram da pesquisa, indicando que a aprendizagem desses modelos de interação/negociação de conflito ocorre em ambiente familiar e, possivelmente, é reforçada pelo ambiente social. Porém, a dimensão sofrimento que foi muito frequente indica uma dimensão emocional/sentimental que merece mais aprofundamentos (Souza Filho, 2008). Tratar-se-ia de um modelo de autoridade que pune, a ser assumido em momento propício. Embora possa parecer remoto ou desligado da vida atual, podemos afirmar que são modelos que atravessaram a história e tendem a reproduzir-se indefinidamente. É preciso lembrar que foi em países católicos, onde houve séculos de Inquisição, em que houve uma explícita intervenção para garantir o monoculturalismo na esfera pública, estabelecendo forte pressão sobre os grupos minoritários não brancos e cristãos. Em decorrência, os descendentes de grupos indígenas e africanos ainda hoje têm dificuldade de assumir suas posições próprias publicamente. Um fato importante daquele período, sobretudo para os grupos minoritários, mas também para os demais, é a adoção de práticas sádicas públicas de constrangimentos físicos (torturas) e morais (humilhações, descréditos, entre outros) de grupos “desviantes”. Os protagonistas dessas práticas foram, obviamente, os brancos, com desdobramentos que repercutem na vida atual, uma vez que eles forjaram representações e práticas sociais que se difundiram na sociedade durante e após a escravidão (Novinsky, 1992; Moritz-Schwarcz, 1987) e favoreceram comportamentos de subordinação de grupos não brancos em vários espaços sociais. Nesse sentido, um estudo mostrou que jovens brancos de escolas públicas foram os que mais contavam piadas de conteúdo agressivo às minorias sociais (mulheres, homossexuais, entre outros), enquanto os negros se abstiveram significativamente de contar piadas (37,5%) (Souza Filho, 2008).

Outro caminho de investigação que os resultados sugerem, como já mencionamos, é o ambiente familiar como gerador de interações que seguem certos padrões. Sabemos que, em muitas famílias brasileiras, existe um padrão de educação em que os filhos cada vez mais passaram a ser os centros de cuidados/proteções prolongados, ocorrido possivelmente com a diminuição do tamanho das famílias, com a queda da taxa de natalidade e do trabalho barato de serviços doméstico. Tais fenômenos podem ser geradores de certo egocentrismo social, que tende a estar associado à centralização e autoritarismo. Assim, as formas de negociação complementares usadas por grupos brancos, como outro considera a situação em geral, representariam formas de evitar o conflito, explicitar as posições antagônicas, difíceis de serem enfrentadas pelos interlocutores.

Em contraste, os negros tenderam a uma forma complexa bilateral em que o outro e ele mesmo foram considerados, simultaneamente, em termos de possibilidade/consequência para as duas partes na situação de pressão surgida, tendência observada com destaque em praticamente todas as situações de suas respostas, inclusive com o pai. Trata-se de uma postura que poderíamos definir como de busca de relações sociais que se aproximam da reciprocidade, além de um conjunto de ações que se aproximam de busca de relações de solidariedade e envolvimento com a comunidade (Souza Filho, 1998). Em outro estudo sobre as representações sociais da pobreza-riqueza (Souza Filho, 2009), jovens brancos mostraram discursos que tenderam a dramatizar/emocionalizar o assunto, além de ressaltar aspectos materiais e de sobrevivência. Em contraste, os negros no mesmo estudo tenderam a considerar mais aspectos relacionados à ordem moral e política desfavorável, além de certa serenidade em termos psicológicos. Na realidade, acreditamos que os brancos podem até superar historicamente suas dificuldades materiais e de promoção social, mas eles têm tido dificuldade de aumentar autoconsciência de sua cultura e, mesmo, de criticá-la adequadamente, prolongando conflitos seculares, como os relativos aos direitos individuais, etc. Ou seja, os negros que investigamos teriam uma conduta ética diferenciada, possivelmente em decorrência de uma socialização comunitária e experiência do pluralismo cultural, que são

intensificados pela falácia da democracia racial. Assim, tendo em vista a relativa estagnação das relações sociais no país para a perspectiva dos negros, a ruptura social seja um caminho provável, junto de outras tendências mais anômicas, uma vez que as propostas circulantes, religiosas, políticas e culturais, aparentemente não satisfazem muitas das suas aspirações. Tal quadro tem implicado também em várias iniciativas que fortalecem autonomia, diferenciação e delimitação de fronteiras sociais, tanto ao nível individual, quanto intergrupais. Para tal, os grupos étnicos minoritários tendem a transformar suas representações sociais relacionadas às identidades sociais históricas para adotar representações antecipatórias. Tais resultados indicam que os participantes negros apresentaram uma busca de influência social minoritária em vários contextos fora da sua vida familiar e comunitária, mostrando “consistência interindividual” (Moscovici, 1979) em vários contextos, o que merece mais estudos.

No caso dos morenos, primeiro cabe dizer que eles não apresentaram um padrão psicossocial próprio, mas oscilaram entre não decisão e outras respostas apresentadas pelos brancos de modo mais regular. A pesquisa, tal como foi formatada, não visou avaliar se, individualmente, houve oscilação, mas se pode dizer que o grupo usou de modo irregular ora padrões típicos de brancos, ora de negros. Uma peculiaridade psicossocial encontrada no mesmo grupo foi uma tendência mais pronunciada de não resposta/não decisão, que indica dificuldade de negociar, possivelmente devido a certa perplexidade de ser alguém fruto de grupos conflitantes.

Aqui cabem alguns comentários sobre a situação de liderança sociocultural branca na sociedade, com consequências para os demais grupos que se veem e dos quais são esperados comportamentos de subordinados. Como são os grupos majoritários, com ou sem recursos, que colocam as metas sociais, a questão de falta de reconhecimento étnico sociocultural fica sempre relegada ao secundário. Ora, a mendicância e os pedintes se espalham pelo país, de norte a sul, como uma prática cultural que supostamente provém dos grupos “marginais”. Porém, nossos resultados foram bastante explícitos para indicar que esta é uma expectativa de brancos, a ser melhor estudada por psicólogos sociais. Acreditamos que os

brancos têm reproduzido desde a época do Brasil colônia formas de negociação interpessoal/pública que se mantêm, sobretudo, entre eles, baseadas em relações que poderiam ser resumidas na equação “comandar ou obedecer”. Daí a tendência de separar interesses das partes em negociação ou, mesmo, de adotar postura “despótica caprichosa”, como ter satisfações secundárias de humilhação moral impostas ao sujeito que pressiona, entre outros resultados observados.

Referências

- Abrie, J. C., Faucheux, C., Moscovici, S., & Plon, M. (1967). Rôle de l'image du partenaire sur la coopération en situation de jeu. *Psychologie Française*, 12(4), 267-275.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Martins Editora.
- Bastide, R. (1971). *As religiões africanas no Brasil* (Vol. I e II). São Paulo: Edusp.
- Barthes, R. (1957). *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil.
- Cantrill, H. (1949). *The psychology of social movements*. New York: Wiley.
- Faucheux, C., & Moscovici, S. (1968). Self esteem and exploitative behaviour in a game against chance and nature. *Journal of Personality and Social Psychology*, 8(1), 83-88.
- Fausto, B. (1994). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). *Censo Demográfico de 2000*. Recuperado de www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default.censo2000/
- Lévi-Strauss, C. (1970). Raça e história. In C. Lévi-Strauss (Org.), *Raça e Ciência I* (pp. 231-270). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Maisonneuve, J. (1977). *Introdução à psicossociologia* (L. D. Penna & J. B. Damasceno, Trans.). São Paulo: USP/Companhia Editora Nacional.
- Maisonneuve, J., & Lamy L. (1993). *Psychosociologie de l'amitié*. Paris: PUF.
- Martins, V. F., & Souza Filho, E. A. (2007). Maconha e contexto familiar: um estudo psicossocial entre universitários do Rio de Janeiro. *Psicologia e Sociedade*, 19, 52-60.
- Moritz-Schwarcz, L. (1987). *Retrato em branco e negro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F.
- Moscovici, S. (1979). *La psychologie des minorités actives*. Paris: P.U.F.
- Moscovici, S., & Paicheler, G. (1978). Social comparison and social recognition: two complementary process of identification. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups*. Cambridge: C.U.P.
- Moscovici, S., & Pérez, J. (2007). A study of minorities as victims. *European Journal of Social Psychology*, 37, 725-746.
- Novinsky, A. (1992). *Cristão novos na Bahia: a Inquisição*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Oliveira, I. (1999). *Desigualdades raciais - construções da infância e da juventude*. Niterói: Intertexto.
- Philogène, G. (1999). *From Black to African American - a new social representation*. Westport: Praeger Publishers.
- Schwartzman, S. (2004). *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Souza Filho, E. A. de (1998). Discursos y prácticas sócio-urbanas en Rio de Janeiro. *Revista de Psicología Social*, 13(1), 93-105.
- Souza Filho, E. A. (2000). Representações sociais de indivíduos, grupos e relações intergrupais: uma abordagem meta-analítica. *Temas em Psicologia*, 8(3), 269-285.
- Souza Filho, E. A. de (2004). Estudos psicossociais sobre o negro na família e na escola. *Psicologia da Educação*, 18(1), 95-129.
- Souza Filho, E. A. de (2008). Representações e relações entre estudantes no Rio de Janeiro: conversas, piadas e assistência à TV, segundo o grupo étnico autodefinido. *Psicologia da Educação*, 27(2), 157-177.

- Souza Filho, E. A. de (2009). Pobreza e riqueza segundo o grupo sociocultural: um estudo de representações sociais. *Psico*, 40(2), 260-266.
- Souza Filho, E. A. de, & Beldarrain-Durandegui, A. (2009). The contextual analysis in social representation of the body among ethnic groups in Rio de Janeiro, Brazil. *Universitas Psychologica*, 8(3), 771-783.
- Souza Filho, E. A. de, Saltzstein, H. D., & Scardua, A. (2010). Auto-representação e decisão moral. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 110-119.

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

ANEXO: Situações e perguntas usadas na pesquisa

– Imagine que você está pronto para sair e seus amigos já estão esperando você. Seu pai descobre que precisa comprar uma peça para terminar o conserto da TV que quebrou, e pede para você ir comprar, o que implicará em correr o risco de perder o passeio.

Como você agiria? O que você acha que o seu pai deveria ter feito para evitar essa situação para você?

– Você tem um cachorro de estimação que late e incomoda o vizinho, que está pressionando seus pais para vocês se desfazerem do animal.

Como você agiria? Como seu vizinho deveria agir para evitar a perda do seu cachorro de estimação?

– Você arrumou o seu primeiro emprego e seu chefe está cada vez mais exigente, precisando de horas extras, mas não pode contratar outro empregado.

Como você agiria? Como seu chefe deveria agir para evitar esse problema?

– Sua professora já explicou duas vezes o conteúdo da aula de matemática, ela já está impaciente com a situação, mas você continua sem entender o que ela quer dizer.

Como você agiria? Como você acha que ela deveria agir para facilitar sua aprendizagem?

– Seu amigo começou a namorar uma garota com quem você não se dá de jeito nenhum. Ele chamou você para saírem todos juntos (inclusive a dita garota), como costumavam fazer anteriormente, quando ele sabe que você não se dá com ela.

Como você agiria? Como você acha que ele deveria ter agido nessa situação?

– Um colega de trabalho, do mesmo nível e função que você, costuma mostrar para o patrão que o que ele faz sempre é melhor do que o que você faz, pois pensa que assim poderá se manter no emprego, quando as coisas piorarem na empresa.

Como você agiria? Como você acha que esse colega deveria fazer para ele se manter no emprego sem prejudicar você?

– Seu irmão mais novo mudou de religião e agora está sempre tentando convencer você de que ele está certo e que você está errado, pois ele acredita que está fazendo o bem.

Como você agiria? Como você acha que ele deveria agir?

– Seu colega de escola faz um comentário desabonador sobre outro colega - algo que é íntimo e pessoal - diante de outros colegas, inclusive você. Porém, ninguém se manifesta nem a favor, nem contra, nem confirma, nem desmente.

Como você agiria? Como você acha que seus outros colegas deveriam agir para mudar a situação?

Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina

Brigido Vizeu Camargo

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Pedro Humberto Farias Campos

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – GO, Brasil

Tatiana de Lucena Torres

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, Brasil

Giovana Delvan Stuhler

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Maria Eliane Liégio Matão

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – GO, Brasil

Resumo

O objetivo do presente estudo foi caracterizar os comportamentos de risco e de prevenção, conhecimentos e crenças relacionadas à saúde e ao cuidado, considerando aspectos de vulnerabilidade masculina, para homens de diferentes grupos etários nas cidades de Florianópolis/SC e Goiânia/GO. Trata-se de um estudo multicêntrico de natureza exploratória, descritiva e comparativa, do tipo de levantamento de dados. Utilizou-se questionário semiestruturado e autoadministrado em situação coletiva. As respostas foram analisadas através de estatística descritiva e relacional, as questões abertas e de evocação livre foram analisadas por meio de classificação hierárquica descendente, análise de correspondência e análise lexicográfica, respectivamente. Os resultados indicam que, para os homens, é importante manter hábitos saudáveis (cuidados com alimentação e atividade física), porém, a prática não acompanha o posicionamento dos mesmos, e, em Goiânia, esta dissonância é mais evidente. Para os participantes, sobretudo adolescentes, a juventude se apresenta como proteção, de forma que este homem não necessita de cuidados e se sente onipotente. Entre as cidades de Goiânia e Florianópolis, houve mais aproximações do que distanciamentos nos resultados, mas, entre os grupos etários as diferenças são substanciais. Conclui-se que ações de promoção em saúde masculina devem considerar a rede social do homem, em especial a família.

Palavras-chave: Saúde, Homem, Representações sociais, Vulnerabilidade.

Social representation of health and care: a multicenter study of male vulnerability

Abstract

The aim of this study was to characterize risks and preventions behaviors, knowledge and beliefs about health and care, considering aspects of male vulnerability, for men of different ages groups in Florianópolis/SC and Goiânia/GO. This study is multicenter exploratory, descriptive and comparative, of the data collection type. Questionnaires semi-structured was used and self-administrated in

Endereço para correspondência: Brigido Vizeu Camargo. Av. Salvador Di Bernardi, 505, ap. 1.102. São José/SC. Brasil. CEP 88101-260. Emails: brigido.camargo@yahoo.com.br / tltorres@cchla.ufrn.br. Telefone: +55 48 37219067.

Projeto financiado pelo CNPq e Ministério da Saúde (SCTIE-DECIT).

collective situation. The answers were analyzed into descriptive and relational statistics, the open questions and free recall were analyzed using descending hierarchical classification, correspondence and lexical analysis, respectively. The results show that for men it is important to maintain healthy habits (to take care of the diet and physical activity), nevertheless the practice does not keep the same position, and in Goiânia, this dissonance is most obvious. For the participants, especially adolescents, youth is presented as a protection, so that this man does not need to take care of himself and may feel omnipotent. Between the cities of Goiânia and Florianópolis, there were more approximations than distances onto the results, but among the age groups the differences were substantial. It can be concluded that the male health promotion actions must consider the male social networks, especially the family.

Keywords: Health, Man, Social representation, Vulnerability.

Introdução

Os homens, durante muitos anos, não foram considerados como prioridade nas políticas públicas em saúde, pelo menos, ao deixar de ser criança ou quando ainda não fosse idoso. Atualmente, muitas discussões estão ocorrendo sobre a necessidade de priorizar a saúde masculina como uma meta para as políticas públicas, fato que corroborou para o desenvolvimento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasil, 2009). A expectativa é de que a partir da mudança no enfoque dessas políticas, também ocorra uma modificação na forma como os homens lidam com a própria saúde, diminuindo as diferenças apresentadas em praticamente todos os indicadores epidemiológicos nacionais que comparam mortalidade e morbidade entre homens e mulheres (Laurenti, Mello Jorge, & Gotlieb, 2005). Além disso, há uma mudança demográfica acontecendo no Brasil apontando para um aumento do envelhecimento populacional decorrente da queda da fertilidade, da redução das taxas de mortalidade infantil e do aumento da expectativa de vida.

Estudar grupos e sua vulnerabilidade tem se mostrado um meio importante de aprofundar questões que caracterizem as necessidades, o risco e a prevenção, de modo que, programaticamente, essas pessoas tenham um atendimento mais efetivo e os serviços de saúde sejam mais eficientes. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi compreender os fatores concernentes ao comportamento de risco e de prevenção, conhecimentos e crenças relacionadas à saúde e ao cuidado, de forma a caracterizar aspectos de vulnerabilidade masculina, considerando homens de diferentes grupos etários das cidades de Florianópolis/SC e Goiânia/GO.

Saúde do homem, grupos etários e vulnerabilidade

O conceito de saúde como um bem-estar biopsicossocial proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é amplamente utilizado, no entanto, de acordo com Scliar (2007), a saúde não significa a mesma coisa para todas as pessoas, nestes significados interferem a época, o local, os valores individuais e questões sociais, políticas e culturais. De forma complementar, Badziak e Moura (2010) consideram que as definições de saúde “variam em diferentes sociedades, bem como no interior de uma mesma sociedade”, e argumentam que “é indispensável compreender o que a saúde significa e representa dentro de uma sociedade antes de elaborar uma política que vise alcançá-la” (p.70).

Caponi (2003) discute que na tentativa de superar a dicotomia saúde-doença, em que o conceito de uma seria o oposto da outra, houve uma reflexão acerca da saúde, que a referida autora intitula de reflexão filosófica. Ayres (2007) considera que é preciso superar o modelo médico, e por isso afirma que o fenômeno saúde, diferente da doença, é muito mais complexo e difícil de se identificar. Mais do que uma caracterização objetiva, a saúde perpassa o contexto social, cultural e histórico, localizado num determinado espaço e no tempo.

Muitos estudos evidenciam que os comportamentos de risco, tais como a ingestão de bebida alcoólica e tabagismo, são mais disseminados entre homens (Bastos, Bertoni, & Hacker, 2008; Courtenay, 2000). E que, em oposição, as práticas saudáveis estão mais presentes entre as mulheres (Mendoza-Sassi, Béria, Fiori, & Bortolotto, 2006), o que reflete a taxa de mortalidade menor neste grupo, embora apresente maiores índices de

morbidade e taxas de utilização dos serviços de saúde. Uma possível explicação para estas diferenças está no fato de que homens e mulheres conceituam e expressam o fenômeno da saúde de maneira distinta, o que pode ser resultado das experiências pessoais e da variabilidade social que os permeia e que são herdeiros (Pires & Mussi, 2008). Estudos recentes indicam que a perspectiva de uma saúde “medicalizada” persiste quando os cuidados se referem à saúde do homem (Schraiber et al., 2010) e indicam que o homem assume certa invisibilidade nas políticas públicas, especialmente em sua participação efetiva na busca pelo atendimento e cuidado de si e de outros (Couto et al., 2010).

Alguns estudos explanam que comumente o tabagismo e o uso de bebidas alcoólicas iniciam-se na adolescência e acompanham a pessoa durante o seu desenvolvimento, como um comportamento de risco que limita os cuidados em saúde (Oliveira, Soibelman, & Rigoni, 2007; Falcão & Costa, 2008; Pires & Mussi, 2008).

Segundo Ayres, França-Junior, Calazans e Saleti-Filho (1999), a vulnerabilidade é constituída considerando o indivíduo-coletivo e, portanto, envolve componentes individuais, sociais e programáticos. O componente individual relaciona-se com os valores pessoais e recursos preventivos, considerando o acesso à saúde e amparo social, conforme condições de ordem cognitiva e comportamental. O componente social interliga os planos individuais aos sociais e consideram o acesso à informação ou o desenvolvimento social, por exemplo. O componente programático envolve o comprometimento, utilização de recursos, gestão e monitoramento dos programas.

A informação e o conhecimento são aspectos relevantes no estudo sobre a vulnerabilidade masculina em saúde, sendo, portanto, imprescindível compreender aspectos como: representações sociais da saúde, normas subjetivas sobre cuidado, além dos comportamentos de risco e de prevenção apresentados pelos homens.

Representações sociais e crenças normativas em saúde

O conceito de representação social (RS) apresentado por Moscovici (1978, 1981) indica que as representações reapresentam um objeto, uma qualidade, um ser, atualizando o

significado destes. As representações são estruturadas pela mediação entre sujeito e objeto, a partir da ação discursiva, a qual se manifesta por meio da linguagem “encarnada” nas práticas do cotidiano. Segundo Jodelet (2009), as representações sociais não são criadas por indivíduos isolados, mas sim compartilhadas por grupos e reafirmadas pela tradição destes grupos, onde o pensamento construído é gerido no “jogo das emoções, dos afetos, dos sentimentos, dos desejos, do imaginário, e dos fatores identitários” (p. 78) constituindo assim, a subjetividade individual e coletiva.

De acordo com a abordagem estrutural, os conteúdos de uma representação social se estruturam em elementos hierarquizados em um núcleo central e em torno deste se organizam elementos periféricos (Abric, 2003). O núcleo central é coerente e denota a homogeneidade de grupos que partilham as mesmas representações, enquanto no sistema periférico, seus elementos se organizam mais distantes do núcleo central, sendo mais concretos, acessíveis, vivos e flexíveis (Abric, 2003; Campos & Rouquette, 2003).

Entre os homens, alguns comportamentos e crenças relacionados à saúde incluem a negação da fraqueza e vulnerabilidade, a aparência de ser forte e robusto, o controle físico e emocional, a negação da necessidade de ajuda e a demonstração de comportamentos agressivos. Demonstrem domínio e hegemonia, como também reforçam o apego às crenças culturais de que os homens são mais poderosos e menos vulneráveis que as mulheres, que a estrutura dos corpos masculinos é mais eficiente e exige menos cuidados e, desta forma, é superior ao corpo feminino. Deste modo, o homem renuncia aos cuidados com sua saúde e passa a acreditar que estes não são necessários, para, assim, rejeitar o que é típico de mulher (Courtenay, 2000; Schraiber et al., 2010; Couto et al., 2010).

Método

O delineamento da presente pesquisa caracteriza-se por ser um estudo multicêntrico de natureza exploratória, descritiva e comparativa; do tipo de levantamento de dados. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado e autoadministrado em situação coletiva. As questões dividiram-se entre: (1) perguntas

sobre as características sociodemográficas dos participantes; (2) teste de evocação livre com a palavra “saúde” como termo indutor; (3) questões de múltipla escolha e dissertativas sobre saúde, cuidado em saúde, prevenção, vulnerabilidade e risco.

O presente estudo seguiu a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS 196/96), sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Goiás sob o nº. 0510.

Depois da elaboração do questionário, fases de pré-teste e do contato com as instituições, os participantes responderam ao questionário logo após o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em ambos os municípios (Goiânia e Florianópolis), a coleta de dados ocorreu em instituições de educação, públicas e privadas. Responderam ao questionário homens de diferentes faixas etárias, obedecendo a critérios para cada grupo geracional. No grupo 1 (adolescentes), estudantes do ensino médio; no grupo 2 (adultos), estudantes, funcionários e professores; e no grupo 3 (idosos a partir de 60 anos), frequentadores de núcleos de estudos, universidades ou de grupos de terceira idade. A aplicação, para a maior parte dos participantes, ocorreu em situação coletiva e autoadministrada. Sobretudo para os idosos, a aplicação ocorreu em pequenos grupos, e ocasionalmente de forma individual, com auxílio dos aplicadores.

Para análise dos dados, foram considerados o grupo etário e cidade, como principais variáveis de comparação. Os dados coletados por meio de questões de múltipla escolha foram analisados por estatística descritiva e relacional, empregando-se o *software* SPSS 17.0. As respostas às questões abertas foram analisadas por meio da classificação hierárquica descendente, empregando o *software* ALCESTE e análise de correspondência binária através do *software* SPAD 7.0. Quanto à análise do teste de evocação livre, realizou-se uma análise lexicográfica considerando a frequência e a ordem média de evocação das palavras, através do *software* EVOCATION 2000 e Similitude (Vergès, Scano, & Junique, 2002).

Resultados

Participaram deste estudo 639 homens que se dividiram de forma pareada considerando a

cidade (Florianópolis e Goiânia) e o grupo etário (adolescente, adulto e idoso). A média de idade dos adolescentes foi de 16 anos e 8 meses, de 38 anos e 3 meses entre os adultos, e, entre os idosos de 67 anos e 9 meses. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as cidades [$t(637)=0,52$; $p>0,05$].

No que se refere à escolaridade, verificou-se que, 89,8% dos adolescentes tinham o ensino fundamental completo, 7,4% destes apresentavam o ensino médio completo, e, 2,8% cursavam o ensino superior. Entre os adultos, 17,2% tinham o ensino fundamental completo, 30,6% tinham o ensino médio completo, e, 52,2% apresentavam o ensino superior também completo. No grupo etário de idosos, 31,6% tinham ensino fundamental completo, 29,2% ensino médio, e, 39,2% ensino superior.

A situação socioeconômica dos participantes, indicada pela renda familiar dos mesmos, é equivalente entre as cidades, considerando os dois primeiros grupos etários (adolescentes e adultos). Entre os adolescentes [$\chi^2(3)=0,91$; $p>0,05$] e os adultos [$\chi^2(3)=6,61$; $p>0,05$] não houve associação significativa entre estas duas variáveis. No entanto, entre os idosos, observaram-se diferenças relevantes, a proporção daqueles que apresentam renda familiar de oito salários mínimos ou mais é bem maior em Florianópolis (76,6%) do que em Goiânia (50%). Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre cidade de residência e renda familiar neste grupo etário, e esta associação apresentou uma força regular [$\chi^2(3)=21,02$; $V=0,31$; $p<0,001$].

Considerando-se o grupo etário, a cidade e com quem reside, a maior parte dos adolescentes das duas cidades (Florianópolis e Goiânia) mora com os pais (respectivamente 95,1% e 82,3%). Quanto aos adultos e idosos, também em relação às duas cidades, a maior parte mora com o cônjuge (respectivamente 63,9% e 69,1%). Entre os adultos, quase 40% dos participantes de Florianópolis moram também com os filhos, e este mesmo fato ocorre com metade dos participantes de Goiânia. Entre os idosos, além de morarem com o cônjuge, mais da metade dos participantes de Goiânia moram com os filhos (51,9%), fato proporcionalmente mais restrito na cidade de Florianópolis (32,4%). Em Goiânia, a proporção de idosos que moram sozinhos, com outros familiares mais distantes ou com outras pessoas não familiares é bem

menor do que em Florianópolis (respectivamente 14,8% e 23,6%).

Considerando o tipo de serviço de saúde utilizado pelos participantes dos diferentes grupos etários, em Florianópolis os adultos utilizam mais os serviços de saúde pública (53,2%) do que o serviço particular (46,8%). No entanto, adolescentes e idosos de ambas as cidades utilizam mais planos de saúde do que o SUS. Houve uma fraca associação entre grupo etário e serviço de saúde utilizado para os participantes de Florianópolis [$\chi^2(2) = 10,41$; $V = 0,18$; $p < 0,05$], indicando que, nesta cidade, a utilização do serviço de saúde público pelos adultos se destacou dentre os demais grupos.

Nos três grupos etários, a alimentação saudável e fazer exercícios regulares foram considerados pela maioria dos participantes como cuidados de saúde. Embora os adolescentes relatem que fazer exercícios regulares é importante para se cuidar da saúde (81,6% em Florianópolis e 64,9% em Goiânia), quando questionados sobre o quanto os mesmos efetivamente praticam exercícios, proporções menores afirmaram que realizam este tipo de atividade regularmente (69,9% em Florianópolis e 54% de Goiânia). Entre os adultos, não há diferença na realização de atividade física, tanto em Florianópolis, quanto em Goiânia, aproximadamente 1/3 dos participantes declara fazer atividade regularmente (35,8% e 37%, respectivamente). Houve uma associação com força regular entre a prática de atividade física e o grupo etário, tanto em Florianópolis [$\chi^2(4) = 30,14$; $V = 0,21$; $p < 0,001$], quanto em Goiânia [$\chi^2(4) = 13,51$; $V = 0,20$; $p < 0,01$], isto porque em ambas as cidades os idosos se destacam nesta prática.

Observa-se ainda, entre todos os grupos etários, a compreensão de que ir ao médico quando se está doente consiste num importante cuidado de saúde. E ainda entre os adultos e idosos, a realização de *check-up* médico de forma periódica foi considerado também um cuidado com a saúde para a maior parte dos participantes destes grupos, e à medida que estes homens envelhecem, torna-se mais comum a realização de tais exames periódicos.

Em relação à fonte de informação sobre cuidados com a saúde, para adolescentes e adultos de ambos os locais, a família possui papel fundamental na comunicação de tais cuidados, fato que não ocorre com os idosos de Florianópolis, uma vez que estes declararam

receber informações principalmente dos profissionais de saúde. Ou seja, o papel da família é atenuado na medida em que a pessoa envelhece, e simultaneamente o papel do profissional de saúde é destacado enquanto fonte de informação sobre cuidados com a saúde.

Quando os participantes consideraram as crenças normativas sobre o cuidado em saúde, verificou-se que, para os mesmos, sua família percebe como importante: (a) cuidado com alimentação e realização de atividade física; (b) realização de avaliação médica anualmente; e, (c) tomar remédios quando estiver doente. A grande maioria dos três grupos etários e das duas cidades afirmou que o cuidado da saúde pelos homens significa, em primeiro lugar, que os mesmos se preocupam consigo.

Além disso, novamente fica evidente o papel da família como transversal ao autocuidado masculino em saúde, pois, além do tempo disponível para as ações de prevenção, principalmente o estímulo e incentivo da família promovem o comportamento preventivo masculino.

As crenças normativas sobre a consulta médica regular originaram o conteúdo textual submetido à análise fatorial de correspondência binária (AFC) pelo SPAD 7.0, considerando como variáveis ativas: cidade, grupo etário, tipo de serviço de saúde utilizado, percepção sobre crenças familiares de cuidados masculinos em saúde, frequência à consulta de saúde, prática de exercícios físicos e cuidados de saúde. As variáveis apresentaram as seguintes modalidades: (a) cidade (Florianópolis e Goiânia); (b) grupo etário (adolescente, adulto e idoso), e, (c) serviços de saúde (público/SUS e privado/plano de saúde).

O Φ^2 total da análise foi de 0,042 e 14 fatores foram extraídos, sendo que os cinco primeiros fatores explicam aproximadamente 70% da porção de inércia. O primeiro fator foi o mais representativo na AFC, pois explica sozinho 31,74% da variância, com autovalor de 0,013. O segundo fator explica 13,56% da proporção de inércia, com autovalor de 0,005.

A Figura 1 mostra a representação gráfica dos dois primeiros fatores no plano cartesiano. O primeiro fator apresenta as dimensões: com importância X sem importância e o segundo fator apresenta as dimensões: dispensável X normal. As palavras que contribuíram para o fator 1 estão sublinhadas, as palavras em *itálico* contribuíram para o fator 2, as palavras

sublinhadas e em *itálico* contribuíram para os dois fatores; e as palavras com fonte maior são as modalidades de variáveis.

No fator 1, observa-se uma oposição dos adolescentes em relação aos adultos e aos idosos, além da contraposição de fazer e não fazer *check-up*, considerando-se as cidades e o serviço de saúde. No referido fator, a primeira dimensão se refere à perspectiva de que a maioria das pessoas deve ir ao médico periodicamente, de outro lado, na segunda dimensão ir ao médico quando não se está doente é uma loucura e o normal é procurar um médico quando realmente precisar, descaracterizando a importância das consultas preventivas. Porém, para os usuários do serviço particular, ir ao médico é normal, mas é necessário ter dinheiro para pagar esse serviço de forma periódica e preventiva. Para esses participantes o certo é fazer exames periódicos para prevenir às doenças.

Pode-se observar, na Figura 1, que no lado esquerdo superior, os elementos que retratam as

condutas preventivas localizam-se próximos ao plano fatorial (prevenir, certo, fazer, necessário, viver), assim como ficam próximos ainda das modalidades referentes à cidade (Goiânia) e serviço de saúde utilizado (plano de saúde/particular). Ainda na parte superior, aparecem os elementos: “dinheiro, exames, pessoal, perder, preocupação”, indicando como essa perspectiva mais favorável aos cuidados de saúde envolvem as pessoas que podem pagar por um plano de saúde.

Na parte inferior direita, se destacam os participantes de Florianópolis que acreditam que os homens que frequentam consultas médicas sem estarem doentes são pessoas estimuladas pela família e que têm hábitos saudáveis, mas não fazem *check-up* de forma periódica e utilizam de forma prevalente o SUS. Ainda no plano inferior, alguns elementos (problema e besteira) indicam que este serviço é procurado apenas quando existe um problema de saúde.

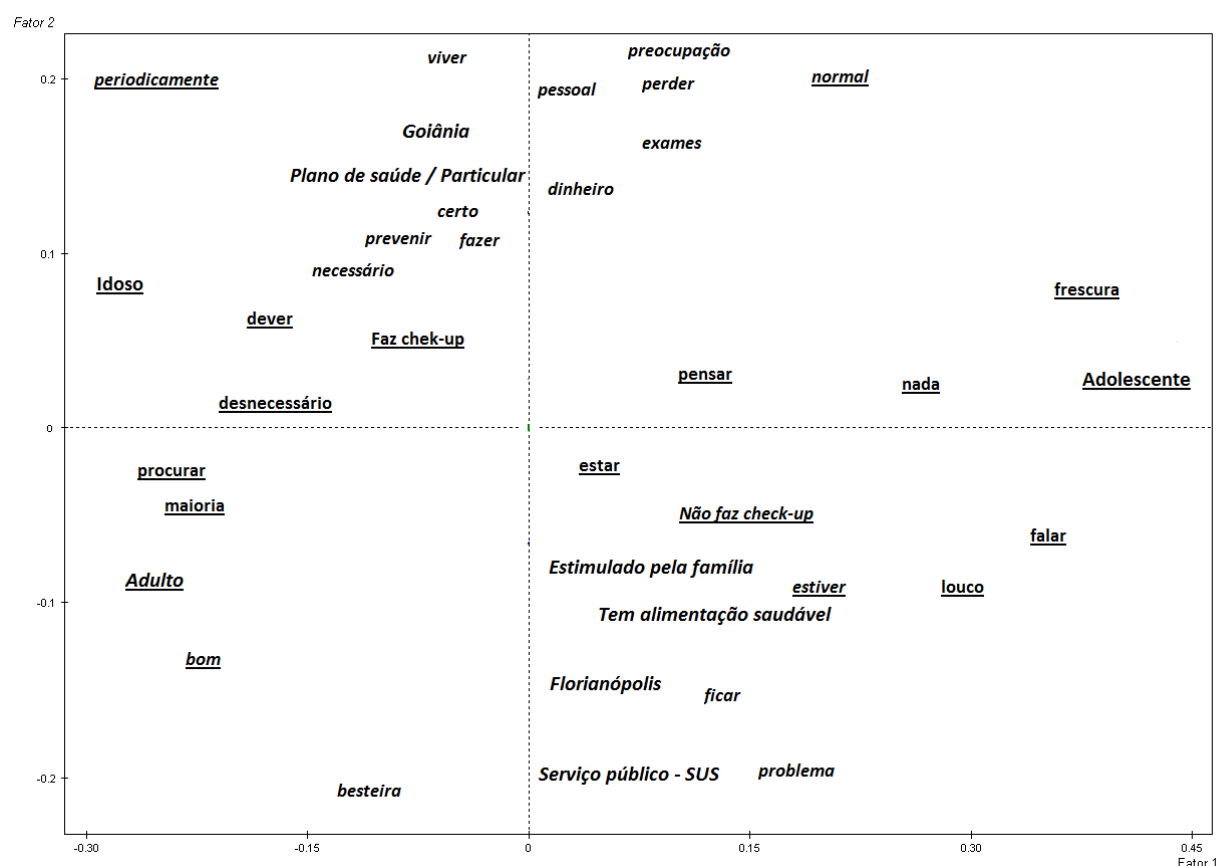


Figura 1 - Representação gráfica do plano fatorial 1x2 da análise de correspondência (palavras X elementos).

Os adolescentes parecem não possuir nenhuma crença constituída sobre o assunto, quando afirmam que não pensam nada, mas também falam que é uma “frescura” ou que se trata de uma loucura. Os adultos apresentam uma posição mais favorável, representada no gráfico pelos elementos: “procurar, maioria, bom”, mas também aparece o elemento “desnecessário”. O idoso faz *check-up* de forma periódica e acredita que procurar o serviço de saúde sem estar doente é necessário e até um dever.

Família e cuidados com a saúde

Um *corpus* constituído a partir das respostas sobre os ensinamentos familiares nos cuidados em saúde foi submetido à análise de classificação hierárquica descendente (CHD), por meio do *software* Alceste.

A análise encontrou 6.379 ocorrências de palavras sendo 1.094 formas distintas, a frequência média foi de seis palavras para cada forma, as palavras consideradas na análise foram aquelas com 12 ou mais ocorrências. Este *corpus* foi dividido em 629 unidades de contexto elementares (UCE) e destes 536, ou seja, 85,21% do total de UCE foram considerados na classificação hierárquica descendente (CHDs). Através da Figura 3, pode-se visualizar o dendograma com as classes obtidas.

De acordo com os conteúdos das classes, verifica-se que os ensinamentos da família em relação aos cuidados sobre saúde envolvem primeiramente os cuidados básicos de higiene corporal (Classe 3), os comportamentos de risco que devem ser evitados, (bebida alcoólica, tabaco ou drogas) (Classe 6), que se contrapõe aos cuidados efetivos sobre saúde (prevenção e atendimentos médicos) (Classe 4), as práticas saudáveis, como alimentação adequada e atividade física regular (Classes 5 e 1), além dos cuidados com a higiene dos alimentos (Classe 2).

A classe 6 (Comportamentos de risco) representa 20,15% dos segmentos de texto do *corpus* analisado e envolve os comportamentos de risco que devem ser evitados como um dos ensinamentos mais consistentes realizados pela família.

A classe 4 (Consulta médica quando necessária) foi característica de adolescentes, de participantes que tinham situação socioeconômica relativa à renda familiar de quatro a oito salários mínimos, e dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Procurar o médico quando necessário foi caracterizado pelos participantes como um dos ensinamentos abordados pela família, para os mesmos é preciso procurar o médico como uma forma de prevenção, além de tomar remédios quando necessário, no entanto, a procura pelo serviço médico ainda está ligada às doenças e a presença de sintomas.

A classe 5 (práticas saudáveis) apresentou a contribuição dos adultos de forma predominante. Esta classe evidenciou os comportamentos preventivos associados à saúde como cuidados repassados pela família. Para se ter uma vida saudável, considerou-se que é preciso manter uma alimentação adequada e fazer exercícios.

De certa forma, a classe 1 (Cuidados com alimentação e atividade física) complementa a classe 5 (práticas saudáveis), pois ambas retratam o que fazer para se ter saúde. No entanto, na classe 1 o corpo passa a ser o centro dos cuidados. Um corpo saudável é reflexo da atividade física e da prática de esportes, aqui fica claro, que para os participantes a atividade física seria promotora muito mais de saúde do que da estética ou do embelezamento do corpo. O conteúdo da classe indica que os participantes entendem a prática de atividade física como um ensinamento repassado pela família, principalmente o incentivo para realizações de práticas esportivas. Os adolescentes e as pessoas de situação socioeconômica referente à classe média alta estiveram mais associados a esta classe.

A classe 2 (Cuidados de higiene) de certa forma complementa a classe 3 (Higiene com o corpo), pois ambas caracterizam a higiene como ensinamento familiar. As pessoas associadas a esta classe são aquelas com condição socioeconômica mais alta. Nesta classe, os participantes retratam uma preocupação da família quanto aos cuidados com a alimentação, com a limpeza e higienização dos alimentos, uma vez que estes podem ser “transmissores” de doenças.

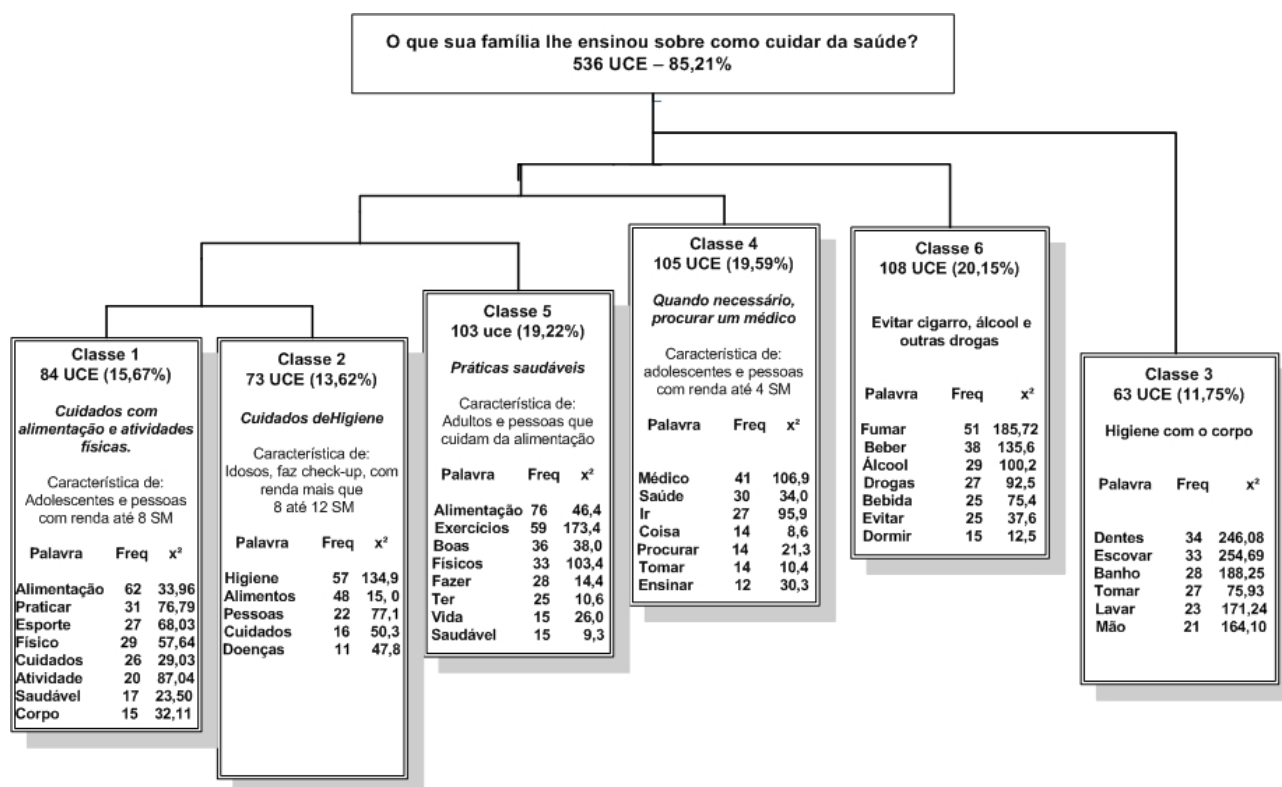


Figura 2 - Dendrograma da CHD do corpus ensinamentos familiares sobre cuidados em saúde.

Vulnerabilidade masculina e comportamentos de risco

Quando questionados sobre alguns comportamentos de risco, como a ingestão de bebida alcoólica e o uso de tabaco, os números indicam um predomínio em todos os grupos etários de um comportamento restritivo em relação ao consumo de tais substâncias.

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, a maior parte dos adolescentes de ambas as cidades (Florianópolis e Goiânia) afirma que não costuma ingerir bebidas alcoólicas (respectivamente 56,3% e 47,8%); no entanto, um número expressivo de adolescentes afirma beber quinzenalmente ou semanalmente (respectivamente 30% e 40%).

Pouco mais de 30% dos adultos e quase 60% dos idosos alegaram não beber; mas acompanhando os dados dos adolescentes, quase 40% dos adultos e pouco mais de 20% dos idosos bebem semanalmente. Com relação ao tabagismo, 8,8% dos participantes de Florianópolis e 11% de Goiânia se consideram fumantes, sendo válido ressaltar que este número não inclui as pessoas que pararam de fumar (8,6% dos adolescentes, 21,6% dos adultos e 69,8% dos idosos).

Ao verificar a relação do consumo de cigarros considerando o grupo etário, constatou-se que houve associação estatisticamente significativa e com força regular na cidade de Florianópolis [$\chi^2(2)=17,85$; $V=0,27$; $p<0,001$]; diferente da cidade de Goiânia [$\chi^2(2)=0,04$; $p>0,05$], onde não houve associação entre as variáveis mencionadas. Isto se deve ao fato de haver, em Florianópolis, proporcionalmente, um maior número de fumantes no grupo etário dos adultos do que entre os adolescentes e idosos; coisa que não se verifica em Goiânia.

Representações sociais da saúde

A partir da questão de evocação livre através da palavra indutora “saúde”, buscou-se caracterizar as representações sociais da saúde para os homens dos três grupos etários nas cidades pesquisadas. Primeiramente, obteve-se 1.619 evocações com 247 palavras diferentes e uma frequência média de aproximadamente sete evocações.

A tabela 1 apresenta o diagrama com os quadrantes classificados de acordo com a frequência e ordem média de evocação de palavras. Foi utilizado o dobro da frequência

mínima (4) como critério para a apresentação de um elemento na tabela, a frequência intermediária para distinguir elementos com frequência alta e baixa foi 16 e a ordem média de evocação foi de 2,9.

No quadrante superior esquerdo, que apresenta os elementos mais frequentes e mais importantes, indicando os elementos que podem fazer parte do núcleo central, destacam-

se os elementos: alimentação, bem-estar, exercício físico, hospital e vida que juntos constituem 35% das evocações. Enquanto os elementos alimentação, exercício físico, bem-estar e vida se relacionam com os comportamentos preventivos e promoção de saúde, o elemento hospital se relaciona com uma perspectiva curativa e medicalizada da saúde.

Tabela 1 - Diagrama de quadrantes segundo frequência e ordem média de evocação.

OME < 2,9				OME ≥ 2,9		
	Elemento	<i>F</i>	OME	Elemento	<i>F</i>	<i>OME</i>
<i>f</i> ≥ 16	Alimentação	193	2,37	Médico	89	2,91
	Bem-estar	113	2,40	Remédio	74	3,20
	Exercício físico	92	2,55	Cuidado	64	2,90
	Hospital	91	2,89	Alegria	60	3,13
	Vida	78	1,74	Lazer	45	3,73
	Doença	69	2,56	Trabalho	41	3,07
	Esporte	65	2,64	Família	34	3,20
	Felicidade	54	2,81	Paz	25	3,00
	Higiene	46	2,82	Dinheiro	21	3,71
	Disposição	40	2,67	Sexo	21	3,33
	Prevenção	39	1,94	Morte	21	3,71
	Saudável	34	2,79	Atendimento	20	2,95
	Qualidade de vida	29	2,06	Longevidade	20	3,40
	Tranquilidade	29	2,69	Exame	18	4,00
	Importante	19	2,15	SUS	16	3,25
	Plano de saúde	18	2,88	Amor	16	3,31
	Descaso	18	2,61			
<i>f</i> < 16	Fila	15	2,86	Qualidade	15	3,33
	Preocupação	13	2,84	Prazer	15	3,66
	Necessário	10	2,50	Posto de saúde	14	3,21
	Tudo	10	2,30	Proteção	14	3,35
	Mau atendimento	9	2,11	Educação	13	2,92
	Vigor	9	2,33	Força	13	3,15
	Respeito	9	2,77	Segurança	12	3,08
	Tratamento	9	2,00	Dificuldade	11	3,27
	Precariedade	8	2,50	Dormir bem	11	4,00
	Fundamental	8	1,00	Satisfação	10	3,40
	Dor	8	2,50	Enfermeiro	10	3,70
				Consulta	10	2,90
				Capacidade	10	3,10
				Caminhar	10	3,60
				Atividade	10	2,90
				Cura	9	3,11
				Vergonha	9	3,22
				Academia	8	3,12
				Caos	8	3,25
				Confiança	8	3,87
				Evitar fumar	8	3,37

O quadrante superior direito, denominado de primeira periferia, apresenta os elementos evocados que se relacionam com o aspecto curativo e com aspectos mais funcionais da saúde, como o profissional de saúde, a medicação e os exames. No entanto, em meio a estes elementos, outros elementos relacionados a uma questão mais subjetiva e individual também aparece no referido quadrante, a exemplo, do amor, paz, alegria. E ainda associada às condições socioeconômicas e ao tipo de serviço de saúde utilizado. Na periferia mais distante, aparecem elementos relacionados aos problemas no serviço de saúde. Para visualizar a organização da representação social, foi realizada uma análise de similitude. Essa análise de coocorrência permitiu a visualização da organização da representação a partir da força com que os elementos se ligaram uns aos outros. Como é possível observar na Figura 3, houve uma separação dos elementos alimentação e bem-estar.

O elemento “bem-estar” envolve um aspecto mais subjetivo da representação social da saúde e que se relaciona com a “vida, alegria e envelhecimento”. Ao passo que “tratamento” se vincula ao “médico”, que se vincula aos “hospitais” e à “doença”, constituindo uma rede que envolve o aspecto curativo relacionado ao tratamento de doenças. Por fim, aparecem juntas as palavras: “higiene, cuidado e lazer”, todas ligadas à palavra “alimentação”,

envolvendo o aspecto preventivo da saúde, como diretrizes para se ter ou manter a saúde.

O elemento alimentação articula tanto palavras que indicam o aspecto preventivo da saúde, como seu aspecto curativo. Verifica-se também que “alimentação” aparece vinculada fortemente ao “esporte”, que foi uma palavra característica dos adolescentes.

Na intenção de realizar uma comparação dos elementos da representação social da saúde considerando a cidade e grupo etário, foram realizadas análises para verificar a relação entre as variáveis de acordo com as palavras evocadas, classificando assim, as palavras características de cada grupo e aquelas relacionadas com ambos os grupos.

Quando se comparam as evocações considerando os grupos etários, verifica-se que os adolescentes se destacam. As maiores diferenças envolvem as palavras: “doença, esporte, remédio e hospital”, em relação às palavras: “qualidade de vida, trabalho, família, prevenção e cuidado” mais evocadas pelos adultos.

Os adolescentes representam a saúde no âmbito curativo, mas também relacionada com o esporte e não com a atividade física. Além disso, o “trabalho” se distancia do adolescente e se aproxima do adulto, revelando o quanto este grupo relaciona a saúde com a produtividade laboral, e quanto o poder trabalhar se relaciona à manifestação de saúde e até mesmo com a qualidade de vida.

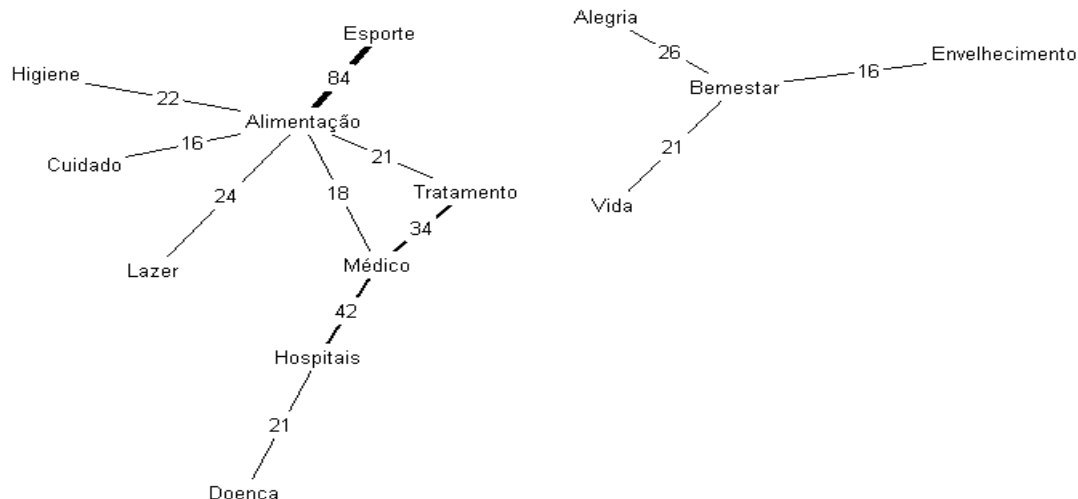


Figura 3 - Conexão entre elementos da representação social da saúde.

Discussão dos resultados

Independentemente da cidade onde reside, a maioria dos homens considera que uma alimentação saudável e a prática regular de atividade física constituem cuidados importantes para a saúde. Observou-se também que uma grande parcela dos homens revela que só procura o médico quando está doente. Este dado corrobora os achados de Gomes, Nascimento e Araújo (2007), que indicam a prevalência masculina na procura de serviços emergenciais como a farmácia e o pronto-socorro, por serem mais rápidos e acessíveis.

Parece existir certa dissonância entre o que se acredita que são os cuidados de saúde e aqueles efetivamente praticados. Embora todos os grupos tenham sinalizado para a necessidade de manutenção de hábitos saudáveis (cuidados com alimentação e prática regular de atividade física), a prática não acompanha o posicionamento dos mesmos, sendo que, em Goiânia, esta dissonância é ainda mais evidente.

O consumo de bebida alcoólica e o tabagismo são considerados como principais fatores de risco à saúde (Oliveira et al., 2007; Bastos et al., 2008), mas neste estudo o número de fumantes e o uso sistemático de bebida alcoólica foram abaixo do que o encontrado em outros estudos (CDC, 2003; RIPSa, 2008; OMS, 2008). Isto pode, em parte, ter relação com as campanhas que buscam influenciar as pessoas através do poder da informação, difundindo através da mídia impressa, televisiva e até eletrônica, os problemas de saúde advindos do uso do tabaco e o risco de segurança que o consumo de bebida alcoólica e a direção de um automóvel podem causar. Atualmente, especialmente o fumar tem sido uma prática recriminada pelas normas sociais, ao passo que, muitas vezes, a bebida alcoólica é incentivada na mesma proporção. Essa mudança de comportamento pode se enquadrar no que W. Stroebe e M. S. Stroebe (1995) denominam de modificação através de incentivos relevantes, como os econômicos ou legais.

Torna-se relevante considerar o número de ex-fumantes em ambas as cidades, especialmente entre os idosos de Florianópolis, o que remete ao argumento, já colocado, de que parece estar ocorrendo de forma gradativa uma mudança de comportamento relacionado ao consumo destas drogas lícitas. Também foi

possível observar, independente da cidade de residência, uma relação inversa entre o tabagismo e a prática regular de atividade física. Os fumantes praticam menos atividade ou são sedentários. Além disso, os fumantes parecem procurar com menor frequência o médico para consultas preventivas. Essas variáveis juntas permitem inferir que o tabagismo, além de ser um risco à saúde, inibe práticas saudáveis como a atividade física e a realização de consultas preventivas.

Para adultos e adolescentes, a família é a principal fonte de informação sobre cuidados em saúde, mas para os idosos, os profissionais de saúde assumem essa função. Entretanto, a família assume um papel central, na informação, incentivo ao autocuidado masculino, adoção de comportamentos preventivos e abandono de comportamentos de risco.

Para a maioria dos participantes, o autocuidado masculino significa uma autovalorização, e muito desse comportamento está relacionado com o estímulo dado pela família. Esses dados servem de indicativos sobre os meios de trabalhar a saúde masculina, uma vez que estudos já demonstraram que o homem se torna mais vulnerável às doenças, porque desempenha um papel social hegemônico de autossuficiência, chamado por Gomes, Nascimento e Araújo (2007) de “amarras culturais”; em que o homem é visto como ser viril, invulnerável e forte, de forma que procurar os serviços preventivos de saúde poderia associá-lo à fraqueza, medo e insegurança.

Os significados e crenças compartilhadas sobre saúde evidenciam essa “saúde masculina”, que, diferentemente da feminina, envolve autossuficiência. As crenças normativas sobre cuidado em saúde evidenciam diferenças entre os adolescentes em relação aos adultos e idosos. Para os primeiros, cuidar da saúde principalmente através de consultas e exames preventivos é desnecessário. Especialmente os usuários do SUS não realizam avaliações médicas periódicas.

As representações sociais da saúde para os homens evidenciam quatro perspectivas: (a) preventiva, (b) curativa/medicalizada, (c) subjetiva, e, (d) funcional. A primeira evidencia os comportamentos preventivos e hábitos saudáveis, a segunda uma visualização dos serviços, especialmente focados no hospital e na medicação, a terceira evidencia a saúde

enquanto condição de bem-estar e qualidade de vida, por último, a perspectiva funcional indica a saúde enquanto equipamento de prestação de serviços, sejam públicos ou privados, que demandam custo, tempo, ausência no trabalho e caracterizam a dimensão econômica como demarcador do acesso à saúde.

A vulnerabilidade masculina se caracteriza pela inconsistência entre a perspectiva de saúde como prevenção, atualmente incentivada pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, e a perspectiva de saúde pautada na medicalização (curativo) e nas características funcionais (poder econômico e acesso ao trabalho). Somando-se a isso, o cuidado é atribuído pelo homem à família, em especial às mães, que são fonte de informação sobre cuidados e “cuidadoras por essência”. Aos homens, em especial aos adolescentes e adultos jovens, resta seguir as expectativas de um contexto cultural e social muitas vezes perverso: o jovem como plenitude de força, virilidade e invulnerabilidade, que percebe o cuidar de si mesmo ou do outro como um atributo que não lhe cabe ou não lhe identifica.

Conclusões

O presente artigo teve por objetivo compreender as representações sociais da saúde, crenças normativas sobre cuidado e comportamentos preventivos e de risco apresentados por homens adolescentes, adultos e idosos, residentes em duas cidades de regiões distintas: Florianópolis e Goiânia. Para este homem percebido como viril, invulnerável, e voltado ao trabalho; os cuidados de saúde são minimizados e protelados para uma fase mais tardia do seu ciclo de vida. Para os participantes, sobretudo os adolescentes, a juventude se apresenta como uma proteção, de forma que este homem não necessita de cuidados e se sente onipotente diante do risco à própria saúde.

Entre as cidades de Goiânia e Florianópolis, houve mais aproximações do que distanciamentos nos resultados, no entanto, é importante continuar realizando estudos multicêntricos por apresentarem estas possibilidades de comparação. Entre os grupos etários, as diferenças são substanciais. Diante disso, torna-se necessário evidenciar, além das diferenças de gênero, também as diferenças etárias e de geração, numa perspectiva de que o jovem se sente menos vulnerável e o idoso

encontra-se mais acessível aos profissionais de saúde.

Uma política pública voltada para a promoção da saúde masculina deve considerar as concepções leigas dos protagonistas, como sua rede social, em especial a família, para modificar a perspectiva do homem “produtivo e eficiente” para a perspectiva do “homem saudável”. Esta pesquisa indica que as concepções dos homens sobre cuidados com a saúde estão mudando lentamente e que, em consequência disso, os comportamentos também se modificam. Sobretudo a família aparece como um ponto unificador entre as gerações.

Referências

- Abrie, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Orgs.), *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Ayres, J. R. C. M. (2007). Uma concepção hermenêutica de saúde. *Physis*, 17(1), 43-62.
- Ayres, J. R. C. M., França-Junior, I., Calazans, G. J., & Saletti-Filho, H. C. (1999). Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In R. M. Barbosa, & R. Parker. *Sexualidade pelo avesso: direitos, identidade e poder* (pp. 49-72). RJ: IMS/UERJ SP: Editora 34.
- Ayres, J. R. C. N., França-Junior, I., Calazans, G. J., Saletti-Filho, H. C. (2005). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In D. Czeresnia & C. M. Freitas (Orgs.), *Promoção de saúde: conceitos, reflexões e tendências* (pp. 117-139). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Badziak, R. P. F., & Moura, V. E. V. (2010). Determinantes sociais da saúde: um conceito para efetivação do direito à saúde. *R. Saúde Públ. Santa Cat.*, 3(1), 69-79.
- Bastos, F., Bertoni, N., & Hacker, M. A. (2008). Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista Saúde Pública*, 42 (supl 1), 109-117.

- Brasil, Ministério da Saúde (1996). Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos.
- Brasil, Ministério da Saúde (2009). Portaria 1.944 de 27 de agosto de 2009, que instituiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M. L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(3), 135-145.
- Caponi, S. (2003). A saúde como abertura ao risco. In D. Czeresnia (Org.), *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência* (pp. 55-77). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Centers for Disease Control and Prevention [CDC] (2003). *Behavioral risk factor surveillance system: prevalence data, tobacco use - 2003*. United States. Recuperado em 11 de Novembro de 2008, de <http://apps.nccd.cdc.gov/brfss>
- Courtenay, W. H. (2000, Abr./Jun.). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Soc. Sci. Med.*, 50(10), 1.385-1.401.
- Couto, M. T., Pinheiro, T. F., Valença, O., Machin, R., Nogueira da Silva, G. S., Gomes, R. et al. (2010). O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in)visibilidade a partir da perspectiva de gênero. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 257-70.
- Falcão, T. J. de O., & Costa, I. do C. C. (2008). O tabagismo em um município de pequeno porte: um estudo etnográfico como base para geração de um programa de saúde pública. *J. Bras. Pneumol.*, 34(2), 91-97.
- Gomes, R., Nascimento, E. F., & Araújo, F. C. (2007). Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(2), 565-574.
- Jodelet, D. (2009). Contribuição das representações sociais para o domínio da saúde e da velhice. In M. Lopes, F. Mendes, & A. Moreira (Coords.), *Saúde, educação e representações sociais*. Coimbra: Formasau.
- Laurenti, R., Mello Jorge, M. H. P., & Gotlieb, S. L. D. (2005). Perfil epidemiológico da morbimortalidade masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 35-46.
- Mendoza-Sassi, R. A; Béria, J. U., Fiori, N. S., & Bortolotto, A. (2006). Prevalência de sinais e sintomas, fatores sociodemográficos associados e atitude frente aos sintomas em um centro urbano no Sul do Brasil. *Revista Panamericana del Salud Pública / Pan American Journal of Public Health*, 20(1), 22-28.
- Moscovici, S. (1978). *La psychanalyse son image et son public* (2ª ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1981). On social representation. In J. P. Forgas (Org.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Oliveira, M., Soibelman, M., & Rigoni, M. (2007). Estudo de crenças e expectativas acerca do álcool em estudantes universitários. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(2), 421-433.
- Organização Mundial de Saúde (OMS) (2008). Epidemia global de tabagismo. Recuperado em 10 de Outubro de 2010, de http://www.inca.gov.br/tabagismo/publicacoes/OMS_Relatorio.pdf
- Pires, C. G. da S., & Mussi, F. C. (2008). Crenças em saúde para o controle da hipertensão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(sup 2), 2257-2267.
- RIPSA (2008). *Indicadores Básicos para a Saúde no Brasil: conceitos e aplicações* (2ª Ed.). Recuperado em 11 de novembro de 2008, de www.ripsa.org.br/fichaIDB/record.php?node=D.26&lang=pt

- Schraiber, L. B., Figueiredo, W. S., Gomes, R., Couto, M. R., Pinheiro, T. F., Machin, R. et al. (2010). Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária aos cuidados dos homens. *Cad. Saúde Pública*, 26(5), 961-970.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 17(1), 29-41.
- Stroebe, W., & Stroebe, M. S. (1995). Para além da persuasão: a modificação do comportamento de saúde. In W. Stroebe & M. S. Stroebe, *Psicologia social e saúde* (pp. 73-108). Lisboa: Instituto Piaget.
- Vergès, P., Scano, S., & Junique, C. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse des évocations*. Aix en Provence: Université Aix en Provence (Manual).

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Representações sociais de familiares acerca da loucura e do hospital psiquiátrico

Silvana Carneiro Maciel

Universidade Federal da Paraíba – PB, Brasil

Daniela Ribeiro Barros

Universidade Federal da Paraíba – PB, Brasil

Leoncio F. Camino

Universidade Federal da Paraíba – PB, Brasil

Juliana Rízia Félix de Melo

Universidade Federal da Paraíba – PB, Brasil

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar como os familiares de doentes mentais representam o louco, a doença mental e os hospitais psiquiátricos. A pesquisa foi realizada em uma instituição psiquiátrica particular e em uma instituição pública (CAPS), ambas situadas na cidade de João Pessoa (PB), participando 30 familiares de cada instituição. Utilizou-se o Teste de Associação Livre de palavras, com os seguintes estímulos: doente mental, louco e hospital psiquiátrico. Os resultados foram analisados através do programa Tri-deux-mots. Os dados mostraram que os termos “doente mental” e “louco” ainda são associados a representações negativas, sendo considerados como diferentes das demais doenças, predominando uma visão de medo e de rechaço. A doença mental encontra-se associada a uma dimensão negativa e estranha, que ameaça e desestabiliza. Em função disso, a exclusão do louco, concretizada pela sua internação em um hospital psiquiátrico, é o resultado de uma “percepção social” difusa, diluída pelas diversas instituições que associam a loucura ao lado negativo da razão.

Palavras-chave: Representação social, Louco, Doente mental, Hospital psiquiátrico.

Social representations of familiar members concerning madness and the psychiatric hospital

Abstract

This work had as purpose analyze as the familiar ones of mental sick people represent the insane person, the insanity and the psychiatric hospitals. The research was carried through in a particular psychiatric institution and a public institution (CAPS), both situated in the city of João Pessoa (PB), participating 30 family members of each institution. The Free Test of Association of words was used, with the following stimulations: mental, wild sick person and psychiatric hospital. The results had been analyzed through the Tri-deux-mots program. The data had shown that the terms “mental sick” and “insane person” still are associated with the negative representations, being considered as different of the too much illnesses, predominating a vision of fear and reject. The insanity meets associated to a negative and strange dimension, who threat and loose the balance. In function of this, the exclusion of the insane person, materialized for its internment in a psychiatric hospital, is the result of a “diffuse social perception”, diluted for the diverse institutions that associate madness to the negative side of the reason.

Keywords: Social representation, Insane person, Mental sick person, Psychiatric hospital.

Endereço para correspondência: Silvana Carneiro Maciel. R. Vereador Gumercindo B. Dunda, 378/1401- Bessa. João Pessoa (PB). CEP 58036-850. Email: silcamaciell@ig.com.br. Telefone: (83) 3246-4781/ 8807-4781.

Pesquisa Financiada pelo CFP (Conta Revista 2007).

Introdução

Ao longo da História, observa-se a prevalência de uma visão estigmatizada dos doentes mentais, levando a uma exclusão social desses indivíduos, fazendo-os viver à margem da sociedade dita “normal”. Até hoje, o tratamento se faz sobremaneira pela rotulação, pela supressão dos sintomas à base de medicamentos e pela manutenção dos doentes em uma instituição psiquiátrica asilar.

A atual configuração da saúde mental brasileira preconiza a inclusão do portador de transtorno mental na sociedade, buscando superar o modelo hospitalocêntrico de tratamento e inserir o contexto sociofamiliar e os novos paradigmas de assistência à saúde mental existentes. Desse modo, a família e os profissionais de saúde, assim como a sociedade em geral, são conclamados a aceitar uma forma mais humanizada de conceber a loucura, descobrindo modos de conviver com a diferença, de maneira mais satisfatória e adequada, dissipando os estigmas e os preconceitos em relação à figura do louco.

Entretanto, observa-se que existem sérios entraves sociais, emocionais e/ou culturais, que dificultam a implantação e a aceitação dessa nova política de assistência. Ainda hoje, a representação do doente mental na sociedade é negativa, pois ele é considerado como um ser sem razão/sem juízo, agressivo e, por isso, perigoso e incapaz de viver em sociedade, precisando ser excluído da família e da sociedade e mantido em instituições psiquiátricas (Maciel, S., Maciel, C., Barros, S., & Camino, 2008).

A relação da sociedade com o doente mental é categorizada em termos de “normal” *versus* “desviante anormal”. São tecidas representações como *louco*, *bizarro* e *agressivo*, o que gera um comportamento de medo e uma necessidade de separar o doente mental do meio social, excluindo-o. Essas representações certamente influenciam na forma de interagir com o doente mental, na atual sociedade.

Para Melman (2001), a sociedade atual não está preparada para o desafio de acolher e cuidar das pessoas acometidas por transtorno mental grave. Ainda predomina a visão preconceituosa em relação ao fenômeno da doença mental, o que continua propiciando o processo de exclusão e de marginalização

social e afetiva dessas pessoas que necessitam de atenção psiquiátrica.

Tendo este pano de fundo, observa-se que a Reforma Psiquiátrica¹ encontra-se num processo em evolução, suscitando debates e discussões em toda a sociedade. Diante do novo modelo de assistência preconizado pelos ideais da Reforma Psiquiátrica, a participação da comunidade e da família passou a ser enfatizada nos cuidados com o doente mental. Todavia, há uma preocupação dos profissionais e pesquisadores da área em pensar nas condições de egresso do doente mental, quando ele vai da instituição psiquiátrica para a sociedade e, mais especificamente, para a família. Essa preocupação se concentra justamente em saber como a família vai lidar com a nova responsabilidade, sendo ela também alvo de preconceito e geralmente tendo dificuldades financeiras e emocionais. Maciel, Barros, Silva e Camino (2009) destacam que está ocorrendo um grande choque entre as propostas da Reforma Psiquiátrica e a devolução ou a manutenção do doente mental na família e na sociedade. O doente mental está sendo entregue à família e à sociedade sem que se tenha o devido conhecimento de suas reais necessidades e condições, em termos materiais, psicossociais, de saúde e de qualidade de vida.

Pensar sobre a participação da família no tratamento de pacientes psiquiátricos e na sua reinserção social representa um passo importante. Deve-se considerar que os familiares possuem um papel relevante no processo de transformação do tratamento psiquiátrico que delimita o atual momento da saúde mental. Mas o que ainda se percebe é que muitos familiares apresentam expectativas negativas em relação à possibilidade de melhora de seu familiar doente. Tais expectativas negativas surgem em função de alguns fracassos no tratamento, que levam os familiares a não acreditar na mudança de uma realidade que se mantém insatisfatória por um longo período de tempo (Nóbrega, 2006).

Maciel (2007) complementa esta questão destacando que a família ainda não está preparada para acolher o seu familiar sem recorrer à hospitalização. Esse despreparo se revela através das suas representações, basicamente negativas, acerca da doença

¹ No Brasil, a Reforma Psiquiátrica teve início na década de 70, mas seu suporte legal ocorreu apenas nos anos 90.

mental e pelo seu enfoque do relacionamento familiar, prejudicado pelo medo e pela falta de confiança, percebendo a loucura/doença mental como um fator de sobrecarga, tristeza e sofrimento.

Tendo em vista que a família tem um papel fundamental na ressocialização do doente mental, acolhendo-o e intermediando a transição do hospital para a sociedade, a compreensão das representações sociais dos familiares acerca do louco, do doente mental e do hospital psiquiátrico torna-se importante, por várias razões. Em primeiro lugar, tem o intuito de apreender como estes indivíduos, que são a base do processo de inclusão, estão representando estas questões e aceitando o processo de inclusão social do seu familiar portador de transtorno mental. Além disso, possibilita averiguar em que se assemelham e em que diferem as representações dos familiares de inserções diferentes, em termos de instituição de tratamento (CAPS X Hospital psiquiátrico), acerca dos temas propostos. Finalmente, permite verificar se os familiares se apropriam do discurso médico-psiquiátrico ao conceituar a loucura e a doença mental e em que ancoram as suas crenças e representações ao se posicionarem acerca dos hospitais psiquiátricos.

Representações sociais sobre o louco/doente mental: da convivência na sociedade à institucionalização

Desde os tempos antigos, a história sobre saúde e doença mental sempre foi pautada por diferentes elementos, impregnando as culturas, os valores e as crenças dos povos. Essa diversidade de elementos acaba por refletir as inúmeras formas das sociedades representarem e se comportarem em relação à loucura, tendo essas representações e esses comportamentos ligações intrínsecas com o momento histórico e com a cultura vigente.

As primeiras representações sobre saúde e doença foram mágicas. A doença era vista como resultado de entidades sobrenaturais externas, contra as quais a vítima comum, o ser humano, pouco ou nada podia fazer. No século XVII, a definição da loucura como uma condição que justificava o confinamento no hospital se conformava às exigências para as quais o hospital havia sido criado: para a exclusão dos não aceitos na sociedade. A internação é uma criação institucional própria

do século XVII, marcando o momento em que a loucura foi percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade do indivíduo para o trabalho e da impossibilidade de integrar-se no grupo. Nesse momento, analisa Foucault (1972), a loucura começou a inserir-se no contexto dos problemas da cidade. A partir daí, o sentido da loucura foi modificado, deixando de fazer parte da liberdade imaginária, a exemplo de personagens como Rei Lear e Dom Quixote, e passou a ficar reclusa na fortaleza do internato, ligada à razão e às regras da moral.

De acordo com Oliveira (2002), o século XVII marcou um tempo de silêncio e de transformação da loucura. Ao ser agrupado nas instituições com criminosos, vagabundos e libertinos, o louco formou laços imaginários de parentesco que não foram rompidos, permanecendo nas representações sociais e no imaginário coletivo, contribuindo, assim, para o seu processo de exclusão e de estigmatização.

Segundo Foucault (1972), foi nessa época que teve início o que ele chamou de “o grande confinamento dos insanos”. Com o declínio do poder da Igreja e da interpretação religiosa, desapareceu a figura do inquisidor e surgiu a figura do alienista, como protetor da sociedade contra o mal, com o seu saber e a sua prescrição de hospitalização dos loucos.

Como afirmam Gonçalves e Sena (2001), o hospital psiquiátrico passou a atuar como instituição destinada ao cuidado de doentes mentais. Este tipo de tratamento tornou-se sinônimo de exclusão e asilamento, distanciando o doente mental, classificado como improdutivo, do segmento ajustado da sociedade. Em função da valorização do conhecimento científico, o fenômeno da loucura passou a pertencer ao campo de estudo da medicina, que a acolheu como doença mental, disponibilizando saberes para a sua cura.

O novo *status* da loucura, com o surgimento do asilo e a transformação da loucura em doença mental, fundou a prática e o saber psiquiátricos. Transformado em doente mental e em objeto da intervenção médica, o louco podia agora ser isolado da sociedade, pois se seguia uma verdade psiquiátrica e científica. Como esclarece Oliveira (2002), essa verdade prescrevia o isolamento do louco, como tratamento necessário para a cura.

No atual contexto da Reforma Psiquiátrica, resta saber se os doentes mentais continuam sendo vistos como um mal a ser eliminado,

excluído da sociedade. Diante disso, evidencia-se a importância do estudo das representações sociais na questão da doença mental, com o intuito de verificar tanto os conhecimentos produzidos pelo saber científico, o saber médico-psiquiátrico, quanto a apreensão desse saber pelo senso comum. O que se procura é determinar quais os discursos científicos e as representações existentes sobre a doença mental, a loucura e o hospital psiquiátrico na sociedade atual.

Este trabalho utiliza como substrato teórico a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978) e parte do pressuposto de que as representações sociais sofrem modificações, dependendo dos indivíduos e do contexto social no qual eles estão inseridos. Ao representar os objetos sociais, os atores sociais, constituídos aqui pelos familiares, lançam mão das suas cognições, dos seus afetos, das suas vivências e dos seus pertences, destacando, enfatizando ou eliminando conteúdos científicos acerca da doença mental, da loucura e do hospital psiquiátrico. Dessa forma, criam um “novo saber”, o “saber prático” ou “saber do senso comum”, que irá servir de molde para as novas relações sociais estabelecidas com esses objetos.

Para Jodelet (1984), o ato de representar é um processo, um ato de pensamento, pelo qual se estabelecem as relações entre sujeito e objeto, mesmo que esse objeto seja mítico ou imaginário. Ao representar, o sujeito emite sua parte subjetiva, sua interpretação, não apenas reproduzindo o objeto, mas construindo-o, deixando emergir parte da autonomia e da criação individual ou coletiva. Jodelet conceitua as representações sociais, dizendo que elas,

enquanto fenômenos, se apresentam de formas diferentes, são imagens que condensam um conjunto de significações; são sistemas de referência que nos permitem interpretar o que acontece com nós e até dar um sentido ao inesperado; são categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos e os indivíduos com que nos relacionamos; são teorias que permitem estabelecer opiniões sobre eles. Quando os entendermos na realidade concreta da nossa vida social, tudo isso formará uma totalidade. (p. 357)

Essencialmente, as representações são fenômenos sociais que, mesmo acessadas a partir do seu conteúdo cognitivo, têm que ser entendidas a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e dos meios de comunicação em que circulam.

Segundo Spink (1993), as representações sociais não são meras (re)combinações de conteúdos arcaicos sob pressão das forças do grupo. Elas são também alimentadas pelos produtos da ciência, que circulam publicamente através da mídia e das inúmeras versões populares desses produtos. De modo geral, a elaboração das representações sociais se dá na interface de duas forças monumentais. De um lado, encontram-se os conteúdos que circulam numa dada sociedade e que têm suas origens tanto nas produções culturais atuais e locais, decorrentes do *habitus*, quanto nos subprodutos da ciência. De outro lado, estão as forças decorrentes do próprio processo de interação social e as pressões para definir a situação, de modo a confirmar e a manter as identidades coletivas.

Assim, nas representações acerca da doença mental/loucura, o imaginário social atuou (permeado por crenças, mitos, provérbios, literatura) desde a Antiguidade até os dias atuais. Pode-se citar *Dom Quixote*, de Cervantes, e “O Alienista”, conto de Machado de Assis, além de muitas outras obras e de provérbios e mitos que povoaram e continuam povoando o imaginário social até os dias atuais, como exemplos de produções culturais que exerceram peso sobre as representações hodiernas acerca da loucura/doença mental. No que se refere à mídia, ela propaga os conteúdos científicos da psiquiatria, mas o faz de maneira seletiva, de forma a atender aos seus ensejos sociais mais amplos. Tanto na mídia escrita quanto na mídia televisionada, pode-se constatar a propagação do doente mental enquanto ser agressivo, improdutivo e excluído.

Refletindo sobre esse conceito, Bonfim e Almeida (1991/1992) destacam que a representação social é uma modalidade particular de conhecimento. Nem todo conhecimento pode ser considerado como representação social, mas somente aquele do senso comum, da vida cotidiana dos indivíduos, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático, que se opõe ao pensamento científico. Entretanto, no

que diz respeito ao contexto de elaboração, assemelha-se tanto ao conhecimento científico, quanto aos mitos, com base em um conteúdo simbólico e prático.

Com base nestas considerações, a doença mental, a loucura e o hospital psiquiátrico (que são os objetos escolhidos para este trabalho) podem ser considerados como representações sociais, uma vez que fazem parte do cotidiano dos indivíduos estudados e de toda a sociedade. Isto faz com que as pessoas elaborem seus conhecimentos com base não só nas teorias científicas existentes, mas também nos conhecimentos práticos e vivenciais, ou seja, do senso comum. Esse processo de elaboração permite que as pessoas extrapolem o plano ideativo, onde foram iniciadas tais representações, e repercutam na prática, no comportamento dos sujeitos sociais em sua interação com os objetos representados.

Abric (1994) sistematiza a questão das finalidades próprias das representações sociais, atribuindo-lhes quatro funções essenciais:

1 – *Função de saber*: as representações permitem compreender e explicar a realidade através do saber prático do senso comum, permitindo aos atores sociais adquirirem conhecimentos e integrá-los a um quadro assimilável e compreensível para eles, em coerência com seu funcionamento cognitivo e com os valores aos quais aderem. Por outro lado, as representações também facilitam e são condição necessária para a comunicação social, definindo o quadro de referência comum que permite a troca social, a transmissão e a difusão desse saber ingênuo. No que concerne à doença mental, pode-se observar que ela ainda é vista daquela mesma forma que prevaleceu ao longo dos tempos, isto é, como diferente das outras doenças. Desde a Antiguidade, atribui-se a ela um aspecto simbólico de diferença e de negatividade, o que a torna, na linguagem do senso comum, impregnada por termos como *louco*, *perigoso* e *incapaz*;

2 – *Função identitária*: as representações definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos. Cumprem também a função de situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, ou seja, compatível com sistemas de normas e de valores social e historicamente determinados. Por outro lado, a referência às representações como definidoras da identidade de um grupo vai desempenhar um papel

importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros, no processo de socialização. Daí a necessidade de compreender a doença mental na atualidade sem desvinculá-la do seu contexto sócio-histórico, onde estão as bases ideológicas que sustentam as atuais representações e práticas, uma vez que elas não são produzidas num vácuo social e temporal;

3 – *Função de orientação*: as representações intervêm diretamente na definição da finalidade da situação, determinando, *a priori*, os tipos de relação pertinentes para o sujeito, guiando os comportamentos e as práticas. Como destaca Vala (1993), uma vez criada uma representação acerca de um outro, essa representação passa a constituir esse outro e a orientar a interação, de forma a atribuir foros de realidade ao que é representado. Dessa forma, as representações são fatores produtores da realidade, com repercussões tanto na forma como o indivíduo interpreta o que lhe acontece e o que acontece ao seu redor, como nas respostas que encontra para fazer face ao que julga ter acontecido. De tal modo que, uma vez constituída uma representação, o indivíduo procurará criar uma realidade que valide as precisões e explicações dela decorrentes. Discorrendo de modo análogo sobre esta questão, Moscovici (1978) postula que a representação social contribui para a formação de condutas, ou seja, é uma preparação para a ação, tanto por conduzir o comportamento, como por modificar e reconstruir os elementos do meio ambiente em que o comportamento teve lugar;

4 – *Função justificatória*: as representações permitem justificar, *a posteriori*, as tomadas de posição e os comportamentos. Mas podem intervir também como avalizadoras das ações, possibilitando aos atores explicar e justificar a diferenciação social. Tal como acontece com os estereótipos, essa justificativa pode visar a discriminação ou a manutenção de uma distância social entre os grupos. Em relação ao doente mental, ele é categorizado em termos de “normal *versus* desviante anormal”, sendo tecidas representações como *louco*, *bizarro* e *agressivo*, o que gera um comportamento de medo e uma necessidade de separar o doente mental do meio social, excluindo-o. Certamente, essas representações influenciam a forma de interagir e a aceitação da Reforma Psiquiátrica, que visa a inclusão social.

Para Moscovici (1978), existem dois processos que podem ser considerados como básicos na formação da representação social: a *ancoragem* e a *objetivação*. Respectivamente, esses processos dão conta da maneira como o social transforma um conhecimento em representação e da maneira como essa representação transforma o social. Como destaca Vala (1993), esses dois processos sociocognitivos interessam duplamente à elaboração e ao funcionamento de uma representação social. Em primeiro lugar, mostram que há uma interdependência entre a atividade psicológica e suas condições sociais. Em segundo lugar, encontram-se tão intrinsecamente ligados que não se pode falar de sequenciação e/ou hierarquização dos mesmos nem considerá-los de forma autônoma, fazendo-se isto apenas para fins explicativos.

A *objetivação* diz respeito à forma como os elementos da representação se organizam e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade. Ou seja, tornam concreto o abstrato, transformando-o em uma realidade vista como natural. A objetivação faz com que um esquema conceptual se torne real, com que uma imagem se materialize. Nas palavras de Moscovici (1978), “objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as (e adotando, assim, certa distância a seu respeito). É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo” (p. 111).

Para Jodelet (1984), no processo de objetivação, há uma colocação de imagens em noções abstratas, articulando a percepção e o conceito. Esse processo confere uma consistência material às idéias, estabelecendo uma correspondência entre as palavras e as coisas e dando uma estrutura a esquemas conceituais. Em resumo, a objetivação tem a propriedade de tornar concreto o abstrato, de materializar a palavra (o conceito).

Por seu lado, a *ancoragem* designa, segundo Moscovici (1978), a inserção de uma ciência na hierarquia de valores e nas operações realizadas pela sociedade. Refere-se à função social das representações, através da qual a sociedade converte o objeto social num instrumento de que ela dispõe. Nas palavras do próprio Moscovici, “A ancoragem transforma a ciência em quadro de referência e em rede de significações” (p. 173).

De acordo com Jodelet (1984), esse processo refere-se ao enraizamento social da

representação e do seu objeto, permitindo compreender como os elementos representados contribuem para exprimir e construir as relações sociais, levando a transformações nas representações já constituídas. Tais significações não ocorrem ao acaso, mas em confluência com o sistema de valores ao qual adere o grupo. Jodelet destaca que os protótipos que orientam as classificações não possuem apenas propriedades taxonômicas, correspondendo a eles representações de comportamentos esperados, implicando uma atitude para com a pessoa ou o objeto representado. De tal forma que a interação com eles vai acontecer de modo a acabar confirmando as características a eles atribuídas.

Com base nesses pressupostos, busca-se, no presente trabalho, um aprofundamento da questão da doença mental, da loucura e do hospital psiquiátrico, com o intuito de arrecadar dados e subsídios teóricos que permitam examinar como e por que são engendrados novos domínios de saber e novas subjetividades referentes aos temas em questão. Acredita-se que, através da Teoria das Representações Sociais, seja possível apreender, na prática, as questões individuais e sociais envolvidas na produção do pensamento social, de modo a se poder delimitar como o saber científico e o senso comum se articulam, a fim de representar esses objetos sociais e como os atores sociais diferem ao representá-los.

Método

Local do Estudo

Este estudo foi realizado em uma instituição psiquiátrica particular, que atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS), para os familiares de pacientes institucionalizados em hospital psiquiátrico; e em uma instituição pública, para os familiares de doentes mentais inseridos no Sistema Substitutivo (CAPS). Ambas as instituições estão situadas na cidade de João Pessoa, na Paraíba.

Participantes

Foram utilizados 30 familiares de pacientes institucionalizados em um hospital psiquiátrico particular, que atende pelo SUS e 30 familiares de pacientes atendidos pelo CAPS, no sistema substitutivo, proveniente da Reforma Psiquiátrica, perfazendo um total de 60 participantes. Os participantes eram de ambos

os sexos, oriundos de diversas classes sociais, com nível de escolaridade variado e com idade superior a 18 anos. Foram considerados como integrantes da família todos os indivíduos que convivem no mesmo espaço e que têm uma relação social e interpessoal, configurando os variados “arranjos familiares”.

Instrumentos

Utilizou-se o Teste de Associação Livre de palavras, com os seguintes estímulos: *doente mental*, *louco* e *hospital psiquiátrico*.

Procedimento

A aplicação foi feita individualmente, em uma sala de cada instituição, com a autorização dos participantes e a garantia do anonimato. Durante a aplicação, o entrevistador escreveu as respostas dadas pelos familiares, devido ao fato da maioria deles possuir um nível de escolaridade baixo, geralmente o de analfabeto ou de 1º Grau Incompleto. As palavras-estímulo foram lidas para o entrevistado, o qual deveria falar, de imediato, as 5 palavras que viessem à sua mente ao ouvi-las. No início da sessão, o entrevistador fazia uma explanação dos objetivos da pesquisa e do teste empregado. Após esta explicação, falava acerca do tempo para cada estímulo e só então lia as palavras indutoras, uma a uma, dando o tempo necessário para que o entrevistado associasse as cinco palavras solicitadas. O tempo médio foi de 1 minuto para cada palavra-estímulo. Na análise dos dados, só foram considerados os testes que tiveram no mínimo 4 respostas para cada palavra.

Análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizou-se o programa estatístico *Tri-deux-mots*. É um *software* que realiza uma análise fatorial de correspondência, sendo indicado para a avaliação de questões abertas, fechadas ou de associação de palavras. O *Tri-deux-mots* representa graficamente as variações semânticas na organização do campo espacial, revelando aproximações e oposições das modalidades na construção dos fatores

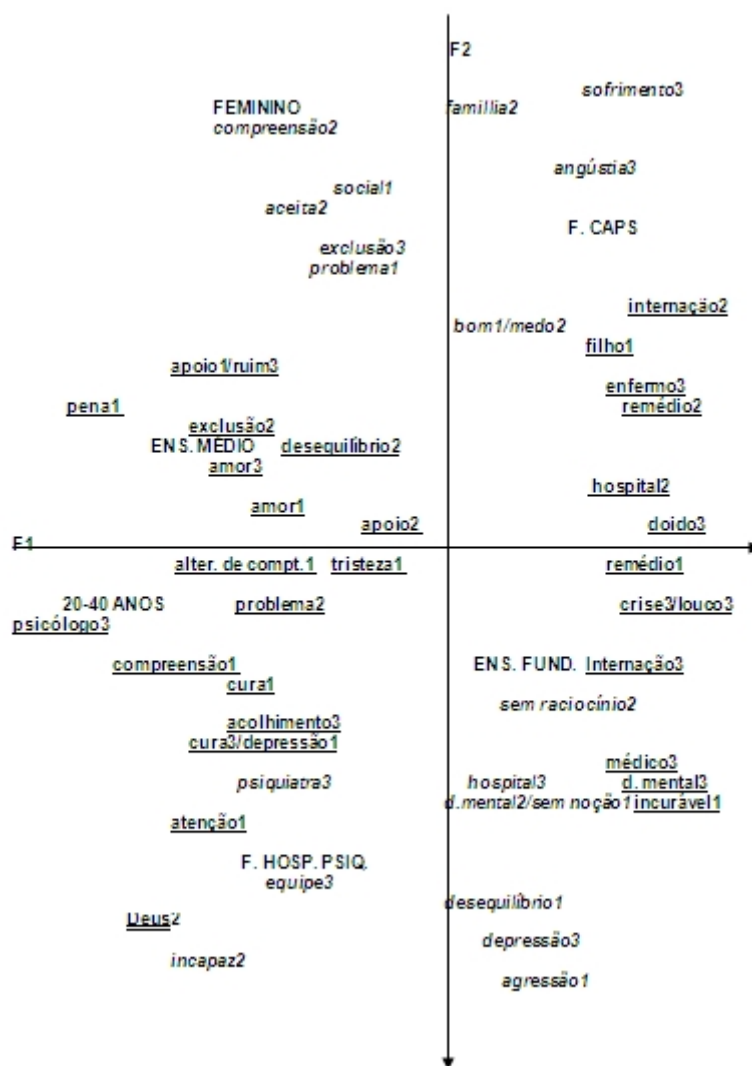
analisados, através da *Análise Fatorial de Correspondência* (AFC).

Resultados e Discussão

Os dados representados na Figura 1 referem-se aos resultados do *Tri-deux-mots* e aos estímulos *doente mental* (Estímulo 1), *louco* (Estímulo 2) e *hospital psiquiátrico* (Estímulo 3). A partir do processamento do banco de dados, obteve-se um somatório igual a 799 palavras evocadas pelo conjunto de participantes ($n = 60$). Desse somatório, 92 palavras foram diferentes, representando as idiosincrasias dos atores sociais em relação aos estímulos indutores.

No primeiro fator (F1), representado pelo sublinhado, na linha horizontal, concentram-se as representações de valor estatístico mais significativo, explicando 43,4% da variância total das respostas. Enquanto isso, o segundo fator (F2), na linha vertical em itálico, representa 23,1% da variância total das respostas. A soma das variâncias perfaz um total de 66,5%, donde se poder afirmar que estatisticamente os dados são significativos, ou seja, satisfatórios para a interpretação dos resultados.

A Figura 1 mostra também a oposição entre as representações dos familiares de Ensino Médio e de Analfabeto/Ensino Fundamental, além da oposição entre os familiares de CAPS e de Hospital Psiquiátrico. Os *familiares de hospital psiquiátrico/idade 20–40 anos* encontram-se representados no quadrante inferior esquerdo. O *doente mental* (Estímulo 1) teve representações mescladas de conteúdos positivos e negativos. Foi associado a questões negativas, tais como “tristeza”, “alteração de comportamento” e “depressão”, com os participantes ancorando suas representações em conceitos médicos, em seu repertório cultural e em suas vivências. Os familiares dos hospitais psiquiátricos relataram as palavras “alucinação” e “delírio”, que são termos científicos utilizados pela psiquiatria. A escolha destes termos demonstra a preocupação das famílias com os sintomas manifestos dos doentes mentais, os quais geram alterações comportamentais que necessitam de dedicação e cuidados especiais por parte da família, de medicação e da própria hospitalização.



Legenda:

Plano fatorial: Fator 1 (F1), sublinhado, localiza-se no eixo horizontal à direita e à esquerda; Fator 2 (F2), *itálico*, localiza-se no eixo vertical superior e inferior. As Variáveis Fixas são as que estão no gráfico em letras maiúsculas.

Variáveis de opinião/ Estímulos indutores: 1= Doente Mental; 2=Louco; 3= Hosp. Psiquiátrico.

Figura 1 – Plano Fatorial de Correspondência das Representações acerca do doente mental, do louco e do hospital psiquiátrico, elaboradas pelos familiares de CAPS e de hospitais psiquiátricos.

Corroborando esses resultados, Barros (1994) afirma que a imagem do doente mental vem frequentemente associada a comportamentos violentos e agressivos. Além disso, os estereótipos de periculosidade e de incompreensibilidade do doente mental impedem que a situação de sofrimento seja superada.

Para Camino (1996), o ser humano está sempre envolvido com as atividades de categorizar, separar e rotular, como uma

tentativa de organizar a realidade. Com isso, ele reduz a complexidade do mundo externo, agrupando os estímulos sociais de acordo com as similaridades e com os antagonismos percebidos. Ao classificar, cria categorias e seus protótipos, a fim de agrupar diferentes estímulos. Entretanto, a classificação/rotulação é um processo perigoso, pois leva à generalização e ao pré-julgamento, induzindo à formação de estereótipos. Os estereótipos são generalizações sobre pessoas, baseadas no fato

delas pertencerem a algum grupo ou categoria social, na crença de que todos os membros daquele grupo possuem características ou atributos semelhantes. No caso dos doentes mentais, por exemplo, todos são taxados de desorientados, incapazes e agressivos.

Os familiares de doentes mentais inseridos nos hospitais psiquiátricos também remetem suas representações sobre o doente mental a conteúdos positivos, como “compreensão”, “cura”, “acolhimento” e “atenção”, ancorados mais no adoecer do indivíduo do que na ausência de razão. Tal característica também foi encontrada por Randemark, Jorge e Queiroz (2004), os quais destacaram que os familiares de doentes mentais empregam representações distintas para a loucura e para a doença mental, uma vez que “o louco não tem consciência de sua doença, de estar no mundo” (sinônimo de desrazão), enquanto que o “doente mental reconhece sua doença e submete-se ao tratamento” (sinônimo de doente que requer tratamento) (p. 548).

Com relação ao termo *louco* (Estímulo 2), os familiares de hospital psiquiátrico o associaram a “problema”, “Deus” e “incapaz”, apresentando uma visão estereotipada e ancorada no conceito de incapacidade do louco. Estas representações não favorecem a promoção da autonomia e do desenvolvimento das potencialidades dos portadores de transtornos mentais, o que dificulta a reinserção sociofamiliar destes indivíduos.

Quanto ao termo *hospital psiquiátrico* (Estímulo 3), foi associado a “psicólogo”, “acolhimento”, “cura”, “psiquiatria” e “equipe”, mostrando uma visão positiva desta instituição. Esta visão positiva do hospital psiquiátrico, como sinônimo de acolhimento e de cura, pode ser exemplificada através de alguns relatos: “*a gente sente um alívio, fica mais despreocupada porque ele está aqui e está sendo bem tratado*”; “*o hospital é muito bom porque tira ele da sociedade para não causar tanto mal, não cometer crime algum*”. Este resultado vem corroborar outras pesquisas da área, com familiares de doentes mentais internados em instituições psiquiátricas, a exemplo daquela realizada por Maciel, S. et al. (2008) e da efetuada por Lima Jr. e Veloso (2007). Tais pesquisas evidenciaram representações positivas do hospital psiquiátrico, ancoradas no fato de que o hospital trata e cuida do doente mental e que a presença do doente em casa gera uma tensão e

um clima de medo, compartilhado pelos familiares, legitimando a hospitalização.

Tais representações reforçam a ideia de que o doente mental precisa ser afastado da sociedade e mantido sob o amparo de quem sabe cuidar e de quem tem responsabilidade, “os especialistas”, retirando do doente a sua capacidade de se tratar e de exercer a sua cidadania. Em suma, evidenciam duas das funções das representações sociais, destacadas por Abric (1994): a função de *orientação de condutas*, que guia os comportamentos e as práticas, e a função *justificatória*, que justifica as tomadas de posição e os comportamentos efetivados (no caso específico, a manutenção do doente mental no sistema asilar, sob a tutela da Psiquiatria). A partir de representações desse tipo, cria-se uma lógica, que pode ser expressa por cuidar/tratar/hospitalizar, o que termina por sustentar o sistema asilar e de tutela do doente mental.

Esse tipo de atitude permanece hoje em dia, apesar das orientações expressas na nova política de Saúde Mental e seus programas, que envolvem uma mudança nas práticas familiares. De acordo com essas recomendações, ao invés de colocarem os doentes no hospital, “para obterem sossego”, os familiares devem passar a “cuidar deles como membros plenos da família”. Mas Tsu (1993) destaca que os familiares não estão aceitando o fechamento das instituições psiquiátricas, nem recebendo com tranquilidade a transferência de função, porque a família não se encontra em condições de cuidar do paciente, por questões financeiras e emocionais. A este respeito, Mastazo e Kirschbaum (2003) empreenderam um estudo acerca da hospitalização, do impacto da doença mental na família e dos problemas ocasionados com a alta do paciente. Os resultados apontaram para dificuldades pessoais, socioeconômicas e de relacionamento familiar. No que se refere às alternativas para a solução das dificuldades de lidar com o doente mental, recomendaram a permanência ou o retorno do paciente para o hospital e o seu afastamento do meio familiar.

No que se refere aos *familiares de CAPS*, pode-se notar que possuem uma visão mais positiva do *doente mental* (Estímulo 1), representando-o como “filho” e “bom”. Já o termo *louco* (Estímulo 2), foi associado a: “família”, “hospital”, “medo”, “internação” e “remédio”. Observa-se uma representação mais negativa do louco, destacando-se o medo

do louco e o tratamento baseado no remédio e na internação. Percebe-se que, neste caso, as representações do doente mental e do louco são divergentes, havendo uma diferenciação clara entre o doente mental, que é visto como filho e bom, e o louco, que é relatado como aquele que causa medo e está hospitalizado.

Barros (1994) esclarece que, historicamente, os “insensatos” foram impedidos de participar da vida social e de exercer sua cidadania, por vincular-se à periculosidade e à improdutividade. Ainda hoje, vê-se que esses pressupostos estão relacionados ao doente mental, impedindo a sua inclusão social e a efetivação da Reforma Psiquiátrica. Essas representações se assemelham às representações acerca do louco/doente mental do século XVII, quando houve o grande enclausuramento, que libertou os demais detentos e manteve enclausurados os loucos e os criminosos. Os criminosos permaneceram presos por serem considerados como merecedores de prisão/punição, por terem transgredido as leis e por serem considerados racionais e responsáveis pelos seus atos. Os loucos permaneceram presos porque foram considerados como desprovidos de razão, isentos de responsabilidade (estatuto de menor), dignos de assistência e de tutela, passando o psiquiatra a ser o seu tutor.

Com relação ao *hospital psiquiátrico* (Estímulo 3), os familiares de CAPS fizeram associações como “doido”, “enfermo”, “angústia” e “sofrimento”, mostrando uma visão negativa que difere daquela apresentada pelos familiares de hospital psiquiátrico. Esta percepção negativa pode ser exemplificada por alguns relatos, como “*precisa melhorar o tratamento*” e “*precisava ter mais médicos*”. Resultado semelhante foi encontrado no estudo realizado por Randemark et al. (2004). Os autores observaram que os familiares que têm parentes que usam outros tipos de serviço psiquiátrico, que não o hospital, percebem essa realidade como distante, afirmando que seus parentes têm condições de viver junto à família e que são muito diferentes daqueles que ainda estão presos às instituições psiquiátricas. Os familiares representaram o manicômio como uma instituição negativa e de exclusão, uma vez que abriga pessoas à margem da sociedade, como loucos, aposentados, velhos, aleijados, desempregados e criminosos.

No que concerne ao nível de escolaridade, os resultados da presente pesquisa mostraram

que os familiares com nível de escolaridade mais elevado possuem representações vinculadas à questão social, trazendo termos como “exclusão” e “social”. Por seu lado, os familiares com nível de escolaridade mais baixo (Analfabeto/Ensino Fundamental) têm representações mais próximas dos familiares de hospital psiquiátrico, associando o termo *doente mental* (Estímulo 1) a “remédio”, “sem noção”, “incurável”, “desequilíbrio” e “agressão”. O termo *louco* (Estímulo 2) foi associado, por este grupo, a “sem raciocínio” e “doente mental”. O *hospital psiquiátrico* (Estímulo 3) foi associado a “crise”, “louco”, “médico”, “internação”, “doente mental” e “depressão”.

Pode-se afirmar que, de maneira geral, a qualidade dos conhecimentos sobre a doença mental melhorou, mas a imagem do doente mental é cada vez mais associada à ideia de periculosidade e a uma tendência crescente de evitar o contato com ele. A esse respeito, Jodelet (2005) afirma que as tentativas de reinserção social dos pacientes “desinstitucionalizados” revelam que as comunidades manifestam grande resistência quando eles são numerosos. Essa afirmação foi apoiada em uma pesquisa que ela realizou nos anos de 1970, em uma comunidade rural chamada Ainay-le-Château, na França, a qual integrou mil doentes em quinhentas famílias, em um sistema de colônia familiar que teve início na Europa no final do século XIX. Em sua pesquisa, Jodelet observou que havia um duplo mecanismo de inclusão/exclusão; na realidade, havia um mal-estar diante dos doentes mentais e um interesse econômico na sua aceitação. Por existir uma dicotomia formal e estável fundando a separação entre “civis” e “não civis” e por estarem ligados a um hospital psiquiátrico, eles não eram considerados como os demais, cidadãos de plenos direitos, implicando um *status* de “não civil”, restrições e funções específicas e forjando o tipo ideal de sua participação e de sua imagem enquanto atores sociais. O que indica claramente que o fato de ser doente mental faz a diferença, uma vez que a doença mental é considerada como diferente das demais e o indivíduo é tido como alguém que não está apenas doente, mas que é doente, sendo demarcado não pelo “ter”, mas pelo “ser”. Neste caso, a qualidade se faz estado, caracterizando uma incurabilidade e uma estruturação rígida da personalidade.

Para Jodelet (2005), tais construções linguísticas refletem um fenômeno de “naturalização”, próprio das representações sociais. Significa uma tendência do pensamento natural para coisificar as noções, fazendo da patologia uma entidade concreta, materialmente presente no corpo e nos seus sintomas. No entender de Melman (2001), isso é fruto do imaginário social, em que predomina uma visão de medo e de rechaço frente a qualquer experiência humana que se afaste dos padrões de racionalidade e de normalidade hegemônicos. Ao longo dos tempos, a loucura ou doença mental, como passou a ser definida a partir do século XVIII, foi associada a uma dimensão negativa e estranha, que ameaça e desestabiliza. De modo que a exclusão do louco é o resultado de uma “percepção social” difusa, diluída pelas diversas instituições que associam a loucura ao lado negativo da razão.

Assim, fica claro que os familiares ainda não assimilaram o novo discurso da Saúde Mental com ênfase na família e na sociedade, tendo dificuldade em aceitar a Reforma Psiquiátrica. Essa dificuldade transparece no discurso dos familiares, quando relatam o impacto da doença mental na família como sobrecarga, tristeza e sofrimento. Refletindo sobre esta questão, Gonçalves e Sena (2001) afirmam que a desospitalização é duplamente perversa, porque atinge o doente mental e a família, principalmente as mulheres, que geralmente são as cuidadoras. Nessa situação, todos são fragilizados pela condição de não aceitos socialmente e pelos revezes que a realidade lhes impõe. Devido a essas questões, Gonçalves e Sena (2001) destacam que não é mais aceitável reduzir a Reforma Psiquiátrica ao fechamento dos hospitais e à devolução dos doentes às famílias, como se estas fossem, indistintamente, capazes de resolver a problemática da vida cotidiana sem levar em conta as dificuldades geradas pela convivência, pela manutenção e pelo cuidado com o doente mental.

Considerações finais

De acordo com os resultados obtidos, pode-se concluir que, de maneira geral, os familiares de doentes mentais ainda percebem o louco, a doença mental e os hospitais psiquiátricos negativamente, com representações que reforçam a exclusão e a manutenção do estigma social. Apesar da

qualidade dos conhecimentos sobre a doença mental ter melhorado, a imagem do doente mental e do louco ainda é associada às ideias de medo e de periculosidade, levando a uma tendência crescente de evitar o contato com eles. Percebe-se que o fato de ser doente mental faz diferença, uma vez que a doença mental é considerada como diferente das demais e o indivíduo acometido é visto como alguém que não *está* apenas doente, mas que *é* doente.

Diante do fato de que as representações sociais são mutáveis e distintas, de acordo com o contexto social, torna-se imprescindível a realização de mais trabalhos na comunidade em geral e na família, com o intuito de auxiliar a sociedade na compreensão da dinâmica social e dos meandros que envolvem a questão da saúde mental. É preciso tornar as representações sobre o doente mental e o louco menos estigmatizantes e mais realistas. Somente dessa maneira poderão ser almejadas mudanças que gerem atitudes mais inclusivas e favoreçam a reabilitação psicossocial do doente mental/louco na família e na sociedade, como um cidadão de fato e de direito.

Referências

- Abric, J. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Press Universitaires de France.
- Barros, D. (1994). Cidadania versus periculosidade social: a desinstitucionalização como desconstrução do saber. In P. Amarante (Ed.), *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica* (pp.171-196). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Bonfim, Z. A. C., & Almeida, S. F. C. (1991/1992). Representação Social: conceituação, dimensão e funções. *Revista de Psicologia*, 9(1/2), 75-89.
- Camino, L. (1996). *Conhecimento do outro e a construção da realidade social: uma análise da percepção e da cognição social*. João Pessoa: Ed. Universitária.
- Foucault, M. (1972). *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, A. M., & Sena, R. R. (2001). A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. *Rev. Latino-am Enfermagem*, 9(2), 48-55.

- Jodelet, D. (1984). Réflexions sur le traitement de la notion de représentations sociales en psychologie sociale. *Communication Information*, 6, 15-41.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Lima Jr, J., & Veloso, T. G. (2007). Convivendo com a loucura: as representações sociais de familiares de usuários de instituição psiquiátrica. In M. Dimenstein (Org.), *Subjetividade e práticas institucionais: a reforma psiquiátrica em foco* (pp. 163-173). Natal: EDUFRRN.
- Maciel, S. (2007). *Exclusão/inclusão do doente mental/louco: representações e práticas no contexto da reforma psiquiátrica*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Rio Grande do Norte. João Pessoa (PB).
- Maciel, S., Maciel, C., Barros, D., Sá, R., & Camino, L. (2008). Exclusão social do doente mental: discursos e representações no contexto da reforma psiquiátrica. *PsicoUSF*, 13(1), 115-124.
- Maciel, S. C., Barros, D. R., Silva, A. O., & Camino, L. (2009). Reforma psiquiátrica e inclusão social: um estudo com familiares de doentes mentais. *Psicol. Cienc. Prof.*, 29(3), 436-447.
- Mastazo, R., & Kirschbaum, D. (2003). Usuários de um centro de atenção psicossocial: um estudo de suas representações sociais acerca do tratamento psiquiátrico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(6), 26-39.
- Melman, J. (2001). *Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares* (Coleção Ensaios Transversais). São Paulo: Escrituras.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (Álvaro Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Nóbrega, J. O. (2006). *Sentimento experimentado pelo portador de transtorno mental frente à atitude discriminatória da família*. João Pessoa: UFPB.
- Oliveira, F. (2002). *Construindo saberes e práticas em saúde mental*. João Pessoa: Ed. UFPB.
- Randemark, N., Jorge, M., & Queiroz, M. (2004). A reforma psiquiátrica no olhar das famílias. *Texto & Contexto Enfermagem*, 13(4), 543-550.
- Spink, M. J. (1993). Conceito de representações sociais na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, 3(9), 300-308.
- Tsu, T. (1993). *A internação psiquiátrica e o drama dos familiares*. São Paulo: EDUSP/VETOR.
- Vala, J. (1993). Representações sociais: para uma psicologia do pensamento social. In J. Vala & M. Monteiro (Org.), *Psicologia Social* (pp. 125-142). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Enviado em Dezembro de 2010
 Aceite em Abril de 2011
 Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Silvana Carneiro Maciel – Doutora em Psicologia Social (UFPB/UFRN). Professora do Departamento de Psicologia da UFPB.

Daniela Ribeiro Barros – Mestre em Psicologia Social (UFPB).

Leoncio F. Camino – Professor Doutor da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Comportamento Político (GPCP).

Juliana Rízia Félix de Melo – Graduada em Psicologia (UFPB).

Uma investigação da historicidade das representações sociais

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas – SP, Brasil

Clarilza Prado de Sousa

Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas – SP, Brasil

Resumo

O texto apresenta uma contribuição aos estudos sobre representações sociais que pretendam considerar análises de contextos históricos para a compreensão dos seus processos de generatividade, de estabilidade e de transformação de seus conteúdos. A proposta metodológica, relatada em todas as suas etapas, baseia-se em uma pesquisa sobre a historicidade das representações sociais de Brasil associadas à diversidade que articulou à teoria das representações sociais aspectos oriundos da história efetual, desenvolvida pelo filósofo Hans-Georg Gadamer, e da história conceitual, sistematizada pelo historiador Reinhart Koselleck, de modo a compreender, sem incorrer em anacronismos, como as representações sociais movimentam conhecimentos oriundos de contextos históricos distintos.

Palavras-chave: Representação social, Metodologia, História conceitual, História efetual.

An investigation about historicity of social representations

Abstract

The paper presents a contribution for studies about social representations that intend to consider analysis of historical contexts to understand the processes of generation, stability and transformation of these contents. The methodological propose; reported in each stage, takes into account a search around historicity about social representations of Brazil in association with diversity. That is articulated with aspects from effectual History, developed by philosopher Hans-Georg Gadamer, as conceptual History, systematized by historian Reinhart Koselleck, taking social representations theory in manner to cover, without anachronisms, as social representations moves the knowledge from different historical contexts.

Keywords: Social representation, Methodology, Conceptual history, Effectual history.

Introdução

Desde a publicação de *La Psychanalyse, son image et son public* por Serge Moscovici, no início da década de 1960, um número cada vez maior de trabalhos sobre representações sociais tem apresentado uma grande variedade de abordagens metodológicas. Contudo, não obstante a importância do estudo da historicidade para a compreensão dos processos de gênese, de estabilidade e de transformação dessas representações, este é um aspecto ainda pouco explorado, como evidenciam os trabalhos de Villas Bôas (2010), Haas e Jodelet (2007), Castorina (2007) e Villas Bôas e Sousa (2007).

Tributárias dos quadros de pensamentos preexistentes, originados em épocas cronológicas distintas, e dos imperativos pragmáticos da vida cotidiana, as representações sociais são uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.” (Moscovici, 1978, p. 26) sendo alimentadas tanto pelos conhecimentos oriundos da experiência cotidiana como pelas reapropriações de significados historicamente consolidados.

Essa reapropriação do passado pelo contemporâneo ocorre em um processo dinâmico em que cada geração altera o sentido

e a compreensão dos conhecimentos preexistentes. Ou seja, cada contexto atual seleciona um conteúdo do passado que vai ser reatualizado por meio de um recorte e de uma interpretação própria dependentes, em última instância, do sentido que um determinado grupo irá atribuir ao seu “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (Koselleck, 2006).

Essa característica aparentemente paradoxal das representações sociais que articula, invariavelmente, passado e presente, permanência e mudança, apresenta um significativo problema metodológico que pode ser formulado, sinteticamente, da seguinte forma: como analisar a historicidade das representações sociais levando-se em conta esse movimento contínuo sem incorrer em anacronismos?

Com o intuito de responder a essa questão, serão aqui apresentados os procedimentos metodológicos elaborados no estudo “Brasil: ideia de diversidade e representações sociais” desenvolvido por Villas Bôas (2010). Trata-se de uma pesquisa que analisou os aspectos convergentes entre o conteúdo representacional atual associado à diversidade presente no discurso de universitários de diferentes cursos e instituições de todo o país e a produção historiográfica do século XIX, período que, por se organizar o Estado nacional e por se sistematizar um conjunto de discursos sobre a singularidade do Brasil, é fundamental para a análise da historicidade das representações em questão.

Esse estudo integrava um projeto mais amplo, “Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira” (Sousa & Arruda, 2006), desenvolvido entre 2003 e 2006, com 1.029 universitários do primeiro ano dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras com o propósito de identificar como esses estudantes representavam diversos aspectos do Brasil, e que compôs o Programa Internacional “Imaginários Latino-Americanos”, sediado na *Fondation Maison des Sciences de l’Homme* (França).

Após a constatação de que a ideia de diversidade se apresentava como um dos eixos organizadores das atuais representações sociais de país, foi construída uma trajetória metodológica procurando integrar as

contribuições da Psicologia Social com aquelas propostas pela História, de modo analisar a historicidade das representações sociais como uma articulação dinâmica entre as construções sociais do passado e as do presente sem, no entanto, desconsiderar o problema da delimitação conceitual, aspecto este fundamental quando se analisam contextos históricos distintos.

Uma trajetória metodológica para o estudo da historicidade das representações sociais

A metodologia proposta envolveu seis etapas de análise que foram estruturadas para garantir o aprofundamento do tema de modo a compreender a historicidade dessas representações sociais. No estudo realizado, utilizado aqui como exemplo, em uma primeira etapa, identificou-se um dos eixos que organizam, atualmente, as representações sociais de Brasil, no caso, a diversidade, em função da reiteração do discurso apresentado no trabalho de Sousa e Arruda (2006). Na etapa seguinte, foi montada uma lista de associações contendo sinônimos e atributos do eixo selecionado. A terceira etapa consistiu na seleção das referências históricas tendo em vista a construção de uma matriz de análise, o que ocorreu na quarta etapa, com o objetivo de analisar como tais fontes contribuíram para o estabelecimento de uma forma de pensar o país. A quinta etapa corresponde à preparação do *corpus* e à descrição dos dados técnicos, tendo em vista os aportes da análise estatística textual. Finalmente, foi realizada a sexta etapa de análise dos dados por meio da “fusão de horizontes interpretativos” (Gadamer, 2002) em que a produção textual do século XIX e a do século XXI foram cotejadas.

Vale destacar que a investigação da historicidade das atuais representações sociais de Brasil associadas à diversidade exigiu, inicialmente, um diálogo com autores que, de algum modo, se preocuparam com a questão da historicidade dos conceitos. Para tanto, recorreu-se a aspectos da história dos conceitos, sistematizados pelo historiador Reinhart Koselleck, e da história efetual, desenvolvidos pelo filósofo Hans-Georg Gadamer, de modo a estabelecer indicadores que considerassem as delimitações conceituais tanto da contemporaneidade, como de épocas passadas em relação à diversidade.

Tanto as ideias desenvolvidas por Koselleck (1992, 2006) no âmbito da história conceitual – cuja preocupação básica é medir e estudar a diferença (ou convergência) entre os conceitos antigos e as atuais categorias do conhecimento usando a semântica como uma ferramenta para investigar como eles são criados, seu processo de manutenção ou substituição etc. – como as proposições de Gadamer (2002) acerca da história efetual – considerada como parte do que ele denominou de traços fundamentais de uma experiência hermenêutica concebida enquanto experiência do mundo – foram aqui utilizadas de forma intencionalmente instrumental, ou seja, como ponto de partida para pensar uma matriz de análise de modo a evitar a transferência descuidada para o passado de expressões contemporâneas, motivo pelo qual não se estenderá sobre suas teorizações.

Apresenta-se, a seguir, cada uma das etapas, indicando os procedimentos e os principais resultados encontrados de modo a evidenciar o alcance de cada uma delas na realização de um estudo que considere a historicidade das representações sociais.

Identificação de um dos eixos organizadores das representações sociais de Brasil

As representações sociais se estruturam em torno de elementos que fazem referência a aspectos sensoriais, motrizes, cognitivos e afetivos. Nestes termos, a análise de sua historicidade requer, metodologicamente, a seleção daquilo que Lahlou (2003), apoiado nos estudos de Jean-Claude Abric, denomina de “nódulo elementar de sentido”, uma vez que cada nódulo é composto por conteúdos preexistentes constituídos, portanto, em outros períodos.

Isso pressuposto, elegeu-se, na primeira etapa da análise, o nódulo elementar de sentido “diversidade”, haja vista os resultados do estudo desenvolvido por Sousa e Arruda (2006), que o apontavam como um dos eixos organizadores das atuais representações sociais de Brasil.

Feito isso, foram selecionadas todas as respostas dos 1.029 universitários participantes da pesquisa às questões “*Por que você acha que isso tudo é Brasil?*” e “*O que, para você, diferencia o Brasil dos demais países?*” que compunham o conjunto de questionários do

estudo coordenado por Sousa e Arruda (2006), e que apresentavam relação, direta ou indireta, com a “diversidade”. Isso porque apenas a identificação da diversidade como um dos eixos organizadores das representações sociais de país não permitia, por si só, compreender os conteúdos a ela associados no âmbito do senso comum, considerando o caráter polissêmico desse termo, o que gerou a necessidade de se investigar como ela era apresentada nas respostas dos universitários.

Montagem de uma lista de associações contendo sinônimos e atributos do eixo selecionado

Com o propósito, portanto, de abarcar o termo “diversidade” em seu contexto atual de uso, bem como entender seu significado para os universitários pesquisados, optou-se pela utilização de dicionários da língua portuguesa de uso corrente, visto que eles organizam o conhecimento socialmente sedimentado expressando-o, intencionalmente, de forma explícita, isso porque, de acordo com Lahlou (2003), “é na língua que procuramos os objetos do mundo, uma vez que a língua é uma memória social que, por meio de sua rede semântica, sedimenta as visões do mundo produzidas pela cultura. As ligações entre as palavras representam as conexões entre as ideias” (p. 41).

Para esse autor, a existência mesma de uma palavra assinalando a entrada de um objeto em um catálogo linguístico dos objetos comuns, como o dicionário, seria uma condição necessária para a existência de uma representação social e a vantagem de seu uso decorreria ainda do fato de ele ser um sistema fechado apresentando um universo discursivo coerente, na medida em que as palavras utilizadas como traço descritivo aparecem como entradas de definição de modo que todas apresentam o mesmo *status*, diferentemente, por exemplo, de uma enciclopédia.

Assim, construiu-se, nesta segunda etapa de análise, uma lista de associações por meio de consultas a dicionários de uso corrente visto que estes, ao se configurarem como uma construção coletiva por excelência, terminam por fixar formas compreensíveis por todos em uma referência social comum permitindo, com isso, compreender como essa palavra foi utilizada.

Partindo, então, do verbete diversidade, com o auxílio das obras *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss & Villar, 2001), *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Ferreira, 1975-1986) e *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (Aulete,

1958-1987), iniciou-se uma primeira lista de associação em que, cada uma das palavras agregadas forneceu outras associações, incluindo gênero e grau do substantivo, que foram sendo incorporadas à lista inicial em um total de 64 termos indicados no Quadro 1.

Quadro 1 – Diversidade – lista de associação.

Diversidade				
abundante	desconformidade	discrepância	incoerência	oposição
adverso	desencontro	discrepante	incompatibilidade	plural
apartado	desequilíbrio	disparidade	impossibilidade	pluralidade
assimetria	desigualdade	dissemelhança	inconformidade	polarização
biodiversidade	desproporção	distinguir	incongruência	sortimento
complexidade	dessemelhança	distinto	inconstante	transformado
contradição	dessemelhante	divergência	modificado	variado
contradita	desuniformidade	divergente	mudado	variante
contraditório	diferença	diversas	muitos	variável
contraposição	diferenciar	diversidade	multiplicidade	variedade
contrariedade	diferente	diversificado	múltiplo	vário
contraste	discordância	diverso	mutável	vários
desacordo	discordante	fragmentação	oblóquio	

A construção dessa lista permitiu, inicialmente, a sistematização das denominações usadas para “estados de coisas” distintos e que são englobados pelo termo “diversidade”. Tal sistematização, além de permitir uma aproximação do contexto atual de uso desse termo, indicou sua polissemia, fornecendo indícios de que “diversidade”, mais do que uma palavra, poderia ser considerada um conceito, conforme a concepção de Koselleck (2006) para o qual, apesar de o conceito estar aderido a uma palavra, a diferença em relação a esta reside no fato de que ele é sempre polissêmico, não sendo assim determinado pelo seu uso na medida em que as circunstâncias nas quais e para as quais ele é utilizado se agregam a ele, ou seja,

no conceito, significado e significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e compreendido por meio dessa mesma palavra [...] O conceito reúne em si a diversidade da experiência histórica, assim como a soma das características objetivas teóricas e

práticas em uma única circunstância, a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito (Koselleck, 2006, p. 109).

Contudo, apenas a identificação das denominações que o conceito diversidade englobava em seu contexto de uso atual não permitia nem o entendimento de seu processo de generatividade, enquanto elemento organizador das atuais representações sociais de Brasil, nem a verificação de como determinadas palavras foram sendo incluídas, ou excluídas, em relação a esse conceito. Ou seja, se a construção do dicionário possibilitava a compreensão do que se conota hoje como diversidade, essa compreensão não podia ser simplesmente trasladada para outra época sob o risco de incorrer em anacronismos, em uma espécie de transferência descuidada para o passado de uma expressão contemporânea (Koselleck, 2006). Segundo Gadamer (1997), citado por Jasmin (2005),

cada época entende um texto transmitido de uma maneira peculiar, pois o texto constitui parte do conjunto de uma tradição pela qual cada época tem um

interesse objetivo e na qual tenta compreender a si mesma. O verdadeiro sentido de um texto, tal como este se apresenta a seu intérprete, não depende do aspecto puramente ocasional que representam seu autor e seu público originário. Ou, pelo menos, não se esgota nisso. Pois este sentido está sempre determinado também pela situação histórica do intérprete e, por consequência, pela totalidade do processo histórico. (p. 30)

Isso pressuposto, importa observar que, primeiramente, não se pretendeu realizar um estudo sobre a diversidade na perspectiva da história dos conceitos. Sendo assim, o uso instrumental das teorizações de Koselleck (1992, 2006) só tiveram sentido na medida em que proporcionaram indicadores que devem ser levados em conta acerca de uma exigência metodológica mínima no estudo da historicidade das representações sociais e que podem, neste momento, ser sintetizados da seguinte forma: não se pode investigar a historicidade das representações sociais por meio de sua expressão semântica atual sob o risco de incorrer em anacronismos, ainda que o levantamento desta semântica ofereça indicadores para uma análise histórica na medida em que o passado só pode ser investigado levando-se em conta a limitação conceitual de sua época.

Referência histórica e construção de uma matriz de análise: seleção das fontes históricas

Tomando por princípio que o conceito atual de diversidade apresenta a sedimentação de um conhecimento que contém uma construção histórica, procurou-se indicar, nesta terceira etapa de análise, as convergências entre

algumas das fontes históricas produzidas no século XIX com as respostas dos universitários, analisando como as primeiras contribuem para o estabelecimento de um esquema de interpretação sobre o Brasil que alimenta as segundas de modo a verificar a historicidade dessa forma de pensar nossa “comunidade imaginada” (Anderson, 1991).

Nesse sentido, a escolha do século XIX não foi aleatória: em primeiro lugar, foi pautada pela própria análise da produção textual dos estudantes, cujas categorias encontradas remeteram a um discurso expressivamente elaborado nesse período em que, em vários âmbitos (pintura, música, literatura, política etc.), discutiam-se o Brasil e os brasileiros; em segundo lugar, porque autores como Carvalho (1990, 1998, 2002, 2005), Chauí (2001), Naxara (1998, 2004), Ortiz (2006), Prado (2001), Reis (2003), Schwarcz (1993, 1995) e Zarur (2003), entre outros, já apontaram que é justamente nessa fase de constituição do Estado Nacional que estas questões, ao serem agudizadas, acabaram por gerar representações que deram origem não apenas a uma historiografia nacional, mas também às grandes interpretações do Brasil e que serviram de base para a construção atual da nossa própria identidade.

É nesse contexto que se pode compreender, por exemplo, a criação, em 1838, do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, que, vinculado à elite política do Império, tinha por objetivo a composição de uma história nacional, estabelecendo “toda uma pauta de fatos, nomes e datas que foram paulatinamente configurando uma leitura, ou história oficial do país, calcada em interpretações enaltecidas de fenômenos sempre lidos sob a chave da gênese de uma tradição nacional” (Fico, 1997, p. 29) cuja intenção era homogeneizar uma visão de Brasil.

Quadro 2 – Seleção das fontes históricas do século XIX.

Autor	Obra	1ª edição – Ed. analisada
Carl Friedrich Phillip von Martius	<i>Como se deve escrever a história do Brasil</i>	1845 – 1982
Francisco de Adolfo Varnhagen	<i>História Geral do Brasil</i> (5 tomos)	1854 – 1975
Joaquim Manoel de Macedo	<i>Lições de história do Brasil</i>	1864 – 1905
Afonso Celso	<i>Porque me ufano de meu país</i>	1901 – 1901

Ainda que não tenha sido esse o critério de seleção, todos os autores analisados foram membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. São autores que ora se aproximam, ora se distanciam, mas que tinham, na discussão sobre a história nacional, um objeto em comum. São eles: Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco de Adolfo Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso, lembrando que este último escreve no final do século XIX, embora sua obra só tenha sido publicada em 1901.

Procedimentos para construção de uma matriz de interpretação das fontes históricas selecionadas

Escolhidas as fontes, foi necessário elaborar, em uma quarta etapa de análise, a matriz de interpretação uma vez que não se poderia procurar nas obras do século XIX as palavras associadas à diversidade que se referiam ao contexto de uso do século XXI. Para tanto, fez-se uso do dicionário montado por meio das palavras associadas à diversidade (2ª etapa), objetivando identificar o contexto atual de utilização do conceito diversidade que permitisse a elaboração de um eixo de análise das fontes históricas selecionadas, levando em conta o contexto conceitual do século XIX.

Ou seja, não se irá procurar nas obras do século XIX a palavra “diversidade”, visto que esta faz parte da contemporaneidade, ainda que ela também possa aparecer em outros contextos históricos. O que se pretende é levantar o contexto de uso do século XIX que conote como esse “estado de coisas”, que hoje denominamos de diversidade, era designado no passado, ainda que, para isso, se utilizem categorias orientadoras derivadas do dicionário montado na etapa anterior e, cuja presença, nem sempre pode ser identificada nas fontes históricas selecionadas (Koselleck, 2006).

Para tanto, procedeu-se da seguinte forma: com o apoio da lista de associação montada na 2ª etapa, foi realizada uma consulta ao verbete “diversidade” presente em dois dos dicionários considerados, no século XIX, como de uso corrente, quais sejam o *Diccionario da lingua portugueza*, organizado por Antonio de Moraes Silva (1789-1858), um dos mais utilizados do século XIX, e o *Diccionario da lingua brasileira*, elaborado por Luis Maria da Silva Pinto (1832) numa tentativa de fundar a “língua brasileira”. Via de regra, as definições do

século XIX se mantiveram semelhantes às definições hodiernas, indicando a permanência do conjunto semântico sem representar uma quebra radical com o conjunto da língua, ainda que, atualmente, existam novos sentidos para diversidade.

Embora os dicionários consultados do século XIX tenham apontado a existência do termo “diversidade”, importa ressaltar que seria necessário recorrer a uma história conceitual, nos parâmetros propostos por Koselleck (1992, 2006), para verificar as diferenças ou convergências entre os contextos de uso desses termos, uma vez que apenas a consulta aos dicionários não se mostra suficiente para a realização dessa análise. Contudo, esse procedimento não foi adotado, visto que o objetivo é investigar a historicidade das representações sociais de Brasil organizadas em torno da diversidade, e não a história deste conceito em si.

Diante disso, realizou-se uma leitura de cada uma das fontes históricas selecionadas fichando-se os trechos que indicassem “estados de coisas” associados à diversidade, de onde derivou o Quadro 3, que se configura como um pequeno excerto desse fichamento.

Esse quadro de análise, do qual os trechos são apenas um exemplo, ao ser cotejado com a produção dos universitários, possibilitou compreender os aspectos pelos quais as “gerações de intérpretes posteriores” leram as proposições do passado. Nesse sentido, a análise da historicidade da “diversidade” como um eixo organizador das atuais representações sociais de Brasil não foi realizada por meio de um estudo histórico acerca desse conceito, mas, sim, pelo estudo do “efeito” dele, no sentido gadameriano, na produção textual atual representada pelas respostas dos universitários.

Fez-se uso, portanto, da perspectiva da história efetual (Gadamer, 2002) caracterizada por aquilo que a recepção contemporânea, expressa na produção textual dos universitários, consegue determinar “a partir de seu horizonte de expectativas, das diversas mutações sofridas pelos conceitos ou ideias no tempo” (Jasmin, 2005, p. 30). Assim, levantar o vocabulário presente nas fontes do século XIX, bem como seu contexto de uso, que conotam o que hoje denominamos por diversidade, permitiu identificar e compreender os aspectos pelos quais as gerações de intérpretes posteriores leram as proposições do passado (Gadamer, 2002; Jasmin, 2005).

Quadro 3 – Excertos de vocabulário associado à diversidade e de seu contexto de uso no século XIX.

Vocabulário associado à diversidade	Palavra que aparece agregada a esse vocabulário	Excertos do contexto de uso no século XIX
Fusão Mescla Natureza diversa	Raça	<p>"No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimentadas, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto." (CELSO, 1901, p. 250).</p> <p>"[...] Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo tem um cunho muito particular." (MARTIUS, 1845 – 1982, p. 87).</p> <p>"São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergida de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre, ou americana, a branca ou caucasiana, e, enfim, a preta ou etiópica." (MARTIUS, 1845 – 1982, p. 87).</p>
Variedade Variegado	Clima, produção, natureza	<p>"O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberdade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma variedade de climas, a que corresponde uma infinita variedade de produções." (MACEDO, 1864 – 1905, p. 41).</p> <p>"Por toda a extensão que abraçam esses dois grandes rios (Amazonas e Prata) se erguem serranias, que produzem variegados vales, por cujos leitos correm outros tantos rios caudais." (VARNHAGEN, 1854 – 1975, p. 13 – t. 1).</p>

Partindo da filosofia de Heidegger, que concebe a hermenêutica como a marca característica de nossa experiência do mundo, Gadamer critica o psicologismo e ressalta a dimensão histórica, o que implica, em primeiro lugar, reconhecer que a constituição do sentido transcende a subjetividade individual e, em segundo lugar, que ela é inseparável da historicidade inerente a uma determinada tradição. Assim, é o caráter finito e histórico do ser que qualifica como hermenêutica a experiência que o homem tem do mundo:

quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos-nos sempre sob os efeitos dessa história efetual. Ela determina de antemão o que se mostra a nós de questionável e como objeto de investigação, e nós esquecemos logo a metade do que realmente é, mais ainda, esquecemos toda a verdade deste fenômeno, a cada vez que tomamos o

fenômeno imediato como toda a verdade. (Gadamer, 2002, p. 449)

Isso não significa que Gadamer proponha que a história efetual seja uma disciplina auxiliar do que ele denomina de ciências do espírito, e, sim, que se reconheça que seus efeitos operam em qualquer compreensão, independentemente da consciência disso, advertindo que:

quando se nega a história efetual na ingenuidade da fé metodológica, a consequência pode ser até uma real deformação do conhecimento. Isso nos é conhecido através da história da ciência, como a execução de uma prova irrefutável de coisas evidentemente falsas. Mas, em seu conjunto, o poder da história efetual não depende de seu reconhecimento. Tal é precisamente o poder da história sobre a consciência humana limitada: o poder de impor-se inclusive aí, onde a fé no método quer negar a própria historicidade. Daí a urgência com que se impõe a

necessidade de tornar consciente a história efetual: trata-se de uma exigência necessária à consciência científica. (Gadamer, 2002, p. 450)

Preparação do corpus e descrição dos dados técnicos: aportes da análise estatística textual

Nesta quinta etapa de análise, procedeu-se à montagem do *corpus* de análise da produção textual dos universitários para cada uma das questões (“*Por que você acha que isso tudo é Brasil?*” e “*O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?*”) levantadas no estudo de Sousa e Arruda (2006) por meio do seguinte processo: primeiramente, realizou-se uma seleção de todas as respostas que apresentavam literalmente o termo “diversidade”, no singular ou no plural. Contudo, como apontado anteriormente, a polissemia dessa palavra engendrou a necessidade de compreender o conteúdo nela expresso, um dos motivos pelos quais se optou pela construção da lista de associações (2ª etapa) que identificasse o contexto atual de uso desse conceito.

Com o auxílio, portanto, dessa lista realizou-se uma segunda seleção do banco original da pesquisa coordenada por Sousa e Arruda (2006), identificando as respostas dos universitários que continham, inicialmente, uma ou mais palavras da lista de associações (cf. Quadro 1).

Com os questionários que não foram selecionados, ou porque não apresentavam o termo “diversidade” ou porque não continham uma ou mais palavras da lista de associações, procedeu-se a uma nova leitura das respostas com o objetivo de escolher aquelas que, não preenchendo os requisitos acima, indicavam, apesar disso, uma conotação passível de ser interpretada como diversidade. Por exemplo, uma das palavras associadas à diversidade é oposição. Assim, respostas que faziam referência à oposição, ainda que essa palavra não estivesse explicitada, compuseram também o *corpus* de análise. É o caso, por exemplo, das seguintes frases:

“Apesar de tudo, é um país bom para viver. Como desenhei, é muito raro acontecerem desastres no Brasil. Além disso, ele possui muitas riquezas, praias

e belezas naturais, que não se podem encontrar em outro país” (Estudante de Enfermagem, região Nordeste).

“O Brasil se diferencia por ser rico em flora, porém com desigualdade social muito gritante” (Estudante de Pedagogia, região Norte).

“O Brasil é um mosaico de cor e de raça” (Estudante de Serviço Social, região Norte).

“Porque o Brasil é um país enorme, com marcas características em cada região. E dessa mistura de climas e culturas que nasceu o nosso país” (Estudante de Medicina, região Sudeste).

“O Brasil é um belo país, mas, infelizmente, a riqueza está concentrada na mão de poucos, o que gera grandes desigualdades sociais, ocasionando fome, violência e todos os problemas do país” (Estudante de Enfermagem, região Nordeste).

“Porque o Brasil é um país repleto de coisas belas apesar de haver nele coisas ruins que devem ser superadas” (Estudante de Pedagogia, região Nordeste).

Após essa seleção, obteve-se, para a questão “*Por que você acha que isso tudo é Brasil?*” um *corpus* de 498 respostas e, para “*O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?*” obtiveram-se 499 respostas, lembrando que o banco original armazenava 976 respostas para cada uma das questões especificadas (Sousa & Arruda, 2006).

Dado o volume do material analisado, optou-se pela aplicação de uma análise informatizada de modo a se ter não apenas “uma visão mais global e homogênea de nosso material (linguístico, gramático, semântico, temático), mas também uma sutileza e fineza do detalhe que nem sempre são visíveis a ‘olho nu’.” (Kalampalikis, 2003, p. 149).

O programa escolhido foi o Alceste (*Analyse des Lexèmes Cooccurents dans les Enoncés Simples d’un Texte*), na medida em que sua concepção permite uma “análise da linguagem das representações que organizam e dão forma ao pensamento e ao conhecimento social” (Soares, 2005, p. 549). Dada a complexidade do funcionamento geral do programa, não serão apresentados os detalhes

estatísticos, muito menos os fundamentos teóricos de sua operacionalização.

Análise dos dados por meio da “fusão de horizontes interpretativos”

Neste último procedimento, analisaram-se as convergências passíveis de serem estabelecidas entre a produção textual dos universitários e as fontes históricas elencadas. Assim, enquanto as análises subsidiadas pelo programa Alceste privilegiaram o conteúdo das representações sociais de Brasil, permitindo investigar a estrutura das respostas dos estudantes, o diálogo com as fontes do século XIX visou identificar como ideias e conceitos construídos nessa época foram apreendidos por esses mesmos universitários, mediante a análise das convergências entre as repostas deles e as fontes selecionadas, de modo a compreender a historicidade da “diversidade”, apontada como um dos eixos organizadores dessas representações. O Quadro 4 se consubstancia em um exemplo de tais convergências.

Evidentemente que não se trata de afirmar que as respostas dos universitários são um mero reflexo, ou mesmo uma transposição, da produção historiográfica brasileira do século XIX para o momento atual, mas antes indicar a existência de estruturas de pensamento que orientam uma forma de caracterizar o Brasil que se mantêm ainda hoje, apesar de ser outro o contexto histórico de sua produção.

Daí a opção em utilizar, ainda que de forma adaptativa e instrumental, a expressão de Gadamer (2002), “fusão de horizontes interpretativos”, partindo do princípio de que não é possível compreender o significado original do vocabulário utilizado no século XIX, na medida em que cada período entende o texto de uma determinada maneira, não se tratando de transladar-se a uma espécie de “espírito da época”.

Nesse sentido, não há uma interpretação que possa pretender ser a única correta, pois sua vinculação a contextos hermenêuticos historicamente predeterminados por preconceitos que formam seus horizontes impede que se possa imaginar uma interpretação “autêntica” que se pretenda alheia a tais predeterminações. As apropriações feitas de um texto por cada época histórica são diferentes, pois se orientam por horizontes distintos, tornando-se indispensável considerar

a situação hermenêutica tanto de quem interpreta, quanto do texto que é interpretado.

Não há, portanto, um sentido “em si mesmo” passível de ser apreendido por uma subjetividade isolada e anistórica. A constituição do sentido ocorre de forma partilhada e é predeterminada pela tradição à qual pertence o intérprete.

Aliás, é nisso que consiste o essencial da tentativa de Gadamer (2002) de superar uma “hermenêutica psicologizante”, que trata a questão da constituição do sentido como obra de um sujeito isolado e alheio às determinações históricas, em direção a uma “hermenêutica histórica”, que leva em consideração tais determinações da consciência dos sujeitos que, pertencentes a uma dada tradição, nela encontram o horizonte de sua interpretação.

Ainda que, conforme ressalta Oliveira (1996), “compreender um texto significa sempre: aplicá-lo a nós e saber que um texto, mesmo que deva ser compreendido de maneira diferente, é contudo o mesmo texto que se nos apresenta sempre de outro modo” (p. 235-236), a simples enunciação da história efetual não significa que a sua observação seja um processo simples. Ao contrário, é o próprio Gadamer (2002) quem indica que

A afirmação de que a história efetual pode chegar a tornar-se completamente consciente é tão híbrida como a pretensão hegeliana de um saber absoluto, em que a história chegaria à completa autotransparência e se elevaria até o patamar do conceito. Pelo contrário, a consciência histórico-efetual é um momento da realização da própria compreensão... [na medida em que]... essa impossibilidade não é defeito da reflexão, mas encontra-se na essência mesma do ser histórico que somos. *Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se* (p. 450-451).

Desse modo, apesar de não existirem horizontes destacados um do outro, Gadamer (2002) usa o termo fusão por compreender que “todo encontro com a tradição realizado com consciência histórica experimenta por si mesmo a relação de tensão entre texto e presente” (p. 458), e à hermenêutica caberia não ocultá-la, motivo pelo qual o comportamento hermenêutico obriga a que se projete um horizonte que possa ser distinguido do presente.

Quadro 4 – Excertos de vocabulário associado à diversidade e de seu contexto de uso no século XIX e XXI.

Contexto temático - diversidade	Traços lexicais característicos do contexto	Fusão de horizontes interpretativos	
		Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários (século XXI)	Contexto de uso – excertos das fontes históricas do século XIX
Variedade de problemas	Desigualdade Violência Falta Educação Fome Corrupção	"A desigualdade social, a miséria, desemprego, violência, tráfico de drogas etc. Porque em países desenvolvidos até há problemas, mas não como no Brasil" (Serviço Social, região Sul).	"Nenhum problema insolúvel, nenhum perigo inevitável ameaça o desenvolvimento do Brasil. Não vive ele, como os países de Europa, sob a pressão de questões irritantes e conflitos iminentes com os vizinhos. Apenas duas apreensões assaltam o espírito de quem medita sobre os seus destinos, se continuar a ter maus governos e instituições incompatíveis com a sua índole. São essas apreensões: separação do território nacional em vários Estados; intervenção nos seus negócios de alguma potência estrangeira" (Celso, 1901, p. 249).
Expectativa mediada pela oposição	Povo Dificuldades Esperança Alegria Apesar de	"O povo brasileiro, pois, apesar de todas as dificuldades continua lutando sem perder a alegria, a esperança de um dia ver nosso país onde ele merece" (Engenharia, região Centro-Oeste).	"[...] Não temos o direito de desanimar nunca. Assiste-nos o dever de confiar sempre. Desanimar no Brasil equivale a uma injustiça, a uma ingratidão; é um crime. Cumpre que a esperança se torne entre nós, não uma virtude, mas estrita obrigação cívica" (Celso, 1901, p. 256-257).
Aspecto racial	Raça Mistura Religião Cultura	"Além de inúmeras culturas espalhadas em um único país, há a fusão de todas as raças e o estabelecimento de uma identidade, a identidade brasileira, que é singular e torna o Brasil um país único" (Medicina, região Sul).	"[...] Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo, tem um cunho muito particular" (Martius, 1845/1982, p. 87).
Aspecto natural	Natureza Grande Recursos Diversidade	"O que diferencia e muito o Brasil são os contrastes, pois belezas naturais, cidades desenvolvidas e outros, quase todas as nações apresentam, mas o Brasil tem um pouco de tudo distribuído em todo o seu espaço" (Enfermagem, região Norte). "O clima em primeiro lugar, pois temos um país no qual não existem furacões e maremotos. Outro aspecto é a diversidade do solo no qual podemos plantar quase tudo" (Serviço Social, região Sudeste).	"O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberdade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma variedade de climas, a que corresponde uma infinita variedade de produções" (Macedo, 1864/1905, p. 41). "O Brasil sobreleva em tamanho quase todos os países do globo. Quando lhe falecessem outros títulos à procedência (e esses títulos abundam) bastava-lhe a grandeza física" (Celso, 1901, p. 14).

Nesse sentido, a análise dos contextos de uso de um vocabulário específico tanto da produção textual dos universitários quanto nas fontes históricas teve o objetivo de atentar para o fato de que “as palavras que permaneceram as mesmas não são, por si sós, um indício suficiente da permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designado” (Koselleck, 2006, p. 105), isso porque

o horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr à prova constantemente todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma, pois, à margem do passado. Nem mesmo existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem ganhos. Antes, *compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos* (Gadamer, 2002, p. 457).

Isso pressuposto, tem-se que a “fusão de horizontes interpretativos”, tendo por fio condutor o eixo “diversidade”, explicitou que a composição das representações sociais de Brasil baseia-se em um sistema que visa orientar comportamentos e interpretar a realidade mas que, ao mesmo tempo, se constrói sobre os efeitos de um conteúdo “já pensado”. Ou seja, não se trata de uma transposição para o presente das ideias constituídas ao longo do século XIX. Ao contrário, trata-se antes de reapropriações e reinterpretações ao longo do tempo, o que fica ilustrado no jogo entre a manutenção de determinadas formas de representar o Brasil que, desde o oitocentos, são associadas à diversidade (tais como as categorias “raça” e “natureza”) e a inclusão de outras, mais vinculadas ao cotidiano dos respondentes (é o caso, por exemplo, da variedade de problemas evocada como singularidade do país).

Assim, alguns dos conteúdos temáticos associados à diversidade como “raça” e “natureza” favorecem o cotejamento com as fontes históricas examinadas, enquanto outros, como a associação da singularidade brasileira à variedade de problemas, ou mesmo à variedade

cultural, não tenham sido localizados nessas fontes, o que indica que tais conteúdos, provavelmente, foram agregados à diversidade em uma época posterior ao século XIX.

Tomando-se por base o estudo desenvolvido por Pittolo (1996) acerca das representações sociais urbanas da cidade de Nice, na França, pode-se indicar também que, de modo geral, os contextos temáticos associados à diversidade se caracterizam pelo aspecto compensatório, haja vista a existência de uma espécie de oposição entre a produção textual dos universitários e o cotidiano do país em que o conflito social ou não aparece, ou é minimizado. É o que ocorre, por exemplo, na crença da fusão harmoniosa das três raças que elidiria o conflito étnico, malgrado as constatações reiteradas de atitudes discriminatórias; da esperança e da fé em um futuro melhor, independentemente da ação humana; da visão de natureza venturosa que desconsidera a devastação etc.

Este aspecto compensatório contribui para harmonizar a sociedade porque ameniza os conflitos sociais, ao mesmo tempo em que parece imobilizar a ação humana, visto que uma decorrência direta dessa percepção consiste no fato de o povo não se ver como agente da história, pois a melhoria do país, colocada no tempo futuro, é concebida como fruto não da interferência humana, mas da predestinação e da fé que alimenta, em um processo circular, a condescendência com os problemas do Estado (Carvalho, 1998). Portanto, de um lado, tem-se a especificidade do presente, expressa na variedade dos problemas cotidianos percebidos, sobretudo como de responsabilidade do governo e articulada às expectativas de um futuro melhor derivado da crença na predestinação do país ao sucesso, e, de outro, a herança do passado, pautada na mistura racial e na exuberância de uma natureza dadivosa que, por isso mesmo, prescinde da interferência humana.

Esta situação remete a um fenômeno aparentemente paradoxal na medida em que, ainda que a diversidade seja entendida, ao mesmo tempo, como contraposição e consensualidade, tem-se que, independentemente do aspecto que a ela é associado (racial, cultural, natural, social), esta se encontra sempre harmoniosamente unida pelo discurso que a constitui, uma vez que os

conflitos cotidianos não encontram nela ressonância. Ou seja, as respostas dos estudantes indicaram a diversidade associada, ao mesmo tempo, à diferença e à harmonia, e a compreensão dessa tessitura só foi possível por meio da análise das fontes históricas que permitiu verificar que, no Brasil, a diversidade não se desenvolveu em oposição a uma reunião nacional. Ao contrário, foi justamente ela que possibilitou a construção da identidade do país como uma forma consensual que se expressa em frases como “somos diferentes, mas iguais”, “contemos a variedade na unidade”, ou ainda que, apesar de “*nossas diferenças, nos tornamos iguais*” (Estudante de Enfermagem, região Sudeste), o que corrobora a observação feita por Thiesse (1995, s.d.) quando do estudo da formação da identidade nacional francesa, no século XIX, em que a autora conclui que não são as identidades comuns que fundam as nações, mas justamente as nações que essencialmente criam ou formam as identidades necessárias à sua perenidade.

É nesse sentido que a “fusão de horizontes interpretativos”, realizada por meio do cotejamento entre a produção textual dos universitários e a análise de algumas das fontes históricas do século XIX, permitiu observar a continuidade de uma forma de interpretar o Brasil associada à “diversidade” que, ainda hoje, organiza as atuais representações sociais do país e que se vincula a um período em que a necessidade de constituir um projeto de Estado e de nação era peremptória, indicando que a rede de significados associada a tal eixo é parte de uma construção histórica.

Considerações finais

A construção da trajetória metodológica, apresentada como uma possibilidade de compreender a historicidade das representações sociais, evidenciou a importância de uma sistematização que leve em conta os conhecimentos construídos no passado tendo em vista seus efeitos no presente.

A contribuição de uma análise que considere a historicidade das representações sociais oferece, portanto, a possibilidade de, ao sopesar tanto sua dimensão estável como dinâmica, estabelecer um referencial analítico e interpretativo acerca do conteúdo representacional no sentido de investigar os processos que o constitui contribuindo, com isso, para sua desnaturalização, ou seja, para a

compreensão de que ele é parte de uma construção histórica e não uma espécie de “universal abstrato”, na medida em que permite tornar visível a “experiência histórica de nossa sociedade (Wagner, 2003) que se expressa na atualização de elementos do passado presentificados nas representações sociais contemporâneas.

Do ponto de vista dos quadros estruturantes das representações sociais tem-se que a consideração de sua historicidade é fundamental para a compreensão dos seus processos de generatividade, de construção de estabilidade e de transformação de seus conteúdos, haja vista que elas são tanto fruto da reapropriação dos conteúdos advindos de outros períodos cronológicos, como daqueles gerados pelos novos contextos.

Referências

- Anderson, B. (1991). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism* (2. ed. rev.). London: Verso.
- Aulete, F. J. de C. (1958/1987). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (4. ed.). Rio de Janeiro: Delta.
- Carvalho, J. M. de. (1990). *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____. (1998, Out.). O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(38). Recuperado em 18 de setembro, 2007 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-9091998000300004&script=sci_arttext&tlng=>
- _____. (2002). Terra do nunca: sonhos que não se realizam. In L. Bethell (Org.), *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro* (pp. 45-75). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2005). *Pontos e bordados: escritos de história e política* (2.^a reimpressão). Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Castorina, J. A. (2007). Um encontro de disciplinas: a história das mentalidades e a psicologia das representações sociais. In M. Carretero, A. Rosa, & M. F. González (Orgs.), *Ensino da história e memória coletiva* (V. Campos, Trad.; pp. 75-88). Porto Alegre: Artmed.

- Celso, A. (1901). *Porque me ufano do meu paiz: right or wrong, my country*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores.
- Chauí, M. (2001). *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária* (3.^a reimpressão). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Damatta, R. (1979). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, A. B. de H. (1975/1986). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2. ed. rev. e ampl. 29.^a imp.). São Paulo: Nova Fronteira.
- Fico, C. (1997). *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Gadamer, H-G. (2002). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (Pensamento humano, t. I e II; F. P. Meurer, Trad.; Ê. P. Giachini, Rev.; 4. ed.). Rio de Janeiro.
- Haas, V., & Jodelet, D. (2007). Pensée et mémoire sociales. In J-P. Pétard, (Dir.), *Psychologie sociale* (Grand Amphi Psychologie; 2^a Ed. ; pp. 117-162). Rosny: Bréal.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jasmin, M. G. (2005). História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (57), 29-38.
- Kalampalikis, N. (2003). L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. In J-C. ABRIC (Dir.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 147-163). Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.
- Koselleck, R. (1992). Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, 5(10), 134-146.
- _____. (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (W. P. Mass & C. Almeida Pereira, Trans.; C. Benjamin, Ver.). Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio.
- Lahlou, S. (2003). L'exploration des représentations sociales à partir des dictionnaires. In J-C. ABRIC (Dir.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 37-58). Ramonville Saint-Agne: Érès
- Macedo, J. M. (1864/1905). *Lições de história do Brasil: para uso nas escolas de instrução primaria* (Edição revista e atualizada por Olavo Bilac). Paris: Garnier.
- Martius, C. F. P. (1982). Como se deve escrever a história do Brasil. In C. F. P. Martius, *O estado do direito entre os autóctones do Brasil* (A. Löfgren, Trad.; A. C. Miranda Azevedo, Ver.). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. (Transcrito da *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 24, jan. 1845.)
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (Á. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Naxara, M. R. C. (1998). Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume.
- _____. (2004). Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In S. Bresciani & M. R. C. Naxara (Orgs.), *Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível* (pp. 431-455). Campinas: Editora da Unicamp.
- Ortiz, R. (2006). *Cultura brasileira e identidade nacional* (8.^a reimpressão). São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira, M. A. (1996). H.G. Gadamer. In M. A. Oliveira, *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea* (pp. 225-248). São Paulo: Loyola.
- Pinto, L. M. S. (1832). *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva.
- Pittolo, F. (1996). Représentations sociales urbaines: quand les ressources historiques sont évaluatrices, compensatrices, réductrices: l'exemple de Nice (France). *Papers on Social Representations / Textes sur les représentations sociales*. Online, 5(2), 81-98,

- Prado, M. L. C. (2001). O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, São Paulo, 145, 127-149.
- Reis, J. C. (2003). *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* (6. ed.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Schwarcz, L. K. M. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____. (1995). Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil (1870-1930). In Í. Ramos (Coord.), *A luta contra o racismo na rede escolar* (pp. 25-29). São Paulo: FDE, Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros.
- Silva, A. M. (1789/1858). *Diccionario da lingua portugueza* (6. ed.). Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha.
- Soares, C. C. C. (2005). Em torno do pensamento social e do conhecimento do senso comum: a aplicação da metodologia Alceste em contextos discursivos distintos. In A. S. P. Moreira (Org.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 541-571). João Pessoa: UFPB/Editora Universitária.
- Sousa, C. P., & Arruda, A. (Coords.). (2006). *Imagário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira*. Relatório de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Mimeografado
- Thiesse, A-M. (1995). “La petite patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940) (F. de Castro Azevedo, Trad.). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 8(15), 3-16.
- Varnhagen, F. A. (1854/1975). *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal* (R. Garcia, Ver. e notas; 8. ed. integral). São Paulo: Melhoramentos/Ministério da Educação e Cultura.
- Villas Bôas, L. P. S. (2010). *Brasil: ideia de diversidade e representações sociais*. São Paulo: Annablume.
- _____, & Sousa, C.P. (2007). Representações sociais e história: limites e possibilidades. In A. S. P. Moreira, & B. Camargo (Orgs.), *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais* (pp. p. 153-180). João Pessoa: UFPB.
- Wagner, W. (2003). História, memória e senso comum em representações sociais e interdisciplinaridade. In A. S. P. Moreira & J. C. Jesuíno (Orgs.), *Representações sociais: teoria e prática* (2. ed. rev. e ampl.; pp.15-28). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Zarur, G. de C. L. (2003). *A utopia brasileira: povo e elite*. Brasília: Abaré/Flacso/Brasil.

Enviado em Novembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Sobre as autoras:

Lúcia Pintor Santiso – Coordenadora Adjunta do CIERS-ed do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. E-mail: lboas@fcc.org.br.

Clarilza Prado de Sousa – Coordenadora do CIERS-ed do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: csousa@fcc.org.br.

Representações sociais de futuros professores sobre o brincar: elementos para se pensar os reguladores sociais associados à infância

Daniela B. S. Freire Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso – MT, Brasil

Érica N. H. Teibel

Universidade Federal de Mato Grosso – MT, Brasil

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a representação social sobre o brincar segundo um grupo de 197 acadêmicos do curso de Pedagogia da UFMT, campus Cuiabá. Para tanto, os referenciais teóricos utilizados foram a Teoria das representações sociais, de Serge Moscovici (1978) e a Teoria do núcleo central, de Jean-Claude Abric (1998) em diálogo com as contribuições de Winnicott (1975, 2005) sobre as questões associadas à ludicidade. A coleta de dados baseou-se na técnica de Associação de Palavras. O processamento foi realizado por dois *softwares*, o *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations* (EVOC), que possibilitou esclarecimentos acerca de como os conteúdos da representação social investigada estão estruturados, e o *Cohesive Hierarchical Implicative Classification* (CHIC), que por meio da análise implicativa clássica permitiu notar relações entre os termos evocados, possibilitando inferir possíveis caminhos discursivos. Os resultados indicam que a representação dos licenciandos sobre o brincar é demarcada de forma positiva e idealizada. No sistema periférico identificou-se também a presença de discurso organizado pela inserção de conteúdos acadêmicos, fato que pode caracterizar o fenômeno da polifasia cognitiva.

Palavras-chave: Brincar, Representações sociais, Infância.

Social representations according to future teachers about playing: elements to give thoughts about the social regulations related to infancy

Abstract

This case of study has a purpose of analysing the social representations regarding the playing according to 197 scholars of Pedagogy at UFMT, Cuiaba campus. Therein, the theoretical references used were the Social Representation Theory by Serge Moscovici (1978) and the Central Core Theory by Jean-Claude Abric (1998) in dialogues with Winnicott's contributions (1975; 2005) regarding the matters related to playfulness. Data collection was based upon the Word's Association technique. Processing was done through two *softwares*: *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations* (EVOC), which allowed clarification regarding how the social representation contents that are being investigated are structured, and the *Cohesive Hierarchical Implicative Classification* (CHIC), which through the classic implicative analysis allowed noticing a relation between the evoked terms. Therefore, allowing understand the possible pathways to discussion. The results indicate that the representation which the undergraduate has, as to playing, is had in a positive form and idealized. In the peripheral system it was also found the presence of a discourse which is organized by the insertion of academic contents, fact which could characterize the cognitive polyphasia phenomena.

Keywords: Play, Social representation, Infancy.

Introdução

A coexistência de saberes oriundos do campo do saber científico com aqueles originários do campo do pensamento ingênuo atuam como espécie de crivo de leitura da realidade por meio do qual profissionais da educação tomam decisões e organizam sua prática, definindo processos de ensino e aprendizagem.

Ao ingressarem na academia, alunos de Pedagogia trazem consigo teorias do senso comum que, segundo Moscovici (1978, 2003), são conjuntos de conceitos articulados que têm sua origem nas práticas sociais e diversidades grupais cujas funções envolvem: dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas.

Ao longo do processo de formação inicial de professores, tais significações são confrontadas em maior ou menor grau com as teorias científicas, gerando nos acadêmicos certo estranhamento frente a novas significações, abrindo espaço para a partilha de novos significados e para a transformação de antigas representações.

Segundo Sousa, Tavares e Bôas (2006), é essa articulação entre o conhecimento científico, promovido pelos cursos de licenciaturas, juntamente com o saber do senso comum partilhado pelos alunos que delineia a identidade docente, fator altamente relacionado à construção do conteúdo e da forma da sua atividade profissional.

De Lauwe (1991) acredita que, ao conhecer as representações partilhadas por técnicos e responsáveis pela criança, estudiosos estariam mais próximos da compreensão acerca da infância, tendo em vista que sua integração social se opera por meio de uma série de identificações vinculadas às expectativas dos adultos. Assim, a autora anuncia que determinadas práticas sociais dirigidas às crianças delineiam estruturas de oportunidade que o meio oferece ao infante criando universos de socialização.

A noção de universos de socialização estaria vinculada a dados geográficos, socioeconômicos e institucionais, relativos à criança, além das concepções, representações e ideologias daqueles que têm o poder sobre as condições de vida do infante. Deste modo, anunciam-se estudos sobre representações e valores referentes à criança e desenvolvidos a partir dela.

A maneira de perceber e de pensar a criança influi sobre suas condições de vida, sobre seu estatuto e sobre os comportamentos dos adultos em relação a ela. Em uma dada sociedade, as ideias e as imagens relativas à criança, por mais variadas que sejam, organizam-se em representações coletivas, que formam um sistema em níveis múltiplos. Uma linguagem “sobre” criança é criada assim como uma linguagem “para” a criança, já que imagens ideais e modelos lhe são propostos. (De Lauwe, 1991, p.1)

Em torno das representações acerca da infância e da criança, De Lauwe (1991) descreve que os adultos atuam conforme significam a infância, criando um mundo no qual as crianças crescem. A autora explica que existe um processo de mitificação da infância, por meio do qual o infante é essencializado a partir de valores que a sociedade busca evidenciar. Do ponto de vista das crianças, tais representações funcionam como espécie de “fatos sociais” que possuem força coercitiva de uma representação coletiva. Sobre tal assunto, é preciso admitir que o desenvolvimento da criança ocorre no contexto da intersubjetividade, sendo que esta necessariamente se defronta com uma pré-estruturação do ambiente social na qual se pode identificar normas, representações, cenários que organizam as interações sociais nas quais as crianças tomam parte.

Doise (2001) anuncia que são esses reguladores sociais que conduzem a criança a orientar suas atividades mentais em relação ao ambiente, organizando a ação dos sujeitos nas relações sociais. Esses reguladores adquirem uma função estruturante, podendo agir como facilitadores da resolução de tarefas já que, frente a situações problemas, o raciocínio poderá ser marcado pela correspondência entre as respostas cognitivas, corretas ou incorretas, e as respostas possíveis que decorrem de significações.

Nesse sentido, estudar as representações de quem terá poder sobre as condições de vida da criança, ainda que apenas no âmbito escolar, pode fornecer pistas acerca do universo simbólico no qual a criança está inserida. Como afirmam Emler, Ohana e Dickinson (2003), é por meio da interação e comunicação com outras crianças e adultos que o infante recebe e exerce a influência social que vai contribuir no

processo de construção de conceitos compartilhados com o seu grupo de pertença. Neste contexto, a ação das crianças estaria apoiada tanto no sentido da acomodação, quanto no da resistência frente às relações cognitivas e as normas incorporadas pela estrutura de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Assim, o presente estudo pretende tomar as representações sociais sobre o brincar como pano de fundo para compreender os aspectos da rede de significados partilhada por futuros docentes cuja ação profissional estará dirigida a instituições educacionais em unidades da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Esses contextos têm o compartilhamento de regras em um sistema normativo que formaliza uma cultura institucional operante, composta por reguladores sociais específicos que orientam comportamentos, expectativas e práticas educacionais, variando desde oportunidades voltadas para a aprendizagem lúdica até mesmo a sua negação.

Nesse sentido, este trabalho objetiva estudar os conteúdos e as estruturas das representações sociais sobre brincar, tomando-os como elementos que contribuem para a compreensão da articulação de diferentes conhecimentos no processo formativo. Essa compreensão auxiliará também a refletir sobre como os futuros docentes poderão analisar e avaliar os comportamentos infantis no contexto escolar e a eles reagir profissionalmente.

A tensão entre senso comum e discurso científico configura campo fértil para a produção de novas representações sociais ou mesmo de suas transformações. Este parece ser o contexto da formação inicial de professores. Portanto, visando uma melhor compreensão desse quadro, serão apresentadas a seguir algumas reflexões orientadas por debates teóricos importantes que permitem a compreensão do fenômeno da ludicidade e das representações sociais.

O brincar e o desenvolvimento infantil no contexto escolar

Estudiosos como Brougère (2002) revelam sua estranheza ao constatar que muitos educadores dão pouca ou nenhuma importância para o brincar da criança e que, de modo geral, apresentam dificuldades em lidar com o lúdico. Tal dificuldade pode ser explicada por meio da recorrente negação do espaço da imaginação e

da criatividade há muito presente nas relações sociais. Este fato, no entender de Cerisara (2002), colabora para a formação de uma fragmentação das diferentes dimensões do ser humano, separando o pensar do sentir e o imaginar do criar e brincar.

As contribuições da perspectiva sócio-histórica revelam a brincadeira como forma por meio da qual a criança inicia a sua aprendizagem sobre o mundo e sobre si mesma, em um processo que caminha de um estado de indiferenciação para a diferenciação, resultando na capacidade de autorregulação e de simbolização. Esse processo inicia-se sob o domínio das funções mentais inferiores que paulatinamente são superadas pelas funções mentais superiores por meio da apropriação e internalização de signos.

Vygotsky (1991), ao descrever a diferença entre o brincar e outras atividades, conclui que o brincar se define pela criação de situações imaginárias nas quais a criança assume um papel de outra pessoa, realizando suas ações e estabelecendo suas relações típicas, de modo que satisfaça desejos que na realidade não podem ser atendidos imediatamente. “A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação.” (Vygotsky, 1991, p. 110.).

Segundo Dantas (2002), o lúdico, na perspectiva walloniana, é sinônimo de infantil, isso porque toda a ação da criança é lúdica, entretanto, entende-se a brincadeira como ação voluntária e consciente que a criança desempenha ao mergulhar na ação lúdica, possuindo um fim em si mesma. Já quando ela se associa a um produto como a aprendizagem por via de um jogo educativo, a brincadeira acaba por assumir o caráter de trabalho. Deste modo entende-se que o termo lúdico abrange tanto a atividade individual e livre, quanto a atividade coletiva e regada.

Por sua vez, as contribuições de Winnicott (1975, 2005) evidenciam que a brincadeira se relaciona diretamente com a criação para a criança da externalidade do mundo. Para ele, o brincar se localiza no que o autor denomina espaço potencial, um lugar constituído a partir das vivências do bebê e localizado entre o mundo interno da criança e os aspectos da realidade externa, permitindo assim que, no afastamento do cuidador, o infante possa

suportar essa ausência, utilizando algo da realidade para torná-lo presente. Deste modo, a criança consegue preencher esse espaço com o brincar criativo aliado ao desenvolvimento do pensamento.

Winnicott (1975, 2005), ainda salienta a relevância da ludicidade na administração da agressão e da destrutividade, fatores tão inerentes ao processo de constituição da subjetividade humana quanto os sentimentos de amor, reparação e cuidado.

O autor reforça ainda que as crianças em idade pré-escolar tendem a agir segundo emoções fortes e agressivas. Deste modo, para promover um ambiente facilitador de desenvolvimento, é importante que os professores consigam acolher tais comportamentos, assumindo as orientações necessárias.

O brincar é entendido então como a base por meio da qual a criança pode aprender a transformar e a utilizar objetos do mundo para neles realizar-se e inscrever os próprios gestos sem perder contato com a própria subjetividade. Nesta perspectiva, a brincadeira torna-se a possibilidade de elaboração de significados e sentimentos associada ao domínio da angústia, ao controle de ideias ou impulsos para com isso dar escoamento ao ódio e à agressão, além de desenvolver a tolerância à frustração e canalizar a agressividade.

Na brincadeira, inscreve-se o gesto pessoal à medida que se utilizam objetos da realidade externa, transfigurando-os de acordo com a fantasia. Nesse movimento, aproxima-se intenção do gesto, integrando imaginação com a realidade externa em um diálogo com o mundo que funciona como a base para a aprendizagem, discriminando criação de aprendizagem, autoria de apropriação inventiva do conhecimento.

Frente a esses indicadores a proposição deste estudo, justifica-se em torno das hipóteses interpretativas advindas das investigações intituladas Criança e aluno: um estudo de representações sociais segundo licenciandos de Pedagogia da UFMT, campus Cuiabá (Lima, 2010) e Dentro e fora da sala de aula: um estudo acerca das representações sociais do espaço escolar segundo licenciandos de Pedagogia da UFMT (Braga, 2010).

Nos estudos sobre as representações sociais de criança e aluno (Lima, 2010), destaca-se o fato de que, na representação social sobre criança, o atributo brincar possui

maior saliência, sendo o mesmo elemento organizador da representação. No entanto, na representação social de aluno, o vocábulo brincar é silenciado no rol dos elementos estruturais da representação, configurando na sua periferia o vocábulo bagunçar, provavelmente uma referência à manifestação lúdica que no contexto da sala de aula parece ser caracterizada como transgressão.

Já o estudo de Braga (2010), com a mesma população, anuncia a representação social da sala de aula como espaço destinado à concentração e disciplina e a representação social do recreio como espaço aberto à expressividade espontânea. Em certa medida, pode-se pensar que, para os acadêmicos de Pedagogia consultados, futuros professores de alunos cujas idades variam até dez anos, a escola se organiza segundo reguladores sociais caracterizados pela dicotomia dentro e fora da sala de aula, estando a brincadeira associada aos espaços externos à sala de aula. Assim, quando a ludicidade se manifesta dentro da sala, observa-se a tendência de ela ser significada como manifestação da indisciplina.

É possível então pensar que o professor nomeia determinados comportamentos como brincadeira e, ao fazer isso, demarca as regras de convivência em sala de aula.

Tais resultados podem indicar o descompasso entre as proposições teóricas amplamente divulgadas nos cursos de formação inicial de professores e os significados atribuídos à expressividade infantil, e mesmo do próprio adulto. Eles são indicadores de que no processo de formação acadêmica nem sempre os conhecimentos advindos do campo científico serão tomados como marcos de referência para a interpretação e atuação na realidade educacional.

Sobre a teoria das representações sociais

Jodelet (2001), ao realizar uma sistematização do conceito de representação social assinala que ela é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com o objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22). Deste modo, destaca-se que as representações sociais não são cópias da realidade, mas sínteses criativas de grupos, que delineiam suas

significações em meio a condições em que se encontram. Essas condições podem ser a qualidade de informação sobre o objeto a que têm acesso ou inferências que o grupo tende a aderir em função de mecanismos defensivos.

Com base nisso, é possível compreender que a representação social de um grupo lhe é importante, pois auxilia na assimilação de novos conhecimentos, incorporando aquilo que se considera estranho ou novo, sem que tais conhecimentos adquiram características ameaçadoras para a identidade grupal. Elas também estabelecem critérios para a orientação de condutas, explicando-as e justificando suas práticas.

Moscovici (1978) salienta as condições de emergência das representações, destacando três aspectos: 1. a dispersão da informação, associada ao acesso a informações que o grupo possui, seja por interesse ou por obstáculos de comunicação; 2. a focalização, associada ao grau de implicação, à distância do grupo em relação ao objeto social e 3. a pressão à inferência, na qual é exigido do indivíduo ou grupo social que responda sempre, tome posições e seja capaz de agir nas mais diversas situações, fazendo com que ele ligue premissas a conclusões, sem relações diretas.

Nesse contexto, Jodelet (2001) afirma que é favorecido um processo de defasagem do conteúdo representativo, que pode se caracterizar de três modos: a distorção, quando todos os atributos do objeto estão presentes, porém acentuados ou atenuados; a suplementação, quando se atribui conotações que não são próprias ao objeto representado, resultando num acréscimo de qualidades; e a subtração, que corresponde à supressão de atributos pertencentes ao objeto.

Segundo Abric (1998), o simples conhecimento do conteúdo de uma representação não é suficiente para defini-la, sendo então necessário identificar os elementos centrais – núcleo central – que dão à representação sua significação, determinam os laços que unem entre si os elementos do conteúdo e regem enfim sua evolução e sua transformação. Essa análise torna-se ainda mais essencial quando os sujeitos investigados estão passando por um processo de formação, que se inicia com base em conhecimentos do senso comum trazido pelos licenciandos, mas do qual se esperam modificações no sentido da aquisição de novos saberes do âmbito científico.

Abric (1998) desenvolve a Teoria do núcleo central a partir da ideia de que as representações sociais são conjuntos organizados e estruturados, que apresentam um sistema sociocognitivo particular, regido por dois subsistemas: um núcleo central e o sistema periférico.

Considera-se que o sistema central é vinculado às condições históricas, sociológicas e ideológicas, sendo também ligado às normas e aos valores sociais, definindo a organização e o significado da representação.

Em estreita articulação com o núcleo central, Abric identificou a existência do sistema periférico. Campos (2003) elucida que o sistema periférico relaciona-se mais diretamente ao contexto imediato, à história pessoal do indivíduo e que permite a adaptação da representação às mudanças situacionais.

Isso possibilita, por exemplo, que discursos diferentes sobre o mesmo objeto de representação não signifiquem representações distintas, mas que sejam elaborações com variadas ativações de certos esquemas periféricos (Flament, 2001). É esse processo que nos dá base para compreender como podem se relacionar diferentes discursos na representação de um objeto.

Nessa perspectiva, Moscovici (2003), por meio da hipótese sobre a polifasia cognitiva, destaca que os indivíduos possuem a capacidade de pensar e representar de muitos modos, o que favorece a adaptação às necessidades sociais em mudança. Nessa perspectiva, a proposta de Jovchelovitch (2008) é que a representação é uma forma plural, que compreende racionalidades múltiplas, e a aplicação de determinado saber está relacionado à pragmática do contexto que se apresenta. Assim, ela compreende que ocorre uma coexistência de saberes, que responderão a diferentes necessidades e funções na vida social, e que se farão presentes dependendo de algumas dimensões tais como quem são os atores, como se dá a prática comunicativa, qual o objeto, as razões e as funções das representações. Essas dimensões apresentam ao sujeito conhecimentos sociais acumulados, que ao funcionar como reguladores sociais favorecem o uso de uma ou outra lógica em cada situação.

Wagner, Duveen, Verma e Themel (2000), ao abordarem o tema da polifasia cognitiva, lembram que, apesar da presença de significados contraditórios terem sido

identificados desde os primórdios dos estudos sobre a representação social, é incomum as pessoas expressarem contradições em um mesmo discurso em uma determinada situação, já que as representações são criadas e vinculadas a determinados contextos sociais a que o sujeito pertence. Deste modo, os diferentes contextos em que as pessoas vivem requerem formas específicas de pensar, falar e agir ao assinalarem demandas de autorreferência e identidade, o que favorece a expressão de um discurso, em detrimento das alternativas concorrentes.

Sendo assim, ocorre que, no contexto de formação acadêmica, são apresentados novos significados aos alunos, sendo que estes passam a concorrer com conhecimentos adquiridos antes da sua inserção na graduação. Nesse sentido, pode ocorrer que uma determinada situação obtenha abordagens cognitivas distintas gerando conflito sociocognitivo ou então, tais abordagens podem coexistir sendo ativadas, ora uma, ora outra, a partir do delineamento de contextos que ao se apresentarem indicam a abordagem mais efetiva.

O que se questiona é se a representação social sobre o brincar sofre influência dos conhecimentos adquiridos no contexto da academia, e em que medida os mesmos são negociados ao longo do processo de formação inicial.

Metodologia

O presente estudo tem como base os dados referentes às associações de palavras coletadas para o termo indutor brincar, obtidas por meio da participação de 197 alunos do curso de Pedagogia da UFMT, campus Cuiabá, no primeiro semestre de 2009.

Dentre os 197 discentes investigados, 58 pertenciam ao primeiro ano, 45 ao segundo, 59 ao terceiro e 35 ao quarto ano. É possível considerar que, de modo predominante, esses sujeitos se caracterizam pelo sexo feminino (96,95%), idade entre 17 a 28 anos (64%), que se dedicam exclusivamente à faculdade, não estando envolvidos em atividades de labor concomitantes ao curso (49,74%).

A aplicação dos instrumentos de coleta foi realizada de forma coletiva em oito grupos, que correspondiam aos quatro anos do curso, tanto no período matutino quanto no vespertino. Todo material coletado foi registrado pelos

próprios participantes nos instrumentos aplicados.

Inicialmente foi aplicada a técnica de associação de palavras, sendo que em seguida solicitou-se aos participantes a hierarquização dos termos por ordem de importância e posteriormente a indução de duas narrativas. Contudo, para efeito deste estudo serão apresentados os dados coletados segundo a técnica de associação de palavras.

Os dados foram inicialmente processados pelo programa *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations* (EVOC) com base na análise da frequência (*f*) dos termos, e no cruzamento com a ordem média de evocação (OME) ou de importância (OMI). Os resultados são apresentados graficamente por meio da figura conhecida como *Tableau de Vergès*, composta por quatro quadrantes: 1. o núcleo central que aloja os vocábulos mais consensuais, rotinizados e associados à memória coletiva (menor ordem média e maior frequência), sendo caracterizados como elementos mais estáveis da representação social em torno dos quais se organiza a estrutura da mesma; 2. a primeira periferia onde se localizam os elementos que possuem maior probabilidade de ingressar no núcleo central (maior ordem média e maior frequência); 3. a zona de contraste que abarca os elementos que foram considerados importantes por um determinado número de pessoas (menor ordem média e menor frequência), podendo caracterizar um subgrupo, e 4. a segunda periferia que contempla os atributos menos frequentes e menos consensuais (maior ordem média e menor frequência), possivelmente elementos recentes da representação, associados ao contexto mais imediato que contemplam os aspectos mais particularizados da representação no contexto prático.

Por meio do processamento, identificou-se um total de 985 palavras, sendo 100 delas diferentes entre si. Delimitou-se como ponto de corte a frequência mínima de nove ocorrências, havendo assim um aproveitamento de 81,9% das evocações.

Por meio do uso do programa computacional *Cohesive Hierarchical Implicative Classification* (CHIC), realizou-se, com os dados referentes às evocações presentes nos quadrantes do EVOC (81,9% do total do *corpus*), uma análise implicativa clássica com base na Lei Binomial. Obteve-se com isso um grafo implicativo, que reproduz graficamente

uma rede de possíveis relações causais, como por exemplo, quando se observa em um determinado sujeito certa evocação “X”, em geral, observa-se a presença de uma evocação “Y”.

O *software* CHIC permite também conhecer quais são as variáveis que explicam as relações implicativas identificadas, por meio do cálculo do valor de tipicidade. Tal cálculo apresenta índices de risco entre os valores de zero, que seria a total ausência de risco, indicando tipicidade plena da variável, a um que representaria a total negação da tipicidade de uma variável. Neste trabalho, considera-se como variável os anos ou a turma dos sujeitos na graduação, gerando quatro grupos distintos: primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano.

Apresentação e análise de dados

Inicialmente, realizou-se comparação entre os resultados obtidos com o processamento dos dados tanto por meio da ordem média de evocação (OME), como pela ordem média de importância (OMI) dos termos. Foi possível observar com isso que alguns vocábulos ao serem processados segundo a ordem de importância adquirem maior saliência se comparados com sua ordem de evocação espontânea, e consequentemente outros vocábulos perdem importância.

Os termos que perdem destaque nesse processo são: brincadeira e brinquedo, que na organização segundo a OME localizava-se no núcleo central e na organização por OMI figura na primeira periferia. O termo família apresentava-se na zona de contraste na organização por OME e aloja-se na segunda periferia quando considera-se a organização por OMI.

Os vocábulos que adquirem maior saliência com o processo de hierarquização são: amigos, aprender, imaginar, liberdade e sorrir. Nesse sentido, chama a atenção o vocábulo aprender, pois pode indicar que, quando possibilitada a hierarquização dos termos, os conteúdos relacionados ao discurso acadêmico ganham maior importância do que quando evocados espontaneamente. Esses dados corroboram com os resultados obtidos nos estudos de Braga (2010) e Lima (2010) que, ao realizarem estudos com licenciandos de Pedagogia, também perceberam a valorização de termos relacionados com a academia no processo de atribuição de importância às evocações.

Considerando o fato desse trabalho se dedicar à investigação de alunos em processo de formação acadêmica, e de ter como interesse a compreensão do impacto desse conhecimento científico, na representação social dos futuros professores, será analisado, o quadrante referente à organização por OMI.

OMI	< 3			>= 3		
$f \geq 41$	NÚCLEO CENTRAL			PRIMEIRA PERIFERIA		
	Atributos	f	OMI	Atributos	f	OMI
	alegria	104	2,712	brincadeira	99	3,475
	criança	134	1,851	brinquedo	95	3,211
	diversão	86	2,895	espaço	46	4,043
$f < 41$	ZONA DE CONTRASTE			SEGUNDA PERIFERIA		
	Atributos	f	OMI	Atributos	f	OMI
	amigos	27	2,667	amor	9	3,222
	aprender	30	2,4	descontrair	28	3,893
	imaginar	13	2,077	família	9	3
	liberdade	14	2,714	lazer	15	3,867
	lúdico	22	2,864	movimentar	11	3,636
	sorrir	23	2,913	necessário	9	3
				prazer	16	3,063
				socializar	25	3,08

Figura 1 – Elementos estruturais relativos ao mote indutor brincar, processados por ordem média de evocação (OME) e ordem média de importância (OMI).

Com base no quadro de elementos estruturais, processado por meio da ordem média de importância, percebem-se no núcleo central os atributos alegria, criança e diversão. Estes vocábulos remetem ao que os licenciandos de Pedagogia mais frequentemente e prontamente se lembraram quando pensaram em brincar, caracterizando-o positivamente como uma ação infantil que geraria bem estar como alegria e diversão.

Em seguida, na primeira periferia encontram-se elementos do brincar que indicam uma dimensão mais pragmática, que caracterizam como e onde este fenômeno costuma se manifestar: espaço (parque $f=13$, escola $f=9$, espaço $f=5$, rua $f=4$, casa $f=3$, quintal $f=3$, brinquedoteca $f=3$, sala de aula $f=2$, ambiente $f=1$, local $f=1$, lugar $f=1$ e quadra $f=1$), brincadeira (correr $f=22$, pular $f=18$, jogos $f=17$, brincadeira $f=9$, jogar $f=9$, dançar $f=7$, brincadeiras $f=6$, jogo $f=3$, roda $f=3$, amarelinha $f=2$, pega-pega $f=1$, pular elástico $f=1$, futebol $f=1$) e brinquedo (brinquedo $f=41$, brinquedos $f=19$, boneca $f=13$, bola $f=10$, carrinho $f=5$, balanço $f=2$, casinha $f=2$, corda $f=2$, urso de pelúcia $f=1$).

Interessante notar que, dentre os vocábulos padronizados como *espaço*, têm-se ambientes que remetem ao estar na escola e ao estar fora da escola. Nos locais que se referem ao estar fora da escola observa-se que as palavras rua, casa e quintal somam uma frequência total de 10 evocações, 21,7% das palavras padronizadas. Já as palavras que remetem ao contexto escolar, tais como parque, escola, sala de aula e quadra, chegam a frequência de 25, aproximadamente 54,3% das palavras padronizadas como *espaço*, sendo que especificamente o termo sala de aula aparece com a baixa frequência de duas ocorrências, o que corresponde a 4,3% da frequência total da evocação *espaço*.

A zona de contraste traz os atributos amigos, aprender, imaginar, liberdade, lúdico e sorrir. Oferecendo indícios de dois discursos distintos, um que ressalta o brincar no espaço informal dos amigos, e outro que ao utilizar os vocábulos aprender e lúdico podem remeter a uma associação orientada pela internalização de

discussões acadêmicas associadas ao brincar, provavelmente no espaço escolar.

Nesse sentido, a palavra *espaço*, localizado na primeira periferia pode adquirir um sentido de regulador social, por meio do qual o brincar pode ser visto de modo distinto, dependendo do ambiente em que se encontra.

Na segunda periferia, estão localizados vocábulos que se referem ao que os licenciandos investigados lembraram menos prontamente acerca do brincar: amor, descontração, família, lazer, movimentar, necessário, prazer e socializar. Neste quadrante, assim como na zona de contraste, aparecem elementos que caracterizam mais marcadamente um ambiente informal, entretanto o termo socializar fornece indicativos de um discurso acadêmico sobre a ludicidade.

Tais considerações coadunam com o que postula a Teoria do núcleo central quando afirma que o sistema periférico comporta elementos contrastantes que podem se ativar de acordo com o ambiente, ou até mesmo com o papel social desempenhado pela pessoa nos distintos locais que ela frequenta.

Têm-se então que se encontram no núcleo central e no sistema periférico diversos termos que remetem a um discurso do senso comum, no entanto, faz-se presente na zona de contraste (aprender e lúdico) e na segunda periferia (socializar) três elementos que remetem à inserção do discurso acadêmico na representação do brincar.

A seguir apresenta-se o grafo implicativo obtido por meio do processamento do software CHIC.

A análise do grafo implicativo revela a existência de três blocos discursivos assim denominados: 1. reguladores sociais e recursos socioculturais; 2. atores sociais e bem-estar e 3. discurso acadêmico sobre ludicidade.

No que se refere ao bloco 1, reguladores sociais e recursos socioculturais, observa-se maior índice de implicação entre as evocações, sendo 95% a probabilidade de quem escreveu *espaço* evocar também *brinquedo*, e de quem escreveu *brinquedo* evocar o termo *criança*.

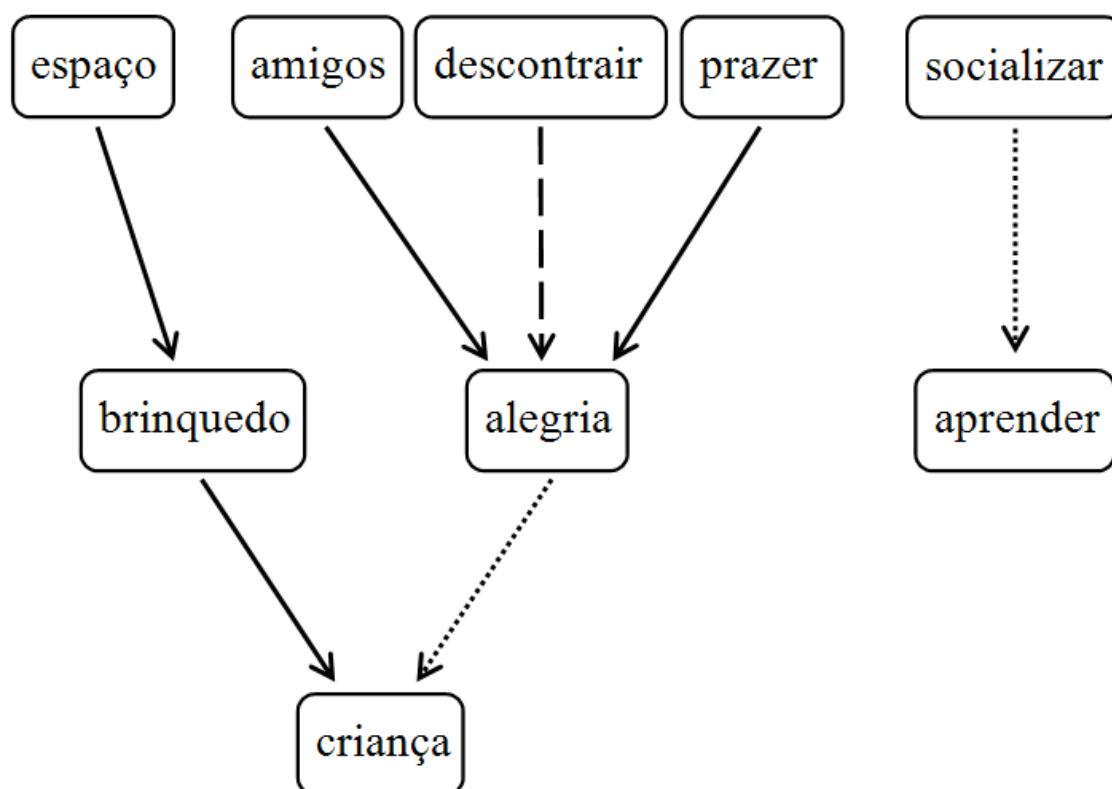


Figura 2 – Grafo implicativo resultante do processamento das evocações sobre o brincar no software CHIC. Os tipos de linha indicam o índice de implicação entre evocações: contínua – 95%; tracejada – 90% e pontilhada – 85%.

Quando observada a variável ano na graduação, verifica-se que pelo cálculo de typicalidade, este bloco contempla relações implicativas mais típicas dos licenciandos do primeiro e segundo anos. Isto porque a relação espaço ► brinquedo tem no segundo ano a turma mais típica, ao apresentar o menor risco dentre as demais variáveis com um valor de 0.199. A implicação brinquedo ► criança indicou como grupo mais típico o primeiro ano, com um risco de 0.32. A associação desses vocábulos (espaço ► brinquedo ► criança) revela a demarcação de um cenário específico destinado ao brincar.

No contexto do bloco 1, têm-se os elementos do núcleo central e da primeira periferia, portanto os mais rotinizados na memória social do grupo (são vocábulos que possuem alta frequência), tais elementos também podem ser compreendidos como os descritivos do brincar, demarcando aquilo que os sujeitos efetivamente têm de maior proximidade com relação ao tema.

Vale destacar que o vocábulo sala de aula, acomodado no atributo espaço, se resume a frequência dois, em um total de quarenta e seis,

o que pode indicar que para os licenciandos, ou pelo menos, para a maioria deles, esse ambiente não oferece estruturas de oportunidades favoráveis a prática lúdica.

Ainda sobre o atributo espaço observa-se que a frequência mais alta aparece para o vocábulo parque, com treze ocorrências, um espaço que apesar de se localizar dentro da escola sinaliza um ambiente informal e de lazer; tal frequência pode indicar que, para os sujeitos do estudo, o brincar está mais comumente associado a este local, e possui finalidades recreativas. Destaca-se que as associações deste bloco são típicas dos dois anos iniciais da graduação, possivelmente períodos em que o discurso acadêmico ainda encontra-se em fase introdutória, podendo tais licenciandos estarem apoiando seus discursos nas suas experiências como alunos, mais do que como futuros professores.

Já o bloco 2 – atores sociais e bem-estar – caracteriza-se por um conjunto de conexões em que o vocábulo alegria centraliza três outras associações possíveis, com índices de implicação variando entre 95%, 90% e 85%, a saber: 1. amigos ► alegria ► criança; 2. prazer

► alegria ► criança e 3. descontrair ► alegria ► criança.

Segundo o cálculo de tipicidade aplicado à variável ano, este bloco se configurou em torno das associações evocadas pelos acadêmicos do primeiro e segundo anos. Isto se verifica pois a implicação amigos ► alegria apresentou no primeiro ano a maior tipicidade, com um risco de apenas 0.314; ainda a relação alegria ► criança mostrou-se mais típica do segundo ano, com um risco de 0.021; a implicação prazer ► alegria foi caracterizada como mais típica do segundo ano, com um risco de 0.074 e a relação descontrair ► alegria demonstra maior tipicidade do primeiro ano, apontando um risco de 0.142.

No bloco 2 – atores sociais e bem-estar, concentram-se atributos presentes no núcleo central, na zona de contraste e segunda periferia. Este bloco demarca o discurso do senso comum trazido pelos alunos, que nos anos iniciais da graduação está fortemente presente na representação do brincar associado aos espaços informais e a idealização da infância e sua ludicidade.

O terceiro bloco, característico das evocações produzidas pelos acadêmicos do quarto ano, foi denominado discurso acadêmico sobre ludicidade e sustenta o menor índice de implicação (85%). Nele se encontram os vocábulos característicos do discurso acadêmico socializar ► aprender, presentes, respectivamente, na segunda periferia e na zona de contraste. Aqui é possível identificar a inserção do discurso científico sobre o brincar na representação dos alunos do quarto ano (que obteve no cálculo de tipicidade um risco de apenas 0.013), assim como a articulação entre as duas funções do brincar relacionadas ao papel do docente.

Destaca-se que os aspectos mais fortemente relacionados à escola e à academia, como socialização e aprender, se encontram praticamente desvinculados dos vocábulos que remetem ao discurso do senso comum. Isso pode significar que tais conhecimentos estão sob reguladores sociais distintos, uma vez que um acadêmico ora pode utilizar uma abordagem quando se encontra em um ambiente informal, em que assume papéis sociais tais como amigo, pai, tio e utilizar outra, com maior influência do conhecimento acadêmico, quando presente em um espaço que lhe remeta à identidade de futuro professor.

Pode-se pensar que a representação acerca do brincar para os licenciandos investigados está se constituindo por meio de dois discursos distintos, um organizado pelo conhecimento do senso comum adquirido no contato com o fenômeno do brincar no espaço informal, sendo este caracterizado por uma percepção idealizada, e outro constituído a partir da inserção do discente na academia, e no contato com as teorias sobre o brincar. Entretanto, o discurso científico, em processo de internalização, se constitui ainda como um discurso periférico na representação sobre o brincar. Essa situação de pluralidade de discursos pode caracterizar o fenômeno da polifasia cognitiva.

Outro aspecto a ser destacado refere-se ao silenciamento da associação brincar-agressividade. Sobretudo quando se consideram os estudos de Winnicott (1975, 2005). Sendo assim, pode-se dizer que a representação dos licenciandos se caracteriza por uma defasagem cognitiva em relação ao fenômeno do brincar a qual se tem a subtração de características agressivas ou destrutivas presentes na manifestação lúdica.

Essa subtração na representação do brincar, um objeto associado à criança, pode ser compreendida como resultante da representação de infância possivelmente idealizada desses discentes. Segundo De Lauwe (1991), esse processo de mitificação por meio do qual o infante é essencializado a partir de valores que a sociedade busca evidenciar, pode provocar expectativas completamente irrealistas se comparadas à criança real.

Nesse sentido, a negação dos conteúdos agressivos como manifestação legítima da brincadeira se dá na medida em que o grupo distorce os significados atribuídos ao brincar valorizando na sua centralidade a tríade alegria-criança-diversão e mesmo que timidamente, adere ao discurso da brincadeira como ferramenta de trabalho para aprender-socializar.

Considerações finais

Com base nos dados, foi possível perceber que os licenciandos investigados possuem uma percepção positiva e idealizada sobre o brincar. Com isso, é questionado se a subtração dos aspectos agressivos e destrutivos do fenômeno da brincadeira pode dificultar a aquisição de referenciais necessários para que acadêmicos possam compreender e mediar situações de

ensino e aprendizagem proporcionadas pela ludicidade.

Identificou-se também a presença de dois discursos distintos no sistema periférico da representação do brincar, principalmente no que se refere aos alunos do quarto ano, o que pode caracterizar o fenômeno da polifasia cognitiva, marcado neste caso, pela inserção do discurso acadêmico. Nota-se ainda que tais discursos apresentam-se de forma descolada um do outro, indicando sua relação com reguladores sociais distintos de espaços relacionados ao prazer ou ao trabalho, ao mesmo tempo em que indicam sua vinculação a diferentes papéis sociais.

Deste modo, enquanto que para os alunos dos três primeiros anos da graduação o brincar se apresentou como uma ação com finalidade recreativa que ocorre em ambientes externos à sala de aula, os licenciandos do quarto ano destacaram também o brincar vinculado ao significado de trabalho associado a um produto: o aprender, função complementar a de ensinar.

Tal fato corrobora os resultados obtidos por Lima (2010) que, ao estudar a representação de criança e aluno para licenciandos de Pedagogia, identificou que o mote indutor criança trouxe consigo a ideia do brincar infantil, enquanto que o termo aluno, ao mesmo tempo em que mobilizou silenciamento da ludicidade, apresentou proximidade com o termo bagunça. Resultado indicador de que no contexto de sala de aula, espaço formal da prática educativa, esse comportamento pode ser compreendido como transgressão.

Os dados coletados por Braga (2010), também com alunos do curso de Pedagogia, apresentaram o ambiente escolar a partir de uma dicotomia entre o estar dentro e fora da sala de aula. Nesse estudo o brincar foi associado aos ambientes externos à sala de aula, enquanto que dentro dela houve uma tendência a compreender a sua manifestação como indisciplina.

Assim, a articulação entre a noção de reguladores sociais para análise das representações acerca do brincar permitiu identificar que no contexto da sala de aula existe, por parte do futuro professor, uma associação entre o brincar e finalidades educativas, o que aproxima essa atividade lúdica da ideia de trabalho. Isso levanta o questionamento acerca de como pode ser significada por esse futuro profissional a

brincadeira espontânea, associada ao prazer e até mesmo à destrutividade.

Deste modo, caso ocorra a manifestação no brincar de comportamentos não incluídos na representação aqui analisada, tais como a agressividade ou destrutividade, esse futuro professor, desprovido de elementos úteis à interpretação e análise, capazes de lidar com tais ações infantis dentro dessa perspectiva, pode utilizar-se de outros referenciais para administração da situação. Surge assim a possibilidade desse comportamento ser classificado e nomeado como bagunça ou indisciplina, o que consequentemente aumentaria a possibilidade de repreensão desse tipo de expressão lúdica no contexto de sala de aula.

A representação acerca do brincar, aqui analisada, indica que a negociação com significados acadêmicos dentro do processo de formação do futuro professor não tende a contemplar a ludicidade livre no contexto de sala de aula. Uma vez que se obteve uma representação utilitarista do brincar, com traços produtivistas das instituições escolares, o que diverge da ideia de uma ludicidade como um sistema complexo de fala por meio do qual a criança interpreta a realidade ao mesmo tempo em que a recria.

Esses diferentes significados revelam o impasse posto aos docentes desde sua formação inicial, que, apesar de terem acesso a teorias que demonstram a importância do brincar de forma livre para o desenvolvimento infantil, tendem a ancorar a representação do brincar na cultura escolar na qual o principal ator deixa de ser a criança e passa a ser o aluno, definido pelo papel social de aprendiz.

Nesse sentido, é possível pensar que os conhecimentos advindos das teorias sobre o brincar que são apresentados pela academia parecem não se atrelar aos reguladores sociais do contexto de sala de aula em que o acadêmico atuará futuramente como professor. A representação acerca do brincar, ancorada no discurso da escolarização e associada ao jogo educativo, é expressa pela ênfase na aprendizagem e no trabalho escolar orientado pela perspectiva da produção, apresentado pelos acadêmicos do quarto ano. Fato que parece revelar um resgate de conhecimentos adquiridos a partir do seu contato cotidiano como aluno no cenário educacional tradicional.

Tais resultados podem indicar a necessidade da aproximação entre contextos de

formação docente e a escola como espaço de futura atuação profissional, de modo que a construção de novos conhecimentos possa estar vinculada ao contexto social que demandará sua aplicação.

No âmbito da contribuição deste estudo, destaca-se o uso do cálculo implicativo, proporcionado pelo *software* CHIC, em conjunto com a análise dos elementos estruturais. Enquanto a análise dos elementos estruturais viabilizou a identificação, a título de hipótese, dos atributos centrais e periféricos, a análise implicativa permitiu a visualização de como esses vocábulos podem estar associados, apresentando como palavras possivelmente centrais na estrutura da representação se associam com diferentes termos do sistema periférico para indicar distintos discursos sobre o mesmo objeto de representação. Deste modo, pode-se dizer que a análise implicativa caracterizou possíveis diálogos existentes entre os vocábulos distribuídos nos quadrantes do *Tableau de Vergès*.

Em adição, o cálculo de tipicidade da variável ano possibilitou a verificação de como os diferentes discursos acerca da representação dos acadêmicos de Pedagogia sobre o brincar poderia estar associada a cada ano de pertença do aluno no curso, indicando a manifestação da focalização e da polifasia cognitiva presente no grupo de licenciandos, aspecto relevante quando se trata de estudo no contexto de processos formativos no âmbito da academia.

Referências

- Abrie, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp.27-38). Goiânia: AB.
- Brougère, G. (2002). A criança e a cultura lúdica. In T. M. Kishimoto (Org.), *O brincar e suas teorias*. (pp. 19-32). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Braga, A. R. C. (2010). *Dentro e fora da sala de aula: um estudo acerca das representações sociais dos licenciados de pedagogia da UFMT*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT.
- Campos, P. H. F. (2003). A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. In P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Orgs.), *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 22-36). Goiânia: Editora da UCG.
- Cerisara, A. B. (2002). De como papai do céu, o coelhinho da páscoa, os anjos e o papai noel foram viver juntos no céu! In T. M. Kishimoto (Org.), *O brincar e suas teorias*. (pp. 123-138). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- De Lauwe, C. M. J. (1991). *Um outro mundo: a infância* (Noemi Kon, Trad.). São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1971).
- Doise, W. (2001) Cognitiones e representações sociais: a abordagem genética. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (Lilian Ulup, Trad.). (pp. 301-320). Rio de Janeiro: EdUERJ. (Trabalho original publicado em 1989)
- Dantas, H. (2002). Brincar e trabalhar. In T. M. Kishimoto (Org.), *O brincar e suas teorias*. (pp. 111-121). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Emler, N., Ohana, J., & Dickinson, J. (2003). Las representaciones infantiles de las relaciones sociales. In J. A. Castorina (Org.), *Representaciones sociales: problemas teóricos y conocimientos infantiles*. (pp.65-89). Barcelona: Gedisa.
- Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (Lilian Ulup, Trad.). (pp. 155-172). Rio de Janeiro: EdUERJ. (Trabalho original publicado em 1989).
- Jodelet, D. (2001). As representações sociais um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (Lilian Ulup, Trad.). (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ. (Trabalho original publicado em 1989)
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura* (Pedrinho A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 2007).

- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (Álvaro Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1976).
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (Pedrinho A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 2000).
- Wagner, W., Duveen, G., Verma, J., & Themel, M. (2000). "I have some faith and at the same time I don't believe in it" – Cognitive polyphasia and culture change. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 10.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade* (José O. A. Abreu e Vanede Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e delinquência* (4ª. ed.; Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Lima, M. F. S. (2010). *Criança e aluno: um estudo de representações sociais segundo licenciandos de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT.
- Sousa, C. P., Tavares, M. R., & Bôas, L. P. S. V. (2006). Apresentação do estudo: representações sociais sobre o trabalho docente. In C. P. Sousa, L. A. Pardal & L. P. S. V. Bôas (Orgs.), *Representações sociais sobre o trabalho docente*. (pp.15-30). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação Social da Mente* (4ª. ed.; Monica Stahel M. da Silva, Revisão de Trad.). São Paulo: Martins Fontes, (Trabalho original publicado s/d).

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Maio de 2011

Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Daniela B. S. Freire Andrade – Doutora em Educação: Psicologia da Educação. Professora e orientadora no PPGE/UFMT.

Érica N. H. Teibel – Mestranda do PPGE/UFMT. Bolsista (FAPEMAT).

A contribuição da teoria das representações sociais para análise de um fórum de discussão virtual

Alcina Maria Testa Braz da Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e
Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Rio de Janeiro, Brasil*

Gustavo Daniel Constantino

Departamento de Tecnologias/TIC – CIAFIC/CONICET – Buenos Aires, Argentina

Vânia Ben Premaor

*Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires UCA –
Argentina*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar a análise, à luz da Teoria das Representações Sociais, de um fórum de discussão realizado com professores da rede pública e da particular de escolas brasileiras da Educação Básica, no âmbito de um curso de formação continuada a distância de um programa de cooperação internacional entre instituições de ensino superior da Europa e da América Latina ALFA-MIFORCAL (2005-2009). Foram analisadas as interações discursivas entre os professores participantes do fórum virtual de aprendizagem da disciplina “Psicologia da Adolescência”, referentes ao módulo temático: “O adolescente e os espaços de aprendizagem virtuais”. A análise foi baseada na construção de uma rede semântica, com o suporte do *software* ATLAS.ti, o que permitiu identificar a tecnologia como um objeto de Representação Social e as inferências sobre o perfil dos adolescentes, o papel dos professores e as relações de ensino e aprendizagem no contexto da contemporaneidade.

Palavras-chave: Representações sociais, Fórum virtual, Formação continuada, Tecnologias, ATLAS.ti.

The contribution of social representation's theory to analysis of a virtual discussion forum

Abstract

This paper aims to present the analysis, in the perspective of the Social Representations' Theory, of the discussion forum held with teachers from public and private Brazilian schools of Basic Education, as part of a course of continuing education distance from the program international cooperation between Higher Education's institutions in Europe and Latin America ALFA-MIFORCAL (2005-2009). We analyzed the discursive interactions between teachers through virtual learning's forums of the discipline Adolescent Psychology, referring to the theme: The adolescent and virtual learning spaces. The analysis was based on the construction of a semantic network, with the support of the *software* ATLAS.ti, which identified technology as an object of social representation and inferences about the profile of adolescents, the role of teachers and relations of teaching and learning in the contemporary context.

Keywords: Social representations, Virtual forum, Continuing education, Technology, ATLAS.ti.

Endereço para correspondência: Alcina Maria Testa Braz da Silva. PPG Ensino de Ciências/ PROPEC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ. Rua Lúcio Tavares, 1045. Centro/ Nilópolis, RJ. CEP: 26530060. E-mail: alcinamaria2009@gmail.com. Tel: 55-21-2691-9805/Fax: 55-21-2691-1811.

Apoio Financeiro: FAPERJ- Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é um campo gerador de debates, intercâmbios, consensos e dissensos no âmbito da Psicologia Social. É considerável o aumento do número de pesquisadores dedicados ao tema, como também das várias interfaces que podem ser estabelecidas com diversos campos do saber. A textura psicossociológica que caracteriza a noção de representação social é destacada por Moscovici (1978), ao enfatizar “sua posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de conceitos psicológicos” (p. 41). As representações sociais constituem uma construção coletiva, multifacetada e polimorfa, sendo relevantes e constituintes os elementos cognitivos, afetivos, simbólicos e de valores que são geradas pelos sujeitos sociais em situações de interação com a realidade na qual vivem.

As dinâmicas de uma sociedade em transformação, em que as tecnologias ocupam um lugar destacado e os processos interativos são mediados, constituem ambientes significativos que caracterizam a era do conhecimento, na qual conceitos como o que é aprendizagem, como se realiza e para que serve adquirem novos sentidos. Diante deste cenário de inserção do novo, os métodos e contextos didáticos reconhecem os diversos interesses, necessidades e expectativas, não somente de indivíduos, mas dos vários grupos que, com suas especificidades, definem as sociedades multiculturais.

Nesta perspectiva, pensar o ensino e a aprendizagem no contexto contemporâneo envolve outra forma de olhar para os espaços formativos do campo educacional, seja inicial ou continuado, presencial ou a distância. O conteúdo representacional do ensino, partilhado por futuros formandos ou por professores em exercício, interfere nas atitudes que esses sujeitos desenvolvem durante o seu curso de formação, podendo interferir em sua prática profissional.

A pesquisa realizada teve como suporte um desenho de formação continuada docente, interdisciplinar e interinstitucional, integrada ao projeto da Rede ALFA-MIFORCAL¹ (2005-

2009), no sentido da elaboração da grade curricular, produção de materiais instrucionais, atividades de aprendizagem *on-line* e instrumentos de avaliação para um curso de pós-graduação *lato sensu* a distância. O curso foi baseado no modelo de EAD em rede, ou seja, Educação a distância desenvolvida em ambiente informatizado, segundo os modelos apresentados por Peters (2004, citado por Gouvêa, & Oliveira, 2006) como os mais adotados no ensino superior a distância. Neste modelo, os seminários, *workshops*, reuniões com orientadores, professores, tutores, cursistas, grupos de estudos e “bate-papo” são realizados no ambiente virtual. Com a implementação do curso, os objetivos da pesquisa passaram a incluir a análise do discurso *on-line*, o estudo das relações de significados construídas nas interações *on-line*, visando estabelecer a mediação pedagógica, a investigação da formação de comunidades virtuais de aprendizagem e das representações sociais que são geradas e difundidas nessas comunidades, identificando-se a partir desses elementos a concepção de ensino e aprendizagem que se constrói neste contexto.

Braz da Silva (2010) destaca como um dos desdobramentos inovadores do projeto o “caráter experimental da proposta, cujo projeto de ação consiste na implementação do Curso ALFA, representando a intervenção no cenário educacional das diversas realidades locais” (p.

MIFORCAL correspondeu a um programa de colaboração científica e técnica, no qual foi proposto o desenvolvimento de um percurso formativo para professores da Educação Básica articulado a um plano de mobilidade para a pesquisa, criando uma parceria do ponto de vista do intercâmbio de experiências formativas e da investigação das realidades locais envolvidas. O projeto contou com a participação de dez instituições de seis países diferentes (Itália, Espanha, Portugal, Argentina, Brasil e Paraguai), tendo como instituição coordenadora a Universidad Ca’Foscari di Venecia. A estrutura do **Projeto ALFA-MIFORCAL (2005-2009)**, em seu percurso de adaptações as realidades locais, incluiu o desenvolvimento, implementação e avaliação de modelos de formação de caráter experimental, interdisciplinar e de construção coletiva, inserindo o grupo como uma coletividade multicultural, e, como tal, possuiu uma raiz investigativa que se refletiu nos princípios teóricos nos quais se baseou e nos desdobramentos inovadores propostos (<http://www.univirtual.it/miforcald>).

¹ **Projeto ALFA** (América Latina – Formação Acadêmica) é um programa de cooperação internacional entre instituições de ensino superior da Europa e América Latina. **Rede ALFA-**

248). Convém reconhecer que no desenvolvimento das atividades do curso estavam presentes elementos que são determinantes para alcançar os objetivos na formação profissional continuada, tais como: a) os elementos contextuais e interculturais; b) os agentes, como professores tutores e professores cursistas, envolvidos no processo; c) os fatores institucionais de cada realidade universitária; d) as representações e imaginários que se constroem na delicada e transparente rede virtual de aprendizagem “tecida” pelo sistema relacional de origem sociocultural dos indivíduos; f) os discursos verbais, escritos e simbólicos, integrando, assim, uma forma de percepção da realidade do indivíduo, na qual este se constitui desde vários aspectos como sujeito social e histórico, isto é, desde o familiar, laboral, profissional, afetivo, político, religioso, comunitário, cultural e demais dimensões, as quais integram a realidade social.

Neste complexo contexto virtual, no qual se desenvolve uma série de atividades de ensino e aprendizagem, determinadas pelas finalidades educacionais do percurso formativo criado, os atores sociais têm a possibilidade de entrar em contato com novos fenômenos ou com os mesmos fenômenos revestidos de uma nova roupagem, de modo que criam representações sociais nesse processo de apropriação da “novidade”. A nova realidade formativa, determinada pelos objetivos a serem alcançados, é mediada pelas representações sociais, articulando os vários elementos constituintes, entre eles, a subjetividade, a diversidade e a alteridade.

Este trabalho tem por objetivo apresentar, à luz da Teoria das Representações Sociais, a análise de um fórum de discussão didático realizado com professores da rede pública e particular das escolas brasileiras de Educação Básica, no âmbito de um curso de formação continuada a distância do Projeto ALFA-MIFORCAL (2005-2009). Com base na análise deste fórum, foram identificadas as representações sociais das tecnologias para os professores participantes, tendo como recorte o módulo temático “O adolescente e os espaços de aprendizagem virtuais”, no qual se utilizou como termo indutor “O adolescente e a escola na contemporaneidade”. Este módulo teve como proposta discutir os vínculos psicossociais do adolescente na contemporaneidade e as relações que este adolescente estabelece em situações de

aprendizagem formal e não formal envolvendo espaços virtuais.

Conceito de representações sociais

A teoria das representações sociais, segundo a abordagem de Moscovici (1978, 1981, 1984, 1988, 2003), constitui-se em um domínio de pesquisa que busca compreender o modo pelo qual o significado é atribuído ao objeto; como os atores sociais interpretam o universo social; as relações sociais em função das representações elaboradas; e como estas representações são integradas ao sistema cognitivo preexistente dos sujeitos sociais (Jodelet, 2001). O autor argumenta que a psicologia social tem como função estudar as representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto. A representação possui origem no coletivo, é compartilhada pelos indivíduos em seus grupos sociais de referência, constituindo-se em construções coletivas que definem a realidade social.

Ibañez (1990) apresenta a representação social como um conceito polissêmico, complexo, difícil de encerrar-se em uma expressão condensada. O conceito de representação social não é abordado como um conceito acabado, de modo que, para entendê-lo, realizam-se aproximações aos elementos e características que o definem.

Em seu estudo seminal, acerca da representação da Psicanálise, Moscovici (1978) afirma que a representação social é uma modalidade particular do conhecimento, cuja função é a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. É um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças a qual os homens fazem inteligível a realidade física e social, se integram num grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes de sua imaginação. Corresponde a um universo em que estão presentes os sistemas de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material. Ampliando a definição, as representações sociais são constructos cognitivos compartilhados na interação social cotidiana que fornecem aos indivíduos um entendimento de sentido comum.

Segundo Moscovici (1981), por intermédio da arte da conversação, é criada “uma comunidade de significados entre aqueles

que participam dela” (p. 186). As representações sociais carregam esses significados, de modo que consistem em um “conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais” (Moscovici, 1981, p.181). Além disso, correspondem a um sistema com lógica e linguagem próprias, no qual o sujeito atribui sentido à sua experiência no universo social, lançando mão, para isso, de estruturas de classificação e interpretação fornecidas pela sociedade. Tal sistema determina “o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias compartilhadas pelos grupos” e rege, “subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (Moscovici, 1978, p. 51).

O cenário educacional é um espaço repleto de relações de interação entre os agentes envolvidos. Olhando para este cenário, a argumentação de Gilly (2001) destaca que “o interesse essencial da noção de representações sociais para compreensão dos fatos da educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo” (p. 321). Nesse sentido, o processo educacional e suas interações demandam uma interpretação do cotidiano escolar, presencial ou virtual, e não simplesmente uma reprodução da realidade escolar, como enfatiza Gilly (2001), ao afirmar que “a representação não é uma imagem-reflexo da realidade escolar, de suas funções sociais efetivas, mas sim uma construção original que visa a legitimá-las” (p. 323).

Em outro sentido, as representações sociais aludem ao conhecimento. Considerar um conhecimento a partir de vários pontos de vista e reorganizá-lo em função dos diferentes contextos é o que garante a aprendizagem no seu nível mais profundo. Beiller (1997) sustenta que a heterogeneidade de uma equipe de aprendizes rompe com a possibilidade do aprender como um padrão, porque destaca o modo pelo qual cada sujeito coloca em ação suas inquietações ou suas hipóteses de pesquisa. Uma equipe de aprendizes, formada por alunos e professor, se constitui na interação, no trabalho compartilhado e colaborativamente significativo. Nas opiniões de Saso, Aguadé, Gallart e Carol (2002) e de Martínez (1998), o significado muda por meio do processo interpretativo que desenvolve o sujeito, mediante a interação social nos espaços virtuais.

Com base na perspectiva teórico-metodológica das representações sociais, segundo Moscovici (1978, 1981, 1984, 1988, 2003), pode-se também afirmar que cada professor faz parte de um grupo profissional que constrói suas concepções ao longo da interação com o entorno social, as quais se encontram refletidas em sua prática profissional. Tais concepções caracterizam as ações dos professores como membros de determinado grupo, de modo que as representações sociais construídas por estes professores permitem que se identifiquem as decisões que estes tomam quanto ao que é legítimo ensinar, o como ensinar, em que velocidade e ao tempo a ser dedicado a cada tema para cumprir ou não o programa curricular, ou seja, permite que se compreendam as razões pelas quais o conhecimento é ensinado desta ou daquela maneira (Braz da Silva & Mazzotti, 2009). Tais concepções se expressam em termos dos elementos presentes no cotidiano pedagógico, presencial ou virtual, formando uma rede de relações carregadas de significados. Este cotidiano se constitui na prática profissional e consiste em “*lócus*” de produção e circulação de representações. A Teoria das Representações Sociais compreende essas concepções como representações ativamente constituídas pelos indivíduos em seus grupos de referência, ou seja, uma representação social não é uma mera recepção de imagens, ideias, opiniões, nem o objeto representado é uma cópia. De fato, o objeto é para o grupo que o considera como tal por meio das interpretações as quais esse grupo efetiva. Neste movimento, o sujeito também se constitui enquanto tal, situando-se na esfera social e material.

Nos fóruns virtuais, espaço de análise deste trabalho, os repertórios linguísticos ou universos semânticos produzidos pelos participantes contêm elementos significativos que envolvem aspectos cognitivos, simbólicos e afetivos, por conseguinte, o investigador deve ter cuidado neste processo de análise. Toda a representação é de algo – objeto – e por alguém – sujeito ou grupo social. Ao tomar as decisões de análise, convém levar em conta, conforme argumenta Sá (1998): a) enunciar o objeto de representação que se decidiu estudar, descartando a influência das representações de objetos próximos ao de interesse; b) determinar os sujeitos em termos de grupos, povoações, camadas ou conjuntos sociais – em cujas

manifestações discursivas e de comportamentos se estuda a representação; c) determinar as dimensões do contexto sociocultural onde se desenvolvem os sujeitos e grupos, suas práticas particulares, redes de interação, instituições ou organizações implicadas, meios de comunicação ao acesso dos grupos selecionados, normas ou valores relacionados com o objetivo de estudo. É um processo dialético, em que se enriquece e se modifica ao mesmo tempo em que se alcança.

Aspectos do desenvolvimento metodológico

Neste trabalho, será apresentada a análise das interações envolvendo professores tutores e professores cursistas do curso de “Ciências da Educação”, na modalidade de formação continuada a distância, do Programa Internacional de Formação Docente com participantes latino americanos – Projeto ALFA-MIFORCAL (2005-2009), realizado pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, no ano de 2009. Foi escolhido para essa análise o fórum didático virtual da disciplina “Psicologia da Adolescência”, com o recorte no módulo temático “O adolescente e os espaços de aprendizagem virtuais”. Este módulo teve como proposta discutir os vínculos psicossociais do adolescente na contemporaneidade e as relações que este adolescente estabelece em situações de aprendizagem formal e não formal envolvendo espaços virtuais. O termo indutor, ou tema indutor, como também poderia ser considerado, que serviu de fio condutor das interlocuções, foi “O adolescente e a escola na contemporaneidade”. Neste fórum participaram 2 professoras tutoras e 13 professores cursistas. O grupo de professores cursistas se constituiu em torno de 40% de homens e 60% de mulheres. A faixa etária dos professores cursistas foi de 25-50 anos. A faixa etária das professoras tutoras foi de 40-50 anos. Os dados coletados consistiram nas interlocuções entre professores tutores e professores cursistas e dos professores cursistas entre si, as quais foram registradas por escrito com a utilização da ferramenta assíncrona “fórum de discussão” no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O projeto que subsidiou a investigação proposta foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira, e foi aprovado, sendo incluído no procedimento de

coleta de dados o termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes. A análise do fórum permitiu olhar a tecnologia como um catalisador de significados, possibilitando, assim, identificar esses elementos de significação a partir da Teoria das Representações Sociais, na perspectiva de Moscovici (1978, 1981, 1984, 1988, 2003).

Para a análise das interações discursivas do fórum didático, foi utilizado o *software* ATLAS.ti. Este *software* se inclui na categoria de *softwares* conhecidos como CAQDAS (*Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software*). O programa ATLAS.ti, em particular, permite o manejo de dados gráficos, textuais e animados, como áudio e vídeo, a partir do uso de uma unidade hermenêutica, a qual integra informação, da qual é possível extrair um conjunto de relações conceituais que servem de norteadores para a aquisição de uma visão de conjunto do objeto de investigação (Muhr, 1991). As unidades de sentido representam nodos $[x, y]$, onde x corresponde à quantidade das citações às quais estas unidades estão relacionadas e y corresponde à quantidade de ligações estabelecidas.

Resultados e discussão

Nesta seção, será apresentada a rede semântica representativa dos elementos significativos e dos encadeamentos que emergiram da análise das interações discursivas entre os participantes do fórum de discussão didático.

Resultados

No fórum sobre “O adolescente e os espaços de aprendizagem virtuais”, foi possível identificar, nas interações discursivas entre professores tutores e professores cursistas e entre os professores cursistas entre si, um elo no encadeamento dos argumentos utilizados. A rede semântica representativa dessa análise, apresentada na Figura 1, destaca, em seu desenho, os elementos e vínculos de significação relacionados ao papel atribuído ao professor e ao perfil atribuído aos adolescentes no contexto da contemporaneidade, o qual é caracterizado e definido pelo que se denomina em várias instâncias da sociedade e do cenário educacional como “novas tecnologias”.

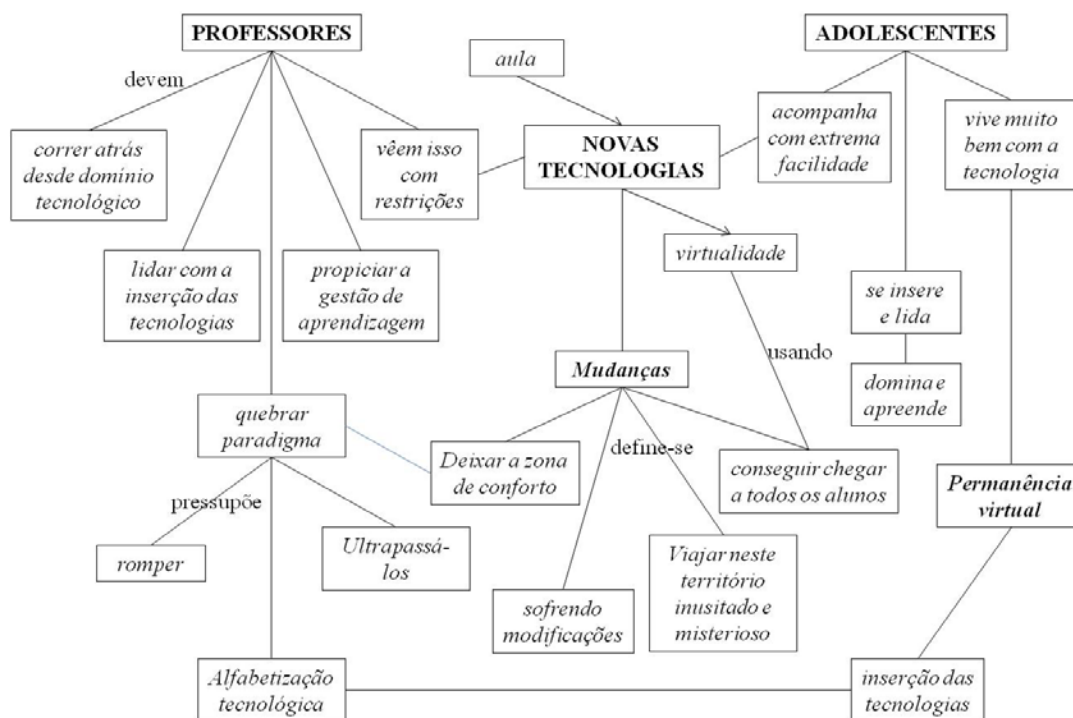


Figura 1 - Rede semântica do fórum “O adolescente e os espaços de aprendizagem virtuais”

Esse elo corresponde, portanto, ao termo “novas tecnologias”, sendo a qualificação “nova” caracterizadora das tecnologias utilizadas na contemporaneidade, as quais têm por suporte a Internet. Esse elo funciona como um divisor de águas, no sentido de caracterizar os adolescentes como competentes usuários e os professores como desatualizados frente às mudanças no cenário educacional trazidas pela virtualidade, permitindo inferências sobre o perfil dos adolescentes, o papel dos professores e as relações de ensino e aprendizagem no contexto contemporâneo.

Algumas expressões podem ser destacadas no discurso dos professores cursistas, em referência ao modo como os adolescentes lidam com as tecnologias, que caracterizam esses adolescentes como usuários mais frequentes e hábeis dessas “novas tecnologias”. As expressões são do tipo: “vive muito bem com a tecnologia”, “se insere e lida nessa e com essa nova conjuntura”, “acompanha com extrema facilidade o percurso meteórico da inserção das novas tecnologias, no seu próprio cotidiano”, “domina e apreende com facilidade todas as inovações tecnológicas”.

A primeira expressão “vive” marca o lugar da tecnologia como um espaço de existência, isto é, situa a tecnologia em uma posição de convivência harmoniosa com o mundo, com o conhecimento, com a realidade, ou seja, o

espaço do conhecido pelo adolescente. Igualmente as expressões “se insere”, “lida”, “acompanha”. “domina”, configuram o ingresso ou domínio no saber tecnológico. Desse modo, é possível inferir que, para o grupo de professores cursistas, o perfil desses adolescentes encontra-se definido pelas capacidades desenvolvidas de viver, lidar, dominar e analisar seu percurso tecnológico no mundo contemporâneo.

Em contraposição aos adolescentes como hábeis usuários das ferramentas tecnológicas, os docentes são representados como pessoas com menos domínio desse conhecimento. As expressões que são mais representativas dessa lacuna correspondem: “*estão até tentando correr atrás desde domínio tecnológico*”, (tem que) “*quebrar paradigma*”, “*romper paradigma... ultrapassá-los*”, “*veem isso com restrições*”, “*lidar com a inserção das tecnologias no espaço escolar*”, “*devem propiciar a gestão de aprendizagem em detrimento dos saberes institucionalizados*”.

Postman (1999) faz uma reflexão sobre o significado das crianças estarem mais bem informadas do que antes e afirma que isso evidencia que as diferenças entre adultos e crianças estão desaparecendo, o que pode implicar que o cotidiano dos adolescentes está sendo impregnado por significativas mudanças trazidas pelo ambiente informacional. O clima

de interação, de novo espaço para a troca de saberes, encaminha as situações desse cotidiano para um ciclo de inovação gerador de conhecimentos, ideias e representações.

No que se refere ao papel a ser desempenhado pelos docentes neste novo cenário, destaca-se, no desenho da rede semântica, a importância assumida pela “alfabetização tecnológica”, como uma necessidade para que esses profissionais possam aprender a lidar com a “inserção das tecnologias”, de modo a dar conta de uma “gestão de aprendizagem”. A ênfase recai no sentido de “quebrar”, “romper”, “ultrapassar” paradigmas, o que metaforicamente os situa atrás de uma barreira, fora de um lugar no qual deveriam estar ou tentando entrar em um lugar de difícil acesso para eles.

As “novas tecnologias” aparecem relacionadas ao termo “mudanças”, definido por expressões do tipo: *“viajar neste território inusitado e misterioso”, “deixar a zona de conforto”, “fórmula para conseguir chegar a todos os alunos”, “os papéis adotados pelos professores estão sofrendo modificações”, (...) “situações ensino e aprendizagem precisam incluir a virtualidade”*. A relação entre uma atitude de mudança e a “alfabetização tecnológica” aponta, portanto, para implicações no sentido de que os docentes precisam deixar a “zona de conforto” e assumirem o desafio de lidar com situações de ensino e de aprendizagem que envolvam a virtualidade como ponto de aproximação aos alunos.

Gouvêa e Oliveira (2006) destacam que diversas pesquisas sobre a questão da inserção das tecnologias na prática pedagógica apontam para a necessidade de se proceder a um exame crítico no que diz respeito às “relações que se estabelecem entre os sujeitos em processo de ensino-aprendizagem nos quais as tecnologias da informação e comunicação (TIC) se fazem presentes” (p. 7). Isso exige um repensar do fazer pedagógico no cotidiano escolar presencial, que vai se refletir nas escolhas que esses profissionais farão em sua prática nos espaços formais, como a sala de aula, nos espaços informais, como museus e centros de ciências, incluindo os espaços virtuais, nos quais a tecnologia já convive no dia a dia da sociedade.

Desta análise semântica, é possível inferir que as tecnologias se apresentam no contexto educacional como algo novo que mobiliza conversações, em alguns casos, ancoradas em

conflitos, em outras sustentadas em consensos, ou seja, mobilizam em torno de si uma atmosfera de interação dos envolvidos no processo de tornar familiar o que causa certo estranhamento por seu caráter de “inovação”. A apropriação deste “algo” não familiar produz sentidos que fazem emergir também novos aspectos definidores do clima escolar. Esses aspectos se refletem no currículo, na avaliação, nas estratégias de ensino e de aprendizagem, nos vários elementos decorrentes e componentes do horizonte educacional e que também se refletem na voz docente. A configuração desses elementos define critérios de qualidade para educação, podendo influenciar as políticas públicas. Este cenário de inserção do “novo”, do não familiar, é propício para a criação de representações sociais (Moscovici, 2003; Jodelet, 2001). Com base no fórum analisado neste trabalho, a tecnologia pode ser identificada, nas interações discursivas entre professores tutores e professores cursistas e entre os professores cursistas entre si, como um objeto de representação social, devido ao seu caráter mobilizador, carregado de elementos inovadores ou revestidos deste aspecto de inovação, que se expressa no delineamento de relações definidoras de atitudes e orientadoras das ações desses profissionais em sua prática.

Discussão

Conforme as argumentações desenvolvidas por Jodelet (2001), as representações sociais são construções coletivas, frutos da interação entre indivíduos, integrados em determinadas culturas que, ao mesmo tempo, produzem uma história individual e social. A modificação ou transformação nas condições de vida de uma sociedade provoca reelaborações, transformações, mudanças nas concepções sobre os fenômenos que surgem no horizonte social. O processo de apropriação desses fenômenos é produtor de sentidos e envolve o que Gilly (2001) denomina mecanismos de contextualização e descontextualização, os quais permitem a transmissão social do conhecimento.

A análise desenvolvida neste trabalho considerou um fórum didático *on line* sobre o adolescente e os espaços virtuais de aprendizagem. Na análise das interações entre os professores participantes, sustentada em

redes semânticas, a tecnologia se configurou como objeto de representações sociais. As relações em torno desse objeto apresentam a virtualidade como um divisor de águas no que se refere ao perfil do adolescente e ao papel do professor na contemporaneidade.

Em uma análise sobre a presença da virtualidade no mundo social e, por extensão, no cenário educacional, Braz da Silva (2010) argumenta que a novidade “passa a fazer parte da construção curricular, seja na inserção de um novo conteúdo, uma nova disciplina, um novo recurso didático, uma nova modalidade de ensino ou de avaliação, gerando mudanças de opiniões, concepções, comportamentos e atitudes” (p. 250).

Deste modo, este contexto é propício para a produção coletiva de diversos significados a respeito desse novo fenômeno da contemporaneidade, a presença do virtual, trazida pelo desenvolvimento da tecnologia, em particular, com o advento das tecnologias da informação e comunicação. Neste processo, os professores, os quais correspondem aos mais imediatos difusores de fenômenos no cenário educacional, consistem em um grupo social gerador de representações sociais acerca das tecnologias, procurando torná-la familiar em seus vários aspectos e desdobramentos. Enfatizando novamente um dos argumentos de Moscovici (2003), “a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não-familiar” (p.54), por isso criamos as representações sociais.

O tema tecnologia surge provocando a troca de ideias, que emergem da interlocução impregnadas de percepções, concepções de mundo, vivências e experiências pessoais, estabelecendo uma articulação entre significados intersubjetivos e significados sociais. A representação social de tecnologia aparece, nas interações discursivas analisadas, associada às mudanças que a presença do virtual traz ao cotidiano social e profissional dos indivíduos. Demo (1998) aponta que presença é indispensável ao se considerar o processo de aprendizagem e destaca que o que muda nos tempos atuais, em que as tecnologias ocupam seu espaço em nossas práticas profissionais e cotidianas, é a “descoberta da presença virtual, ou seja, de um tipo de presença a distância” (p.61).

Entretanto, isso, em hipótese alguma, pode significar uma ausência do trabalho pedagógico do professor. Mas estes professores precisam se

sentir preparados para lidar com os recursos tecnológicos de forma crítica, sem considerá-los invasores de seu espaço ou partir para um endeuamento de suas potencialidades. Na análise das interações discursivas, os professores são vistos como despreparados e, portanto, precisando buscar o que se poderia ser chamado de uma equiparação com seus alunos adolescentes, os quais são considerados sintonizados com a tecnologia.

Os participantes do fórum didático trazem presentes em suas representações sociais a vivência e as experiências da realidade cotidiana, e ao interagirem expressam em seus discursos posições vinculadas às problemáticas de cunho social, fazendo uso de certas expressões carregadas de significado. Uma dessas expressões significativas, destacada anteriormente em referência ao papel dos professores, aponta para a necessidade de se “correr atrás do domínio tecnológico”, e no que se refere ao adolescente, também já destacado, o fato de que “vive muito bem com a tecnologia” e que “domina e aprende”. Essas duas últimas expressões aparecem associadas à emblemática expressão “permanência virtual”, o que implica uma relação de contradição verbal acerca da tecnologia, expressando a continuidade de algo cuja materialidade não envolve a presença física. Pode-se afirmar ainda, emergindo do empreendimento de análise, que existe uma representação social do professor enquanto profissional defasado do contexto tecnológico no qual vive e uma representação social do adolescente como uma indivíduo que vive confortavelmente imerso nesse contexto.

No que diz respeito às relações de ensino e aprendizagem, o que se destaca é a importância dos professores estarem preparados para “propiciar uma gestão de aprendizagem”, sem esclarecer o que efetivamente isso significa. Porém, observando a rede semântica, é possível buscar uma relação dessa gestão com o objetivo de se “conseguir chegar a todos os alunos”, ou seja, o alcance da tecnologia. Entretanto, esse alcance não poderia ser apenas reduzido ao acesso, como analisa Barreto (2009), ao afirmar que confundir o acesso às tecnologias com aprendizagem resulta em supor que a razão de ser do ensino só exista entre os “absolutamente excluídos” (p. 113) e que as condições concretas desse acesso não impliquem aprendizagens diferentes. Pensando para além desse acesso, é o processo de apropriação das

tecnologias pelos atores sociais envolvidos no cenário educacional que precisa ser considerado, o que significaria no caso dos professores mudanças que permitissem a saída da “zona de conforto” e o embarque em uma viagem pelo “território inusitado e misterioso” do universo tecnológico.

Considerações finais

A identificação das representações sociais permite definir os grupos de pertença desses professores, tutores e cursistas, em uma determinada realidade sociocultural. Dentro deste contexto, esses profissionais criam e divulgam determinadas crenças, valores, conceitos, circunstâncias subjetivas e objetivas que influenciam o processo de constituição e apreensão dos objetos representacionais. Jovchelovitch (2007) argumenta que os temas, as ideias e as significações contidas nas representações revelam os elos simbólicos estabelecidos pelos atores sociais e os recursos utilizados nas formulações que constroem sobre o mundo-objeto.

As interações discursivas são “*lócus*” de mediação, fazendo emergir os elos que se encontram interligados pelos processos de significação, como a descontextualização e recontextualização, os quais envolvem a seleção e a organização da informação e implicam em produção de representações sociais (Gilly, 2001). Conforme Moscovici (2003) salienta, “nossas ideias, nossas representações, são sempre filtradas através do discurso de outros, das experiências que vivemos das coletividades às quais pertencemos” (p. 221). Deste modo, as representações sociais não estão limitadas a simples descrições de seus conteúdos, mas incluem ideias e imagens para as quais os atores sociais atribuem sentidos, baseados em uma seleção como princípio organizador do discurso.

No fórum de discussão analisado, é possível assumir, do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais, que o fenômeno tecnologia consiste em um objeto gerador de representações sociais, pois mobiliza conversações, opiniões, atitudes, apresentando uma relevância sociocultural para o grupo (Sá, 1998).

Um desdobramento futuro deste trabalho consiste em refinar a análise da rede semântica, incluindo um mapeamento das diferentes

expressões metafóricas envolvidas nas interações discursivas, ampliando a discussão sobre as relações de significados que se estabelecem com os elementos da rede e permitir, deste modo, identificar outras representações sociais acerca das tecnologias que são difundidas e circulam na prática pedagógica dos professores. Um argumento em favor dessa perspectiva de análise é apresentado por Castorina (2007), segundo o qual não é possível conhecer a sociedade e sua história sem as metáforas sociais, pois estas constituem uma parte do sentido comum historicamente constituído, sendo matéria prima ao se pensar nos processos de produção do conhecimento. Deste modo, os juízos dos indivíduos dependem não somente de suas habilidades intelectuais, mas também em grande medida dos cenários em que pensam.

A relevância da metáfora consiste em “visualizar” imagens, crenças, sentimentos, que incorporam o sistema cognitivo do outro. Não é somente um jogo de palavras, envolve a capacidade de ler os elementos culturais e pessoais que se encontram nas construções metafóricas. A presença metafórica não se refere exclusivamente às experiências individuais, mas envolve também as relações sociais entre os interlocutores, das quais emergem as representações sociais enquanto construções coletivas que se refletem na linguagem cotidiana.

Finalizando, é importante destacar a necessidade de se desenvolver ferramentas analíticas que nos permitam entender o processo de produção do conhecimento a partir da apropriação dos fenômenos que emergem nas relações sociais e culturais que vão construindo a realidade.

Referências

- Barreto, R. G. (2009). *Discursos, Tecnologias, Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Beiller, A. (1997). *Proposta de um ambiente hipermídia que permita ao leitor desempenhar o papel de criador de significado*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Braz da Silva, A. M. T. (2010). Proyecto ALFA-MIFORCAL: la contribución de la teoría de las representaciones sociales para el estudio de las comunidades virtuales de aprendizaje. *Rivista Formazione & Insegnamento*, VIII (1-2), 243-254.
- Braz da Silva, A. M. T., & Mazzotti, T. B. (2009). A Física pelos professores de Física: a contribuição da Teoria das Representações Sociais. *Ciência e Educação* (UNESP), 15(3), 291-304. Recuperado em 29 de outubro de 2010, de <http://www2.fc.unesp.br/cienciaeducacao/>.
- Castorina, J. A. (2007). La adquisición de los conocimientos acerca de la historia y las representaciones sociales. In J. A. Castorina (Org.), *Construcción conceptual y representaciones sociales* (pp. 239-256). Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Demo, P. (1998) Professor & Teleducção. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, 26 (143), 52-63.
- Gilly, M. (2001). As representações sociais no campo da Educação. In D. Jodelet (Org.), *As Representações Sociais* (pp. 321-41). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Gouvêa, G., & Oliveira, C. I. C. de (2006). *Educação à distância na Formação de professores*. Rio de Janeiro: Vieira&Lent Casa Editorial Ltda.
- Ibañez, T. (1990). *Aproximaciones a la psicología social*. Barcelona: Sendai.
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As Representações Sociais* (pp. 17- 44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Jovchelovitch, S. (2007). *Knowledge in context: representations, community and culture*. London: Routledge (UK).
- Martínez, R. A. L. (1998). *O planejamento educacional no sistema estadual de educação (SEC) no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, Universidade Pontifícia de Salamanca, Salamanca.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores (Trabalho original publicado em 1961).
- Moscovici, S. (1981). Representación Social. In J. P. Forgas (Ed.), *Social Cognition perspectives on everyday knowledge* (pp.181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of Social Representations. In M. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 3-69). Paris-Cambridge: Maison des Sciences de l'homme; Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Muhr, T. (1991). ATLAS/ti: a prototype for the support of text interpretation. *Qualitative Sociology*, 14 (4), 349-71.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Saso, C. E., Aguadé, I. P., Gallart, M. S., & Carol, R. V. (2002). *Comunidades de aprendizaje: transformar la educación*. Barcelona: Editora Graó.

Enviado em Dezembro de 2010

Aceite em Abril de 2011

Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Alcina Maria Testa Braz da Silva – Professora Adjunta e Pesquisadora, PPG Ensino de Ciências – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ e Pesquisadora colaboradora, PPG Psicologia – Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO – Brasil.

Gustavo Daniel Constantino – Professor Adjunto e Pesquisador, Departamento de Tecnologias/TIC – CIAFIC/CONICET – Argentina.

Vânia Ben Premaor – Doutoranda em Psicologia, Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires UCA – Argentina.

A representação social do risco em atividades potencialmente perigosas

Edna Maria Querido de Oliveira Chamon

Universidade de Taubaté – SP, Brasil

Pedro Milton de Moraes

Universidade Estadual de Campinas – SP, Brasil

Resumo

O risco, situação de perigo que pode causar dano ou perda a instalações ou pessoas, tem sido debatido sempre à luz das possibilidades técnicas. Propõe-se aqui investigar o risco a partir de uma perspectiva psicossocial, alicerçada nas representações sociais que um grupo desenvolve sobre ele. Apresentam-se dois estudos realizados em empresas que atuam em setores potencialmente perigosos: uma refinaria de petróleo e uma empresa química de produção de explosivos. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas. Para o estudo da refinaria de petróleo, foram entrevistados 16 sujeitos; para a empresa de explosivos, foram entrevistados 15 sujeitos. As entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo automatizada, por meio do *software* ALCESTE®. Os resultados obtidos mostram que a concepção de risco é relacionada à tendência ao controle e à confiança em sistemas abstratos, ao mesmo tempo em que concentra a confiabilidade do sistema no ser humano. Há uma clara clivagem entre os conteúdos relacionados a uma perspectiva mecanicista de gestão do risco, ancorado em categorias gerais de senso comum, e conteúdos relacionados à representação específica do risco pelo grupo, própria da atividade potencialmente perigosa.

Palavras-chave: Representação social, Risco, Representação do risco, Sociedade do risco.

Social representation of risk in potentially dangerous activities

Abstract

Normally, risk, a hazardous situation with potential to cause damage and loss to people and facilities, is considered under a pure technical point of view. We intend to investigate the risk under a psychosocial perspective, anchored on the social representation of a group dealing with the risk. We present two studies: an oil company and a chemical company, producer of explosives. Data were collected through a set of semi-structured interviews: 16 individuals were interviewed for the oil company, and 15 individuals for the chemical company. An automatic content analysis was performed using the *software* ALCESTE®. Results show that risk concept is related to control and reliance on abstract systems and at the same time is focused on human reliability. There is a marked cleavage between representational contents related to a mechanical perspective of risk management and contents related to potentially dangerous activities, specific to the studied groups.

Keywords: Social representation, Risk, Risk representation, Risk society.

Questões preliminares

O processo de industrialização acelerado do pós-guerra trouxe consigo os problemas relacionados à consecução de processos industriais em grande escala. Nesses processos, os trabalhadores assumem o comando de

máquinas de grande porte e o controle de sistemas com pressões e temperaturas elevadas, bem como de sistemas em que ocorre a circulação de gases venenosos, explosivos e asfixiantes. Essas características são inerentes a indústrias de processamento de produtos químicos e petroquímicos e à indústria nuclear.

Endereço para correspondência: Edna Maria Querido de Oliveira Chamon. End.: Av. Cidade Jardim, 2700 - apto 14 B. CEP: 12233-002. São José dos Campos, SP. Email: edna.chamon@gmail.com.

Este trabalho contou com o apoio do CNPq - Projeto Universal 470338/2008-3.

O tratamento das questões de segurança e de risco não era considerado importante até o advento de acidentes em que populações no entorno dessas indústrias foram atingidas, além dos próprios empregados. São emblemáticos dessa situação os casos da cidade de Bophal, na Índia, da favela Vila Socó, em Cubatão, SP, e da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia (na época, parte da União Soviética), ocorridos na década de 1980. Entretanto, a questão do risco foi tratada como apenas “mais um problema de engenharia”: se conhecemos os riscos, delimitamos os problemas, e, assim, os riscos são eliminados ou colocados dentro de padrões de tolerância aceitáveis. Tratar os riscos apenas em termos técnicos e tecnológicos limita consideravelmente nossa capacidade de compreendê-los. Uma visão ampliada do risco se impõe, e para além de sua caracterização técnico-científica. Isso se dá a partir de duas constatações:

a) Ao contrário do que imaginaram os pensadores iluministas, o conhecimento crescente do mundo físico e social não levou a “uma maior certeza sobre as condições sob quais conduzimos nossas vidas” (Giddens, 1997, p. 219). A questão se mostra cada vez mais complexa à medida que avançamos em sua exploração.

b) As origens da incerteza e da imprevisibilidade das circunstâncias da vida são, hoje, fruto do próprio desenvolvimento do conhecimento humano. As incertezas que enfrentamos são incertezas fabricadas (Beck, 2006).

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento científico-industrial e a ampliação dos meios de comunicação trouxeram a questão do risco para o cotidiano das pessoas. Poluição atmosférica e da água, alimentos geneticamente modificados, novas doenças de rápida propagação, aquecimento global, mudanças climáticas ou violência nas grandes cidades são temas frequentes nos noticiários e nas discussões e trazem a marca do risco difuso, despersonalizado, que não distingue as pessoas e que pode atingir qualquer um.

O Universo não pode ser interpretado somente a partir da visão das grandes teorias, pois há um conhecimento prático elaborado para também compreendê-lo. As explicações em termos de causa e efeito não são *per se* suficientes para uma compreensão mais abrangente desse Universo. Há, naturalmente, dicotomias entre o pensamento científico e o

conhecimento socialmente construído, que é apropriado por meio de representações. Não são suficientes as explicações do nosso ambiente somente em termos newtonianos/mecânicos, pois há todo um construto social que não pode ser negado e que lhe é complementar. O estudo desses processos de elaboração de um conhecimento de senso comum, que é próprio da teoria das representações sociais, permite explorar o risco para além de uma perspectiva puramente mecanicista.

Dessa forma, após investigarmos as contribuições da perspectiva psicossocial para a discussão do risco, apresentamos dois estudos sobre representações sociais do risco por grupos que trabalham em atividades potencialmente perigosas. Serão discutidos o caso de uma refinaria de petróleo e o de uma empresa do setor químico, que trabalha na produção de explosivos.

A perspectiva psicossocial do risco

Não existe definição universalmente aceita para “risco”. Uma definição técnica de risco, que deveria ser objeto de consenso na comunidade científica, parece não ter sido encontrada.

De fato, a noção de risco admite diferentes interpretações, e a abordagem para seu estudo varia em função dos objetivos do pesquisador e do quadro de referência que ele utiliza. Assim, um pesquisador com viés para a economia fundamentará sua análise de risco no comportamento baseado em racionalidade e maximização da utilidade. Ele será criticado por um psicólogo, cujos estudos mostraram que o comportamento humano é muito menos previsível do que a teoria da escolha racional pretende que ele seja. Já o sociólogo investirá contra uma abordagem excessivamente centrada no indivíduo, a qual deixa de lado aspectos sociais e relacionais. A isso um antropólogo acrescentará uma ênfase cultural, alegando que a construção social de significados é marcada culturalmente (Schlich, 2004). Percebe-se, assim, um *continuum* de abordagens que vai do extremo mecanicista, representado pelo cálculo atuarial próprio da área de seguros, até as abordagens sociais e culturais, marcadas pelo relativismo e subjetividade.

As limitações de uma visão mecanicista do risco levam à discussão de outras perspectivas

que permitam a inclusão das relações sociais e de poder na construção do conceito de risco. Não se trata, entretanto, de uma ampliação teórica, visto que vários aspectos da perspectiva mecanicista são descartados ou ignorados. Em certo sentido, essas novas perspectivas representam alternativas ao modelo mecanicista, buscando substituí-lo, e não aperfeiçoá-lo.

A perspectiva psicossocial contrapõe-se, em muitos aspectos, à abordagem mecanicista. Na contramão de uma visão única e determinística do risco, ela busca explorar a construção social do conceito a partir das experiências vividas e discutidas dentro de um grupo.

Contrariamente, também, à construção global, com risco de abrangência e potencial de danos ilimitados, afetando a todos os indivíduos, busca-se, na perspectiva psicossocial, uma construção restrita, própria a um grupo, fundamentada no senso comum desse grupo e orientadora de sua prática social.

Essa construção baseia-se na teoria das representações sociais, desenvolvida, na França, por Serge Moscovici (Moscovici, 1976). De acordo com essa teoria, um grupo apropria-se de um objeto social e recria coletivamente seu significado, gerando, *a priori*, uma orientação para sua prática e, *a posteriori*, uma justificativa para suas ações.

Essa abordagem para a questão do risco tem sido bastante explorada na literatura internacional – ver, por exemplo, os trabalhos de Joffe (2003) e Gruev-Vintila e Rouquette (2007), e as referências neles indicadas. Há relativamente poucos estudos nacionais, entre os quais se pode mencionar os trabalhos de Bernardo (2001), Moraes (2007), e Chamon e Chamon (2007), que ilustram os aportes da abordagem psicossocial ao estudo do risco.

O risco como objeto de representação social

O risco se apresenta como objeto polimorfo, mostrando diferentes aspectos e diversos ângulos, para os diferentes segmentos sociais. Por vezes, está ligado à probabilidade e à previsão de fatos financeiros e econômicos, como possibilidade de ganho ou perda, enquanto para os processos industriais aparece ligado ao aspecto de perda material ou pessoal e danos em geral. Além disso, em atividades industriais potencialmente perigosas, o risco

ocupa uma posição de destaque, caracterizando um compromisso identitário dentro do grupo de trabalhadores. Esse compromisso se revela na busca pelo trabalho seguro no desempenho das atividades, materializado no tratamento rigoroso das questões de risco. Essa identidade é percebida pela sociedade no entorno, que vê os trabalhadores como sendo de uma indústria “perigosa”. Em todas as relações sociais, dentro e fora da organização, o senso comum identifica esse tipo de trabalhador em associação ao risco da atividade desempenhada. Mencione-se, nesse caso, a atividade em uma indústria nuclear ou de explosivos, como exemplos marcantes. O risco, então, é marca distintiva do grupo em suas relações com outros grupos sociais.

As funções da representação social do risco

A representação social desempenha um papel de sistema de interpretação da realidade e de organizadora de comportamentos e práticas. Além disso, responde por quatro funções essenciais dentro dos processos de relação social (Abric, 1994):

1- Função de Saber

As representações sociais permitem compreender e explicar a realidade, isto é, como os indivíduos adquirem conhecimentos e os integram num quadro assimilável por eles (o senso comum). É a situação típica para os trabalhadores de indústrias com atividades potencialmente perigosas. O risco é parte importante da atividade nessas indústrias, afetando a forma como o trabalho é desenvolvido. Existe um conhecimento estabelecido, definido pelas normas e procedimentos, e existe um conhecimento prático, do dia a dia, fruto da assimilação e retrabalho cognitivo do primeiro. As representações sociais do risco tornam-se o quadro de referência para a compreensão da realidade vivida no trabalho.

2- Função Identitária

As representações também têm por função situar os indivíduos e os grupos no campo social. A partir delas, eles são capazes “de elaborar uma identidade social compatível com os sistemas de normas e valores socialmente e historicamente determinados” (Mugny & Carugaty, 1985, p. 183). O grupo de trabalhadores e a própria sociedade veem a atividade realizada em indústrias

químicas/petroquímicas, nucleares ou de explosivos como “perigosa” e de “alto risco”. Particularmente, quando da ocorrência de incidentes ou acidentes nesse tipo de indústrias, em qualquer região do mundo, há imediata associação entre os trabalhadores e a atividade de risco.

3- Função de Orientação

As representações sociais guiam os comportamentos e as práticas por meio de três fatores:

a) A definição da finalidade da situação. Elas determinam *a priori* os tipos de relações pertinentes para um sujeito e, também, nas situações onde existe uma tarefa a ser cumprida, o tipo de estratégia cognitiva que vai ser adotada.

b) Um sistema de antecipação e de espera. Uma representação não segue o desenrolar de uma interação e não depende dela. Ela precede a interação e a orienta.

c) Uma prescrição de comportamento. A representação social reflete a natureza das regras e das ligações sociais e, dessa forma, é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias.

O risco em indústrias químicas/petroquímicas, nucleares ou de explosivos é conhecido pelos trabalhadores e é apreendido na prática social. As representações que se constroem sobre o risco orientam comportamentos na atividade cotidiana, a tal ponto que certas práticas – reconhecidas nas indústrias como apropriadas – são incorporadas posteriormente em procedimentos e normas.

4- Função de Justificação

As representações sociais permitem justificar *a posteriori* as tomadas de posição e os comportamentos. É um funcionamento que sucede a ação, permitindo aos atores sociais explicar e justificar suas condutas numa situação ou em relação a seus parceiros. Os comportamentos em relação ao risco são explicados pelos trabalhadores em função das normas e procedimentos. Entretanto, quando um comportamento se desvia do caminho preconizado nos manuais, a justificativa é dada pela prática social do grupo, apresentada como mais adequada à situação.

Dois estudos sobre a representação social do risco

Os estudos aqui apresentados focalizam duas situações de trabalho para as quais,

tipicamente, o risco é percebido como inerente à atividade desenvolvida. Na primeira, discute-se a representação social do risco em uma refinaria de petróleo. Refinarias são consideradas potencialmente perigosas, produzindo derivados de petróleo em larga escala, produtos inflamáveis e tóxicos cujo manuseio exige técnica e experiência.

O segundo estudo faz a análise das representações sociais do risco em uma empresa química, especificamente de produção de explosivos. A indústria química produz e/ou utiliza como matéria-prima produtos que são, na maior parte das vezes, tóxicos, inflamáveis, contaminantes ou explosivos.

Nesses dois casos, a possibilidade de acidentes com variados níveis de gravidade é parte do cotidiano das empresas, além de representar um risco real para a população do entorno e ser percebido como tal por ela.

O método de estudo

Em ambos os estudos, utilizou-se a entrevista semiestruturada como forma de acesso às representações sociais do grupo. No primeiro caso, a análise em uma refinaria de petróleo, foram entrevistados 16 sujeitos; para o segundo estudo, uma empresa de explosivos, foram entrevistados 15 sujeitos. As transcrições das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo automatizada, por meio do *software* ALCESTE® (Analyse des Lexèmes Cooccurrents dans les Énoncés Simples d'un Texte), que realiza uma classificação do texto estudado em função das ocorrências simultâneas do seu vocabulário (Chamon, 2007). O *software* divide o conteúdo das entrevistas em unidades de contexto elementares (UCE), que são trechos do texto que representam o contexto no qual as palavras são consideradas. A classificação realizada tem por base esses contextos e as palavras a eles associadas.

O *software* identificou, em cada caso, um conjunto de classes de discurso, discutidas a seguir. Essas classes permitem apreender a estrutura da representação social do risco nos dois grupos estudados.

Estudo 1: Risco e representação em uma refinaria de petróleo (Moraes, 2007)

As entrevistas foram realizadas com 16 sujeitos, distribuídos entre seis gerentes de

diversos níveis e dez empregados executantes, com regimes de trabalho administrativo e por turnos. A análise dessas entrevistas resultou em um conjunto de quatro classes de discurso estáveis, que agruparam 67,4% do total de UCEs. A Análise Fatorial de Correspondência (AFC), apresentada na Figura 1, indica as relações entre as classes analisadas e a caracterização dos sujeitos entrevistados.

a) Classe 1 - Liderança

Essa classe de discurso possui um conteúdo direcionado aos processos de controle do risco, próprio da liderança formal. Está relacionada aos sujeitos masculinos com formação em ciências exatas e aos empregados em regime administrativo de trabalho. Palavras significativas referentes a essa classe são: “segurança”, “comunicação”, “empresa”, “manual”, “informativo”, “padrão”, “reunião”. Observamos aqui o discurso formal da organização, definido pelos processos de controle próprios das atribuições das lideranças formais.

b) Classe 2 - Riscos e Classe 3 - Perigos

Ambas as classes de discurso surgem no mesmo quadrante da AFC e são influenciadas pelos mesmos sujeitos, ou seja, sujeitos em regime de turno, executantes e com formação de segundo grau, em sua maioria. As classes estão próximas, devido a sua complementaridade. Palavras significativas referentes a essas classes são:

Classe 2 - “perigo”, “risco”, “potencial”, “indústria”, “dano”, “saúde”.

Classe 3 - “temperatura”, “umidade”, “solvente”, “gás”, “pressão”.

A denominação “Risco” para a Classe 2 é devida ao conteúdo explicativo em torno da conceituação do risco para os sujeitos pesquisados. A Classe 3 foi denominada “Perigos” devido ao conteúdo relacionado aos itens de perigo próprios aos trabalhos executados.

c) Classe 4 - Confiabilidade Humana

Essa classe trata das relações do ser humano com seu ambiente, e é característica do discurso feminino, com função executiva, nível superior e da área de ciências humanas. Palavras significativas referentes a essa classe são: “humano”, “erro”, “falha”, “difícil”, “consciência”. Observamos aqui a caracterização de um discurso voltado ao papel do homem em situações potencialmente perigosas.

A Figura 2 sintetiza essa divisão em classes, indicando a proximidade entre elas e algumas das palavras significantes de classe. Notamos, por exemplo, que uma divisão simplificada em apenas duas classes reagruparia as Classes 1 e 4 (“Liderança” e “Confiabilidade Humana”) e as Classes 2 e 3 (“Riscos” e “Perigos”). O primeiro conjunto representaria a “Perspectiva Mecanicista” e o segundo conjunto representaria a “Definição de Risco”.

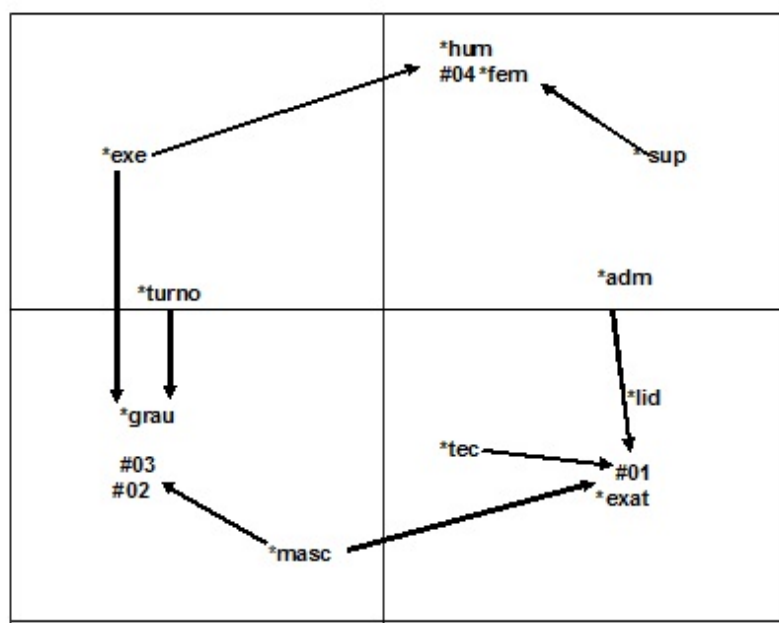


Figura 1 – Análise Fatorial de Correspondência (AFC) das classes formadas.

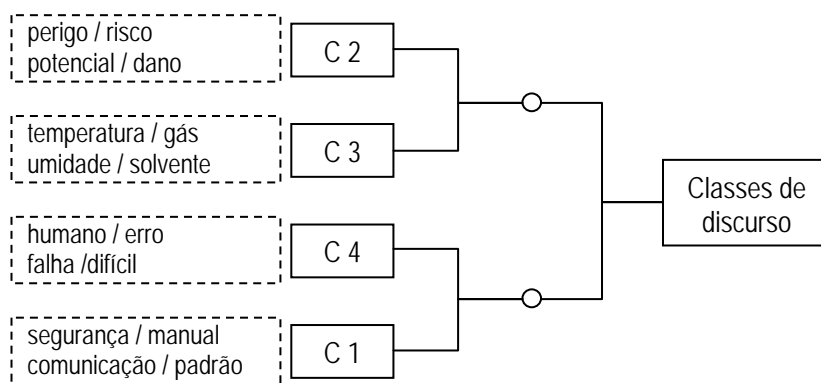


Figura 2 – Dendrograma das classes de discurso com palavras significativas das classes.

Esse primeiro grande arranjo discursivo mostra uma clivagem entre uma temática centrada nos sistemas complexos e uma outra centrada no elemento humano. Apesar dessa oposição, que estrutura parte da representação social do risco, percebemos que a perspectiva subjacente ao discurso dos sujeitos é mecanicista, na qual o humano participa enquanto elemento passível de erro/falha. Inferimos aqui uma ancoragem do tipo psicológico, que corresponde a crenças ou valores gerais que organizam as relações simbólicas com o outro (Doise, 1992). De fato, uma tal perspectiva do risco encontra-se disseminada na sociedade em geral e aparece aqui compartilhada pelo grupo estudado.

Além dessa clivagem, aparece uma terceira dimensão associada à caracterização de risco e perigo, representada pelas Classes 2 e 3. Aqui, a apropriação do objeto de representação (risco) pelo grupo reveste-se de aspectos específicos do trabalho desenvolvido dentro da indústria. Tem-se um processo de objetivação que é modulado por essa experiência vivida em uma atividade potencialmente perigosa.

Uma análise mais específica concentra-se na avaliação da Classe 2 - Riscos, que nos interessa mais de perto. Dois temas ou subclasses podem ser identificados aqui: “Riscos Pessoais” e “Controle”.

Os “Riscos Pessoais” são aqueles que podem provocar danos às pessoas, caracterizando-se por algo que prejudica a integridade física e emocional. Ainda, o estresse aparece como decorrente dos riscos pessoais, em função da sobrecarga da atividade. Nessa subclasse, o risco é conceituado como a possibilidade de perda/ganho em decorrência do que se faz.

O risco das atividades é expresso em seus exemplos mais visíveis, relacionados com a condição humana de trabalhar com sistemas potencialmente perigosos. Identificamos o risco à saúde em suas extensões técnicas e a exposição de pessoas a situações que possam trazer danos à saúde, conforme se vê nas falas dos sujeitos:

risco para mim é toda e qualquer situação que possa trazer o comprometimento da vida de alguém, de um equipamento.

uma situação de perigo é uma situação de risco que você está exposto. Alguma situação, alguma coisa que pode prejudicar sua saúde, a saúde de alguém, e estar expondo pessoas.

risco eu acho que é uma coisa que em grande parte das atividades que você tem na sua vida é um risco, você corre certos riscos, mas pode ser um risco físico, o risco de você perder alguma coisa, ou você corre o risco de ganhar alguma coisa.

É recorrente nos discursos o risco como aspecto inerente à atividade humana, traduzido em perdas e ganhos provenientes do risco assumido.

Já na subclasse “Controle”, aparece o perigo como sendo proporcional aos controles exercidos. Quanto mais adequados forem os controles, menores serão os riscos. Há uma necessidade própria do ser humano de ter o controle sobre suas atividades. Isso dá ao indivíduo, em trabalhos potencialmente perigosos, a sensação de segurança necessária para o exercício de suas atividades. Há uma necessidade de neutralizar o medo que aparece

em qualquer momento do trabalho, caso contrário, seria impossível o exercício de suas atividades (Dejours, 1988). As falas dos sujeitos expõem essa necessidade de controle:

temos que aprender a gerenciar, aprender a minimizar os riscos, temos que aprender a tratar tudo com equilíbrio. Situação de perigo é quando você se expõe a um risco desnecessário, ou quando você se vê envolvido por fatores diversos numa situação que pode prejudicar sua saúde, prejudicar sua integridade física, prejudicar sua integridade emocional, mental.

isso seria uma situação de perigo, ou seja, no caso de risco mais alto, uma probabilidade mais alta de se ter um acidente e em que os controles não são adequados, então o risco é alto, então perigo é alto também.

Há uma tensão implícita quanto à perda dos controles e o desencadeamento de um evento accidental, porém é emergente a crença de que, sem os controles adequados, seria impossível o exercício das atividades diárias. Caso ocorra um evento qualquer (incidente ou acidente), ele é imputado à falta de percepção do risco e à utilização de controles inadequados.

Essa classe de discursos, que representa a porção diretamente relacionada a Risco, apresenta um elevado grau de convergência com a ideia de perigo. Há uma formação representacional, com clara dispersão da informação, e o conceito de risco não é apresentado em sua forma científica. Há momentos de aproximação maior com o conceito cientificamente elaborado, porém o

que emerge é a elaboração do conceito a partir das experiências próprias do grupo pesquisado. Aparece o controle como resposta às situações de perigo, e este, ligado à capacidade de percepção do risco de forma individual.

Notamos aqui uma concepção de risco simplificada, despojada de seu conteúdo técnico-científico, e centrada nas ideias de “risco para mim” e de “controles e normas”. Essa representação é construída, por um lado, a partir de ideias, opiniões, crenças e valores do grupo, que destacam os aspectos salientes dos itens de perigo (gás, pressão, temperatura) e de suas consequências (danos, saúde) e os associam ao risco; e de outro lado, a partir da assimilação do vivido a um quadro de conhecimentos previamente estabelecido, no caso a concepção mecanicista de risco, que congrega conceitos gerenciais (normas, procedimentos) e concepções sobre o humano enquanto um elemento de falha do sistema.

Estudo 2: Risco e representação na indústria química (Carvalho, 2007)

As entrevistas foram realizadas com 15 sujeitos, distribuídos entre gerentes e engenheiros de diferentes níveis (sete sujeitos) e empregados executantes e administrativos (oito sujeitos). A análise dessas entrevistas resultou em um conjunto de cinco classes de discurso estáveis, que agruparam 76% do total de UCEs.

A Figura 3, um dendograma indicando a organização hierárquica das classes, mostra a proporção de UCEs (de um total de 271) em cada uma das classes obtidas na análise automática, assim como algumas das palavras significativas de cada classe.

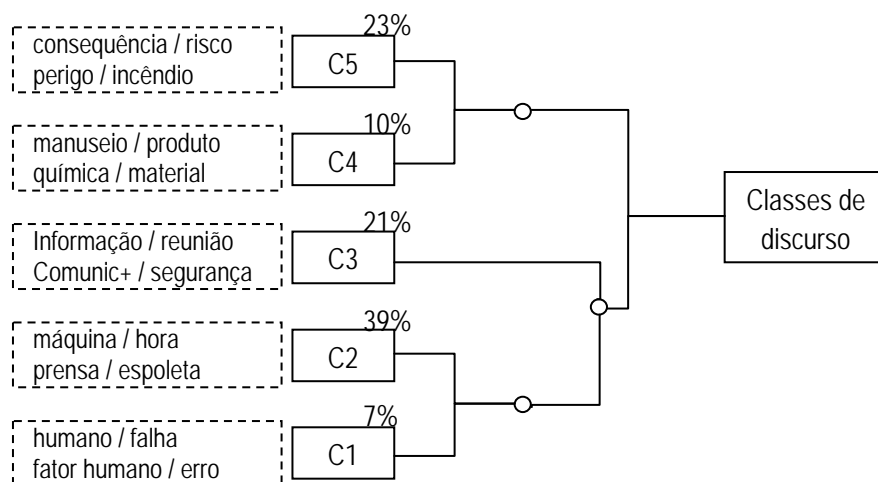


Figura 3- Dendograma das classes de discurso com palavras significativas das classes.

A Classe 1 foi denominada “Ação Humana”, pois nela foram identificados temas e palavras nos discursos relacionados ao erro humano e sua influência em acidentes. São palavras significativas dessa classe: “humano”, “falha”, “fator humano”, “erro”. Essa classe associa o humano a um elemento do sistema mecanicista de abordagem do risco, indicando uma ancoragem psicológica (Doise, 1992) em categorias gerais de senso comum distribuídas na sociedade.

A Classe 2 foi denominada “Processos” e está relacionada à forma como as atividades são organizadas e realizadas. São palavras significativas dessa classe: “máquina”, “hora”, “prensa”, “espoleta”. Esta classe relaciona-se aos processos organizacionais existentes na empresa e assimilados pelos sujeitos.

A Classe 3 relaciona-se ao fluxo de informações de segurança dentro da empresa e, assim, foi chamada “Comunicação”. São palavras significativas dessa classe: “informação”, “reunião”, “comunicação”, “segurança”. Esta classe indicava usos específicos da comunicação organizacional em empresas relacionadas a atividades potencialmente perigosas. Estas três primeiras classes resumem os conteúdos representacionais do grupo relativos ao paradigma mecanicista de gestão do risco.

A Classe 4 recebeu o nome de “Risco Químico”, por conter discursos relacionados ao risco intrínseco à atividade de fabricação no setor químico/explosivos. São palavras significativas dessa classe: “manuseio”, “produto”, “química”, “material”. Já a última classe, Classe 5, foi denominada “Perigo e Risco”, por conter os discursos característicos de conceituação de perigo e de risco. São palavras significativas dessa classe: “consequência”, “risco”, “perigo”, “incêndio”. Estas duas últimas classes apresentam os conteúdos representacionais elaborados pelo grupo dentro de sua prática social.

Em suma, pode-se perceber, a partir do dendograma da Figura 3, que as classes se agregam de modo a formar três subgrupos: um primeiro que agrupa as classes 1 e 2 (Ação Humana e Processos), um segundo grupo que consiste apenas da Classe 3 (Comunicação) e um último grupo unindo as classes 4 e 5 (Risco Químico e Perigo e Risco). Os dois primeiros agrupamentos contêm elementos de uma visão mais organizacional e mecanicista do risco, relacionando-se a erro humano, processos e

procedimentos, liderança, treinamento e comunicação, embora guardem alguns elementos da prática cotidiana dos indivíduos. O último agrupamento, relativo às classes 4 e 5, aproxima-se do conhecimento prático que os indivíduos possuem sobre o risco e da visão que eles desenvolvem sobre os riscos em um ambiente tido como “naturalmente perigoso”.

Nesse último agrupamento, são falas típicas dos sujeitos:

a partir do momento que a gente entra no prédio, o risco está em qualquer lugar, então, entrou na área de fabricação já gera um risco, mesmo você não manuseando o explosivo.

Trabalho em indústria química sempre tem seu risco, sem é um trabalho de risco por causa dos materiais perigosos. Sempre é perigoso trabalhar em indústria química, por qualquer produto que você manufacture.

Uma situação de perigo é tudo o que pode causar algum dano às pessoas, aos funcionários, alguma coisa que pode machucar, que possa ferir ou até causar morte.

Quando eu estou na produção, fico exposto aos riscos da produção, como detonação, vazamento de ácido, incêndio.

Notam-se, no discurso, características de dispersão da informação (certa confusão entre risco e perigo, e associação do risco às suas consequências) e de focalização nos danos que advêm da atividade de produção química.

Nota-se, também, a confiança nos sistemas abstratos, caracterizados nos procedimentos, nos treinamentos e na comunicação, que permite que o medo seja superado e a atividade possa ser desenvolvida. Ao mesmo tempo, o risco (traduzido normalmente como perigo pelos sujeitos) está sempre muito presente.

Considerações finais

A temática central deste trabalho desenvolveu-se em torno da tensão entre uma visão técnica, própria de padrões organizacionais, e uma visão psicossocial do risco. Defendeu-se a ideia de uma construção social específica do risco, própria de grupos que trabalham em atividades classificadas

como perigosas, estudada a partir de uma abordagem de representações sociais.

A proximidade com o risco mostra a singularidade dos sujeitos desta pesquisa em relação a outros estudos sobre o risco, que se debruçam sobre as percepções da população em geral. Indivíduos que atuam em indústrias potencialmente perigosas vivenciam um risco mais presente e menos difuso do que outros grupos da população.

As representações do risco para esses sujeitos são extratos obtidos a partir de um exercício mental sobre algo que eles vivem cotidianamente e que, em alguns casos, efetivamente se materializa na forma de acidentes. Trata-se o “risco” como experiência cotidiana contrapondo-o às normas, procedimentos e padrões.

Em uma perspectiva inicial de confrontação entre sistemas peritos e os fatores psicossociais, observa-se convergência no sentido do domínio da máquina e, por consequência, do controle. Entretanto, existem tensões entre a visão organizacional, definida a partir dos padrões e normas, e a visão construída nos arranjos sociais inerentes à atividade desenvolvida.

O risco é caracterizado a partir de uma construção pela familiaridade dos objetos. Essa construção permite uma identidade ao grupo – trabalham sob um certo tipo de risco – que opera como justificção para o exercício das atividades de risco.

Em uma análise conjunta dos casos apresentados, foram identificadas as seguintes caracterizações em relação aos riscos:

1- Tendência ao controle: observa-se uma necessidade de se ter “certeza” sobre toda atividade realizada. Certeza de que os riscos estejam subordinados à atuação conjunta de sistemas e pessoas.

2- Confiabilidade centrada no ser humano: o ser humano está no centro de todas as preocupações, e somente pessoas capacitadas podem realizar um trabalho sem riscos. Incidentes e acidentes são decorrentes de erros e falhas humanas.

3- Confiança em sistemas abstratos: a confiança de que os diversos sistemas, normas e procedimentos são imperativos para o controle do risco e sua domesticação.

Essas grandes crenças parecem constituir a estrutura básica da representação social do risco, para os grupos estudados.

O risco aparece como um conceito em mutação, cuja principal matiz é a busca do controle. Os sujeitos, em uma indústria potencialmente perigosa, reconhecem o risco a partir da experiência do dia a dia, e o conformam segundo sua visão de mundo. Os padrões e normas não são suficientes para lhes dar todas as respostas necessárias ao tratamento das diversas situações de perigo, e a busca de respostas consensuais é premente e presente na maioria das atividades do cotidiano.

Por fim, há a consciência de que os padrões e normas não são suficientes para a geração de um ambiente seguro. A relação social é a melhor resposta para a busca de um ambiente de confiança, que se traduz em segurança a partir de relações mais estáveis.

A necessidade de conformar o mundo a uma cadeia de eventos familiares está presente em toda atividade humana, principalmente naquelas em que os potenciais de perigo são elevados. Esse processo conformacional proporciona à sociedade um convívio pacífico com um mundo cada vez mais perigoso e incerto.

Há uma pressão para se tratar os problemas derivados dos processos de industrialização como consequências inevitáveis e inerentes à necessidade de desenvolvimento da civilização. Essa pressão é acompanhada por um processo de “cientificação” dos problemas, procurando-se conformá-los a limites racionais. Por outro lado, a sociedade do risco, no sentido que lhe dá Beck (1992) é uma sociedade autocrítica, que produz e confronta suas referências sobre os perigos e riscos. Não é mais possível uma visão científica aceita de modo estático pela sociedade, pois o sujeito social procura ocupar seu espaço, e não mais aceita os preceitos cientificamente elaborados como dogmas a serem seguidos cegamente.

Referências

- Abric, J-C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. Londres: Sage.
- Beck, U. (2006). Incertezas Fabricadas. *Revista IHU Online*, 181, 5-12.

- Bernardo, M. H. (2001). *Riscos na Usina Química: Os Acidentes e a Contaminação nas Representações dos Trabalhadores*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.
- Carvalho, F. P. S. (2007). *A Representação Social de Funcionários sobre o Risco em uma Indústria Química*. Monografia de Especialização, Departamento de Economia, Contabilidade e Administração de Empresas, Universidade de Taubaté, Taubaté.
- Chamon, E. M. Q. O. (2007). Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(1), 37-46.
- Chamon, E. M. Q. O., & Chamon, M. A. (2007). Risco e Representação Social. In E. M. Q. O. Chamon (Org.), *Gestão de Organizações Públicas e Privadas: Uma Abordagem Interdisciplinar* (pp. 103-141; 1ª Ed.). Rio de Janeiro: Brasport.
- Dejours, C. (1988). *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez.
- DOISE, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de psychologie*, 45(405), 189-195.
- Giddens, A. (1997). Risco, Confiança, Reflexividade. In A. Giddens, U. Beck & S. LASH. *Modernização Reflexiva* (pp. 219-234). São Paulo: UNESP.
- Gruev-Vintila, A., & Rouquette, M-L. (2007). Social Thinking about Collective Risk: How Do Risk-related Practice and Personal Involvement Impact Its Social Representations? *Journal of Risk Research*, 10(4), 555-581.
- Joffe, H. (2003). Risk: From perception to social representation. *British Journal of Social Psychology*, London, 42(1), 55-73.
- Moraes, P. M. (2007). *As Representações Sociais de Funcionários sobre o Risco em uma Refinaria de Petróleo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Economia, Contabilidade e Administração de Empresas, Universidade de Taubaté, Taubaté.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Mugny, G., & Carugaty, F. (1985). *L'intelligence au pluriel*. Cousset: DelVal.
- Schlich, T. (2004). Objectifying Uncertainty: History of Risk Concepts in Medicine. *Topoi*, 23, 211-219.

Enviado em Dezembro de 2010
 Aceite em Março de 2011
 Publicado em Julho de 2011

20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição da UFSC

Clélia Maria Nascimento-Schulze

LACCOS - Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, SC

Nesse número especial da revista *Temas de Psicologia*, dedicado à comemoração dos 50 anos da Teoria das Representações Sociais, comemora-se também os 20 anos do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição Social (LACCOS) que está vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Coletar as lembranças de aspectos relevantes na vida dos que participaram das atividades desse laboratório ao longo destes anos foi algo extremamente positivo, já que fui um dos membros fundadores do LACCOS juntamente com o professor e pesquisador Brígido Vizeu de Camargo.

Constatai que a tarefa de historiar a vida de um laboratório é desafiadora e complexa, pois vários são os ângulos que podem ser contemplados na construção de um texto fidedigno que cubra grande parte dos eventos relevantes. Tal tarefa exigiria mais tempo de pesquisa e de recuperação de fatos e documentos. Assim, nessas poucas páginas visamos somente apontar para alguns fatos principais que nos ajudam a celebrar os sucessos alcançados.

As atividades do LACCOS foram iniciadas antes de maio de 1991 quando o mesmo foi formalmente reconhecido pela UFSC como o primeiro Laboratório de Psicologia Social. Na realidade a história institucional não pode estar separada dos eventos anteriores tais como a nossa graduação na PUC, onde os cursos ministrados pela professora e pesquisadora Sílvia Maurer Lane foram sem dúvida elementos determinantes da nossa opção pela Psicologia Social. A consecução e aprovação no curso de mestrado realizado na PUC de São Paulo sob a orientação da Dra Sílvia Lane, pelo pesquisador Brígido Camargo, com co-orientação de Eni

Orlandi, culminou em um trabalho pioneiro no uso da linguagem como instrumento de leitura da realidade social. Sílvia inspirou, motivou e aplaudiu o nosso trabalho junto ao recém fundado laboratório e mesmo antes disso nos apresentou Denise Jodelet em 1983 sendo que esta, desde então, tem sido nossa parceira em projetos de pesquisa baseados na Teoria das Representações Sociais. Ainda considerando a formação dos dois pesquisadores fundadores, os laços com a psicologia social européia durante a formação do doutorado marcaram nossa produção e orientação de pesquisas, tendo por um lado a influência francesa da École des Hautes Études em Sciences Sociales e por outro a inglesa, através do trabalho de Henri Tajfel e John Turner então vinculados à Universidade de Bristol nos anos 80.

A tradição na orientação de alunos de iniciação científica já estava instaurada entre os pesquisadores mencionados desde 1981, e quando o LACCOS foi oficialmente fundado passou a contar com a parceria permanente do CNPq em várias modalidades de apoio. Aproximadamente foram mais de 30 bolsistas de iniciação científica, em torno de 20 doutores não só da Psicologia, mas também de cursos como o Doutorado em Enfermagem e o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, e mais do que 30 mestrandos do Curso de Pós-graduação em Psicologia que contaram com o apoio técnico e teórico dos pesquisadores do LACCOS na consecução de seus trabalhos.

Os pós-graduandos, assistidos pelos pesquisadores deste laboratório, tem visitado as escolas de verão do Curso de Doutorado Europeu em Comunicação e Representações Sociais desde os anos 90 sendo que atualmente há um convênio que permitirá que alunos brasileiros sejam selecionados para cursar na

Europa. O convênio firmado entre a UFSC e a Universidade de Pádua na Itália também permite que alunos selecionados pelo LACCOS curse e defendam suas teses na Itália.

As linhas de pesquisa atuais estão devotadas aos temas vinculados à AIDS e sua prevenção assim como sobre as representações sociais da saúde e doença, do envelhecimento e do corpo. Outra tradição de pesquisa se refere à questão da alfabetização científica e às representações sociais da ciência e tecnologia.

Os fatos acima citados compõem o quadro principal de eventos que caracterizam a

produtividade do grupo de pesquisadores ao longo destes 20 anos. E embora seja um laboratório de pequeno porte suas relações e redes internacionais como a recém fundada Rede Internacional de Pesquisas sobre Representações Sociais e Saúde (RIPRES) firmada entre pesquisadores brasileiros, latino-americanos e europeus comprovam os resultados destas duas décadas.

Sobre a autora:

Clélia Maria Nascimento-Schulze – Professora Titular aposentada, Universidade Federal de Santa Catarina, LACCOS.

The 20th anniversary of the Laboratory of Social Psychology of Communication and Cognition of UFSC

Clélia Maria Nascimento-Schulze

LACCOS - Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, SC

In this special issue of the Brazilian journal *Temas de Psicologia*, devoted to the commemoration of the 50th anniversary of the Social Representations Theory another motive to commemorate is the 20th anniversary of the Laboratory of Social Psychology of Communication and of Social Cognition (LACCOS) attached to the Psychology Department of the Federal University of Santa Catarina in the southern part of Brazil. To recollect the memories of relevant aspects in the lives of the participants of such scientific laboratory during all those years was extremely positive considering that I was one of the founders of LACCOS together with my colleague researcher and lecturer of social psychology Dr Brígido Vizeu de Camargo.

The task of making a historical covering of a scientific laboratory's life is both challenging and complex since there are several angles and aspects to consider in order to build a trustworthy text which covers a great part of the relevant events. Such task would demand time and research to recover the necessary facts and documents. Thus, in those few pages we aimed mainly at some principal facts which certainly evidence our reasons to celebrate the success obtained.

However, the joint activities of the researchers who constituted LACCOS were previous to May of 1991 when the Lab was formally recognized by the University of Santa Catarina. In reality, the institutional history of the lab cannot be considered apart from the previous events such as our undergraduate course taken at the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) where the courses given by the professor and researcher Silvia Maurer Lane doubtless were determinant of our option for Social Psychology. On the other hand, the M.A degree obtained by Brígido

Camargo at PUC under the orientation of Dr Silvia Lane and co-orientation of Dr Eni Orlandi, was a pioneer work in the use of language as an instrument for reading social reality within a social psychological approach.

Silvia Lane inspired and motivated our work at Laccos visiting us in Florianópolis innumerable times and even before the lab official foundation she introduced us to Dr Denise Jodelet in 1983. Denise Jodelet has been our partner since then attending several activities in the UFSC, constituting a permanent research partnership with LACCOS.

Still considering the background of the two mentioned lab founders, Clélia Maria Nascimento Schulze and Brígido Bizeu Camargo, they obtained their Ph.D degrees respectively at Bristol University where Dr Henri Tajfel and John Turner and other members of the Bristol group influenced her posterior work, and at the École des Hautes Études en Sciences Sociales where Dr Brígido Camargo, oriented by Dr Jodelet started his research line on Social representations and AIDS.

The orientation of undergraduate students starting their research experience was initiated in 1981 and since then LACCOS has been counting with the support of CNPq in innumerable types of scholarships which ranged from the initiation to science to the Ph.D modality. To mention approximate numbers, more than 40 initiations to science scholarships, around 20 doctorship orientations and over 30 master degree students benefited from the research and technical expertise of Laccos researchers. Post graduate students from UFSC but also from other institutions and disciplines and even from the Interdisciplinary Doctorship in Human Sciences of UFSC have been

associated to the research tradition in Social Representations along those 20 years.

Post graduate students associated to Laccos have visited in the past the summer schools organized by the European Doctorship course in Communication and Social Representations and the previous visits of the researchers to the research center in Rome culminated in a bilateral agreement that will establish a permanent partnership between the postgraduate programmes of Psychology at UFSC and the European Doctorship in Rome. Further, another partnership between UFSC and the University of Padua in Italy reinforce the possibilities of joint research, teaching and following courses in Italy. Those partnerships will allow Brazilian post graduate students to follow their Ph.D. courses in Europe.

Its actual research lines are devoted to themes related to: the study of AIDS and its prevention, social representations of health and illness, ageing and the body. Also, a line of research on social representations of science and technology and scientific literacy composes another research tradition.

The above mentioned facts characterize the productivity of the group of researchers along those 20 years and although Laccos can be considered a small laboratory its national and international relationships are present and active. As an example we can mention the recently founded network in studies of social representations and health - RIPRES – involving Brazilian, Latin American and European researchers. Those facts state the successful results of the 20 years of work.

Sobre a autora:

Clélia Maria Nascimento-Schulze – Professora Titular aposentada, Universidade Federal de Santa Catarina, LACCOS.

Representações sociais do corpo: estética e saúde

Brigido Vizeu Camargo

Everley Rosane Goetz

Andréa Barbará S. Bousfield

Ana Maria Justo

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Resumo

Utilizou-se neste estudo a Teoria das Representações Sociais como forma de compreender a saúde e a beleza, nas ideias compartilhadas sobre o corpo. Participaram 235 estudantes dos cursos de Moda e de Educação Física. Na coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado sobre práticas de cuidado e representações do corpo. As respostas obtidas foram analisadas por meio da Classificação Hierárquica Descendente e análise lexicográfica. Predominaram participantes do sexo feminino (72,3%), com média de idade de 23 anos. Observou-se que a representação social do corpo está relacionada à saúde, à estética, ao movimento e à forma e que a beleza é evidenciada por um padrão estipulado socialmente e há primazia de posicionamentos favoráveis à cirurgia plástica. Conclui-se que o corpo belo assume um locus privilegiado e obedece a um padrão rígido que é estipulado socialmente. A cirurgia plástica surge como uma prática desejada dentre os participantes, podendo acarretar riscos para a saúde.

Palavras-chave: Representações sociais, Corpo, Estética, Saúde.

Social representations of body: aesthetic and health

Abstract

In this study the Theory of Social Representation was used as a manner to comprehend health and beauty, as aspects regarding to body representation. A sample of 235 participants was selected from the Fashion and Physical Education undergraduate programs. A semi structured questionnaire was used for data collection about care practices and representations of body. Were analyzed with the Descendant Hierarchy Classification and lexicographic analysis. Female participants were predominant (72,3%), with overage age of 23 years old. The results suggest that: The social representation of the body is related to health, aesthetics, movement and shape; beauty is shown as a standard socially stipulated; regarding to plastic surgery there were primacy of favorable positioning to this kind of intervention. The beautiful body assumed one privileged local and a social pattern. Plastic surgery comes as a desired practice among the participants, which may cause health risks.

Keywords: Social representation, Body, Aesthetics, Health.

Introdução

Nesta pesquisa, utilizou-se a Teoria da Representação Social (Moscovici, 1978), a partir da qual buscou-se compreender a saúde e a estética enquanto aspectos constituintes do pensamento social compartilhado a respeito do corpo. A partir do estudo inicial de Moscovici (1978), diversos autores vêm estudando e contribuindo para a ampliação da perspectiva teórica da representação social, tais como Abric (2001), Arruda (2002), Camargo (2005),

Campos e Rouquette (2003), Doise (2001), Jodelet (2001), Katarellos (2003), Nascimento-Schulze e Camargo (2000), e Vala (2000), dentre outros.

A representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que concorre para a construção de uma realidade comum a um determinado grupo social. As representações orientam as relações sociais e as ações, determinando assim um sistema de pré-decodificação da realidade que irá determinar

um conjunto de antecipações de ideias e de comportamentos que constituem o senso comum (Jodelet, 2001).

De acordo com Abric (1998), as representações têm um papel importante na dinâmica das relações e nas práticas sociais e apresentam quatro funções essenciais: (a) função de saber, a qual permite que atores sociais adquiram conhecimentos e os integrem a um quadro assimilável e compreensível, coerentes com o funcionamento cognitivo e com os valores aos quais eles aderem; (b) função identitária, que serve para manter uma imagem positiva do grupo no qual o sujeito está inserido; (c) função de orientação, que serve como uma espécie de diretriz para ação; e, (d) a função justificadora, que permite, posteriormente, que o indivíduo justifique as tomadas de posição e os comportamentos.

Abric (2001, 2003) propõe ainda a hipótese do núcleo central, a partir da qual considera que a representação social apresenta a característica específica de se organizar em torno de um núcleo, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à mesma. De um lado, o núcleo central é determinado pela natureza do objeto representado; de outro, pelo tipo de relação que o grupo mantém com esse objeto, considerando também valores e normas sociais implícitas ao ambiente ideológico do momento do grupo.

Organizados em torno do núcleo central, estão os elementos periféricos que determinam a identidade de uma representação social. Esses constituem o essencial da representação, ou seja, aqueles componentes mais acessíveis, móveis e concretos e possuem três funções importantes: (a) a concretização, que são elementos resultantes da ancoragem da representação na realidade, por meio de uma interface entre o núcleo central e a funcionalidade da representação; (b) a regulação, que adapta as representações às evoluções do contexto; e, (c) a defesa, quando o núcleo central é atacado, os elementos periféricos funcionam como elementos de defesa da representação (Abric, 2001, 2003).

As representações sociais assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo assim modelos de pensamento e de comportamento relacionados ao corpo, que envolvem tanto aspectos relacionados à estética quanto à saúde corporal (Jodelet, Ohana, Bessis-Moñino, & Dannenmüller, 1982).

Corpo e imagem corporal

A conceituação de corpo pode abranger diversos aspectos, desde o físico até o imaginário, sob perspectivas e abordagens igualmente distintas (Andrieu, 2006; Contarello & Fortunati, 2006; Novaes & Vilhena, 2003). Utiliza-se, neste estudo, um conceito proposto por Andrieu (2006), segundo o qual, o corpo é resultado de um programa genético e se desenvolve em função de sua maior ou menor plasticidade biocultural; e é resultado de uma construção simbólica envolvendo percepções e representações individuais e coletivas. Os modelos de pensamento produzem representações sociais que, ao serem compartilhadas socialmente, determinam os diferentes modos de sentir e relacionar-se com o próprio corpo (Jodelet, 1994). Estudar o corpo sob a perspectiva das representações sociais propicia a compreensão da relação que as pessoas têm com próprio corpo sob a influência dos modelos de pensamento e de comportamento.

Jodelet et al. (1982) consideram que a imagem externa do corpo aparece como um mediador do lugar social onde o indivíduo está inserido. Além disso, Jodelet (1994) descreve o corpo também como mediador do conhecimento de si e do outro, que se estabelece a partir das relações sociais.

A percepção do indivíduo sobre sua imagem corporal constitui elemento fundamental para a compreensão das representações subjetivas do corpo. O estudo da imagem corporal constitui importante foco de interesse por parte de diversos estudiosos (Davison & McCabe, 2006; Galindo & Carvalho, 2007; Schilder, 1999; Tavares, 2003).

Para Schilder (1999), a imagem corporal é a representação mental que um indivíduo tem do seu corpo. Tal representação integra os níveis físico, emocional e mental em cada ser humano, com respeito à percepção do próprio corpo. Davison e McCabe (2006) definem imagem corporal como uma representação mental que os indivíduos têm a respeito do tamanho e da forma do corpo, que se constitui pela influência de fatores históricos, culturais, sociais, individuais e biológicos; e, assim como Schilder (1999), esses autores consideram que, além da percepção, estão implicados na formação da imagem corporal aspectos cognitivos, afetivos e da conduta.

Estética e saúde corporal

Existem variações no conceito de estética que são utilizadas para designar desde algo real ou imaginário, objetivo ou subjetivo, material ou abstrato, animado ou inanimado até a mera percepção ou sensação (Diener, Wolsic, & Fujita, 2002; Maner et al., 2003). Entretanto, neste estudo, adotou-se o conceito de estética enquanto sinônimo de beleza física, ou seja, estética como um atributo inerente ao corpo, do difundido dicionário Aurélio (Ferreira, 2004).

Andrieu (2006) conceitua beleza como uma qualidade atribuída a um corpo por um indivíduo ou por uma determinada sociedade. Entretanto, ressalta que o exame do binômio beleza-feiura é um aspecto preocupante no tema, podendo conduzir a um impasse, justificando que a percepção do belo ou do feio esteja condicionada a uma questão de gosto, a partir de escolhas subjetivas em relação ao que é visto. Teixeira (2001) acrescenta que falar de beleza pressupõe considerar algo real, que desperta sentimentos intensos e inspira ações de contemplação reverencial, resultantes de elementos que extrapolam as percepções dos cinco sentidos humanos.

Observam-se discussões sobre o corpo que abrangem predominantemente aspectos da saúde, da forma e da alimentação. Entretanto, considera-se a existência de contradições presentes em diversos discursos: orientações médicas, informações contidas em publicidades de alimentos, mensagens midiáticas sobre estética corporal ou opiniões contidas em clichês interiorizados e pertencentes ao senso comum. Há uma verdadeira “ditadura da magreza” imposta pela mídia, que torna as pessoas obsessivas em relação à alimentação, principalmente as mulheres, mas também os homens e as crianças. Essas contradições levam os indivíduos a dúvidas que envolvem duas questões básicas: de um lado o desejo de atingir a estética corporal ideal, de outro, a manutenção da saúde (Hubert & De Labarre, 2005).

Tal paradoxo pode levar a aspectos preocupantes no que diz respeito à saúde dos indivíduos. A saúde pode ser definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social (Straub, 2005), que não se restringe à mera ausência de doença ou enfermidade, ou seja, um estado positivo e multidimensional que envolve três domínios: saúde física, psicológica e social. Czeresnia (2004)

conceitua saúde como qualidade de vida resultante de um complexo processo condicionado por diversos fatores, tais como, alimentação, justiça social, ecossistema, renda e educação, dentre outros.

As mídias, e em especial os jornais, as revistas e a televisão, produzem modelos e ditam padrões para o corpo, que constituem representações sociais da beleza e da saúde. Tais modelos e padrões podem gerar insatisfações nas pessoas frente à própria imagem e abalar sua autoestima, incentivando uma busca insensata pelo ideal corporal (Shohat & Stam, 1996).

Considerando-se o papel das representações sociais na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, buscou-se investigar as práticas corporais e as representações sociais de estudantes de Moda e de Educação Física a respeito do corpo.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 235 universitários, sendo 53,2% estudantes dos cursos de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e 46,8% de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC alunos dos últimos semestres de cada curso (do 5º ao 8º período). A média de idade aproximada dos participantes foi de 23 anos (DP = 4,6), sendo 72,3% deles são do sexo feminino.

Instrumento e Procedimentos

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado e autoaplicado, de forma coletiva. Todos os participantes autorizaram a própria participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes de responder ao questionário. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSC sob o nº 111/05.

Além dos dados coletados para caracterização da amostra (sexo, idade e curso dos participantes), o questionário continha: (1) um teste de evocação livre no qual a palavra “corpo” foi utilizada como termo indutor; (2) medidas antropométricas autoatribuídas pelos participantes (para cálculo do IMC - NHANES¹); (3) questões acerca da percepção

¹ National Center of Health Statistics: National Health and Nutrition – NHANES, (2007).

dos estudantes sobre o peso considerado ideal e sobre a própria satisfação corporal, incluindo uma escala de silhuetas (Stunkard, Sorenson, & Schlusinger, 1983); (4) perguntas a respeito de práticas em relação ao corpo, tais como dietas de restrição alimentar, exercícios físicos e cirurgias plásticas para fins estéticos; (5) indicador da representação social da beleza, por meio das questões “A beleza é importante para você? Descreva por quê?”; e, (6) indicador da representação social da cirurgia plástica, pelas perguntas “Você considera importante realizar cirurgia plástica para melhorar a estética? Justifique sua resposta:” e “Em relação à cirurgia plástica para fins estéticos, como você se posiciona? Justifique:”

Análise dos dados

Nos dados obtidos para caracterização da amostra, relativos ao IMC e ao Teste de Satisfação Corporal, foi utilizada a estatística descritiva para análise. Para os demais dados, utilizou-se estatística relacional. Quanto à análise do Teste de Evocação Livre, realizou-se

uma análise lexicográfica considerando a frequência e a ordem média de evocação das palavras, o que permitiu identificar os possíveis elementos centrais e periféricos da representação social do corpo. Para isso, utilizou-se o *software* EVOC – Evocation 2000 (Vergès, Scano, & Junique, 2002).

Para a análise do material textual, realizou-se uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), com auxílio do *software* ALCESTE – Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte (Reinert, 1998). Este programa permite organizar e classificar os segmentos de textos de acordo com a semelhança dos mesmos entre si (Camargo, 2005).

Resultados

As representações sociais sobre o corpo foram investigadas a partir de uma questão de evocação livre. Para a análise lexicográfica foram consideradas apenas as palavras que tiveram frequência maior ou igual a seis (Tabela 1).

Tabela 1 - Elementos das representações sociais do corpo.

OME < 2,85				OME >= 2,85		
	Elemento	<i>F</i>	OME	Elemento	<i>f</i>	<i>OME</i>
<i>f</i> > 20	Saúde	98	2,24	Pernas	22	3,27
	Movimento	83	2,45	Expressão	22	3,23
	Beleza	81	2,76	Cuidado	22	3,68
	Forma	34	2,35			
<i>f</i> <= 20	Cabeça	20	1,50	Estrutura	14	3,07
	Homem	16	2,75	Bem-estar	12	3,58
	Sexo	16	2,81	Braço	11	2,86
	Mente	12	1,67	Barriga	11	3,00
	Membros	12	2,83	Atividade	11	3,54
	Pele	11	2,64	Pés	11	3,91
	Olho	11	2,73	Mãos	10	3,00
	Consciência	9	2,22	Esporte	10	3,30
	Bonito	9	2,33	Material	10	3,70
	Físico	9	2,44	Músculos	9	3,22
	Corporeidade	9	2,55	Exercícios	8	3,50
	Seios	7	2,28	Harmonia	8	3,62
	Pessoa	6	1,66	Gordura	8	3,75
	Coração	6	2,33	Educação	7	3,00
	Malhar	6	2,83	Perfeição	7	3,43
	Padrão	6	2,83	Aparência	7	3,86
				Equilíbrio	7	4,29
				Cabelos	6	4,00

Os resultados sugerem que o provável núcleo central da representação social do corpo desses universitários está relacionado predominantemente à saúde, à estética (beleza), ao movimento e à forma. Além disso, aparecem como possíveis elementos periféricos da representação social do corpo desses estudantes (1ª periferia): (1) determinadas partes externas do corpo, tais como, pernas, seios, cabeça; (2) partes internas como o coração; (3) cuidados com o corpo, tais como atividades físicas e malhação; (4) expressão e padrão corporal; (5) consciência corporal. Os principais elementos que compõem a 2ª periferia são: Estrutura, bem-estar, partes do corpo (braço, barriga, pés, mãos), atividade, esporte, matéria, músculos.

Tal estruturação sugere que o possível núcleo formado por saúde, estética e movimento organiza e identifica a representação do corpo; enquanto que, de uma maneira mais concreta, os cuidados, a prática de exercícios e algumas partes específicas do corpo vinculam a representação social com o cotidiano dos indivíduos.

Realizou-se também uma análise para contrastar as evocações emitidas entre os estudantes de Moda e de Educação Física. Pela análise destas, observou-se que, para os estudantes de Moda, o corpo está prioritariamente associado à beleza, saúde e forma, mas também associado à sexualidade e ao vestuário, que aparecem na periferia. Enquanto que, para os estudantes de Educação Física, a prioridade está na saúde e no movimento corporal, elementos estes que aparecem com maior frequência. Observou-se, a repetição do termo saúde, com alta frequência em ambos os grupos, que é indicativo do provável núcleo central da representação social do corpo.

Em relação às medidas antropométricas que foram autoatribuídas, aproximadamente 92% dos estudantes afirmaram ter se pesado há menos de um mês e quase 49% deles referiram ter medido a estatura há menos de seis meses. Essas medidas serviram para o cálculo do IMC, cujos resultados são indicativos de que 81% dos estudantes têm peso normal, 9% estão abaixo e 10% acima do esperado, considerando-se peso, altura e idade.

Quanto ao peso considerado ideal, 57% dos estudantes consideram que seu peso está normal, 31% afirmam que estão acima do que gostariam e 12% referem estar abaixo do

esperado. No que se refere à satisfação corporal, os resultados são indicativos de que 28% dos participantes estão insatisfeitos ou pouco satisfeitos com a imagem corporal, 63% estão satisfeitos ou muito satisfeitos e 9% nem satisfeitos, nem insatisfeitos.

Por meio dos índices do Teste de Satisfação Corporal (Stunkard et al., 1983), pode-se constatar que aproximadamente 60% dos participantes estão insatisfeitos com a própria silhueta, sendo 40% por excesso (insatisfeito positivo) e 20% por falta de peso (insatisfeito negativo).

No que diz respeito à adesão a dietas com o objetivo de perder peso, 51,5% dos participantes referem fazer dieta sempre ou às vezes, sendo que 20% destes estão fazendo dieta e apenas 11% afirmam receber orientação de algum tipo de profissional da área nessa prática (médico, nutricionista ou endocrinologista). Quanto aos problemas de saúde decorrentes da adesão a dietas de restrição alimentar, 12% deles afirmam já ter tido algum problema nos últimos seis meses: 4% algum tipo de distúrbio digestivo; e, 8% anorexia e/ou bulimia.

Pelos resultados obtidos a respeito da prática de exercícios físicos, 76% dos participantes afirmam praticar um ou mais tipos de exercício físico: 43% andam de bicicleta ou praticam algum jogo; 32% praticam caminhadas; 26% fazem musculação; 25% praticam natação; e, 21% praticam corrida. Em relação à frequência, 40% afirmam praticar duas ou três vezes por semana e, 29,5% diariamente.

O *corpus* analisado pelo programa ALCESTE, relativo às respostas dos estudantes sobre a importância da beleza e suas justificativas, foi composto por 235 UCIs (Unidades de Contexto Iniciais), representando as 235 respostas dadas pelos participantes. Para análise, cada UCI foi considerada uma UCE (Unidade de Contexto Elementar). Na CHD, foram consideradas 84,68% do total das UCEs. Para a análise dos resultados, foram consideradas palavras com frequência igual ou superior a 6 e $\chi^2 > 3,84$. A frequência média das palavras foi 7,65. A partir da CHD, o *corpus* foi dividido em quatro classes, cujas palavras foram descritas – frequência seguida pelo valor do qui-quadrado de cada uma – conforme se observa na Figura 1.

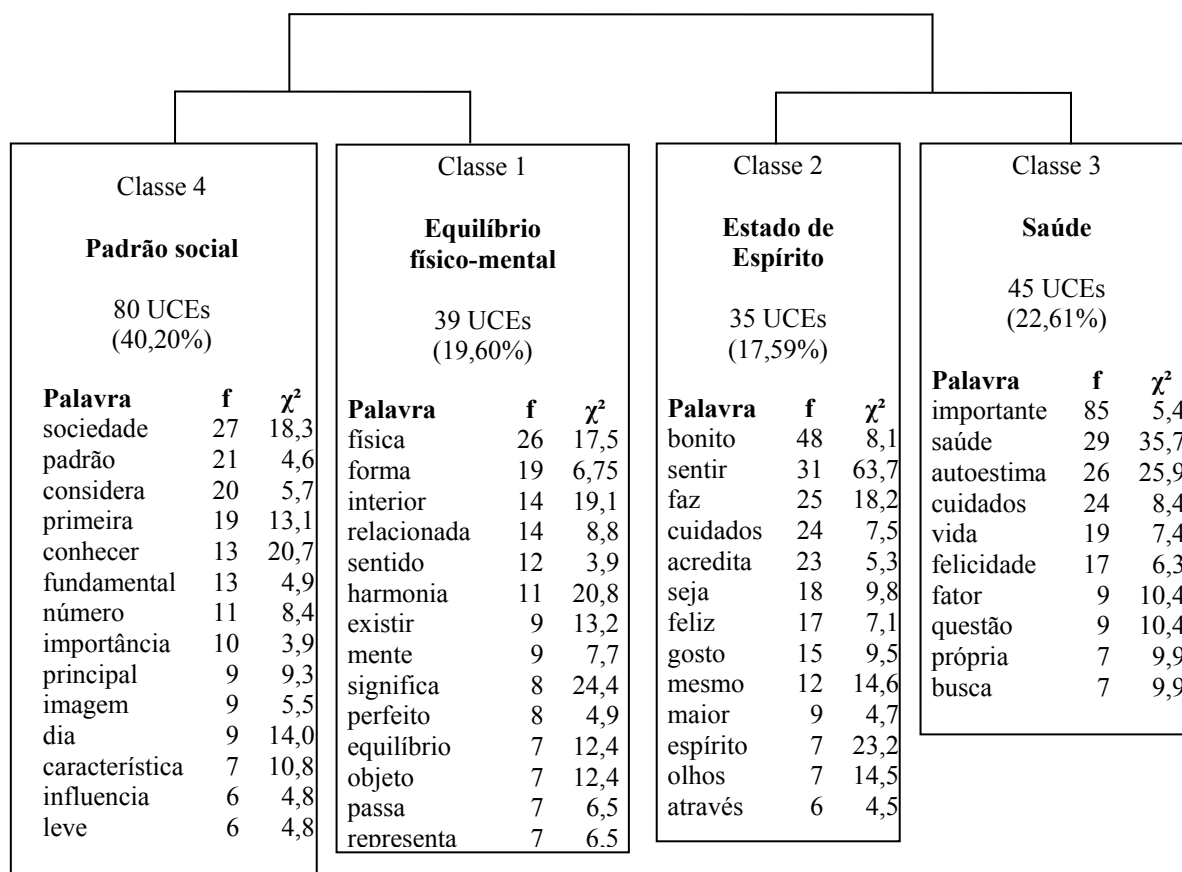


Figura 1 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente do corpus Beleza.

Inicialmente, o *corpus* foi dividido em dois *sub-corpora*, que originaram de um lado as classes 1 e 4 e de outro, as classes 2 e 3 (1ª partição). Num segundo momento, o primeiro *sub-corpora* foi dividido em dois (2ª partição), que originou a classe 4 em oposição à 1. E num terceiro momento, o segundo *sub-corpora* foi dividido em dois (3ª partição), assim, obteve-se a classe 2 em oposição a 3.

Na classe 4, a mais representativa do *corpus*, houve predominância de respostas de estudantes do sexo masculino, do curso de Educação Física, com sobrepeso, os quais consideram a beleza como um padrão social, no qual a imagem “bela” tem relevada importância, sendo determinante também para a formação da primeira impressão em relação aos demais membros, na sociedade atual. O recorte textual ilustra essa classe: “Um pouco, pois a sociedade na qual vivemos é intensamente preconceituosa, idealizando muitas vezes as pessoas pelas suas aparências” (Masculino, Educação Física).

Pelos resultados que compõem a classe 1, a beleza pode ser compreendida pelo binômio físico-mental, representada tanto por aspectos

objetivos, quanto subjetivos. As respostas evidenciam que a beleza não pode estar associada à mera forma física – como se o corpo fosse apenas um objeto, que deve ser “perfeito” –, mas sim enfatizam a importância de se ter harmonia, ou seja, a beleza exterior em equilíbrio com a beleza interior. Apresenta-se uma resposta para exemplificar essa classe:

Sim. No mundo em que vivemos, não só temos que ter a beleza externa como a interna também. Quando falo de beleza externa, falo de corpo saudável, limpo, organizado, em harmonia. E quando falo de beleza interna, falo de mente limpa, saudável, organizada e em harmonia. (Feminino, Moda).

Na classe 3, a busca pela beleza está associada a uma concepção integral de saúde, contemplando desde cuidados físicos até aspectos emocionais como a autoestima e a felicidade. O texto a seguir ilustra essa classe: “Sim, a beleza que eu mesma escolho. É importante para a autoestima, segurança própria, e principalmente porque, na maioria das vezes, um corpo bonito se relaciona com

saúde física, o que é imprescindível para a qualidade de vida” (Feminino, Educação Física)

A classe 2 é característica dos participantes que já fizeram ou pretendem fazer cirurgia plástica, cursam Moda, não praticam exercícios e estão pouco satisfeitos com sua imagem. Nessa classe, a beleza é representada como um estado de espírito, relacionado ao gosto pessoal (aos olhos do próprio observador), no qual se sentir bonito é uma condição para estar feliz, mesmo que sejam necessários alguns cuidados. Retirou-se do *corpus* um exemplo de resposta para ilustração: *“Sim, a beleza retrata o estado de espírito das pessoas, acredito que as pessoas satisfeitas e felizes são sempre bonitas ou estão bonitas” (Feminino, Moda).*

Com relação à cirurgia plástica, 50% dos participantes declaram-se favoráveis à realização de cirurgia estética; 13% destes já fizeram esse tipo de cirurgia – sendo que predominaram procedimentos com implantes de silicone, rinoplastia e lipoaspiração abdominal. Além disso, 63% consideram importante realizar este tipo de intervenção e 34% dos participantes pretendem realizar algum tipo de cirurgia estética.

Realizou-se uma análise estatística para verificar se havia relação entre não praticar exercícios físicos e pretender realizar cirurgia plástica ($n=235$; $\chi^2=5,952$; $p=0,015$). Os resultados são indicativos de que há diferença estatisticamente significativa, ou seja, há associação entre sedentarismo e pretensão de intervenção cirúrgica para fins estéticos. Além disso, investigou-se a relação entre satisfação com a imagem corporal e pretensão de realizar cirurgia plástica estética ($n=235$; $\chi^2=12,35$; $p=0,015$). Os resultados indicam que há associação estatisticamente significativa entre estar insatisfeito com a própria imagem corporal e pretender realizar cirurgia plástica para fins estéticos.

Do material textual produzido pelas justificativas dos participantes em relação à importância de realizar cirurgia plástica estética, obteve-se um *corpus* composto por 235 UCIs, representando as respostas de todos os participantes. Para a análise, cada UCI foi considerada uma UCE. Na CHD, foram utilizadas 88,65% do total das UCEs e consideradas para análise palavras com frequência igual ou superior a 6 e $\chi^2 > 3,84$. A

frequência média das palavras foi 7,82. Obteve-se a divisão do *corpus* em três classes, cujas palavras foram descritas – frequência seguida pelo valor do qui-quadrado de cada uma – conforme se observa na Figura 2.

O *corpus* foi dividido inicialmente em dois *sub-corpora*. O primeiro originou a classe 2, que se contrapõe às classes 1 e 3 (1ª partição). Num segundo momento, o segundo *sub-corpora* originou a classe 1 em oposição a 3 (2ª partição).

Na classe 2, mais representativa dentre as demais, predominam respostas de estudantes de Educação Física, do sexo masculino, que costumam praticar exercícios físicos e que, em sua maioria, são pouco favoráveis ou desfavoráveis à realização de cirurgias plásticas somente para fins estéticos. Eles consideram que este tipo de cirurgia somente deva ser realizado em casos extremos, tais como deformações ou traumas graves causados por acidentes. Na opinião desses estudantes, as pessoas devem tentar aceitar a própria forma, buscando melhorar sua estética física por meio de recursos que priorizem a saúde, como por exemplo, adotar hábitos alimentares saudáveis e praticar exercícios físicos regularmente. O exemplo a seguir é ilustrativo dessa classe:

Geralmente, pessoas que recorrem a cirurgias, procuram o caminho mais rápido para atingir o corpo ideal. Não se contentam com uma cirurgia, viciam-se. Porém, não modificam seus hábitos alimentares, nem a frequência com que praticam atividades físicas. (Masculino, Educação Física)

Na classe 3, predominam respostas de estudantes que têm atitude favorável à realização da cirurgia plástica estética e pretendem submeter-se a alguma intervenção deste tipo. Esses estudantes consideram que, se algo estiver “incomodando” no corpo, a cirurgia plástica estética é um recurso válido para deixar a pessoa mais satisfeita consigo e, consequentemente, mais feliz. Apresenta-se uma resposta para exemplificar essa classe:

Se o que estiver para corrigir incomoda muito, sou a favor. O importante é a pessoa ser feliz consigo mesma, ela tem que buscar formas de alcançar. Desde que feita com bom senso, e para que a pessoa se sinta melhor com sua aparência. (Feminino, Moda)

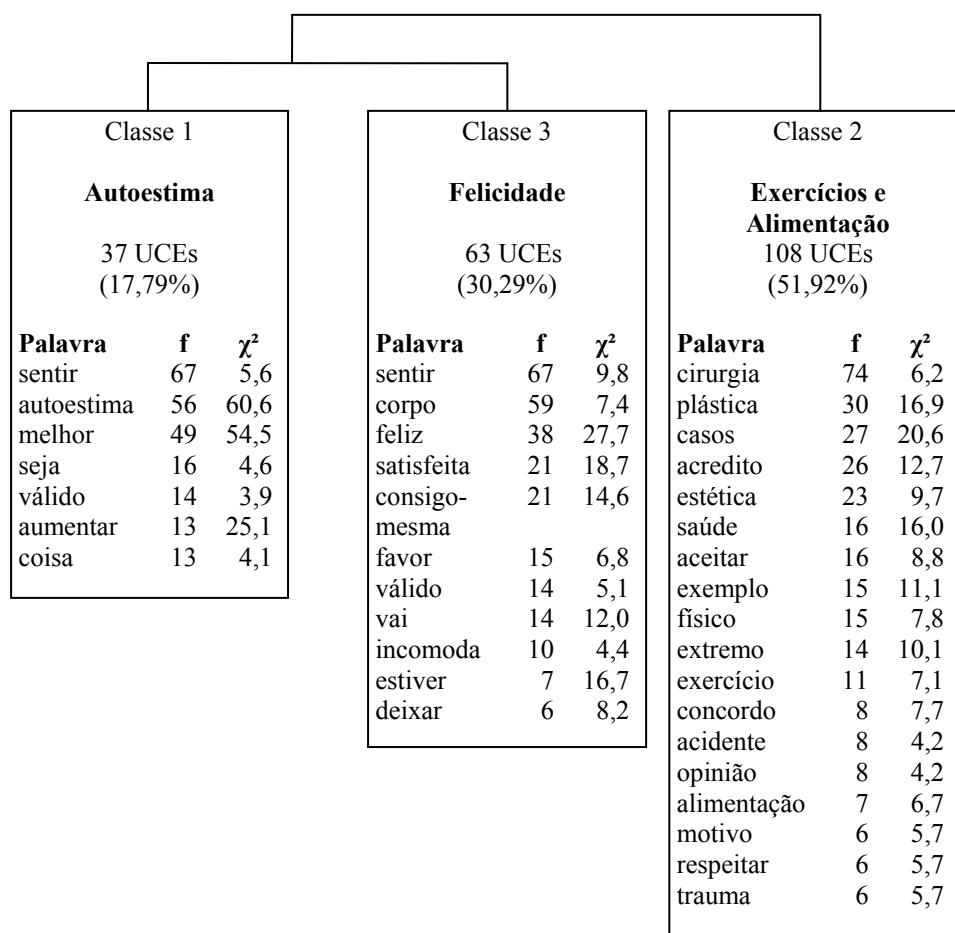


Figura 2 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente do *corpus* Cirurgia Plástica.

A classe 1 é característica dos estudantes de Moda, em maioria mulheres, que não costumam praticar exercícios, possuem atitude muito favorável à cirurgia plástica estética e pretendem realizá-la. Nesse contexto, a cirurgia plástica é considerada como uma alternativa válida para a pessoa aumentar a autoestima e sentir-se melhor, conforme ilustra o recorte textual: “*Caso as pessoas achem que irá melhorar algo, alguma coisa que venha lhe aumentar a autoestima, deve ser executada. Óbvio que com todos os prós e contras do processo*” (Feminino, Moda)

Observa-se uma nítida cisão entre os posicionamentos desses estudantes a respeito da cirurgia plástica. Tal divisão desdobra-se em duas diferentes representações sociais sobre o objeto. De um lado, a classe 2 evidencia a representação dos desfavoráveis à cirurgia, que defendem a prática de exercícios e alimentação adequada, com forma de alcançar um corpo bonito. Em contrapartida, aqueles que são

favoráveis à intervenção cirúrgica, representam-na como uma possível maneira de alcançar a felicidade e aumentar a autoestima, conforme fica evidente nas classes 1 e 3 da CHD. Apesar das diferenças evidentes na representação da cirurgia plástica em todas as classes desse *corpus*, a adesão à norma que enfatiza a importância de se ter um corpo belo, aparece como característica comum a todas as classes; seja como resultado de hábitos saudáveis e pela prática de exercícios físicos, seja para aumentar o bem-estar por meio de intervenção cirúrgica. Nesse sentido, estar com o corpo dentro dos padrões de beleza aparece como um desejo compartilhado pelos participantes da pesquisa.

Discussão

A representação social do corpo estrutura-se a partir dos elementos saúde, estética e movimento. Os cuidados com o corpo, que envolvem a prática de atividades físicas de

forma equilibrada, com consciência e visando o bem-estar aparecem como possíveis elementos periféricos. Tal estruturação da representação social está predominantemente relacionada com modelos de pensamento e de comportamento associados aos aspectos físicos que contemplam; porém, extrapolam a preocupação com a saúde, confirmando a saliência que o estímulo à sexualidade, o culto ao corpo e a busca pela beleza tem alcançado atualmente.

Quanto aos indicadores da representação social sobre a beleza, as ideias mais compartilhadas entre esses estudantes, dizem respeito à imposição de padrões ou regras socialmente estabelecidas. Este caráter normativo da beleza também foi apontado por Novaes e Vilhena (2003), os quais constataram que a beleza pode estar associada a uma falsa garantia de sucesso e realização que obedece a estereótipos.

Constatou-se ainda que, para esses universitários, a beleza aparece como o primeiro aspecto na formação da impressão inicial entre as pessoas em suas inter-relações. Caetano (2006) afirma que não é necessária muita informação para se formar uma impressão sobre alguém; e que as primeiras impressões funcionam como um filtro da variabilidade de comportamentos das pessoas, de modo a fixar determinados traços. Desse modo, verifica-se que uma das preocupações dos participantes seria a forma como eles se apresentam frente aos outros. Mas isto não aparece de modo direto nos resultados, pois eles mostram que um grande número de pessoas é favorável à cirurgia plástica como forma de melhorar a estética, estas pessoas também são sedentárias e pouco satisfeitas com a própria imagem; embora elas afirmem valorizar mais o aspecto subjetivo da beleza em detrimento do ser, de fato, belo.

Observou-se que, apesar de a maioria dos participantes deste estudo ter um IMC normal para a idade, um número bem menor de estudantes afirma estar no peso considerado ideal para si. Esses dados são confirmados também pela média obtida em relação à satisfação com o próprio corpo, que sugere atitude levemente desfavorável à satisfação corporal. Os resultados obtidos pela escala de silhuetas também confirmam o descontentamento entre a imagem corporal real e a ideal, sendo que a maioria dos participantes obteve índices de insatisfação, tanto por excesso, quanto por falta de peso, sugerindo um

alto grau de exigência com a aparência corporal. Esses resultados corroboram com o estudo de Jodelet et al. (1982), no qual enfatizam a importância das representações sociais na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, por meio das quais os indivíduos assumem modelos de pensamento e de comportamento relacionados ao corpo.

Para a maioria desses participantes, a prática de exercícios físicos é um hábito bastante frequente, o que seria justificado em parte porque estes são alunos de cursos superiores nos quais há ênfase tanto na estética, quanto na forma corporal. Além disso, no curso de Educação Física, espera-se também certa conscientização a respeito da saúde corporal dos indivíduos. Entretanto, se por um lado há um grande número de sujeitos que diz se preocupar com a saúde e com a forma física (demonstrada pela adesão à prática de exercícios físicos); por outro lado há uma relação significativa entre não praticar exercícios físicos e pretender realizar cirurgia plástica para fins estéticos. Assim como, há relação significativa entre insatisfação com a imagem corporal e a pretensão de intervenções cirúrgicas estéticas.

Os resultados evidenciam que a representação social da cirurgia plástica está condizente com a representação da beleza, visto que esta é considerada uma norma social, a partir da qual há a imposição de um padrão a ser buscado. Nesse sentido, a cirurgia plástica realizada somente para fins estéticos seria uma maneira de alcançar a aparência desejada, mesmo sem haver adequada indicação. Tal representação pode estar relacionada a fatores históricos e culturais compartilhados pelos participantes, que, conforme Andrieu (2006), configuram-se como aspectos dinâmicos e determinantes da percepção do corpo belo ou do feio.

Pode-se afirmar que a representação da cirurgia plástica está concordante com o posicionamento desses participantes a respeito desse tipo de prática. Considerando-se a faixa etária dos participantes que buscam o “corpo ideal” pela intervenção cirúrgica, os resultados são alarmantes, em termos de saúde. Tal comportamento se relaciona à facilidade de atingir o padrão de beleza de forma rápida e sem a devida preocupação com a saúde.

Questiona-se sobre o fato de a maioria desses estudantes serem ainda muito jovens e estarem numa etapa de desenvolvimento em

que não há mudanças corporais consideráveis, que seriam decorrentes do processo típico de envelhecimento humano – lentidão no metabolismo, predomínio de acúmulo de gordura corporal, sobras de pele ou flacidez, menor renovação celular (Zani, 1994). Tampouco alterações corporais significativas especificamente no caso das mulheres (relacionadas à gravidez), visto que, em sua maioria, essas estudantes não têm filhos. Sobre esse aspecto, não se justificariam posicionamentos tão favoráveis ou mesmo o significativo número de pessoas que já realizaram ou pretendem realizar uma intervenção cirúrgica para melhorar a estética.

Conclui-se que vem ocorrendo um fenômeno crescente e exagerado de culto à beleza corporal, que aparece nas representações sociais desses jovens como uma imposição ou um padrão social: a primeira impressão que a beleza corporal de uma pessoa causa nas demais é considerada mais importante do que os cuidados com a saúde do corpo (práticas e hábitos saudáveis) e do que os aspectos subjetivos implicados na percepção e na sensação da corporeidade, como é o caso do bem-estar e do equilíbrio emocional. Esses resultados são concordantes com os descritos por Shohat e Stam (1996), que consideram o corpo como um produto, cada dia mais evidenciado pelos meios de comunicação, associado a padrões estéticos rígidos e medidas precisas.

O papel da mídia é determinante na formação das representações sociais e das atitudes das pessoas (Camargo, 2003), principalmente aquelas relacionadas a aspectos corporais (Hubert & De Labarre, 2005; Goetz, Camargo, Bertoldo, & Justo, 2008) destacam que as representações sobre o corpo, socialmente difundidas na mídia impressa, evidenciam modelos e padrões de beleza – com ênfase no corpo remodelado, produzido, jovem e “tecnológico”.

Considerado como um produto, o corpo é associado a padrões estéticos rígidos e medidas precisas, que enfatizam o magro, o jovem e o branco. O que fica evidenciado no presente estudo, no qual o corpo é representado por meio de normas estéticas e práticas corporais que visam o embelezamento, em detrimento da atenção a saúde corporal.

Por fim, cabe mencionar a importância de que se ampliem estudos e difusões científicas relativas aos conflitos que envolvem o binômio

corpo-beleza, com o intuito de promover reflexões acerca da primazia dos cuidados em saúde, isto porque, o corpo não se constitui apenas por sua dimensão física, mas como um veículo ativo e atuante na dimensão sociocultural, que se insere em determinado contexto, que o influencia e é por ele influenciado. Em síntese, o homem é um sujeito social, que precisa encontrar formas de enfrentamento dos problemas relacionados ao corpo enquanto objeto social que vem sendo representado pelo paradoxo saúde e estética.

Referências

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Abric, J. C. (2001). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38; P. H. F. Campos, Trad.). Goiânia: AB.
- Abric, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: Desenvolvimentos recentes. In P. H. S. Campos & N. C. S. Loureiro (Orgs.), *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 37-57). Goiânia: Ed. UCG.
- Andrieu, B. (2006). *Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales*. Paris: CNRS Editions.
- Arruda, A. (2002). Novos significados da saúde e as representações sociais. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 10(2), 215-227.
- Caetano, A. (2006). Formação de impressões. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 89-123). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camargo, B. V. (2003). A televisão como vetor de difusão de informações sobre a AIDS. In M. L. P. Coutinho, A. S. Lima, M. L. Fortunato & F. B. Oliveira (Orgs.), *Representações sociais: Abordagem interdisciplinar* (pp.130-152). João Pessoa: Editora Universitária UFPB.

- Camargo, B. V. (2005). Alceste: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino & S. M. da Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-539). João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M.L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 435-445.
- Contarello, A., & Fortunati, L. (2006). ICTs and the human body: A social representation approach. In P.-I. Law, L. Fortunati & S. Yang (Orgs.), *New technologies in global societies* (pp. 51-74). New Jersey: World Scientific.
- Czeresnia, D. (2004). O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In D. Czeresnia & C. M. Freitas (Orgs.), *Promoção da saúde: Conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Davison, T. E., & McCabe, M. P. (2006). Adolescent body image and psychosocial functioning. *The Journal of Social Psychology*, 146(1), 15-30.
- Diener, E., Wolsic, B., & Fujita, F. (2002). Personality processes and individual differences: Physical attractiveness and subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(1), 120-129.
- Doise, W. (2001). Atitudes e representações sociais. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp.187-203; L. Ulup, Trad). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Ferreira, A. B. de H. (2004). *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (3ª. ed.). Curitiba: Positivo.
- Galindo, E. M. C., & Carvalho, A. M. P. (2007). Tradução, adaptação e avaliação da consistência interna do Eating Behaviours and Body Image Test para uso em crianças do sexo feminino. *Revista de Nutrição*, 20(1), 47-54.
- Goetz, E. R., Camargo, B. V., Bertoldo R. B., & Justo, A. M. (2008). Representações sociais do corpo na mídia impressa. *Psicologia e Sociedade*, 20(2), 226-236.
- Hubert, A., & De Labarre, M. (2005). La dictature de la minceur. *Cahier de Nutrition et Diététique*, 40(6), 300-3.006.
- Jodelet, D. (1994). Le corps, la personne et autrui. In S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale des relations à autrui* (pp. 41-68). Paris: Nathan.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp.187-203; L. Ulup, Trad.). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de représentation du corps et groupes sociaux* (relatório Vol. 1). Laboratoire de Psychologie Sociale: E. H. E. S. S.
- Katarellos, I. D. (2003). Négociabilité argumentative intra-noyau: Une étude exploratoire sur la structure des représentations sociales. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 60, 40-49.
- Maner, J. K., Kenrick, D. T., Becker, D. V., Delton, A. W., Hofer, B., Wilbur, C. J., et al. (2003). Sexually selective cognition: Beauty, captures the mind of the beholder. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(6), 1107-1120.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1976).
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 287-299.
- National Center of Health Statistics. (2007). *National Health and Nutrition (NHANES)*. Recuperado em 20 de Novembro de 2008, de <http://www.cde.gov/nchs/nhanes.htm>
- Novaes, J. V., & Vilhena, J. (2003). De Cinderela a Moura Torta: Sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações, Estudos e Pesquisas Psicológicas*, 8(15), 9-36.
- Reinert, M. (1998). *Alceste: Analyse de données textuelles*. Manuel d'utilisateur. Toulouse: IMAGE.

- Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes.
- Shohat, E., & Stam, R. (1996). *Unthinking eurocentrism: Multiculturalism and the media*. New York: Routledge.
- Straub, R. O. (2005). *Psicologia da saúde*. Porto Alegre: Artmed.
- Stunkard, A. J., Sorenson, T., & Schlusinger, F. (1983). Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In S. S. Kety, L. P. Rowland, R. L. Sidman & S. W. Matthysse (Orgs.), *The genetics of neurological and psychiatric disorders* (pp. 115-120). New York: Raven.
- Tavares, M. da C. G. C. F. (2003). *Imagem corporal: Conceito e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Manole.
- Teixeira, S. A. (2001). Produção e consumo social da beleza. *Horizontes Antropológicos*, 7(16), 189-220.
- Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia do conhecimento. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (pp. 335-384; 4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vergès, P., Scano, S., & Junique, C. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*. Aix em Provence: Université Aix en Provence (Manual).
- Zani, R. (1994). *Beleza e rejuvenescimento: Métodos e técnicas*. São Paulo: Saraiva.

Enviado em Novembro de 2010
Aceite em Fevereiro de 2011
Publicado em Julho de 2011

As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional

Brigido Vizeu Camargo

Ana Maria Justo

Catarina Durante Bergue Alves

LACCOS – Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Resumo

O corpo humano, além de ser um organismo natural, constitui-se a partir de representações individuais e sociais, que podem ser modificadas. Essa dinâmica se manifesta na forma como os indivíduos usam, percebem e transformam o corpo. A teoria das representações sociais pode contribuir para a compreensão do corpo para além da dimensão individual e psicológica, esclarecendo o papel do conhecimento compartilhado nas concepções sobre o corpo. Este artigo pretende estudar o papel das funções sociais do corpo nas representações sociais do mesmo para dois grupos geracionais. Participaram 79 integrantes da comunidade universitária (UFSC), distribuídos equivalentemente entre homens e mulheres, jovens e adultos. Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário autoadministrado. Destacou-se neste estudo que as diferenças geracionais são mais marcantes do que as diferenças entre os sexos nas representações sociais sobre o corpo e em suas funções sociais; e a articulação destas duas dimensões sugere que há aspectos contra normativos na representação social sobre o corpo, especificamente os ligados às funções sociais. Estes elementos não são referidos pelos participantes no conteúdo lexical da representação social, mas são indicados pelos seus comportamentos relatados. Aponta-se a necessidade de desenvolver estratégias metodológicas mais eficazes na identificação das representações sociais, que possam considerá-la em toda a sua complexidade.

Palavras-chave: Representações sociais, Funções sociais, Corpo.

The social functions and representations of the body: a generational comparison

Abstract

The human body, besides being a natural organism, is constituted by ever changing individual and social representations can make. This dynamic is manifested in the way the individuals use, perceive, modify and transform the body. The social representations theory can contribute to the comprehension of the body beyond the individual and psychological dimensions, clarifying the role of shared knowledge on conceptions about the body. The present article intends to diagnose the social representations of the body and the social functions attributed to it by different age groups. Seventy nine members of the university community (UFSC) participated in this research, distributed equivalently between sex and age. A self-administered questionnaire was used for data collection. We found that age differences were more important than sex differences on the social representation of the body and its social functions; and the articulation between these two dimensions suggests that there are counter-normative aspects on the social representation of the body, specifically those connected to the social functions. The participants do not refer to these elements in the lexical content of the social representation, but these elements are indicated by the participant's related behaviors.

Endereço para correspondência: Brigido Vizeu Camargo. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil, CEP 88040-900. E-mail: brigido.camargo@yahoo.com.br. Telefone: 48 37219067.

Projeto financiado pelo CNPq. Contou também com bolsas de iniciação científica e de apoio técnico do CNPq e bolsa de mestrado da CAPES.

We suggest the necessity of the development of more efficient methodological strategies on the identification of the social representation, able to consider it in all its complexity.

Keywords: Social representations, Social functions, Body.

Introdução

O corpo pode ser definido como um organismo natural, um conjunto de órgãos que permite as funções necessárias à vida (Durozoi, 1996). Mas para além do seu carácter orgânico, o corpo humano se caracteriza também pelas representações individuais e sociais a ele associadas. Assim, destaca-se a definição de Andrieu (2006), que vê o corpo como uma matéria que se desenvolve segundo um programa genético em função de sua maior ou menor plasticidade biocultural. Resultado da interação de sua matéria genética com o ambiente sociocultural, o corpo humano constitui-se de hábitos que são impressos em sua matéria por códigos, símbolos e linguagens culturais compartilhados no meio em que vivem.

A imagem corporal, para Schilder (1999), é a representação mental que um indivíduo tem do seu corpo. Tal representação integra os níveis físico, emocional e mental em cada ser humano, com respeito à percepção do próprio corpo. O autor salienta que a imagem corporal é também um fenômeno social, no qual há um intercâmbio contínuo entre a nossa própria imagem e a dos outros. Duas dimensões principais perpassam as imagens corporais: o investimento na imagem corporal (percepção), que reflete o grau de importância comportamental e cognitiva que a pessoa dá ao seu corpo e aparência, e a avaliação da imagem corporal (atitude), que refere ao grau de satisfação com a aparência e a capacidade funcional do corpo (Hargreaves & Tiggemann, 2006; Monteath & McCabe, 1997). Apesar de permeada principalmente por esses componentes, a imagem corporal é multifacetada, incluindo componentes perceptuais, cognitivos, emocionais, e comportamentais que interagem e influenciam uns aos outros (Legenbauer, Rühl, & Vocks, 2008).

O corpo pode ser entendido como representante da individualidade, mas igualmente concreto e contextualizado no meio, é, portanto, um objeto relevante para ser tratado no âmbito da Psicologia Social. A Psicologia Social estuda o indivíduo na sociedade, suas

relações e interações no contexto social o qual está inserido. Segundo Asch (1952), as interações humanas são, centralmente, acontecimentos que estão psicologicamente representados em cada um dos participantes, e “a tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto” (Moscovici, 2003, p.41).

A Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1961/1976) permite articular o social e o psicológico em um processo dinâmico, objetivando a compreensão do pensamento social a partir dos mecanismos presentes na elaboração social do real, articulando o indivíduo como parte do processo duplo onde as representações sociais orientam suas ações ao mesmo tempo em que são modificadas pelo tempo e acontecimentos, permeando seus processos cognitivos e práticas sociais. As representações sociais (RS) são formas de conhecimento do mundo, socialmente elaboradas e compartilhadas, que permitem dar sentido a fatos novos ou desconhecidos, contribuindo para processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais (Moscovici, 1961/1976). Segundo Jodelet (2001), as representações compartilhadas constroem uma visão consensual da realidade, proporcionando trocas e ações cotidianas. Desse modo, partilhar uma ideia ou uma imagem é afirmar um vínculo social e uma identidade. Os conteúdos e sentidos representados variam em culturas e sociedades diferentes, como também dentro de uma mesma cultura e sociedade, analogamente à expressão linguística. De acordo com Moscovici (2003), o sentido das representações sociais corresponde a um devido modelo recorrente de imagens, crenças e comportamentos simbólicos; e com um carácter dinâmico, as RS se apresentam como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens que se articulam de modo fluido.

As RS, entretanto, não devem ser entendidas apenas como um processamento de informações, mas sim como *práxis*, como formas de saber que tem como objetivo prático à organização das ações de atores sociais perante o mundo, determinando as

características do ambiente e as condutas e ações efetuadas neste; e a classificação de eventos da vida social através de uma grade de interpretação grupal permitindo ações relativas a estes acontecimentos, constituindo assim um atributo grupal dinâmico (Álvaro & Garrido, 2006; Wachelke & Camargo, 2007; Coutinho, Araújo, & Gontiès, 2004).

Além de sua função cognitiva, compreendida na familiarização da novidade, as RS também apresentam funções sociais, por meio da orientação de condutas e comunicações, e funções afetivas, envolvidas na proteção e legitimação de identidades sociais. Moscovici (1961/1976) aborda as partes integrantes de uma RS como uma articulação de três dimensões: a dimensão da informação, que se caracteriza pela organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social e pode advir de fontes diversas; a dimensão da atitude, caracterizada pela orientação global em relação ao objeto da RS; e a dimensão do campo ou imagem, que consiste na ideia, imagem, ou modelo social, onde há uma unidade hierarquizada de elementos relativos à representação.

Jodelet (1994) ressalta a importância do estudo do corpo com base na teoria das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Assim, a teoria das representações sociais pode contribuir com a compreensão do corpo para além da dimensão individual e psicológica, esclarecendo o papel do conhecimento compartilhado na valorização do corpo e na importância da beleza e da saúde e suas consequências para as pessoas.

Partindo da hipótese que a apreensão do outro passa pelo filtro das normas e códigos sociais pertencentes ao contexto no qual o sujeito está inserido, pode-se entender que os aspectos da apresentação de si são privilegiados nas relações cotidianas. Esta apresentação de si, a imagem externa do corpo, aparece como mediadora dos laços sociais dos indivíduos (Jodelet, 1994). Podemos definir então que existem funções sociais atreladas ao corpo, que permeiam a mediação entre corpo e meio, individual e social, particular e coletivo. Dentre as inúmeras funções sociais do corpo, destacam-se três principais aspectos: a ação, a cognição e a afetividade; sendo estes,

respectivamente, uma perspectiva instrumental de sucesso das interações sociais, uma perspectiva para responder as normas sociais de apresentação, e uma perspectiva de intenção de ganhar a afeição dos outros (Jodelet, Ohana, Bessis-Moñino, & Dannenmüller, 1982).

A perspectiva da ação perpassa as ações instrumentais de sucesso das interações sociais, de poder fazer-se aceito pelos outros e de possibilidade de relação facilitada com o outro (Jodelet et al., 1982). Esta perspectiva engloba os comportamentos corporais e relativos à aparência corporal realizados visando uma aceitação social e relacionamento com outros pertencentes ao grupo; refere-se à funcionalidade do corpo, e engloba a preservação da saúde, da juventude e da forma.

A perspectiva da cognição nas funções sociais do corpo compreende as ações e comportamentos relativos a responder as normas sociais vigentes no contexto do grupo em que o sujeito está inserido (Jodelet et al., 1982). Pensada como uma categoria orientada por valores, permeia comportamentos que fazem parte do conjunto de leis e práticas sociais comuns e aceitas no contexto que o sujeito está inserido. Esta perspectiva diz respeito a considerações propriamente morais, e engloba discursos que enfatizam a necessidade de ser cuidadoso, de ser disciplinado, de ter boa vontade e controle, de manter a dignidade e o respeito por si próprio e pelos outros; sempre em conformidade com as normas sociais. Uma das formas de se verificar o enquadramento nas normas é a comparação social. Festinger (1954) postula que indivíduos têm necessidade de avaliar suas opiniões e habilidades, e fazem isso as comparando àquelas de outras pessoas similares ou pertencentes ao mesmo grupo.

A perspectiva afetiva abrange as ações e comportamentos orientados para ganhar a afeição dos outros e tendo em vista o próprio prazer, seja dentro da rede afetiva próxima (como família e amigos) como fora desta rede afetiva, no grupo. Esta perspectiva, também definida como narcisista, engloba discursos que consideram importante o próprio prazer e o do outro, onde há uma preocupação em ter uma apresentação favorável e uma manifestação da intenção sedutora através do corpo (Jodelet et al., 1982).

Considerando os conceitos expostos, o presente artigo pretende estudar o papel das funções sociais do corpo nas RS do mesmo

para homens e mulheres de diferentes grupos geracionais.

Método

Este estudo encontra-se inserido em um projeto maior em execução no Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS), intitulado “Representações sociais sobre o corpo e efeitos do contexto interacional nas representações desse objeto”. O estudo descrito neste artigo, entretanto, focaliza as funções sociais e sua articulação com o conteúdo manifesto das RS sobre o corpo. A coleta de dados foi realizada conjuntamente com o projeto maior.

Participantes

Esta pesquisa contou com a participação de 79 pessoas distribuídas equivalentemente entre homens e mulheres, jovens e adultos. O grupo de jovens foi composto por estudantes universitários faixa etária de 18 a 25 anos ($M=21$ anos; $DP=2$ anos e 4 meses), dentre estes, 20 mulheres e 20 homens. Já o grupo de adultos foi formado por servidores técnicos universitários, na faixa dos 40 aos 60 anos ($M=50$ anos e meio; $DP=4$ anos), sendo 20 homens e 19 mulheres. A utilização de participantes destes dois grupos etários (faixa dos 20 anos e faixa dos 50 anos) deve-se a um dos objetivos do presente estudo ser o de comparar dois grupos de pessoas que seriam de gerações diferentes e consecutivas. Estatisticamente, o intervalo de tempo entre duas gerações adotado pelos cientistas sociais é o período de 30 anos (Bacon, 1986). Desse modo, a diferença média de idade de 30 anos entre os dois grupos seria equivalente à diferença de idade entre pais e filhos, repercutindo na diferença de uma geração entre os grupos a serem comparados. De modo a possibilitar a comparabilidade entre os grupos, todos os participantes tinham escolaridade mínima de Ensino Médio completo.

Instrumentos

Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário autoadministrado pelos participantes, composto por: (a) diagnóstico do conteúdo da RS sobre o corpo, com evocação livre – termo indutor *corpo* (solicitava-se evocar cinco palavras), escolha das duas evocações mais importantes em relação ao corpo e justificativa da escolha das duas

palavras mais importantes; (b) perguntas acerca das funções sociais do corpo; (c) da satisfação corporal e práticas corporais; (d) caracterização dos participantes.

Procedimentos

Antes de iniciar o procedimento de coleta de dados, em conformidade com as normas 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e foi avaliado quanto à adequação de aspectos éticos de pesquisa, tendo obtido parecer favorável ao processo 216/09. Todos os procedimentos éticos foram considerados e os participantes foram voluntários.

O procedimento utilizado na coleta de dados compreendeu, primeiramente, o contato com os grupos de participantes de cada faixa etária e o agendamento das sessões de coleta de dados, as quais ocorreram em grupos de cinco participantes de mesmo sexo e faixa etária. Durante as sessões, num primeiro momento, os participantes recebiam esclarecimentos sobre o estudo e então foram aplicados os questionários em situação coletiva. Após a coleta foi realizada uma dessensibilização com os participantes, esclarecendo quaisquer perguntas e neste momento todos eram convidados a assinar o TCLE.

Análise de dados

A análise dos dados envolveu descrição estatística (frequência, medida de tendência central e de dispersão) e estatística relacional (teste do Qui-quadrado, Teste-t). Estas análises foram realizadas com o auxílio do programa informático SPSS (versão 17.0). A questão aberta sobre a importância ao que o outro pensa sobre a sua aparência foi submetida a uma análise de conteúdo do tipo categorial (Bardin, 1977). As questões de evocação livre e escolha das palavras mais importantes foram submetidas a uma contagem de frequência, com o auxílio do software *Evocation 2000* (Vergès, Scano & Junique, 2002). A questão aberta, referente à justificativa da escolha das palavras mais importantes foi submetida a uma análise fatorial de correspondências (AFC), por meio do software *Système Portable pour l'Analyse des Données* – SPAD (SPAD, 2008; Lebart & Salem, 1988).

Resultados

O cálculo do índice de massa corporal (IMC) a partir do peso e da altura autoatribuídos pelos participantes evidenciou que a maior parte deles ($n=55$) encontra-se no peso considerado saudável segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS); sendo que 18 participantes encontram-se acima do peso e seis deles encontram-se abaixo do peso considerado saudável. Quando comparados os grupos geracionais, observa-se uma diferença estatisticamente significativa entre jovens e adultos em relação ao IMC, a qual se caracteriza por um índice de sobrepeso consideravelmente maior entre os adultos ($n=16$) que entre os jovens ($n=2$); ($\chi^2=18,3$; $gl=2$, $p<0,001$, $VC=0,5$).

Em relação à satisfação corporal dos participantes, 35 declararam-se satisfeitos com o próprio corpo, 15 declararam-se muito satisfeitos, 13 nem satisfeitos nem insatisfeitos, 13 pouco satisfeitos e dois declararam-se insatisfeitos com o seu corpo. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres, mas sim entre os grupos geracionais ($\chi^2=17,6$; $gl=4$; $p<0,005$; $VC=0,5$). Verificou-se que o grupo de adultos declarou maior satisfação corporal que o grupo de jovens, embora os adultos tenham apresentado maior sobrepeso.

Dentre os cuidados com o corpo relatados pelos participantes, destaca-se a prática de dietas: 48 deles relataram já ter realizado e dentre estes, 25 afirmou que fez dieta por motivos relacionados à aparência e 17 por recomendações médicas. A prática de exercícios físicos regularmente foi mencionada por apenas 23, dentre os 79 participantes. Em relação à cirurgia plástica, 11 participantes afirmaram que pretendem realizar, sendo sete mulheres e quatro homens. A maioria dos participantes ($n = 63$) realiza consultas médicas com intervalo máximo de um ano. Não foram constatadas diferenças estatisticamente significativas ente homens e mulheres, nem

entre os diferentes grupos geracionais no que se refere às práticas corporais.

No que diz respeito às funções sociais atribuídas ao corpo, procurou-se investigar os seguintes aspectos: dimensão afetiva, dimensão cognitiva e dimensão de ação. Para isto, investigou-se junto aos participantes: (1) se eles se importam com o que os outros pensam da sua aparência e por quê; (2) o quanto a aparência de outras pessoas é importante como uma referência; e (3) se o corpo possui poderes de influência social e psicológica; cujos resultados serão descritos a seguir.

Dentre os 79 participantes do estudo, 50 responderam que se importam com o que as outras pessoas pensam sobre a sua aparência. Observou-se homogeneidade entre homens e mulheres em relação a esta questão; houve diferenças significativas entre os diferentes grupos geracionais. A maioria dos adultos relatou não dar importância ao que os outros pensam, enquanto os jovens, em geral dão importância ao que os outros pensam de sua aparência ($\chi^2=16,4$; $gl=1$; $p<0,001$; $CC=0,4$). Verificou-se também que dar importância ao que os outros pensam sobre a sua aparência está associado com a insatisfação corporal ($\chi^2=9,7$; $gl=1$; $p<0,005$; $CC=0,4$). Dentre os 16 participantes que estão insatisfeitos com o seu corpo, 15 disseram se importar como que os outros pensam sobre a sua aparência, enquanto os satisfeitos com o seu corpo dividem-se de modo equivalente quanto à importância dada ao que os outros pensam. Tal resultado indica que a insatisfação corporal está relacionada a uma maior dependência afetiva, ou seja, à dependência da aprovação do outro em relação ao seu corpo por parte dos participantes insatisfeitos.

A justificativa dos participantes sobre o porquê de se importar ou não com o que os outros pensam acerca da sua aparência foi submetida a uma análise de conteúdo categorial, sendo que as categorias encontradas estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Motivo para dar importância/não importância ao que o outro pensa sobre sua aparência.

<i>Importa-se com o que o outro pensa sobre a aparência. (n=50)</i>		<i>Não se importa com o que o outro pensa sobre a sua aparência. (n=29)</i>	
Categoria	Freq	Categoria	Freq
Autoestima	15	Satisfação individual é o que importa	17
Instrumento para convívio social	13	Em momentos se importa ou já se importou	5
Afetividade / Estima pelo outro	12	Saúde/Bem-estar é mais importante	4
Expressão da personalidade	11	Outros	1
Outros	3		

Para as pessoas que dão importância ao que os outros pensam sobre a sua aparência, destacam-se duas categorias que expressam um caráter afetivo: *Autoestima e Afetividade/Estima pelo outro*. Nestas justificativas, a mediação do outro possibilita que o participante desenvolva sua autoestima, ou que agrade outras pessoas e então possa sentir-se aceito ou estimado pelas outras pessoas. A categoria *Instrumento para o convívio social* revela o caráter instrumental que o corpo adquire nas relações sociais, de modo que o mesmo pode facilitar ou dificultar a vida social em algumas situações. Por fim, a categoria *Expressão da personalidade*, diz respeito às respostas que consideraram a importância da aparência, justamente por esta revelar aspectos da personalidade das pessoas, e seria um elemento importante na formação de impressão ou opinião sobre alguém.

A análise do conteúdo desta questão demonstra não só a conexão do social com o individual que a aparência proporciona, mas também evidencia como a aparência corporal pode ser considerada na atribuição de características de personalidade. Além disso, mostra-se um fator facilitador nos relacionamentos com as pessoas e na conquista da afetividade destas.

Por outro lado, os participantes que relataram não se importar com o que os outros pensam sobre sua aparência, em sua maioria, evidenciaram pouca dependência afetiva, e afirmaram que o que importa é a satisfação individual com o seu corpo (Tabela 1). Estes participantes demonstram dar menos valor às funções que a aparência pode adquirir no convívio social.

A fim de identificar se a comparação social é um elemento importante à cognição social relacionada ao corpo, perguntou-se: “O quanto a aparência de outras pessoas é importante como uma referência para você?”. Para resposta, era fornecida uma escala, onde os participantes poderiam marcar de 1 “nada importante” à 5 “muito importante” (ponto médio igual a 3). A média das respostas dos participantes foi de 3,59 (DP=1,42), o que demonstra uma resposta levemente positiva à importância da aparência de outras pessoas em relação à do sujeito. Houve diferença estatisticamente significativa quando comparadas as médias de jovens e de adultos. O grupo de jovens obteve média igual a 4,10 (DP=0,87), enquanto os adultos obtiveram

média igual a 2,90 (DP=1,6) ($t=4,2$; $gl= 58$, $p<0,001$). Tais resultados evidenciam que, outra vez, a aparência mostra-se mais importante para o grupo de jovens, os quais parecem dar mais importância ao corpo de outras pessoas como uma referência, como um padrão a ser considerado para avaliar o próprio corpo.

Procurou-se investigar também se os participantes atribuiriam ao corpo alguns poderes de influência, onde a grande maioria ($n=69$) respondeu afirmativamente. Quanto a essa questão, não houve diferenças entre sexo, nem entre faixa etária. O aspecto mais consensual relativo aos poderes do corpo diz respeito ao poder de *comunicação* ($n=65$), seguido por *influenciar em como me sinto* ($n=62$), *nas relações sociais* ($n=61$), *nas relações de trabalho* ($n=55$). O poder menos atribuído ao corpo foi o poder de *sedução* ($n=53$).

A respeito das funções sociais do corpo, observa-se que parece haver um consenso a respeito dos poderes de influência que o corpo possui, seja de influência social ou até mesmo psicológica. No entanto, quando as perguntas se referem à dependência ou à utilização destas funções sociais, os jovens declararam-se mais adeptos a estas do que os adultos.

Conteúdo das representações sociais sobre o corpo

Com relação ao conteúdo das RS sobre o corpo, no teste de evocações livres, foram realizadas 397 evocações, de 155 palavras diferentes. Excluindo-se as palavras *hapax* (com frequência igual a um, equivalentes a 25% do *corpus* total), obteve-se a frequência média das palavras evocadas com valor igual a cinco. Todas as palavras com frequência superior à média encontram-se na Tabela 2. O elemento saúde, com a frequência destacando-se dos demais, é seguido por vida, movimento, cuidado, e outros. Observa-se que com exceção do elemento expressão, predominam elementos que se referem a aspectos mais individuais em relação ao corpo.

A fim de especificar o conteúdo das RS, a análise será focalizada na escolha das duas palavras mais importantes, dentre as cinco evocadas. Esta tarefa possibilita que após uma técnica mais espontânea, o indivíduo efetue uma atividade mais refletida ao escolher as palavras. Foram realizadas 157 escolhas de 60

palavras diferentes. Para uma purificação dos dados, foram excluídas todas as palavras com frequência um, e a partir de então, efetuou-se o cálculo da frequência média, a qual obteve valor igual a cinco. A Tabela 2 apresenta a representação das palavras com frequência igual ou superior à média das palavras eleitas como as mais importantes.

A partir da análise das palavras escolhidas como as mais importantes, observa-se que as três palavras de maior frequência (*saúde, vida e equilíbrio*), assim como outras quatro de frequência igual ou superior à média

(*alimentação e cuidado*) referem-se a aspectos particulares do corpo, que não dizem respeito ao convívio social, e privilegiam a atenção à saúde e a homeostase corporal. A única palavra saliente que se refere a um aspecto social do corpo é expressão (n=7).

A fim de diagnosticar as particularidades de cada um dos grupos incluídos no estudo, procurou-se compará-los em relação às palavras eleitas as mais importantes. Em relação ao sexo, a Tabela 3 apresenta as diferentes as frequências das palavras escolhidas por cada grupo.

Tabela 2 - Evocações Livres e escolha das duas palavras mais importantes dentre as cinco evocadas.

Palavras evocadas		Palavras mais importantes	
Elemento	Freq.	Elemento	Freq.
Saúde	52	Saúde	40
Vida	16	Vida	10
Movimento	14	Equilíbrio	9
Cuidado	15	Expressão	7
Expressão	13	Alimentação	5
Equilíbrio	12	Cuidado	5
Mente	11		
Alimentação	11		
Bem-Estar	7		
Alegria	6		

Tabela 3 - Comparação entre as palavras mais importante segundo sexo e grupo geracional.

<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
Palavra	Freq.	Palavra	Freq.
Saúde	17	Saúde	23
Vida	6	Vida	4
Equilíbrio	3	Equilíbrio	6
Mulher*	3	Cuidado*	5
Amor*	3	Atenção*	2
Família*	3	Estrutura*	2
Felicidade*	3	Expressão	
Bem-estar*	2		
Sexo*	2		
<i>Adultos</i>		<i>Jovens</i>	
Palavra	Freq.	Palavra	Freq.
Saúde	28	Saúde	12
Equilíbrio	1	Equilíbrio	8
Cuidado	1	Cuidado	4
Vida*	7	Expressão*	7
Alimentação*	5	Movimento*	4
Amor*	3	Mulher*	3
Família*	3	Atenção*	2
Felicidade*	3	Estrutura*	2
		Sexo*	2

*Palavras que apareceram exclusivamente neste grupo.

O resultado da análise fatorial das justificativas dos participantes para a escolha das palavras mais importantes reitera as diferenças geracionais e de sexo encontradas nas análises precedentes. Verifica-se uma prevalência das questões de saúde e bem-estar por parte dos adultos, enquanto os jovens apresentam a questão do corpo enquanto materialização e parte do contato social por meio do corpo (existência, algo, ser, expressão). Por outro lado, observa-se também uma distinção entre homens e mulheres no que se refere à satisfação corporal, e em termos de RS, verifica-se que há poucos elementos associados aos homens e um número maior de elementos associados às mulheres. Maior número de elementos confere maior riqueza da RS feminina sobre o corpo, a qual também está mais relacionada a elementos normativos, tais como: beleza, melhor, conseguir.

Discussão

Em geral, os participantes do estudo apresentam IMC saudável, de acordo com a OMS. Verificou-se maior sobrepeso entre os adultos mais velhos, entretanto, uma maior insatisfação corporal entre os jovens, indicando que o aumento de peso, característico do processo de envelhecimento humano (Papaléo Netto, 2002), não implica em uma diminuição da satisfação corporal.

Ao encontro desta constatação, Tiggemann (2004) verificou que a imagem corporal mantém-se estável durante a vida adulta e velhice, onde se observa uma satisfação corporal mais constante do que aquela presente nos jovens de ambos os sexos. Também neste sentido, Grippo e Hill (2008) observaram que conforme aumenta a faixa etária, as mulheres diminuem o monitoramento do seu corpo em relação às normas sociais. Além disso, os autores verificaram que a idade não está significativamente relacionada com a insatisfação corporal, sugerindo que a satisfação com o próprio corpo permanece estável nas mulheres apesar do envelhecimento.

As práticas corporais, ou seja, as ações que envolvem o cuidado e a atenção ao corpo, não se diferenciaram entre os grupos participantes do estudo. As práticas de dietas e exercícios, visando saúde ou estética corporal; consultas médicas e desejo de realizar cirurgias mencionadas apontam que há uma homogeneidade entre os grupos, demonstrando

que apesar de os jovens estarem mais submissos às normas sociais, esta submissão não implica em comportamentos diferenciados dos adultos mais velhos.

A ideia de que a imagem corporal é um instrumento de *status* e aceitação social é baseada em representações de que as características internas ou personalidade da pessoa apresentam-se na aparência física. A modificação e melhoria estética do corpo por meio de diversos regimes e tecnologias podem ser utilizadas para construir uma aparência bonita e assim, um ser bonito (Featherstone, 2010). Tal representação fica evidente pela prática de dietas alimentares com fins estéticos, prática de exercícios físicos para manter ou perder o peso, bem como pela adesão às cirurgias plásticas. Além disso, os poderes de influência atribuídos ao corpo, no sentido de refletir no comportamento de outras pessoas (Jodelet et al., 1982) configuram uma representação compartilhada entre todos os grupos de participantes, a qual revela o caráter instrumental do corpo nas relações sociais, ilustrando a função social de ação.

Em geral, os participantes consideraram que o corpo possui poderes de influência no convívio com outras pessoas. Pode-se inferir, a partir das respostas, que as funções sociais do corpo apresentam-se bem evidentes e presentes nas relações dos participantes com o meio social. A alta frequência das respostas positivas evidencia uma forte presença destas ações instrumentais atribuídas ao corpo que podem facilitar as relações com o outro.

Embora a atribuição de poderes de influência social ao corpo tenha sido quase unânime entre os participantes, no que se refere à utilização do próprio corpo e do corpo de outras pessoas em relação às funções sociais, os jovens mostraram-se mais adeptos, enquanto este uso parece ser menos importante aos adultos acima de 40 anos. O corpo, conforme apontam estudos anteriores (Camargo, Goetz, & Barbará, 2005; Camargo, Justo, & Jodelet, 2010) é considerado importante na formação de impressões sobre os indivíduos. As primeiras impressões são importantes, segundo Caetano (2006), pois formam uma “peneira” que filtra a variabilidade de comportamentos da pessoa e fixa determinados traços. Nesse sentido, verificou-se uma maior preocupação dos jovens com aquilo que as outras pessoas pensam e da dependência da aceitação por parte do outro na construção da imagem de si mesmo.

Segundo os resultados encontrados, os jovens também mencionaram se importar mais com a aparência das outras pessoas como uma referência do que os adultos. Em pesquisas já realizadas (Want, Vickers, & Amos, 2009; Stapel & Blanton, 2004), pode-se observar que as comparações sociais baseadas em aparência, ao menos em um momento inicial, são reações inevitáveis e incontroláveis quando se é exposto a imagens de outras pessoas. Pesquisas recentes demonstram que o fundo cultural pode ter implicações importantes no processo de comparação social (White & Lehman, 2005), e é a partir da comparação social que os grupos estabelecem crenças em relação a si e aos outros. Segundo Fernandes, “estar dentro ou fora dos padrões sociais é uma representação construída por meio da comparação social” (2008, p. 2), que se encontra diretamente relacionada à função social cognitiva do corpo.

Destacou-se neste estudo que as diferenças geracionais são mais marcantes do que as diferenças entre homens e mulheres, as quais costumam ser discutidas quando se estuda a temática do corpo. Considera-se que os diferentes grupos etários, ou as diferentes gerações se desenvolveram perante distintos valores acerca do corpo, constituindo-se em momentos históricos, econômicos e sociais diversos; e dessa forma também foram expostos a diferentes tipos de influência midiática, o que pode repercutir na forma como estas pessoas concebem e se relacionam com o corpo (Ory, 2006). Somada à questão histórica e social, a comparação de dois grupos geracionais implica também em considerar que estes dois grupos encontram-se em distintas etapas do desenvolvimento. Um grupo está no ápice do seu desenvolvimento biológico (na faixa dos 20 anos) o outro já está sofrendo as ações do envelhecimento (a partir dos 40 anos).

Supõe-se que, para os jovens, o corpo é um objeto de maior importância social, em virtude da etapa do desenvolvimento que os mesmos vivenciam, interferindo consideravelmente nas suas interações sociais, o que se evidenciou nos elementos evocados. Para os adultos na faixa dos 40 e 50 anos, por outro lado, a importância social do corpo é diminuída. Este grupo de pessoas usualmente já possui redes sociais consolidadas, e o corpo adquire menor importância na mediação das relações sociais. Além disso, a vivência do processo de envelhecimento por parte dos adultos é caracterizada por um declínio das

funções orgânicas (Papaléo Netto & Pontes, 2002), quando usualmente destacam-se as limitações e as perdas, e não o processo de desenvolvimento (Lopes, 2007). Este processo de alterações metabólicas, com repercussões sociais, pode repercutir na forma como os adultos se expressam a respeito do corpo. Percebeu-se, desse modo, que tanto a etapa do desenvolvimento vivenciada em função das diferentes idades, quanto os momentos históricos e sociais distintos presenciados pelos grupos geracionais repercutiram em diferenças nas RS apresentadas pelos participantes deste estudo.

E as diferenças entre estes grupos que abrangem características biológicas e sociais, e são consequências dos processos de desenvolvimento e envelhecimento (Papaléo Netto, 2002), seriam outras variáveis a repercutir no modo como se representa o corpo.

Em relação ao conteúdo das RS sobre o corpo, observou-se um predomínio do elemento saúde, o qual foi ainda mais significativo entre os adultos. Com poucas exceções, verificou-se a prevalência de elementos que se referem às questões mais individuais ligadas ao corpo, em detrimento das questões ligadas à interação social. Para os adultos, há maior frequência de elementos ligados à saúde e bem-estar, enquanto os jovens apresentam indícios de interação social, e salientam o corpo enquanto uma materialização. Os homens caracterizam-se pela ativação de um pequeno número de elementos, de caráter amplo e geral; enquanto as mulheres utilizam mais elementos, destacando-se alguns de caráter normativo.

A articulação do estudo das RS sobre o corpo com as funções sociais a ele atribuídas pelos participantes possibilitou a compreensão de alguns aspectos até então pouco mencionados nos estudos sobre o corpo a luz da psicologia social. Quando perguntamos aos participantes diretamente sobre as funções sociais do corpo, tais como poderes de influência e importância dada à aparência, a maioria das respostas, e em especial entre os jovens, são afirmativas; ou seja, consideram o valor que o corpo adquire no meio social. Entretanto, observa-se que quando se utilizam questões clássicas para diagnóstico do conteúdo da RS, tais como evocação livre, ou resposta a uma questão aberta sobre o corpo, as funções sociais do corpo raramente são evidenciadas, ou aparecem de maneira sutil. Como podemos explicar esta forte consideração das

implicações da aparência nas relações sociais por um lado, e a não expressão desta dimensão nos elementos que emergem no conteúdo lexical das RS?

Uma hipótese é a de que se trate do fenômeno de “zona muda”, já conhecido pelos estudiosos da teoria das representações sociais. A zona muda é uma parte da RS que faz parte da consciência e é reconhecida pelos indivíduos, entretanto, não pode ser expressa, uma vez que é composta por elementos contranormativos. Indica possivelmente um posicionamento velado e é determinada essencialmente pela situação social na qual a RS é produzida (Abric, 2005). Assim, considera-se que as influências sociais ocasionadas pelo corpo são consideradas contranormativas, ou seja, não são aceitas socialmente. Em especial, destaca-se que grupo de participantes deste estudo era de estudantes e servidores universitários, um ambiente onde o intelecto é valorizado em detrimento do corpo. Em um ambiente como este, dar importância ao corpo em virtude do “status” social que este pode promover não é um comportamento aceito.

Entretanto, quando a menção às implicações sociais do corpo parte do próprio pesquisador, como no caso de perguntas diretas, os participantes falam sobre o assunto e, em sua maioria, concordam que determinados poderes de influência social podem ser atribuídos ao corpo. Assim, pode-se constatar que, embora os elementos ligados às funções sociais do corpo não apareçam em seu conteúdo manifesto no presente estudo, muito provavelmente esta parte da representação sirva como um guia para o comportamento dos participantes, principalmente os mais jovens, influenciando em suas ações cotidianas com relação ao corpo, estas variando desde o jeito de ser vestir, até intervenções cirúrgicas invasivas.

No escopo metodológico, os resultados apontaram para a necessidade de refletir sobre a forma como os dados são coletados. Segundo Wachelke (2007), as representações sociais são fenômenos difíceis de ser captados empiricamente e alguns aspectos da coleta de dados podem ocasionar interferências que precisam ser consideradas nos resultados dos estudos. Uma forma de minimizar os efeitos contranormativos nas coletas de dados é o pesquisador fazer uso de mais de uma técnica na coleta de dados, o que Flick (2004) e

Nascimento-Schulze & Camargo (2000) denominam de abordagem multimétodos. Esse tipo de delineamento, integrando abordagens quantitativas e qualitativas, pode auxiliar na compreensão do pensamento social ao se tratar objetos de estudo com alto grau de complexidade (De Rosa, 2005).

Referências

- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia Social – perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Abric, J. C. (2005). A zona muda das representações sociais. In D. C. de Oliveira & P. H. F. Campos (Orgs.), *Representações sociais, uma teoria sem fronteiras* (pp. 23-34). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Andrieu, B. (2006). Corps. In B. Andrieu (Org.), *Le dictionnaire du corps en sciences humaines e sociales* (pp. 103-104). Paris: CNRS Editions.
- Asch, S. (1952). *Social Psychology*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Bacon, E. E. (1986). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Caetano, A. (2006). Formação de impressões. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 89-123). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camargo, B. V., Goetz, E. R., & Barbará, A. (2005). Representação social da beleza de estudantes de moda. In IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, 2005, João Pessoa. *Textos Completos da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*, 3353-3362.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Jodelet, D. (2010). Normas, representações sociais e práticas corporais. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(3), 449-457.
- Coutinho, M. P. L., Araújo, L., & Gontiès, B. (2004). Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 9(3), 469-477.

- De Rosa, A. S. (2005). A “rede associativa”: uma técnica para captar a estrutura, os conteúdos e os índices de polaridade, neutralidade e estereotipia dos campos semânticos relacionados com as representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 61-127). João Pessoa: UFPB.
- Durozoi, G. (1996). *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papirus.
- Featherstone, M. (2010). Body, Image and Affect in Consumer Culture. *Body & Society*, 16(1), 56-72.
- Fernandes, S. (2008). Breves reflexões sobre o preconceito. *Psicologia em foco*, 1(1), 23-31.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140.
- Grippio, K. P., & Hill, M. S. (2008). Self-objectification, habitual body monitoring, and body dissatisfaction in older European American women: Exploring age and feminism as moderators. *Body Image*, 5, 173-182.
- Hargreaves, D., & Tiggemann, M. (2006). ‘Body Image Is for Girls’ A Qualitative Study of Boys’ Body Image. *Journal of Health Psychology*, 11(4), 567-576.
- Jodelet, D. (1994). Le corps, la persone et autrui. In S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale des relations à autrui* (pp. 41-68). Paris: Nathan.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de représentation du corps et groupes sociaux*. (relatório vol. 1) Laboratoire de Psychologie Sociale: E.H.E.S.S.
- Lebart, L., & Salem, A. (1988). *Analyse statistique des données textuelles*. Paris: Dunod.
- Legenbauer, T., Rühl, I., & Vocks, S. (2008). Influence of Appearance-Related TV Commercials on Body Image State. *Behavior Modification*, 32(3), 352-371.
- Lopes, R. G. C. (2007). Imagem e auto-imagem: da homogenidade da velhice para a heterogenidade das vivências. In A. L. Neri (Org.), *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativa na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Aramabo, Edições SESC.
- Monteath, S., & McCabe, M. (1997). The Influence of Societal Factors on Female Body Image. *The Journal of Social Psychology*, 137(6), 708-727.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(3), 287-299.
- Ory, P. (2006). Le corps ordinaire. In A. Corbain, J. J. Courtine, & G. Vigarello (Orgs.), *Historie du corps: Les mutations du regard. Le XX^e siècle* (pp. 129-449). Paris: Éditions du Seuil.
- Papaléo Netto, M. (2002). Epidemiologia do envelhecimento. In M. Papaléo Netto, *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 26-23). São Paulo: Atheneu, 2002.
- Papaléo Netto, M., & Pontes, J. R. (2002). Envelhecimento: desafio na transição do século. In M. Papaléo-Netto, *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 3-12). São Paulo: Atheneu, 2002.
- Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes.
- SPAD (2008). *Guide de l'utilisateur*. Courvoie: Coheris SPAD.
- Tiggemann, M. (2004). Body image across the adult life span: stability and change. *Body Image*, 1, 29-41.

- Vergès, P., Scano, S., & Junique, C. (2002). Ensembles de programmes permettant l'analyse des évocations. Aix en Provence: Université Aix en Provence (Manual).
- Wachelke, J. F. R. (2007). *Efeitos das intruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Wachelke, J., & Camargo, B. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41, 379-390.
- Want, S., Vickers, K., & Amos, J. (2009). The Influence of Television Programs on Appearance Satisfaction: Making and Mitigating Social Comparisons to "Friends". *Sex Roles*, 60, 642-655.
- White, K., & Lehman, D. (2005). Culture and Social Comparison Seeking: The Role of Self-Motives. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(2), 245-262.

Enviado em Novembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres

Annie Mehes Maldonado Brito

LACCOS – Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Brigido Vizeu Camargo

LACCOS – Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Resumo

O presente estudo pretendeu relacionar as representações sociais de saúde, as crenças relativas aos cuidados com a saúde, com a adoção de comportamentos saudáveis para homens e mulheres. Estudo descritivo e comparativo utilizou o método de levantamentos de dados, por meio de questionário. O instrumento foi respondido por 638 participantes. Para análise dos dados foram utilizados procedimentos da estatística descritiva e relacional, classificação hierárquica descendente, e a análise fatorial de correspondência. Constatou-se que a média de idade dos adolescentes foi de 16 anos ($DP = 1,04$), dos adultos foi de 43 anos ($DP = 9,6$) e dos idosos foi de 66 anos ($DP = 5,7$). Os comportamentos de cuidados de saúde prevalentes para o sexo feminino foram a adoção de comportamentos saudáveis. As crenças normativas familiares expressaram o autocuidado através da prevenção. As crenças dos pares para os homens destacaram o autocuidado em casos de agravos à saúde; já para as mulheres, o cuidado preventivo. O núcleo da representação social da saúde destes participantes traz a noção preventiva em relação aos cuidados, sendo que, prevalece para o sexo feminino o aspecto subjetivo, com o elemento bem-estar; e para o sexo masculino o aspecto curativo, com os elementos hospital e doença.

Palavras-chave: Representação social, Crença, Comportamento de saúde.

Social representations, health beliefs and behaviors: a comparative study between men and women

Abstract

The present paper intended to relate health social representations, beliefs related to health care with the adoption of healthy behaviors for men and women. A descriptive and comparative study used the data acquirement through questionnaire. The instrument was answered by 638 participants. For data analysis descriptive and relational statistics procedures were employed, also as descendent hierarchical classification and factorial correspondence analysis. An average age for teenagers was 16 years old ($DP = 1,04$), 43 years old for adults ($DP = 9,6$) and 66 years old for elderly people ($DP = 5,7$). The health care behaviors which prevailed for women were the adoption of healthy behaviors. Familiar health behaviors were expressed through prevention. Couples' beliefs for men showed self care in severe cases of health injury, and for women as preventive. The social representation health center for these participants brings a preventive notion related to precaution, meaning that, for females the subjective aspect prevails, with the well-being element, and for males the curative aspect, with elements such as hospital and disease.

Keywords: Social representation, Belief, Health behavior.

Introdução

Quando se volta a atenção para os dados epidemiológicos de saúde, constata-se que, durante esta última década, ocorreram mudanças significativas na expectativa de vida ao nascer. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009), no período de 1998 a 2008, a população brasileira ganhou 3,3 anos de expectativa de vida média ao nascer. Apesar dos avanços das descobertas no campo da medicina, seria limitado atribuir estas mudanças a explicações puramente médicas. Outros fatores foram relevantes para estas estimativas, como as mudanças sanitárias, nutricionais e do estilo de vida.

Ao se falar em saúde, existem várias esferas que podem ser privilegiadas, como a individual ou de pequenos grupos, até a que se refere a um universo maior, como a saúde de populações de grandes cidades ou de um país. Na esfera individual ou de grupos menores, este último foco deste artigo, o estilo de vida e os comportamentos relacionados aos cuidados com a saúde podem ser determinantes para a saúde (Dahlgren & Whitehead, 2007). Além disso, vários fatores estão associados com a saúde e influenciam estes comportamentos, sendo que o sexo é um dos mais importantes (Bee, 1997). O IBGE (2009) divulga dados da média de vida por sexo, demonstrando as diferenciações entre homens e mulheres expressas em anos de vida, sendo que os indicadores sociais realizados em 2008 apontam que os homens viviam em torno de 69,3 anos e as mulheres 76,8 anos.

Práticas de cuidados de saúde, como alimentação adequada, peso ideal em função da altura, não fumar cigarros, uso moderado de bebidas alcoólicas e atividade física regular, são disseminadas de várias formas na sociedade, seja em programas televisivos, seja em revistas de saúde e demais meios de comunicação. Apesar do conhecimento sobre quais práticas de saúde adotar para se ter qualidade de vida, com o adiamento de doenças crônicas e o aumento do período de vida ativo (Stroebe & Stroebe, 1995), constata-se que os estilos de vida adotados nem sempre vêm ao encontro de comportamentos saudáveis. Isto ocorre, pois os estilos de vida podem ser determinados pelas crenças, atitudes e comportamentos relativos à saúde, que são gerados por meio de conhecimentos que podem ser produzidos através das representações

sociais.

Alguns aspectos das crenças normativas ou normas subjetivas foram estudadas nessa pesquisa, quais sejam, crenças familiares e crenças dos pares. Normas subjetivas são definidas como crenças que podem originar das pressões exercidas por seu entorno social, como familiares, amigos e a sociedade, de forma que normatiza o que é importante para cada indivíduo (Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2002).

A partir de Moscovici (1978, 1981), a representação social é um fenômeno que traduz uma forma de conhecimento dos grupos, a qual nasce nas relações interpessoais e pode ser entendida como um conjunto de explicações que se originam na vida cotidiana. A teoria das representações sociais operacionaliza um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Parte da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes. Com Moscovici (1981) é legitimada a importância do saber popular, o qual inspira pesquisas científicas na busca do entendimento destas produções geradas no e pelo social. Esta concepção remete a práticas sociais, sendo que as mesmas podem se expressar em comportamentos de cuidados de saúde. Os comportamentos de cuidados de saúde de cada indivíduo podem funcionar como determinantes do seu estado de saúde. Todavia, este determinante é afetado por um conjunto de processos, tanto pessoais, quanto sociais.

O modelo de Dahlgren e Whitehead (2007), sobre os determinantes de saúde, permite localizar a perspectiva deste artigo. A partir deste modelo, os determinantes sociais da saúde são organizados em diferentes camadas, sendo que estes podem influenciar de maneira positiva ou negativa a mesma e estão relacionados com os estilos de vida. Os indivíduos estão na base deste modelo, com suas características pessoais, como sexo, faixa etária e fatores hereditários, os quais influenciam as condições de saúde na esfera individual. Na camada subsequente, aparecem os estilos de vida dos indivíduos e seus comportamentos. A mesma está relacionada tanto com aspectos individuais, quanto com aspectos sociais, culturais e políticos, e é condicionada por determinantes sociais, como pressão dos pares, informações e o acesso a alimentos saudáveis entre outros. Estas duas

primeiras camadas foram privilegiadas neste artigo. A camada seguinte destaca a relação entre a rede e o apoio social, nível fundamental para a saúde da sociedade por completo. No próximo nível estão fatores relacionados às condições de vida e de trabalho e a última camada se relaciona aos aspectos macro, tais como às condições culturais, econômicas e sociais; esta, por sua vez, influencia as demais camadas (Dahlgren & Whitehead, 2007; Buss & Filho, 2007).

Existem inúmeros indicadores de saúde que revelam comportamentos saudáveis e/ou comportamentos inadequados que estão associados a fatores de impacto na saúde ou relacionados ao perfil de morbimortalidade descrito para uma determinada região ou país. Em pesquisas epidemiológicas (Monteiro, Moura, Jaime, Florindo, Figueiredo, Figueiredo et al., 2005; Moura, E. C., Neto, Malta, Moura, L., Silva, Bernal et al., 2008) podem ser denominados respectivamente de fatores de proteção, tais como padrão alimentar saudável, a ingestão de frutas e verduras, a prática de exercícios físicos, o uso de serviços de saúde na prevenção de doenças, entre outros; e fatores de risco, tais como, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas, o tabagismo, o excesso de peso, o sedentarismo ou inatividade física.

O Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC – Center for Disease Control and Prevention), em pesquisa realizada com alunos do Ensino Médio nos Estados Unidos, identificou seis tipos de comportamentos de risco que podem impactar o desenvolvimento da saúde (Eaton, Kann, Kinchen, Shanklin, Ross, Hawkins et al., 2008):

- a) uso de tabaco;
- b) uso de álcool e outras drogas;
- c) comportamentos que contribuem para danos e violência sem intenção;
- d) comportamentos sexuais que contribuem para gravidez precoce, involuntária e doenças sexualmente transmissíveis;
- e) comportamentos alimentares pouco saudáveis;
- f) inatividade física.

Neste artigo foram privilegiados os seguintes indicadores: o uso de álcool e tabaco, a inatividade física ou a prática de exercícios físicos e outros indicadores positivos como a busca por consulta médica e a realização de exames, que podem contribuir para prevenir agravos à saúde. A escolha dos indicadores relaciona-se ao escopo inicial da pesquisa, a

partir dos estilos de vida dos indivíduos, com o modelo proposto por Dahlgren e Whitehead (2007). Os indicadores, que expressam comportamentos de cuidados de saúde, podem ser relevantes para expressar a vivência de anos de vida mais saudáveis (Moura et al., 2008).

Sabendo que o pensamento social expresso pelas representações sociais e pelas crenças pode nortear práticas de saúde, o presente estudo teve como objetivo relacionar as representações sociais de saúde, as crenças relativas aos cuidados com a saúde, com a adoção de comportamentos saudáveis para homens e mulheres.

Método

Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa se enquadra como um estudo de natureza descritiva e comparativa, baseada em avaliações individuais, porém circunscrito a grupo específico. O delineamento do estudo é transversal e exploratório, do tipo levantamento de dados.

Participantes

Participaram deste estudo 638 pessoas e, conforme delineamento do estudo, estas foram emparelhadas por sexo e faixa etária, envolvendo aproximadamente 200 pessoas para cada grupo etário, todos residentes em Florianópolis. O critério de inclusão estabelecido foi a vinculação à instituição de ensino (professores, funcionários, estudantes ou usuários dos serviços oferecidos pela instituição) ou grupo de terceira idade, buscando a oportunidade do participante estabelecer interações sociais em contextos semelhantes. Quanto à faixa etária dos grupos, a média de idade dos adolescentes foi de 15 anos e 8 meses (DP = 1,04); dos adultos foi de 43 anos e 2 meses (DP = 9,6). Já entre os idosos, a média de idade foi de 66 anos (DP = 5,7).

Instrumentos

Foi aplicado um questionário autoadministrado em situação coletiva, composto por 19 questões divididas em quatro partes:

1. Características sociodemográficas (idade, escolaridade, condição socioeconômica, situação conjugal, renda familiar).
2. Diagnóstico das representações sociais da saúde: envolvendo um teste de evocação

livre a partir do estímulo indutor “Saúde”. Esta técnica consiste em solicitar ao participante que evoque (escreva ou fale) livremente 5 palavras relacionadas ao estímulo indutor.

3. Questões relativas aos comportamentos de saúde, comportamento preventivo e hábitos relativos à saúde, predominantemente questões fechadas e uma questão aberta.

4. Questões relacionadas às crenças normativas (familiar e amigos) apresentadas de forma aberta.

Análise de dados

Inicialmente, foram analisadas as principais variáveis clássicas, como idade, condição socioeconômica, situação conjugal e escolaridade. Para esta análise os participantes foram divididos segundo o sexo e a faixa etária, sendo o sexo a principal variável de comparação. Os dados coletados por meio das questões fechadas foram analisados por estatística descritiva (medidas de tendência central e dispersão) e estatística relacional (Qui-quadrado e t-Student), empregando-se o Programa Estatístico SPSS 17,0 (Statistical Package for the Social Sciences).

A análise dos dados obtidos a partir das evocações livres de cinco palavras a fim de diagnosticar as representações sociais sobre saúde foi lexicográfica, por meio do programa informático Evocation 2000, técnica desenvolvida por Vergès, (Scano, Junique, & Vergès, 2002) e Similitude 2000 (Junique, Barbry, Scano, Zeliger, & Vergès, 2002). Foram consideradas a frequência, a ordem de evocação das palavras e a conexidade entre os elementos da representação social (Sá, 1996). A análise a partir do Evocation 2000 possibilitou a identificação da estrutura base da representação social, identificando os elementos centrais e periféricos desta. A questão central da análise realizada pelo Evocation está na frequência e na ordem média de evocação, ou seja, a frequência é obtida pelo número de vezes em que a palavra foi evocada e a ordem média de evocação é obtida somando-se um quando uma evocação aparece em primeiro lugar e assim sucessivamente até a quinta posição. As palavras são indicadores de elementos de significação e sua frequência e ordens médias indicam o grau de compartilhamento e de importância destes elementos referente ao termo indutor.

O programa similitude busca descrever a conexão dos elementos que participam da

composição prototípica do núcleo das representações sociais. Tal técnica se baseia na teoria dos grafos, indicada pela relação de pareamento entre as variáveis, cujos resultados são árvores máximas, que demonstram vértices nos quais se encontram as variáveis, e, nas arestas que as ligam, a conexidade ou coocorrência dentro de um grupo de evocações. Um determinado elemento será tanto mais conexo quanto mais aparecer em um conjunto de clique (filtro) mais elevado (Vergès, 2002).

Por fim, as análises dos materiais textuais advindos das questões “Quais foram as coisas mais importantes que sua família lhe ensinou sobre como cuidar da sua saúde” e “O que você acha que seus amigos pensariam de você se fosse a uma consulta sem estar se sentindo doente?” foram realizadas respectivamente pelos softwares ALCESTE (Analyse Lexicale par Contextes de Segments de Textes) e SPAD 7.0 (Système Portable pour l'Analyse des Données Textuelles). (Lebart & Salem, 1988) O primeiro programa realiza uma classificação hierárquica descendente (CHD) e o segundo, análises fatoriais de correspondências com base nos vocabulários específicos considerando os grupos (adolescentes, adultos e idosos) e o sexo dos participantes.

Resultados

Caracterização

No que se refere à escolaridade de toda a amostra, verificou-se que 14% tinham o ensino fundamental incompleto ou completo, 50% ensino médio incompleto ou completo e 36% ensino superior completo ou incompleto. Em relação ao sexo e ao grupo etário observa-se na Tabela 1 que metade dos homens tinha o ensino fundamental ou menos, para as mulheres, verifica-se o predomínio dos ensinos médio e superior (69,2%). Por meio do qui-quadrado, constatou-se uma associação estatisticamente significativa entre escolaridade e sexo, e com força moderada [$\chi^2(2)=131,32$; $V = 0,45$; $p \leq 0,001$], pelo fato de que as mulheres demonstram ter escolaridade mais elevada se comparadas com os homens.

Em relação à situação conjugal dos participantes e o sexo, verifica-se que para os homens existe uma predominância de casados e com relacionamento estável (45,9%), já para as mulheres a predominância são de solteiras, por serem ou separadas ou viúvas (78%). Pela associação entre ambas as variáveis, houve

associação significativa entre ser homem e ser casado ou manter relação estável; ser mulher, e ser separada ou viúva; com uma associação de força regular [$\chi^2(4)=26,40$; $V=0,20$; $p \leq 0,001$].

Cuidados com a saúde

Quanto aos cuidados com a saúde, os participantes de ambos os sexos relatam principalmente uma preocupação com a manutenção dos “exercícios regulares” (71,8%) e do “*check-up* de forma periódica” (61%). Ademais, metade dos participantes relata “ir ao médico quando doente” e somente 1,6% afirmam “não realizar nenhum tipo de cuidado com a saúde”.

A maioria dos participantes relata que fazer exercícios regulares é importante para se cuidar da saúde (71,8%), e, quando questionados sobre o quanto os mesmos efetivamente praticam exercícios, sobressaem

os praticantes aos não praticantes. Com aproximadamente 1/3 deles afirmando realizar atividade física diariamente (35%), sendo que os homens relatam com maior frequência esta prática (28%). A partir do teste qui-quadrado, houve diferença significativa entre os sexos e com força forte de associação entre as variáveis [$\chi^2(3)=194,43$; $V=0,55$; $p \leq 0,001$].

Ainda caracterizando a prática regular de atividade física, 16% das mulheres relatam praticá-la três vezes por semana e aproximadamente 1/3 dos participantes realizam menos de três vezes por semana (35,3%), o que descaracteriza a prática frequente. Apenas 13,4% relatam sedentarismo, não havendo diferenciação entre os sexos. Como se pode observar na figura 1, há uma tendência de os homens praticarem exercícios de forma mais regular que as mulheres.

Tabela 1 – Escolaridade dos participantes considerando o sexo e o grupo etário.

Escolaridade	Grupos etários masculinos					
	Adolescentes		Adulto		Idosos	
	n	%	n	%	n	%
Fund. ou menos	103	50,5%	30	13,4%	27	13%
Média	0	0%	30	13,4%	32	15%
Superior	0	0%	49	21,9%	49	23,6%
Total	103	50,5%	109	48,7%	108	51,9%

Escolaridade	Grupos etários femininos					
	Adolescentes		Adulto		Idosos	
	n	%	n	%	n	%
Fund. ou menos	7	3,4%	1	0,4%	23	11,1%
Média	94	46,1%	24	10,7%	36	17,3%
Superior	0	0%	90	40,7%	41	19,7%
Total	101	49,5%	115	51,3%	100	48,1%

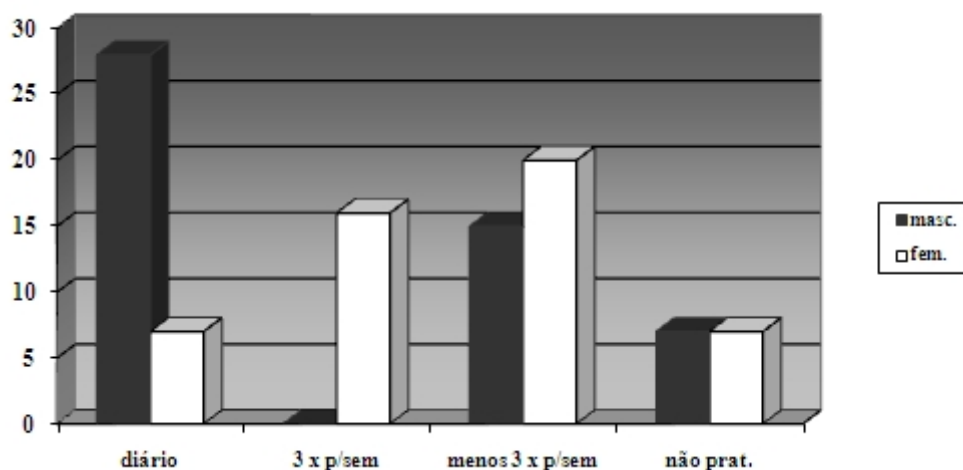


Figura 1 - Distribuição da frequência da prática de exercícios físicos.

Fonte de informação

Em relação à questão “Com quem obteve a maior parte das informações sobre como cuidar da sua saúde”, observa-se a família com um papel primordial na comunicação de informações desse tipo de cuidado.

Evidencia-se que aproximadamente metade dos participantes refere como fonte de informação à família (46,4%), dentre os demais participantes, quase $\frac{1}{4}$ declarou receber informações principalmente dos profissionais de saúde. Importante salientar que o papel familiar é representado principalmente pelas mães, e em segundo lugar, a figura paterna (35,7% e 8,5%, respectivamente).

Serviços de saúde e vulnerabilidades

No que se refere às dificuldades encontradas para realizar consultas e exames médicos, os participantes relataram, em primeiro lugar, o medo de descobrir doenças (48%) e, em segundo lugar, a demora no atendimento (46,7%), e, em terceiro, a falta de tempo (43,4%).

Dos participantes que realizaram tratamento prolongado (50%), metade refere a busca por consulta médica quando doente. O fato de ter realizado tratamento prolongado não evidenciou aumento na adesão à alimentação saudável ou a prática de exercícios físicos. Sendo que a não associação foi evidenciada pelo teste do qui-quadrado.

Ainda em relação aos cuidados de saúde, porém, através da variável “fazer *check-up*” e “realizar tratamento prolongado”, dos participantes que realizaram este tipo de tratamento, mais da metade deles realiza *check-up* regularmente. Sendo a associação entre estas variáveis significativa e com força regular a partir do coeficiente de contingência de Pearson [$\chi^2(1) = 35,97$; $C = 0,23$; $p \leq 0,001$]. Evidenciando

que possivelmente os participantes que fazem ou já fizeram algum tipo de tratamento prolongado realizam com maior frequência os *check-up* de saúde.

Em relação ao “consumo de bebidas alcoólicas”, aproximadamente metade dos participantes afirma que não costumam ingerir bebidas alcoólicas (46,2%), já parte dos participantes afirmam consumir bebidas alcoólicas com a periodicidade semanal e a outra parte quinzenal (37,1% e 14,4%, respectivamente). Observou-se associação significativa entre o “sexo” dos participantes e o “consumo de álcool” [$\chi^2(2) = 105,30$; $V = 0,41$; $p \leq 0,001$], sendo que entre os participantes que ingerem bebidas alcoólicas, os homens o fazem com maior frequência. Pela verificação da análise de Cramer (V), houve força de associação moderada entre as variáveis.

Em relação à variável “tabagismo”, 8% dos participantes afirmaram ser usuários de tabaco (cigarro), sendo que a grande maioria não era fumante no momento da pesquisa. Ao verificar a relação do “consumo de cigarros” considerando o “sexo”, observa-se que a maioria dos homens e das mulheres não fumava ou havia parado de fumar no momento da pesquisa (91,3% e 92,7%, respectivamente).

Conforme a tabela 2, os participantes que referem praticar regularmente exercícios físicos são maiores entre os não fumantes do que entre fumantes (respectivamente, 53,2% e 32%). Entre os entrevistados fumantes, a realização de exercícios físicos ocorre predominantemente menos de três vezes por semana (38%), já para os não fumantes o predomínio é da prática diária de atividade física (36,7%). A associação entre tabagismo e prática de exercício físico é significativa, com força fraca entre elas [$\chi^2(3) = 15,88$; $V = 0,15$; $p \leq 0,001$].

Tabela 2 - Relação entre tabagismo e prática de exercício físico.

Fumante	Prática de exercício físico				
	Diária	3 vezes por semana	Menos de 3 vezes	Não pratica	Total
Sim	N 9	7	19	15	50
	% 18%	14%	38%	30%	100,0%
Não	N 213	96	202	70	581
	% 36,7%	16,5%	34,8%	12%	100,0%
Total	N 222	103	221	85	631
	% 35,2%	16,3%	35%	13,5%	100,0%

Ensinaamentos familiares sobre cuidados com a saúde

A questão “Quais foram as coisas mais importantes que sua família lhe ensinou sobre como cuidar da sua saúde?” contou com 638 respostas. Estas compuseram um *corpus* que foi submetido à análise de classificação hierárquica descendente, através do programa ALCESTE.

O *corpus* foi dividido em 569 unidades de contexto elementar (UCEs), das quais 91,9% foram consideradas na classificação hierárquica descendente (CHD); 6.474 palavras foram analisadas e tiveram, em média, seis ocorrências, sendo que as palavras com frequência inferior a doze foram excluídas da apresentação dos dados. Das palavras encontradas 1.089 são de formas distintas. Os resultados da Análise Hierárquica Descendente deste *corpus* podem ser observados no dendograma (Figura 2).

Observa-se que o *corpus* original foi inicialmente dividido em dois subcorpora (1ª

partição); de um lado temos as classes 1, 3 e 6; e do outro as classes 2, 7, 5 e 4. Uma 2ª partição, sobre o primeiro subcorpora separou a classe 6 das classes 1 e 3; e uma 3ª partição separou estas duas últimas classes. Uma 4ª partição, sobre o segundo subcorpora contrapoz a classe 4 as classes 2, 7 e 5. Uma 5ª partição separou a classe 5 das classes 2 e 7; e uma 6ª partição separou estas duas últimas classes entre si. O resultado foi a obtenção de 7 classes.

A classe 6 é formada por 36 UCEs, o que representa 6,33% das unidades de contexto elementar (UCE) ou segmentos de texto do *corpus* analisado. Nessa classe, os ensinamentos mais consistentes realizados pela família envolvem evitar indicadores de risco para a saúde, como as drogas lícitas e ilícitas. As palavras que mais representam esta classe são: “não, fumar, bebidas, drogas, usar e álcool.” Contribuíram significativamente para essa classe pessoas casadas e pessoas do sexo masculino. Apresenta-se a seguir uma das UCEs que compõem essa classe:

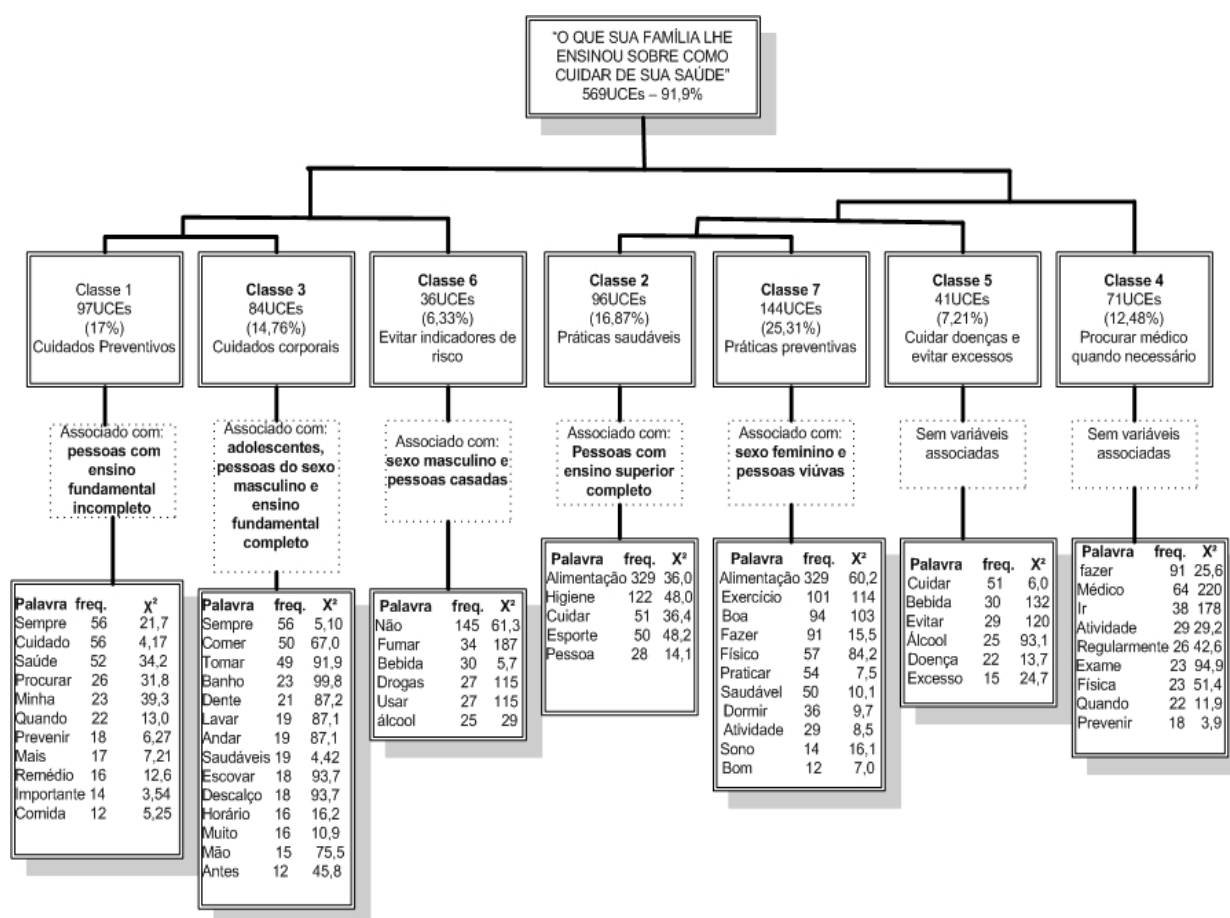


Figura 2 – Dendograma do corpus ensinamentos familiares sobre cuidados e saúde.

“[...] não fumar, não beber e se preocupar com a saúde do dia a dia.” (homem adulto). Conforme o trecho apresentado, dois elementos são recorrentes: o fumo e o álcool.

A classe 1 é composta por 97 UCEs e foi característica de pessoas com baixa escolaridade, representada pelo ensino fundamental incompleto, responsável por 17% das unidades de contexto elementar. O contexto da classe 1 está associado aos cuidados preventivos, especificamente a alimentação, conforme ilustram os recortes textuais.

“[...] saber e procurar se prevenir tomar os cuidados básicos com a saúde.” (homem adulto)

“[...] não cometer excessos e se alimentar bem com produtos se possível naturais.” (homem adulto)

A classe 3 conta com 84 UCEs, que corresponde a 14,76% das unidades de contexto elementar. Nesse contexto os ensinamentos familiares mais recorrentemente repassados foram caracterizados pelos cuidados corporais, expressos pela higiene. Assinala-se desde a higiene bucal, até a higiene corporal e os comportamentos de higiene, como lavar as mãos antes de se alimentar. Além disso, também apontam como importante evitar andar descalço. Estiveram mais significativamente associados a esta classe, os adolescentes e as pessoas com baixa escolaridade, especificamente do ensino fundamental. As palavras representativas foram: “sempre, comer, tomar, banho, lavar, dente, andar, saudável e escovar”. O seguinte excerto da resposta dos participantes pode exemplificar a mesma: “não andar descalço, não tomar banho de chuva, não sair do banho e ir para o sereno, não andar sem camisa no frio, lavar os alimentos, não comer nada com as mãos sujas, não roer a unha [...]”. (homem adolescente)

A classe 4 obteve 71 UCEs, representando 12,48% do *corpus*. O contexto apresentado por esta classe demonstra a necessidade de se procurar o médico quando necessário como um dos ensinamentos abordados pela família e foram agrupadas predominantemente em procurar o médico como uma forma de prevenção. Além da prevenção, foram apontados também aspectos relativos à atenção terciária à saúde, atrelados à presença de sintomas e, ou doenças. Algumas das palavras que mais se destacaram nesta classe foram: “fazer, médico, ir, atividade, regularmente, exame, física”. Como se pode observar, na

UCE associada ao contexto: “[...] ir ao médico quando não se sentir bem [...]”. (Mulher adolescente)

A classe 5 complementa o sentido da classe 6, sendo 7,28% das unidades de contexto elementar geradas. As palavras representativas dessa classe foram: “Cuidar, bebida, evitar, álcool, doença, excesso”. Os ensinamentos familiares, nessa classe, revelam os cuidados relativos aos excessos na ingestão de bebida alcoólica (droga lícita). Demarcando uma diferenciação da classe 6 que engloba as drogas ilícitas também.

A classe 2, que conta com 96 UCEs que correspondem a 16,87%, do total do *corpus*, as pessoas com ensino superior contribuíram de forma predominante. Esta classe evidenciou os comportamentos preventivos associados à saúde como cuidados repassados pela família. Para se ter uma vida saudável, considerou-se necessário cuidar da alimentação, praticar esporte e higiene. As práticas apontadas demonstram cuidados gerais e específicos relativos à prevenção. As palavras representativas da classe foram: “alimentação, higiene, cuidar, esporte, pessoa”. A classe 2 pode ser ilustrada pela seguinte UCE: “[...] cuidar da higiene, alimentar-me de maneira saudável, praticar exercícios”. (Mulher adolescente)

A classe 7, maior dentre o *corpus*, representa 25,31% das unidades de contexto elementar (UCEs) ou segmentos de texto do *corpus* analisado e envolve as práticas preventivas como, boa alimentação, prática de exercícios e a qualidade do sono, demonstrando uma variedade das mesmas em comparação a classe 1, que prioriza a alimentação. Esta classe foi característica do sexo feminino e de pessoas viúvas. As palavras que mais representam a classe são: “alimentação, exercício, boa, fazer, físico, praticar, saudável, dormir, atividade, sono, bom”. Nos excertos que seguem os elementos recorrentes são os exercícios físicos e a alimentação saudável. “[...] sempre comer alimentos saudáveis e praticar exercícios físicos regularmente”. (Mulher adolescente). “[...] alimentação balanceada, prato colorido, comer de três em três horas, em quantidade pequena, exercício físico, caminhada”. (Mulher adolescente).

Representação social da saúde

A partir da questão “Escreva as cinco primeiras palavras que você pensa quando lê a

palavra Saúde”, de evocação livre, buscou-se investigar a estrutura da representação social de saúde para homens e mulheres dos três grupos etários. Na Tabela 3, apresenta-se o diagrama

dos quadrantes referentes ao cruzamento dos critérios de frequência e ordem média de evocação de todos os participantes.

Tabela 3 – Diagrama de quadrantes segundo frequência e ordem média de evocação.

OME < 3,0				OME ≥ 3,0			
	Elemento	F	OME		Elemento	F	OME
$f \geq 18$	Alimentação	234	2,52		Lazer	67	3,25
	Bem-estar	136	1,96		Remédio	65	3,29
	Exercício	126	2,58		Trabalho	31	3,35
	Médico	79	2,92		Longevidade	26	3,50
	Hospital	74	2,90		Família	25	3,92
	Cuidado	71	2,80		Amor	24	3,66
	Vida	71	2,07		Paz	22	3,50
	Esporte	66	2,42		Amizade	20	3,90
	Felicidade	60	2,93		Exame	18	3,55
	Doença	57	2,50		Plano_saúde	18	3,05
	Qualidade_vida	53	2,17				
	Higiene	45	2,91				
	Prevenção	40	2,25				
	Importante	37	2,13				
	Disposição	32	2,53				
	Saudável	31	2,87				
	Tranquilidade	31	2,80				
$f < 18$	Posto_saúde	15	2,53		Segurança	16	3,06
	Atividade	14	2,64		Atendimento	13	3,00
	Necessidade	14	1,85		Harmonia	13	3,00
	Preocupação	12	2,66		Morte	13	3,84
	Qualidade	12	2,83		Prazer	13	3,07
	Mau_atendimento	11	2,36		Qualidade_sono	12	4,08
	Precariedade	11	2,18		Responsabilidade	12	3,00
	Corpo	10	2,40		Sexo	12	3,83
					Caminhada	11	3,45
					Força	11	3,63
					Conforto	11	3,09
					Sus	11	3,18
					Auto_estima	10	3,90
					custo	10	4,10
					educação	10	3,70
					Relacionamento	10	4,00

A análise realizada pelo programa Evocation gera um diagrama de quatro quadrantes organizados em dois eixos: o eixo vertical corresponde à frequência de evocação das palavras e o eixo horizontal, à ordem média de evocações. Foram evocadas 3.017 palavras, com 635 palavras distintas, sendo consideradas na análise aquelas com frequência superior a cinco. A frequência mínima aqui considerada foi de 10 para representação na tabela; a frequência média foi de 18, e a ordem média de evocação foi de 3.

O quadrante superior esquerdo da tabela indica os elementos da representação considerados como provavelmente centrais, são aqueles em que as frequências são maiores e que foram mais prontamente evocados. Quanto aos elementos intermediários, o quadrante superior direito, constitui a periferia próxima (1ª periferia), e há chances desses elementos serem periféricos com alto grau de ativação. Já o quadrante inferior esquerdo contém os elementos pouco evocados, mas mencionados com prontidão e se referem também a outra

periferia próxima (2ª periferia). Ambos os quadrantes, superior direito e inferior esquerdo, são cognições relacionadas e que servem de suporte para o núcleo central da representação. Os elementos do quadrante inferior direito compõem a periferia longínqua, que se constitui pelas menores frequência e evocações com menos prontidão.

Conforme a tabela 3, no quadrante superior esquerdo, destacam-se os elementos “alimentação, bem-estar, exercício, médico, hospital, cuidado, vida, esporte, felicidade, doença, qualidade de vida, higiene, prevenção, importante, disposição, saudável e tranquilidade”. Sendo estes os possíveis elementos centrais da representação. Os elementos “alimentação, bem-estar e exercício”, com significativa frequência quando comparados com os demais elementos, assumem maior força para a centralidade. Enquanto o elemento “alimentação” possui maior frequência (234) que o elemento “bem-estar” (136), o segundo elemento possui maior prontidão ao ser evocado, com ordem média de evocação inferior (1,96). A partir dos elementos apontados acima, verifica-se que para os participantes a saúde está atrelada aos cuidados preventivos, sendo que estes podem ocasionar bem-estar. Todavia, além de aspectos relacionados à atenção primária, ou seja, relativos à prevenção, elementos como “médico e hospital” evidenciam o aspecto mais curativo, ligados à atenção terciária à saúde.

O quadrante superior direito indica elementos periféricos com alto grau de ativação, são eles: “lazer, remédio, trabalho, longevidade, família, amor, paz, amizade, exame e plano de saúde”. Estes confirmam os indicativos da relação entre saúde e aspectos curativos, a partir dos elementos “remédio e exame”, já enunciados no primeiro quadrante. O tipo de serviço também afeta a representação de saúde, enunciado pelos “planos de saúde”, como também a rede social, apontada por meio do elemento “família”. Outro destaque para este quadrante são os elementos de ordem da subjetividade como “amor e paz”.

O quadrante inferior esquerdo contém os elementos pouco evocados, representados pelas seguintes palavras: “posto de saúde, necessidade, atividade, preocupação, qualidade, mau atendimento, precariedade, corpo”. Estes

elementos remetem à qualidade da prestação de serviço e a falta de eficiência do sistema de saúde. Denota-se que a compreensão de saúde está ligada também à estrutura de seu sistema. Ressalta-se que os elementos dos quadrantes superior direito e inferior esquerdo possibilitam uma interpretação menos direta no sentido de sua proximidade em relação ao núcleo.

No quadrante inferior direito, constituído pela periferia mais distante, constam as seguintes palavras: “segurança, atendimento, harmonia, morte, prazer, qualidade do sono, responsabilidade, sexo, caminhada, força, conforto, SUS, autoestima, custo, educação, relacionamento”. Estes elementos não são organizadores e definidores da representação social, mas constituem contextos condicionais e as particularidades dela.

Constatam-se, nesse quadrante, indicações relativas aos demais, demonstrando as práticas sociais que por vezes são contraditórias e as possíveis especificidades dos vários contextos dos grupos. Nas palavras apontadas, pode-se verificar tanto questões relativas à prevenção, por meio da “caminhada e qualidade do sono,” quanto questões relacionadas ao sistema de saúde, a partir das palavras “atendimento e custo”, como também, menção a estrutura do sistema de saúde, com a palavra “SUS”.

Foi possível verificar indicativos de quatro aspectos diferentes da representação social da saúde:

Preventiva: relacionada com comportamento de cuidados de saúde, apontando práticas do que fazer para se ter saúde.

Curativa: relacionada aos aspectos relativos ao tratamento de doenças.

Subjetiva: relacionada ao bem-estar e atrelada ao estado emocional, o que interfere diretamente na representação preventiva.

Programática: relacionada à constituição do sistema de saúde e a sua operacionalização na garantia do direito à saúde.

Na intenção de realizar uma comparação dos elementos da representação social da saúde considerando as características dos sexos, foram realizadas análises para verificar a relação entre as variáveis de acordo com a palavra evocada, classificando assim as palavras características do sexo masculino e do sexo feminino (tabela 4).

Tabela 4 - Análise dos principais elementos evocados pela variável sexo.

Palavra evocada	Homem	Mulher	χ^2	P
alimentação	110	124	0,58	0,45
bem-estar	55	81	3,86	0,049*
exercício	51	75	3,57	0,058
hospital	51	23	8,62	0,003*
alegria	19	41	6,78	0,009*
Vida	31	41	1,04	0,307
doença	32	25	0,53	0,466
qualidade de vida	20	33	2,54	0,111
prevenção	12	28	5,34	0,02*

*N = 638 * $p \leq 0,05$; *** $p \leq 0,001$*

Verifica-se que as mulheres evocaram com mais frequência elementos relacionados aos cuidados preventivos como “alimentação”, “exercício” e “qualidade de vida”, como também, questões relacionadas ao “bem-estar” como a “alegria e vida”. Já para os homens, os elementos mais evocados foram “hospital e doença”. Em relação a estas palavras, observa-se que houve diferença estatisticamente significativa entre as respostas de homens e de mulheres em relação ao “hospital” ($\chi^2 = 8,62$; $p \leq 0,05$) e a “alegria” ($\chi^2 = 6,78$; $p \leq 0,05$). Ou seja, enquanto a primeira palavra foi mais evocada pelos homens, a segunda palavra foi mais evocada pelas mulheres.

Ainda em relação ao sexo, as mulheres evocaram mais frequentemente as palavras “bem-estar” ($\chi^2 = 3,86$; $p \leq 0,05$) e “prevenção” ($\chi^2 = 5,34$; $p \leq 0,05$), indicando associação significativa. As diferenciações apontam para uma representação da saúde voltada a aspecto mais curativo em relação ao homem, e mais preventivo em relação à mulher.

Para visualizar a organização da representação social de saúde foi realizada uma análise de Similitude, que contempla a conexidade dos elementos desta. Esta análise mostra as relações, a partir do filtro de um número mínimo de coocorrências entre os elementos. A representação gráfica do resultado dos estudos de conexidade é denominada de grafo, em cujos vértices se encontram as variáveis e, nas arestas que as ligam, a conexidade, ou coocorrência dentro um grupo de evocações. As categorias que aparecem conexas ao final da aplicação de um critério (filtro) são aquelas que apresentam um grau de conexão mais forte, o que está diretamente relacionado ao número de indivíduos que trata aqueles elementos de forma similar, indicativos estruturais da representação social (Junique et al., 2002).

Assim, um determinado elemento será tanto mais conexo quanto mais aparecer em um conjunto de clique (filtro) mais elevado (Moliner, 1994). O clique é um critério utilizado para determinar no gráfico as coocorrências a partir de 20 ou mais. Conforme demonstrado na Figura 3, o grafo representa as conexões obtidas pela aplicação do primeiro filtro, cujo critério foi de 30 coocorrências. Nesta, apresenta-se a conexão entre elementos da representação social da saúde e sua centralidade.

Inicialmente constata-se a formação de dois subconjuntos formados em função dos agrupamentos das categorias. O primeiro deles verifica-se através de uma forte conexidade entre as categorias “alimentação e atividade física”, o que evidencia o papel organizador desses dois elementos para o significado acerca do objeto de representação tratado aqui. A categoria “alimentação” guardava relação com aspectos relativos aos “cuidados” com a saúde, por meio da “prevenção e da higiene”, e por outras categorias que denotam o aspecto mais curativo, como “tratamento, médicos e demais profissionais e hospital”. Estas últimas conexidades possuem força menos intensa, demonstrado pelo menor número de coocorrências. Além disso, os conteúdos da categoria “atividade física” relacionam-se ao lazer, com força média, expressando possivelmente uma forma com que os participantes compreendem as práticas esportivas.

Por sua vez, “alimentação” estabelece conexão com força moderada com os conteúdos da categoria “bem-estar”, e retoma uma forte conexão com a categoria “estado emocional”. Apontando o segundo subconjunto de categorias agrupadas, a partir da força da conexão e frequência de coocorrências. Sendo que nessa última conexão, entre as categorias

“bem-estar e estado emocional”, evidencia-se possivelmente outros elementos organizadores da representação social de saúde, demarcando que os sentidos construídos sobre saúde perpassam aspectos subjetivos que se ligam às características pessoais.

Outra noção central relacionada à representação da saúde é “bem-estar” relacionado à “vida”. Esta conexão, com intensidade média, demarca a ideia inerente a aspectos de subjetividade, mais especificamente a forma de perceber e desfrutar a vida. Outras categorias associadas à representação de saúde, com fraca intensidade de conexão, são “rede de apoio e desenvolvimento humano”, indicando a relação

entre saúde e forma de envelhecimento, relacionada ao apoio recebido.

Foi realizada uma tentativa de testar a conexidade das categorias centrais (alimentação – atividade física; bem-estar – estado emocional), empregando um filtro mais exigente, de 45 coocorrências, que indica no gráfico apenas as coocorrências iguais ou acima de 45. O aumento do nível de exigência de coocorrência manteve a ligação anterior entre estes elementos. Pode-se verificar no grafo representado pela figura 4 que os elementos centrais considerados na análise anterior, não se separam pelo aumento do rigor de exigência do filtro.

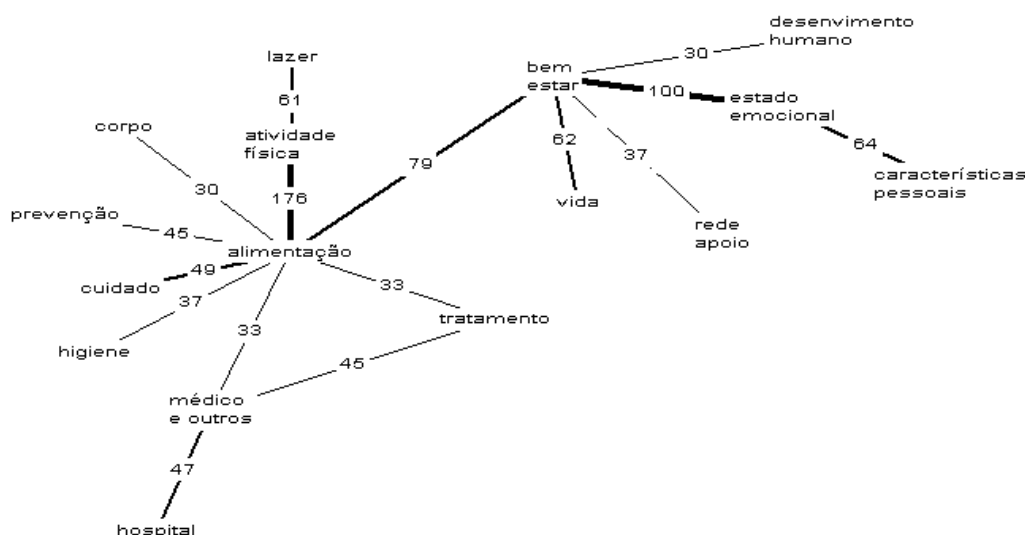


Figura 3 - Conexão entre elementos da Representação Social da Saúde (clique 30).

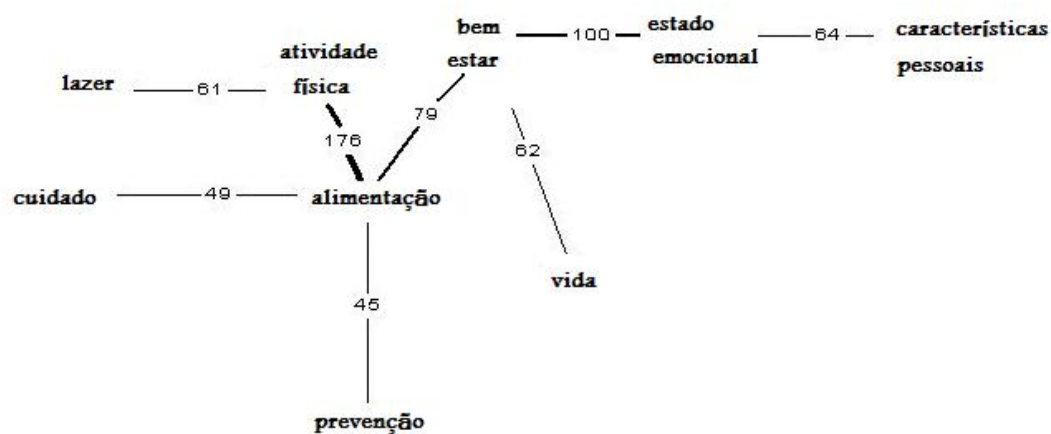


Figura 4 - Conexão entre elementos da Representação Social da Saúde (clique 45).

Ressalta-se que houve uma redução de elementos da representação pelo aumento do rigor do critério do filtro, sendo que ficaram apenas 9 categorias das 16 anteriores, com a utilização de filtro cujo número de coocorrências era igual ou maior que 30. Por outro lado, as categorias centrais mantiveram sua conexidade, evidenciando a importância destas na constituição estrutural da representação da saúde para o grupo estudado.

Nessa representação gráfica (figura 4), manteve-se a conexidade forte e moderada respectivamente entre as categorias “alimentação e atividade física”, e “bem-estar e estado emocional”. Evidencia-se o papel organizador principalmente das categorias “alimentação e atividade física”, sendo que o primeiro organiza aspectos referentes ao bem-estar, à prevenção e ao cuidado; e, o segundo, organiza aspectos relacionados ao lazer.

A forte conexão entre as categorias centrais “alimentação e atividade física”, é indicativa de que a noção de saúde e a sua manutenção se associam aos cuidados preventivos. A partir do aumento do filtro, considerando um número mais elevado de coocorrência, constata-se que os aspectos curativos associados à saúde, como “tratamento, médico e outros profissionais e hospital, não se mantêm neste gráfico, prevalecendo as noções que remetem à atenção primária.

Norma subjetiva em relação à consulta médica

Para análise das respostas dadas pelos participantes à questão 14: “O que você acha que seus amigos pensariam de você sobre procurar um médico sem estar se sentindo doente?” foi utilizado o *software* SPAD 7, o qual, a partir do conteúdo textual, realiza uma análise fatorial de correspondência binária (AFC), com intuito de reconhecer as crenças relacionadas a amizades, ou seja, crenças dos pares. As variáveis ativas consideradas foram o sexo, feminino e masculino; e, a faixa etária, adolescente, adultos e idosos. Para verificar a

contribuição das variáveis em cada fator dividiu-se 100 pelo número de modalidades de variáveis (5), obtendo vinte, como ponto de corte, o mesmo procedimento foi seguido para estabelecer o ponto de corte das palavras, dividindo 100 pelos números de palavras evocadas, sendo consideradas integrantes do fator as palavras que apresentassem uma contribuição acima de 1,40. A análise fatorial de correspondência foi realizada utilizando uma tabela lexical onde as respostas dadas pelos participantes à pergunta descrita acima se situavam nas linhas e as modalidades (sexo e faixa etária) se situavam nas colunas (638 x 5).

O Φ^2 total da análise foi de 0,096, a partir da extração de três fatores, sendo que os dois primeiros fatores explicam 86,94% da variância. O fator um explica 58,28% da variância, o fator 2, 28,66% e, o fator 3, 13,06%. Sendo assim, optou-se por reter os dois primeiros fatores, uma vez que estes explicam acima de 80% da porção de variância. A tabela 5 apresenta os dois fatores retidos considerando as modalidades das variáveis.

O primeiro fator foi o mais representativo na AFC, pois explica sozinho 58,28% da proporção de variância, com autovalor de 0,056. Em relação à faixa etária, verifica-se que apenas os adolescentes contribuíram para o fator 1. Já quando foi priorizado o sexo, observa-se que tantos homens quanto mulheres contribuíram para o fator 2, no entanto, estes se localizam em coordenadas opostas, e relacionados a elementos distintos no que tange à representação da saúde.

A figura 5 mostra a representação gráfica dos dois primeiros fatores no plano cartesiano. As palavras que contribuíram para o fator 1 estão sublinhadas, já as palavras que contribuíram para o fator 2 estão em itálico, as palavras em itálico e sublinhadas contribuíram para os dois fatores; e as palavras com fonte maior são as modalidades de variáveis. As modalidades que apresentaram valores abaixo do ponto de corte estabelecido (5), não foram incluídas no plano fatorial.

Tabela 5 – Variáveis e fatores da Análise Fatorial de Correspondência.

Modalidade	P.Rel.	Fator 1			Fator 2			Fator 3		
		Cood.	CPF	Cos²	Cood.	CPF	Cos²	Cood.	CPF	Cos²
Sexo										
Feminino	26,53	-0,08	3,30	0,15	0,18	32,7	0,74	-0,07	11,0	0,11
Masculino	23,47	0,09	3,70	0,15	-0,21	37,0	0,74	0,08	12,4	0,11
Faixa etária										
Adolescente	19,03	-0,41	57,5	0,97	-0,07	3,90	0,03	0,02	0,06	0,00
Adulto	17,67	0,24	17,8	0,53	0,17	19,2	0,28	0,14	27,7	0,19
Idoso	13,30	0,27	17,7	0,55	-0,12	7,30	0,11	-0,21	48,4	0,34

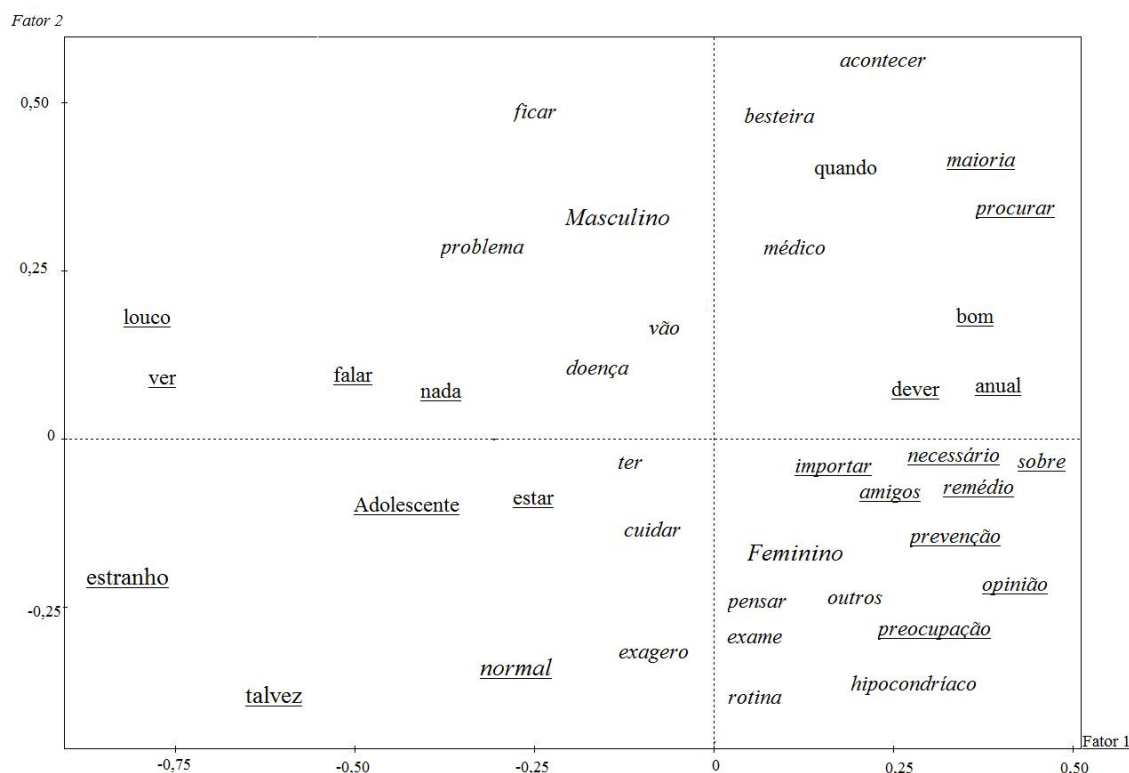


Figura 5 – Representação gráfica dos primeiros dois fatores da análise de correspondência (palavras X elementos).

Verifica-se na figura 5 que, no lado direito, no plano inferior, encontram-se os elementos que retratam, tanto cuidados preventivos, quanto cuidados curativos em relação à saúde. Estes se localizam próximos no plano fatorial e, são: “importar, necessário, amigos, remédio, sobre, prevenção”. Ainda nesse plano, localizado mais abaixo, aparecem os elementos: “pensar, outros, exame, preocupação, opinião, hipocondríaco, rotina”. Indicando que a saúde é motivo de preocupação e reafirmando os cuidados relacionados à atenção primária. Além disso, destaca-se também a rede social, representada por amigos e os pedidos de opinião. Em relação à modalidade, destaca-se nesse plano o sexo feminino.

Em oposição ao sexo feminino, o sexo masculino se encontra na parte superior, juntamente com os seguintes elementos: “vão, doença, ficar, problema, nada, falar, ver, louco”. Indicando que a saúde é problema quando se está doente, além do elemento louco, que reafirma a busca desnecessária ao médico no caso de não haver doença. Como colocado anteriormente, os sexos se opuseram entre si no que tange aos cuidados de saúde, enquanto para o sexo masculino existe um problema apenas

quando se fica doente, para o sexo feminino, denota-se uma posição mais favorável em relação aos hábitos preventivos, indicados pela preocupação com a saúde, desde a rotina estabelecida e a prevenção, como também no uso de medicação quando necessário.

Discussão

Indicadores de comportamento de saúde versus indicadores de comportamentos de risco entre os sexos

Para os participantes dessa pesquisa, a manutenção dos exercícios físicos e o *check-up* periódico relacionam-se aos principais cuidados necessários à saúde; além disso, apontam a necessidade de consultas médicas quando necessário. Todavia, mesmo demonstrando a importância da prevenção no quesito saúde, o sexo feminino se destaca na realização regular de *check-up*, sendo que o contrário ocorre para a prática frequente de exercícios físicos, com o predomínio do sexo masculino.

No que tange às diferenças entre os sexos quanto à prática de atividade física, resultados semelhantes foram encontrados por diversas pesquisas (Camões & Lopes, 2008; RIPSA,

2008; Sávio, Costa, Schmitz, & Silva, 2008; Augusto Silva, Lima, Santos Silva, & Prado, 2009), afirmando o predomínio de sedentarismo no sexo feminino e indicando também que ser homem se relaciona aos fatores que se associam a prática de atividades físicas. Especula-se, nesse sentido, a diferenciação entre as formas com que cada sexo concebe a prática de exercícios. Provavelmente, para os homens, esta pode ser significada a partir de uma partida de futebol com os amigos, o que não ocorre com o sexo feminino, o que pode ter interferido nas declarações de atividade física entre os homens.

WHO (2003) e Sávio et al. (2008) discutem a prática regular de atividade física afirmando seu auxílio na prevenção do ganho de peso, como também na redução das mortalidades e morbididades.

O maior número de relatos por parte das mulheres referente a tratamento prolongado de saúde evidencia a possibilidade de serem portadores de doença crônica. Demais pesquisas obtiveram resultados semelhantes ao considerarem que o autorrelato de morbidade é maior para as mulheres (Barros, Zanchetta, Moura, & Malta, 2009; Dachs & Santos, 2006; Fonseca, Blank, Barros, & Nahas, 2008; Mendoza-Sassi, Béria, & Bortolotto, 2006; Pinheiro, Viacava, Travassos, & Brito, 2002; Souza, Otero, Almeida, Turci, Figueireido, & Lozana, 2008). Uma hipótese para esta diferenciação entre os sexos pode encontrar-se na forma de perceber e relatar os sintomas. (Mendoza-Sassi et al., 2006; Pinheiro et al., 2002).

Como em outras pesquisas, o consumo de bebidas alcoólicas foi prevalente para o sexo masculino (Bastos, Bertoni, & Hacker, 2008; Courtenay, 2000; Moura et al., 2008; Rodrigues, Cheik, & Mayer, 2008). Esse resultado reafirma a assertiva de que as mulheres adotam mais frequentemente comportamentos saudáveis (Matos & Souza-Albuquerque, 2006).

Poucos participantes referiram o comportamento tabágico no momento da pesquisa. Sendo este valor inferior a média nacional dos adultos, como constatado a partir de inquérito telefônico (VIGITEL). (Brasil, 2008, 2009). Demais resultados de pesquisas de base populacional também obtiveram números mais elevados de fumantes se comparados com esta pesquisa (Kuhnen, Boing, Oliveira, Longo, & Kathie, 2009; Machado, Nicolau, & Dias,

2009). Além disso, não houve prevalência entre os sexos, para este tipo de comportamento, contrariando resultados de pesquisas anteriores (de Torrenté de la Jara, Willi, Cornuz, & Closuit, 2006; Field, 2008; Machado et al., 2009; RIPSa, 2008).

Os usos de álcool e tabaco têm sido tolhidos nos últimos anos, o primeiro devido à implantação da Lei Seca (Lei 11.705/2008), a qual se relaciona à mudança no código de trânsito brasileiro; e, o segundo, parcialmente em função da Lei do tabaco (Lei 9.294/2008), que assevera a proibição do uso de cigarros, derivados deste e similares, em recintos coletivo, privado ou público. Essas duas modificações recentes, constantemente divulgadas pela mídia, podem ter interferido no que foi referido pelos participantes. Neste campo, verifica-se a adoção de práticas mais saudáveis, o que para Stroebe e Stroebe (1995) ocorre ou por meio da persuasão, focando o comportamento individual; ou através de medidas legais, como as leis que foram citadas.

Robalo (2009) considera que quando se constata: o aumento da prevalência de obesidade nas populações; o surgimento de diabetes do tipo 2 em jovens; a promoção, por parte da publicidade, de alimentos calóricos; a promoção de vida sedentária e em frente de computadores e televisão; o estímulo do consumo de bebidas e cigarro; as leis que inibam esse consumo são essenciais por parte das políticas públicas.

Foi possível observar uma relação inversa entre o tabagismo e a prática regular de atividade física, sendo que os fumantes referiram menos a prática de atividade física, enquanto que os não fumantes são mais ativos fisicamente e apresentam maior regularidade nesta atividade. A relação destas variáveis indica que além do tabagismo atuar como risco a saúde, também interfere na adoção de outros comportamentos saudáveis, como a prática regular de exercícios físicos. Em concordância com os resultados desta pesquisa, Almeida e Mussi (2006) apontam que existe correlação negativa entre a prática de exercícios físicos e tabagismo, já que em longo prazo, os fumantes vão desenvolvendo dificuldade de tolerância aos exercícios devido a uma queda na capacidade pulmonar. Por outro lado, Rodrigues et al. (2008) acrescentam que os praticantes de esportes também podem se beneficiar, já que esta prática auxilia na diminuição do comportamento tabagístico.

Crenças normativas e representação social da saúde

Os dados desta pesquisa que se referem às crenças normativas familiares indicam que a alimentação saudável aliada à prática de atividade física regular foram os resultados referidos pela maioria dos participantes. Em segundo lugar, citaram também a realização anual de *check-up* e pequena parcela alegando que os familiares acreditam que se deve ir ao médico independente de estar doente. Quando se consideram os cuidados de saúde, a família assumiu papel central, sendo a mãe a figura representante deste repasse. Esse resultado é um indicativo de que o entorno social pode ser um interveniente nos comportamentos de cuidados de saúde, tanto mais auxiliando do que impedindo a adoção de práticas saudáveis. Xavier, Bittar e Ataíde (2009) confirmam a relevância familiar no estímulo aos comportamentos de cuidados de saúde, tanto preventivos quanto curativos.

Segundo Siqueira, Barbosa, Brasil, Oliveira e Andraus (2006), as crenças familiares são socializadas por todo o entorno social, vivenciadas em âmbito familiar e repassadas pelas gerações. Esses conhecimentos, vivenciados na esfera familiar, podem se tornar crenças, e por sua vez, estas podem influenciar nos comportamentos adotados pelos indivíduos no que se relaciona à saúde. Além do mais, os ideais tanto de masculinidade, quanto de feminilidade, que apregoam crenças disfuncionais, podem ser barreiras para a adoção de comportamentos salutaros (Korin, 2001). Os ideais de feminilidade incentivam que a mulher busque a atenção à saúde, entretanto, o contrário ocorre com sexo masculino, podendo exercer impeditivos nesses tipos de cuidados.

Ao relacionar as crenças dos pares sobre a realização de consultas preventivas por ambos os sexos com o grupo etário ao qual o mesmo pertence, verifica-se uma oposição entre homens e mulheres. Os homens pensam que a busca por cuidados ocorre mediante a necessidade; no caso das mulheres, verifica-se uma maior favorabilidade relativa aos cuidados com a saúde. Em concordância com este achado, Schraiber, Gomes e Couto (2005) explicam que geralmente não está presente na socialização do homem aspectos que valorizem o corpo a partir do cuidado de saúde, todavia, a tentativa de distanciamento de características atreladas ao feminino podem ser frequentes. De

maneira semelhante, Courtenay (2000) pondera que existem comportamentos e crenças que são utilizados para a manutenção do ideal masculino, firmando sua dominância e hegemonia. Estes ideais por sua vez, reafirmam a invulnerabilidade e a superioridade dos corpos masculinos, o que exige menos cuidados.

Nas respostas que se referem aos ensinamentos familiares, os cuidados de saúde frequentemente alegados foram os relativos aos excessos com as drogas lícitas e as ilícitas, cuidados de higiene corporal, cuidados preventivos e curativos; e de outro lado, a adoção de práticas saudáveis tais como: uma alimentação balanceada, prática de exercícios físicos regulares e dormir bem. Apesar de todos os participantes citarem esses ensinamentos, observa-se que para o sexo masculino se evidencia a preocupação com os indicadores de risco, fumo, álcool e demais drogas, demonstrando aspectos mais funcionais da representação da saúde. Em relação ao sexo feminino, destacam-se as práticas preventivas envolvendo aspectos desde a higiene, a alimentação, os exercícios físicos e o sono. Os ensinamentos repassados pela família podem vir a constituir representações, e estas podem se tornar norteadoras de práticas e comportamentos dentro de um determinado contexto social (Abric, 1998).

Núcleo central da representação social da saúde

Em relação ao sexo, a representação feminina da saúde se caracterizou com elementos mais subjetivos e afetivos, além de remeter aos cuidados primários, ou seja, a prevenção, a partir de elementos funcionais. Nesse sentido, Campos e Rouquette (2003) reiteram que a representação é dotada de um componente afetivo, o qual é composto por elementos atitudinais. Além do que, toda a representação é um tipo de conhecimento estruturado que tem um papel determinante na forma como os indivíduos reagem face à realidade, evidenciando nesse aspecto, que ter saúde é ter alegria e viver a vida com bem-estar.

Por sua vez, os homens evocaram elementos relacionados à atenção terciária à saúde, ou o que Meireles (2006) denomina de prevenção terciária. Estas diferenças entre os sexos indicam também formas diversificadas de se relacionar com o objeto representado.

Os dados dessa pesquisa referentes à representação social da saúde demonstram a menção de diferentes aspectos desta, tais como, preventivos e curativos, subjetivos e sistemáticos, ou seja, aspectos que são discutidos sobre o próprio conceito de saúde e a forma de operacionalização da mesma.

Sobre a concepção de saúde, Robalo (2009) e Straub (2005) afirmam que deve ser compreendida como um estado multidimensional, o qual envolve vários domínios. Para Robalo (2009), os domínios individuais, genéticos, biológicos e os estilos de vida. E para Straub (2005), os domínios físico, psicológico e social. Sendo que, estes domínios surgem fragmentados nos relatos dos participantes, referindo que ora ter saúde é ter bem-estar, é praticar comportamentos saudáveis, ou ainda evitar riscos. Assim, por vezes os conhecimentos sobre saúde são depositados em pólos dicotômicos, sendo este insuficiente para explicar os vários fenômenos que ocorrem com os organismos, como pontua Stédile (1996). Czeresnia (2003) considera que a manifestação da vida ocorre tanto por meio da saúde, quanto através da doença e está atrelada às experiências subjetivas. Soares Neto (2006) relaciona o funcionamento saudável do organismo à felicidade, ao equilíbrio e à autorrealização física e psíquica.

Apesar das controvérsias que envolvem o conceito de saúde, e de se constatar diferentes conceituações, este deve ser ampliado para uma concepção que inclua as diversas dimensões da vida humana, sendo a saúde considerada um fenômeno que pode ser determinado não só por comportamentos individuais, mas beneficiado por estes, além do que, envolvendo questões sociais, econômicas e culturais.

Quanto à estruturação da representação social da saúde, tal qual assinalam Campos e Rouquette (2000, 2003), que as representações são perspassadas por aspectos tanto cognitivos, quanto afetivos, assumindo uma característica atributiva, à medida que influencia, organiza ou determina cognições ou comportamentos avaliativos.

Ao ser aplicado um filtro mais exigente para testar a conexidade das categorias centrais, mantêm-se a conexão entre “alimentação e atividade física”, bem como a força de conexão entre elas. Isso denota com maior precisão o papel organizador dessas duas categorias para o significado acerca do objeto saúde. Todavia, através dessa nova análise, houve uma redução

de conteúdos considerados como centrais na representação social da saúde, demonstrando a centralidade destes elementos e, asseverando a perenidade da representação (Abric, 2003). Sendo assim, confirma-se a importância principal dos conteúdos que compõem as categorias centrais e a articulação existente em seus entornos, com prevenção, cuidados e lazer.

Considerações finais

A problemática saúde por si só demarca sua complexidade e abordá-la exigiu realizar recortes de pesquisa para entender sua multiplicidade, sendo que neste estudo foi priorizada a esfera das características individuais dentro de pequenos grupos.

Sobre o conjunto de indicadores apresentados, ainda se constata primazia de indicadores de comportamentos saudáveis por parte do sexo feminino, principalmente no que se relaciona a questões preventivas. Todavia, de forma tímida, verificou-se modificação entre os sexos.

Se, por um lado, o sexo feminino demonstrou realizar *check-up* regulares, aderir a uma alimentação saudável e realizar consulta independente do estado de doença, por outro, referiram ser inativas fisicamente. Para os homens, houve destaque da prática regular de atividade física, todavia referem mais frequentemente o hábito de beber e não demonstram aderir a práticas preventivas tais como as mulheres. Do que se conclui que, para as mulheres, há nítida ênfase em práticas expressas pela busca de atendimento, com as práticas preventivas. Relacionado aos homens foram encontradas as maiores dificuldades na busca de atendimento médico preventivo, já que concebem esta necessidade na presença da doença ou algum tipo de sintoma.

Sobre o comportamento tabágico, o número de participantes que referiu fumar foi inexpressivo e inconsistente com os resultados de outras pesquisas. A partir das aferições destes indicadores, especula-se a possibilidade de mudanças sutis nos ideários masculinos no que tange à temática cuidados em saúde. Em geral, os ideários preconizados inserem o homem num universo em que aceitar os cuidados preventivos é comungar com o que é típico do sexo feminino. Entretanto, mesmo que sutilmente, estes homens demonstram que aderem a alguns indicadores de comportamentos saudáveis, como a prática de

atividades físicas.

Outro aspecto relevante de diferenças entre os sexos consiste no fato de que, ainda que as mulheres demonstrem mais frequentemente aderirem a comportamentos preventivos, as mesmas referem ter realizado com maior frequência tratamentos prolongados de saúde. Infere-se que a recorrência de autorrelatos de morbidades é maior para o sexo feminino, além de que, a elevada possibilidade de terem sido vítimas de doenças crônicas aponta uma diferença negativa se comparada aos homens. Permanece o questionamento do que diferencia a maior número de autorrelatos de morbidade para os sexos, se a real condição de saúde, ou se a diversidade ao relatar sua condição, desta forma, produzindo diretrizes para novos estudos.

As crenças normativas familiares identificadas confirmam que o autocuidado é traduzido primordialmente por cuidados preventivos, relacionado principalmente pela alimentação saudável e a prática regular de atividade física. Assim, constata-se a relação destas nos indicadores de comportamentos saudáveis, auxiliando funcionalmente nesta prática. Referente às crenças dos pares, constata-se outro diferenciador entre os sexos, enquanto para as mulheres o autocuidado de seus pares é percebido como necessário para se prevenir de acometimentos de doenças; para os homens este autocuidado é importante apenas quando ocorrem os agravos à saúde, ou seja, a doença. De forma geral, estas crenças, que podem ter sido compartilhadas pela família, amigos, pares, dentre outros, além de serem importantes fontes de informação podem nutrir os vários comportamentos.

A pressuposição básica deste estudo foi que as representações da saúde influenciam os comportamentos de cuidados de saúde, o que pode ser visto por meio dos indicadores associados e citados anteriormente. Em relação à representação social da saúde compartilhada pelo grupo, observam-se quatro aspectos distintos que constituem o saber social sobre este objeto, expressos por aspectos preventivos, curativos, subjetivos e sistemáticos.

Na hierarquia entre os elementos centrais da representação social, os principais sentidos contidos são de bem-estar e prevenção, com destaque para a funcionalidade, através da alimentação saudável e dos exercícios físicos. Além do que a complementaridade evidenciada pelo sistema periférico garante a segurança do

cerne da representação social e admite as especificidades desta, o que pode ser evidenciado entre os sexos. Enquanto para as mulheres, os elementos “bem-estar, alegria e vida” foram evocados mais frequentemente, os elementos “hospital e médico” estiveram mais associados ao sexo masculino, o que caracteriza diferenças entre os sexos nos elementos que constituem a periferia das representações sociais da saúde. Do que se conclui que, para as mulheres, há nítida ênfase nos aspectos subjetivos, e para os homens, dos aspectos curativos.

O presente trabalho demonstra, em parte, a relação entre as representações sociais, as crenças e os indicadores de comportamentos de saúde; além disso, indica que as diferenças em relação aos cuidados com a saúde entre os sexos ainda estão presentes, mas com possibilidade de mudança. Provavelmente o ideário de masculinidade no que tange aos comportamentos de cuidados de saúde para o sexo masculino parece ainda guardar certa hegemonia e estar sendo apregoados pelo entorno social, naturalizando a construção de um homem forte e por isso invulnerável a doenças; o que levaria os participantes a priorizar o atendimento médico principalmente na presença da doença.

As políticas públicas voltadas para a saúde devem considerar as diversidades entre os sexos, relevando os ideais tanto de masculinidade quanto de feminilidade difundidos pelas crenças, como fatores que possuem relação na adoção de comportamentos saudáveis. Elas devem também considerar as especificidades entre os sexos; e ainda levar em conta a existência e a importância dos conhecimentos disseminados pelo pensamento social, envolvendo representações e crenças, nos espaços de ensino (educação para a saúde).

Referências

- Abrie, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira, *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Abrie, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Orgs.), *Representações sociais práticas educativas* (pp.37-57). Goiânia: Ed. da UCG.

- Almeida, A. F., & Mussi, F. C. (2006). Tabagismo: conhecimentos, atitudes, hábitos e grau de dependência de jovens fumantes em Salvador. *Rev. Esc. Enferm USP*, 40 (4), 456-63.
- Augusto Silva, D. S., Lima, J. O., Santos Silva, R. J., & Prado, R. L. (2009). Nível de atividade física e comportamentos sedentários em escolares. *Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.*, 11(3), 299-306.
- Barros, M. B. A., Zanchetta, L. M., Moura, E. C., & Malta, D. C. (2009). Auto-avaliação da saúde e fatores associados, Brasil, 2006. *Rev. Saúde Pública*, 43(Supl 2), 27-37.
- Bastos, F., Bertoni, N., & Hacker, M. A. (2008). Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista Saúde Pública*, 42(supl 1), 109-117.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2008). VIGITEL. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sócio-demográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2007*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2009). VIGITEL. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sócio-demográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2008*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Buss, P. M., & Filho, A. P. (2007). A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(1), 77-93.
- Camões, M., & Lopes, C. (2008). Fatores associados à atividade física na população portuguesa. *Rev. Saúde Pública*, 42(2), 208-216.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M. L. (2000). La dimension affective des représentations sociales: Deux recherches exploratoires. *Bulletin de Psychologie*, 53, 435-441.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M. L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(3), 135-145.
- Courtenay, W. H. (2000). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social Science Medicine*, 50(10), 1385-1401.
- Czeresnia, D. (2003). O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In D. Czeresnia & C. M. Freitas (Orgs.), *Promoção da saúde: Conceitos, reflexões, tendências* (pp. 39-53). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Dachs, J. N. W., & Santos, A. P. R. (2006). Auto-avaliação do estado de saúde no Brasil: análise dos achados da PNAD/2003. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11(4), 887-894.
- Dahlgren, G., & Whitehead, M. (2007). *European strategies for tackling social inequities in health*. European strategies for tackling social inequities in health: Levelling up, Part 2. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- De Torrenté de la Jara, G., Willi, C., Cornuz, J., & Closuit, A. (2006). Women and tobacco: epidemiological and clinical specificities. [Abstract]. *Rev Med Suisse*, 2(72), 1689.
- Eaton, K. D., Kann, L., Kinchen, S., Shanklin, S., Ross, J., Hawkins, J., Harris, W. A., Lowry, R., MacManus, T., Chyen, D., Lim, C., Brener, N. D., & Wechsler, H. (2008). Youth risk behavior surveillance. [Abstract]. United States. *Center for Disease Control and Prevention*, 57(SS04), 1-131.
- Field, C. (2008). Examining factors that influence the uptake of smoking in women. [Abstract]. *British Journal of Nursing*, 17(15), 980-985.
- Fonseca, S. A., Blank, V. L. G., Barros, M. V. G., & Nahas, M. V. (2008). Percepção de saúde e fatores associados em industriários de Santa Catarina, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(3), 567-576.

- IBGE (2009). Síntese de indicadores sociais: *Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2009/indic_sociais2009.pdf. [Acesso em 04 de junho de 2009].
- Junique, C., Barbry, W., Scano, S., Zeliger, R., & Vergès, P. (2002). *L'analyse de similitude de questionnaires et de données numériques*, SIMI2000. Aix en Provence: Manuel d'utilisateur.
- Korin, D. (2001) Nuevas perspectivas de género en salud. *Adolescencia Latinoamericana*, 2, 67-79.
- Kuhnen, M., Boing, A. F., Oliveira, M. C., Longo, G. Z., & N., Kathie. (2009). Tabagismo e fatores associados em adultos: um estudo de base populacional. *Rev. bras. epidemiol.*, 12(4), 615-626.
- Lebart, S., & Salem, A. (1988). *L'Analyse statistique de données textuelles*. Paris: Bordas.
- Lei n. 11.705, de 19 de junho de 2008 (2008). *Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11705.htm. [Acesso em 09 de outubro de 2009].
- Lei n. 9.294, de 15 de julho de 1996 (1996). *Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9294.htm>. [Acesso em 09 de outubro de 2009].
- Machado, A., Nicolau, R., & Dias, C. M. (2009). Consumo de tabaco na população portuguesa: análise dos dados do Inquérito Nacional de Saúde 2005/2006. *Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge*. Departamento de Epidemiologia.
- Matos, A. P. S., & Souza-Albuquerque, C. M. (2006). Estilo de vida, percepção de saúde e estado de saúde em estudantes universitários portugueses: influência da área de formação. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(3), 647-663.
- Mendoza-Sassi, R., Béria, J. U., Fiori, N., & Bortolotto, A. (2006). Prevalência de sinais e sintomas, fatores sociodemográficos associados e atitude frente aos sintomas em um centro urbano no Sul do Brasil. *Rev. Panam Salud. Publica*, 20(1), 22-28.
- Meireles, A. C. P. R. (2006). *Níveis de prevenção: conceito e relação com as funções do médico de saúde pública*. Disponível em: <http://www.saudepublica.web.pt/TrabCatari/Prevencao/tab.pdf>. [Acesso em 07 de março de 2009].
- Moliner, P (1994). Les méthodes de repérage et d'identification du noyau représentations sociales. In C. Guimelli (Org.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 199-232). Lausanne: Delanchaux & Niestlé.
- Monteiro, C. A., Moura E. C., Jaime, P. C., Lucca, A., Florindo, A. A., Figueiredo, I. C. R., Bernal R., & Silva, N. N. (2005). Monitoramento de fatores de risco para as doenças crônicas por entrevista telefônicas. *Rev. Saúde Pública*, 39, 47-57.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981). On social representation. In J. P. Forgas (Ed.), *Social Cognition* (pp. 181-209). London: European Association of Experimental Social Psychology/Academic Press.
- Moura, E. C., Neto, O. L. M., Malta, D. C., Moura, L., Silva, N. N., Bernal, R., Claro, R. M., & Monteiro, C. A. (2008). Vigilância de fatores de risco para doenças crônicas por inquérito telefônico nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal (2006). *Rev. Bras. Epidemiol.*, 11(supl 1), 20-37.
- Pinheiro, R. S., Viacava, F., Travassos, C., & Brito, A. S. (2002). Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 687-707.
- RIPSA (2008). *Indicadores Básicos para a Saúde no Brasil: conceitos e aplicações*. 2ª Edição. Disponível em: www.ripsa.org.br/fichaIDB/record.php?node=D.26&lang=pt. [Acesso em 02 de agosto de 2009].

- Robalo, J. (2009). Paradigmas da promoção, prevenção e cuidados em saúde. In M. Lopes, F. Mendes & A. Moreira (Orgs), *Saúde, educação e representações sociais: exercícios de diálogo e convergência* (pp. 143-150). Coimbra: Formasau.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2002). *Psicologia Social*. 21a ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Rodrigues, E. S. R., Cheik, N. C. & Mayer, A. F. (2008). Nível de atividade física e tabagismo em universitários. *Rev. Saúde Pública*, 42(4), 672-678.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sávio, K. E. O., Costa, T. H. M., Schmitz, B. A. S., & Silva, E. F. (2008). Sexo, renda e escolaridade associados ao nível de atividade física de trabalhadores. *Rev. Saúde Pública*, 42(3), 457-463.
- Scano, S., Junique, C., & Vergès, P. (2002). *Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations*, EVOC2000. Aix en Provence: Manuel d'utilisateur.
- Schraiber, L. B., Gomes, R., & Couto, M. T. (2005). Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, 10(1), 7-17.
- Siqueira, K. M., Barbosa, M. A., Brasil, V. V., Oliveira, L. M. C. O., & Andraus, L. M. S. (2006). Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. *Texto & Contexto enfermagem*, 15(1), 68-73.
- Souza, M. C., Otero, U. B., Almeida, L. M., Turci, S. R. B., Figueiredo, V. C., & Lozana, J. A. (2008). Auto-avaliação de saúde e limitações físicas decorrentes de problemas de saúde. *Rev. Saúde Pública*, 42(4), 741-749.
- Soares Neto, J. F. P. (2006). Santé. In B. Andieu (Org.), *Le dictionnaire du corps en sciences humaines e sociales* (pp. 455-457). Paris: CNRS Editions.
- Stédile, N. L. R. (1996). *Prevenção em saúde: comportamentos profissionais a desenvolver na formação do enfermeiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Área Metodologia do Ensino, da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.
- Straub, R. O. (2005). *Psicologia da saúde*. Porto Alegre: Artmed.
- Stroebe, W., & Stroebe, W. (1995). Determinantes do comportamento de saúde: uma análise ao nível da psicologia social. In W. Stroebe & W. Stroebe. *Psicologia Social e Saúde* (pp. 31-71). Lisboa: Instituto Piaget.
- Vergès, P. (2002). *L'analyse de similitude de questionnaires et de données numeriques*, SIMI2000. Aix en Provence: Manuel d'utilisateur, juillet.
- World Health Organization (WHO). (2003). *Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases*. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/trs/who_TRS_916.pdf. [Acesso em 15 de outubro de 2009].
- Xavier, A. T. F., Bittar, D. B., & Ataíde, M. B. (2009). Crenças no autocuidado em diabetes: implicações para a prática. *Texto contexto enferm, florianópolis*, 2009 jan-mar; 18(1), 124-30.

Enviado em Dezembro de 2010
Aceite em Março de 2011
Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Annie Mehes Maldonado Brito – Professora Mestre do curso de Psicologia da Universidade do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI e doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, SC, Brasil.

Brigido Vizeu Camargo – Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, SC, Brasil.

Elementos caracterizadores das representações sociais da aids para adultos

Jean Carlos Natividade

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS, Brasil

Brigido Vizeu Camargo

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Resumo

Elementos caracterizadores das representações sociais da aids podem revelar como as pessoas pensam e agem diante dessa doença. Nesta pesquisa, teve-se por objetivo encontrar elementos das representações sociais da aids para adultos e verificar relações entre os elementos e grupos formados a partir das variáveis sociodemográficas. Através de um questionário autoaplicável, 480 pessoas foram acessadas, com média de idade de 25,4 anos, 67,7% eram mulheres, com escolaridade variável entre 9 a mais de 15 anos de estudos e profissões ligadas ou não à área da saúde. Obteve-se um total de 28 elementos representativos da aids, os prováveis pertencentes ao núcleo central foram: prevenção; preservativo; doença; transmissão; sexo; descuido; medo e sofrimento. Também se verificaram associações significativas entre os grupos e a frequência para a maioria dos elementos, de forma que elementos de carga afetiva estiveram mais presentes entre os grupos de mulheres de menor escolaridade e não ligados à saúde.

Palavras-chave: Representação social, Aids, Adultos.

Characterizing elements of the social representations of adults on aids

Abstract

Characterizing elements of the social representations on aids may reveal how people think and act towards this illness. This study aimed to identify elements of the social representations of adults about aids and to verify relationships between the elements and groups formed from sociodemographic variables. Through a self-administered questionnaire, 480 people were accessed, with an age mean of 25.4 years, 67.7% of whom were women, school education ranging from 9 to over 15 years of study, and occupations linked or not to the health area. A total of 28 elements representative of aids were obtained. The likely components of the central core were: prevention, preservative, illness, transmission, sex, lack of care, fear and suffering. Significant associations were verified also among the groups and the frequencies for most elements, so that affectively loaded elements were more present among groups of female, of participants with less education years and not linked to health.

Keywords: Social representation, Aids, Adults.

Introdução

As representações sociais são definidas como o conhecimento elaborado socialmente e compartilhado entre as pessoas, com um objetivo prático, que converge para a construção de uma realidade comum a um grupo social sobre um determinado objeto (Jodelet, 2001). A partir das representações, se acessa a forma como as

pessoas compreendem um fenômeno e os elementos que utilizam para orientar e justificar suas ações (Rouquette, 1998). Quando o objeto de representação é a aids, as representações sociais podem fornecer elementos de caracterização de como grupos de pessoas pensam e agem diante dessa doença.

A comunicação, sobretudo a linguagem, é a principal responsável pela formação desse conhecimento compartilhado (Moscovici, 2003) e, no processo de formação das representações sociais, palavras ou expressões ganham qualificação de elementos caracterizadores que se relacionam entre si dando forma às representações. Esses elementos organizam-se em volta de uma estrutura específica, de maneira hierarquizada e com um núcleo central (Abric, 1998). Em torno deste núcleo organizam-se elementos periféricos.

O núcleo central singulariza a representação e a individualiza. Possui uma função geradora, pois é a partir do núcleo central que se criam ou se transformam os significados dos outros elementos da representação; e uma função organizadora que determina a natureza da conjunção entre os elementos da representação, garantindo unidade e estabilidade ao núcleo (Abric, 1998). Os elementos periféricos organizam-se em torno do núcleo central e descrevem os elementos mais concretos, acessíveis e cotidianos. Os elementos periféricos têm função de prescritores de comportamentos, indicam como as pessoas agem espontaneamente em um determinado contexto (Flament, 2001).

Os estudos sobre representações sociais, de acordo com o interesse da pesquisa, podem se dividir entre duas principais orientações: uma que procura compreensão dos processos geradores e mantenedores do conhecimento compartilhado; e outra que busca a estrutura organizativa desse conhecimento (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000). Muitas vezes esses interesses são combinados em uma mesma pesquisa, em outras são investigados independentemente. No que tange a pesquisas sobre representações sociais da aids destacaram-se como de características compreensivas os estudos de Andrade e Nóbrega-Therrien (2005), Azevedo, Fonseca, Coutinho e Saldanha (2006), Brasileiro e Freitas (2006), Camargo (2000), Cardoso e Arruda (2004), Castanha e Araújo (2006), Castanha, Coutinho, Saldanha e Ribeiro (2006), Giacomozzi e Camargo (2004), Oltramari e Camargo (2004), Palacios e Alba (2006) e Ribeiro, Coutinho, Saldanha e Azevedo (2006a), Rodrigues, Sobrinho e Silva (2005). Enquanto nos estudos de Camargo, Barbará e Bertoldo (2007), Flores-Palacios e Leyva-Flores (2003), Goodwin et al. (2003), Marques,

Oliveira e Francisco (2003), Marques, Oliveira e Gomes (2004); Natividade (2009), Ribeiro, Castanha, Coutinho e Saldanha (2005), Ribeiro, Coutinho e Saldanha (2004), Ribeiro, Coutinho, Saldanha e Castanha (2006b), Thiengo, Oliveira e Rodrigues (2002) e de Tura (1998) encontrou-se a saliência de aspectos estruturais das representações sociais da aids.

As representações sociais são fenômenos grupais, como tal, cada grupo de pessoas representa de forma específica e singular determinados objetos (Jodelet, 2001). As representações sociais da aids em grupos de adolescentes estudantes do ensino médio foram examinadas por Camargo et al. (2007), que demonstraram a presença dos seguintes elementos em seu núcleo: descuido, doença, irresponsabilidade, medo, morte, preservativo, prevenção, preconceito, sexo, sofrimento e tristeza. Tura (1998) também encontrou para adolescentes os elementos morte, sexo, camisinha e doença como centrais para a representação social da aids. Natividade (2009) verificou, a partir da valorização simbólica de 11 elementos previamente identificados como centrais para a representação social da aids para adolescentes, que três fatores poderiam ser considerados como representativos da aids para o grupo estudado: responsabilidade perante o contágio, medo das consequências do contágio e descrição da aids.

Thiengo et al. (2002) identificaram que nas representações de adolescentes sobre a aids permeavam noções de prevenção sexual. Azevedo et al. (2006) constataram que, para adolescentes mais novos (12 a 14 anos), as representações sociais da aids estavam vinculadas a afetos negativos e a prevenção, enquanto para os mais velhos (18 a 19 anos) a representação trazia à tona características de responsabilidade perante o contágio. Fora do Brasil, Flores-Palacios e Leyva-Flores (2003), encontraram no núcleo central das representações sociais da aids, para um grupo de estudantes do ensino médio da Cidade do México, três elementos: morte, doença e sexo. Enquanto no sistema periférico, identificaram os elementos: baixa autoestima, sofrimento, hospitalais, sangue, tristeza, homossexuais, imunodeficiência, preocupação, terror, adolescência, degenerados, degradação, parceiro, ignorância.

Também no México, Palacios e Alba (2006) investigaram as representações sociais de jovens universitários mexicanos acerca da

aids e identificaram duas dimensões de conhecimento: uma ligada ao conhecimento prático, com conteúdo sobre formas de contágio e prevenção; e outra relacionada ao conhecimento especializado sobre danos causados pelo HIV. Já no Brasil, Camargo (2000), em um grupo de universitários, encontrou como elementos centrais da representação social da aids: sexo e prevenção, o que caracterizou a relação da aids com a noção de prevenção sexual. Ao comparar as representações do grupo de homens e do grupo de mulheres, Camargo (2000) observou que para os homens a aids aparecia como uma doença temível que deveria ser prevenida e estava ligada ao sexo e ao uso de drogas. Para as mulheres, estaria ligada ao sexo e à morte, devendo ser prevenida por meio da adoção do uso de preservativo. O discurso sobre o uso do preservativo das mulheres foi associado nos estudos de Giacomozzi e Camargo (2004) e Oltramari e Camargo (2004) à ausência de parceiro fixo, no sentido que as participantes de seus estudos salientaram a importância do uso do preservativo caso não tivessem parceiros fixos. Para homens, Andrade e Nóbrega-Therrien (2005) encontraram a aids vinculada à sexualidade e à morte; e, embora se percebessem como vulneráveis à doença, os homens pesquisados pareciam desvincular a aids do seu cotidiano real.

Goodwin et al. (2003) investigaram representações sociais da aids entre adultos de diferentes culturas (Estônia, Geórgia, Hungria, Polônia e Rússia) e ocupações (profissionais da saúde e empresários). Os elementos mais frequentemente evocados foram (em ordem decrescente): doença, morte, drogas, sangue, homossexual, camisinha, atividade sexual, medo, África, prostituição, sexo casual, infortúnio e intolerância, desesperança. Os autores verificaram não haver diferenças significativas nos elementos evocados por profissionais da saúde e empresários, o que também ocorreu em relação à comparação entre os países.

No Brasil, Marques et al. (2003) apontaram que trabalhadores da enfermagem de um hospital indicavam em suas representações sobre a aids noções de possibilidade de prevenção da doença, enquanto trabalhadores técnicos-administrativos do mesmo hospital não apresentavam essa noção, mas sim elementos de carga afetiva ligados à doença. A noção de prevenção foi encontrada por

Castanha e Araújo (2006) entre agentes de saúde relacionada ao sexo feminino e à idade mais elevada dessas trabalhadoras. Marques et al. (2004) também encontraram relação com a idade elevada e a inclusão da noção de prevenção sexual no núcleo das representações sociais da aids para trabalhadores de um hospital. Ainda com profissionais de saúde, Ribeiro et al. (2004) e Ribeiro et al. (2006b) encontraram a ideia de solidariedade e apoio nas representações dos grupos de trabalhadores com idades mais elevadas. De outro modo, Rodrigues et al. (2005) identificaram um conhecimento fragmentado sobre aids entre profissionais de saúde que poderiam estar orientando práticas preconceituosas no acolhimento de pacientes.

Ao estudar os pacientes soropositivos, Ribeiro et al. (2006a) encontraram representações que marcavam o preconceito percebido pelos portadores do vírus, enquanto Cardoso e Arruda (2004) e Ribeiro et al. (2005) encontraram representações envoltas por noções de possibilidades de tratamento e ameaça à vida. O tratamento para a aids foi semelhantemente salientado na pesquisa de Castanha et al. (2006), incluindo a ancoragem da aids na categoria de doença crônica. Enquanto ameaça à vida foi também destacada por Brasileiro e Freitas (2006) em representações de portadores de HIV com mais de 50 anos de idade.

Tendo em vista a pluralidade de noções encontrada nas caracterizações das representações sociais da aids e, de certa forma, a tendência a se encontrar pontos comuns nos elementos formadores das representações desse objeto, buscou-se neste estudo: 1) descrever elementos caracterizadores da representação social da aids para adultos; 2) verificar relações na evocação de elementos da representação social da aids entre grupos formados *a posteriori* a partir das variáveis sexo, escolaridade e área de atuação profissional (área da saúde e não saúde).

Método

Participantes

Participaram 480 pessoas, amostra de conveniência, com idades variáveis entre 18 e 63 anos ($M = 25,4$ anos; $DP = 8,2$ anos), 67,7% eram mulheres ($n = 325$ mulheres). Do total de participantes, 65,2% declararam possuir uma

fonte de renda mensal, que variou entre R\$ 250,00 a R\$ 12.000,00, a média de rendimentos mensais foi de R\$ 1.470,63 ($DP = R\$ 1.334,84$). Sobre a situação conjugal, 75% declararam-se solteiros (dentre esses 56% namoravam), 22,3% casados ou em união estável e 2,7% separados ou divorciados.

Quanto à escolaridade, 20% dos participantes tinham de 9 a 11 anos de estudo (estudantes do Ensino Médio), 55,8% de 12 a 15 anos de estudo (estudantes de Curso Superior) e 24,2% mais de 15 anos de estudo (estudantes de Pós-graduação). Dos participantes com 12 a 15 anos de estudos, 51,7% eram estudantes de cursos de graduação de áreas não relacionadas à saúde, como: Administração, Ciências Contábeis, Direito, Pedagogia e Publicidade; outros 48,3% eram estudantes de cursos de graduação ligados à área da saúde, tais quais: Enfermagem, Farmácia, Medicina e Nutrição. Dos participantes com mais de 15 anos de estudos, 53% eram graduados em cursos não ligados à área da saúde, como: Administração, Arquitetura, Comércio Exterior, Ciências Contábeis, Design Gráfico, Economia, Hotelaria e Turismo, Letras, Pedagogia, Processamento de dados, Publicidade e Propaganda e Secretariado Executivo; os outros 47% dos participantes eram graduados em cursos relacionados à área da saúde, a saber: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina e Psicologia.

Instrumentos

Utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, um questionário autoaplicável de respostas abertas e fechadas, com 10 questões divididas em dois blocos: (a) sociodemográficas (oito questões) e (b) representações sociais (duas questões).

a) *Sociodemográficas*: sexo (masculino ou feminino), idade (em anos), escolaridade (Ensino Médio, Graduação ou Pós-graduação), curso que frequenta, profissão ou ocupação, o valor dos rendimentos mensais (em Reais), estado civil e se namora ou não;

b) *Representações sociais*: uma pergunta de evocação livre sobre representação social da aids em que os participantes deveriam citar as cinco primeiras palavras que lembrassem a partir do termo indutor aids; e uma pergunta em que os participantes deveriam escolher duas palavras consideradas as mais

importantes entre as cinco citadas na primeira questão.

Procedimentos

Os participantes foram localizados através de quatro instituições de ensino de Santa Catarina, uma de Ensino Médio para jovens e adultos, uma de ensino de Graduação, uma de Pós-graduação e uma de Graduação e Pós-graduação. Após contato com responsáveis pelas instituições, agendaram-se as aplicações coletivas por turmas, durante os horários e nos próprios locais onde os participantes tinham aulas. As coletas duraram em média 15 minutos para cada turma e foram precedidas, além das considerações éticas, por instruções sobre como responder ao questionário: atentar para leitura dos enunciados, responder conforme a ordem que as questões apareciam, responder individualmente, não deixar itens sem resposta. Após a coleta de dados nas turmas de Ensino Médio para jovens e adultos, procedeu-se uma orientação sobre formas de contágio e prevenção ao HIV, conforme solicitação da instituição.

Os dados foram analisados em conjunto e em todas as análises inferenciais adotou-se o nível de significância de 0,05. As respostas sociodemográficas tiveram suas frequências, médias e desvios padrões calculados para descrever os participantes e foram relacionadas entre si através de correlação de *Pearson*, teste qui-quadrado, teste t de *Student*, ANOVA *one-way*. A escolaridade foi classificada em três grupos correspondentes aos anos de estudo que os participantes possuíam: 9 a 11 anos de estudos (para aqueles que cursavam Ensino Médio), 12 a 15 anos de estudos (para aqueles que cursavam Graduação) e mais de 15 anos de estudos (para aqueles que cursavam Pós-graduação). A profissão e/ou o curso que frequentavam permitiu agrupar os participantes em dois grupos: relacionado à área da saúde, não relacionado à área da saúde.

As palavras oriundas da questão sobre a representação social da aids tiveram suas frequências de evocação calculadas; em seguida, foram agrupadas de acordo com a semelhança de significado, a partir da avaliação de dois juízes, e formaram-se categorias, essas categorias denominaram-se elementos da representação social da aids. Todas as palavras com mais de cinco evocações integraram um elemento, de forma que mais de 90% do total

de evocações foi contabilizado. Então se calculou a frequência de participantes que citaram cada elemento, denominou-se frequência de citação de cada elemento, e, através da ordem de evocação (variável de primeiro a quinto elemento citado), as médias e desvios padrões de prontidão de evocação de cada um. Para a prontidão de evocação, estipulou-se que, quando citado em primeira ordem, atribuiu-se cinco pontos; em segunda ordem, quatro pontos; em terceira, três pontos; em quarta, dois pontos; em quinta, um ponto; não citado o elemento, zero pontos e não se computava o participante no cálculo da média; casos em que o elemento foi citado em mais de uma ordem, computou-se a de maior pontuação (maior prontidão). Foram testadas associações entre frequência de participantes que evocaram os elementos e as variáveis sociodemográficas sexo, escolaridade e grupo saúde/não saúde através de teste qui-quadrado e exato de Fisher, e as diferenças entre médias de prontidão de evocação através do teste t de Student e ANOVA one-way.

A partir dos elementos, a fim de definir a frequência de corte para os gráficos de quadrantes da representação social da aids, calculou-se a média da frequência de citação por elemento, sendo a soma das frequências de citação de cada elemento dividida pelo número de elementos. Também se calculou a média da prontidão de evocação para os elementos, com a soma das médias de todos os elementos dividida pelo número de elementos. Seguiu-se o mesmo procedimento para as palavras (entre as cinco citadas) marcadas como as mais importantes pelos participantes.

O desenvolvimento da pesquisa deu-se conforme a resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob número 200/09.

Resultados

A média de idade dos participantes foi equivalente entre os sexos [$t(478) = 0,38$; $p = 0,70$], a renda mensal também não se mostrou diferente entre homens e mulheres [$t(311) = 0,91$; $p = 0,36$]. Já o nível de escolaridade associou-se ao sexo dos participantes [$X^2(2, N = 480) = 9,41$; $p < 0,01$], de forma que 55,2% dos

participantes com 9 a 11 anos de estudos eram mulheres, 69,4% dos que tinham de 12 a 15 anos de estudos eram mulheres e 74,1% dos que tinham 16 ou mais anos de estudos também eram do sexo feminino.

As médias de idades dos participantes com diferentes níveis de escolaridade mostraram-se diferentes, os mais velhos tinham mais de 15 anos de estudos ($M = 31,4$ anos; $DP = 7,7$ anos), os mais novos tinham de 12 a 15 anos de estudos ($M = 22,0$ anos; $DP = 5,1$ anos), já os com 9 a 11 anos de estudo tinham em média 27,7 anos ($DP = 10,8$ anos) [$F(2) = 73,31$; $p < 0,01$].

Ao se considerarem os grupos formados pelos participantes ligados à área da saúde e os não ligados à área da saúde, constatou-se associação entre os grupos e o sexo dos participantes [$X^2(1, N = 477) = 23,52$; $p < 0,01$], de maneira que o grupo da saúde foi formado em 80,9% por mulheres, enquanto o não saúde por 59,5% mulheres. De forma semelhante, os grupos associaram-se à escolaridade dos participantes [$X^2(2, N = 477) = 73,90$; $p < 0,01$], tendo em vista que 32,3% do grupo não saúde foi formado por participantes com 9 a 11 anos de estudos, 46,9% por indivíduos com 12 a 15 anos de estudos e 20,7% por participantes com mais de 15 anos de estudos; o grupo da saúde constituído em 70,5% por pessoas com 12 a 15 anos de estudos e em 29,5% por participantes com mais de 15 anos de estudos. No entanto, as médias de idades dos participantes nos dois grupos não se diferenciaram [$t(430,83) = 1,32$; $p = 0,19$].

Com relação às evocações, obteve-se um total de 2.377 ocorrências distribuídas entre 384 palavras diferentes. A partir do agrupamento de palavras com significados semelhantes, foram configurados 28 elementos que abarcaram 90,35% do total de evocações. A Tabela 1 apresenta os elementos das representações sociais da aids, o número de evocações dos elementos, o número de palavras diferentes que compõem os elementos, a frequência de pessoas que citaram e a média de prontidão de evocação dos elementos. Também se calculou a média da frequência de citação (Mfc) de todos os elementos que foi de 71,71 participantes e a média de prontidão de evocação (Mpe) para todos os elementos que foi de 3,00 pontos.

Tabela 1 - Elementos, número de evocações por elemento, número de palavras diferentes que compuseram os elementos, frequência de participantes que os citaram e média de prontidão de evocação.

Elementos	Número de evocações	Número de palavras	Frequência de participantes	Média de prontidão
Doença	211	5	208	4,25 (DP= 1,16)
Morte	173	15	168	2,93 (DP= 1,43)
Preservativo	150	4	146	3,08 (DP= 1,24)
Sexo	140	6	140	3,28 (DP= 1,28)
Prevenção	129	4	128	3,38 (DP= 1,48)
Sofrimento	178	11	128	3,05 (DP= 1,40)
Preconceito	142	10	127	2,72 (DP= 1,41)
Cuidados	127	12	104	2,94 (DP= 1,41)
Transmissão	107	8	100	3,42 (DP= 1,33)
Medo	90	2	86	3,08 (DP= 1,55)
Descuido	93	11	78	3,13 (DP= 1,22)
Tratamento	83	11	78	2,18 (DP= 1,18)
Conscientização	81	22	71	2,56 (DP= 1,33)
Sem cura	63	3	62	2,82 (DP= 1,44)
Grupo de risco	51	24	43	2,74 (DP= 1,16)
Vírus	42	3	41	3,68 (DP= 1,35)
Drogas	41	7	39	2,59 (DP= 1,12)
DST	36	2	36	4,08 (DP= 1,27)
Imunidade	33	5	31	3,13 (DP= 1,28)
Perigo	31	2	31	2,87 (DP= 1,43)
Sangue	37	6	29	2,52 (DP= 0,99)
Apoio	33	11	27	2,40 (DP= 1,19)
Superação	28	8	26	2,04 (DP= 1,04)
Vida	22	4	22	2,23 (DP= 1,38)
Sintomas	21	10	20	3,10 (DP= 1,17)
Grave	17	10	15	3,60 (DP= 1,24)
Problema	14	4	14	2,78 (DP= 1,31)
Saúde	10	2	10	3,50 (DP= 1,08)

Observou-se que os elementos *doença*, *transmissão*, *prevenção*, *sexo*, *descuido*, *preservativo*, *medo* e *sofrimento* obtiveram frequência de citação e prontidão de evocação superiores às médias (prováveis elementos do núcleo central da representação social). Os elementos *morte*, *cuidados*, *preconceito*, *conscientização* e *tratamento* tiveram frequência

superior à média, porém foram menos prontamente evocados (prováveis elementos intermediários da representação social). Os elementos *DST*, *vírus*, *grave*, *saúde*, *imunidade* e *sintomas* apresentaram frequência inferior à média, mas prontidão de evocação superior (prováveis elementos intermediários da representação social). Já os elementos *perigo*,

sem cura, problema, pessoas, drogas, sangue, apoio, vida e superação apresentaram frequência e média de prontidão inferiores à média (elementos periféricos da representação social). A partir da questão sobre a escolha das duas palavras mais importantes entre as evocadas pelos participantes, constatou-se que dois elementos tiveram frequências de citação superiores à média: *prevenção* e *preservativo* (confirmados no núcleo central). A Figura 1 ilustra tais observações.

Quando comparadas as frequências de citação entre os participantes do sexo masculino e feminino, verificou-se que quatro elementos associaram-se ao sexo: *transmissão* [$X^2(1, N = 480) = 7,37; p < 0,01$]; *medo* [$X^2(1, N = 480) = 7,52; p < 0,01$]; *grupo de risco* [$X^2(1, N = 480) = 11,92; p < 0,01$]; *sangue* [$X^2(1, N = 480) = 5,33; p < 0,05$]. *Transmissão* foi citado por 24,3% das mulheres, contra 13,5% dos homens. *Medo*, por 21,2% das mulheres e 11% dos homens. Já o elemento *grupo de risco* foi evocado por 15,5% dos homens, enquanto 5,8% das mulheres o

evocou. E o elemento *sangue*, 9,7% dos homens o citou e 4,3% das mulheres. Quanto à prontidão de evocação, o elemento *sexo* diferenciou-se entre homens ($M = 3,67$ pontos; $DP = 1,25$ pontos) e mulheres ($M = 3,05$ pontos; $DP = 1,24$ pontos) [$t(138) = 2,89; p < 0,01$].

A escolaridade dos participantes associou-se aos elementos *sofrimento* [$X^2(2, N = 480) = 10,11; p < 0,01$]; *preconceito* [$X^2(2, N = 480) = 16,34; p < 0,01$] e *grupo de risco* [$X^2(2, N = 480) = 6,31; p < 0,05$]. *Sofrimento* foi citado por 37,5% dos participantes com 9 a 11 anos de estudos, por 26,5% dos com 12 a 15 anos de estudos e por 18,1% dos com mais de 15 anos de estudos. *Preconceito* foi evocado por 41,5% dos participantes com 9 a 11 anos de estudos, por 20,5% dos com 12 a 15 anos de estudos e por 27,6% dos com mais de 15 anos de estudos. Dos participantes com 9 a 11 anos de estudo, 8,3% citou o elemento *grupo de risco*, 6,7% dos com 12 a 15 anos de estudos o citou e 14,7% dos com mais de 16 anos de estudos também.

<i>Mfc > 71, Mpe > 3</i>			<i>Mfc > 71, Mpe < 3</i>		
	<i>f_p</i>	<i>M_p</i>		<i>f_p</i>	<i>M_p</i>
doença	208	4,25	morte	168	2,93
transmissão	100	3,42	cuidados	104	2,94
prevenção*	128	3,38	preconceito	127	2,72
sexo	140	3,28	conscientização	71	2,56
descuido	78	3,13	tratamento	78	2,18
preservativo*	146	3,08			
medo	86	3,08			
sofrimento	128	3,05			
<i>Mfc < 71, Mpe > 3</i>			<i>Mfc < 71, Mpe < 3</i>		
	<i>f_p</i>	<i>M_p</i>		<i>f_p</i>	<i>M_p</i>
DST	36	4,08	perigo	31	2,87
vírus	41	3,68	sem cura	62	2,82
grave	15	3,6	problema	14	2,79
saúde	10	3,5	grupo de risco	43	2,74
imunidade	31	3,13	drogas	39	2,59
sintomas	20	3,1	sangue	29	2,52
			apoio	27	2,41
			vida	22	2,23
			superação	26	2,04

* Consideradas as mais importantes.

Figura 1 - Quadrantes das representações sociais da aids.

Com relação às diferenças entre prontidão de evocação, constatou-se que os elementos *preconceito* [$F(2) = 6,25$; $p < 0,05$] e *medo* [$F(2) = 7,66$; $p < 0,05$] foram diferentes para os participantes com níveis de escolaridade diferentes. *Preconceito* foi mais prontamente evocado por aqueles com 9 a 11 anos de estudo ($M = 3,18$ pontos; $DP = 1,45$ pontos) que por aqueles com 12 a 15 anos de estudos ($M = 2,55$ pontos; $DP = 1,44$ pontos) e com mais de 15 anos de estudos ($M = 2,44$ pontos; $DP = 1,19$ pontos). O elemento *medo* foi mais prontamente citado por aqueles com mais de 15 anos de estudos ($M = 3,62$ pontos; $DP = 1,56$ pontos) comparado aos com 12 a 15 anos de estudos ($M = 2,71$ pontos; $DP = 1,49$ pontos), entre os com 9 a 11 anos de estudos ($M = 3,17$ pontos; $DP = 1,50$ pontos) e os outros dois grupos não houve diferenças.

As relações entre os elementos citados e os grupos de participantes das áreas da saúde e não saúde indicaram associações para 10 elementos com os grupos, de forma que: o elemento *morte* foi evocado por 40,1% dos participantes da área da saúde, enquanto 27,3% dos da área não saúde o citaram [$X^2(1, N = 477) = 8,12$; $p < 0,01$]; *sofrimento* foi citado por 32,7% do grupo não saúde e por 16,9% do grupo saúde [$X^2(1, N = 477) = 14,25$; $p < 0,01$]; *prevenção* foi evocado por 21,8% dos participantes da área não saúde e por 34,4% da área da saúde [$X^2(1, N = 477) = 9,25$; $p < 0,01$]; *preconceito* foi citado por 30,6% dos participantes da área não saúde, contra 19,7% da área da saúde [$X^2(1, N = 477) = 6,94$; $p < 0,01$]; o elemento *transmissão* foi evocado por 16% dos participantes da área não saúde e por 29% dos participantes da área saúde [$X^2(1, N = 477) = 11,46$; $p < 0,01$]; *descuido* foi evocado por 18,7% do grupo não saúde e por 11,5% do grupo saúde [$X^2(1, N = 477) = 4,40$; $p < 0,05$]; *tratamento* foi citado por 12,2% daqueles da área não saúde e por 23% dos participantes da saúde [$X^2(1, N = 477) = 9,45$; $p < 0,01$]; *vírus* foi evocado por 5,4% dos participantes do grupo não saúde, enquanto 13,7% do grupo saúde o citou [$X^2(1, N = 477) = 9,70$; $p < 0,01$]; *DST* foi evocado por 5,4% dos participantes da área não saúde e por 10,9% dos participantes da área saúde [$X^2(1, N = 477) = 4,87$; $p < 0,05$]; *imunidade* foi evocado por 0,7% do grupo não saúde e por 15,8% do grupo saúde (Exato de Fisher; $p < 0,01$).

Ao se testarem as diferenças entre prontidão de evocação para os dois grupos,

verificou-se que *imunidade* foi mais prontamente evocado pelo grupo da saúde ($M = 3,21$ pontos; $DP = 1,29$ pontos) que pelo grupo não saúde ($M = 2,00$ pontos; $DP = 0$) [$t(28) = 5,03$; $p < 0,01$]. *Sintomas* foi mais prontamente evocado pelos participantes da área da saúde ($M = 3,64$ pontos; $DP = 1,03$) que por aqueles da área não saúde ($M = 2,44$ pontos; $DP = 1,01$ pontos) [$t(18) = 2,60$; $p < 0,05$]. O elemento *grave* foi mais prontamente citado pelos participantes do grupo não saúde ($M = 3,92$ pontos; $DP = 1,16$ pontos) que por aqueles do grupo saúde ($M = 2,33$ pontos; $DP = 0,58$ pontos) [$t(13) = 2,24$; $p < 0,05$]. O elemento *saúde* foi evocado mais prontamente pelo grupo não saúde ($M = 4,00$ pontos; $DP = 0,58$ pontos) que pelo grupo saúde ($M = 2,33$ pontos; $DP = 1,15$ pontos) [$t(8) = 3,16$; $p < 0,05$].

Discussão

Os elementos encontrados como possíveis pertencentes ao núcleo central das representações sociais da aids foram: *doença*; *transmissão*; *prevenção*; *sexo*; *descuido*; *preservativo*; *medo* e *sofrimento*. Alguns desses elementos também já foram descritos como pertencentes ao núcleo central da representação social da aids para grupos de adolescentes (Camargo et al., 2007; Flores-Palacios & Leyva-Flores, 2003; Thiengo et al., 2002; Tura, 1998), universitários (Camargo, 2000; Palacios & Alba, 2006), idosos (Brasileiro & Freitas, 2006), portadores de HIV (Cardoso & Arruda, 2004; Castanha et al., 2006; Ribeiro et al., 2005; Ribeiro et al., 2006a), profissionais de saúde (Castanha & Araújo, 2006; Coutinho et al., 2004; Marques et al., 2003; Marques et al., 2004; Ribeiro et al., 2005; Ribeiro et al., 2006a; Ribeiro et al., 2006b; Rodrigues et al., 2005), trabalhadores em geral (Goodwin et al., 2003; Marques et al., 2003; Marques et al., 2004; Ribeiro et al., 2006a).

Os elementos que caracterizaram o sistema periférico para esta amostra (*morte*, *cuidados*, *preconceito*, *conscientização*, *tratamento*, *DST*, *vírus*, *grave*, *saúde*, *imunidade*, *sintomas*, *perigo*, *sem cura*, *problema*, *grupo de risco*, *drogas*, *sangue*, *apoio*, *vida*, *superação*) também coincidem com elementos descritores desse sistema para a representação social da aids de grupos de adolescentes, universitários, idosos, profissionais de saúde, portadores de HIV, trabalhadores em geral. Sejam pertencentes ao núcleo central ou ao sistema

periférico, os elementos da representação social da aids evocados pela amostra deste estudo encontram-se em acordo com os citados por amostras de pessoas de idades, nacionalidades (Palacios & Alba, 2006; Flores-Palacios & Leyva-Flores, 2003; Goodwin et al., 2003), profissões e escolaridades diferentes.

Os elementos confirmados como os mais representativos da aids pelos participantes foram *prevenção* e *preservativo*. Esses achados foram encontrados também por Camargo et al. (2007), Castanha e Araújo (2006), Marques et al. (2004), Palacios e Alba (2006) ressaltam a importância associada à prevenção como elemento central da representação social da aids. Apesar de pesquisas nacionais (Ministério da Saúde, 2008) apontarem uma utilização inconstante do preservativo como estratégia de prevenção sexual, nota-se que, em geral, os participantes declararam como importantes à prevenção e uso do preservativo quando se referiram à aids. Isso corrobora a inferência de que o núcleo da representação social da aids para essa amostra apresenta elementos dissociados da vivência cotidiana e carregados de símbolos idealizados, embora de fato não se tenham associações entre o uso ou não do preservativo e a evocação de elementos da representação social.

Ao testar as associações entre a frequência de citação dos elementos e o sexo dos participantes, verificou-se que os homens citaram mais frequentemente os elementos *sangue* e *grupo de risco*. O elemento *sangue* representa uma das formas de contaminação da aids e também foi associado por Camargo et al. (2007) a participantes com maior conhecimento científico. Sugere-se que os homens representem a aids ancorados em elementos oriundos do conhecimento científico, que traz o *sexo*, citado mais prontamente por homens, também como uma forma de contaminação. Tal inferência pode ser reforçada pelo elemento *grupo de risco*, que se refere a palavras citadas que remetem um conhecimento acerca da história da epidemia, às principais pessoas atingidas pelo vírus no início da epidemia, tal como encontrado por Camargo (2000) tanto para homens como para usuários de drogas. *Grupo de risco* também diz respeito a estereótipos de pessoas contaminadas, o que pode apoiar as conclusões de Andrade e Nóbrega-Therrien (2005) sobre a desvinculação da aids do cotidiano real dos homens.

Já as mulheres citaram os elementos *transmissão* e *medo* mais frequentemente que os homens. O elemento *transmissão* denota uma preocupação das mulheres maior que dos homens com uma consequência do vírus da aids, Camargo (2000) constatou algo semelhante ao verificar que mulheres vinculavam a aids ao sexo e à morte. Ajuntada ao elemento *medo*, elemento também encontrado na representação social de mulheres por Castanha e Araújo (2006), essa hipótese de preocupação maior entre as mulheres ganha força. As mulheres associam à doença elementos com carga afetiva, tal como constataram também Azevedo et al. (2006) e Camargo et al. (2007) e supõe-se que temam contrair o vírus, mais que os homens, por atribuírem uma possibilidade real de que isso ocorra. Ao encontro dessa ideia de temor maior nas mulheres, Giacomozzi e Camargo (2004) verificaram a noção de proteção e temor nas representações sociais da aids de mulheres com relacionamento estável, constataram que elas consideravam-se protegidas do HIV na medida que confiavam no parceiro e atribuíam perigo de contaminação a pessoas sem relacionamento fixo, semelhante também aos achados de Oltramari e Camargo (2004).

Com relação às associações entre evocação de elementos e a escolaridade dos participantes, verificou-se que aqueles com menos escolaridade (9 a 11 anos de estudos) citaram mais frequentemente que os demais participantes os elementos *sofrimento* e *preconceito*. Estima-se que a associação ao elemento *sofrimento* refira-se a um desconhecimento científico sobre o tratamento e transcurso da aids, tal como concluíram Cardoso e Arruda (2004) para soropositivos ao HIV não aderentes ao tratamento. O elemento *preconceito*, também mais prontamente evocado por essa população, suscita uma empatia pelos portadores de HIV e por possíveis situações de discriminação vivida por eles. Ribeiro et al. (2006b) verificaram o *preconceito* como importante elemento na representação social da aids para doentes de aids, o que exalta a ideia de discriminação vivida por essas pessoas e consequente associação do preconceito à aids também pelos não doentes de aids, seja por empatia ou por seus próprios preconceitos. Estima-se que esse grupo (menos escolaridade) possa também ter vivenciado com maior frequência algum

preconceito em função da pouca escolaridade em relação à idade e dessa forma transpor com maior frequência esse elemento para a representação social da aids.

O grupo com 12 a 15 anos de estudos citou o elemento *sofrimento* mais frequentemente que o grupo com mais de 15 anos de estudos, o que reforça a ideia acima de associação desse elemento com o grau de conhecimento científico. O grupo com mais de 15 anos de estudos evocou mais frequentemente que o grupo com 12 a 15 anos de estudos o elemento *preconceito*, o que pode indicar uma interferência na evocação desse elemento de um sentimento de empatia dos profissionais da saúde com os portadores do HIV, como apontaram Ribeiro et al. (2004) para enfermeiras que atendem doentes de aids, e corrobora a hipótese de 'colocar-se no lugar do outro' citada anteriormente para esse elemento. O elemento *grupo de risco* foi mais frequentemente evocado por aqueles com mais de 15 anos de estudos que pelos outros participantes, estima-se que essa associação se deva aos maiores níveis de conhecimento científico dessa população. Pois esse elemento, além de conter estereótipos de pessoas contaminadas, refere-se a um conhecimento sobre a história da epidemia.

No tocante às diferenças entre evocação dos elementos da representação social da aids para os grupos de profissionais da área da saúde e os de outras áreas, observou-se que *preconceito*, *sofrimento* e *descuido* foram mais frequentemente citados pelos participantes do grupo não saúde. Os elementos *preconceito* e *sofrimento* ainda se associaram ao grupo de participantes com menor escolaridade, de forma que ao mesmo tempo em que suscitam uma carga afetiva à representação da aids, o que é reforçado por uma maior prontidão de evocação do elemento *grave*, também refletem uma baixa possibilidade de exposição ao conhecimento científico sobre o tema. Somado a isso, o elemento *descuido* remete ao comportamento de prevenção do HIV (falta de prevenção) difundido em campanhas de prevenção da aids. Supõe-se que os participantes do grupo não saúde representem a aids com elementos afetivos e veiculados na mídia, tal como também verificaram Ribeiro et al. (2006a) e Cardoso e Arruda (2004) para doentes de aids e Camargo et al. (2007) para adolescentes com pouco conhecimento científico sobre HIV/aids,

em função da ausência de treinamento sobre HIV/aids e consequente desvinculação com o saber científico.

O grupo de participantes da área da saúde evocou com maior frequência que os de outras áreas os elementos: *morte*, *prevenção*, *transmissão*, *tratamento*, *vírus*, *imunidade* e *DST*. Infere-se que esses elementos (1) revelem um conhecimento científico sobre HIV/aids, especialmente no caso de *transmissão*, encontrada também por Castanha e Araújo (2006); *tratamento*, identificado para profissionais da saúde por Ribeiro et al. (2004), Ribeiro et al. (2006b) e Ribeiro et al. (2006a); *vírus*, constatado ainda por Castanha e Araújo (2006); *imunidade* (também mais prontamente evocada pelo grupo saúde); *DST*, também verificado por Castanha e Araújo (2006). E (2) expressem vivências cotidianas de profissionais da saúde referente à aids, como *morte*, semelhantemente identificado para esses profissionais por Marques et al. (2003), Marques et al. (2004), Ribeiro et al. (2004), Ribeiro et al. (2006b); e *prevenção*, encontrado para esses profissionais ainda por Castanha e Araújo (2006), Marques et al. (2003), Marques et al. (2004), Ribeiro et al. (2004) e Rodrigues et al. (2005).

Aponta-se como uma limitação deste estudo, e de muitos que utilizam o mesmo método, a caracterização de representações sociais através do gráfico de quadrantes (Figura 1). Observa-se que, apesar de haver critérios para definição dos elementos que configuram cada quadrante, tais como a média da frequência de citação e média de prontidão de evocação, esses critérios não verificam a possibilidade da distribuição dos elementos nos quadrantes ocorrer ao acaso. Por exemplo, o elemento *descuido* com frequência de citação igual a 78 (pertencente ao núcleo central do gráfico de quadrantes) e o elemento *sem cura* com frequência de evocação igual a 62 (pertencente ao sistema periférico no gráfico de quadrantes) poderiam ter sua frequência igualada caso mais 16 participantes que citassem o elemento *sem cura* tivessem sido acessados. A mesma lógica transporta-se para as diferenças entre médias de prontidão de evocação.

No que diz respeito à maneira como os elementos destacados como os mais importantes são confirmados no núcleo central,

neste estudo, analogamente a muitos da área, utilizou-se o critério da superioridade da média de frequência de citação na confirmação dos elementos pertencentes ao núcleo. Porém, o critério para a pertença de um elemento ao núcleo central poderia ser pensado a partir das razões de chances de dois elementos serem escolhidos como os mais importantes entre cinco citados. Por exemplo, caso houvesse três elementos igualmente importantes, cada um deveria ter 33,33...% de chances de ser escolhido. Quando um elemento obtivesse frequência igual ou superior a 33,34% atenderia o critério e poderia ser considerado pertencente ao núcleo.

Uma tentativa de superar as limitações foi realizada neste estudo através da associação de frequência de citação e grupos formados a partir das variáveis sociodemográficas. Contudo, essa análise apenas caracterizou os elementos compartilhados pelos grupos e aqueles mais ou menos frequentes em determinados grupos. Considera-se importante o esforço no sentido de encontrar uma alternativa mais precisa de identificação dos elementos que conferem unidade às representações sociais, seja através de testes de proporções de citação para caracterização das diferenças reais entre os elementos em cada quadrante ou através de novos métodos de pesquisa.

Aponta-se ainda que, ao agrupar palavras com significados semelhantes, um número limitado de elementos representativos da aids poderia ser encontrado (encontrou-se 28, neste estudo) e estratégias metodológicas que destacassem valorização simbólica atribuída a esses elementos, tal como fez Natividade (2009) para um número reduzido de elementos, poderia fornecer dados inovadores no entendimento de como o conhecimento de senso comum sobre a aids se estrutura. Muito embora empreendimentos com esse viés pudessem ser elucidativos, há de se ressaltar que a pluralidade de significados atribuídos à aids se perderia em delineamentos deste tipo, e tal proposta não faria sentido caso os elementos postos à prova da valorização simbólica fossem obtidos a partir de grupos de pessoas diferentes dos pesquisados. Por fim, sugere-se que considerações como essas sejam levadas em conta na elaboração de pesquisas sobre o conhecimento de senso comum sobre a aids.

Referências

- Abrie, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Andrade, L. S., & Nóbrega-Therrien, S. M. (2005). A sexualidade masculina e a vulnerabilidade ao HIV/aids. *Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 17(2), 121-126.
- Azevedo, R. L. W., Fonseca, A. A., Coutinho, M. P. L., & Saldanha, A. A. W. (2006). Representações sociais da adolescente feminina acerca da sexualidade em tempo de aids. *Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 18(13), 204-210.
- Brasileiro, M., & Freitas, M. I. F. (2006). Representações sociais sobre aids de pessoas acima de 50 anos de idade, infectadas pelo HIV. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(5), 789-795.
- Camargo, B. V. (2000). Sexualidade e representações sociais da AIDS. *Revista de Ciências Humanas. Especial temática*, 3, 97-110.
- Camargo, B. V., Barbará, A., & Bertoldo, R. B. (2007). Concepção pragmática e científica dos adolescentes sobre a aids. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 277-284.
- Cardoso, G. P., & Arruda, A. (2004). As representações sociais da soropositividade e sua relação com a observância terapêutica. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(1), 151-162.
- Castanha, A. R., & Araújo, L. F. (2006). Representações sociais de agentes comunitários de saúde acerca da aids. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 17-30.
- Castanha, A. R., Coutinho, M. P. L., Saldanha, A. A. W., & Ribeiro, C. G. (2006). Aspectos psicossociais da vivência da soropositividade ao HIV nos dias atuais. *PSICO*, 37(1), 47-56.
- Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 173-186). Rio de Janeiro: UERJ.

- Flores-Palacios, F., & Leyva-Flores, R. (2003). Representación social del SIDA en estudiantes de la Ciudad de México. *Salud Publica de México*, 45(5), 624-631.
- Giacomozzi, A. I., & Camargo, B. V. (2004). Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da aids. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 31-44.
- Goodwin, R., Kozlova, A., Kwiatkowska, A., Luu, L. A. N., Nizharadze, G., Realo, A., Kylvet, A., & Rämmer, A. (2003). Social representations of HIV/AIDS in central and eastern Europe. *Social Science e Medicine*, 56, 1373-1384.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações Sociais* (pp. 17-29). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Marques, S. C., Oliveira, D. C., & Francisco, M. T. R. (2003). Abordagem estrutural das representações sobre a aids entre os servidores de um hospital universitário. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 7(2), 186-195.
- Marques, S. C., Oliveira, D. C., & Gomes, A. M. T. (2004). Aids e representações sociais: uma análise comparativa entre subgrupos de trabalhadores. *Psicologia: Teoria e Prática*, ed. Especial, 91-104.
- Ministério da Saúde Brasil. (2008). Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas da população brasileira de 15 a 64 anos de idade, 2008.
- Moscovici, S. (2003). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici, *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social* (pp. 7-109). Petrópolis: Vozes.
- Natividade, J. C. (2009). Agrupamento em fatores de elementos da representação social de da aids por adolescentes [Trabalho Completo]. VI *Jornadas Internacionales de Representaciones Sociales y las III Jornadas Nacionales de Representaciones Sociales*. Buenos Aires: JIRS.
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 287-299.
- Oltramari, L. C., & Camargo, B. V. (2004). Representações sociais de mulheres profissionais do sexo sobre a aids. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 317-323.
- Palacios, F. F., & Alba, M. (2006). El SIDA y los jóvenes: un estudio de representaciones sociales. *Salud Mental*, 29(3), 51-59.
- Ribeiro, C. G., Castanha, A. R., Coutinho, M. P. L., & Saldanha, A. A. W. (2005). A aids e suas contradições: representações sociais de seu atendimento e tratamento pelos profissionais e pacientes. *Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 17(2), 127-132.
- Ribeiro, C. G., Coutinho, M. P. L., & Saldanha, A. A. W. (2004). Estudo das representações sociais sobre a aids por profissionais de saúde que atuam no contexto da soropositividade para o HIV. *Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 16(4), 14-18.
- Ribeiro, C. G., Coutinho, M. P. L., Saldanha, A. A. W., & Azevedo, R. L. V. (2006a). Concepções da aids: o que pensam os profissionais e os pacientes? Concepção da aids. *Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 18(3), 185-189.
- Ribeiro, C. G., Coutinho, M. P. L., Saldanha, A. A. W., & Castanha, A. R. (2006b). Profissionais que trabalham com aids e suas representações sociais sobre o atendimento e o tratamento. *Estudos de Psicologia*, 23(1), 75-81.
- Rodrigues, M. P., Sobrinho, M. D., & Silva, E. M. (2005). Os cirurgiões-dentistas e as representações sociais da aids. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(2), 463-472.
- Rouquette, M. L. (1998). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Thiengo, M. A., Oliveira, D. C., & Rodrigues, B. M. R. D. (2002). Adolescentes, aids e práticas de proteção: uma abordagem estrutural das representações sociais. *Revista de enfermagem*, 10(2), 81-84.

Tura, L. F. R. (1998). AIDS e estudantes: a estrutura das representações sociais. In D. Jodelet & M. Madeira (Eds.), *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos* (pp. 121- 154). Natal: EDUFRN.

Enviado em Dezembro de 2010
Aceite em Março de 2011
Publicado em Julho de 2011

Sobre os autores:

Jean Carlos Natividade – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Brígido Vizeu Camargo – Doutor, Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos

Felipe Biasus

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – RS, Brasil

Aline Demantova

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Brigido Vizeu Camargo

Universidade Federal de Santa Catarina – SC, Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi descrever as representações sociais do envelhecimento e da sexualidade de pessoas com mais de 50 anos e verificar se elas estabelecem relações entre esses dois objetos. Participaram dessa pesquisa 80 pessoas, sendo 40 homens e 40 mulheres residentes em Florianópolis-SC e Erechim-RS, com idade entre 50 e 70 anos. Os dados foram coletados através de observação indireta utilizando-se técnicas de entrevista episódicas associadas à técnica não diretiva, além de um questionário contendo questões acerca do comportamento sexual dos participantes e itens de caracterização pessoal. Para a análise dos dados de caracterização, foi utilizado o programa estatístico SPSS e, para os textuais, o software ALCESTE. Os resultados indicaram que os participantes concebem as representações sociais dos objetos pesquisados de formas distintas, porém pode-se afirmar que a sexualidade é um fator importante para o envelhecimento, influenciando nos comportamentos desse grupo etário. Foi verificado que há uma compreensão diferente da sexualidade considerando-se a variável sexo. O presente trabalho poderá ser útil no desenvolvimento de campanhas para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis para esta faixa etária.

Palavras-chave: Representação social, Envelhecimento, Sexualidade.

Social representations of aging and sexuality for people over 50 years

The aim of this study was to describe the social representations of aging and sexuality in people over 50 years and to check if they establish relations between these two objects. 80 people participated in this study, 40 men and 40 women living in Florianópolis-SC and Erechim-SC, aged between 50 and 70 years. Data were collected through indirect observation employing episodic interview techniques associated with non-directive procedures, as well as a questionnaire containing questions about the sexual behavior of participants and personal characterization items. For the analysis of characterization data was used SPSS and for textual data the software Alceste. The results indicated that participants perceive the social representations of the objects surveyed in different ways, but we can affirm that sexuality is an important factor in aging, influencing the behaviors of this age group. It was verified that there is a different understanding of sexuality, considering the gender variable. This work may be useful in developing campaigns for the prevention of sexually transmitted diseases for this age group.

Keywords: Social representation, Aging, Sexuality.

Introdução

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-2006) apontou que o número de pessoas com mais de 60 anos chegou aos 19 milhões, correspondendo a 10,2% do total da população. Neste universo, as mulheres correspondem a pouco mais da metade (56%) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2007). A região Sul concentra a segunda maior participação de idosos de 60 anos ou mais na contagem nacional, apresentando 10,4% do total de idosos. O aumento da expectativa de vida somado à diminuição da natalidade implicou o aumento na percentagem de população com mais de 65 anos no mundo e particularmente no Brasil, modificando a estrutura etária da população (Borges, 2003; Freitas, Maruyama, Ferreira, & Motta, 2002; Valverde Silva, Martins, Bachion, & Nakatani, 2006; Andrade, 2003).

Diferentemente do que em países desenvolvidos, a sociedade brasileira vivencia o processo de envelhecimento de maneira brusca. Esse fenômeno coincide com a crise dos Estados, com o agravamento dos problemas sociais e da situação de grandes estados (Araújo & Alves, 2000; Borges, 2003; Siqueira & Moi, 2003).

É reconhecido que envelhecer é um fato natural e universal, mas a classificação do processo em categorias específicas depende de fatores históricos, econômicos, sociais, de políticas e ideologias, assim como dos aspectos simbólicos e culturais com seus valores, crenças, tradições. Esses fatores proporcionam uma variabilidade nas formas de conceber e criar modelos de vida para o envelhecimento (Carvalho Neto, 2000; Lopes, 2003).

Neri (2001a) observa que o envelhecimento pensado em termos biológicos compreende uma série de processos que acarretam a transformação do organismo, sobretudo após a maturação sexual, e tem como consequência a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Tais processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. Na perspectiva do desenvolvimento *life-span*, o envelhecimento é uma experiência heterogênea, isto é, pode ocorrer de modo diferente para indivíduos e coortes que vivem em contextos históricos

diferentes. Dessa forma, pode-se dizer que existem diferentes padrões de envelhecimento, raramente observáveis em estado puro (Baltes, 1987; Neri, 2001a).

Conforme Neri (2001b), o termo *velhice* designa a última fase do ciclo vital que é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, entre outras mudanças. Na medida em que a longevidade se alonga, a *velhice* passa a comportar subdivisões que atendem a necessidades taxonômicas da ciência e da vida social, conforme se observa atualmente as terminologias como *velhice inicial*, *velhice* e *velhice avançada*.

A idade que marca o início da fase da *velhice* é 60 e 65 anos, para países em desenvolvimento e desenvolvidos, respectivamente. Fericgla (1992) observou que, em nossa sociedade, o conceito de *velhice* tem relação direta com a idade cronológica. Moreira (1996) afirma ainda que a idade cronológica deixa suas marcas, mas a sociedade também exerce pressão sobre as pessoas e, mais do que isso, cada meio social tem sua própria definição de envelhecimento e *velhice*.

Siqueira, Botelho e Coelho (2002) revisaram 19 obras a partir da década de 1970 e traçaram quatro perspectivas a partir das quais a *velhice* é estudada, e muitas vezes, percebida socialmente. A primeira, denominada de biológico-comportamentalista, dá ênfase à decrepitude física, onde figuram também mudanças no perfil da população e aos modos como as políticas públicas deveriam reagir, de modo que o envelhecimento é visto como um problema do Estado. A segunda, chamada de economicista, é uma visão característica de cientistas sociais, voltada para o lugar do idoso na estrutura social produtiva e, sobretudo, para análises sobre a ruptura com o mundo produtivo; nesta perspectiva, *velhice* é igual à aposentadoria. A terceira perspectiva, denominada de sócio-cultural, enfatiza a *velhice* como construção histórico-cultural-social de modo que a sociedade atribui funções preferenciais a cada idade na divisão social do trabalho e na família. Por último, na perspectiva chamada de transdisciplinar, considera-se a *velhice* como fenômeno natural e social que apresenta dificuldades biológicas, econômicas e socioculturais, apresentando-se como um processo singular de cada indivíduo.

Neri (2003) investigando atitudes e crenças sobre a *velhice* em de textos de jornal

publicados entre 1995 e 2002 identificou duas formas com que o jornal trata o assunto velhice. A primeira pensa a velhice como uma questão médico-social, que merece tratamento científico e político, adequados com sua importância, para o bem-estar da sociedade e dos idosos. A segunda considera a velhice como questão existencial e cultural e por sua vez, merece tratamento literário, artístico e social compatível com a necessidade das pessoas e grupos lhe atribuírem significado social e individual. Em ambas, a boa velhice é identificada com boa saúde, autocuidado, estilo de vida saudável, produtividade, satisfação, otimismo e jovialidade, sendo que longevidade boa é aquela que não põe em risco o bem-estar do idoso, dos familiares e nem desestabiliza as finanças da sociedade.

Ainda na perspectiva da percepção da velhice, verifica-se que esta fase do ciclo vital é percebida também pelo próprio idoso como uma fase de declínio associada às perdas físicas e sociais e por vezes relacionada ao binômio “saúde/doença”. Por outro lado, há estudos que descrevem a velhice não apenas como uma fase de experiências negativas, apontando a longevidade, a experiência adquirida, a vivência com saúde e autonomia, como fatores importantes na percepção da velhice (Silva & Günther, 2000; Valverde Silva et al., 2006).

Outros estudos que abordam a velhice integram questões relacionadas à saúde e à doença e suas repercussões. O estudo de Xavier, Ferraz, Marc, Escosteguy e Mariguchi (2003), realizado em Veranópolis/RS com octogenários, destaca que a saúde é uma questão determinante na qualidade de vida negativa, porém é insuficiente para determinar a qualidade de vida positiva, que tem como fatores determinantes a atividade, renda, vida social e relação com a família.

Os estudos de percepção da velhice e do envelhecimento são importantes, pois permitem identificar a compreensão que as pessoas têm sobre o processo de envelhecimento e a própria velhice. É neste sentido que se recorre à Teoria das Representações Sociais, pois se acredita que ela possibilita a compreensão desta forma específica de conhecimento do mundo, na qual os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, durante as conversações interpessoais que estabelecem no cotidiano (Moscovici, 1978, 1981). Esta teoria se ocupa em estudar o que a

literatura científica denomina de *teorias do senso comum* ou *pensamento ingênuo* (Jodelet, 2001). Falar em representações sociais como forma de conhecimento, como teorias do senso comum, implica reconhecer a especificidade de diferentes modalidades de conhecimento: científico, religioso, mágico, ideológico etc. Moscovici interessou-se em como uma modalidade de conhecimento se transforma em outra: o conhecimento científico em senso comum e vice-versa e, sobretudo, na forma pela qual o conhecimento científico adentra o cotidiano dos indivíduos e grupos (Jodelet, 1985; Moscovici, 1978, 1981; Vala, 1996).

A pesquisa de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), realizada em Florianópolis – SC, sobre a representação social do envelhecimento com pessoas residentes naquela cidade, indicou a existência de três tipos de representação social do envelhecimento: a) uma representação doméstica e feminina onde a perda dos laços familiares é central; b) outra tipicamente masculina apoiada na noção de atividade, caracterizando o envelhecimento como perda do ritmo de trabalho; c) e a terceira mais utilitarista, apresenta o envelhecimento como desgaste da máquina humana.

O trabalho de Areosa (2004), realizado em Santa Cruz do Sul/RS, aponta para a representação social da velhice associada a uma imagem positiva, vista como processo natural. O entendimento sobre o que é ser idoso perpassa por questões de atividade e estilo de vida, de maneira que, enquanto eles realizarem atividades individuais ou sociais, podem levar uma vida como qualquer outra pessoa, mesmo considerando suas limitações físicas oriundas do processo natural de envelhecimento. Esses achados são semelhantes aos achados reportados por Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009).

Outras pesquisas investigaram a percepção, ou ainda a representação social de velhice, com diferentes tipos de participantes, desde idosos que frequentam grupos de convivência até aqueles, residentes em instituições de longa permanência ou (asilos) (Fernandes de Araújo, Coutinho, & Carvalho, 2005; Fernandes de Araújo, Coutinho, & Saldanha 2005; Fernandes de Araújo, Coutinho, & Souza Santos, 2006); com profissionais da área da saúde, como é o caso da pesquisa de Wachelke (2007); com idosos do meio rural no estudo de Souza Santos e Belo (2000); ou ainda comparando as representações

sociais de velhice e idoso para adolescentes, adultos e idosos (Magnabosco-Martins et al., 2009). Os resultados destacaram o efeito do contexto na ideia e na representação que se faz da velhice, do idoso e do envelhecimento que variam desde aspectos negativos associados à velhice a aspectos positivos e valorizados para o envelhecimento e a velhice saudável.

Pesquisas como as de Andrade (2003), Teixeira, Nascimento-Schulze e Camargo (2002) e Freire Jr. e Tavares (2005) abordaram a temática das representações sociais de saúde na velhice e apontam para fatores como aparência física, autonomia, estilo de vida, bem-estar mental, acesso aos serviços de saúde, aspectos econômicos e sociais, presentes nas ideias e representações de saúde na velhice.

Vivenciar a velhice é conviver com modificações corporais como: o aparecimento de rugas, os cabelos brancos, a diminuição da elasticidade da pele, a perda dos dentes, as modificações no esqueleto que por sua vez implicam problemas musculares e encurtamento postural, os problemas de circulação, a desaceleração do metabolismo e dos impulsos nervosos que alteram os sentidos do idoso; enfim, as modificações físicas e fisiológicas do envelhecimento (Beauvoir, 1990; Bee, 1997; Bortolanza, Krhal, & Biasus, 2005; Zimerman, 2000). Os resultados dessas modificações corporais podem influenciar a imagem corporal, a qual exerce influência sobre o interesse sexual, principalmente nas mulheres que percebem as modificações (cabelos brancos, rugas) como perda da feminilidade (Kingsberg, 2000).

Em relação à sexualidade na velhice, observa-se uma série de ideias vinculadas a aspectos biológicos. No caso da mulher, o estereótipo da menopausa como assexualidade persiste, ainda que seja reconhecido como um mito (Catusso, 2005). É reconhecido que a maioria das mudanças na sexualidade da mulher, como por exemplo, a diminuição da lubrificação vaginal, está relacionada à diminuição de hormônios femininos, especialmente estrógeno e progesterona. No homem, sabe-se que o aparelho sexual masculino vai passando por fenômenos involutivos que se iniciam por volta dos trinta anos, verificando-se uma progressiva redução da espermatogênese, a irrigação dos testículos não apresenta o mesmo vigor. Outras mudanças referem-se à resposta genital, como é o caso da ereção. Esta se apresenta com um atraso se

comparada com a típica rapidez juvenil, podendo ser menos completa e eficiente (Butler & Lewis, 1985; Capodieci, 2000; Gelfand, 2000; Kingsberg, 2000).

Outra abordagem da sexualidade na velhice aparece nos estudos do significado e da importância atribuída à sexualidade (Clarke, 2006; Flor & Nascimento-Schulze, 2002; Floyd & Weiss, 2001; Gott & Hinchliff, 2003). Eles demonstram que para mulheres idosas recasadas, a sexualidade não é uma prioridade, já a companhia e o carinho são aspectos fundamentais. Verifica-se que a vivência da sexualidade feminina na velhice é marcada por perdas e pela repressão do desejo devido a mágoas, culpa, viuvez e separação. A importância da sexualidade está associada positivamente à existência de parceiro sexual, e negativamente à experiência de barreiras para a sexualidade como problemas de saúde. Além disso, na velhice existem diferenças de gênero para este tema, sendo que o homem apresenta-se mais ativo sexualmente do que as mulheres.

No estudo da sexualidade na velhice, destacam-se também aquelas pesquisas que investigam os aspectos bio-psico-sociais (Catusso, 2005; DeLamater & Sill, 2005; Dello Buono et al., 1998; Papaharitou et al., 2007; Umidi, Pini, Ferretti, Vergani, & Annoni, 2007). Os fatores associados ao aumento ou manutenção do desejo na velhice são: a) estar casado ou ter um parceiro fixo; b) nível de escolaridade; c) boa qualidade de vida; d) idade, sendo quanto menor a idade do idoso maior o desejo. Já entre os fatores de diminuição destacam-se: a) presença de doenças; b) falta de parceiro sexual; c) família, principalmente quando o idoso reside com familiares; d) problemas físicos; e) medo do abuso financeiro, principalmente para as mulheres. A importância atribuída ao sexo é um fator importante que pode influenciar tanto a manutenção, como a diminuição do desejo e vivência da sexualidade.

Vasconcellos et al. (2004) realizaram uma pesquisa com o objetivo de caracterizar conhecimentos, atitudes e práticas sobre a vivência da sexualidade com pessoas acima dos 50 anos. Constataram que 20% das mulheres e 46 % dos homens têm relações pelo menos uma vez na semana, porém, a grande maioria gostaria de ter mais, enfatizando que a idade não modifica os sentimentos nem a intensidade das sensações. Mesmo esses dados mostrando que a sexualidade é importante para essa faixa

etária, a maioria dos médicos evita investigar a sexualidade dos pacientes de mais de 50 anos (Gott, Hinchliff, & Galena, 2004).

Diante do exposto, acredita-se que a presente pesquisa possua uma grande relevância científica, sobretudo a parte referente à representação social da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos, haja vista que a sexualidade nessa fase ainda é encarada como tabu, aumentando a vulnerabilidade desse grupo em se infectar com DSTs. Os resultados desse estudo poderão possibilitar na elaboração de estratégias de prevenção de DSTs para essa faixa etária, favorecendo o exercício saudável da sexualidade nessa idade. Assim sendo, diante do panorama da representação social da velhice e do envelhecimento e das diferentes abordagens de estudo da sexualidade na velhice, os objetivos dessa pesquisa foram descrever as representações sociais do envelhecimento e da sexualidade e examinar possíveis relações entre ambos os assuntos representados pelos participantes.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 80 pessoas sendo 40 homens (20 em Erechim e 20 em Florianópolis) e 40 mulheres, metade em cada cidade. Os participantes apresentavam mais de 50 anos e estavam vinculados a núcleos de estudos de terceira idade de instituições de ensino superior (participantes, funcionários, professores).

Foram selecionadas intencionalmente duas cidades da região sul do Brasil, sendo uma capital e uma cidade do interior (Erechim-RS e Florianópolis-SC). As cidades foram escolhidas por critério comparativo que permitisse descrever o fenômeno estudado em contextos com grau de urbanização diferentes. Na distribuição populacional relativa, as pessoas com mais de 50 anos representam 15,4 % em Erechim e 14% em Florianópolis (IBGE, 2007). O pareamento dos participantes foi uma preocupação constante durante a coleta de dados, para o controle de variáveis como sexo, idade e escolaridade. Foi encontrada dificuldade no pareamento da variável escolaridade. A combinação da variável idade com a variável escolaridade tornou complexo o controle. Procurou-se o maior rigor possível, entretanto, houve diferença na média de idade

de seis anos, sendo que os participantes de Erechim apresentaram menos idade em relação aos participantes de Florianópolis. Esta diferença é importante ser considerada, sobretudo, no momento em que se analisa a frequência de relações sexuais.

Instrumentos

A coleta de dados foi realizada com a utilização de entrevista e um questionário com questões de caracterização dos participantes. Foi utilizada a técnica de entrevista não-diretiva juntamente com a entrevista episódica. Na técnica não-diretiva, o entrevistador propõe um tema e apenas intervém para insistir ou encorajar o entrevistado, o que permite conduzir uma investigação sem que se conheça previamente o nível de informação dos entrevistados sobre o problema (Ghiglione & Matalon, 1992).

Por sua vez, a entrevista episódica supõe que “as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio estejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativo-episódico e semântico” (Flick, 2004, p. 117).

O segundo instrumento para coleta de dados refere-se a um questionário, que, nas palavras de Ghiglione e Matalon (1992), corresponde a uma entrevista diretiva. O questionário apresentou duas partes. A primeira referia-se aos dados de caracterização dos participantes (por exemplo: sexo, idade, situação conjugal, situação profissional, cidade onde reside, renda familiar, entre outros). A segunda parte foi composta por questões sobre o comportamento sexual dos participantes (experiência sexual, existência de parceiro, periodicidade das relações sexuais, entre outras). A aplicação deste questionário forneceu os dados, principalmente, para caracterização dos participantes desta pesquisa.

Após a construção dos instrumentos, eles foram submetidos a dez pré-testes, sendo cinco em cada cidade onde foi realizada a coleta de dados, tanto para treinamento dos entrevistadores, quanto para o teste dos instrumentos. Autores sugerem a utilização de pelo menos dez pré-testes antes da aplicação do instrumento, em indivíduos com características similares aos da população em estudo (Barbetta, 2004; Bisquerra, Sarriera, & Martinez, 2004; Pasquali, 1999). A partir dos pré-testes, foi possível detectar as falhas, tais como ambiguidades, questões que dificultam a

compreensão. Após os primeiros seis pré-testes, o instrumento foi re-elaborado, chegando-se ao instrumento final.

Procedimentos de coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu em três universidades: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET/SC e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim – URI. Primeiramente, foi feito contato com as instituições (UFSC, CEFET e URI), para assinatura dos termos de compromisso e declarações previstas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS 196/96), com vistas à aprovação pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP). Após contato com as instituições, foi realizada uma primeira visita para familiarização com o ambiente e captação de informações a respeito da dinâmica de realização de pesquisas na instituição. Após esta etapa, foram agendadas datas com os profissionais dos grupos e núcleos de estudo da terceira idade para a realização das entrevistas que foram realizadas em salas reservadas, de acordo com a disponibilidade de cada instituição, na intenção de preservar a privacidade dos participantes.

Procedimentos de análise dos dados

Inicialmente, foi realizada análise dos dados de caracterização e comportamento sexual dos participantes, através de análise estatística descritiva, com auxílio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Science* – Pacote Estatístico para Ciências Sociais). Em um segundo momento, as variáveis: sexo, cidade onde reside, idade, escolaridade, situação profissional, estado civil e religião foram relacionadas aos dados textuais.

As entrevistas foram transcritas e os dados textuais foram tratados individualmente, de acordo com cada tema norteador, e constituíram três *corpora* de análise. Por *corpus* entende-se, o universo referencial (um objeto) que interessa ao pesquisador (Camargo & Nascimento-Schulze, 2000). Neste caso, a pesquisa teve três *corpora* de análise. Essa divisão é importante e necessária, uma vez que a análise realizada pelo *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble*

de Segments de Texte) é sensível à estruturação do estímulo que produz o material textual (Camargo, 2005), ou seja, ele realiza análise de material monotemático.

Resultados

Participaram do estudo 80 pessoas, sendo que média de idade dos participantes foi de 61 anos, com desvio padrão (DP) de 7 anos e 3 meses. Considerando separadamente os habitantes das duas cidades, pode-se perceber que a amostra de Erechim é um pouco mais jovem que a de Florianópolis, sendo a média de idade de 59 anos, com (DP) de 5 anos e meio, sendo que a idade mínima para ser incluído na amostra foi de 50 anos e a máxima atingida em Erechim 75 anos. Por sua vez, os participantes de Florianópolis tiveram como média de idade 65 anos, (DP = 8 anos), sendo a idade mínima também 50 anos e máxima de 81 com inclusão de um participante com esta idade.

Com relação ao número de filhos, 77 participantes informaram ter filhos, sendo que a média é de três filhos por participante (DP = 1,66). Em relação à escolaridade, 47 participantes apresentaram escolaridade superior ao ensino médio e 33 inferior. A maioria dos participantes (56) mencionou estarem ativos no que se refere ao trabalho. Destes, 16 estão aposentados, mas continuam trabalhando. Apenas 23 participantes informaram estar aposentados e não desempenharem atividades remuneradas.

Todos os participantes declararam ter uma religião, sendo que a católica foi predominante. Entretanto, 31 participantes informaram que, apesar de terem religião, não a praticavam. Observou-se que $\frac{3}{4}$ das mulheres são praticantes de uma religião (30), enquanto apenas menos da metade dos homens faz o mesmo (18 dos 40). Essa relação entre sexo e prática religiosa é estatisticamente significativa [$\chi^2 (1) = 7,5; p < 0,01$]. Apesar da diferença que evidencia que a mulher pratica mais a sua religião que o homem, esta variável não foi importante a ponto de influenciar as representações do envelhecimento e da sexualidade, conforme análises realizadas com o *software* ALCESTE, onde a religião foi uma das variáveis de análise.

Metade da amostra relatou não ter nenhuma doença, enquanto que a outra metade afirmou ter problemas de saúde, sendo que a maioria destas eram pessoas com mais de

sessenta anos e do sexo feminino. No que se refere à sexualidade, pouco mais da metade dos participantes informou ter o hábito de conversar sobre sexo, sendo que essas conversas acontecem normalmente com amigos, filhos ou com o parceiro. Houve associação significativa entre sexo do participante e o hábito de conversar sobre sexo [$\chi^2 (1) = 8,90, p < 0,005$], sendo que as mulheres possuíam mais esse costume do que os homens.

Na coleta de dados, foi perguntado aos participantes a frequência sexual nos últimos doze meses. Apesar dos entrevistadores buscarem uma referência aproximada, 15 participantes não informou (11 eram mulheres). Através de medida de tendência central, observa-se uma moda de quatro relações sexuais mensais, entretanto há uma variação de 0 a 16 relações mensais. Os homens citaram, em média, quatro relações por mês, já as mulheres, um número de relações mensais inferior a três.

Analisou-se ainda a frequência sexual mensal dos participantes por cidade. Os participantes de Erechim, sem distinção de sexo, apresentaram uma média um pouco maior do que quatro relações sexuais por mês. Por sua vez, os participantes de Florianópolis, também sem distinção de sexo, apresentaram uma média um pouco inferior a 3 relações mensais. As respostas dos participantes justificando a frequência de relações sexuais por mês foram agrupadas em 6 categorias, como pode ser observado na Tabela 1.

É importante destacar que 11 mulheres e 4 homens não informaram o número aproximado

de relações sexuais nos doze meses anteriores à coleta dos dados, ainda que os entrevistadores tenham buscado tal informação. Por este motivo é que se apresenta um total de 65 participantes na Tabela 1. Apesar de ser considerada uma informação importante, a falta desta não impediu a participação e a inclusão dos dados oriundos da entrevista na análise. Acredita-se que a não informação ou a dificuldade de responder a algumas questões, como esta que estrutura os dados acima, esteja vinculada aos pudores que o objeto de estudo, no caso a sexualidade, despertam, apesar de toda a preocupação e treinamento que os entrevistadores mantiveram para realização da coleta.

A primeira categoria refere-se à existência de problemas de saúde, normalmente os homens que relataram uma frequência mais baixa, relacionavam com problemas de saúde de suas parceiras ou problemas de saúde pessoais. No caso das 3 mulheres que citaram problemas de saúde, estes estavam relacionados com seus cônjuges. A segunda categoria apresenta 11 participantes e retrata a avaliação da atividade sexual destes. Foi relatado que, com o passar do tempo, a quantidade que é característica da juventude, dá lugar à qualidade, assim, apesar de haver uma diminuição no número de relações sexuais mensais, há uma elevação na qualidade dessa relação. A terceira categoria, da qual apenas mulheres participaram, refere-se à falta de parceiro. Na quarta categoria, estão os participantes que justificaram sua frequência sexual em função das mudanças orgânicas ocorridas.

Tabela 1 - Número de participantes por sexo em relação ao tipo de justificativa para a atual frequência sexual.

		Categorias de Justificativa para Frequência Sexual						Total
		Problemas de Saúde	Maior Qualidade Menor Quantidade	Falta de Parceiro	Mudanças Orgânicas	Problemas externos	Não referiu dificuldade	
Sexo	Masculino	13	5	0	6	5	7	36
	Feminino	3	6	8	6	2	4	29
	Total	16	11	8	12	7	11	65

Em relação aos dados da entrevista, estes foram analisados a partir de três corpora de análise. O primeiro *corpus* refere-se ao que a pessoa pensa sobre o envelhecimento, no momento em que falava sobre a velhice, sobre o envelhecimento e o que faz a pessoa se sentir velha; o segundo *corpus* descreve a importância do amor na avaliação dos participantes e a relação entre relacionamento amoroso e relação sexual. Este *corpus* foi analisado de modo comparativo (análise por contraste entre modalidades de uma variável) entre homens e mulheres, não seguindo a classificação hierárquica descendente realizada pelo software ALCESTE - como no primeiro e terceiro *corpus*. Por fim, o terceiro *corpus* descreve como, na opinião dos participantes, a sociedade percebe a existência das relações sexuais das pessoas com mais de 50 anos. O primeiro levou à descrição das representações sociais da velhice, já os dois últimos *corpora* fornecem indicações das representações sociais da sexualidade para pessoas com mais de cinquenta anos que participaram deste estudo.

Representações sociais do envelhecimento

O primeiro *corpus* analisado corresponde à parte da entrevista que buscou investigar o que os participantes pensavam a respeito da passagem do tempo, do envelhecimento e da velhice. Ele é composto pelas oitenta entrevistas, reconhecidas como UCI pelo ALCESTE. Esse *corpus* foi composto por 80 UCI, divididas em 1.305 UCE. Estas continham 2.514 palavras analisáveis (indicadoras de sentido) que ocorreram 58.178 vezes, sendo a média de ocorrência de 19 vezes por palavra. A análise hierárquica descendente reteve 81,3% das UCE do *corpus* (1.061 das 1.305 UCE), organizadas em quatro classes, conforme a Figura 1. Esta contém o nome da classe, o número de UCE que a compõe, a descrição da classe e das palavras de maior associação com a mesma em função do coeficiente de associação χ^2 . Observa-se no dendograma que o *corpus* teve uma primeira partição em dois *sub-corpus*. Ambos foram novamente repartidos dando origem às classes 1 e 4 e a outra repartição que originou as classes 2 e 3.

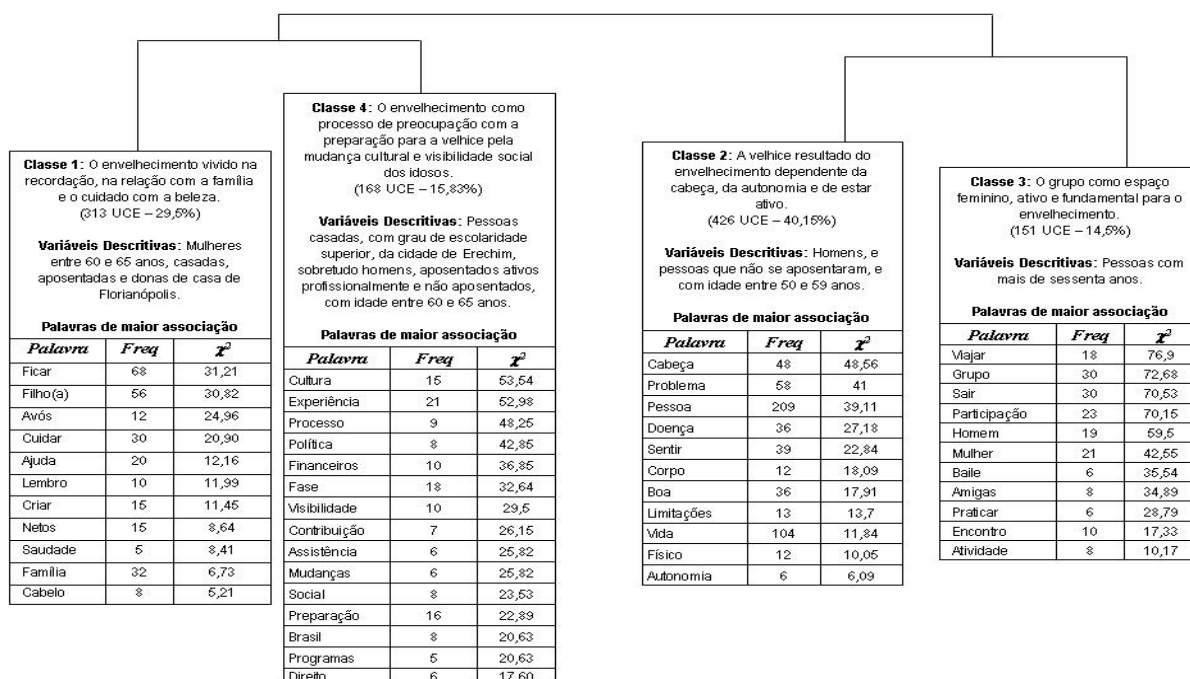


Figura 1 – Dendograma de classes sobre a representação social do envelhecimento de pessoas com mais de 50 anos das cidades de Erechim-RS e Florianópolis-SC (n=80).

A classe 1 envolveu a segunda maior parte de UCE do *corpus* (313 UCE, ou 29,5% das UCE classificadas). A análise de suas variáveis descritivas permite caracterizá-la como uma classe produzida pelos participantes da cidade de Florianópolis, casados, com idade entre 60 e 65 anos, sobretudo mulheres que estão aposentadas e por donas-de-casa. A maior parte dos conteúdos desta classe agrupou-se ao redor de elementos que aludem às recordações da relação dos participantes quando crianças com pessoas mais velhas e também da relação com a família atual, desde a criação dos filhos, da ajuda aos filhos e com o cuidado aos netos, como se pode observar no excerto que segue.

“Ele era um senhor velho, tinha reumatismo, eu ia à casa deles ajudar a passar unguento nas pernas e nos ombros para tirar a dor e minha avó, ali, toda vida cuidando dele, era uma velhinha de cabelo branco” (UCE 729).

Outro elemento pertencente a essa classe, refere-se aos cuidados com a aparência, evidenciada na UCE a seguir.

“Olhe-se no espelho, passe creme, penteie seu cabelo, se arrume, isso é bom. Tome banho todos os dias. Escolha a melhor parte do dia. No inverno é perto das onze, meio-dia. No verão, à noite, de manhã cedo e a noite, é tão bom!” (UCE 1256).

A classe 2 é a maior classe do *corpus* (426 UCE ou 40,15%), sendo compartilhada principalmente por homens com idade entre 50 e 59 anos que ainda não se aposentaram. Esta classe não aparece associada a nenhuma das cidades pesquisadas e nem a um estado civil específico. A partir das UCE e das palavras associadas a esta classe, os conteúdos indicam uma representação do envelhecimento em termos de condições mentais, de maneira que a pessoa pode até vivenciar limitações no corpo, problemas físicos e doenças, porém se ela tiver um estado de espírito jovem e autonomia, ela poderá se sentir bem e usufruir, assim, de uma boa velhice. Os excertos a seguir exemplificam essa ideia.

“Tem que brincar, tem que sair, tem que passear, tem que mostrar que a gente está ativa, que a gente é jovem, o corpo já está velho, mas o espírito que não pode envelhecer apesar da sociedade

mostrar que a gente está velha” (UCE 991).

“Você pode, o teu corpo pode estar debilitado, mas se a sua mente está lúcida, está tranquila, teu emocional está tranquilo, está lúcido, não tem velhice na tua cabeça” (UCE 1118).

A classe 3 está próxima da classe 2, apresentando a menor quantidade de UCE (151 ou 14,5%) do *corpus*. Foi compartilhada por pessoas com mais de sessenta anos, caracterizando pessoas viúvas ou separadas. Não apresenta uma associação com pessoas de determinada cidade ou de um sexo em específico. Apesar de ser a menor classe, proporciona uma representação do envelhecimento ligada à importância dos grupos na velhice, da mesma forma que a atividade e a alimentação.

As palavras e UCE associadas a esta classe demonstram a importância atribuída ao grupo, ao encontrar-se com outras pessoas para dançar, se divertir, praticar esportes como ginástica, natação, musculação, caminhada, para que os idosos possam sair de casa, até mesmo viajar. As duas próximas UCE são características desta classe.

“São esses grupos de terceira idade, hoje o pessoal assim, tu vê que viajam mais, se encontram, que convivem, então eu acho que hoje o idoso deixou de ser aquela pessoa que está lá fechada dentro de casa, fazendo a sua atividade” (UCE 410).

“Cuidar com a alimentação e fazer bastante esporte como eu faço aqui. Todo dia, à noite, de manhã, faço musculação, ginástica, natação. Eu cuido da minha saúde. A vida na velhice para mim, da terceira idade é boa, não posso reclamar, a vida é ótima, mas é ótima porque eu busquei um monte de atividade, porque quando eu me aposentei, já vim aqui para a universidade, logo no primeiro mês” (UCE 898).

Por fim, a classe 4, que é a terceira classe em número de UCE, aproxima-se da 1, contrapondo-se as classes 2 e 3. Essa classe foi composta por 15,83% das UCE do *corpus* (168). As variáveis descritivas indicam que esta é uma classe característica das pessoas que

moram em Erechim, casadas, com escolaridade mínima de graduação, na faixa etária entre 60 e 65 anos, sobretudo homens, e por pessoas que já estão aposentadas, mas que continuam ativas profissionalmente, como também por aquelas que ainda não se aposentaram.

As UCE e as palavras associadas a esta classe estão organizadas em torno de duas ideias principais articuladas. Uma que é a visibilidade social dos idosos e outra que é a importância que se está dando ultimamente ao se preparar para o envelhecimento. Os excertos que seguem, indicam a visibilidade e a preocupação com a pessoa que envelhece.

“Parece que existe uma atenção e uma preparação dos próprios futuros velhinhos, do que eles vão se ocupar, do que eles vão fazer ao chegar à faixa etária, existe todo um turismo voltado para a terceira idade” (UCE 922).

“Hoje eu acho que tem uma assistência a saúde muito significativa e não é só essa discriminação pela faixa etária, eu acho que há uma assistência, eu não diria harmônica, mas bastante ampla” (UCE 963).

Mesmo essa classe sendo pequena, ela apresenta um conteúdo inédito no estudo da representação social do envelhecimento e da velhice no que se refere a essas duas ideias.

Representações sociais da sexualidade

Para descrever as representações sociais da sexualidade, foram criados dois *corpora* de análise que serão apresentados nesta

seção. O primeiro *corpus* é referente à resposta dos participantes sobre a importância do amor e a relação existente entre relacionamento amoroso e relações sexuais. Para este *corpus* foi realizada uma análise por contraste entre modalidades da variável sexo, assim, serão expressas as ideias dos homens e das mulheres sobre amor, relacionamento amoroso e relações sexuais. Ressalta-se que essa análise não corresponde a uma classificação hierárquica descendente. O segundo *corpus* corresponde às respostas dos participantes a pergunta sobre o que pensam sobre a existência de relações sexuais das pessoas com mais de 50 anos, o qual foi submetido a uma classificação hierárquica descendente.

No primeiro *corpus*, as respostas concernentes à importância do amor e à relação existente entre relacionamentos amorosos e relações sexuais corresponderam a 80 UCI, que após a divisão feita pelo programa ALCESTE, originou 500 UCE. Destas, 226 (45,2%) referem-se às respostas dos homens e 54,8% (274 UCE) das mulheres. Na Tabela 2, apresentam-se as palavras mais características dos homens, das mulheres e as palavras comuns a ambos os grupos.

O segundo *corpus* foi submetido à classificação hierárquica descendente. As 80 UCI foram divididas em 476 UCE, contendo 1.196 palavras analisáveis. Estas ocorreram 19.397 vezes, em média 11,9 vezes cada palavra. A análise hierárquica descendente reteve 88,2% das UCE (420 das 476 UCE), organizadas em duas classes, conforme a Figura 2.

Tabela 2 - Palavras características de homens, mulheres e palavras comuns aos dois grupos ao falar do amor e da relação entre relacionamento amoroso e relação sexual.

Palavras Características nas Respostas dos Homens	Palavras Comuns aos Homens e às Mulheres	Palavras Características nas Respostas das Mulheres
Afoito	Diferente	Abraço
Dificuldade	Relacionamento	Doação
Financeira	Sexual	Saudável
Ideias	Normal	Grupo
Deixar	Depende	Amor
Mulher	Compromisso	Atenção
	Necessário	

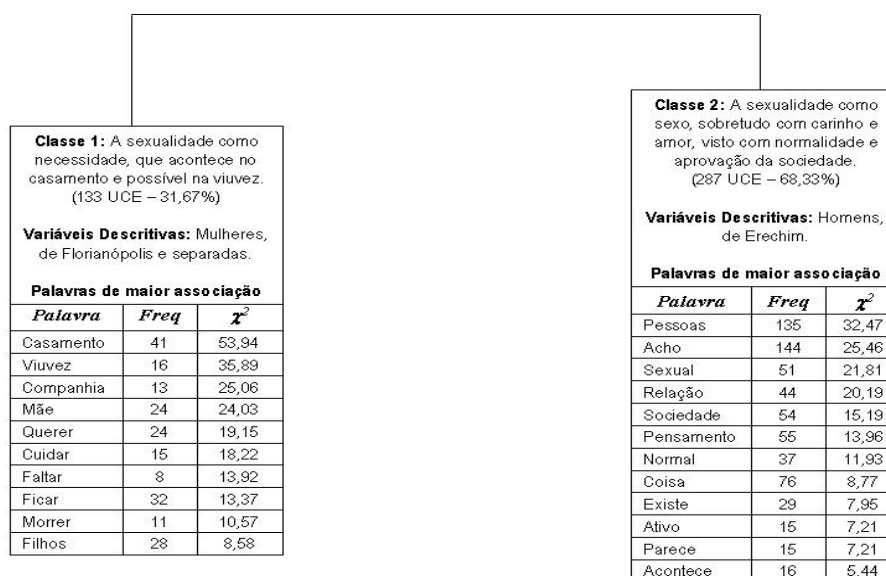


Figura 2 - Dendograma de classes sobre a representação social da sexualidade de pessoas com mais de 50 anos das cidades de Erechim-RS e Florianópolis-SC (n=80).

A classe 1 é a menor classe. Ela compreende 133 UCE ou 31,67% das UCE do *corpus*. Nela, estão presentes as ideias das mulheres, sobretudo aquelas que moram em Florianópolis e também as que estão separadas. Não houve associação com as variáveis; escolaridade, idade, situação profissional e denominação religiosa. As UCE e as palavras características desta classe indicam uma representação social da sexualidade articulada em torno do relacionamento amoroso e do casamento, sendo estes possíveis e necessários, inclusive para pessoas que são viúvas, muito parecido com as ideias das mulheres no *corpus* anterior. A UCE abaixo destaca a sexualidade como uma necessidade, inclusive para mulheres que ficam viúvas.

“Não, a mulher vai ficar lá porque viuvou? Arrumar namorado. Há muito tabu. É isso, você não vai morrer junto. Morreu, morreu! Era a vez dele, era a hora dele. Como qualquer um que for era a sua vez, mas o outro não vai junto, porque não era a vez dele, e você tem que tocar a sua vida” (UCE 375).

Esta outra UCE afirma que as pessoas idosas, neste caso a mãe de uma participante, tem a necessidade do amor, do carinho e da

companhia, aspectos bastante referidos pelas mulheres ao falar da sexualidade.

“A minha mãe hoje tem oitenta e três anos, mas ela diz que queria ter um companheiro, nem que ele fosse embora de noite, mas que pudesse fazer companhia, que pudesse dar carinho, ficar junto, colocar para dormir, ter alguém para conversar” (UCE 193).

A segunda classe desse *corpus* possui 287 UCE ou 68,33% das UCE. As variáveis descritivas indicam que é uma classe característica de homens, sobretudo da cidade de Erechim. Variáveis como prática religiosa, estado civil, escolaridade e situação profissional, não apresentaram associação à mesma. Algumas UCE desta classe exemplificam essa representação.

“Eu acho que é com naturalidade e normalidade, não acho que a sociedade veja que o sexo não faça parte nessa idade. É algo importante também na velhice” (UCE 167).

“Com relação ao sexo na terceira idade, eu acho muito legal que elas não substituam o sexo por outras coisas que era normal antigamente. Mas eu não sei

como está isso, é uma coisa que eu tenho muita curiosidade de saber” (UCE 339).

As UCE e as palavras associadas a esta classe organizam uma representação social da sexualidade em torno da importância do sexo e da normalidade do mesmo para os idosos.

Discussão

Os aspectos concernentes ao envelhecimento populacional têm proporcionado o desenvolvimento de pesquisas acerca das diversas dimensões que envolvem a velhice, entre elas a sexualidade (Moura, Leite, & Hildebrandt, 2008). No presente estudo, os resultados serão discutidos a partir de dois aspectos. O primeiro refere-se à representação social do envelhecimento de modo geral, o segundo será relativo à representação social da sexualidade.

O envelhecimento

Observa-se que, na primeira classe referente ao *corpus* do envelhecimento, os elementos representacionais desse objeto estão vinculados aos cuidados com a beleza, como estratégias para não envelhecer, e também à velhice como um momento no qual aparece o resultado das relações familiares anteriores, de maneira que, se foram boas as relações ao longo da vida, tendem a perdurar durante a velhice, onde a relação familiar é um aspecto importante ao se falar do envelhecimento.

Este aspecto é semelhante aos resultados do estudo de Magnabosco-Martins et al., (2009), realizado no Paraná, com adolescentes, adultos e idosos. Nessa pesquisa, foi evidenciado que as relações familiares eram fundamentais para os idosos, principalmente para as mulheres. A família é vista como essencial para o bem-estar do idoso, sendo a sua referência ao envelhecer. Em relação à beleza, os participantes ressaltam a importância de se cuidar nessa fase da vida. Esses resultados vão ao encontro dos de Areosa (2004) na qual os participantes salientaram a importância de se cuidar, não apenas para possuir uma boa auto-estima, mas também para a manutenção da saúde.

A autonomia é o aspecto mais evidenciado na classe 2. A ideia de autonomia parece estar associada ao desejo das pessoas que ainda não estão na fase da velhice de continuar ativas, mesmo experimentando o desgaste físico e as

limitações que ocorrem ao se envelhecer. Esse conteúdo é recorrente em outros estudos sobre a representação social da velhice e do envelhecimento (Magnabosco-Martins et al., 2009; Wachelke, 2007). Na pesquisa realizada por Teixeira et al. (2002), que tinha como objetivo diagnosticar as representações sociais de idosos em relação ao envelhecimento saudável, observou-se que um conteúdo presente nas respostas de quase todos os entrevistados era a possibilidade da autonomia e da execução de atividades de forma independente. Segundo Neri (2001a), quando os idosos gozam de independência e autonomia, eles próprios podem providenciar arranjos para que seu ambiente torne-se mais seguro, variado e interessante, melhorando sua qualidade de vida.

A classe 3 está relacionada à classe 2 no sentido da importância de se manter ativo, enfatizando-se aqui a relevância dos grupos nas atividades de lazer e diversão. Pode-se perceber que participar de grupos de encontro, seja para dançar, para ouvir uma palestra ou discutir um assunto proporciona muito prazer aos idosos. Magnabosco-Martins et al. (2009) mostraram no seu estudo que na opinião dos idosos se manter ativo é uma condição fundamental para uma velhice “positiva”.

Apesar desta classe não ser característica de mulheres ou homens, parece existir aqui uma implicação de gênero na representação social, pois os participantes mencionam que estas práticas e atividades são mais típicas das mulheres, uma vez que se observam poucos homens em grupos de terceira idade. Areosa (2004) também encontrou resultados semelhantes, em que as mulheres idosas aparecem mais ativas e engajadas em atividades físicas, grupais e sociais do que os homens.

A última classe do *corpus* sobre o envelhecimento ressalta a visibilidade que a velhice ganha enquanto fase do desenvolvimento, através de programas de televisão e políticas de assistência voltadas às pessoas idosas. Está havendo, na opinião dos participantes, uma maior assistência à saúde e os idosos também começam a buscar novas experiências visando à qualidade de vida. Estes conteúdos indicam uma representação da velhice vinculada à visibilidade social, às políticas de assistência e a uma mudança cultural relacionada à forma de se pensar a velhice e o envelhecimento.

Nota-se que as classes 1 e 4 destacam o envelhecimento enquanto processo, tal como este foi descrito por Neri (2001a) e corroborando o estudo de Veloz et al. (1999). Já as classes 2 e 3 concebem elementos da representação da fase da velhice propriamente dita. Essa indiferenciação nas pesquisas de representação social da velhice, do idoso e do envelhecimento foi abordada por Magnabosco-Martins et al. (2009). Esses autores escrevem que as teorias do senso comum não diferenciam estes objetos, ancorando-os e objetificando-os, enfim, representando-os de maneira similar, por vezes igual.

A sexualidade

Os resultados referentes ao primeiro *corpus*, que apresenta as respostas concernentes à importância do amor e à relação existente entre relacionamentos amorosos e relações sexuais, indicam que os homens focam no ato sexual, citando mudanças nas relações sexuais ao longo do tempo e que estas podem ser prejudicadas pelo estresse, como, por exemplo, diante das dificuldades financeiras. Eles também consideraram que sentem mais desejo sexual do que as mulheres. Esses resultados vão ao encontro de estudos feitos com homens e mulheres acima dos 60 anos em países como Estados Unidos (Floyd & Weiss, 2001), Itália (Dello Buono et al., 1998) e Grécia (Papaharitou et al., 2007) evidenciando aspectos culturais semelhantes no que diz respeito ao fato dos homens se considerarem mais ativos sexualmente do que as mulheres, sendo que o ato sexual tem uma importância superior ao amor, carinho e companhia.

Por sua vez, as mulheres falaram da importância do amor na vida das pessoas, dos amigos do grupo, dos filhos, descrevendo os vários tipos de amor. A sexualidade ganha contornos mais amplos nas respostas das mulheres do que na dos homens. Identificaram que se doam mais do que os homens nos diferentes tipos de amor. Assim como no estudo de Clarke (2006), as mulheres indicaram que o sexo tem importância, mas fatores como compreensão, carinho e amor são mais relevantes, de maneira que o sexo seria o complemento destes condicionantes.

Tanto os homens, quanto as mulheres consideraram o sexo um componente importante da sexualidade, que depende de um compromisso. Homens e mulheres sugerem que o relacionamento sexual é diferente do da

juventude, porém mesmo existindo dificuldades, a qualidade das relações é maior. Esse resultado corrobora os dados de caracterização dos participantes quando apresentadas as categorias de justificativas, onde referem menor quantidade, mas maior qualidade.

Essas categorias criadas a partir da fala dos participantes corroboram com uma série de estudos, por exemplo, a categoria problemas de saúde, que está presente nos estudos de Goh, Tain, Tong, Mok e Ng (2004), e de Vacanti e Carameli (2005) indicando que muitas vezes a diminuição na frequência sexual deve-se a problemas de saúde, sobretudo problemas cardíacos. É importante lembrar outros estudos como os de Butler e Lewis (1985), Floyd e Weiss (2001), Gelfand (2000) e Vasconcellos et al. (2004), que alertam para a falta de parceiro como uma barreira para a existência de relações sexuais na velhice.

No que tangencia à diferença das relações sexuais, Butler e Lewis (1985) e Capodieci (2000) também informaram que as relações sexuais na velhice apresentam diferenças. De acordo com Risman (2005), normas e comportamento de séculos anteriores resultaram numa cultura antisssexual em relação à sexualidade do idoso, porém, o que se observa nos dados desta pesquisa é que esta cultura parece estar em processo de mudança, pois os participantes apresentaram o que se pode chamar de uma atitude positiva em relação à sexualidade na velhice. Esse dado pode ser associado à visibilidade social que esta fase da vida apresenta hoje, como se observou na representação social do envelhecimento.

O segundo *corpus* das representações sociais da sexualidade foi organizado em duas classes. A primeira classe sugere uma representação social da sexualidade na velhice ancorada em torno do relacionamento amoroso e do casamento. Na fala dos participantes, foi identificada uma ideia positiva sobre a sexualidade. Esta deve estar presente e ativa na vida das pessoas, as quais referem que sentem o desejo de viver a sua sexualidade, sendo esta compreendida nas mais variadas formas de expressão e não só no ato sexual. Esses resultados coincidem com os citados anteriormente, no qual outros fatores, como carinho, são importantes (Clarke, 2006).

Os resultados dessa classe divergem dos encontrados nos estudos de Capodieci (2000), que demonstraram que o sexo na velhice é

vivido como uma espécie de evento improvável e desagradável, tanto por jovens, como pelos próprios idosos. No presente trabalho, os participantes comentaram que os profissionais da saúde incentivam o sexo e que a sexualidade é importante e necessária. Logicamente, verifica-se a existência de dificuldades, entretanto, há um indicativo de que as atitudes frente ao sexo e à sexualidade de idosos estão se modificando com a afirmação de que o prazer sexual existe na velhice e é importante.

Na segunda classe, a representação social da sexualidade na velhice é ancorada em torno da importância do sexo e da normalidade do mesmo para os idosos. A organização das ideias sobre sexualidade para os homens parece tangenciar a atividade sexual, o que foi possível observar em ambos os *corpora* de análise dessa linha. Já as mulheres articulam suas ideias sobre a sexualidade de uma maneira um pouco mais ampla, onde o amor, o carinho, os abraços, a cumplicidade são elementos centrais e o sexo figura como um complemento.

Os vínculos configuram-se de diferentes formas, duração e intensidade, porém são fundamentais a fidelidade e o desejo. Segundo Moura et al. (2008), a prática sexual faz parte da sexualidade, mas para a maioria dos idosos ela vai além disso. Por mais que o corpo envelheça, a anatomia e a fisiologia sexual se modifiquem, a capacidade de amar, de beijar, de abraçar continua intacta até o final da vida.

Considerações finais

As representações sociais são construídas pelos sujeitos a partir de informações que circulam na sociedade e que lhe causam certa estranheza, numa tentativa de incorporar o conflitante e torná-lo familiar (Moscovici, 2005). Essas representações se formam nas relações sociais e no movimento do grupo no qual nascem, transformam-se e podem se extinguir, sendo importante conhecer o contexto em que são produzidas para que sejam compreendidas (Jodelet, 2005).

Nesse sentido, o presente estudo buscou descrever as representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos, investigando se esses participantes estabeleceram relações entre esses dois objetos. Os resultados referentes às representações sociais do envelhecimento indicaram três representações centrais sobre esse tema:

1. O envelhecimento como processo;
2. O envelhecimento como fenômeno retroalimentado por mudanças culturais e visibilidade social;
3. O envelhecimento como a fase da velhice, onde processo e fase fundem-se e ganham características semelhantes.

Em relação às representações sociais da sexualidade, foi possível verificar que, as ideias e pensamentos dos participantes, indicam duas representações sociais sobre esse objeto, a primeira mais vinculada às participantes mulheres e a segunda aos homens:

1. A sexualidade enquanto amor, companhia e afeto onde o sexo é complemento;
2. A sexualidade como algo existente em todas as fases da vida, onde o sexo é elemento central.

Apesar dos participantes abordarem esses dois objetos de forma distinta, pode-se afirmar que a sexualidade é um fator importante para o envelhecimento, mesmo que outros assuntos sejam priorizados por essa população, como por exemplo, a saúde e a situação financeira. Os resultados indicaram que há uma compreensão diferente da sexualidade considerando-se a variável sexo.

Pode-se concluir, diante desses resultados, que mesmo não havendo uma relação direta das representações sociais do envelhecimento e da sexualidade, ocorre uma relação entre o fenômeno do envelhecimento e da velhice com a sexualidade, sendo esta um importante fator componente desse fenômeno, podendo influenciar nos comportamentos, pensamentos e reações desse grupo etário.

A presente pesquisa possui limitações no que se refere à coleta de dados. Apenas na parte da sexualidade, os dados foram coletados de maneira indireta, ou seja, perguntava-se aos participantes o que eles pensavam sobre esse assunto, esperando que suas respostas fossem fundamentadas no que eles acreditavam ser o pensamento vigente na sociedade. Se essa mesma orientação tivesse sido seguida na parte do envelhecimento, dados diferentes dos achados poderiam ter surgido. Uma segunda limitação diz respeito à amostra. Esta foi constituída por pessoas do sul do Brasil, não abrangendo assim, realidades de outras regiões do país. Estudos que levem em consideração essas diferenças regionais são relevantes para

se poder entender como os idosos brasileiros estão lidando com a sua sexualidade.

Sugere-se a realização de novas pesquisas concernentes às representações sexuais da sexualidade na velhice, uma vez que esse tema precisa ser discutido pela psicologia do envelhecimento e são escassos os estudos nessa área. Acredita-se que o presente trabalho constitua uma fonte confiável para tais estudos, haja vista que os participantes relataram comportamentos referentes à sua sexualidade e esta constatação poderá ser útil no desenvolvimento de campanhas para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente o HIV-AIDS, tendo como foco essa população. Além disso, pôde-se perceber que a sexualidade é um fator importante, assim como a saúde, a estrutura financeira, social e familiar para o envelhecimento e para o idoso. Portanto, compreender esse objeto é fundamental para a promoção de intervenções sociais eficientes.

Referências

- Areosa, S. V. C. (2004). O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? *Revista virtual Textos e Contextos*, 3 (3), 1-12.
- Andrade, O. G. de (2003). Representações sociais de saúde e de doença na velhice. *Acta scientiarum. Health sciences*, 25(2), 207-213.
- Araújo, T. C. N., & Alves, M. I. C. (2000). Perfil da população idosa no Brasil. *Textos envelhecimento*, 6(1), 43-49.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-625.
- Barbetta, P. A. (2004). *Estatística aplicada às ciências sociais*. (Rev. Ed). Florianópolis (SC): Editora da UFSC.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C., & Martinez, F. (2004). *Introdução à estatística: Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre (RS): Artmed.
- Borges, M. C. M. (2003). O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In Simson, Neri & Cachioni (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp. 129-140). Campinas (SP): Ed. Alínea.
- Bortolanza, M. L., Krah, S., & Biasus, F. (2005). Um olhar psicopedagógico sobre a velhice. *Revista de Psicopedagogia*, 22(68), 162-170.
- Butler, R. N., & Lewis, M. I. (1985). *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus.
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In M. L. C. Moreira (Org.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-540). João Pessoa (PB): UFPB
- Camargo, B. V., & Nascimento-Schulze, C. M. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(3), 287-299.
- Capodieci, S. (2000). *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru (SP): EDUSC.
- Carvalho Neto, J. B. P. (2000). Velhos e idosos. In Bakker Filho (Org.), *É permitido colher flores? reflexões sobre o envelhecer*. Curitiba (PR): Champagnat.
- Catusso, M. C. (2005). Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. *Revista virtual textos & contextos*, 4(4), 19p.
- Clarke, L. H. (2006). Older woman and sexuality: Experiences in marital relationships across the life course. *Canadian Journal on Aging*, 25(2) 120-140.
- DeLamater, J. D., & Sill, M. (2005). Sexual desire in later life. *The journal of sex research*, 42(2), 138-149.
- Dello Buono, M., Zaghi, P.C., Padoani, W., Scocco, P., Urciuoli, O., Pauro, P. et al. (1998). Sexual feelings and sexual life in na italian sample of 335 elderly 65 to 106-year-olds. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 6, 155-162.
- Fericgla, J. M. (1992). *Envejecer: Una atropología de la ancianidad*. Barcelona: Anthropos.

- Fernandes de Araújo, L., Coutinho, M. da P., & Carvalho, V. A. M. de L. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia, ciência e profissão*, 25(1), 118-131.
- Fernandes de Araújo, L., Coutinho, M. da P., & Saldanha, A. A. W. (2005). Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência. *Psico*, 36(2), 189-196.
- Fernandes de Araújo, L., Coutinho, M. da P. de L., & Souza Santos, M. de F. (2006). O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 89-93.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2ª ed.). Porto Alegre (RS): Bookman.
- Flor, E., & Nascimento-Schulze, C.M. (2002). Representações sociais da sexualidade: um estudo com mulheres da terceira idade. *Revista de ciências humanas*, 33, 81-94.
- Floyd, M., & Weiss, L. (2001). Sex and aging: A survey of young adults. *Journal of sex education and therapy*, 26(1), 133-139.
- Freire, R. C., & Tavares, M. (2005). A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. *Interface – comunicação, saúde, educação*, 9(16), 147-158.
- Freitas, M. C., Maruyama, S. A. T., Ferreira, T., & Motta, A. M. (2002). Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 10(2), 221-228.
- Gelfand, M. M. (2000). Sexuality among older women. *Journal of women's health & gender-based medicine*, 9(1), 15-20.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). *O inquérito, teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Goh, V.H.H., Tain, C.-F., Tong, Y.-Y., Mok, P.-P., & Ng, S.-C. (2004). Sex and aging in the city: Singapore. *The Aging Male*, 7, 219-226.
- Gott, M., & Hinchliff, S. (2003). How important is sex in later life? The views of older people. *Social Science & Medicine*, 56(1), 1617-1628.
- Gott, M., Hinchliff, S., & Galena, E. (2004). General practitioner attitudes to discussing sexual health issues with older people. *Social Sciences and Medicine*, 58(11), 2093-2103.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007). *Síntese de indicadores sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Recuperado em 30 de novembro, 2010 de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2007/indic_sociais2007.pdf.
- Kingsberg, S. A. (2000). The psychological impact of aging on sexuality and relationships. *Journal of Women's Health and Gender-based Medicine*, 9(1), 45-57.
- Jodelet, D. (1985). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In Moscovici, *Psicología social* (pp. 469-494). Barcelona: Paídos.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Lopes, A. (2003). Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In Simson, Neri & Cachioni (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp. 129-140). Campinas (SP): Alínea.
- Magnabosco-Martins, C. R., Camargo, B. V., & Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Univ. Psychol.*, 8(3): 613-624.
- Moreira, M. L. C. (1996). Relacionamento familiar entre gerações. In Guidi & Moreira (Orgs), *Rejuvenescer a velhice: novas dimensões da vida* (pp. 50-66). Brasília (DF): EdUNB.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Moscovici, S. (1981). On social representation. In Forgas (Org.), *Social cognition* (pp.181-209). London: Eropcean Association of Experimental Social Psychology/Academic Press.
- Moscovici, S. (2005). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Moura, I., Leite, M. T., & Hildebrandt, L. M. (2008). Idosos e sua percepção acerca da sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 5(2), 132-140.
- Neri, A. L. (2001a). Velhice e qualidade de vida na mulher. In Neri (Org.), *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas* (pp.161-200). Campinas (SP): Papirus.
- Neri, A. L. (2001b). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas (SP): Alínea.
- Neri, A. L. (2003). Atitudes e crenças sobre a velhice: análise de conteúdo de textos do jornal "O Estado de São Paulo" publicados entre 1995 e 2002. In Simson & Neri (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp. 13-54). Campinas (SP): Alínea.
- Papaharitou, S., Nakapoulou, E., Kirana, P., Giaglis, G., Moraitou, M., & Hatzichristou, D. (2007). Factors associated with sexuality in later life: An exploratory study in a group of Greek married older adults. *Archives Gerontology and Geriatrics*, 46(2), 191-201.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília (DF): LabPAM, IBAPP.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2006). Recuperado em 20 de abril, 2011 de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2006/default.shtm>
- Risman, A. (2005). Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. *Textos Envelhecimento*, 8(1), 89-117.
- Silva, I. R., & Günther, I. de A. (2000). Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16(1), 23-30.
- Siqueira, R., Botelho, M. I.V., & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & saúde coletiva*, 7(4), 899-906.
- Siqueira, M. E. C.de, & Moi, R. C. (2003). Estimulando a memória em instituições de longa permanência. In Simson, Neri & Cachioni (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp. 55-76). Campinas (SP): Alínea.
- Souza Santos, M., & Belo, I. (2000). Diferentes modelos de velhice. *Psico.*, 31(2), 31-48.
- Teixeira, M. C. T. V., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2002). Representações sociais sobre a saúde na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 351-359.
- Umidi, S., Pini, M., Ferretti, M., Vergani, C., & Annoni, G. (2007). Affectivity and sexuality in the elderly: Often neglected aspects. *Archives Gerontology and Geriatrics*, 1, 413-417.
- Vacanti, L. J., & Caramelli, B. (2005). Idade e distúrbios psicológicos: variáveis associadas à disfunção sexual no período pós-infarto. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 85(2), 10-14.
- Vala, J. (1996). Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In Vala, & Monteiro (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- Valverde Silva, E., Martins, F., Bachion, M. M., & Nakatani, A. Y. K. (2006). Percepção de idosos de um centro de convivência sobre envelhecimento. *Revista Mineira de Enfermagem*, 10(1), 46-53.
- Vasconcellos, D., Novo, R. F., Castro, O. P. de, Vion-Dury, K., Ruschel, A., Couto, M. C. P. de P. et al. (2004). A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 413-419.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.

Wachelke, J. F. R. (2007). *Efeitos de instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

Xavier, F. M. F., Ferraz, M. P. T., Marc, N., Escosteguy, N. U., & Mariguchi, E. H. (2003). Elderly people's definition of quality of life. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 25(1), 31-39.

Zimmerman, G. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre (RS): ArtMed.

Enviado em Novembro de 2010

Aceite em Março de 2011

Publicado em Julho de 2011

Normas para publicação

Temas em Psicologia é uma publicação da Sociedade Brasileira de Psicologia que se destina à divulgação de artigos originais relacionados à Psicologia nas categorias de trabalhos abaixo relacionadas.

I. Tipos de colaboração aceita

1. Relato de pesquisa: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia científica. Limitado a um total de 30 páginas quando da submissão.

2. Estudo histórico teórico / conceitual: análise de temas que conduzam ao questionamento de conceitos e/ou modelos existentes e/ou à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas, contendo evidência do método utilizado. Limitado a um total de 30 páginas quando da submissão.

3. Análise de experiência profissional: exame de implicações conceituais, ou descrição de procedimentos, ou estratégias de intervenção, contendo evidência metodológica apropriada de avaliação de eficácia. Limitado a um total de 30 páginas quando da submissão.

4. Revisão crítica da literatura: análise de um corpo abrangente de investigação, relativa a assuntos de interesse para o desenvolvimento da Psicologia. Limitado a um total de 30 páginas quando da submissão.

5. Nota técnica: descrição de instrumentos e técnicas originais de pesquisa. Limitado a um total de 10 páginas quando da submissão.

II. Avaliação pela comissão editorial

Aceita-se o manuscrito para análise pressupondo-se que: (a) o trabalho não foi publicado e não está sendo submetido para publicação em outro periódico; (b) todos os autores listados como autores aprovaram seu encaminhamento para publicação nesta revista; (c) qualquer pessoa citada como fonte de comunicação pessoal aprovou a citação.

Os trabalhos enviados serão apreciados pela Comissão Editorial que recorrerá a consultores externos. Os autores serão notificados da aceitação – com solicitação de reformulação ou não – ou recusa de seus artigos. Os manuscritos originais não serão devolvidos.

A Comissão Editorial poderá fazer pequenas modificações no texto. Solicitação de

mudanças substanciais – em caso de aceitação com sugestão de reformulação – deverão ser feitas pelos autores no prazo máximo de um mês da data de postagem / contato por e-mail.

III. Apresentação dos manuscritos

Temas em Psicologia adota as normas de publicação da APA (4ª edição, 1994), exceto naquelas situações específicas em que haja conflito para se assegurar a revisão cega por pares, regras da língua portuguesa, normas da ABNT, ou procedimentos internos da revista. Manuscritos devem sempre ser redigidos em português.

Os manuscritos originais poderão ser encaminhados para avaliação por via eletrônica ou por correio.

O manuscrito deve ser encaminhado acompanhado de carta assinada / enviada eletronicamente pelo autor principal, na qual esteja explicitada a intenção de submissão do trabalho para publicação. Quando houver mais de um autor, a versão final do trabalho deve ser acompanhada de carta de *acordo de publicação* assinada por todos os autores, conforme modelo fornecido pela revista ao autor principal, quando da solicitação de reformulações.

Digitação do manuscrito: O artigo deverá ser digitado em processador de texto compatível com o padrão *Word for Windows 6.0 ou superior*, em fonte *Times New Roman*, tamanho 12, não excedendo 80 caracteres por linha e o número máximo de páginas estabelecido. A página deverá ser tamanho A4, com no mínimo 2,5 cm de margens superior e inferior e 3 cm de margens esquerda e direita, com paginação desde a folha de rosto personalizada (página 1). Solicita-se a não utilização de recursos especiais de edição (justificação, recuos, hifenização, negritos, itálicos, etc.), indicando apenas a mudança de parágrafo (não usar a tecla de tabulação). A versão reformulada deverá também ser encaminhada em disquete e em 3 vias impressas, seguindo estas mesmas instruções.

Envio eletrônico de manuscrito: o manuscrito

deve ser enviado por e-mail, como um anexo de carta dos autores solicitando sua avaliação.

Envio por correio de manuscrito: o manuscrito do artigo deverá ser encaminhado em 03 vias impressas e uma via em disquete.

A apresentação dos trabalhos deve seguir a seguinte ordem:

1. Folha de rosto personalizada, contendo:

- 1.1. Título pleno em português, não excedendo 15 palavras.
- 1.2. Sugestão de título abreviado para cabeçalho, não excedendo 4 palavras.
- 1.3. Título pleno em inglês, traduzido do português.
- 1.4. Nome de cada autor e suas afiliações institucionais.
- 1.5. Indicação do endereço para correspondência com a Comissão Editorial, incluindo FAX, telefone e endereço eletrônico.
- 1.6. Indicação do autor a quem o leitor deverá enviar correspondência e seu endereço completo (incluir endereço eletrônico).
- 1.7. Identificação do tipo e título da atividade da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, na qual o trabalho foi apresentado, quando for o caso.
- 1.8. Quando necessário, parágrafo reconhecendo apoio financeiro, colaboração de colegas e técnicos e outros fatos eticamente necessários.

2. Folha de rosto personalizada sem identificação

- 2.1. Título pleno em português.
- 2.2. Sugestão de título abreviado.
- 2.3. Título pleno em inglês.

3. Folha contendo *Resumo* em português

O *Resumo* deve ter de 100 a 200 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave para indexação do trabalho. As palavras-chave devem ser escolhidas com precisão adequada para fins de classificação, permitindo que o trabalho seja recuperado com trabalhos semelhantes. Devem ser palavras-chave que, possivelmente, seriam evocadas por um pesquisador efetuando levantamento bibliográfico.

4. Folha contendo *Abstract* em inglês

O *Abstract* deve ser compatível com o *Resumo* em português, obedecendo as mesmas especificações da versão em português. *Key words* compatíveis com as palavras-chave devem ser apresentadas.

5. Texto propriamente dito

Esta parte do manuscrito deve começar em uma nova folha, seguindo a numeração iniciada na página de rosto, contendo uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por títulos (centralizados) e subtítulos, quando necessários. Os locais sugeridos para inserção de *figuras e tabelas* devem ser claramente indicados no texto.

As *notas de rodapé* devem restringir-se à complementação de informações que, julgadas relevantes, que não caibam na sequência lógica do texto; devem ser reduzidas a um mínimo. Notas de rodapé devem ser apresentadas no final do texto em página à parte.

Notas bibliográficas devem ser evitadas. Notas de rodapé devem ser apresentadas no final do texto em página à parte

Citações de autores devem obedecer às normas da APA. No caso de transcrição na íntegra de um trecho, a transcrição deve ser delimitada por aspas e a citação do autor deve ser seguida do número da página citada. Citações literais com 40 palavras ou mais devem ser apresentadas em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 0,5cm em cada margem, na posição de um novo parágrafo. O mesmo tamanho de fonte do texto (12) deve ser utilizado.

6. Figuras

Devem ser apresentadas, uma em cada página de papel e/ou por arquivo de computador, incluindo legenda, ao final do texto. Para assegurar qualidade de reprodução, figuras que contêm desenhos devem ser encaminhadas em qualidade para fotografia. Como há limites para a largura de figuras na versão publicada, o autor deve cuidar para que as legendas mantenham qualidade de leitura, caso seja necessária redução.

7. Tabelas

Devem ser apresentadas, uma em cada página e/ou por arquivo de computador, incluindo título, ao final do texto. O autor deverá limitar sua largura a 60 caracteres, para tabelas simples que ocupam uma coluna impressa, incluindo três caracteres de espaço entre colunas, e limitar sua largura a 125 caracteres, para tabelas que ocupam duas colunas impressas. O comprimento de tabelas não deve exceder 55 linhas, incluindo título e

rodapé. Para casos anômalos, o manual da APA deve ser consultado.

8. Anexos

Devem ser apresentados apenas quando contiverem informação original importante, ou destaque indispensável para a compreensão do trabalho. Recomenda-se evitá-los.

9. Referências bibliográficas

As Referências bibliográficas devem ser inseridas em uma nova página, ordenadas de acordo com as regras gerais que se seguem.

- Trabalhos de autoria única de um mesmo autor são ordenados por data de publicação, o mais antigo primeiro.
- Trabalhos de autoria única precedem trabalhos de autoria múltipla, quando o sobrenome é o mesmo.
- Trabalhos de um mesmo primeiro autor, mas de co-autores diferentes, são ordenados por sobrenome dos co-autores.
- Trabalhos com a mesma autoria múltipla são ordenados por data, o mais antigo primeiro.
- Trabalhos com a mesma autoria e a mesma data são ordenados alfabeticamente pelo título, desconsiderando a primeira palavra se esta for um artigo ou pronome, exceto quando o título tiver indicação de ordem.
- Em caso de mais de um trabalho dos mesmos autores e ano, este é imediatamente seguido por letra minúscula.
- Quando o mesmo autor é repetido, seu nome não deve ser substituído por travessão ou outros sinais.

A lista de referências deve ser formatada também em espaço duplo, com parágrafo normal e recuo apenas na primeira linha, sem deslocamento de margem e sem espaço adicional entre referências; grifos devem ser indicados por um traço abaixo das palavras (a formatação dos parágrafos com recuo e de grifos em itálico é reservada para a fase final de editoração do artigo).

Para definição de outras características das referências o Manual de Publicação da APA deve ser consultado.

9.1. Tipos comuns de citação

a) Citações de artigo de autoria múltipla

Dois autores: o sobrenome dos autores é explicitado em todas as citações. Por exemplo: Esses atributos são chamados fatores de risco (Ramey e Finkelstein, 1981), mas...

Ramey e Finkelstein (1981) denominam esses atributos como fatores de risco.

De três a cinco autores: o sobrenome de todos os autores é indicado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só é indicado o nome do primeiro autor, seguido de “e cols.” e o ano, se for a primeira citação da referência em um mesmo parágrafo. Por exemplo:

Blechman, Kotanchi e Taylor (1981) verificaram que... [primeira citação do texto].

Blechman e cols. (1981) verificaram que... [citação subsequente, primeira no parágrafo].

Blechman e cols. verificaram que... [omite o ano em citações subsequentes dentro de um mesmo parágrafo].

Se a forma abreviada gerar aparente identidade de dois trabalhos no quais os co-autores diferem, explicita-se a sequência dos co-autores até que a ambigüidade seja eliminada. Na seção de Referências todos os nomes são listados.

Seis ou mais autores: desde a primeira citação no texto, só o sobrenome do primeiro autor é mencionado, seguido de “e cols.”, exceto nos casos em que isto gere ambigüidade, caso em que a mesma regra indicada no item anterior se aplica. Na seção de Referências todos os nomes são listados.

b) Citações de trabalho discutido em uma fonte secundária

Quando o trabalho original não foi lido, o que deve ser evitado, e for referenciado via outra fonte, apresenta-se no texto o autor original seguido de um parêntesis em que se referencia o autor lido, antecedido da expressão “citado por”. Por exemplo: Silva (citado por Souza, 1969). Na seção de Referências apenas a fonte secundária é listada.

c) Citações de obras antigas reeditadas

No texto, as datas da publicação original e da edição consultada devem ser apresentadas nesta ordem - primeiro a publicação original -e separadas por barra.

d) Citações de comunicação pessoal

Deve ser evitado este tipo de citação. Se inevitável, deve aparecer no texto, mas não na seção de referências: em seguida ao nome do autor, entre parêntesis, deve ser indicada a data da comunicação precedida da expressão “comunicação pessoal”. Por exemplo: Silva (comunicação pessoal, 20 de junho de 1996).

e) Citações de trabalho no prelo

Incluir referências a trabalhos no prelo apenas se for possível dar ao leitor indicações sobre o título da publicação e, no caso de periódico, o volume e o número em que será publicado o material citado.

9.2. Exemplos de Tipos Comuns de Referência**a) Relatório técnico**

Maioto, P. L. e Silva, A. M. (1996). Medidas de eficiência em avaliação de treinamento (processo 94-1642). São Paulo, SP: Associação de Pesquisadores em Psicologia.

b) Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação seriada regular

Silva, A. A. e Engelman, A. (1988). Teste de eficácia de um curso para melhorar a capacidade de julgamentos corretos de expressões faciais de emoções [Resumo]. Ciência e Cultura, 40 (7, Suplemento), 927.

c) Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação especial

Todorov, J. C.; Souza, D. G. e Bori, C. M. (1992). Escolha e decisão: A teoria da maximização momentânea [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de Comunicações Científicas. XXII Reunião Anual de Psicologia. Resumos (p.385). Ribeirão Preto: SBP.

d) Tese ou dissertação

Lampraia, C. (1992). As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: Uma discussão de seus limites. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

e) Livros

Pavlov, I. P. (1927). Conditional Reflexes. Oxford: Oxford University Press.

f) Livro traduzido, em língua portuguesa

Salvador, C. C. (1994). Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. (E.O. Dimel, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1990).

g) Capítulo de livros

Feyerabend, D. (1992). Mental events and the brain. Em D. Rosenthal (Org.). The Independence of Consciousness and Sensory Quality (pp. 53-97). New York: Villanueva.

h) Artigo em periódico científico

Sidman, M. (1953). Two temporal parameters

of the maintenance of avoidance behavior by the white rat. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 46, 253-261.

i) Obras antigas com reedição em data muito posterior

Franco, F. de M. (1946). Tratado de Educação Física dos Meninos. Rio de Janeiro: Agir (Originalmente publicado em 1790).

j) Obra no prelo

Vasconcelos, C. R. F.; Amorim, K. S.; Anjos, A. M. e Rossetti-Ferreira, M. C. (no prelo). A incompletude como virtude: Interação de bebês na creche. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16 (2).

l) Autoria institucional

Conselho Federal de Psicologia (1988). Quem é o Psicólogo Brasileiro? São Paulo/Curitiba: EDUCOPS/ Scientia et Labor.

IV. Direitos autorais**1. Artigos publicados no periódico *Temas em Psicologia***

Os direitos autorais dos artigos publicados pertencem ao periódico *Temas em Psicologia*. A reprodução total em outras publicações, ou para qualquer outro fim, está condicionada à autorização por escrito do Editor. A reprodução parcial de artigos (partes de texto que excedam 500 palavras, Tabelas, Figuras e outras ilustrações) devem ter permissão por escrito dos autores.

2. Reprodução parcial de outras publicações nos artigos publicados no periódico *Temas em Psicologia*

Os manuscritos submetidos à publicação devem obedecer os limites especificados no item anterior, quando contiverem partes extraídas de outras publicações. Recomenda-se evitar a reprodução de figuras, tabelas e ilustrações; a aceitação de manuscrito que contiver este tipo de reprodução dependerá da autorização por escrito para reprodução, do detentor dos direitos autorais do trabalho original, endereçada ao autor do trabalho submetido ao periódico *Temas em Psicologia*. O periódico *Temas em Psicologia*, em nenhuma circunstância, repassará direitos de reprodução assim obtidos.